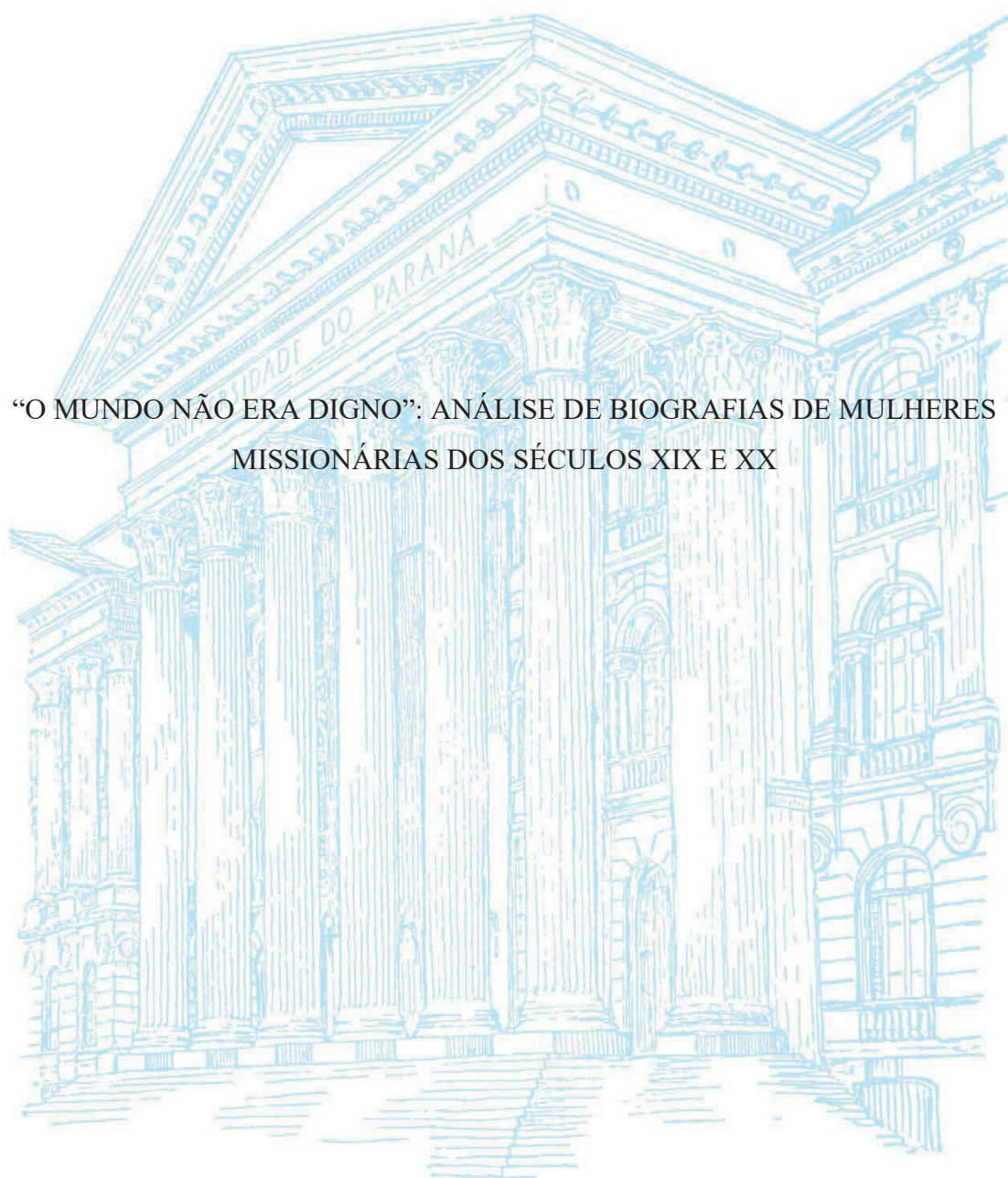


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOICE VIVIANE SILVA



“O MUNDO NÃO ERA DIGNO”: ANÁLISE DE BIOGRAFIAS DE MULHERES
MISSIONÁRIAS DOS SÉCULOS XIX E XX

CURITIBA

2025

JOICE VIVIANE SILVA

“O MUNDO NÃO ERA DIGNO”: ANÁLISE DE BIOGRAFIAS DE MULHERES
MISSIONÁRIAS DOS SÉCULOS XIX E XX

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação
em História, Setor de Ciências Humanas,
Universidade Federal do Paraná, como
requisito parcial à obtenção do título de
Doutora.

Orientadora: Prof.^a Dra. Karina Kosicki Bellotti

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Silva, Joice Viviane

“O mundo não era digno”: análise de biografias de mulheres missionárias dos séculos XIX e XX. / Joice Viviane Silva. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Doutorado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Kosicki Bellotti.

1. Missionárias. 2. Mulheres - Biografia. 3. Missões. 4. Slessor, Mary, 1948-1915. 5. Carmichael, Amy, 1867-1951. 6. Aylward, Gladys, 1902-1970. I. Bellotti, Karina Kosicki, 1978-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Doutorado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **JOICE VIVIANE SILVA**, intitulada: "**O MUNDO NÃO ERA DIGNO**": **ANÁLISE DE BIOGRAFIAS DE MULHERES MISSIONÁRIAS DOS SÉCULOS XIX E XX**, sob orientação da Profa. Dra. **KARINA KOSICKI BELLOTTI**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 15 de Dezembro de 2025.

Assinatura Eletrônica

16/12/2025 11:51:38.0

KARINA KOSICKI BELLOTTI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

16/12/2025 11:53:38.0

BRENO MARTINS CAMPOS

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA |
CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica

16/12/2025 16:02:16.0

NADIA MARIA GUARIZA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)

Assinatura Eletrônica

16/12/2025 19:40:12.0

CARLOS BARROS GONCALVES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE
DOURADOS)

Assinatura Eletrônica

16/12/2025 08:58:23.0

PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Ao meu pai, Edivaldo (*in memoriam*), minha inspiração ao amor pela História;
À minha irmã Veronica (*in memoriam*), exemplo de coragem;
E à minha mãe, Rosangela, meu alicerce na tempestade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de olhar para o passado através das lentes únicas da historiografia e por ter encontrado neste curso um campo de pesquisa tão instigante.

À minha orientadora, professora doutora Karina Kosicki Bellotti, por acreditar neste projeto de pesquisa, apontar caminhos e pela sensibilidade e humanidade imprescritíveis nesta trajetória. Agradeço ainda pela paciência e dedicação e por sempre mostrar como o campo da história das religiões é um mundo de possibilidades. Minha mais profunda admiração pela mestre e historiadora que é.

À professora Ana Paula Vosne, por suas aulas maravilhosas, apontamentos e questionamentos que nos levaram a buscar saídas para os problemas das nossas pesquisas, nas aulas de Seminário I.

À professora Marion Brepohl, por suas aulas e leituras inspiradoras que nos faziam pensar em como conceitos estavam imbricados na nossa pesquisa, nas aulas de Seminário II.

Aos professores Roseli Boschilia e Marcos Gonçalves, que apontaram leituras e me mostraram como poderia refletir melhor sobre minhas fontes e como “ouvi-las”, mesmo sendo escritas.

À professora Marcella Lopes Guimarães, por seu entusiasmo apaixonante pela biografia e por mostrar como análise de elementos biográficos poder ser significativa em uma pesquisa histórica.

À professora Priscila Piazzentini Vieira, pela leitura cuidadosa deste trabalho e contribuições tão necessárias para as perspectivas de gênero que foram norteadoras nesta pesquisa.

Ao professor Carlos Barros Gonçalves, pelas leituras deste trabalho, contribuições e apontamentos de possibilidades para os diálogos entre minhas fontes de pesquisa e a história das missões.

Aos professores Nadia Maria Guariza e Breno Martins Campos, membros da banca, pela dedicação na leitura desta pesquisa.

À minha mãe, minha base forte e inspiração para a vida, por todo o incentivo, amor e dedicação em minha trajetória. Lembro-me de que, na minha adolescência, ela me deu uma fita K7 do Josué Yrion, com relatos de experiências missionárias. Eu a ouvi tantas vezes que a fita literalmente arrebentou, mas foi ali que brotou uma sementinha de encanto pelo tema. Anos

mais tarde, no mestrado, esse interesse ressurgiu ao ler um texto sobre a temática em uma disciplina ministrada pela minha orientadora, leitura que, mais tarde, viria a inspirar esta pesquisa de doutorado.

À minha irmã Veronica (*in memoriam*), por todas as partilhas, amor, apoio e incentivo. Perder-te durante esta trajetória é uma dor inexplicável. Foi um privilégio ter estado neste mundo ao teu lado e ter-te tido em um dos elos mais sublimes da vida. Que esta conquista honre o teu legado de amor e força.

À minha irmã Mirian, por estar sempre do nosso lado e por ser força e apoio neste elo de amor. Amo vocês além do que os mais eficientes discursos biográficos possam representar.

Ao Luansol Valério, meu marido e companheiro, por todo o incentivo, torcida, apoio, carinho e parceria. Apesar de ser das Exatas, tem o coração nas Humanas.

À minha amiga Julianna Bahia, por todo carinho, acolhimento, incentivo, torcida e presença. Nesta travessia que foi a pós-graduação, ela foi minha companheira de todas as horas. Parceira de sala de aula, de vida acadêmica e, acima de tudo, na vida de corações alinhados.

À minha amiga Luana dos Santos, por tanta amizade, por incentivo, apoio, carinho e presença. Amiga de fiascos, planos e sonhos, dores e angústias, lutas e conquistas.

Às minhas amigas de tempos de graduação, Ketrin Mocelin e Cíntia Bertola, por todo apoio, carinho e incentivo. O curso de História uniu nossos corações em uma trinca de amizade resistente ao tempo.

Aos meus amigos, faróis de apoio, cujas palavras de incentivo e conversas cheias de carinho foram essenciais neste percurso. Meu agradecimento a Aldani Braz Carvalho, Regiane Ferreira, Jayza Monteiro, Kellen Caetano, Morgana Fraga, Sabrina Seron, Wania Schereiber e Adriano Almeida.

Às minhas companheiras da linha de pesquisa, especialmente Fátima e Silva de Freitas e Marlova Teresinha Fritzen, por tanta troca, carinho, apoio e incentivo, e pelos momentos compartilhados ainda em tempos pandêmicos e turbos. Agradeço, ainda, a Fábio Machioski, Stella Castenharo e Jéssica Stori, pelas valiosas sugestões, troca de ideias e apoio.

Aos meus alunos, especialmente meus alunos de Olimpíadas de História: Ygor Franklin, muitas vezes meu braço direito nesse projeto olímpico, Maiara Bondespacho, Natália Curbani, Desirrè Santos, Gabriel Mezzadri, Letícia Silva, Yasmim Oliveira, Isadora Beria, Ângela e Ketlen. Vocês são esperança em um belo “horizonte de expectativa”.

Aos meus familiares, e ao meu tio Isaías, por todas as orações, apoio e carinho. E com todo meu amor, ao meu sobrinho Gustavo, seu sorriso aquece meu coração em esperança.

À secretária do PPGHIS, Maria Cristina Parzwski, por sua prestatividade e gentileza em todo auxílio burocrático.

À Seduc-MT, pela concessão da licença para qualificação, e aos profissionais do Núcleo de Qualificação Profissional.

Agradeço a todos vocês e sou feliz pelos cruzamentos que a vida me apresentou nessa trajetória, pois, nas palavras de Paul Ricoeur, esse pano de fundo “é feito da imbricação viva de todas as histórias vividas umas nas outras”.

Contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas.

(RICOUER, Paul, 2011, p.129)

RESUMO

Esta tese analisa a construção das “heroínas da fé” em biografias de missionárias dos séculos XIX e XX, escritas ao longo do século XX, investigando como suas imagens foram moldadas por expectativas de gênero. Examinamos, por meio da análise de reescritas biográficas, as continuidades, transformações, omissões e suavizações nos processos de heroicização, um fenômeno que denominamos “camadas biográficas”. Foram estudadas biografias traduzidas no Brasil nas últimas três décadas, com foco em pares de obras sobre três missionárias: Mary Slessor (1848-1915), Amy Carmichael (1867-1951) e Gladys Aylward (1902-1970). Cada par é composto por uma versão mais antiga e uma reescrita posterior, permitindo observar como os discursos de gênero se modificam para dialogar com novos públicos e contextos, e como a representação da missionária é reelaborada de acordo com os ideais de gênero dominantes em cada época. Além da análise comparativa, examinamos a circulação dessas biografias no espaço biográfico protestante brasileiro e sua consolidação no panteão dos “heróis da fé”. A pesquisa evidencia o desafio enfrentado pelos biógrafos ao escreverem a história dessas mulheres: eles buscavam heroicizá-las ao mesmo tempo que suas ações desafiavam as convenções de gênero de seu tempo. Para resolver essa tensão, a biografia missionária feminina construiu seu modelo de heroísmo por meio de representações que operavam uma conversão estratégica das transgressões de gênero em virtudes cristãs. Assim, para heroicizar mulheres cujas trajetórias desestabilizavam convenções, os biógrafos recorreram a um sistema de ressignificação narrativa que reforçava ideais de feminilidade cristã, tais como obediência, devoção, sofrimento, maternidade, fidelidade, compaixão e autossacrifício. O estudo também dialoga com a participação das mulheres no movimento missionário moderno, buscando compreender sua agência em um sistema religioso patriarcal e hierárquico. Argumentamos que, por meio do movimento missionário, essas mulheres tornaram-se agentes de suas próprias histórias, desafiando estruturas patriarcais ao mesmo tempo que atuavam estrategicamente por meio das instituições estabelecidas. Conquistaram e construíram espaços de influência, revelando-se centrais nos projetos dos quais participavam. Por fim, a tese aprofunda as relações entre missões e gênero, com o objetivo de contribuir de forma significativa para o campo da história cultural das missões.

Palavras-chave: Biografias missionárias; missões e gênero; Mary Slessor; Amy Carmichael; Gladys Aylward.

ABSTRACT

This thesis analyzes the construction of “heroines of the faith” in biographies of 19th and 20th century female missionaries written throughout the 20th century, investigating how their images were shaped by gender expectations. Through the analysis of biographical rewritings, we examined the continuities, transformations, omissions, and softening in the processes of heroization, a phenomenon we defined as “biographical layers”. The study focuses on biographies translated and published in Brazil over the last three decades, specifically pairs of works about three missionaries: Mary Slessor (1848-1915), Amy Carmichael (1867-1951), and Gladys Aylward (1902-1970). Each pair consists of an older version and a subsequent rewriting, allowing us to observe how gender discourses shifted to engage with new audiences and contexts, and how the representation of the missionary was reframed according to the dominant gender ideals of each era. In addition to this comparative analysis, we examine the circulation of these biographies within the Brazilian Protestant biographical space and their consolidation into the pantheon of “heroes of the faith.” The research highlights the challenge biographers faced in writing these women's histories: they sought to heroize them while their actions defied the gender conventions of their time. To resolve this tension, female missionary biography constructed its model of heroism through representations that operated a strategic conversion of gender transgressions into Christian virtues. Thus, to heroize women whose trajectories destabilized conventions, biographers employed a system of narrative resignification that reinforced ideals of Christian femininity, such as obedience, devotion, suffering, motherhood, fidelity, compassion, and self-sacrifice. The study also engages with women's participation in the modern missionary movement, seeking to understand their agency within a patriarchal and hierarchical religious system. We argue that, through the missionary movement, these women became agents of their own histories, challenging patriarchal structures while strategically operating within established institutions. They conquered and built spaces of influence, proving to be central to the projects in which they were involved. Finally, the thesis deepens the relationships between missions and gender, aiming to contribute significantly to the field of the cultural history of missions.

Keywords: Missionary biographies; missions and gender; Mary Slessor; Amy Carmichael; Gladys Aylward.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
FONTES – AS BIOGRAFIAS DAS MULHERES MISSIONÁRIAS	31
METODOLOGIA - PERSCRUTANDO BIOGRAFIAS MISSIONÁRIAS	34
DIVISÃO DOS CAPÍTULOS	41
1. HISTÓRIA CULTURAL, HISTÓRIA DAS MISSÕES, GÊNERO E BIOGRAFIA..	43
1.1. HISTÓRIA CULTURAL E OS CONCEITOS DE REPRESENTAÇÃO E PRÁTICA	44
1.1.2. <i>História Cultural das Religiões</i>	49
1.2. GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE NAS BIOGRAFIAS MISSIONÁRIAS	55
1.3. HISTÓRIA DAS MISSÕES	59
1.3.1 <i>História das Missões e gênero</i>	69
1.4. ENTRE O FASCÍNIO E AS POSSIBILIDADES DA ANÁLISE BIOGRÁFICA	84
1.4.1. <i>As possibilidades de análise historiográfica da biografia</i>	87
1.5. BIOGRAFIA MISSIONÁRIA: DEFINIÇÃO, HISTÓRICO E ESCRITA	97
2. BIOGRAFIA MISSIONÁRIA: A CONSTRUÇÃO DE HEROÍNAS MISSIONÁRIAS	116
2.1 A CONSTRUÇÃO DO HERÓI MISSIONÁRIO	116
2.1.2 <i>Construção de heroínas missionárias</i>	125
2.2. OS ARQUITETOS DA CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO BIOGRÁFICA MISSIONÁRIA: OS BIÓGRAFOS	142
2.3. O CAMINHO DAS BIOGRAFIAS DAS HEROÍNAS MISSIONÁRIAS ATÉ O BRASIL: EDITORAS, COLEÇÕES E TRADUÇÃO	158
3. MARY SLESSOR: PIONEIRISMO E HEROÍSMO	183
3.1 MARY SLESSOR – BIOGRAFIZAÇÃO DE UMA PIONEIRA DAS MISSÕES TRANSCULTURAIS	183
3.2. O CAMINHO ATÉ O CAMPO MISSIONÁRIO	189
3.3. EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA: O INÍCIO DE UMA AVENTURA	203
3.4. AMPLIANDO HORIZONTES MISSIONÁRIOS: OLD TOWN ENTRE SALA DE AULA E EVANGELIZAÇÃO	217
3.5. MATERNIDADE POR ADOÇÃO NO CAMPO MISSIONÁRIO	220
3.6. PIONEIRA EM OKOYONG	232
3.7. A RENÚNCIA EM PROL DA MISSÃO	239
4. AMY CARMICHAEL: OBEDIÊNCIA E RENÚNCIA	263
4.1. AS BIOGRAFIAS DE AMY CARMICHAEL	263
4.2. INFÂNCIA DE AMY CARMICHAEL	270
4.3. UMA JOVEM VITORIANA CHAMADA PARA A SANTIDADE	273
4.4. KESWICK E O CHAMADO INESCAPÁVEL	279
4.5. IDA PARA O JAPÃO: O INÍCIO DE UMA CARREIRA MISSIONÁRIA	293
4.6. MUDANÇA DE CAMPO: DO JAPÃO À ÍNDIA	301
4.7. RESGATANDO JOIAS PRECIOSAS: CRIANÇAS E MULHERES INDIANAS SOB A PROTEÇÃO MISSIONÁRIA	316

4.8. LIDERANÇA NO COMPLEXO: A CONSTRUÇÃO DE UMA AUTORIDADE MISSIONÁRIA FEMININA	326
4.9. A ESCRITA NO SOFRIMENTO: A SERVA COMO AUTORA.....	336
4.10. UMA AMY CARMICHAEL PARA ELLIOT, OUTRA PARA OS BENGÉ	343
5. GLADYS AYLWARD: MISSÃO E AVENTURA.....	346
5.1 AS BIOGRAFIAS DE GLADYS AYLWARD	346
5.2. O CHAMADO DE UMA “SOLTEIRONA”	353
5.3. UMA MISSIONÁRIA INDEPENDENTE NA CHINA.....	368
5.4. A POUSADA DAS OITO FELICIDADES: UMA ESTRATÉGIA PARA EVANGELIZAÇÃO	373
5.5. DE “DIABA ESTRANGEIRA” A AI-WEH-DEH, A VIRTUOSA	379
5.6. MISSÃO MATERNAL: MÃE E PROTETORA DE ÓRFÃOS E REFUGIADOS	386
5.7. A TRAVESSIA DAS MONTANHAS: GLADYS AYLWARD E A FUGA COM ÓRFÃOS NA CHINA EM GUERRA	395
5.8. A CONSTRUÇÃO DE UMA MISSIONÁRIA APAIXONADA	407
5.9. REGRESSO AO LAR: TEMPOS DE INGLATERRA, TEMPOS DE TAIWAN	411
5.10. HEROÍNA DE HOLLYWOOD, MÃE DOS ÓRFÃOS E ANTICOMUNISTA.....	418
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	427
FONTES	436
REFERÊNCIAS	436

INTRODUÇÃO

A frase “O mundo não era digno deles terem pisado esse chão [...]” foi proferida pelo reverendo Josué Yrion em 1997 durante uma pregação na Igreja Batista da Floresta, em Belo Horizonte, Minas Gerais, cujo tema era “Evangelismo e Missões”¹. Yrion usou essa expressão para referir-se a homens e mulheres que dedicaram suas vidas à obra missionária. Em meio a um discurso inflamado, ele citou figuras históricas como David Brainerd, John Knox, e Zinzendorf, que ilustram o panteão protestante dos heróis da fé, composto por mártires, avivalistas e missionários. O uso dessa frase, frequentemente aplicada aos missionários protestantes, tem suas raízes em uma referência bíblica no Novo Testamento, no livro de Hebreus, capítulo 11, que descreve as dificuldades enfrentadas pelos heróis da fé cristã e como eles as superaram.

O Cristianismo constitui-se, desde suas origens, como uma religião missionária, sustentada por uma estrutura filosófica universalista. Seu texto sagrado incumbe os fiéis de levar a mensagem de salvação a todas as criaturas, mandamento que, ao longo de mais de dois milênios, impulsionou cristãos a transpor fronteiras geográficas e culturais, estabelecendo novas comunidades cristãs que por sua vez lançaram suas próprias missões.²

Como sustenta a historiadora Dana L. Robert, as missões protestantes podem ser compreendidas como travessias de limites, movidas por essa lógica universalista. Para ela, a missão cristã é parte integrante do cristianismo enquanto religião mundial, transcendendo tempo, espaço e culturas.³ Nesse processo, missionários históricos cruzaram fronteiras culturais e linguísticas com o propósito de compartilhar sua fé.⁴ Jeffrey Cox corrobora essa perspectiva ao afirmar que, onde quer que o Cristianismo tenha se expandido, os missionários foram figuras importantes de uma forma ou de outra em países não-ocidentais.⁵

¹ No final da década de 1990, era comum a circulação de pregações por meio de fita K7, tornando essas mensagens populares entre os evangélicos. Atualmente a pregação com imagens se encontra disponível no YouTube, com cerca de 876 mil visualizações. O vídeo foi postado em abril de 2013. YRION, Josué. **Missões e Chamado**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mBHehMW8Kbc&t=2102s> Acesso: 10 fev.2024

² ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009.p. 1

³ ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009.p. xi

⁴ ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009.p.9

⁵ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p. 21

A definição do termo “missionário” remete a suas raízes etimológicas, como explorou o reverendo Delavan Leonard em sua obra comemorativa *A Hundred Years of Missions* (1895). Duas palavras de uso comum o fundamentam: “missão”, derivada do latim *mitto* (“enviar”), e “apóstolo”, do grego *apostello* (“enviar”). Assim, em seu sentido original, apóstolo ou missionário designa alguém enviado como embaixador para levar uma mensagem ou realizar um serviço especial. Leonard associa ainda esse envio ao conceito de “chamado” (*Call*), vinculando o apostolado missionário à divulgação da mensagem bíblica.⁶

Para o historiador Carlos Barros Gonçalves o missionário pode ser definido como

sujeito que, aceitando um chamado divino, decide abandonar todas as coisas e dedicar-se ao cumprimento da vontade soberana de Deus em expandir, das mais variadas formas, a fé cristã. O aceite em cumprir a vontade de Deus é inerente à compreensão do indivíduo achar-se um vocacionado para tal empreendimento, considerado divino. Desse modo, todos os cristãos, bem como as igrejas cristãs, foram chamados à tarefa de pregar o Evangelho a toda criatura.⁷

Andreas Köller, por sua vez, observa que até o final da década de 1940, o conceito dominante de missionário era o de um grupo de pioneiros enviados pelas igrejas estabelecidas para os campos missionários além das fronteiras da cristandade. A principal tarefa desses missionários era pregar aos não-cristãos e fundar novas comunidades cristãs. Embora alguns missionários investissem em viagens para lugares desconhecidos e atuassem como pregadores itinerantes, muitos preferiam se envolver na construção de congregações, na educação ou no trabalho administrativo nas igrejas. Essa visão tradicional, conforme descrito por Köller, prevaleceu até cerca de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial.⁸ Este trabalho examinará a atuação das missionárias tomando por base as concepções de Leonard, Gonçalves e Köller, uma vez que tais perspectivas representam as compreensões e práticas do empreendimento missionário protestante vigentes até a segunda metade do século XX.

O pesquisador de Literatura Inglesa Terrence Craig observa que o fascínio em torno da figura missionária, sustentado tanto pela infraestrutura mítica de sua caricatura arquetípica quanto pela devoção dos fiéis, constitui uma característica perene da biografia missionária.

⁶ LEONARD, Delavan L. **A hundred years of missions or the story of progress since Carey's beginning**. Funk & Wagnalls Company: New York, 1895.p. 5

⁷ GONÇALVES, Carlos Barros. **Até os confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas**. Editora: UFGD. Dourados, 2011. p. 34

⁸ KÖLLER, Andreas. One's Own Concept Challenged: Renegotiations of the Concept of the “Missionary” in the Age of Decolonisation and Ecumenism. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015. p.253-263

Segundo ele, essa tendência sobrevive ao próprio envelhecimento de suas formas e conteúdos, mantendo notável relevância no meio protestante.⁹ Integradas ao *corpus* da literatura missionária estrangeira traduzida no Brasil, tais biografias configuram-se como fontes de pesquisa de grande relevância para múltiplos campos de investigação historiográfica. Elas oferecem contribuições substanciais não apenas para a História das Missões, mas também para os estudos biográficos, a História Cultural das Religiões, a História das Mulheres e a História do Livro, possibilitando diálogos prolíficos entre diferentes áreas de estudo.

Desde o século XIX, as biografias missionárias têm apresentado as mulheres missionárias que atuaram no cenário transcultural das missões protestantes, heroizando-as ao mesmo tempo em que as constituíram como modelos exemplares de feminilidade cristã. Esposas missionárias e mulheres solteiras foram protagonistas de diferentes experiências no campo missionário, no entanto, sua biografização representou uma tarefa complexa para os biógrafos que ao heroizar a atuação dessas mulheres tiveram que narrar ações que desafiavam as convenções de gênero do período.

Se o fascínio por essas figuras persiste, como assinala Craig, é particularmente instigante analisar como esse fascínio foi construído quando o objeto da narrativa era uma mulher. Desde o século XIX, as narrativas biográficas vêm construindo a imagem de mulheres atuantes no cenário transcultural das missões protestantes, processo que simultaneamente as heroiza e as consolida como modelos exemplares de feminilidade cristã. Tanto esposas missionárias quanto mulheres solteiras protagonizaram experiências diversificadas em campo missionário. No entanto, sua biografização representou um desafio complexo para seus escritores: como construir narrativas que heroicassem suas trajetórias ao mesmo tempo que representavam ações que, frequentemente, desafiavam as convenções de gênero do seu tempo? E como elas continuam sendo representadas nas reescritas biográficas?

Para responder a essa problemática, esta tese se propõe analisar as representações de gênero na construção do heroísmo missionário feminino a partir de um *corpus* específico de biografias traduzidas no Brasil, dedicadas a três personagens centrais: Mary Slessor (1848-1915), Amy Carmichael (1867-1951) e Gladys Aylward (1902-1970). O *corpus* principal é composto por biografias que foram escritas em língua inglesa e traduzidas no Brasil ao longo das décadas. As biografias selecionadas para este estudo são: *A Rainha Branca de Okoyong*, de W.P. Livingstone (1916), traduzida em 1988; *Amy Carmichael: Um Legado de Renúncia e*

⁹ GRAIG, Terrence L. *The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography*. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.134

Entrega, de Elisabeth Elliot, (1987), traduzida em 2023; *A morada da sexta felicidade*, de Alan Burgess (1957), com tradução no Brasil em 1964. Para analisar como essas mulheres continuam sendo representadas, incluem-se ainda as reescritas biográficas produzidas na década de 1990 pelos neozelandeses Janet e Geoff Benge na série *Heróis Cristãos Ontem e Hoje*, coleção com mais de quarenta títulos em inglês, da qual cerca de quinze foram traduzidas no Brasil pelas editoras Jocum e Shedd Publicações nas últimas três décadas.

As mulheres missionárias permaneceram à sombra na historiografia por décadas, reflexo das assimetrias de poder que marcavam tanto suas sociedades de origem quanto as hierarquias internas do movimento missionário.¹⁰ Essas mulheres são personagens envoltas na neblina do tempo.¹¹ Embora suas trajetórias venham sendo progressivamente resgatadas por meio de reescritas biográficas que as reinserem no panorama histórico, tais narrativas permanecem como um território pouco explorado no âmbito dos estudos acadêmicos.

Kommers sustenta que o movimento missionário foi, em sua essência, sustentado por mulheres, que constituíram a verdadeira espinha dorsal do trabalho, tanto nas sociedades de origem quanto nos campos missionários. No entanto, paradoxalmente, como o próprio autor ressalta com base em Stanley, essa contribuição fundamental raramente obteve reconhecimento, resultando em uma escassez de registros históricos. Essa marginalização manifesta-se de forma quantificável: as biografias de missionárias são publicadas em número significativamente inferior às dedicadas a seus pares masculinos. As mulheres solteiras, em particular, conforme aponta Kommers, foram por longo tempo esquecidas no debate missionário hegemônico, tendo suas contribuições pouco registradas, valorizadas ou divulgadas.¹²

A representação biográfica dessas mulheres revela tensões profundas. Patrícia Grimshaw e Peter Sherlock observam que as narrativas refletem experiências diversificadas, condicionadas por estado civil, idade, formação e oportunidades denominacionais.¹³ Como aponta Rowbotham, essas biografias privilegiavam os momentos dramáticos e emocionais, operando através de uma perspectiva de gênero tradicional. As narrativas de aventura e

¹⁰ KING, Ursula. **Religion & Gender**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.p.1

¹¹ LEONEL, João. **História da Leitura e protestantismo brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016. p.10

¹² KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.1-8

¹³ GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021. p.600

confronto com perigos – nativos hostis, animais selvagens – eram predominantemente destinadas à emulação masculina, enquanto o heroísmo feminino era construído como atípico. Nota-se, assim, a tentativa de forjar um heroísmo intrinsecamente feminino, no qual as missionárias se esquivavam de qualquer reconhecimento público, em contraste com a modéstia triunfante permitida aos heróis.¹⁴

Julie McColl argumenta que as biografias missionárias se apropriaram criticamente da divisão de gênero. Mesmo com o aumento de mulheres solteiras e independentes no campo, muitos biógrafos perpetuaram a imagem do empreendimento missionário como masculino, endossando noções robustas de masculinidade em oposição à domesticidade feminina. No entanto, essa mesma “feminização do campo missionário”, como destaca McColl, forçou os biógrafos não apenas a reconhecer as contribuições dessas mulheres, mas a reformular definições de feminilidade e heroísmo.¹⁵

Sean Gill explora esse esforço de elaboração de um ideal da feminilidade missionária. Para ele, os textos biográficos revelam não apenas representações, mas as ambiguidades e contradições ideológicas vivenciadas por essas mulheres ao negociarem restrições de gênero, classe e raça em sua vocação.¹⁶

A complexidade representacional intensificou-se a partir da década de 1880. Rowbotham observa que os dilemas em representar missionárias como exemplares de heroísmo tornaram-se agudos. Elas podiam ser mostradas como nobres e abnegadas ao renunciar ao conforto doméstico, mas sua escolha também podia significar uma “forma masculina de autoimolação”. Os biógrafos, portanto, buscavam enquadrá-las em atividades consideradas intrinsecamente femininas, como os cuidados domésticos e o ensino, evitando que imitassem os feitos dos homens, para assim se tornarem modelos seguros para as mulheres em seus países de origem.¹⁷

As primeiras missionárias biografadas eram esposas, cujas ações se alinhavam mais facilmente aos papéis de gênero tradicionais, mesclando atividades domésticas com trabalho missionário. Contudo, com a chegada das mulheres solteiras – reconhecidas como missionárias

¹⁴ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.90-91

¹⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.35

¹⁶ GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.174-179

¹⁷ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.91-92

por direito próprio a partir de 1870 – e sua crescente independência, as perspectivas de gênero precisaram ser reavaliadas. Como ressalta Rowbotham, elas receberam uma parcela, mas não igual, na terminologia do heroísmo. Suas ações forçaram uma reavaliação da natureza do heroísmo feminino, com implicações mais amplas para os estereótipos de gênero vigentes.¹⁸

Essas mulheres solteiras, ingressantes a partir da década de 1870, constituíam uma anomalia social. Trabalhando como assalariadas, posição antes reservada somente aos homens, e vivendo, muitas vezes, fora dos complexos missionários familiares, modificaram as estruturas sociais da comunidade missionária. Apesar de sua predominância numérica no campo ao longo do século XX, seu papel foi negligenciado nas histórias missionárias tradicionais, como observa Laura Rademaker.¹⁹

Sean Gill afirma que essas mulheres, sobretudo as solteiras, representaram um desafio colossal para os biógrafos: como heroizá-las sem que perdessem a feminilidade perante o público? Ao atuarem em estações sem supervisão masculina e vivenciarem situações equivalentes às de seus colegas homens, tornou-se imperativa uma mudança no discurso biográfico sobre seu heroísmo.²⁰

A partir da década de 1970, acadêmicas feministas empenharam-se em ampliar os estudos de gênero com foco específico na condição feminina. No campo da historiografia, pesquisadoras dedicaram-se a investigar a influência das relações de gênero sobre as atividades missionárias, explorando as múltiplas formas através das quais o gênero modelou os contornos do empreendimento missionário.²¹ Contudo, na esfera específica da História das Missões, o impacto dessas abordagens tornou-se mais evidente a partir dos anos 1980, quando uma nova geração de trabalhos acadêmicos começou a resgatar a importância das mulheres para o movimento missionário.²²

Nessa perspectiva, o estudo das biografias de mulheres missionárias constitui uma fonte documental de relevância ímpar para múltiplos campos do conhecimento como a História das

¹⁸ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.83

¹⁹ RADEMAKER, Laura. ‘I had more children than most people’: Single Women’s Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. **Lilith: A Feminist History Journal**, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21. p.8-9

²⁰ GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.179

²¹ GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021. p.602-603

²² ROHRER, James R. Biography as Missiology: A Reflection Upon the Writing of Missionary Lives. **《台灣神學論刊》** 28期 (2006/03) pp. 175-212

Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212>
Acesso em: junho/2024.p. 195

Mulheres, os estudos de gênero, a História Cultural das Religiões e os estudos biográficos, permitindo compreender como modelos de feminilidade são construídos, contestados e negociados nesse específico gênero literário, iluminando as complexas intersecções entre religião, gênero e os contextos socioculturais que as moldaram.

Diante desse potencial, é importante, como alerta Hourihan, adotar um cuidado crítico no estudo dessas fontes, dada sua natureza frequentemente hagiográfica heroica. Cabe ao historiador, através do rigor metodológico, extrair suas contribuições para os estudos da história cultural das missões, sem a intenção ingênua de encontrar uma “verdade” factual.²³

As trajetórias individuais examinadas nesta tese inscrevem-se num contexto discursivo e experiencial mais amplo do trabalho missionário feminino. Como salienta McColl, a compreensão dos dilemas enfrentados pelos biógrafos na representação de mulheres solteiras exige um exame atento do lugar que essas missionárias ocupavam no seio da comunidade missionária.²⁴ Partindo dessa premissa, a análise biográfica aqui proposta será conduzida em diálogo permanente com o contexto histórico do missionarismo protestante, no qual essas mulheres estiveram profundamente imbricadas. Para decifrar as nuances das relações de gênero que perpassam essas narrativas, torna-se imperioso considerar a operação dos papéis de gênero dominantes que estruturavam as sociedades em seus respectivos momentos históricos.

O recorte temporal deste estudo abrange um século de trabalho missionário (1870-1970), delineado pelas trajetórias das três biografadas: Mary Slessor, que iniciou suas atividades na África em 1876 e atuou até 1915; Amy Carmichael, que partiu para o campo missionário na Índia em 1895 e nele permaneceu até seu falecimento em 1951; e Gladys Aylward, que chegou à China em 1930 e faleceu em 1970 ainda em serviço. Essas mulheres foram biografadas ao longo do século XX na Europa e nos Estados Unidos, com suas narrativas sendo traduzidas e circuladas no Brasil entre o século XX e o XXI. Este arco histórico permitirá observar como as questões de gênero e os elementos de heroicização foram mantidos, ressignificados ou transformados ao longo desse período de biografização.

Cada personagem representa uma fase distinta do movimento: a primeira atuou no alvorecer da participação das mulheres solteiras no campo; a segunda, durante o período de

²³ ROHRER, James R. *Biography as Missiology: A Reflection Upon the Writing of Missionary Lives*. 《台灣神學論刊》 28期 (2006/03) pp. 175-212. Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212>. Acesso em: jun. de 2024. p.198

²⁴ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 141

maior intensidade de envio feminino; e a terceira, já no contexto do declínio do modelo de missão do movimento missionário moderno. Essa distribuição cronológica, ao abranger fases constitutivas do movimento missionário, oferece uma perspectiva diacrônica privilegiada para a análise proposta.

Tendo em vista esse contexto, esta tese sustenta como hipótese central que a biografia missionária feminina construiu seu modelo de heroísmo por meio de representações que operavam uma conversão estratégica de transgressões de gênero em virtudes cristãs. Para heroicizar mulheres cujas ações desestabilizavam convenções de gênero, os biógrafos recorreram a um sistema de ressignificação narrativa que reforça ideais de feminilidade cristã, como obediência, devoção, sofrimento, maternidade, fidelidade, compaixão e autossacrifício. Esses mecanismos discursivos permitiram que as biografias construíssem a representação de figuras potencialmente transgressoras como modelos exemplares de feminilidade cristã, cuja legitimidade no panteão dos “heróis da fé” reside na negociação entre sua agência e os ideais de gênero dominantes. A persistência dessa representação através de reescritas e traduções consolida sua imagem como modelo da mulher cristã, na medida em que essas construções narrativas mantêm conformidade com os horizontes de expectativa de gênero vigentes no meio protestante.

Para compreender essa dinâmica, o primeiro eixo de análise dedicar-se-á a identificar as estratégias de construção narrativa presentes nas biografias de Mary Slessor, Amy Carmichael e Gladys Aylward, identificando como episódios que demonstram autonomia, ousadia e independência são ressignificados como expressões de submissão divina, coragem protetiva e maternidade espiritual, assim como são inseridos os ideais que enfatizam a feminilidade cristã, como o sofrimento, a obediência e o autossacrifício. Em seguida, buscaremos mapear e comparar os recursos discursivos empregados pelos diferentes biógrafos — W. P. Livingstone, Elisabeth Elliot, Alan Burgess e o casal Benge —, examinando como se dá a construção do heroísmo feminino da mesma personagem em distintos contextos históricos. Um terceiro eixo de análise examinará as transformações nas representações de gênero ao longo das reescritas biográficas, observando a permanência, o abrandamento ou a intensificação dos modelos de feminilidade cristã. Por fim, contextualizaremos a produção e recepção dessas narrativas no meio protestante brasileiro, compreendendo como as reescritas e traduções dialogam com os horizontes de expectativa de gênero contemporâneos.

Para orientar esta análise, o estudo fundamenta-se em referenciais que permitem articular missões e gênero sob uma perspectiva cultural. A discussão terá como ponto de partida,

o entendimento que as biografias que foram escritas por Janet e Geoff Benge, baseadas em biografias escritas por outros autores ou em autobiografias, confere a essas obras o caráter de “escrita biográfica em camadas.” Esse estilo de escrita permite estabelecer uma conexão entre passado e presente, onde os autores reconstroem personagens históricos para dialogar com o seu público leitor do presente.

Nessa perspectiva, a escrita que se desenvolve a partir de fontes já existentes, que por si só constituem camadas narrativas, configura uma segunda camada biográfica, sendo a primeira o material original consultado. Já a terceira camada emerge nas reescritas realizadas a partir de biografias publicadas anteriormente sobre a mesma personagem. Grande parte das biografias missionárias traduzidas e circuladas no Brasil enquadra-se nessa prática de escrita, o que as torna particularmente reveladoras dos processos de ressignificação estudados.

O fato de as biografias serem produto desse processo de reescritas, ou camadas, não desvaloriza a fonte biográfica. Pelo contrário, esse processo ilustra a busca contínua por resgatar o passado e reinterpretá-lo para estabelecer um diálogo com o presente. Esse processo de reescrita permite que se percebam os interstícios temporais, onde se pode visualizar tanto as representações da vida vivida pelos missionários quanto as biografias que foram escritas sobre eles ao longo do tempo. Esses biógrafos posteriores, ao reelaborar a narrativa, buscam dar continuidade à imagem heroica do missionário, adaptando-a ao horizonte de expectativas de seu público atual, ao mesmo tempo em que preservam exemplos do passado histórico religioso.

As camadas biográficas correspondem, assim, às camadas do tempo, que se transformam conforme as mudanças históricas, sociais e religiosas. Se, no século XIX e início do século XX, um dos objetivos da biografia era incutir ideias imperiais no público, no final do século XX, os objetivos mudaram, mas a biografia do mesmo herói continuou a ser escrita, e reforçando ideais. Os novos biógrafos, baseados em biografias anteriores, destacam episódios diferentes e adotam novas estratégias para cada mudança de público e de contexto histórico, ajustando ou removendo recursos biográficos. Quando se trata de biografias de heróis da fé, esses recursos são cuidadosamente organizados para apresentar atributos desejáveis aos cristãos, em conformidade com a visão protestante.

A construção da representação do herói missionário por meio das biografias teve início durante o período de maior intensidade do movimento missionário no século XIX e continuou a se desenvolver nas décadas seguintes. Biógrafos revisitaram as primeiras biografias escritas, bem como documentos das sociedades missionárias, folhetos, relatórios e autobiografias, para criar novas biografias que refletissem as transformações sociais e culturais ao longo do tempo.

A cada nova biografia escrita sobre o mesmo personagem, novas estratégias biográficas foram adotadas, moldando-se aos diferentes contextos históricos, às mudanças sociais e às transformações religiosas.

Dois trabalhos que aprofundaram a análise de biografias missionárias e que serão fundamentais para o desenvolvimento deste estudo são duas teses de doutorado: a primeira, de Terrance Craig, posteriormente transformada em livro²⁵, e a de Julie McColl, defendida em 2017 na Universidade de Liverpool. Terrance Craig, doutor em Literatura Inglesa pela Universidade de Toronto, realizou um estudo sobre biografias e autobiografias missionárias canadenses, destacando que havia duas formas principais de expressão religiosa na literatura inglesa: a biografia e a autobiografia de missionários. Essas obras documentavam um espírito evangelista claro e ostensivo em ação em quase todo o mundo.²⁶

Craig analisou as biografias missionárias canadenses utilizando, entre outros métodos, os pressupostos do pacto autobiográfico de Philippe Lejeune, em que o autor da autobiografia estabelece um contrato implícito com o leitor. Ele aplicou alguns desses pressupostos na análise de biografias missionárias. Além disso, seu estudo foi desenvolvido na intersecção de três abordagens críticas: a teoria literária sobre a escrita de vida, a crítica contemporânea, que segundo ele pode ser aplicada a qualquer forma de literatura, e a missiologia.²⁷

Craig defende que estudar vidas missionárias não é apenas um exercício de crítica histórica, mas também de refletir sobre um fluxo de literatura de grande tamanho, poder e influência, e de qualidade variável.²⁸ Ele propõe uma análise historiográfica sobre a influência das vidas registradas nas biografias missionárias no contexto do final do século XIX e primeira metade do XX no Canadá, bem como bem como uma análise dos padrões biográficos nelas encontrados.

Terrence Craig concentrou seu estudo em vidas missionárias a partir de textos dos próprios missionários, biografias e autobiografias, mas faz muitas considerações críticas sobre os elementos biográficos presentes nessas obras. Julie McColl, por sua vez, dedicou-se a analisar as biografias missionárias de Mary Slessor e James Hannington, buscando compreender o processo pelo qual esses missionários foram representados como heróis nas

²⁵ O livro *The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography*, é resultado da sua tese de doutorado. Um estudo de biografias e autobiografias missionárias canadenses.

²⁶ CRAIG, Terrence L. ***The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography***. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.4

²⁷ CRAIG, Terrence L. ***The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography***. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.81

²⁸ CRAIG, Terrence L. ***The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography***. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p. xv

escolas dominicais da Inglaterra no final do século XIX e início do XX, e atuavam como veículos de propaganda imperial.

Em sua tese de doutorado em filosofia, apresentada na Universidade de Liverpool em 2017, Julie Anne McColl examina o herói missionário como um produto das ideias imperiais retratado na forma de biografia. Ela analisa como essa literatura foi apropriada, reproduzida e disseminada nas escolas dominicais para crianças da classe trabalhadora entre 1870 e 1917. McColl discute como os biógrafos, através de estratégias narrativas e da reconfiguração da biografia como uma história de aventura, conseguiram oferecer às crianças um exemplo físico de herói abnegado, que disseminava não apenas ideias imperiais, mas também princípios cristãos e valores morais.²⁹

McColl sustenta que havia uma estratégia biográfica específica na escrita das biografias missionárias, e concorda-se que parte dessas estratégias foi mantida nas biografias missionárias ao longo do século XX. Ela argumenta que os discursos inseridos nas narrativas biográficas promoviam ideologias imperiais, incluindo conceitos de cidadania, autoajuda, autoaperfeiçoamento, construção de caráter e patriotismo. A autora examina como a imagem do missionário foi construída e promovida como herói por meio das biografias.³⁰

Assim como McColl estuda biografias do final do século XIX e início do século XX, este trabalho se propõe a analisar outras biografias missionárias, além a de Mary Slessor, focando em produções posteriores a 1920. Enquanto McColl examina biografias da época, nós analisaremos biografias produzidas posteriormente, observando as camadas biográficas e como a figura da missionária continua a ser representada ao longo do tempo.

Julie Anne McColl, ao se referir ao debate historiográfico na Grã-Bretanha, destaca que, dado o papel central das biografias missionárias na história imperial, é surpreendente o quão pouca atenção tem sido dada a elas. McColl afirma que as biografias missionárias desempenharam um papel importante na propaganda imperial, mas, academicamente, com exceção dos estudos focados em David Livingstone, o papel do herói missionário tem sido amplamente negligenciado.³¹ Gareth Griffiths também observa que, apesar do crescente

²⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024.

³⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024.

³¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024.p.21

interesse no papel das missões no imperialismo, as biografias ainda são subestimadas como parte integrante da história textual imperial.³²

Se a produção biográfica sobre missionários homens já é pouco estudada, as dedicadas às mulheres missionárias constituem um campo ainda mais escasso. Na historiografia brasileira, especificamente, os estudos sobre biografias missionárias, tanto as voltadas para o público infantojuvenil quanto para adultos, carecem de análises historiográficas aprofundadas, configurando uma lacuna significativa que esta tese busca começar a suprir.

As teólogas Martha Frederiks e Dorottya Nagy ressaltam que, nas últimas décadas, estudiosos de diversas disciplinas têm reconhecido o valor das fontes missionárias. No entanto, elas destacam que trabalhar com esses materiais continua a ser um desafio. Além dos preconceitos típicos em relação aos missionários, os documentos podem refletir parcialidades pessoais dos indivíduos envolvidos. Frederiks e Nagy apontam que o estudo das fontes missionárias exige que os pesquisadores desenvolvam uma sensibilidade para identificar os “pontos cegos” desses materiais. Esses pontos cegos podem incluir a ausência de informações sobre certos temas, como as vozes de mulheres, trabalhadores nativos, crianças e dissidentes, bem como questões não abordadas, como sexualidade, conflitos e contratempos.³³

Ao lidar com biografias missionárias, essas lacunas podem ser ainda mais evidentes, pois o biógrafo faz escolhas conscientes sobre quais fatos destacar para o leitor. No caso das biografias de heroínas missionárias analisadas neste trabalho, muitas vozes não são representadas, tornando essencial que o historiador tenha essa consciência ao realizar sua análise.

A historiadora Dana L. Robert ressalta que os historiadores estão começando a reconhecer que a biografia missionária não é necessariamente uma hagiografia. Quando submetida a uma análise crítica, tal gênero revela-se como fonte valiosa para compreender a construção de identidades nacionais, dinâmicas interculturais, relações de gênero e processos de desenvolvimento teológico. Esse potencial analítico merece destaque, pois fundamenta a necessidade de abordagens mais específicas e criticamente orientadas no estudo dessas narrativas. Robert observa que diários, biografias e autobiografias missionárias com frequência permanecem à margem do interesse historiográfico, fato que repercute inclusive em sua escassa presença em acervos bibliotecários. Embora algumas obras sejam publicadas por editoras

³² GRIFFITHS, Gareth apud MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.21

³³ FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: BRILL, 2021. p. 5

universitárias com foco em regiões específicas, persiste no meio acadêmico a expectativa de que as biografias missionárias conquistem maior relevância no interior da historiografia das missões.³⁴

Concordando com Robert, as teólogas Martha Frederiks e Dorottya Nagy também apontam que os missionários raramente são estudados por mérito próprio, em parte devido à sua complexa cumplicidade com o projeto colonial e às tendências hagiográficas e triunfalistas presentes em narrativas anteriores.³⁵ Em síntese, a biografia missionária configura-se como um gênero ainda negligenciado no debate acadêmico, carecendo de abordagens que, sem desconsiderar seus vínculos com o colonialismo, explorem sua complexidade como produção cultural e religiosa.³⁶

Sob essa ótica, as biografias missionárias podem oferecer contribuições substanciais para a historiografia das missões, revelando não apenas os processos de representação da vida missionária e construção do herói, mas também dimensões como: a concepção do chamado missionário, a aplicação de competências profissionais em campo, as práticas religiosas de missionários e missionados, as estratégias de evangelização, as dinâmicas de gênero e o papel das mulheres, os sentimentos dos agentes missionários em relação aos contextos de atuação e seus países de origem, e suas interações com as sociedades missionárias de apoio.

Para que o estudo dessas biografias seja efetivo, é fundamental que seja realizado de forma crítica, utilizando instrumentos historiográficos que viabilizem essa análise. Teóricos da escrita biográfica, da historiografia, das ciências sociais e da história das missões oferecem fundamentação consistente para refletir sobre a construção dessas narrativas, permitindo identificar tanto elementos recorrentes quanto particularidades no gênero biográfico missionário.

Para analisar especificamente a importação, tradução e disseminação dessas biografias no Brasil através do mercado editorial confessional, o circuito de comunicação de Robert Darnton se mostra essencial.³⁷ Igualmente fundamental será o conceito de transferência

³⁴ ROBERT, Dana L. From Missions to Mission to Beyond Missions: The Historiography of American Protestant Foreign Missions Since World War II. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2.** Boston: BRILL, 2021. p. 413

³⁵ FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission.** Boston: BRILL, 2021. p. 17

³⁶ SITTSER, Gerald. Protestant Missionary Biography as Written Icon. **Christian Scholar's Review.**p.309

³⁷ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.112

cultural de Michel Espagne,³⁸ que subsidiará a compreensão do processo de tradução como elemento crucial na recepção do texto em uma nova cultura.

As biografias missionárias escritas no século XIX e na primeira metade do século XX tinham como principais objetivos angariar fundos para missionários em campo, incentivar novos candidatos às missões e promover exemplos de cidadania e cristianismo. Mesmo após essas décadas, inúmeras biografias continuaram a ser produzidas sobre os mesmos personagens. Isso nos leva a questionar por que esses personagens continuam a ser biografados e como são representados nessas novas obras, especialmente considerando as mudanças no público leitor e no cenário missionário. Qual seria o interesse do mercado editorial protestante do Brasil em traduzir essas biografias missionárias?

Para analisar as biografias traduzidas no Brasil nas últimas décadas, especificamente aquelas da coleção “Heróis Cristãos: Ontem & Hoje”, e investigar as possíveis continuidades nas estratégias discursivas, será empreendida uma análise comparativa com biografias dos mesmos personagens produzidas em décadas anteriores do século XX, igualmente traduzidas para o português. Para esta análise, recorrer-se-á aos conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, cunhados pelo historiador alemão Reinhart Koselleck. Este quadro conceitual permitirá interpretar as transformações e permanências nas representações dessas figuras missionárias, elucidando como as narrativas biográficas são reconfiguradas em diálogo com diferentes contextos históricos e demandas culturais.³⁹

A aplicação desses conceitos a um *corpus* biográfico específico revela-se particularmente pertinente quando consideramos a posição marginal ocupada pelas mulheres no espaço biográfico protestante. Conforme observa McColl, até a primeira metade do século XX raras missionárias recebiam biografias individuais e extensas. A maioria dos registros sobre mulheres missionárias encontrava-se inserida em obras coletivas ou nas biografias de seus maridos.⁴⁰ Mary Slessor configura uma exceção notável, sendo uma das poucas missionárias entre os séculos XIX e início do XX que foram escritas sobre ela individualmente.⁴¹ Esse contexto revela que o espaço biográfico feminino foi conquistado tardiamente no campo

³⁸ ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Trad. Valéria Guimarães. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Vol.11.2. pp. 21-34. agosto/2012

³⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

⁴⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 39

⁴¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 160

missionário, sendo lícito afirmar que a maior parte das mulheres que atuaram em campo jamais foi biografada. Esta assimetria persiste mesmo diante do fato de que, já no final do século XIX, o número de missionárias em campo superava o de missionários, um paradoxo que realça as dinâmicas de gênero na memória e no registro histórico do movimento missionário.

Para a análise das representações das heroínas missionárias, adotar-se-á o conceito de gênero formulado por Joan Scott, que o compreende como um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e como um campo primário no interior do qual o poder é articulado.⁴² Esta categoria analítica fornecerá o fundamento para examinar as distinções nos papéis sociais atribuídos às mulheres no movimento missionário dos séculos XIX e XX, permitindo observar como tais construções foram reforçadas ou contestadas nas narrativas biográficas subsequentes.

A aplicação dessa lente teórica possibilitará a historicização dos paradigmas que fundamentam a construção de subjetividades baseadas em diferenças sexuais, frequentemente geradoras de relações assimétricas.⁴³ Complementarmente, recorrer-se-á a dois outros conceitos: o de patriarcalismo, desenvolvido por Gerda Lerner,⁴⁴ para analisar a interação entre as estruturas hierárquicas do movimento missionário e a atuação das mulheres; e o de agência, na acepção proposta por Saba Mahmood, para investigar como a capacidade de ação das missionárias é construída e representada nessas narrativas.⁴⁵

Este estudo também será conduzido a partir das perspectivas da História Cultural e da História Cultural das Religiões. De acordo com Eliane Moura Silva, a História Cultural coloca o texto no centro de sua problematização, desafiando o historiador a confrontar a noção de “realidade” documental com o poder das representações inerentes à escrita e à materialidade textual. Trata-se, portanto, de analisar os sentidos da História através de eventos passados, construídos a partir de documentação variada e do próprio discurso histórico, identificando

⁴² SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequ> Acesso: março/2022.

⁴³ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, jan/2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021. p. 21-22

⁴⁴ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

⁴⁵ MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. Vol.23 (1), 2019. p. 135-175. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>. Acesso em outubro/2025

como os textos e as disciplinas produzem verdades, racionalizam o passado e legitimam sistemas.⁴⁶

Nesse quadro teórico, o texto biográfico surge como um objeto privilegiado de análise. Ao aplicarmos o viés da História Cultural às biografias missionárias, podemos problematizá-las enquanto mediações, o que permite uma reflexão aprofundada sobre as representações do papel da mulher no movimento missionário e de suas experiências individuais. Essa abordagem vai além da simples reconstituição de uma vida, situando-a na intersecção entre a individualidade do ser e o ser social, considerando os contextos políticos, sociais e culturais que a moldam.⁴⁷

Aplicando o argumento de Benito Schmidt, podemos dizer que as biografias missionárias permitem analisar “suas experiências, suas relações sociais, suas interpretações de mundo, os espaços de sociabilidade por onde circulava”.⁴⁸ No entanto, o pesquisador adverte que é crucial não tratar o biografado como uma mera figuração de um contexto já formatado. Cabe ao historiador, assim, compreender a tensão dinâmica entre o indivíduo e seu meio, com seus cruzamentos, potencialidades e hierarquias social e historicamente determinadas.⁴⁹

Especificamente na análise das questões de gênero, a advertência de Schmidt é fundamental: os biógrafos priorizam certos elementos em detrimento de outros, impondo limites à análise.⁵⁰ Nesse sentido, é preciso atentar para os recursos narrativos específicos utilizados na heroicização feminina. Frequentemente, ao contrário da heroicização masculina, as mulheres missionárias são enaltecidas de modo a reforçar os ideais tradicionais de gênero. Por fim, é vital lembrar que as biografias não são retratos transparentes da realidade, mas imagens construídas e organizadas segundo um determinado prisma, condicionadas por um objetivo específico.⁵¹

Essa abordagem dialoga diretamente com a perspectiva da historiadora Karina Bellotti, para quem a História Cultural, ao debruçar-se sobre representações e identidades, considera

⁴⁶ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, jan/2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021. p.23

⁴⁷ ZIMMERMANN, Tânia Regina; MEDEIROS, Márcia Maria de. Biografia e Gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional**. 9(1): 31-44. Verão, 2004.p. 34. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/download/2194/1672/> Acesso: junho/2021

⁴⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica. In: Guazelli, César A.B; PETERSEN, S.R.F, SCHMIDT, B.B; XAVIER, R.C (org) **Questões da Teoria e Metodologia**. Editora: UFRGRS. Porto Alegre, 2000.p.123

⁴⁹ SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.p. 17

⁵⁰ SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p.21

⁵¹ SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p.24

uma análise de variáveis interseccionais, tais como classe, nacionalidade, raça, etnia, gênero, sexualidade e religião.⁵² Neste estudo, duas dessas interseccionalidades serão privilegiadas na análise das biografias missionárias: a religião, considerando o contexto específico do protestantismo missionário, e o gênero, com foco na construção e representação de um ideal de feminilidade cristã.

Nesta pesquisa, a escrita biográfica será considerada uma prática cultural composta por discursos que representam práticas sociais e religiosas, e que, por sua vez, podem gerar novas práticas sociais a partir de sua leitura.⁵³ Especificamente, focaremos na biografia missionária como prática cultural protestante. Essa prática fez parte de um conjunto de atividades escritas muito ativo no movimento missionário durante os séculos XIX e XX. A cultura escrita e impressa missionária era altamente robusta, incluindo desde traduções da Bíblia até a produção de diários, panfletos, hinos, autobiografias, biografias, sermões e relatórios. Como observa José D'Assunção Barros, “A produção de um bem cultural, como um livro ou qualquer outro, está necessariamente inscrita em um universo regido por estes dois polos que são as práticas e as representações.”⁵⁴

Com base nas colocações de Barros, podemos afirmar que as biografias missionárias apresentam representações específicas que visam moldar padrões de caráter, valores e exemplaridade para a vida religiosa cristã, utilizando estratégias narrativas vitais para o sucesso biográfico. De acordo com esse historiador, práticas e representações são sempre o resultado de motivações e necessidades sociais específicas.⁵⁵ Nesse sentido, a História das Missões, em diálogo com a Teologia, esclarece as motivações das práticas missionárias, bem como a necessidade de representar o heroísmo missionário nos discursos biográficos.

⁵² BELLOTTI, Karina K. Desafios Teóricos Para Os Estudos De Religião, Mídia E Cultura Na Contemporaneidade. *Espaço e Cultura*, n. 43, p. 5-20, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/46775>. Acesso em: outubro/2023. p.13

⁵³ BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>. Acesso: junho/2023. p.134

⁵⁴ BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>. Acesso: junho/2023. p.134

⁵⁵ BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>. Acesso: junho/2023. p.134

Fontes – As biografias das mulheres missionárias

Partindo das premissas teóricas indicadas, o presente estudo se dedicará a analisar a construção da figura da heroína missionária e suas representações biográficas, sem a pretensão de abarcar a totalidade dos elementos que compõem a vida missionária, dada sua multiplicidade e complexidade. As biografias são, por natureza, marcadas por lacunas, e ainda que tentem superá-las, é inevitável que permaneçam aspectos não contemplados. Da mesma forma, seria inviável analisar a integralidade das biografias missionárias traduzidas no Brasil. Para viabilizar uma análise aprofundada, optou-se, portanto, por um recorte específico de obras biográficas.

Os critérios estabelecidos para a seleção das biografias foram os seguintes:

Critério Cronológico e Geográfico: a missionária deveria ter uma biografia individual, ter vivido entre os séculos XIX e a primeira metade do XX, devido ao modelo de missão nesse período, e atuado em campo missionário fora de seu país de origem, preferencialmente em outros continentes.

Critério da Série: a biografia deveria integrar a série *Heróis Cristãos: Ontem e Hoje*, de Janet e Geoff Benge. A escolha dessa coleção justifica-se por oferecer biografias reescritas recentemente e traduzidas para o português nas últimas duas décadas, o que permite observar atualizações narrativas.

Critério de Tradução e Comparabilidade: a biografia selecionada deveria ter sido traduzida e publicada no Brasil, além de contar com outras biografias sobre a mesma personagem, produzidas por autores distintos e igualmente traduzidas para o português. Essa pluralidade de vozes biográficas viabiliza uma análise comparativa das representações ao longo do tempo.

À luz desses critérios, e com o intuito de abarcar um panorama diversificado de experiências missionárias, foram selecionadas as seguintes missionárias: Mary Slessor, Amy Carmichael e Gladys Aylward. Essas personagens reúnem um conjunto expressivo de biografias traduzidas no Brasil e notáveis trajetórias no campo missionário. Suas histórias permitem não apenas analisar a atuação feminina no missionarismo protestante, mas também examinar como as normas e expectativas de gênero influenciaram tanto suas trajetórias quanto a construção narrativa de suas imagens como heroínas cristãs.

Mary Slessor foi uma missionária presbiteriana de origem escocesa, proveniente da classe trabalhadora têxtil. Em 1876, partiu para a África, estabelecendo-se na região de Calabar. Em seu trabalho missionário, dedicou-se ao ensino escolar e dominical, combateu o infanticídio de gêmeos, pregou em povoados, adotou crianças e mediou conflitos locais. Além disso, influenciou a formação de redes comerciais, protegeu mulheres contra abusos, exerceu cuidados médicos básicos e atuou como magistrada de outorga britânica. Foi pioneira na abertura de novas frentes missionárias em regiões anteriormente inacessíveis aos missionários.

Amy Carmichael, missionária irlandesa de formação presbiteriana e origem de classe média alta, iniciou seu trabalho em 1893 com uma breve passagem pelo Japão antes de se estabelecer na Índia, onde atuou até sua morte, em 1951. Inicialmente atuou como missionária itinerante, fixando-se posteriormente na região tâmil no sul do país. Seu legado inclui o resgate de meninas de casamentos infantis e da prostituição nos templos, a fundação de um orfanato e escola, a administração de um complexo missionário e uma produção literária expressiva.

Gladys Aylward, missionária inglesa de confissão ecumênica e origem na classe trabalhadora doméstica, partiu para o campo missionário de forma independente. Atuou no interior da China, onde viajou por regiões montanhosas pregando e estabelecendo comunidades cristãs. Participou ativamente da campanha de libertação dos “pés de lótus” como “inspetora de pés”, liderou uma reforma no sistema prisional local, prestou assistência social a mulheres, adotou crianças órfãs e abrigou refugiados. Sua atuação tornou-se especialmente conhecida pela condução de cerca de cem crianças por montanhas durante a Segunda Guerra Mundial, em um episódio de fuga e proteção.

As biografias selecionadas para este estudo concentram-se em obras originalmente escritas em inglês por diferentes autores e traduzidas para o português em distintos períodos. Para cada missionária, selecionou-se uma biografia escrita em seu contexto histórico original ou próximo, e uma biografia contemporânea, que viabiliza uma análise diacrônica das representações. No âmbito das traduções contemporâneas, serão analisados os volumes da coleção “Heróis da Fé: Ontem e Hoje”, de autoria dos neozelandeses Janet e Geoff Benge, publicados originalmente nos Estados Unidos pela YWAM Publishing e traduzidos no Brasil nas últimas duas décadas pela Editora Shedd Publicações.

Os títulos específicos que compõem esta análise são:

- Mary Slessor: Enviada a Calabar (2020)
- Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas (2018)

- Gladys Aylward: A aventura de uma vida (2020)

Para enriquecer a abordagem e permitir uma análise comparativa das representações biográficas ao longo do tempo, serão também cotejadas outras obras sobre as mesmas personagens, igualmente traduzidas para o português a partir de originais em inglês, mas publicadas em contextos editoriais e períodos distintos. As obras selecionadas para esse cotejamento são:

- **Mary Slessor:** *A Rainha Branca de Okoyong*, de W. P. Livingstone. Edições Cristãs, 1988 (obra original de 1916).
- **Amy Carmichael:** *Amy Carmichael: Um Legado de Renúncia e Entrega*, de Elisabeth Elliot. Editora Fiel, 2023 (obra original de 1987).
- **Gladys Aylward:** *A Morada da Sexta Felicidade*, de Alan Burgess. Casa Editora Presbiteriana, 1964 (obra original de 1957).

A escolha das biografias desses missionários se deu por suas personagens terem vivido no período de maior intensidade do movimento missionário moderno, que ocorreu no século XIX e primeira metade do XX. Outro fator importante na seleção foi o fato de terem sido nomeadas pelos seus biógrafos como “heroínas da fé cristã”, além de serem amplamente biografados no exterior e contarem com traduções no Brasil. Eles também possuem outros materiais biográficos e são amplamente divulgados por diferentes mídias, constituindo uma presença significativa e duradoura no imaginário protestante, constituindo um *corpus* representativo para a análise proposta.

Dessa forma, a análise do *corpus* assim constituído procederá por meio de uma leitura comparativa, concentrando-se nos mecanismos narrativos de heroicização, nos atributos de gênero reforçados ou silenciados e na influência do contexto do movimento missionário na construção das representações dessas trajetórias.

Metodologia - Perscrutando biografias missionárias

Segundo Benito Bisso Schmidt, quando se trata de estudos biográficos, “há minúcias que só o historiador vê”.⁵⁶ Nessa mesma direção, Vilas Boas ressalta que a “[...] historiografia é uma das fontes indispensáveis para compreender o fazer biográfico, na medida em que contempla pesquisa, documentação, interpretação e recursos narrativos”.⁵⁷ Partindo dessa premissa e tendo em vista o trabalho com fontes biográficas missionárias, uma das abordagens metodológicas aplicadas neste trabalho é a prática analítica da microhistória, que pressupõe a redução da escala de observação do historiador, objetivando uma análise microscópica a partir de um estudo intensivo do material documental.⁵⁸ Nesse sentido, a pesquisa se desenvolve *através* da análise de biografias missionárias, buscando compreender a construção e as representações das heróis missionárias nessas narrativas biográficas.

Na microhistória italiana, a biografia é pensada a partir de uma escala de observação que transcende a individualidade.⁵⁹ No entanto, é importante ressaltar a afirmação do historiador italiano Giovanni Levi, segundo a qual a biografia demanda, sim, uma redução na escala de análise, no caso, para a história de vida de um único sujeito, mas isso não implica necessariamente uma incompatibilidade entre a história do indivíduo e a história da sociedade.⁶⁰ Pelo contrário, a microanálise permite ao pesquisador iluminar atores que tradicionalmente permaneceram à margem dos grandes relatos históricos, como é o caso das missionárias.⁶¹

A opção pela “microanálise” permite sublinhar as singularidades na história e as ações dos indivíduos dentro de diferentes contextos históricos. No entanto, é importante destacar que nas biografias vamos analisar como as ações dos indivíduos são representadas pelos seus biógrafos. Nesse aspecto, a redução de escala de observação possibilita aprofundar buscas pela

⁵⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 3-22, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2040>. Acesso em: maio/2021 p. 4

⁵⁷ BOAS, Sergio Vilas. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002. p.19

⁵⁸ LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 136.

⁵⁹ SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. N. 6 (dez. 1996), p. 165-192**, 1996. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31755/000097057.pdf> Acesso em setembro/2023 p.176

⁶⁰ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 167-182.

⁶¹ ROHRER, James R. Biography as Missiology: A Reflection Upon the Writing of Missionary Lives. **《台灣神學論刊》** 28期 (2006/03) pp. 175-212. Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212>. Acesso em: jun. de 2024.p. 210

melhor compreensão da construção narrativa biográfica da imagem da heroína missionária, com base nos estudos da História das Missões e nos conceitos da História Cultural das Religiões e da História Cultural. Ressalta-se que a microanálise também inclui estudos amplos e comparativos, uma vez que não renuncia aos estudos de contextos ditos ‘globais’.⁶²

Segundo Delory-Momberger, a pesquisa biográfica, devido à sua singularidade, deve elaborar instrumentos e métodos que lhe permitam responder metodologicamente⁶³ às suas problemáticas. O historiador Benito Bisso Schmidt, em seu estudo sobre o militante operário Antônio Guedes Coutinho, para desenvolver sua análise com mais profundidade, construiu uma biografia do personagem a partir de quatro ângulos: a família, o trabalho, o estudo e a militância.⁶⁴

Inspirada nos estudos dessa pesquisadora - que elaborou categorizações para analisar entrevistas biográficas para desenvolver uma teoria do relato biográfico como lugar da gênese socioindividual - ⁶⁵ e em Schmidt, e nas análises gerais de biografias missionárias de Craig Terrance e as análises específicas de Julie McColl, entre outros aportes dos estudos biográficos, elaboramos uma categorização para auxiliar no aprofundamento e organização didática das análises dos elementos biográficos que constroem as representações das missionárias heroínas da fé cristã.

No entanto, antes de apresentarmos a categorização biográfica que elaboramos, é fundamental compreender que esses protocolos metodológicos de categorização têm seu alcance e seus limites. Delory-Momberger ressalta que a utilização desse protocolo é aplicada a partir de uma ideia de “bricolagem” – no sentido em que Lévi-Strauss usa esse termo.⁶⁶ E essa bricolagem, afinal, “é o signo e a garantia de uma busca “humana” de compreensão e de conhecimento empreendida por seres singulares e endereçada a outros seres singulares.”⁶⁷ Para

⁶² PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. Versões, reversões, controvérsias: o desafio biográfico. **Revista USP**, n. 92, p. 190-200, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/34991/37729> Acesso em: outubro/2021 p. 195-196

⁶³ DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista brasileira de educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782012000300002&script=sci_abstract Acesso em: maio/2021. p.530

⁶⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 3-22, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2040> . Acesso em: maio/2021 p.18

⁶⁵ DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista brasileira de educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782012000300002&script=sci_abstract Acesso em: maio/2021. p.533-535

⁶⁶ Ver ROGERS, Matt. Contextualizing theories and practices of bricolage research. **Qualitative Report**, v. 17, p. 7, 2012. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ990035>

⁶⁷ DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista brasileira de educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782012000300002&script=sci_abstract Acesso em: maio/2021. p. 535

essa pesquisadora, a busca por alcançar as fontes e os modos de efetuação da singularidade individual pode colocar o pesquisador em uma posição na qual, mesmo quando ‘armado’ de seus modelos e grades, “não faça e não possa fazer nada a não ser ‘contar’ por sua vez aquilo que lhe ‘contam’ os relatos dos outros. É pouco e é muito, é o preço de uma ciência ‘humana’ – e é seu tesouro.”⁶⁸

É importante destacar que os elementos biográficos observados nas fontes não precisam necessariamente corresponder ou ser rigidamente categorizados conforme os parâmetros estabelecidos, pois os diversos fatores da vida são interligados. Nesse sentido, os elementos podem transitar entre diferentes categorias ou pertencer a mais de uma delas, e também há aspectos e elementos das vidas missionárias que podem não se encaixar nas categorias propostas. O objetivo principal não é estabelecer imutabilidade nos diversos aspectos das trajetórias missionárias, especialmente considerando a construção de identidade, singularidades e subjetividades dos sujeitos.

Desse modo, o protocolo que se segue, inspirado na “bricolagem” metodológica de que fala Delory-Momberger, serve como uma grade de leitura flexível para examinar sistematicamente as biografias, sem, no entanto, aprisionar a complexidade das trajetórias individuais. Os parâmetros são os seguintes:

1. Marcadores biográficos e contexto sociofamiliar: examina os dados fundamentais da trajetória vital das missionárias, incluindo origem geográfica, contexto familiar, classe social, etapas formativas (infância, adolescência, juventude) e formação acadêmica. Esta dimensão permite situar historicamente as personagens e compreender a base social de suas experiências subsequentes.

2. Vocação e formação religiosa: analisa os processos de conversão, discernimento do chamado missionário, afiliação denominacional e educação teológica. A análise considera como esses elementos são narrados, atentando para as ligações entre gênero e oportunidades missionárias disponíveis às mulheres em seus contextos de origem.

3. Atuação no campo missionário: Aborda a prática missionária em suas múltiplas dimensões: estratégias evangelísticas e educacionais, mediações culturais e políticas, relações com comunidades locais, enfrentamento de adversidades e produção intelectual. A análise situa essas experiências no quadro mais amplo do movimento missionário de seu tempo.

⁶⁸ DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista brasileira de educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782012000300002&script=sci_abstract Acesso em: maio/2021. p. 535

4. Comportamentos e condutas: Investiga os atributos de caráter, valores morais e religiosos destacados nas narrativas, particularmente aqueles mobilizados na construção da heroicidade cristã. Examina como valores como resiliência, abnegação e piedade, entre outros, são articulados a expectativas de gênero, reforçando modelos específicos de feminilidade protestante.

Esta estrutura didática permite capturar tanto os aspectos individuais quanto os contextuais das narrativas, sempre atenta às intersecções de gênero que permeiam a construção da heroicidade missionária. Reconhece-se, contudo, que diversos elementos não foram incluídos nas categorizações propostas e indiscutivelmente serão encontrados nas biografias analisadas. Nosso objetivo não é abarcar todos os aspectos de uma vida, o que seria impossível e poderia levar à chamada “ilusão biográfica”. Em vez disso, a utilização dessa ferramenta de categorização metodológica visa principalmente aprofundar as análises, se apoiando nos referenciais teóricos, e organizar de maneira didática a pesquisa. Assim, buscamos compreender melhor as complexas narrativas das biografias missionárias, reconhecendo suas nuances e contribuições para a história cultural das missões.

Outra consideração importante, apontada por Terrence Craig, é a incongruência de se elaborar uma imagem única dos missionários. A grande variedade de lugares e povos entre os quais viveram torna essa concepção inviável, sem mencionar as diversas personalidades, métodos e crenças dos próprios missionários.⁶⁹ As biografias revelam experiências múltiplas em resposta a uma série de oportunidades e dificuldades.

Com base nessas perspectivas, e a partir do uso da categorização biográfica e a microanálise, pretendemos observar, nas biografias das missionárias selecionadas para esta pesquisa, elementos biográficos que contribuem para a heroicização dessas personagens. Ademais, ao comparar os pares biográficos selecionados, o objetivo é investigar possíveis mudanças, rupturas e continuidades nos recursos discursivos mobilizados pelos diferentes autores, bem como analisar de que maneira buscaram dialogar com seus respectivos horizontes de expectativa.

Partindo do pressuposto de necessidade de adaptação no diálogo com os respectivos horizontes de expectativa e realizando comparações entre biografias de diferentes períodos e autores sobre os mesmos personagens, buscaremos compreender os motivos pelos quais esses biógrafos resgataram essas heroínas da fé do passado. Objetiva-se, assim, decifrar os motivos

⁶⁹GRAIG, Terrence L. *The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography*. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.19

pelo qual elas são “trazidas” ao presente por meio de reescritas biográficas e como suas representações são reelaboradas para dialogar com os leitores das últimas décadas.

Para observar o processo de continuidade de heroização das personagens missionárias, utilizaremos as categorias de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* do teórico alemão Reinhart Koselleck, como instrumentos metodológicos. Essas categorias são essenciais porque as biografias estabelecem uma relação entre um determinado passado “a ser resgatado” e um “futuro esperado”. Objetiva-se analisar como, ao longo do tempo, as reescritas biográficas mantêm ou rompem com essas representações, e de que modo essas figuras femininas continuam sendo reconfiguradas para dialogar com novos públicos e horizontes de expectativa.

Koselleck desenvolveu a perspectiva de que cada Presente não apenas reconstrói o Passado a partir de problematizações geradas na atualidade, mas também de que cada Presente ressignifica tanto o Passado referido como *campo de experiência* como o Futuro referido como *horizonte de expectativa*.⁷⁰ Para ele, esses conceitos constituem categorias do conhecimento “capazes de fundamentar a possibilidade de uma história. Em outras palavras: todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem.”⁷¹ Para este historiador, não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, e vice-versa.

Segundo Koselleck, “experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro.” Enquanto categorias analíticas, remetem à temporalidade humana e, em um plano meta-histórico, à própria temporalidade da história.⁷²

Meta-historicamente, Koselleck atribuiu significados antropológicos a essas categorias. A experiência representa o passado no qual eventos foram incorporados e podem ser lembrados. Cada indivíduo transmite essa experiência, que é preservada e transmitida por gerações e instituições, tornando a história um conhecimento de experiências alheias.⁷³

A expectativa, por sua vez, está ligada tanto à dimensão pessoal quanto à interpessoal. Ela se realiza no presente como um futuro antecipado, voltado para o ainda-não, para o não-

⁷⁰ BARROS, José D’Assunção. Rupturas entre o Presente e o Passado: leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 21, p. 195-213, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4265/426539982011.pdf> Acesso em: março/2024 p.196

⁷¹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p.306

⁷² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p.306.p.309

⁷³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p.306.p.309-310

experimentado e para aquilo que pode ser previsto. “Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.”⁷⁴

Nessa perspectiva, pode-se compreender que as biografias das heroínas missionárias escritas nos séculos XIX e na primeira metade do século XX correspondem a um determinado *espaço de experiência*, isto é, a um passado que, no momento de sua escrita, se apresentava como presente e tensionava horizontes específicos de expectativa. Tais expectativas envolviam, entre outros objetivos, a angariação de recursos, a inculcação de valores morais e religiosos e o incentivo ao engajamento missionário, ao mesmo tempo em que promoviam a heroicização dessas personagens.

Atualmente, essas biografias podem ser analisadas a partir de seu *espaço de experiência*, no qual o Futuro projetado por seus autores pertence ao Passado e se materializa no Presente por meio de vestígios, memórias e permanências que, para o historiador, constituem fontes históricas. Nesta pesquisa, as biografias missionárias são examinadas sob essa perspectiva, com o objetivo de compreender como essas personagens do passado foram continuamente resgatadas e reescritas ao longo do tempo.

Por sua vez, as biografias escritas e traduzidas mais recentemente incorporam novos *horizontes de expectativa* (Futuro), e se articulam a “todo um universo de sensações e antecipações que se referem ao que ainda virá”, revelando como essas figuras missionárias continuam sendo reconfiguradas para dialogar com públicos contemporâneos.⁷⁵ Para Koselleck,

Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado. A possibilidade de se descobrir o futuro, apesar de os prognósticos serem possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada.⁷⁶

⁷⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p.306.p.310

⁷⁵ BARROS, José D 'Assunção. Rupturas entre o Presente e o Passado: leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 21, p. 195-213, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4265/426539982011.pdf> Acesso em: março/2024 p.198

⁷⁶ KOSELLECK, R. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p.311

Nessa perspectiva, buscaremos compreender, a partir da herança dos resultados das experiências passadas, o horizonte de expectativas que orientam as escritas e traduções de biografias missionárias no presente. Koselleck ressalta que “O que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas.”⁷⁷

É importante ressaltar que, embora esses conceitos se relacionem, não são conceitos simétricos complementares que coordenam passado e futuro como se fossem imagens especulares recíprocas. Pelo contrário, experiência e expectativa possuem formas de ser diferentes e operam de maneira diferenciada na constituição do tempo histórico.

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais.⁷⁸

No entanto, Koselleck também ressalta que esses conceitos não são simplesmente opostos. Eles indicam maneiras desiguais de ser, e da tensão que daí resulta pode ser deduzido algo como tempo histórico.⁷⁹ É importante observar a diferença entre experiência e expectativa, no sentido de que uma não pode ser transformada tranquilamente na outra. No entanto, é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico. A relação entre espaço de experiência e horizonte de expectativa por si só não são estáticas, podendo se modificar à medida que se entrelaçam.⁸⁰

Dessa forma, não trataremos as biografias missionárias escritas e traduzidas recentemente como reflexos simétricos dos horizontes de expectativas presentes nas biografias escritas e traduzidas no século passado. Ao contrário, a partir dos seus entrelaçamentos e das práticas constituídas por essa tensão, buscaremos perceber as complexidades das representações

⁷⁷ KOSELLECK, R. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p.312

⁷⁸ KOSELLECK, R. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p.310

⁷⁹ KOSELLECK, R. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p. 312

⁸⁰ KOSELLECK, R. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p. 313

das heroínas missionárias na contemporaneidade e seus horizontes de expectativas que lhes dão sentido.

Divisão dos capítulos

Esta tese estrutura-se em cinco capítulos que articulam fundamentação teórica, contextualização histórica e análise documental. No **primeiro capítulo**, abordam-se os fundamentos teórico-metodológicos da História Cultural e da História Cultural das Religiões, examinando como essas perspectivas orientam a análise das fontes biográficas missionárias, com ênfase nos processos de construção e representação da heroína missionária. Discute-se ainda o aporte da História Crítica das Missões para compreender a atuação feminina no movimento missionário moderno, destacando a centralidade dos debates de gênero como categoria analítica fundamental para desvendar a complexidade da experiência missionária feminina. O capítulo dedica-se, ainda, aos estudos biográficos, explorando a biografia simultaneamente como fonte e ferramenta metodológica, e apresenta uma reflexão sobre a construção histórica do gênero biográfico missionário.

O **segundo capítulo** investiga a construção das características do herói missionário, e aprofundaremos especialmente na construção histórica do ideal da heroína missionária, analisando a formação de um repertório narrativo próprio desse gênero. Examina-se o papel das esposas missionárias como facilitadoras da inserção de mulheres solteiras no projeto missionário, bem como o perfil dos biógrafos responsáveis pelas narrativas em análise. Aborda-se ainda o conceito de circuito de conhecimento e transferência cultural para compreender os processos de tradução e recepção dessas biografias na cultura impressa protestante brasileira. O capítulo introduz também o conceito de “biografias em camadas”, prática nas quais novas narrativas se constroem sobre obras predecessoras, e analisa o papel fundamental de editoras, coleções e processos tradutórios na circulação e consolidação dessas figuras heroicas.

No **terceiro, quarto e quinto capítulos**, a análise concentra-se, respectivamente, nos pares biográficos de Mary Slessor, Amy Carmichael e Gladys Aylward. Aplicando os parâmetros analíticos apresentados nesta introdução, esses capítulos investigam de que modo as narrativas biográficas heroizam essas personagens, transformando-as em modelos exemplares a partir de seus contextos históricos específicos; como as questões de

gênero atravessam e moldam a representação de suas experiências missionárias; e de que forma suas imagens são ressignificadas nas reescritas biográficas traduzidas para o português. Através do exame minucioso dessas trajetórias, busca-se compreender os mecanismos pelos quais essas mulheres missionárias tiveram suas imagens consolidadas no panteão dos “heróis da fé”, aquelas dos quais, nas palavras da epígrafe bíblica, “o mundo não era digno”.

1. HISTÓRIA CULTURAL, HISTÓRIA DAS MISSÕES, GÊNERO E BIOGRAFIA

Os heróis da fé, como são reconhecidos no meio protestante, incluem tradicionalmente mártires, pregadores avivalistas e missionários do passado. A maioria dos heróis da fé missionários são personagens que viveram entre os séculos XVIII e XX. Essas figuras eram homens e mulheres que deixaram seus países de origem para atravessar fronteiras físicas e culturais para transmitir a mensagem do Cristianismo, que se tornaram objeto de uma significativa produção biográfica. Para compreender as construções narrativas empregadas na heroização de missionárias atuantes entre o final do século XIX e o XX, é necessário explorar tanto o contexto em que viveram quanto as estruturas e o sistema religioso aos quais estavam vinculadas. Neste trabalho, tal investigação será conduzida por meio do diálogo entre a História Cultural e a História das Missões.

Para os historiadores das religiões, a História Cultural oferece um aporte fundamental ao compreender a religião como um fenômeno historicamente construído. Analisar o movimento missionário moderno sob essa perspectiva permite problematizá-lo enquanto parte de um sistema de crenças e práticas que produziu uma variedade de sentidos.⁸¹ Ancorado nos fundamentos da História Cultural, da História Cultural das Religiões e nos estudos da História das Missões, este trabalho busca investigar a construção da heroína missionária no gênero biográfico, propondo-se, assim, elaborar uma *história cultural das missões*.

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre os conceitos da História Cultural e os debates da História Cultural das Religiões que possibilitam a elaboração de uma análise de fontes biográficas missionárias através da abordagem da *história cultural das missões*. Ademais, busca-se, analisar os debates historiográficos sobre a História das Missões, contemplando as problemáticas do movimento missionário anglófono, as experiências dos missionários em campo e, sobretudo, as críticas feministas que revisitam a atuação das

⁸¹ BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, religião e história cultural. **Revista de Estudos da Religião**, v. 10, n. 4, p. 96-115, 2004. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf. Acesso em: maio de 2021. p. 100

mulheres nesse contexto. Assim como, apresentar conceitos teóricos dos estudos de gênero para estruturar a análise da atuação missionária feminina e de suas representações biográficas ao longo do tempo. E por fim, discutir contribuições dos estudos biográficos que apontam caminhos metodológicos para a análise dessas fontes, identificando os elementos discursivos que constroem a imagem das missionárias como heroínas da fé protestante, bem como refletir sobre o conceito, o histórico e a escrita da biografia missionária enquanto gênero.

1.1. História Cultural e os conceitos de representação e prática

A História Cultural instrumentaliza nossa análise de modo que possamos olhar o movimento missionário moderno dos séculos XIX e XX, como uma construção social, a partir de uma força motriz religiosa. Conforme o historiador Roger Chartier, um dos principais expoentes dessa corrente historiográfica, esse domínio “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler.”⁸² Segundo a historiadora Karina Bellotti, analisar os fatos através da abordagem teórica da História Cultural, “significa considerar as crenças, práticas, representações e discursos religiosos como construções históricas advindas tanto das instituições quanto dos indivíduos.”⁸³ Nesse sentido, podemos afirmar que as missões protestantes modernas foram o meio onde experiências e representações missionárias foram construídas, produzindo discursos tanto por parte dos missionários quanto das instituições envolvidas nas missões.

Nesse trabalho, a perspectiva da História Cultural, que privilegia as construções, as narrativas, os imaginários e representações culturais sobre determinados fatos históricos e fenômenos sociais, políticos, econômicos e culturais,⁸⁴ possibilita analisar tanto o movimento missionário em seu contexto histórico e seus atravessamentos, quanto a construção da heroína missionária representada nas biografias missionárias. A historiadora Sandra Pesavento, argumenta que a

⁸² CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.p.16-17

⁸³ BELLOTTI, Karina Kosicki. Surfando nas ondas do Senhor: juventude evangélica e mídia no Brasil (anos 2000-2010). *Revista Relegens Thréskeia*, v. 3, n. 1, p. 100-126, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/37699/230> p. 102. Acesso em: junho/2022.

⁸⁴ BELLOTTI, Karina Kosicki. Desafios Teóricos Para Os Estudos De Religião, Mídia E Cultura Na Contemporaneidade. *Espaço e Cultura*, n. 43, p. 5-20, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/46775> . p.12. Acesso em: outubro/2023.

História Cultural, trata-se de entender a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Por sua vez, as representações resgatam os sentidos atribuídos ao mundo, se manifestando através de palavras, discursos, imagens, coisas e práticas.⁸⁵

A História Cultural, de acordo com Chartier, pode ser pensada a partir das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social são historicamente produzidas pelas práticas articuladas, sejam elas políticas, sociais ou discursivas, que constroem suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural, e que deve ser entendida como um estudo dos processos com os quais se constrói um sentido.⁸⁶

A história cultural das missões em sua profundidade considera não só os aspectos políticos das missões cristãs, mas também perscruta o sujeito missionário, os missionados e as práticas missionárias. Para que haja uma história cultural das missões, é necessário adotar uma abordagem multifacetada a um tema que se tornou político. Essa abordagem permite analisar a natureza e o papel das missionárias designadas por várias igrejas protestantes e sociedades missionárias para trabalhar nos campos estrangeiros. Possibilita ainda, examinar a experiência missionária a partir de uma variedade de perspectivas, incluindo gênero, intercâmbio intercultural, etnografia, coleções de museus e discurso biográfico.⁸⁷ Podemos compreender, então, que a história cultural das missões, tem um campo vasto a ser explorado, e neste trabalho nos concentraremos em uma das facetas dessa abordagem: a construção do discurso biográfico da heroína-missionária.

Considerando o objetivo analisar as biografias missionárias, podemos considerar, à luz da proposta da História Cultural, os sujeitos missionários como produtores de cultura. Ao experienciar a vida missionária, eles produziram práticas missionárias que foram e continuam sendo representadas nas biografias missionárias, bem como em inúmeras outras fontes missionárias. Essas representações apresentam discursos construídos com base nos valores e ideias de suas crenças religiosas, os quais se consolidaram nas relações entre os sujeitos missionários, as sociedades missionárias e as denominações protestantes (sistema religioso). A análise desse processo dinâmico problematiza o movimento missionário protestante moderno como uma construção histórica.

⁸⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3ª ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2012.p.8-9

⁸⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.p.27

⁸⁷ ALVYN, Austin; SCOTT, Jamie S (eds). **Canadian missionaries, indigenous peoples: representing religion at home and abroad**. University of Toronto Press: Toronto, 2005. p.3

No campo da História Cultural, as noções de “práticas” e “representações”, que são complementares, permitem abarcar um conjunto maior de fenômenos culturais, além de ressaltar o dinamismo destes fenômenos.⁸⁸ O conceito de representação é fundamental para compreendermos a construção da imagem da heroína missionária no discurso biográfico. Chartier propõe que esse conceito seja aplicado de forma mais particular e historicamente determinado, no qual ele apresenta dois sentidos:

Por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém.⁸⁹

Partindo dessa premissa, Chartier salienta a representação como um instrumento que reconstitui, através da materialidade, a “imagem” do objeto ausente ou estabelece uma relação simbólica. Ao considerar a relação entre a ausência do objeto e sua representação, o historiador destaca a importância de identificar duas condições para que essa relação seja inteligível. Primeiro, o reconhecimento do signo enquanto tal, no seu distanciamento da coisa significada, e a existência de convenções compartilhadas que regulam a relação do signo com a coisa. Segundo, a consideração da variabilidade e da pluralidade de compreensões, ou incompreensões, das representações do mundo social e natural propostas nas imagens e nos textos.⁹⁰

Ao constatar as possibilidades e a potência da representação, Chartier adverte para a necessidade de cuidado para que a representação não seja confundida com ação da imaginação. Essa última, em seu ímpeto para transformar em verdade, pode apresentar signos visíveis como prova de uma realidade inexistente. Essa distorção da representação pode se transformar em uma espécie de mecanismo de fabricar respeito e submissão, operando como um instrumento que produz constrangimento interiorizado, que pode ser utilizado onde falte o possível recurso a uma violência imediata.⁹¹ Dessa forma, torna-se fundamental analisar quem produz o discurso biográfico e de que lugar social e institucional o faz. A biografia missionária não constitui um

⁸⁸ BARROS, José D. Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>. Acesso: junho/2023 p.136

⁸⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.p.20

⁹⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.p.21

⁹¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.p.22

discurso neutro, mas uma construção intencional, elaborada a partir de um lugar específico e portadora de objetivos claros: seja a edificação dos fiéis, a promoção do empreendimento missionário ou a consolidação de determinados modelos de feminilidade cristã.

Pesavento indica que o conceito de representação é uma categoria central da História Cultural, que foi incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim no início do século XX. Mauss e Durkheim estudaram as formas integradoras da vida social, construídas pelos homens para manter a coesão do grupo e que servem como representação do mundo. A historiadora destaca que as representações são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, “dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”⁹² Nessa perspectiva, as biografias missionárias podem ser compreendidas como veículos dessas representações: elas constroem e difundem modelos de exemplaridade que buscam dar sentido ao mundo, orientar condutas e fortalecer a coesão identitária do grupo religioso.

Esquadrinhando, podemos compreender que a força integradora da vida missionária reside no objetivo religioso de transmitir a mensagem do evangelho (a missão). As construções (as práticas, as relações), a partir dessa realidade, adquirem sentido através das representações materializados através de discursos, cultura impressa, sociedades missionárias, entre outros. Dessa forma, a vida missionária produziu um conjunto de condutas e práticas sociais específicas que constituíram características únicas ao movimento missionário e aos que fizeram parte dele naquele contexto.

A noção de representação articulada às práticas possibilita reconhecer identidades sociais, manifestar uma maneira própria de ser e estar no mundo, e simbolizar estatutos e posições. Tanto indivíduos quanto instâncias coletivas marcam de forma visível a existência do grupo através dessas representações.⁹³ Dessa forma, podemos dizer que a experiência missionária é dotada de inúmeras práticas, que por sua vez é composta de diferentes estratégias, como a evangelização, pregação, a tradução, a educação, e os serviços de saúde e cuidados. Isso nos leva a considerar que as práticas missionárias geraram uma identidade religiosa específica, que é a identidade missionária.

Segundo a historiadora Lynn Hunt, “Todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido ao seu mundo.”⁹⁴

⁹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3ª ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2012.p.21

⁹³ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.p.23

⁹⁴ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.p.25

Logo, podemos reforçar dizendo que as práticas da vida missionária, envolve tanto práticas sociais que fazem parte das estratégias missionárias, como ensinar, cuidar, curar, traduzir, quanto práticas religiosas como evangelizar, pregar, cultuar, entre outras. A historiadora e missióloga Dana L. Robert argumenta que os missionários foram portadores do evangelho através de fronteiras culturais e carregaram uma tensão criativa entre o microcosmo e o macrocosmo, o local e o global, o tradicional e o moderno. Essa função de ligação permitiu que crenças e práticas passassem de um mundo para o outro.⁹⁵

Para o historiador Ryan Dunch, as missões foram colocadas de forma única como canais de comunicação intercultural em virtude das suas estruturas institucionais. Os missionários foram os ocidentais mais amplamente difundidos na maioria das sociedades não-ocidentais no final do século XIX e início do XX.⁹⁶ Nesse aspecto, o estudo das biografias missionárias e da História das Missões, nos permite compreender como se estabeleceram essas relações, e como as denominações protestantes e as sociedades missionárias serviram de suporte para as missionárias se inserirem no mundo não-ocidental e não-cristão. Através de estratégias e práticas, buscavam converter o Outro. Considerando ainda, que a experiência missionária trouxe para o Ocidente, o conhecimento desse Outro e desse mundo não-ocidental e composto de diversas outras religiões.

Para a historiadora Susan Thorne, o movimento missionário contribuiu significativamente para o desenvolvimento da história social britânica do século XIX, como a formação de classes, as relações de gênero e o papel da religião organizada neste contexto.⁹⁷ Partindo desse exemplo, podemos pensar no movimento missionário como uma força multifacetada, com características religiosas, políticas, culturais e sociais que não influenciaram apenas o mundo religioso protestante, mas também causou impactos, e foi impactado, nas transformações históricas do período, como as inovações tecnológicas, revoltas, tratados comerciais, relações diplomáticas, reformas sociais, participação das mulheres na esfera pública, entre muitos outros aspectos da vida secular.

A experiência missionária configura-se, portanto, como fenômeno complexo e multivalente, um empreendimento vivo e diversificado, experienciado de maneira coletiva e, ao mesmo tempo, individual. Cada agente contribuiu distintamente para este movimento, cuja

⁹⁵ ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009. p. 172

⁹⁶ DUNCH, Ryan. Beyond Cultural Imperialism: Cultural theory, Christian Missions, and Global Modernity. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Vol.2. Boston: Brill, 2021. p. 492

⁹⁷ THORNE, Susan. **Congregation Missions and the Making of Imperial Culture in Nineteenth-Century England**. California: Stanford University Press, 1999.p. 7

história se constrói na interface entre atuações individuais e estruturas coletivas. Por isso, as fontes biográficas missionárias, contextualizadas a partir da História das Missões, permitem a partir de experiências individuais compreender historicamente o processo que viabilizou o Cristianismo se tornar uma religião global, revelando nas experiências individuais os mecanismos de uma transformação histórica de amplitude mundial.

1.1.2. História Cultural das Religiões

Para o estudo do movimento missionário e na busca pela compreensão da continuidade da escrita e tradução biográfica das heroínas missionárias ao longo das décadas, dos séculos XIX até o XXI, as contribuições teórico-metodológicas da História Cultural das Religiões são fundamentais para analisar essa dinâmica como um fato histórico-religioso. Essa abordagem permite analisar o movimento missionário como uma construção cultural historicamente localizado no tempo e espaço determinados.

Considerando a biografia missionária uma expressão religiosa na literatura protestante, faz sentido trabalhar essas fontes a partir de uma abordagem histórico-antropológica, como a História Cultural, que propõe “uma operação historiográfica que busca cada vez mais orientar a sua prática de pesquisa empírica por um ou outro conceito antropológico de cultura.”⁹⁸ Da mesma forma, a partir da História Cultural das Religiões, já que os estudos desse campo remetem a um tratamento cultural de religiões e religiosidades, tornando possível escrever uma história com base no argumento que a História Cultural possibilita a produção de “uma historiografia *mais* aberta à compreensão do religioso.”⁹⁹

O historiador Antonio Paulo Benatte, parafraseando Roger Chartier, nos indica que o principal objetivo de uma história cultural das religiões

é identificar o modo como em diferentes tempos e espaços uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler *em termos religiosos*, quer dizer, nos termos das experiências e vivências espirituais dos sujeitos. A história cultural do religioso

⁹⁸ BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.p.62

⁹⁹ BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.p.60

pode ainda ser concebida como a história das práticas e representações em torno de determinadas crenças, as crenças em torno do sagrado.¹⁰⁰

Ainda segundo o historiador citado acima, “A história cultural do religioso confere um papel ativo aos sujeitos e suas trajetórias espirituais na construção de suas próprias histórias individuais e coletivas”¹⁰¹. Nessa perspectiva, as fontes biográficas missionárias constituem fontes privilegiadas para analisar a construção cultural da heroína missionária dentro do movimento religioso protestante e as motivações da continuidade dessa prática biográfica em torno de determinadas figuras religiosas.

Ao combinar a análise biográfica a partir de redução de escalas de observação, com os conceitos de *tempo de experiência* e *horizontes de expectativa*, identificação de elementos biográficos, e a partir de uma abordagem da história cultural, história cultural das religiões, para escrever uma história cultural das missões a partir de biografias missionárias, não tomaremos como suposição uma ideia de cultura ou religião como universos perenes e harmoniosos, apartados do social e das relações de poder e autoridade.¹⁰² Conforme Benatte, é importante levar em conta a consideração de Greenblatt, de que “os artefatos culturais não ficam parados, imóveis. [...] existem no tempo e estão ligados a conflitos, negociações e apropriações pessoais e institucionais.”¹⁰³ Essa colocação reforça o aspecto histórico-religiosa dessa investigação historiográfica.

Partindo da perspectiva histórico-cultural, neste trabalho consideraremos o conceito de religião assinalado pela historiadora Karina Bellotti:

O que devemos fazer é entender como diferentes crenças e práticas fazem sentido para as pessoas e os grupos que as adotam, em contextos históricos específicos. Assim, a religião [...] é concebida dentro da História Cultural como algo construído historicamente. Não pode ser vista como uma instância à parte da vida social (como

¹⁰⁰ BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.p.65-66

¹⁰¹ BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.p.66

¹⁰² BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.p.69

¹⁰³ BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.p.69-70

concebia a “velha” História das Ideias), ou subordinada a estruturas econômicas (segundo alguns historiadores e sociólogos marxistas).¹⁰⁴

Partindo dessa asserção, é fundamental compreender a construção do mito do herói missionário representado nas biografias missionárias nos séculos XIX e XX dentro do seu contexto histórico. Isso nos permitirá entender a continuidade e a circularidade das reescritas biográficas dessas figuras religiosas. Além disso, é importante analisar as dinâmicas do movimento missionário protestante, seus atravessamentos e as experiências missionárias das mulheres biografadas em sua complexidade e singularidade.

Dado que o movimento missionário protestante pode ser analisado a partir da abordagem proposta pela história cultural das religiões, é importante destacar seu entrelaçamento com as perspectivas da vertente histórico-comparativa da Escola Italiana de História das Religiões. Esta, por sua vez, considera a religião como um elemento de interpretação das sociedades, que não está desvinculado dos códigos culturais compartilhados por aqueles que as compõe.¹⁰⁵ Em outras palavras, a religião é vista como um conjunto complexo de fenômenos culturalmente construídos e manifestados historicamente nas sociedades.¹⁰⁶

A perspectiva metodológica histórica-comparativa italiana tem como fundador dessa concepção historicista com relação à análise (comparativa) das religiões o pensador Raffaele Pettazzoni (1883-1953).¹⁰⁷ O comparativismo histórico “defende a natureza intimamente humana e cultural dos fatos religiosos e, em segundo lugar atesta a possibilidade de sua comparação”.¹⁰⁸ Esse método, apresentado por Pettazzoni em 1925, se propôs a ressaltar a historicidade dos fatos religiosos.¹⁰⁹ Essa fundamentação permite, no presente trabalho, analisar como as biografias missionárias constroem representações de mulheres como heroínas da fé protestante. Ao considerar o trabalho missionário como resultado de práticas de indivíduos

¹⁰⁴ BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, religião e história cultural. **Revista de Estudos da Religião**, v. 10, n. 4, p. 96-115, 2004. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf. Acesso em: maio de 2021.p.100

¹⁰⁵ BOM, Gabriel Cardoso. Missões, Idade Moderna e Encontro Cultural: novas perspectivas da História das Religiões. **Anais [do] Encontro de História da ANPUHRs: História & resistências. Porto Alegre-RS: ANPUH-RS**, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Gabriel-Cardoso-Bom/publication/344158137_Missoes_Idade_Moderna_e_Encontro_Cultural_novas_perspectivas_da_Historia_das_Religioes/links/5f568bc5a6fdcc9879d62521/Missoes-Idade-Moderna-e-Encontro-Cultural-novas-perspectivas-da-Historia-das-Religioes.pdf Acesso em: fevereiro/2024

¹⁰⁶ AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019. p.60-61

¹⁰⁷ AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019.p.41

¹⁰⁸ AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019.p.47

¹⁰⁹ AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019.p.50

religiosos em contextos determinados, a abordagem de Pettazzoni viabiliza a análise dessas narrativas enquanto construções culturais e históricas, e não como manifestações de uma essência religiosa atemporal.

A Escola Italiana de História das Religiões posicionou-se epistemológica e historicamente no entrelaçamento entre as disciplinas da Antropologia e da História.¹¹⁰ Segundo Carlos André de Moura, Gustavo Oliveira e Harley Moreira:

As intercessões com essa escola apontam para o estudo das religiões a partir de um posicionamento particular da História Cultural. O que significa pensá-las como partes integrantes de culturas específicas, desenvolvidas em contextos temporais e espaciais precisos, os quais participam da construção de determinadas realidades, uma vez que atuam nas formas de imaginar ou representar as sociedades construídas, também, através das suas práticas.¹¹¹

O historiador Michel de Certeau aponta como as práticas religiosas podem definir de identidades individuais e coletivas: “Tudo se concentra nas práticas. Através delas um grupo religioso provoca sua coesão. Nelas encontra sua âncora e sua diferença com relação a outras unidades sociais – religiosas ou não.”¹¹² Nesse sentido, Bellotti sublinha que

ao reconhecermos crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos, consideramos como expressões religiosas dignas de estudo manifestações individuais (religiosidades), atuações de grupos não-institucionais (organizações paraeclesiais, grupos de oração, grupos de estudos, correntes filosóficas/esotéricas/místicas, novos movimentos religiosos, “Nova Era” etc.); religiões institucionalizadas (catolicismo, protestantismo, budismo, islamismo, judaísmo) e suas diversas ramificações oficiais e não oficiais ao longo da História (missões, ordens, sociedades secretas); e canais de comunicação entre esses elementos (mercado de bens simbólicos religiosos, meios de comunicação, artes, política etc.)¹¹³

¹¹⁰ AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019.p. 52

¹¹¹ MOURA, Carlos André Silva de; OLIVEIRA, Gustavo de Souza; MOREIRA, Harley Abrantes. História Cultural das Religiões. In: ECCO, Clóvis; SILVA, Rosemary Francisca Neves; QUADROS, Eduardo Gusmão de; SIGNATES, Luiz (org.) **Religião, Saúde e Terapias integrativas**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016. p. 95

¹¹² CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.p.166

¹¹³ BELLOTTI, Karina Kosicki. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões & Debates**, v. 55, n. 2, 2011. Disponível em: <https://ojs.homologa.ufpr.br/historia/article/view/26526> . Acesso: maio/2021. p.34

As práticas missionárias protestantes, vivenciadas pelas missionárias dos séculos XIX e XX, tornam suas experiências únicas, tornando o movimento missionário objeto de estudo histórico-religioso. As biografias missionárias, por sua vez, apresentam representações das vidas das missionárias, que, através da historicidade dos fatos religiosos (do movimento missionário moderno) e da observação dos processos de circularidade no espaço biográfico protestante, podem ser percebidas como produtos culturais.¹¹⁴

Vale destacar ainda a importância de historicizar um movimento religioso como o missionário, espaço no qual as mulheres analisadas neste trabalho estiveram inseridas. Conforme a perspectiva historicista de Angelo Brelich, citado por Adone Agnolin

O Historicismo, que nós contrapomos a qualquer tendência anti-histórica, se funda, antes de tudo, sobre o fato objetivo da contínua – ora lenta, ora rápida, gradual ou radical-mudança das culturas e sobre o reconhecimento de que ela depende das forças criativas das sociedades humanas, que se explicam nas várias formas de conservação ou inovação.¹¹⁵

Nesse sentido, é possível apontar historicamente as mudanças do movimento missionário, desde sua intensificação a partir do final do século XVIII, e suas renovações impulsionadas pelos movimentos de reavivamentos religioso ao longo do século XIX, envolvendo indivíduos das diversas denominações protestantes de ambos os lados do Atlântico no hemisfério norte. Dessa forma, podemos reconhecer esse movimento religioso como uma construção cultural, e um produto histórico. O historiador Marcello Massenzio ressalta que para Pettazzoni, autor que defende a historicidade da experiência religiosa: “Toda religião é um produto histórico, culturalmente condicionado pelo contexto e, por sua vez, capaz de condicionar o próprio contexto em que opera [...]”.¹¹⁶

Essa reflexão nos leva a considerar o movimento missionário moderno não apenas como uma atividade proselitista, mas também como uma expressão cultural profundamente enraizada na história e na dinâmica social. Os reavivamentos reforçaram o fervor missionário, e consequentemente influenciaram as narrativas e representações dos missionários e de suas experiências. Conforme destacado por Massenzio, percebemos que as práticas missionárias não

¹¹⁴ AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019.p.51

¹¹⁵ BRELICH, Angelo *apud* AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019.p.65

¹¹⁶ MASSENZIO, Marcello. **A história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.p.149

são estáticas nem universais, mas sim moldadas por contextos culturais específicos e dinâmicas históricas variadas. Cada missão não é apenas uma tentativa de difundir a fé, mas também uma interação complexa entre os valores e práticas dos missionários e as sociedades às quais eles se destinam.

Analisando o movimento missionário protestante moderno como produto histórico, dotado de sentidos, e situando-o na história das missões, se torna pertinente a seguinte observação de Nicola Gasbarro,

a História das Religiões, como disciplina, não pode ignorar a história das missões. Ela permite rever criticamente e repensar historicamente, numa perspectiva antropológica, seja seu objeto intelectual- a religião e as religiões, seja seu método, que deve permanecer rigorosamente histórico e necessariamente comparativo [...].¹¹⁷

Dessa forma, a história das missões contribui fundamentalmente para a compreensão histórico-social da religião, particularmente ao evidenciar, de modo comparativo, as diferenças culturais inerentes às construções religiosas de diversas civilizações.

A história cultural das religiões mostra-se, assim, fundamental para esta pesquisa. Conforme indicado por Agnolin, cujo plano operativo, propriamente historiográfico, se estabelece metodologicamente na análise do contexto histórico. Este historiador ainda ressalta, que a história das missões pode exemplificar de forma muito significativamente essa metodologia.¹¹⁸ A partir dessa perspectiva metodológica de análise histórico-religiosa, o presente trabalho busca contribuir de maneira significativa com este campo de estudos mediante o diálogo entre a História das Missões e a análise de biografias missionárias traduzidas no Brasil.

O estudo de biografias missionárias permite examinar o movimento missionário protestante e o contexto em que essas biografias surgiram, utilizando a História Cultural e História Cultural das Religiões para compreender esse movimento como uma construção cultural, e dessa forma, refletida na própria produção biográfica. A continuidade da escrita e das traduções revela fenômenos presentes que possuem correspondências no passado,

¹¹⁷ GASBARRO, Nicola *apud* AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019. p.122

¹¹⁸ AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019. p.122

possibilitando investigar a historicidade¹¹⁹ dos discursos biográficos e das práticas missionárias. Através dos pressupostos teórico-metodológicos desses campos interligados, torna-se possível elaborar uma *história cultural das missões*.

1.2. Gênero como categoria de análise nas biografias missionárias

Philippa Levine observa que o gênero é elemento central para compreender como as relações sociais são construídas, mantidas, desafiadas e transformadas. Para a historiadora, as considerações de gênero permeiam todas as arenas históricas, da vida cotidiana à alta política, da religião à sexualidade.¹²⁰ Seguindo essa perspectiva, o gênero configura-se como categoria analítica indispensável para compreender as nuances das representações de mulheres missionárias nas biografias que as heroizam.

Estudar essas biografias através da lente crítica do gênero contribui para superar invisibilidades dessas mulheres na historiografia das missões. Tal abordagem permite reconhecê-las como agentes e participantes por direito próprio no movimento missionário moderno, oferecendo assim uma contribuição pertinente para uma história cultural das missões mais complexa e inclusiva.

Para fundamentar esta análise, adota-se a definição clássica de Joan Scott, para quem “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”¹²¹. Essa dupla dimensão, constitutiva e relacional, desloca a análise do biológico para o social e político. Como argumenta Clare Midgley, seguindo os apontamentos de Scott, utilizar o gênero como categoria analítica implica repensar os paradigmas históricos tradicionais, desafiando as narrativas imperialistas e consequentemente da História das Missões Modernas.¹²²

¹¹⁹ BELLOTTI, Karina Kosicki. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões & Debates**, v. 55, n. 2, 2011. Disponível em: <https://ojs.homologa.ufpr.br/historia/article/view/26526> . Acesso: maio/2021. p.41

¹²⁰ LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004.p.5

¹²¹ SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf . Acesso: janeiro/2022. p.21

¹²² MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 2

Nesta tese, parte-se do pressuposto de que o gênero organizou as relações e práticas missionárias, estando intrinsicamente presente nos discursos que fundamentaram a atuação das mulheres no campo missionário. Para analisar como as missionárias são representadas como heroínas nessas narrativas biográficas, o conceito de gênero de Scott mostra-se essencial. As biografias serão analisadas como discursos que produzem e demarcam significados específicos para a feminilidade cristã missionária, constituindo determinados modelos de heroísmo feminino que refletem e, ao mesmo tempo, conformam relações de poder.

A partir do estabelecimento do gênero como categoria de análise, recorre-se a dois conceitos complementares. O primeiro é o de patriarcado, formulado por Gerda Lerner, que permite examinar como os textos biográficos representam as missionárias em suas relações de gênero no interior da estrutura do movimento missionário, investigando especificamente como negociaram autoridade feminina dentro de hierarquias masculinas. O segundo conceito é o de agência, desenvolvido por Saba Mahmood, que fundamenta a análise das representações da capacidade de ação das mulheres missionárias e das formas como essas narrativas são construídas.

A historiadora Gerda Lerner demonstra que a subordinação das mulheres antecede a formação da civilização, entendida a partir do registro histórico. Em sua reconstrução do processo de institucionalização do patriarcado nas famílias e instituições religiosas e governamentais, Lerner identifica o controle patriarcal sobre os corpos femininos como elemento fundante, reforçador da família patriarcal, instituição que posteriormente reproduziria sua lógica no poder estatal.¹²³ No contexto missionário, o patriarcado se manifesta como a dominação e institucionalização masculina do projeto, condicionando a inserção das mulheres no campo missionário à sua sujeição a esse sistema.

Lerner define patriarcado como “a manifestação da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral”, acrescentando que “homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder.”. No entanto, a autora ressalta que uma das tarefas da História das Mulheres é precisamente traçar as variadas manifestações históricas do patriarcado, suas transformações estruturais e funcionais, e as adaptações que sofre frente às pressões e demandas femininas.¹²⁴ Como observa Silva, a

¹²³ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.p. 65

¹²⁴ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.p. 464

crescente participação feminina nos movimentos missionários envolveu mudanças sociais e culturais que reconfiguraram as relações entre religião e gênero.¹²⁵

Compreender como as missionárias atuaram dentro de um sistema de dominância masculina e reconhecer que suas funções e manifestações se transformaram historicamente implica romper com tradições historiográficas estabelecidas. Lerner sustenta que “a posição das mulheres na sociedade deve também ser observada sempre em comparação com a posição dos homens do mesmo grupo social e da mesma época”,¹²⁶ lembrando que o patriarcado é uma construção histórica que se organizou fundamentalmente através da família patriarcal, instituição que incessantemente expressou e criou regras e valores. “Os papéis e o comportamento considerados apropriados aos sexos eram expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais, tornando-se parte constitutiva da construção social.”¹²⁷

No sistema patriarcal, hábitos e instituições culturalmente construídos colocaram mulheres à força em papéis subordinados.¹²⁸ Essa estrutura consolida-se no poder e atua no controle da agência feminina, estabelecendo relações hierárquicas dentro das instituições, no caso em estudo, nos espaços missionários. Parafraseando Gerda Lerner, o patriarcalismo missionário institui-se precisamente através do conjunto de ideais que determinam as virtudes esperadas da mulher, fornecendo modelos estruturais a serem seguidos. A dominância patriarcal materializa-se assim no exercício da autoridade sobre as mulheres, fortalecendo-se mediante o estabelecimento de poderes hierárquicos.¹²⁹

Considerando que as missionárias atuaram em contexto social patriarcal que obstruía sua participação na vida pública,¹³⁰ e que buscaram formas de exercer sua missão dentro desse sistema, o conceito de patriarcado fornece o instrumental para compreender em que estrutura estavam inseridas e como as biografias representam a autoridade por elas adquirida.

Complementarmente, analisa-se como as biografias missionárias representam a agência feminina. Para tanto, utiliza-se a concepção desenvolvida pela antropóloga Saba Mahmood, que

¹²⁵ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> p.31. Acesso: maio/2021. p.16-17

¹²⁶ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.p. 65

¹²⁷ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.p.461

¹²⁸ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.p. 91

¹²⁹ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.p. 197-222

¹³⁰ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. p. 25. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021.

em estudo etnográfico com mulheres muçulmanas piedosas complexificou a noção de agência, argumentando que ela não se manifesta apenas na resistência às normas, mas constitui-se como capacidade para a ação facultada por relações de subordinação específicas. Seu estudo de mulheres em tradições religiosas patriarcais permitiu identificar um modelo de agência feminina como capacidade criada e propiciada por relações de subordinação historicamente configuradas.¹³¹ Para Mahmood, a agência distancia-se das lógicas de subversão e ressignificação de normas hegemônicas, compreensão que considera insuficiente para analisar a performatividade das mulheres no contexto estudado. Em sua perspectiva, as mulheres podem encontrar formas de poder e realização através da prática de virtudes consideradas femininas, como modéstia, humildade e perseverança.¹³²

A partir dos seus estudos, Mahmood observa que as mulheres muçulmanas egípcias não subverteram a ordem patriarcal, mas encontraram nos códigos oferecidos redirecionamentos e recodificações em função de seus interesses e projetos, uma reconfiguração que situa como eixo da agência feminina. Essa abordagem possibilita compreender as mulheres como agentes ativas cuja existência é mais complexa e rica que sugerem as narrativas que as obscurecem, resgatando-as para além dos registros simplistas da submissão e da patriarcalidade, ao revelar suas motivações, desejos e objetivos.¹³³

Este conceito é fundamental para compreender a representação da agência das missionárias, permitindo observar como as biografias mostram essas mulheres encontrando poder, influência e realização atuando dentro das expectativas de gênero vigentes no meio missionário. Ao mesmo tempo em que alargavam seu campo de experiência e desafiavam as barreiras de gênero.

Como argumentam Huber e Lutkehaus, as mulheres missionárias estavam inevitavelmente envolvidas em contradições e ambiguidades. Em torno dessa ambiguidade fundamental circulavam inúmeras contradições, incluindo a tensão entre ideais de domesticidade feminina e exigências contraditórias do trabalho missionário, mesmo quando

¹³¹ MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. Vol.23 (1), 2019. p. 135-175. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>. Acesso em outubro/2025.p. 135-139

¹³² MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. Vol.23 (1), 2019. p. 135-175. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>. Acesso em outubro/2025.p. 142

¹³³ MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. Vol.23 (1), 2019. p. 135-175. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>. Acesso em outubro/2025. p.142

comprometidas com este trabalho.¹³⁴ Neste sentido, analisar-se-á se as biografias representam a agência das missionárias heroizadas como extrapolação de barreiras de gênero ou como modelo idealizado de ação feminina atuante nos limites das ideologias convencionais de gênero.

135

A articulação dos conceitos de Joan Scott, Gerda Lerner, Saba Mahmood e os conceitos da História Cultural possibilita a análise histórica crítica das biografias missionárias proposta nesta tese, que investiga como as heroínas missionárias são construídas através de representações de gênero. Considerando com Chartier que as biografias são artefatos culturais construtores de representações, utiliza-se como lente o conceito de gênero definido por Scott para compreender as relações de poder estabelecidas e representadas, enquanto a estrutura específica de poder é analisada através do patriarcado de acordo com Lerner. Por fim, o conceito de Mahmood permite mapear como os atributos de gênero são representados e reforçados nas biografias de mulheres missionárias.

1.3. História das Missões

A história das missões, tem estabelecido nas últimas décadas diálogos com a Teologia das Missões, Antropologia, Sociologia e diversos outros campos do conhecimento e das humanidades, explorando uma ampla gama de fontes missionárias. O caráter interdisciplinar no estudo de História das Missões, como observado por Benatte, “o apoio de fato na antropologia, na sociologia e em todas as ciências sociais, não fazendo economia da atenção às produções teológicas, são necessários ao tratamento cultural do religioso.”¹³⁶ Nessa perspectiva, a História das Missões pode ser abordada a partir da história cultural das religiões, já que esta, “é um campo híbrido, mestiço, essencialmente interdisciplinar.”¹³⁷ Estudar história das missões, é considerar o caráter multifacetado das missões e o caráter interdisciplinar na análise da ação

¹³⁴ HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p.18

¹³⁵ MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 14

¹³⁶ BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.p.77

¹³⁷ BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.p.78

missionária, que, por sua vez, são transformadas em narrativas e representações nas biografias missionárias.

Para o historiador Andrew Walls, os estudos missionários estabeleceram novas fronteiras e disciplinas totalmente novas, além de revolucionarem outras. A antropologia científica foi viabilizada pelo movimento missionário, assim como o estudo comparativo da religião e da fenomenologia da religião, que são seus produtos. O estudo do movimento missionário possibilitou a compreensão de outras culturas e estudos linguístico de inúmeros idiomas.¹³⁸

As teólogas Martha Frederiks e Nagy Dorottya organizaram uma antologia intitulada “*Critical Readings in the History of Christian Mission*”, onde destacam que compreendem a história da missão como um campo acadêmico multidisciplinar e interdisciplinar que envolve uma ampla gama de fontes missionárias. Para essas estudiosas das missões, este campo de estudos abrange numerosas disciplinas que vão desde a história social à linguística, e à biologia, e se cruzam e interagem, contribuindo para disciplinas abrangentes como medicina, história da arte e arqueologia.¹³⁹

Para David Arnold e Robert A. Bickers, o estudo da história das missões mantém sua relevância devido à natureza e às relíquias do seu empreendimento. Indivíduos canalizaram esforços voluntários por meio de estruturas altamente organizadas de sociedades missionárias metropolitanas, enviando para o exterior grandes quantias de dinheiro e um grande contingente de pessoal missionário, como evangelistas, médicos, enfermeiras, linguistas e professores. Esses missionários vivenciaram experiências variadas e interagiram, em diferentes graus, com culturas indígenas e grupos étnicos ao redor do mundo.¹⁴⁰

Andrea Schultze, especialista em história da missão, aponta que a historiografia missionária foi predominantemente escrita pelas instituições protestantes missionárias, conduzida por teólogos e diretores das missões, frequentemente apresentando abordagens autoelogiosas e com viés de teologia pietista caracterizando uma história institucional direcionada para o público protestante.¹⁴¹ De acordo com o historiador Brian Stanley, a partir

¹³⁸ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p.148

¹³⁹ FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: Brill, 2021.p. 2

¹⁴⁰ ARNOLD, David; BICKERS, Robert A. Introduction. In: BICKERS, Robert A.; SETON, Rosemary. **Missionary Encounters: Sources and Issues**. Richmond Surrey: Curson Press, 1996. p.2

¹⁴¹ SCHULTZE, Andrea. Writing of Past Times: Na Interdisciplinary Approach to Mission History. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: BRILL, 2021.p. 67

da década de 1950, com o processo de descolonização da Ásia e África, quando muitos estudiosos passaram a criticar a atuação missionária no período imperialista, os estudos das missões passou a integrar ao crescente campo dos estudos acadêmicos históricos e antropológicos, que passaram a se preocupar tanto com o impacto ocidental nas culturas e sociedades não-ocidentais, quanto com o papel das iniciativas religiosas indígenas nessas mesmas culturas e sociedades.¹⁴²

A partir dos anos 1960, a opinião pública sobre os missionários se dividiu. Aqueles que compartilham os valores dos missionários tendiam a retratá-los como figuras heroicas que arriscaram sua vida por aquilo que acreditavam. Por outro lado, muitos historiadores do final do século XX passaram a ver os missionários como agentes de objetivos únicos em conluio com forças como colonialismo, imperialismo, modernização ou globalização.¹⁴³

O historiador Jeffrey Cox observa que a partir de 1970, o estudo do empreendimento missionário floresceu seguindo uma trajetória paralela em alguns aspectos, aos estudos pós-coloniais. Ele menciona duas obras influentes: *Orientalismo* (1978) de Edward Said, para os estudos pós-coloniais, e *Translating the Message: The Missionary Impact in Culture* (1989) de Lamim Sanneh, para os estudos missionário. Embora essas obras não sejam de história, tiveram ampla influência na história do império e das missões, à medida que os historiadores numa era pós-colonial buscavam superar as tradições acadêmicas eurocêtricas.¹⁴⁴

Cox ressalta que nos estudos missionários e pós-coloniais do final do século XX, houve um foco crescente em questões culturais, em contraste com a administração imperial e história das sociedades missionárias.¹⁴⁵ Ele destaca que os historiadores das missões têm procurado cada vez mais focar no papel dos indígenas no Cristianismo mundial, além de apenas estudar a expansão global da religião. Principalmente em partes do mundo onde o Cristianismo está em crescente, como na África, América Latina e algumas partes da Ásia.¹⁴⁶

¹⁴² STANLEY, Brian. Some problems in writing a missionary society history today: the example of the baptist Missionary Society. In: BICKERS, Robert A.; SETON, Rosemary. **Missionary Encounters: Sources and Issues**. Richmond Surrey: Curson Press, 1996. p.38

¹⁴³ ROBERT, Dana L. **Converting Colonialism: Visions and Realities in Mission History, 1706-1914**. William B. Eerdmans Publishing Company: Michigan/Cambridge, 2008.p. 14

¹⁴⁴ COX, Jeffrey. Global Christianity in the Contact Zone. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.p.27

¹⁴⁵ COX, Jeffrey. Global Christianity in the Contact Zone. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.p. 27

¹⁴⁶ COX, Jeffrey. Global Christianity in the Contact Zone. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.p.28

Cox defende uma abordagem que reconheça a participação ativa dos colonizados nos processos de conversão, na adaptação de práticas religiosas e costumes ocidentais, e na resistência à opressão imperialista. Ele destaca a necessidade de entender as relações entre missionários e não-ocidentais como complexas e mutuamente influentes, indo além das visões simplistas de dominação ou resistência passiva. Em suma, Jeffrey Cox enfatiza a importância de uma abordagem mais ampla e matizada nos estudos missionários e pós-coloniais, que reconheça as múltiplas vozes e perspectivas envolvidas nos encontros missionários e seus legados históricos.

O historiador argumenta que a maioria dos missionários tinha a genuína intenção de construir igrejas cristãs autônomas em colaboração com os cristãos não-ocidentais nos campos missionários. No entanto, ele nota que os acadêmicos pós-coloniais frequentemente marginalizam os missionários em seus estudos, tratando-os como figuras unidimensionais do imperialismo, o que simplifica demais sua interação multifacetada com as sociedades indígenas.¹⁴⁷

Para Andreas Köller, as pesquisas históricas sobre as missões, tornou-se cada vez mais consciente do fato de que todas as partes envolvidas no contato da missão passaram por transformações e modificações devido ao encontro com o respectivo “Outro”.¹⁴⁸ Essas transformações afetaram tanto os não-ocidentais quanto os missionários. Nessa mesma perspectiva, Eliane Moura da Silva, frisa que as missões cristãs foram muito mais do que colonizações culturais: “a mesma missão que converteu o Outro trouxe o Outro para dentro de si. As missões construíram novas culturas, novas hibridações e fronteiras de alteridades móveis em relações bastante complexas.”¹⁴⁹

Segundo Eliane M. Silva, estudar a história cultural dos missionários em diferentes partes do mundo no século XIX e inícios do XX, significa compreender os mecanismos de negociação, conflitos que envolvem gênero, etnia, nacionalismo, religião e modernidade.¹⁵⁰

¹⁴⁷ COX, Jeffrey. Global Christianity in the Contact Zone. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.p.32

¹⁴⁸ KÖLLER, Andreas. One’s Own Concept Challenged: Renegotiations of the Concept of the “Missionary” in the Age of Decolonization and Ecumenism. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015. p.251

¹⁴⁹ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021. p.25-26

¹⁵⁰ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021. p. 30.

Silva também destaca que, dentro dos desafios das análises pós-colonial e da história da descolonização, a desconstrução dos temas relacionados ao pensamento colonizador enfatiza novas formas de subjetividades, a capacidade de produção de alteridades e a descolonização da mente e dos legados coloniais.¹⁵¹ Clare Midgley argumenta que o missionarismo foi um modelo interativo das relações entre colonizador e colonizado, atravessando questões além da religião, como gênero, raça e moral.¹⁵²

Os historiadores das missões estão cada vez mais evitando reduzir as discussões sobre colonialismo e missionarismo à dicotomia colonizador-colonizados, vítimas e agressores, pois esses dualismos não conseguem explicar a eficazmente a complexidade da presença missionária colonial. Andrea Schultze argumenta que os colonizadores e colonizados eram compostos por grupos e indivíduos heterogêneos e frequentemente conflitantes,¹⁵³ o que se torna ainda mais complexo quando adicionados fatores religiosos.

Para Terrance Craig, o tema do missionarismo se tornou complexo devido ao forte sentimento antimissionário que surgiu no pós-colonialismo, resultando na esteoripação dos missionários a tal ponto que a complexidade e a humanidade de suas vidas individuais foram negligenciadas. A literatura que os documentava, como as biografias missionárias, foi ignorada pelos grupos de interesses canônicos.¹⁵⁴ Os missionários foram amplamente documentados em seus países de origem, sendo que muitos deles eram escritores prolíficos. À medida que sua fama se espalhava, outras pessoas escreviam sobre eles (leigos, jornalistas, diretores de sociedades, missionários, teólogos etc.). Assim, eles se tornaram figuras literárias reconhecidas em seus países, tanto quanto eram evangelistas no campo missionário.¹⁵⁵

Nessa perspectiva, Terrence Craig observa que biografias e autobiografias missionárias revelam os contatos e relacionamentos entre europeus e o mundo além da Europa, desde os tempos das descobertas até a colonização e além, abordando inclusive os impactos do imperialismo.¹⁵⁶ Portanto, é fundamental refletir não apenas sobre as relações entre missões e

¹⁵¹ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021. p. 26.

¹⁵² MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998. p.11

¹⁵³ SCHULTZE, Andrea. Writing of Past Times: Na Interdisciplinary Approach to Mission History. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: BRILL, 2021.p. 69

¹⁵⁴ CRAIG, Terrance L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p. xiii

¹⁵⁵ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p. 6-7

¹⁵⁶ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p. 4

colonialismo, mas também como os historiadores e estudiosos do tema enxergam e situam a figura missionária nesse contexto. Isso exige considerar a complexa teia que se desenvolve nas múltiplas relações entre sujeitos, instituições, e os aspectos políticos e religiosos envolvidos.

Em muitos aspectos, a história das missões aparece profundamente enraizada no registro do domínio imperial na África, Ásia e América. Alguns estudiosos veem as missões como um auxiliar vital para o domínio imperial, argumentando que os missionários disseminaram normas culturais e sociais como parte central do processo do proselitismo. Além de oferecerem serviços médicos e educacionais, muitas vezes de grande valor para os regimes coloniais em desenvolvimento. No entanto, outros estudiosos apontam que os missionários raramente foram apoiadores servís das políticas e normas imperiais. Frequentemente críticos, mantinham uma certa distância das administrações imperiais e das populações coloniais de origem europeia.¹⁵⁷

O historiador Alvyn Austin, e Jamie Scott, estudioso das religiões na Universidade York, na introdução de seu livro sobre missionários canadenses, citam uma observação do sinólogo Jonh King Fairbank. Em um discurso para a Associação Histórica Americana em Harvard, Fairbank chamou o missionário de “o homem invisível da história americana”, destacando que, embora frequentemente colocados à margem, os missionários atuaram como uma ponte crucial entre o Ocidente e o Oriente. Segundo Fairbank, o movimento missionário foi a experiência intercultural mais significativa da história.¹⁵⁸

No discurso de Fairbank, ele reforçou o fato dos missionários terem desaparecido do radar da cultura popular ou da história acadêmica. Austin e Scott destacam que, durante as décadas de 1970 e 1980, quando os estudos missionários começaram a se tornar um campo de esforço acadêmico, e acadêmicos de várias partes do mundo passaram a abordar o movimento missionário como multinacional, multilíngue e multicultural. Nesse contexto, o sujeito missionário também passou a ser um enfoque importante dos estudos missionários.¹⁵⁹

Para Anna Johnston, os missionários construíram para si próprios uma posição ambígua e ambivalente dentro das culturas coloniais. Johnston observa que os missionários do século XIX estavam conscientes da natureza dos seus projetos evangélicos e do seu efeito potencial tanto nas culturas coloniais como na metrópole imperial.¹⁶⁰ Ruth Tucker, ao descrever o espírito

¹⁵⁷ LEIGH, Michael D. **Conflict, politics and proselytism: Methodist missionaries in colonial and postcolonial Upper Burma, 1887-1966**. Nova York: Manchester University Press, 2011.p.x

¹⁵⁸ ALVYN, Austin; SCOTT, Jamie S (eds). **Canadian missionaries, indigenous peoples: representing religion at home and abroad**. University of Toronto Press: Toronto, 2005.p. 3

¹⁵⁹ ALVYN, Austin; SCOTT, Jamie S (eds). **Canadian missionaries, indigenous peoples: representing religion at home and abroad**. University of Toronto Press: Toronto, 2005.p. 3

¹⁶⁰ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.2

missionário norte-americano, especialmente os inspirados pelo Segundo Grande Avivamento, problematiza que eles se dedicavam à divulgação do evangelho, mas também mantinham um compromisso com disseminação da cultura dos colonizadores. Tucker afirma: “Na verdade, não conseguiam compreender a possibilidade de evangelização sem a civilização correspondente. As duas coisas pareciam inseparavelmente unidas, cujo fator produziu tremendos obstáculos na evangelização dos indígenas, devido à usurpação cada vez maior dos brancos.”¹⁶¹

Michael D. Leigh aponta que os missionários representaram microdramas cósmicos tendo como pano de fundo a política colonial e as guerras imperialistas.¹⁶² Os missionários ocuparam uma terra de ninguém, entre as classes médias coloniais e a nobreza imperial. Eles travaram batalhas de consciência e transgrediram regras segregacionistas não escritas, ao mesmo tempo que aceitaram alegremente a proteção coercitivas dos impérios.¹⁶³

Segundo Jeffrey Cox, os missionários, que atuavam como agentes independentes sem a sanção do Estado imperial, dependiam, no entanto, da vontade das autoridades imperiais para lhes permitirem realizar suas atividades. O poder imperial britânico raramente foi usado para forçar conversões, mas aqueles que procuravam conversões nunca estiveram em posição de ignorar as realidades desse poder.¹⁶⁴

Cox também observa que os missionários foram para seus respectivos campos e começaram a construir instituições cristãs. A forma dessas instituições variava dependendo da localização, mas sempre dependeram da cooperação de povos não-ocidentais, de alguma maneira. Ocasionalmente, os missionários tornaram-se defensores dos povos indígenas, mas, normalmente a sua primeira tarefa cotidiana era a construção de instituições cristãs, como a igreja, escola e a família missionária.¹⁶⁵ Nessa mesma direção, Stephen Neil aponta que os missionários do século XIX haviam, em certa medida, cedido ao complexo colonial. “Só o homem ocidental era homem, na inteira asserção da palavra, sábio e bom; e os membros das outras raças, na medida em que se ocidentalizavam, podiam beneficiar desta sabedoria e desta bondade.”¹⁶⁶

¹⁶¹ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986. p.103

¹⁶² LEIGH, Michael D. **Conflict, politics and proselytism: Methodist missionaries in colonial and postcolonial Upper Burma, 1887-1966**. Nova York: Manchester University Press, 2011.p.2

¹⁶³ LEIGH, Michael D. **Conflict, politics and proselytism: Methodist missionaries in colonial and postcolonial Upper Burma, 1887-1966**. Nova York: Manchester University Press, 2011.8

¹⁶⁴ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.11

¹⁶⁵ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.112

¹⁶⁶ NEILL, Stephen. **História das Missões**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989.p.265

Segundo Andrew Holmes, missionários não-conformistas do período foram frequentemente caracterizados como agentes do imperialismo cultural, considerados “as tropas de choque” do império que minaram a autoconfiança e a autossuficiência das sociedades indígenas, tornando-as propícias à exploração capitalista. Muitos missionários dependiam das redes do império para levá-los ao campo missionário. No entanto, Holmes ressalta que, embora as missões e império interagissem entre si, isso não significa que fossem sinônimos.¹⁶⁷

Segundo Anna Johnston, os missionários certamente introduziram políticas inadequadas e destruíram práticas culturais locais, aparentemente alheios à natureza prejudicial de suas intervenções. Ao mesmo tempo, particularmente em colônias como Austrália e África do Sul, alguns missionários tentaram se colocar entre os excessos do comportamento colonial e os interesses humanitários de povos indígenas.¹⁶⁸

Para o historiador britânico Andrew Walls, os missionários tinham dupla identidade. Eles eram cristãos tentando fazer coisas cristãs, coisas especificamente e caracteristicamente cristãs, procurando compartilhar o Evangelho. Mais do que qualquer outro grupo de ocidentais no período da expansão colonial, eles estavam tentando fazer escolhas e viver de maneira cristã. Mas também eram ocidentais moldados pelo seu tempo, pelas condições e pelos valores ocidentais, pelas relações sociais e pelo discurso intelectual ocidental. Walls argumenta que o movimento missionário foi essencial para a forma que o mundo ocidental aprendeu sobre o não-ocidental, porque o movimento missionário teve que forçosamente se envolver com as culturais do resto do mundo de uma forma mais aprofundada do que qualquer outra parte da sociedade ocidental.¹⁶⁹

Jeffrey Cox argumenta que, ao trabalhar com história das missões, é necessário fazer duas distinções: a primeira é a distinção do poder formal (lei, forças armadas, polícia, escravidão e servidão contratada) e o poder informal (desigualdade social, acadêmica e religiosa). A segunda distinção é entre duas formas rivais de cristianismo, o confessional e o voluntarista. A primeira levou os missionários a organizar as pessoas em comunidades estabelecidas onde pudessem receber os ministérios das instituições cristãs, especialmente as escolas. A segunda levou os missionários a reunir igrejas de crentes voluntariamente comprometidos, e, em seguida, a lidar com os problemas de construção de instituições. Cox

¹⁶⁷ HOLMES, Andrew R. *Evangelism, Revivals, and Foreign Missions*. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.p.390

¹⁶⁸ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.31

¹⁶⁹ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p. xviii

ressalta que essas distinções não são claramente marcadas na história, mas são críticas para a compreensão do comportamento humano na história das missões.¹⁷⁰

Jeffrey Cox observa que praticamente todos os historiadores que trabalham com a história do empreendimento missionário o fazem à sombra de duas narrativas principais concorrentes. Uma é a história triunfal da difusão do cristianismo mundial, e a outra, é o desmascaramento do empreendimento missionário como uma forma de imperialismo cultural, mesmo ou talvez especialmente na sua forma moderna e voluntarista. Para Cox, tomada como um todo, é uma história cheia de consequências não-intencionais, arrogância, fanatismo e auto-engano, mas também uma história que opõe o amor e a compaixão às realidades brutais do domínio imperial e do imperialismo cultural pós-colonial.¹⁷¹

Considerando as complexidades sobre a atuação missionária no contexto imperialista, para essa tese, será adotada a postura de Frederiks e Nagy, que propõem a desconstrução da visão monolítica do missionário. Tal perspectiva leva em conta a variedade de origens eclesiais e nacionais, bem como as diferenças de atitude, gênero, formação e experiência entre os agentes missionários.¹⁷² É fundamental compreender que as atividades missionárias coloniais não constituíam um projeto evangélico singular em oposição a outros empreendimentos coloniais, mas sim diferentes tipos de projetos coloniais evangélicos, cada qual com suas particularidades locais. Alinhando-se a Johnston, ressalta-se que o foco da análise desse trabalho busca apreender a complexidade dessas práticas coloniais para analisar o modo como elas atravessam as representações das missionárias em discursos literários e históricos, nesse caso, nas biografias missionárias que constituem o *corpus* central da investigação.¹⁷³

Compreender que não havia uma unificação da experiência colonial nem uniformidade é essencial. Isso gerava inúmeras fragmentações, podendo resultar em situações diferenciadas nas diversas experiências missionárias. Muitos dos elementos dos debates da história das missões, principalmente as complexas relações entre missão e imperialismo, não estão declaradamente explícitas nas biografias missionárias, mas aparecem sob as nuances narrativas das relações de poder, classe e gênero, ou são descritas como fatos históricos mas sem a problematização crítica. Sob o olhar atento do historiador, tais elementos podem ser

¹⁷⁰ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p. 14

¹⁷¹ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.21

¹⁷² FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: Brill, 2021. p.15-16

¹⁷³ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.31

identificados nos entrelaçamentos entre o discurso biográfico e os contextos vividos pelos personagens.

Ao analisar biografias de heroínas missionárias a partir da História das Missões, consideramos essas complexidades e aspectos multivalentes. Embora não seja possível acessar diretamente a voz dos missionados ou colonizados, observaremos as missionárias em relação ao “outro”, e não como parte de uma experiência missionária unilateral. A construção ocidental heroica existe, mas reconhecemos que a construção histórica é complexa, ambígua e plurissignificativa. Essas complexidades emergem nas biografias e tornam-se mais evidentes a partir das perspectivas dos estudos da História das Missões aliados aos estudos biográficos, os quais permitem visualizar as relações intrincadas que constituem o fenômeno missionário.

Analisando os debates da história das missões, Cox reconhece que, embora os historiadores das missões estejam explorando novos focos de estudo e o Cristianismo tenha ganho novas características no pós-colonialismo, por muito tempo as narrativas missionárias foram contadas com base nas hierarquias clericais masculinas e ideais de heroísmo missionário que dominaram a história da missão na era imperial moderna e que ainda persistem hoje.¹⁷⁴

Para este historiador, é essencial reconhecer que o empreendimento missionário também teve uma forte participação feminina, apesar das narrativas predominantes de heroísmo masculino, como as associadas à figura de David Livingstone, que, segundo ele, é o missionário mais emblemático da era imperial. Nesse aspecto, Cox observa que é particularmente difícil imaginar uma figura mais representativa desse papel, dada a construção do mito de herói missionário em torno desse personagem.¹⁷⁵

Nessa mesma perspectiva, Dana L. Robert afirma que a partir da década de 1980 ocorreu uma explosão de interesse acadêmico renovado na história das missões protestantes americanas. Historiadores e intelectuais redescobriram uma variedade de teorias missionárias americanas que haviam permanecido esquecidas nas bibliotecas missionárias durante décadas. Nessa conjuntura, paralelamente, historiadoras feministas começaram a reconhecerem o domínio das

¹⁷⁴ COX, Jeffrey. Global Christianity in the Contact Zone. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.p.31

¹⁷⁵ COX, Jeffrey. Global Christianity in the Contact Zone. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.p.31

mulheres no movimento missionário e começaram a investigar a ampla documentação fornecida por fontes missionárias para explorar ângulos até então pouco abordados.¹⁷⁶

Ampliando esses estudos, na década de 1990, a história das missões começou a dialogar com novas ideias das ciências sociais, como a antropologia histórica, a análise de discurso, a literatura pós-colonial e os estudos culturais e de gênero. Esses novos enfoques destacavam os encontros complexos entre culturas, a agência das mulheres em campo, bem como os colonizadores quanto os colonizados, os missionários e os missionados, em uma análise que refletia uma história das missões com mais nuances e mais ambígua do que a visão tradicional de heróis missionários.¹⁷⁷

1.3.1 História das Missões e gênero

Segundo Nancy J. Cho, a história das missões e suas relações com as mulheres está sendo reconhecida como um campo que pode oferecer uma visão crítica em áreas variadas como a antropologia, escrita de viagens, teologia, literatura e história.¹⁷⁸ Para Kommers, os estudos de gênero demorou para fazer parte das investigações missiológicas do século XX. Para este pesquisador, o papel das mulheres casadas ou solteiras, durante muito tempo ficaram enterradas em histórias não escritas e pouco analisadas nos estudos missionários, somente nesta terceira década do século XXI, está sendo devidamente estudado.¹⁷⁹

Dana Robert chama atenção para o fato de que em grande parte do século XX, as mulheres missionárias terem superado em dobro o número de homens em campo, e mesmo assim, sofrerem por falta de reconhecimento. As memórias missionárias concentravam-se desproporcionalmente pouco nas mulheres. Torna-se intrigante ainda que, tanto as

¹⁷⁶ ROBERT, Dana L. From Missions to Mission to Beyond Missions: The Historiography of American Protestant Foreign Missions Since World War II. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021.p.389

¹⁷⁷ ALVYN, Austin; SCOTT, Jamie S (eds). **Canadian missionaries, indigenous peoples: representing religion at home and abroad**. University of Toronto Press: Toronto, 2005.p. 7

¹⁷⁸ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-pedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374. p.353

¹⁷⁹ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. **In die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.2

características das mulheres, quanto suas contribuições para a prática e teoria da missão foram ignoradas pelos estudiosos até o início do século XXI. Para essa estudiosa das missões, é um “escândalo” nos estudos missionários ignorar as questões sócio-políticas e realidades culturais próprias do gênero feminino.¹⁸⁰ Robert aponta ainda que uma das áreas menos pesquisadas na história das mulheres no século XX, é seu trabalho evangelístico.¹⁸¹ Ursula King corrobora com essa percepção ao afirmar que há um tratamento assimétrico nos estudos das mulheres na religião.¹⁸²

Para Patrícia Grimshaw e Peter Sherlock, a historiografia das missões menosprezaram a experiência das mulheres. No entanto, após a década de 1970, com a proliferação de críticas feministas, nas ciências humanas e sociais muitos trabalhos inovadores foram conduzidos sobre o papel das mulheres na missão. Para Grimshaw e Sherlock, o reconhecimento da agência das mulheres e da natureza fundamentalmente de gênero do empreendimento missionário é parte integrante do futuro da história das missões.¹⁸³

De acordo com Maina Singh, na historiografia das missões protestantes, as mulheres apareciam principalmente como um subconjunto do projeto missionário masculino mais amplo.¹⁸⁴ Eram frequentemente apresentadas e estudadas como auxiliares do trabalho masculino. Esse pensamento tem suas raízes no início do século XIX, quando as mulheres eram tidas como auxiliares, e uma extensão do marido, cujo papel se limitava ao âmbito doméstico e ao suporte emocional da vida missionária.¹⁸⁵ Até o século XX, os estudos em torno da história da igreja eram dominados pelas pesquisas do clero masculino, feita por homens sobre homens. No entanto, desde a década de 1980, vem sendo realizadas pesquisas sobre o trabalho pioneiro feminino, patrocínio feminino, mulheres profetas, esposas do clero, escribas femininas e publicações impressas e a cultura intelectual de mulheres protestantes.¹⁸⁶

¹⁸⁰ ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. New York: Maryknoll, 2002.p. xi

¹⁸¹ ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. New York: Maryknoll, 2002.p. 13

¹⁸² KING, Ursula. **Religion & Gender**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.p.11

¹⁸³ GRIMSHAW, Patricia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021. p.600

¹⁸⁴ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000. p.6

¹⁸⁵ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358. p.355

¹⁸⁶ COFFEY, John. Introduction. In: **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Volume I: the Post- Reformation Era, 1559-1689**. Oxford University Press USA, - OSO, 2020.p. 31

Myrtle Hill observa como o estudo sobre as mulheres missionárias pode contar a história das sutis mudanças de status e poder possibilitadas pelo empreendimento missionário feminino. Que indicam uma complexidade de múltiplas motivações e respostas as novas oportunidades, e com isso requer uma compreensão do contexto mais amplo das produções sobre essas mulheres.¹⁸⁷ Segundo Haggis, que escreve sobre a história pós-colonial feminista das missionárias britânicas, a história das mulheres missionárias e suas ações trata-se de uma complexidade ao longo do tempo e do lugar, que certamente facilita uma base sólida embora mutável, para escrever histórias feministas capazes de contribuir plenamente para os feminismos contemporâneos.¹⁸⁸

O historiador Jeffrey Cox concorda que, as histórias de heroísmo clerical masculino além de obscurecem a participação não-ocidental no empreendimento missionário; também excluíram a participação feminina. Mesmo um simples reconhecimento de que a maioria dos missionários eram mulheres, subestima a realidade. Dado o aumento estatístico do recrutamento feminino para missões no final do século XIX, é certo que as mulheres eram a grande maioria. Além disso, as mulheres não eram meras soldados de infantaria no empreendimento missionário, mas líderes, supervisionando instituições missionárias e desempenhando papéis significativos em campanhas humanitárias no país e no estrangeiro.¹⁸⁹ Nesse sentido, Kommers destaca que as mulheres tiveram ampla influência sobre todo o movimento missionário moderno. Embora nem sempre vistas como tais, elas foram atores-chave em quase todas as áreas do esforço missionário protestante durante a era vitoriana.¹⁹⁰

No entanto Kommers reforça que, tendo em mente as regras da moralidade vitoriana, as mulheres que atenderam ao chamado missionário, contrariaram as expectativas de gênero do seu tempo.¹⁹¹ Conforme Huber e Lutkehaus, o trabalho missionário desafiou os papéis de gênero aceitos tradicionalmente, pois o movimento missionário doméstico mobilizou mulheres como oradoras públicas, financiadoras, arrecadadoras, organizadoras e até mesmo

¹⁸⁷ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.174

¹⁸⁸ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p.71

¹⁸⁹ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.17

¹⁹⁰ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p.8

¹⁹¹ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p.5

formuladoras de políticas para as missões, além das mulheres missionárias enviadas para diversos países.¹⁹²

Segundo S.C Williams, as configurações culturais de gênero e das crenças religiosas na Grã-Bretanha do século XIX, pode ser aplicado a estudos dos Estados Unidos e Canadá e com algumas variações para a Europa Continental, Escandinávia e Austrália. Williams analisa que as esferas de gênero e as crenças religiosas protestantes se sobrepuseram de formas complexas e múltiplas.¹⁹³ Para ele, assim como a formação espiritual masculina entrelaçou arenas doméstica e pública em uma compreensão corrente de virtude, os ideais femininos também promoveram uma conexão distinta entre lar, a capela e a sociedade. O voluntarismo religioso que é característico da dissidência protestante criou um ambiente em que a família funcionava como a base da ordem social, sendo tanto a igreja como a comunidade sócio-política entendidas como extensões da política doméstica.¹⁹⁴

Já para Huber e Lutkehaus, dentro dos grupos missionários, as ideias sobre gênero desempenharam um papel crítico na organização do trabalho, na atribuição de sentido aos projetos missionários. Como resultado, a experiência das mulheres nas e com as missões foi diferente em muitos aspectos dos homens – principalmente porque era tantas vezes oficialmente não reconhecido e não registrado.¹⁹⁵ Nesse sentido, Haggis argumenta sobre a importância desses estudos sobre as missionárias para refutar invisibilidade e presumível irrelevância construída por homens e, alega também, que ainda não foi escrita uma história abrangente sobre o envolvimento das mulheres no movimento missionário protestante.¹⁹⁶

Kommers ao apontar a falta de estudos e visibilidade sobre a atuação das mulheres no movimento missionário, destaca que quando se trata das mulheres solteiras, a invisibilidade é maior ainda. Kommers justifica que a biografia e a memória dessas mulheres estão incorporadas na estrutura vital da igreja protestante, e que de muitas maneiras, as mulheres sacrificaram suas

¹⁹² HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p. 2

¹⁹³ WILLIAMS, S.C. Gender. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.p. 455

¹⁹⁴ WILLIAMS, S.C. Gender. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.p. 460

¹⁹⁵ HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p. 12-13

¹⁹⁶ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998. p. 48-50

vidas pela causa do evangelho. Porém, mesmo assim, suas biografias são pouco exploradas na historiografia.¹⁹⁷

A Era Vitoriana tinha forte ênfase na religião, no comportamento moral, família e dever. Para Kommers, porém, também foi impregnada de ideais de benevolência e compaixão, e isso influenciou e transformou o sentimento geral de que as mulheres solteiras com ambições diferentes das geralmente aceitas, poderiam seguir seus sonhos. No entanto, as mulheres solteiras enfrentaram ferrenha oposição, pois desde os tempos bíblicos a recusa das mulheres em casar e ter filhos é considerado um testemunho contracultural.¹⁹⁸

De acordo com Laura Rademaker, a vida das missionárias solteiras apresenta aos historiadores uma riqueza de ambiguidades e complexidades sobre gênero e império a serem exploradas. Ao contrário das suas contrapartes casadas, as mulheres solteiras escolheram o trabalho missionário por iniciativa própria, associando-se aos “pagãos” sem a liderança ou proteção de um marido. Para Rademaker, as mulheres solteiras desafiaram implicitamente as normas femininas conservadoras através de sua independência.¹⁹⁹

Para Maina Singh, as mulheres missionárias, em muitos aspectos criaram um tipo que não existia, assim como a saga do trabalho de suas vidas retrata a interação entre gênero e religião.²⁰⁰ Nesse aspecto, Prevost observa que, os termos de gênero da autoridade espiritual e profissional das mulheres tiveram que ser reinventados.²⁰¹ Huber e Lutkehaus ressaltam ainda que é preciso se atentar como as questões de gênero estavam intrinsecamente enraizadas nas missões, e como gênero, em especial, tem sido construído de forma diferente de acordo com a nacionalidade, denominação e afiliação de classe dos missionários.²⁰²

Huber e Lutkehaus observam que mesmo com as mudanças nas missões no mundo pós-colonial, certamente que questões de gênero ainda se fazem necessárias ser analisadas em

¹⁹⁷ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p.2-7

¹⁹⁸ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p. 5

¹⁹⁹ RADEMAKER, Laura. ‘I had more children than most people’: Single Women’s Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. *Lilith: A Feminist History Journal*, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21.p. 9-

²⁰⁰ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.206

²⁰¹ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1108

²⁰² HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p.1

relação ao meio missionário.²⁰³ A partir disso, a história cultural das missões deve observar as tensões causadas pelo gênero, considerando como aponta Kommers, que gênero está longe de ser apenas uma marca da prática missionária. As lutas de hoje têm uma genealogia na vida da igreja. Merece ser considerada como parte deste quadro mais amplo, nomeadamente uma história de vida e prática missionária que nunca foi desprovida de gênero, uma vez que ambos são um dado fundamental.²⁰⁴

Para Clare Midgley, é fundamental estudar as missionárias como sujeitos de gênero, já que o imperialismo foi um fenômeno fortemente marcado pelo gênero e pela religião. Principalmente considerando como processos de conquista e dominação, incluindo uma suposta capacidade de penetrar e moldar o ambiente à vontade do conquistador “viril”, que destacaram ainda mais as divisões de gênero.²⁰⁵

Para Bárbara Bush, o trabalho das mulheres missionárias foi forjado na interação entre gênero e religião, que ajudou a moldar seus esforços missionários, indicando que gênero era parte integrante da articulação da branquitude e das categorias de diferença. Desse modo, gênero não deve ser considerado isoladamente, mas deve ser analisado para ver como foi mediado por outros fenômenos sociais na estruturação da mudança histórica.²⁰⁶ Nesse sentido, é importante analisar o contexto em que se desenvolveu o trabalho das mulheres no movimento missionário.

Nas primeiras décadas do século XIX, as principais sociedades missionárias²⁰⁷ recusavam em empregar mulheres como missionárias por direito próprio até final do mesmo século. Segundo Clare Midgley, só no período entre 1858 e 1887 é que as sociedades começaram a recrutar mulheres missionárias por direito próprio. O trabalho dos missionários era entendido como pregação do Evangelho, a tradução e publicação da Bíblia e o

²⁰³ HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p. 22

²⁰⁴ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. **In die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p.8

²⁰⁵ MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Machester University Press, 1998

²⁰⁶ BUSH, Barbara. **Gender and Empire: The Twentieth Century**. In: LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004. p.77

²⁰⁷ As sociedades missionárias, tem sido objeto de estudos de muitos historiadores devido às suas importantes funções sociais. Elas atuaram como empregadoras, fornecedoras de mobilidade social para indivíduos de classe média baixa e para mulheres profissionais, além de serem fontes de entretenimento e informação, e grupos de altamente organizados de arrecadação. Segundo Arnold e Bickers, as sociedades missionárias eram organismos voluntários e filantrópicos que utilizavam todas as ferramentas de mercado e as novas formas de meios de comunicação de massa para promover seus objetivos e angariar apoio financeiro e humano. ARNOLD, David; BICKERS, Robert A. Introduction. In: BICKERS, Robert A.; SETON, Rosemary. **Missionary Encounters: Sources and Issues**. Richmond Surrey: Curson Press, 1996. p.9

estabelecimento de escolas. Era aceitável que as mulheres desempenhassem a segunda e a terceira destas atividades-chaves, no entanto, foram excluídas da pregação pelas principais denominações protestantes britânicas.²⁰⁸

No entanto, é importante destacar que desde o final do século XVIII e início do século XIX, uma característica fundamental nas formações das sociedades missionárias era as atividades feminina ligadas a elas, que se caracterizava pela promoção do apoio doméstico e na angariação de fundos para os trabalhos missionários no exterior. A pregação pública feminina só ressurgiu nas correntes denominacionais dominantes a partir de 1860. Os argumentos para a objeção da pregação feminina combinavam debates teológicos com restrições de formação profissional feminina. A ideologia de “esfera separadas” era predominante entre os evangélicos, que colocavam ênfase na primazia dos deveres domésticos das mulheres, funcionando fortemente como inibidor do emprego de mulheres como missionárias plenas.²⁰⁹

Segundo Midgley, desde muito cedo, as sociedades missionárias reconheceram os benefícios de recrutar homens casados como missionários devido a poder contar com o trabalho da esposa missionária. As esposas eram vistas como fornecendo uma importante base doméstica para seus maridos e como modelo de domesticidade feminina adequada para as mulheres indígenas. Cada vez mais, as esposas missionárias passaram a ser reconhecidas por desempenharem um papel importante no desenvolvimento da educação, passando a ser visto como um componente fundamental da carreira missionária, e muitas vezes mais eficaz do que a pregação para levar a mensagem cristã aos “pagãos”. Por isso, casais missionários, em vez de somente missionários homens, tornaram-se alicerces do empreendimento missionário.²¹⁰

Na literatura missionária da época, essas esposas missionárias tendiam ser mostradas como modelos de feminilidade cristã: piedosas, autossacrificadas, corajosas e obedientes à vontade de Deus.²¹¹ No entanto não eram consideradas missionárias por direito próprio, pois seu “chamado” missionário estava vinculado ao do marido. Clare Midgley aponta que a exclusão das mulheres do trabalho missionário por direito próprio, deixava claro que só homens poderiam obter as qualificações formais de um missionário pleno; apenas homens poderiam se

²⁰⁸ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358. p. 336-338

²⁰⁹ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358.p.338

²¹⁰ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358.p.339

²¹¹ DAVIN, Delia. **British Women Missionaries in Nineteenth-century China. Women's History Review**, Volume 1. Number 2, 1992.p. 258

tornar empregados assalariados de sociedades missionárias estrangeiras; e somente homens poderiam realizar esse componente primário de um papel do missionário, a pregação.²¹²

Anna Johnston, observa que, embora as mulheres no campo missionário foram originalmente apenas como esposas de missionários designados, seu trabalho era essencial para o sucesso de missões individuais e suas habilidades demonstradas em se comunicar e converter mulheres nativas, levaram ao envio de mulheres solteiras missionárias na década de 1860, apesar de políticas anteriores contra isso.²¹³ Antes de meados do século, até houveram algumas mulheres solteiras em campo missionário, mas eram exceções e as principais sociedades missionárias não as encorajavam.²¹⁴

Rhonda Semple, destaca que é importante reconhecer que o trabalho das mulheres na missão começou antes mesmo das primeiras candidatas da segunda metade do século XIX, pois antes do envio para o campo, houve uma miríade de mulheres em casa que lecionavam em Escola Dominical, participava de reuniões, costurava, cozinhava e arrecadava fundos para missões nacionais e estrangeiras. Suas ações foram descritas como acontecendo paralelamente aos papéis mais formais desempenhados pelos homens nas organizações religiosas, porém, tais atividades não eram completamente registradas nos documentos oficiais.²¹⁵

De acordo com Jane Haggis, é importante observar a transformação no trabalho feminino missionário entre 1875 e 1890, que segundo ela, se transforma de um trabalho de amor realizado por esposas missionárias com base em sua influência como “boas mulheres cristãs” a um emprego profissional e remunerado de mulheres solteiras, baseado na educação e no treinamento quanto na influência cristã e feminina. Ainda assim, no final do século XIX, no contexto da expansão colonial, as mulheres viviam sob a égide do patriarcalismo e das barreiras machistas, onde o dever de uma mulher perante a sociedade era apresentar as qualidades de uma dama.²¹⁶

Haggis aponta que as mulheres missionárias do final do século XIX, negociaram seu caminho para “fora do jardim” ao longo de um caminho de convenção em vez um caminho de

²¹² MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358.p.338-339

²¹³ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.39

²¹⁴ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.103

²¹⁵ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p. 30

²¹⁶ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998. p.56-57

rebelião, já que uma rubrica religiosa expressava as aspirações das mulheres missionárias em um idioma compatível com as convenções dos ideais vitorianos de gênero.²¹⁷ Nesse sentido, não só as mulheres de classe média trilhavam o caminho da convenção, mas as mulheres de classe baixa que porventura quisessem se tornar missionárias, deviam cumprir certos requisitos no padrão de feminilidade cristã, como questão de boa índole e caráter.

Quanto às mulheres vitorianas solteiras de classe média que ingressaram no mundo da educação, do emprego e da profissão, Haggis aponta que algumas historiadoras denominam esse fenômeno como a fuga “para fora do jardim”, referindo-se ao momento em que as mulheres começaram a expandir seus horizontes para além dos limites da domesticidade.²¹⁸ Processo este que também influenciou o âmbito missionário, ao proporcionar espaços para que as mulheres desenvolvessem autonomia, iniciativa e projeção, embora que muitas vezes, dentro dos parâmetros de respeitabilidade e feminilidade cristã esperados pela sociedade da época. Visto que, como Semple assinala, as mulheres adentraram para trabalhar em uma administração e estrutura criada e dominada por homens.²¹⁹

Analisando esse contexto, Maina Singh afirma que somente depois da década de 1870 as mulheres solteiras começaram a introduzir um novo modelo de mulher independente e educada, mulher missionária com um domínio profissional separado, alcançando segurança econômica e trabalhando autonomamente fora da família e do casamento.²²⁰ Nesse aspecto, as mulheres solteiras ocuparam um espaço distinto daquele da esposa missionária, e desafiam noções de homogeneidade entre as mulheres missionárias. A sua localização tanto como missionárias como mulheres solteiras está envolta em especificidades próprias, considerando que empreenderam instituições em outros países, como escolas, orfanatos, dispensários.

No entanto, de acordo com Robert, apesar de suas habilidades comprovadas de administração e liderança, os papéis das mulheres permaneceram circunscritas pelo seu gênero.²²¹ Os papéis missionários de gênero atribuídos às mulheres estavam ligados a seus trabalhos como enfermeiras, professoras, e auxiliares domésticas. Durante o século XIX, para

²¹⁷ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 58

²¹⁸ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 58

²¹⁹ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p. 31

²²⁰ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.97

²²¹ ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. New York: Maryknoll, 2002.p. 32

a classe média europeia e norte-americana do início do XX, as mulheres eram geralmente vistas como tendo um papel especial a desempenhar nos empreendimentos missionários, justificado com base nas tendências “naturais” de seu sexo.²²² Nesse sentido, Rowbotham observa que, o padrão estabelecido pelas missionárias e a propagação de seus feitos no movimento missionário teve uma importante contribuição para o estabelecimento do ideal de competência feminina capaz de empreender atividades prestigiadas nacionalmente.²²³

Semple argumenta que trabalhadoras missionárias solteiras ameaçaram o status hegemônico dos missionários do sexo masculino de várias maneiras. A abordagem feminina às missões exigia que aplicassem a sua experiência na ação social. Isso ofereceu uma alternativa atraente para a missão. Assim, “o trabalho das mulheres para as mulheres”, que foi originalmente concebido como um complemento ao trabalho “real” da pregação, tornou-se um foco tão importante quanto o trabalho estritamente eclesiástico.²²⁴

No entanto, durante o século XIX, o discurso central evangélico de conceito de “missão da mulher”, orientava como papel social da mulher a colocar o amor materno como uns dos principais agentes de Deus de regeneração da humanidade, e que deveria exercer sua influência no mundo principalmente a partir do seu ambiente doméstico.²²⁵ Nessa conjuntura, Semple explana que as mulheres missionárias solteiras foram recebidas por um público pronto para acreditar que as habilidades domésticas eram realizações femininas intuitivas.²²⁶

Segundo Dana L. Robert, o “trabalho de mulher para mulher”, era baseado no objetivo de as mulheres ocidentais apoiarem missionárias cuja principal prioridade era trabalhar com mulheres e crianças não ocidentais. A filosofia deste trabalho pressupunha que as mulheres ocidentais precisavam “elevar” suas irmãs pagãs na África e na Ásia através do exemplo de feminilidade cristã. Dana Robert, aponta que, embora essas ideias tenham ajudado a mobilizar as mulheres ocidentais para o trabalho missionário, também colocou o movimento de mulheres

²²² LUTKEHAUS, Nancy C. *Missionary Maternalism: Gendered Images of the Holy Spirit Sisters in Colonial New Guinea*. In: HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p.212

²²³ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.82-83

²²⁴ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p.262-263

²²⁵ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358. p.348-349

²²⁶ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p.114

sob a acusação de imperialismo cultural. Considerando que influenciaram modos de vida das mulheres de acordo com as normas de gênero ocidentais.²²⁷

Nessa perspectiva, Johnston pondera que religião e gênero eram aspectos importantes da identidade individual e cultural britânica em negociação no século XIX. Ideologias domésticas de classe e de gênero estavam sendo forjadas, e o gênero era central para o *ethos* do protestantismo. Segundo Johnston, os protestantes alimentavam a convicção arraigada de que o cristianismo sustentava um alto *status* para as mulheres; o lugar das mulheres nas sociedades “pagãs” era retratado, em contraste, como desesperadamente degradado. A maioria dos evangélicos acreditavam que suas denominações em particular ofereciam respeito e *status* especiais para suas mulheres. Nesse sentido, imagens de família também foram cruciais para o trabalho das missões coloniais. Gênero provou ser uma ferramenta poderosa de evangelismo colonial.²²⁸

Nesse sentido, Eliane Moura da Silva pondera que após longos períodos de afastamento de seus países e comunidades religiosas, as tensões de gênero eram abandonadas, possibilitando imaginar e criar uma representação sobre a civilização e os estereótipos de gênero, raça, classe:

idealizando situações que glorificavam uma vida política e religiosa do mundo protestante e de suas sociedades e culturas, principalmente no que se referia à posição das mulheres como o modelo de salvação e civilização. Algumas dessas idealizações apelavam para imagens maternais da religião e da conversão.²²⁹

Nesse período, os textos missionários incorporavam as relações sociais e ideológicas correntes no período. Foram introduzidos nesses textos uma concentração no gênero e na domesticidade, facilitando tanto a alegorização moral da intervenção imperial como o confronto com a cultura britânica e os seus pressupostos sobre a feminilidade, a masculinidade e as relações domésticas.²³⁰ Para Prevost, o movimento missionário encarregou as mulheres de uma série de objetivos para responder às mudanças dos interesses nacionais, internacionais e

²²⁷ ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009. p. 127-128

²²⁸ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p. 38-39

²²⁹ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> p.31.Acesso: Maio/2021

²³⁰ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.3

eclesiásticos: garantir convertidos, libertar as mulheres não ocidentais, estabelecer novas ordens sociais e políticas cristãs, estabilizar e regenerar vida nacional e oferecendo uma saída profissional para mulheres educadas, competências e redes das mulheres. O elevado número de respostas femininas a este apelo sugere que o campo missionário também fez um apelo para que certas mulheres combinassem a convicção cristã e a experiência profissional numa capacidade que não conseguiriam em casa.²³¹

Nesse parâmetro, de acordo com Jane Hunter, as matrículas de mulheres solteiras no trabalho missionário nunca foram tão altas quanto na virada do século XIX para o XX, segundo ela, talvez porque o movimento missionário feminino oferecia carreiras respeitáveis até mesmo para moças de classe baixa. Em 1890, as mulheres casadas das juntas missionárias gerais e as mulheres solteiras das juntas femininas juntas compunham sessenta por cento da força da missão.²³² Para Singh, a participação das mulheres no movimento missionário, foi marcada por um lado, por seus próprios desejos concorrentes de autonomia e realização pessoal, e por outro, de garantia de aprovação divina e aceitação social.²³³

De acordo com Myrtle Hill, o recrutamento de mulheres para a causa missionária foi um reconhecimento da necessidade de se infiltrar na esfera privada do lar e influenciar as mães cujo papel na regeneração moral do país era reconhecido como crítico. Hill ainda aponta que as quatro principais áreas principais de esforço missionário feminino foram marcadas da seguinte forma: orfanatos, a missão doméstica ou zenana, escolas e trabalho médico.²³⁴ Essa separação de esferas garantiram que o relacionamento com seus colegas masculinos enfatizasse as diferenças entre os sexos em vez de igualdade. Hill reforça que embora frequentemente o trabalho das mulheres fosse reconhecido como fundamental para o sucesso do empreendimento missionário, os líderes religiosos do sexo masculino preservaram as diferenças tradicionais de gênero, enfatizando que a aptidão das mulheres para o trabalho missionário se baseava no que era percebido como características definidoras da feminilidade. Submissão, amor, ternura,

²³¹ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Field: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3.** Boston: BRILL, 2021.p.1101

²³² HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China.** New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. xiii-xvi

²³³ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s).** New York: Routledge, 2000. p.7

²³⁴ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries.** Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.172

autossacrifício, devoção, simpatia, que são traços característicos da piedade das mulheres e, quando unidos a dons, conhecimento e graça, tornam uma missionária modelo.²³⁵

Segundo Prevost, os aspectos da feminilidade ocidental do cristianismo evangélico, concentrava sua ênfase nas qualidades inatas das mulheres de espiritualidade, autossacrifício e pureza moral.²³⁶ Para Prevost, o discurso evangélico classificou o trabalho missionário como uma realização ideal da vocação natural da mulher porque canalizou as mesmas qualidades de serviço, altruísmo e espiritualidade, virtude e compaixão que caracterizaram o casamento, a maternidade e a domesticidade.²³⁷

De acordo com Hill, ao mesmo tempo que se valorizava os ideais de feminilidade como virtudes desejáveis, as características mais “negativas” da feminilidade oferecidas pela ideologia dominante do período também eram utilizadas para justificar a subserviência das mulheres ao controle masculino no campo missionário. Havia uma preocupação da liderança missionária masculina que argumentava que as mulheres eram constitucionalmente, com algumas exceções, mais emocionais e menos controladas, mais ansiosas, mais facilmente ‘preocupadas’, mais dadas a sobrecarregar suas forças.²³⁸

Para Hill, os discursos das lideranças masculinas da época que refletem as ideologias de gênero dominante do período, e é uma barreira para a interpretação histórica assim como as imagens estereotipadas de missionárias como figuras de romance e aventura apresentadas nas biografias institucionais e familiares, e na literatura religiosa em geral. Segundo Hill, essas representações eram frequentemente reforçadas pelos próprios escritos das mulheres sobre suas experiências missionárias, que geralmente, escreviam para um tipo de específico de público, e buscavam encorajar e inspirar e, portanto, se tornam reflexos da fé e não expressões de individualismo. Os escritos das missionárias também revelam até que ponto as missionárias

²³⁵ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.172-173

²³⁶ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1104

²³⁷ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1123

²³⁸ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.173

internalizaram discursos religiosos de humildade e passividade, ao afirmarem que nasceram para servir ao mundo.²³⁹

No entanto, Hill ressalta que é importante destacar que grande parte dessa retórica está em desacordo com a força de caráter, assertividade e coragem que também eram atributos necessários para o trabalho missionário e que levaram muitas mulheres a ações que expandiram significativamente as noções tradicionais do que constituía um comportamento feminino apropriado. O fato de viagens extensas, ajustes culturais difíceis, treinamento intelectual e uma carreira satisfatória, independente de marido e família, poderem ser enxertados no modelo tradicional de feminilidade sem alterar fundamentalmente o conceito dominante de feminilidade, reflete a importância da linguagem, imagens e simbolismo na perpetuação dos papéis convencionais de gênero.²⁴⁰

Segundo Prevost, o trabalho missionário proporcionou um espaço para legitimidade profissional e religiosa das mulheres, que a maioria dos estabelecimentos médicos, educacionais e eclesiásticos não permitiam. No entanto, a política oficial ditava que o papel das mulheres no evangelismo era doméstico, médico e educacional. Dessa forma, as mulheres eram responsáveis não pela conversão em si, mas pelas instituições culturais que solidificariam as conversões: o lar cristão e a escola cristã. No entanto, era impossível separar os aspectos religiosos e profissionais do evangelismo.²⁴¹

Havia, ainda, uma preocupação com o perigo que o missionarismo trazia aos papéis convencionais de gênero: era que em terras distantes as mulheres se alienariam das normas de gênero.²⁴² A ida de mulheres solteiras para o campo missionário, significou sair da esfera privada e entrar em uma esfera de vida pública. O trabalho dessas mulheres foi moldado pelas configurações da sociedade de envio, bem como pelas condições prevalecentes dentro da

²³⁹ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.174

²⁴⁰ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.174

²⁴¹ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1107

²⁴² MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358.p.355

cultura receptora.²⁴³ Com isso, o campo missionário poderia reconstituir formas de feminilidade naturalizadas socialmente, bem como desmorná-las.²⁴⁴

Hunter observa que muitas mulheres se candidataram ao serviço missionário pelo desejo de aumentar a influência de sua vida além do que poderia ser em casa. As mulheres expressaram o desejo de ser úteis e fazer de suas vidas um serviço aos outros.²⁴⁵ Nesse sentido, o papel missionário feminino, no final do século XIX e primeira metade do século XX, ofereceu às mulheres oportunidades de trabalho, viagens e independência, aumentando a capacidade das mulheres de reivindicar suas próprias experiências.²⁴⁶ Para McColl, o trabalho missionário não só permitiu às mulheres uma “forma de esforço útil”, mas também abriu novos espaços de envolvimento que transcenderam os papéis de gênero prescritos e foram além das restrições do domínio masculino.²⁴⁷

Patrícia Grimshaw, ressalta que as mulheres solteiras mostraram notável inventividade e resiliência pessoal em sua determinação de realizar suas ambições. A maioria evitava alegremente os obstáculos às suas iniciativas pessoais para perseguir objetivos que estavam fora das convenções do trabalho feminino, uma vez que as mulheres se viam dotadas de considerável autoridade entre os convertidos. Nessa conjuntura, é possível destacar que, vencendo algumas convenções forçosamente organizadas, missionárias foram capazes de criar carreiras peculiares, como por exemplo, Mary Slessor, Amy Carmichael e Gladys Aylward.²⁴⁸

As mulheres através do movimento missionário, se tornaram agentes da própria ação, e desafiaram as estruturas patriarcais buscando operacionalizar estrategicamente através das instituições estabelecidas, ao mesmo tempo que conquistaram e construíram espaços e influências para si mesmas, mostrando-se como figuras centrais nos projetos que estavam envolvidas. Com isso, considerando as expectativas de gênero do período, este trabalho se

²⁴³ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.206

²⁴⁴ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1131

²⁴⁵ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 39-42

²⁴⁶ LUTKEHAUS, Nancy C. Missionary Maternalism: Gendered Images of the Holy Spirit Sisters in Colonial New Guinea. In: HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p. 216

²⁴⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024.p.308

²⁴⁸ GRIMSHAW, Patrícia. Faith, Missionary Life, and the Family. In: LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004.p.270

propõe a analisar como os biógrafos narraram a atuação missionária de modo que se tornassem modelos exemplares a serem heroicizados, articulando ao mesmo tempo, heroísmo com ações femininas que representavam transgressões ao modelo convencional de gênero do período, assim como observar como essa articulação paradoxal se mantém e se transforma nas reescritas biográficas.

A análise das biografias de mulheres missionárias a partir da categoria e dos debates sobre gênero e religião, possibilitará perceber como os ideais de feminilidade cristã foram atribuídos, celebrados ou reforçados. Observando de que maneira os biógrafos constroem o protagonismo da missionária, e ao mesmo tempo em que apresentam atitudes consideradas transgressoras, considerando que elas operavam em um campo de tensão. E quais discursos biográficos utilizam para construir heroínas consideradas dignas de serem biografadas.

1.4. ENTRE O FASCÍNIO E AS POSSIBILIDADES DA ANÁLISE BIOGRÁFICA

As biografias missionárias protestantes, impressas em formas de livros e centradas em figuras nomeados como *heróis da fé*, circulam no Brasil, desde pelo menos o início do século XX, publicadas por editoras como a Imprensa Metodista e a Casa Publicadora Batista. Um dos livros mais bem-sucedidos nesse gênero é a coletânea biográfica “Heróis da Fé” de Orlando Boyer, que em 2021 lançou sua 69ª edição pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Esta coletânea apresenta vinte homens selecionados, dos quais nove foram missionários que viveram entre os séculos XVIII e XX. A produção dessas biografias, assim como de biografias missionárias individuais, e a sua circulação pelo mercado editorial religioso, permitem-nos analisar como a biografia missionária pode ser compreendida dentro de sua historicidade e a sua constituição no espaço biográfico protestante.

Além de biografias missionárias, o gênero biográfico em geral é um grande sucesso editorial. O historiador francês, François Dosse aponta que é possível diagnosticar uma explosão biográfica nas últimas décadas, afirmando que “a febre biográfica persistiu e se

instalou definitivamente no meio editorial.”²⁴⁹ A explosão biográfica ocorrida após 1980 cresceu nas décadas seguintes, chegando a ocupar os primeiros lugares de livros mais vendidos, durante a década de 1990. Para Dosse, um dos trunfos do gênero biográfico, tanto na literatura quanto nas ciências humanas, é a sua receptividade.²⁵⁰

No Brasil, as biografias também alcançaram grande sucesso editorial na década de 1990. Segundo o Catálogo Brasileiro de Publicações, houve um crescimento de 55% do gênero em relação a 1987.²⁵¹ De acordo com a Câmara Brasileira do Livro (CBL), em 2020 foram publicados no país 2.093.547 exemplares de biografias, e em 2021 esse número subiu para 2.800.682, indicando um crescimento contínuo nos últimos anos.²⁵²

O historiador francês Jacques Revel aponta que a vitalidade da biografia como gênero “se explica sem dúvida, entre outros fatores, pelo fato de jogar com uma variedade de públicos e também com uma gama muito vasta de compradores que vão além de historiadores profissionais.”²⁵³ Nesse sentido, em consonância com esse pensamento, a socióloga argentina Leonor Arfuch ressalta que essa recepção multifacetária do gênero biográfico, que se destaca pela pluralidade de públicos, leitores e espectadores, reflete um interesse sustentado e renovado nos infinitos matizes da narrativa vivencial. Para Arfuch, as razões da adesão das pessoas à biografia se explicam pela necessidade de identificação com outros, pelos modelos sociais de realização pessoal, pela curiosidade, que não isenta de voyeurismo, e pela aprendizagem através da experiência da vida.²⁵⁴

Para Arfuch, a proliferação atual de biografias demonstra sua resistência ao tempo e aos estereótipos do gênero. Além de refletir o contínuo apoio do público, elas oferecem “[...]esse *algo a mais* que ilumina o contexto vital da figura de algum modo conhecida – dificilmente se lê a biografia de um personagem que se desconhece.”²⁵⁵ Arfuch argumenta ainda que, há pouco mais de dois séculos, há uma obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase

²⁴⁹ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 5.

²⁵⁰ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.17

²⁵¹ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 3-22, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2040>. Acesso em: maio/2021 p. 3

²⁵² CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. https://www.cbl.org.br/pesquisas_de_mercado_categoria/1-producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/ Acesso em: junho/2022.

²⁵³ REVEL, Jacques. **História e historiografia: Exercícios críticos**. Trad. Carmem Lúcia Druciak. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p. 235

²⁵⁴ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p. 16

²⁵⁵ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.139-140

na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência.²⁵⁶ Nesse sentido, Peter Burke arrazouou que essa prática não é limitada às últimas décadas, observando que “[...] podemos encontrar biografias, se não, como já foi dito, ‘em todas as épocas e países’, ao menos em muitas culturas e períodos.”²⁵⁷

O grande número de ofertas de biografias no mercado editorial resulta não apenas da produção de historiadores, mas também de diversas pessoas com diferentes ocupações e objetivos. Além das biografias, há também uma considerável produção de autobiografias e memórias que contribuem para enriquecer o gênero. Segundo o historiador Rodrigo Paziani, “a biografia conquistou um lugar indiscutível na sociedade moderna através do mercado editorial, das livrarias, de programas de televisão ou dos documentários cinematográficos.”²⁵⁸

É consenso entre os historiadores que trabalham com este tema o fascínio e o interesse que biografias despertam nas pessoas. Para a historiadora Vavy Pacheco Borges, a biografia, no senso comum, “é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu.”²⁵⁹

A pesquisadora Kalina Silva destaca que uma das características que torna a biografia objeto de interesse público é seu o diálogo com o cotidiano e o interesse generalizado pela vida privada que reside em todos nós.²⁶⁰ Nesse sentido, Arfuch nos instiga a refletir sobre o que impulsiona essa paixão por investigar a minúcia cotidiana da vida de outros. Uma das hipóteses da autora é que

[...] o que parece evidente é a coexistência no imaginário social de ambos os ‘modelos’, o estelar e o das vidas comuns, em sua invariável mistura e superposição – como na vida: desventura dos poderosos, ascensões e quedas, golpes de sorte dos humildes, felicidade das coisas simples etc.²⁶¹

²⁵⁶ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p. 15

²⁵⁷ BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 83-98, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2038> Acesso em: maio/2021. p.1

²⁵⁸ PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. Versões, Reversões, Controvérsias: o desafio biográfico. **REVISTA USP**. São Paulo. n. 92. p. 190-200 • dez-fev. 2011-2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34991/37729> . Acesso em: julho/2021.p.194

²⁵⁹ BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2ª edição. São Paulo: Contexto. p. 215.

²⁶⁰ SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: PINSKY, Carla Bassanezzi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. 1ª edição. São Paulo. Editora: Contexto, 2010. p. 13

²⁶¹ ARFUCH, Leonor. 2010. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ. p. 79

Nessa perspectiva, o historiador Benito Bisso Schmidt cita o romancista João Ubaldo Ribeiro, para apontar que nas biografias “existe o consolo do defeito [...]. O leitor se sente confortado ao descobrir que grandes personalidades também cometeram deslizes e tiveram problemas.” De acordo com Schmidt, isso ajuda a explicar o grande sucesso editorial das biografias.²⁶² Sob essa mesma lógica, François Dosse argumenta que “a biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe, por isso mesmo, comparar sua outra própria finitude à da personagem biografada.”²⁶³

Partindo de um interesse diferenciado do público leigo pelas biografias e de fundamentações teóricas desse campo de estudo, os historiadores reconhecem que este gênero apresenta muito mais complexidades do que o simples espiar por trás das cortinas do palco e representações momentâneas. Percebendo o potencial dessa categoria de análise e das fontes biográficas, diversos historiadores e teóricos das ciências humanas buscaram refletir e se aprofundar no debate acerca deste tema. Para esta tese, buscaremos leituras que fundamentem análises biográficas que viabilizem construir um olhar específico para as biografias missionárias.

1.4.1. As possibilidades de análise historiográfica da biografia

A biografia, sendo narrativa por excelência,²⁶⁴ segundo Dosse, “é um elemento privilegiado na reconstituição de uma época com seus sonhos e angústias.”²⁶⁵ Podemos considerar um relato de vida como testemunho inestimável de uma época,²⁶⁶ e graças a este gênero “o historiador se tornou um escritor que se dirige a um público que aguarda uma

²⁶² SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Revista Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, p. 3-22, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2040>. Acesso em: maio/2021. p. 5

²⁶³ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.410

²⁶⁴ PRIORE, Mary Del. Biografia, Biografados: Uma janela para a História. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 76.

²⁶⁵ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.11

²⁶⁶ ARFUCH, Leonor. 2010. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ. p. 35

narrativa de acontecimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos reais, interpretados.”²⁶⁷

Para Dosse, ao ler uma biografia, o leitor obtém uma visão única de uma época e da maneira como o personagem a experienciou.²⁶⁸ É possível compreender as ações, escolhas e decisões do biografado ao analisar o contexto da época, refletindo sobre ele interagiu com os fatos que estavam ocorrendo ao seu redor e estabeleceu relações com seu meio e seu tempo.

Ainda que conscientes dos encantos e fascínios da biografia, os historiadores que escolheram essa abordagem historiográfica para analisar seus objetos de pesquisa, e fontes biográficas, buscam refletir sobre os problemas e armadilhas existentes na escrita e na análise biográfica. Uma das principais preocupações dos historiadores é evitar cair na “ilusão biográfica”, conforme alertado pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.²⁶⁹

Na crítica conhecida como “ilusão biográfica”, Bourdieu sugere que as biografias podem acabar sendo somente um relato linear e reducionista das “histórias de vidas”. Para a historiadora Sabina Loriga, o posicionamento de Bourdieu é extremamente importante “porque deixou claro os riscos de uma certa inconsciência ou preguiça metodológica na redescoberta das biografias feita pelas ciências sociais nas últimas décadas do século XX”.²⁷⁰ No entanto, ela também critica o sociólogo pelo fato que

sugere a existência de apenas uma forma de escrita biográfica, embora haja várias. Por exemplo, inúmeras biografias privilegiaram uma narração cronológica seguindo as escansões biológicas da existência: o nascimento, a formação, a carreira, a

²⁶⁷ PRIORE, Mary Del. Biografia, Biografados: Uma janela para a História. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p.82

²⁶⁸ DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015p.18

²⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.185

²⁷⁰ LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica, realizada por Benito Bisso Schmidt em junho de 2002. Tradução de Benito Bisso Schmidt, revisão de Flávio Heinz. **Métis: história e cultura**, vol. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 18-19. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1038/704> . Acesso em: junho/2021

maturidade, o declínio e a morte. Mas isso não implica que a biografia deva, necessariamente, apoiar-se em uma trama cronológica.”²⁷¹

Mostrando como a biografia possibilita problematizar a “ilusão biográfica” e evitar que a biografia seja simplesmente um “espelho” ou “ponte” para compreender uma sociedade ou período histórico, ou que seja uma história cronológica, factual, linear e pouco problemática - não está inscrito na reflexão biográfica,²⁷² Loriga nos apresenta o interessante conceito de biografia coral que “concebe o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado.”²⁷³ As biografias ‘corais’, elemento de tensão de uma multiplicidade, restitui os fenômenos de interações, o emaranhado de vidas, assim como a implicação do biógrafo na sua evocação do outro.²⁷⁴

Nesse sentido, a historiadora Vavy Pacheco aponta:

Como nós, nossos personagens históricos não são modelos de coerência, de continuidade, de racionalidade; como para nós, as tensões entre o vivido e o que imaginado e desejado são fundamentais em suas vidas. E, para eles, como para nós, há uma parte indecifrável do aleatório, do imprevisível, do misterioso da vida [...]²⁷⁵

Em concordância com Borges, o historiador Alexandre de Sá Avelar reforça que “O enredo de uma vida não é uma trajetória retilínea em direção a um fim determinado que já se manifestava desde os momentos mais remotos da infância do personagem.”²⁷⁶ Mesmo que em

²⁷¹ LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga. Tradução: Clinio de Oliveira Amaral e Ana Carolina Almeida. **História da historiografia**. Ouro preto. Número 9. Agosto, 2012. pp. 26-37. Adriana Barreto de Souza e Fábio Henrique Lopes. p. 32. Disponível em : <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/473> Acesso em: junho/2021

²⁷² SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 5, n. 9, p. 106-128, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5977/597769697009.pdf> Acesso em: setembro/2022.

²⁷³ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: A experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1998. p. 249.

²⁷⁴ DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. **Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 7-36, 30 jun. 2020. p. 8. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249> Acesso em: junho/2021.

²⁷⁵ BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.) **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 233

²⁷⁶ AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. **Dimensões**, n. 24, p. 157-172 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024> Acesso em: agosto/2021. p. 163

uma escrita biográfica o autor descreva a vida da sua personagem desde o nascimento até a sua morte, existe neste intervalo de tempo as ações do sujeito que apresentam pluralidades, falhas, sucessos, hesitações, entre outros atos que o tornam único entre iguais. Tendo em vista as complexidades de uma vida, podemos buscar a legitimidade biográfica através do conceito de identidade narrativa proposto por Paul Ricouer, como sugere Maria da Glória, que baseia-se na temporalidade do sujeito “cuja identidade não se torna tangível fora das mediações narrativas ‘que não cessam de se fazer e refazer’”²⁷⁷.

Para desenvolver uma escrita ou uma análise biográfica sem cair nas armadilhas da “ilusão biográfica”, a historiadora Maria da Glória que sugere aos historiadores recorrer à operação narrativa baseada na construção da intriga, “capaz de configurar eventos ou incidentes múltiplos em um todo dotado de coesão e sentido.”²⁷⁸ Sobre essa construção narrativa, ela ressalta que “o ponto de origem de qualquer estrutura narrativa está no fato de que alguém agiu em um dado tempo, o que permite a articulação entre enredo e personagem.”²⁷⁹

Sobre narrar uma vida, Maria da Glória de Oliveira aponta que a condição de possibilidade para que uma existência possa ser narrada como história e, por conseguinte, *biografada* “é a de que um conjunto de ações possa ser atribuído ao mesmo agente ou sujeito no espaço temporal entre o seu nascimento e a sua morte.”²⁸⁰ Nesse sentido, Maria da Glória de Oliveira nos apresenta as reflexões de Paul Ricouer sobre as ações dos sujeitos no tempo, cujos sentidos se abrem e se refiguram nas operações imbricadas de escritas e de leituras narrativas. Desta forma a historiadora nos indica a alternativa para ultrapassar as aporias da natureza “ilusória” da escrita biográfica.²⁸¹ Ressaltando que para formular suas reflexões, Paul Ricouer se baseou na teoria da ação de Hannah Arendt.

Buscando esclarecer seu raciocínio Maria da Glória de Oliveira aponta que

²⁷⁷ OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago.2017. p. 438. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ntq83wsCkvgK48dWByZWHGG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em Maio/2021 p. 442

²⁷⁸ OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago.2017. p. 438. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ntq83wsCkvgK48dWByZWHGG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em maio/2021.

²⁷⁹ OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago.2017. p. 438. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ntq83wsCkvgK48dWByZWHGG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em maio/2021

²⁸⁰ OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago.2017. p. 431. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ntq83wsCkvgK48dWByZWHGG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em maio/2021

²⁸¹ OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago.2017. p. 444. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ntq83wsCkvgK48dWByZWHGG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em maio/2021.

A noção de ipseidade, proposta por Ricoeur, colocaria em evidência, portanto, a dimensão temporal implicada tanto no sujeito quanto na sua ação: ‘diferentemente da identidade abstrata do mesmo, a identidade narrativa, constituída da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida.’²⁸²

Considerando esse posicionamento, tanto a escrita biográfica quanto seu estudo superam a barreira da “ilusão biográfica”, uma vez que demonstram que a narrativa de uma vida não é necessariamente linear, nem mesmo previsível, e não mantém uma identidade fixa e sem falhas. Isso propicia ao historiador uma ampla gama de possibilidades de análises. Podemos considerar então que a solução para transpor o problema da “ilusão biográfica” está em compreender em quem é o sujeito da ação, conforme Paul Ricoeur, cuja questão pode ser respondida através da construção da narrativa.²⁸³

É preciso ponderar que as ações de um sujeito são muito mais complexas que descrições e representações de um caminho linear, uma estrada ou uma carreira com suas encruzilhadas. Há muito o que se considerar em uma vida: suas relações sociais, culturais, políticas, entre outras. Outro desafio importante no processo de análise da construção da narrativa biográfica, é a busca pela compreensão da profundidade e singularidade do eu, que está em constante mutação. Segundo Arfuch, este é um gênero privilegiado para analisar individualidades e outorgar através da narrativa sentido à experiência.²⁸⁴

Deixar de reconhecer que as ações individuais podem influenciar em mudanças históricas, é ignorar os principais agentes dessas transformações e suas singularidades. Para respaldar a importância dos estudos biográficos, Sabina Loriga destaca a seguinte colocação de Thomas Carlyle “a vida social é resultado de todas as vidas individuais que compõe a sociedade.”²⁸⁵ Ela ressalta ainda que, para Carlyle “a única maneira de penetrar na intimidade do passado era se interessar pelos homens”.²⁸⁶ Desse modo, desconsiderar trajetórias

²⁸² OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago.2017. p. 439. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ntq83wsCkvgK48dWByZWHGG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em maio/2021.

²⁸³ DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. **Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 7-36, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249> Acesso em: junho/2021. p.14

²⁸⁴ ARFUCH, Leonor. 2010. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ. p. 55

²⁸⁵ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: A experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.1998. p. 232.

²⁸⁶ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: A experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.1998. p. 232.

individuais é desvalorizar a formação coletiva, pois só se forma coletivos a partir de junções e decisões individuais de fazer parte dos grupos sociais.

Sobre a importância de estudar trajetórias individuais, Benito Bisso Schmidt afirma que “muitos trabalhos biográficos produzidos em nossa área têm se mostrado valiosos para se compreenderem melhor determinadas facetas e problemas históricos que dificilmente seriam conhecidos com base em outras abordagens.”²⁸⁷ Um dos aspectos mais importantes envolvendo o estudo da biografia segundo este historiador “é compreender o sentido histórico da vida que se estuda.”²⁸⁸

Ainda segundo Schmidt, os historiadores realizam suas pesquisas não com o intuito de desvendar segredos, mas sim de explicar historicamente os percursos dos biografados, de pensá-los a partir de seus projetos e campos de possibilidades. Eles também têm consciência de que as explicações históricas, embora assentadas na rigorosa pesquisa das evidências do passado, são provisórias e contextuais, e que, portanto, não se pode falar em biografias “verdadeiras” e “definitivas”.²⁸⁹

Para Adriana B. Souza, as pesquisas biográficas evitam a formulação de paisagens monolíticas do passado, mostrando que a condição da singularidade dos indivíduos deixa margens de manobra, através das quais os homens podem se movimentar socialmente e promover mudanças em seu meio.²⁹⁰ Nessa perspectiva, Avelar ressalta que as escritas biográficas revelam-se, portanto, um *lócus* privilegiado para revalorização dos atores sociais, “alargando nossa compreensão do passado sem tomá-lo como uma unidade dada e coerente, mas como um campo de conflitos e de construção de projetos de vida.”²⁹¹

Souza ressalta ainda, que a trajetória de uma vida, se entendida como uma brecha de acesso ao passado “pode nos oferecer outros meios para pensar questões mais gerais, relativas a relações familiares, à formação escolar-acadêmica, e a estratégias de socialização e de ação

²⁸⁷ SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura. **História (São Paulo)**, v. 33, n. 1, p.124-144, jan./jun.2014. ISSN 1980-4369. p. 140. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/GkSkGgjBGzFYRHj8xCckbkG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: maio/2021

²⁸⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura. **História (São Paulo)** v. 33, n. 1, p.124-144, jan./jun.2014. ISSN 1980-4369. p. 140. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/GkSkGgjBGzFYRHj8xCckbkG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: maio/2021

²⁸⁹ SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura. **História (São Paulo)**, v. 33, n. 1, p.124-144, jan./jun.2014. ISSN 1980-4369. p. 140. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/GkSkGgjBGzFYRHj8xCckbkG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: maio/2021

²⁹⁰ SOUZA, Adriana Barreto de. Biografia e escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universitária Rural: Série Ciências Humanas**. Seropédica, RJ: EDUR, v.29, n.1, p.27-36, jan-jul, 2007. p.34

²⁹¹ AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. **Dimensões**, n. 24, p. 157-172 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024> Acesso em: agosto/2021. p.170

no mundo.”²⁹² Nesse sentido, as biografias missionárias nos oferece meios para pensar as famílias das missionárias, a formação e preparação acadêmica e espiritual das enviadas, as estratégias de evangelização adotadas por elas nos campos de missão, entre outros atravessamentos.

Quando estudamos uma biografia, é importante ter consciência de que estamos lidando com uma construção. Isso é válido até mesmo em autobiografias, no qual o autor constrói uma imagem de si mesmo. No caso das biografias, é o biógrafo quem constrói o personagem. Mesmo que se busque compreender completamente um indivíduo, isso não é plenamente possível, pois apenas facetas específicas são visíveis. No entanto, essas facetas não deixam de ser verdadeiras.

Quanto às facetas que compõem uma personagem, é essencial considerar que estas estão em constante movimento, sujeitas a mudanças, e são voláteis. Entre elas, podem existir lacunas às quais o biógrafo não teve acesso e que nem sempre consegue preencher completamente. No entanto, esse fato não torna a biografia um gênero descartável ou duvidoso; ao contrário, ela revela as complexidades que constituem uma vida, assim como os desafios da sua escrita e análise.

As facetas visíveis ao autor são carregadas de significados e construções que as fontes permitem ao historiador perceber. Diferentes biógrafos podem escrever sobre o mesmo indivíduo e obter resultados diferentes. Mesmo que o biógrafo tente ser o mais fiel possível na interpretação em relação às suas fontes, inevitavelmente transmite em sua escrita uma percepção influenciada por suas próprias impressões. Isso não implica que o relato biográfico não seja verdadeiro, mas indica que cada vida adquire um sentido particular quando observada.

Ao estudar biografias, deparamo-nos com as especificidades dos sujeitos analisados, o que enriquece nossas pesquisas. Os eventos históricos que ocorreram em torno ou que envolveram a personagem biografada podem nos ajudar a responder a questões de pesquisa, preenchendo lacunas em sua vida, já que as trajetórias individuais se entrelaçam com as experiências coletivas.

Um dos grandes desafios ao analisar biografias é encontrar melhor maneira de realizar a operação historiográfica e pensar a trajetória do sujeito dentro da sua singularidade, sem desconectá-lo do contexto que viveu. Mesmo ao lidar com a biografia de uma figura heroica, é essencial perceber as possibilidades de contradições, hesitações, recuos, ambiguidades e

²⁹² SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 5, n. 9, p. 106-128, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5977/597769697009.pdf> Acesso em: setembro/2022. p. 120

ambivalências em sua trajetória. São as ações do sujeito que legitimam a abordagem biográfica no campo da escrita da história.

Quando buscamos entender que é possível escrever e analisar uma obra biográfica além de uma narrativa simplória, cronológica e determinista, abrimos caminhos para compreender os motivos pelos quais este gênero é tão utilizado como recurso e instrumento para determinados grupos com diferentes objetivos. Nessa perspectiva, Daniel Madelénat, definiu a função social da biografia da seguinte forma:

A biografia gera uma parte da memória, liofiliza o passado em módulos prontos para consumo, irriga docemente o hoje com os encantos do ontem [...] Desempenha a função moral: tira as mônadas de sua solidão, abre veredas de pesquisa de identidade, escancara o santuário da personagem, propõe modelos que suscita a projeção e a introjeção formativas.²⁹³

Nesse sentido, cabe a seguinte colocação de Dosse que aponta que a biografia:

[...]têm, pois, essa função de abrir para o presente um espaço suscetível de marcar o passado para redistribuir o espaço dos possíveis. A prática do historiador está, pois, por princípio, aberta a novas interpretações, a um diálogo sobre o passado aberto para o futuro, a ponto de se falar cada vez mais de ‘futuro de passado’ Ela não pode, portanto, deixar-se encerrar numa objetivação fechada sobre si mesma.²⁹⁴

Portanto, para o trabalho de análise biográfica, é fundamental observar os diversos objetivos que podem motivar o uso de uma biografia, que podem variar conforme as necessidades, desejos ou estratégias situacionais. Elas podem servir como exemplos inspiradores, despertar sentimentos e garantir continuidades, além de contribuir para o patrimônio nacional, a representação cultural ou organizações institucionais. Partindo dessas perspectivas, nosso objetivo será refletir sobre a construção da narrativa da heroína missionária nas biografias missionárias, explorando seu papel no espaço biográfico protestante e seu diálogo entre o passado e presente.

²⁹³MADELÉNAT, Daniel. La biographie aujourd’hui. *Mesure*.p.55 *apud* DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 18

²⁹⁴DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.410

O conceito de *espaço biográfico*, conforme trabalhado por Leonor Arfuch, é essencial para compreensão da existência e análise do *espaço biográfico protestante*. Na literatura e da cultura impressa protestante, esse espaço abriga diversas formas biográficas, incluindo a biografia missionária. Arfuch concebe o *espaço biográfico* não apenas como uma soma de gêneros formados em outro lugar, mas como um horizonte de inteligibilidade. Nele, é possível uma leitura transversal, simbólica, cultural e política das narrativas do eu e de seus múltiplos desdobramentos na contemporaneidade.²⁹⁵

Retomando seus apontamentos sobre esse gênero, Arfuch destaca que a biografia transita por um terreno indeciso entre testemunho, romance e relato histórico, ajustando-se à cronologia e a invenção do tempo narrativo. Frequentemente, é inspirada pela devoção ao personagem, que naturalmente se torna um herói ou heroína. Contudo, sua valoração como gênero não deixa de ser controversa, pois exige respeito à sucessão das etapas da vida, busca por causalidades e atribuição de significados, justificando nexos esclarecedores entre vida e obra.²⁹⁶

Para Arfuch, o espaço biográfico representa um campo comum de intelecção de narrativas diversas, mantendo a especificidade e sendo capaz de dar conta de deslocamentos, semelhanças, mutações de forma e significado.²⁹⁷ Assim, ao analisarmos a constituição do espaço biográfico missionário do século XIX e seus deslocamentos ao longo dos séculos seguintes, podemos comparar obras biográficas para observar essas semelhanças, mutações de forma e significado ao longo do tempo.

Para contextualizar o horizonte do espaço biográfico, Arfuch destaca o gesto fundador das “Confissões” de Rousseau, que tanto se delineia pela silhueta do grande homem cuja vida aparece inextricavelmente ligada ao mundo e a sua época, quanto a voz autocentrada que dialoga com seus contemporâneos, leitores e pares, além de se dirigir à posteridade.²⁹⁸

Ao caracterizar a constituição do espaço biográfico, Arfuch aponta que além de ser um reservatório das formas diversas em que as vidas se narram e circulam,

²⁹⁵ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p. 16

²⁹⁶ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p137-138

²⁹⁷ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p. 39

²⁹⁸ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p. 28-29

[...]adquirem seu sentido precisamente num *espaço/temporização*, numa simultaneidade de ocorrências que por isso mesmo podem se transformar em sintomáticas e serem suscetíveis de *articulação*, ou seja, de uma leitura compreensiva no âmbito mais amplo de um clima de uma época.²⁹⁹

A teórica acima reforça que o espaço biográfico, entendido como confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa, permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, e seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação.³⁰⁰

Para Arfuch, o espaço biográfico poderia incluir:

biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos e secretos, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeos e teatro autobiográficos, a chamada *reality painting*”, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias e novas variantes do show (talk show, reality show), a videopolítica, os relatos de vida das ciências sociais, e as novas ênfases da pesquisa e da escrita acadêmica.³⁰¹

Para essa autora, a multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida.³⁰² Aplicando essa caracterização de Arfuch para um espaço biográfico protestante, podemos citar não apenas a presença das biografias missionárias, mas também biografias de outros religiosos como avivalistas, pastores, missionados, membros das sociedades missionárias e igrejas, trajetórias de cantores evangélicos, memórias, cartas, relatórios de viagens, diários de devocionais, entrevistas de rádio, jornais e outras mídias. É importante destacar especialmente a emergência dessas narrativas nos meios de comunicação digitais, onde o biográfico protestante tem tido uma presença e disseminação significativa em plataformas virtuais, portais eletrônicos e páginas de redes sociais.

²⁹⁹ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.58

³⁰⁰ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.58-59

³⁰¹ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.60

³⁰² ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p111

No que diz respeito a delimitação do espaço biográfico, Arfuch sublinha a coexistência intertextual de diversos gêneros discursivos em torno de posições de sujeito autenticadas por uma existência ‘real’. Além de suas diferenças formais, semânticas e funcionais, esses gêneros, compartilham alguns traços, bem como certas formas de recepção e interpretação em termos de seus respectivos pactos/acordos de leitura. O *espaço*, como configuração maior que o *gênero*, “permite então uma leitura analítica transversal, atenta às modulações de uma trama interdiscursiva que tem um papel cada vez mais preponderante na construção da subjetividade contemporânea.”³⁰³

Partindo dessas colocações de Arfuch sobre as diferenças dos gêneros que compõem o espaço biográfico, sua recepção e as possibilidades de leitura analítica, pretendemos explorar as características específicas das biografias missionárias daquelas que foram nomeadas por seus biógrafos e instituições missionárias, como heroínas da fé. Nosso objetivo é compreender o processo de continuidade das narrativas discursivas construídas em torno dessas personagens ao longo do tempo e como elas se constituem o espaço biográfico protestante.

1.5. Biografia missionária: definição, histórico e escrita

Para explicar a definição de biografia missionária, Julie Anne McColl argumenta que as biografias missionárias juvenis fundiram história de aventura com as experiências da vida real de missionários como John Williams, James Hannington, Mary Slessor e especialmente David Livingstone.³⁰⁴ Concordando com McColl, pode-se acrescentar que as biografias missionárias em geral são uma fusão de aspectos das biografias hagiográficas com características da biografia cavalheiresca medieval, utilizando na estrutura narrativa o modelo de história de aventura. Nessa perspectiva, se a biografia é um gênero de caráter híbrido como afirma Dosse³⁰⁵, a biografia missionária se destaca como de exemplo de excelência.

³⁰³ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p131-132

³⁰⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies**, c. 1870-1917. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 14

³⁰⁵ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.13

Terrence Craig, doutor em Teoria Literária, afirma que houve uma profunda proximidade da biografia missionária com a hagiografia, principalmente nas anteriores às elaboradas por historiadores, que se chafurdavam em superlativos entusiásticos e otimismo vibrante.³⁰⁶ Alguns historiadores ainda classificam a biografia missionária como hagiografia, como o historiador Andrews Walls, que se referiu ao registro da vida do missionário anglicano Henry Martin, como um dos mais comoventes da moderna hagiografia missionária.³⁰⁷ Nesse sentido, podemos dizer que a biografia missionária é um gênero que transita entre a aproximação com os modelos hagiográficos e o afastamento de determinadas características desse gênero, produzindo uma linha tênue na distinção entre esses dois gêneros.

A hagiografia, a escrita da vida dos santos, é, segundo François Dosse, um gênero literário que privilegia as encarnações humanas do sagrado, com a ambição de torná-las exemplares para o resto da humanidade.³⁰⁸ Na mesma linha, Michel de Certeau afirma que a hagiografia é, a rigor, um discurso de virtudes,³⁰⁹ que servem para inspirar e doutrinar. James Rohrer complementa essa visão ao argumentar que as escritas hagiográficas representam seus biografados de forma idealizada, minimizando ou até mesmo ignorando completamente suas fraquezas e contradições.³¹⁰ Nesses aspectos, as biografias missionárias se aproximam das hagiografias no que diz respeito à representação idealizada do personagem, com a diferença de que as fraquezas são reinterpretadas à luz da religiosidade protestante, para a qual a fraqueza humana é vista como condição necessária para a plena dependência do poder divino.

Conforme Nadia Maria Guariza, na escrita hagiográfica:

A narrativa da vida do santo demonstra constantemente os sinais de sua santidade que será comprovada ao final da história. A trajetória de sua vida seria a revelação de sua santidade. O texto hagiográfico é permeado de intertextualidade, porque as trajetórias e as virtudes de outros santos são compartilhadas. Em muitas hagiografias podemos

³⁰⁶ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.21-22

³⁰⁷ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p.168

³⁰⁸ DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. **Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 7-36, 30 jun. 2020.p. 8. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249> Acesso em: junho/2021. p.19

³⁰⁹ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.272

³¹⁰ ROHRER, James R. Biography as Missiology: A Reflection Upon the Writing of Missionary Lives. **《台灣神學論刊》 28期** (2006/03) pp. 175-212 . Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212> Acesso em: jun. de 2024. p.196

observar o fato do santo ou da santa lerem a história de outros santos e se inspirarem nelas para viver a sua própria história de santidade.³¹¹

A partir dessa colocação podemos perceber que na escrita hagiográfica o indivíduo nasce para ser santo e está predestinado a isso. Nessa perspectiva, conforme Michel de Certeau, o que diferencia a biografia da hagiografia é que a primeira expressa uma evolução no tempo das potencialidades do indivíduo, enquanto a segunda postula que tudo é dado na origem.³¹² Porém, Dosse pondera que é necessário observar que, com as mudanças sociais e culturais dos séculos XII e XIII, a escrita da vida de santos passou a incorporar narrativas de conversão que mostravam ser possível alcançar a perfeição moral mesmo após o personagem ter passado parte da vida chafurdado no pecado e na ignorância. Dessa forma, o santo já não exibe linearmente as potencialidades que encontrou no berço. Ao contrário, a santidade se adquire pela “superação da prova, do trágico, e ao preço de uma conversão que decerto se efetua por ingerência divina, mas deve-se também à iniciativa do indivíduo eleito, cuja coragem é sinal tangível em sua beatitude.”³¹³ Opera-se, assim, uma mudança no quadro evolutivo da hagiografia: ela se desloca de uma narrativa teleológica, em que o indivíduo nasceu para ser santo (isso quando já não nasceu em santidade), para uma narrativa de transformação ao longo da vida.³¹⁴ Nesse aspecto, observamos aproximações da biografia missionária a esse gênero, pois sua narrativa também apresenta a construção ou transformação de um indivíduo “comum” em um missionário posteriormente considerado um herói.

Dana L. Robert afirma que a biografia missionária é principalmente uma fonte de inspiração espiritual entre os evangélicos, correspondendo a uma tendência de tratar essa escrita como hagiográfica.³¹⁵ Nesse aspecto, uma das principais semelhanças está no objetivo das duas formas de escrita de vida, que é o aspecto pedagógico. Segundo argumenta Schmidt “as

³¹¹ GUARIZA, Nadia Maria. História de religiosas brasileiras: entre biografias e hagiografias. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 19, n. 3, p. 1253-1281, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305543302014.pdf>. Acesso em: fevereiro/2023 p. 1264

³¹² CERTAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.272

³¹³ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.143-144

³¹⁴ Sobre hagiografia ver: DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. pp. 137-157; CERTAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

³¹⁵ ROBERT, Dana L. From Missions to Mission to Beyond Missions: The Historiography of American Protestant Foreign Missions Since World War II. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Vol.2. Boston: BRILL, 202. p.404

narrativas edificantes ofereciam modelos de conduta, de virtude, de caridade, de castidade, de fé, etc.”³¹⁶ Elementos basilares da maioria das biografias missionárias.

No entanto, por outro lado, a biografia missionária se afasta do gênero hagiográfico em um aspecto imperativo: o horizonte de expectativa do leitor. Como observa Dosse, o leitor de hagiografias sente a necessidade, “para se compreender, de preservar a distância e a diferença que o separam de seus heróis. Esse público quer, sobretudo, que os santos desempenhem o papel de intercessores.”³¹⁷ Na biografia missionária, a expectativa é inversa: busca-se que o leitor se identifique com o biografado a ponto de seguir seu exemplo, tornando-se ele próprio um missionário ou um apoiador ativo da causa missionária. O missionário biografado não é um intercessor espiritual, distante e intocável, mas sim um modelo de conduta a ser imitado.

Se, por um lado, a biografia missionária dialoga com a tradição hagiográfica, por outro lado, ela também é herdeira de outro modelo narrativo medieval: a biografia de cavalaria. É importante ressaltar que, no século XIX, houve um renascimento dos ideais cavaleirescos, o que permitiu uma série de manobras culturais vantajosas para a comunidade britânica.³¹⁸ Esse fator refletiu de forma significativa nas biografias missionárias, em forma de valores e ideais missionários. Nesse contexto, cabe citar Dosse, que entende que, no caso dos biógrafos medievais, para eles o cavaleiro era “um eleito de Deus cujo percurso está todo balizado de provas dolorosas”.³¹⁹ Esses aspectos são bastante semelhantes às narrativas missionárias, onde o personagem é alguém que escolheu fazer a vontade de Deus e tem sua trajetória marcada por dificuldades.

Em relação às biografias missionárias utilizarem estruturas de narrativas de história de aventura, Julie Anne McColl defende que a apropriação pelos biógrafos desse formato, se deve pelo fato desse gênero contar com uma narrativa previsível e familiar, marcada por tipos específicos de comportamentos e experiências, estrategicamente desenvolvido para entreter e inspirar os leitores.³²⁰ O mestre em história João Guilherme Züge argumenta que a convergência entre a Literatura Missionária e a Literatura de Viagem exerceu forte influência

³¹⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura. Caxias do Sul, RS. Vol. 2, n. 3 (jan./jun. 2003), p. 57-72**, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/173345> Acesso: junho/2021. p. 59

³¹⁷ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.144

³¹⁸ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003. p.41

³¹⁹ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.1532

³²⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 14-15

sobre as sensibilidades religiosas, sendo essa convergência uma das produtoras do mito do herói-missionário, capaz de mobilizar sentimentos de piedade e o voluntarismo para a conquista, mesmo que fosse a conquista “de corações e almas”.³²¹

Nesse sentido, a historiadora Marion Brepohl salienta que algo que se destaca na popularidade das narrativas de aventura era a sua capacidade de produzir e modular sentimentos e sensibilidades em seus leitores.³²² Enquanto isso, como afirma Julie Anne McColl, as biografias missionárias escritas em meados do século XIX e início do XX, foram consideradas especialmente adequadas para atender às necessidades de crianças da classe trabalhadora, “[...]já que a infância do protagonista muitas vezes se parecia com a sua experiência e muitas vezes foram escritas sob o disfarce de uma atraente história de aventura para envolver sua imaginação e emoção.”³²³

Para Gareth Griffiths, os relatos biográficos dos missionários são muitas vezes indistinguíveis daquelas narrativas de aventureiro/explorador exceto pelas etiquetas morais cristãs que são simplesmente acrescentadas.³²⁴ Partindo dessa indicação, McColl destaca que a imagem apresentada do missionário nas biografias missionárias, estava longe de ser de um mero aventureiro e continha discursos que disseminavam mensagens integrando ideais de gênero, imperialismo e superioridade britânica. As biografias criaram uma imagem positiva do missionário dentro do império, além de endossar ideias de autoajuda, dever, obediência e conformidade.³²⁵

McColl ainda ressalta que, no caso das biografias juvenis, os autores se baseavam na aventura popular para estruturar a história com o objetivo de inculcar nas crianças ideias e valores de identidade individual e nacional. A autora explica que essas ideias foram cuidadosamente aliadas a especificidades culturais e morais características da cultura jovem

³²¹ ZÜGE, João Guilherme. **Missões e o espaço de negociação: as narrativas de Robert H. Nassau sobre a presença protestante no Gabão (1874-1914)**. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/85049?show=full> Acesso: janeiro/2024. p.95

³²² BREPOHL, Marion. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 24-33

³²³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 12. [tradução nossa no corpo do texto]

³²⁴ GRIFFITHS, Gareth *apud* MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024 p. 10.

³²⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024 p.15

britânica mais ampla do final do século XIX e início do XX, quando conceitos como cidadania e sacrifício altruísta eram amplamente cultivados.³²⁶

Anna Johnston menciona que os antropólogos pós-coloniais Jean e John Comaroff indicam que a natureza do gênero do texto missionário se distingue das narrativas de viagem no aspecto da forma heroica e personalizada; pois, como soldados do império espiritual, suas biografias ilustram suas batalhas com as forças das trevas, e ligavam as conquistas individuais às conquistas da civilização.³²⁷

Ainda segundo Johnston, a literatura juvenil britânica do final do século XIX estava profundamente implicada na santificação dos missionários e dos ideais heroicos. A literatura juvenil missionária era voltada tanto para o entretenimento quanto para a instrução, com o objetivo de incutir sistemas de valores aprovados, para espalhar conhecimento útil, e fornecer modelos aceitáveis. Organizações evangélicas, como a Religious Tract Society (RTS) e a Society for the Promoting of Christian Knowledge (SPCK), publicaram literatura conscientemente didática para crianças, buscando infundir obediência, dever, piedade e trabalho duro.³²⁸

A biografia missionária, enquanto gênero literário pertencente à literatura protestante, floresceu principalmente no século XIX, tendo o herói missionário como figura central, especialmente masculina.³²⁹ Segundo Terrance Craig, o movimento missionário começou a ser intensamente registrado a partir de 1760, e não apenas em formato de relatório, mas também em adaptações ficcionais e relatos biográficos.³³⁰ As biografias passaram a ser utilizadas como representações missionárias como recurso estratégico pelas sociedades missionárias.³³¹

Inicialmente, as histórias de aventuras dos “heróis missionários da cruz”, formaram um gênero distinto de literatura da escola dominical.³³² A biografia missionária, assim como os demais recursos literários missionários, era utilizada na Era Vitoriana para encorajar os leitores das metrópoles a imaginarem os “pagãos” e a se sensibilizarem a patrocinar as missões.

³²⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 13

³²⁷ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.42

³²⁸ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.43

³²⁹ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.112

³³⁰ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. xii

³³¹ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.4

³³² ALVYN, Austin; SCOTT, Jamie S (eds). **Canadian missionaries, indigenous peoples: representing religion at home and abroad**. University of Toronto Press: Toronto, 2005. p. 5

Dezenas de histórias de missões e histórias de missionários foram escritas entre as décadas de 1850 e 1950. Segundo Michael D. Leigh, a maioria dessas histórias eram propagandistas e muitas romantizavam excessivamente seus heróis.³³³

A maioria dos textos missionários era de natureza propagandística. O objetivo era inspirar apoio público aos esforços missionários, garantir um fornecimento contínuo de fundos doados por indivíduos, instituições e governos, cultivar uma comunidade de cidadãos britânicos e americanos com ideias semelhantes, e encorajar uma comunidade de potenciais recrutas missionários.³³⁴

O empreendimento missionário foi energizado pelo entusiasmo gerado nas igrejas e reuniões, bem como pelo entusiasmo insuflado e reforçado por muitos livros e panfletos que o acompanhavam. O movimento missionário capturou a imaginação literária da Inglaterra e dos Estados Unidos nos anos 1800 e início dos anos 1900, sendo algo que qualquer um poderia apoiar e até participar.³³⁵ Isso gerava um entusiasmo e um maior apoio popular às missões.

A construção da imagem missionária elaborada nesse período está enraizada no que Gustav Warneck chamou de modelo de missões em todas as épocas, que seria o modelo do cristianismo primitivo heroico, que ele denomina de empreendimento missionário clássico. Esse modelo seria as ações, a vida, a escrita, as pregações, o sofrimento e a morte dos apóstolos.³³⁶ A partir disso, a maior parte da literatura missionária produzida no século XIX e início do XX, era escrita para arrecadação de fundos, como tal, tinha de ser interessante e conseguia isso capitalizando a novidade e a estranheza dos estilos de vida, língua e valores estrangeiros, assim como os relatos de sofrimento, superação, aventuras e o contato com o outro.³³⁷

Nesse sentido, a historiadora Ruth A. Tucker argumenta que as narrativas de missões trata-se “de um registro fascinante de lutas e emoções humanas, entrelaçados com tragédias, aventuras, romances, intrigas e tristezas.”³³⁸ Com o movimento missionário cristão sendo

³³³ LEIGH, Michael D. **Conflict, politics and proselytism: Methodist missionaries in colonial and postcolonial Upper Burma, 1887-1966**. Nova York: Manchester University Press, 2011.p.7

³³⁴ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.6-7

³³⁵ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p. 7

³³⁶ WARNECK, Gustav. **Outline of a History of Protestant Missions from the Reformation to the present time**. 8ª ed. Oliphant Andreson & Ferrier: Edinburg and London, 1906.p.5

³³⁷ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.93

³³⁸ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986. p.15

perpetuado através dos séculos por meio da biografia missionária.³³⁹ Segundo Craig, a biografia missionária seguiu o modelo de biografia europeia, tornando-se um centro de atenções para indivíduos verdadeiramente grandes, aqueles excepcionais que Carlyle apontaria como merecedores de adoração de heróis. Craig ressalta que essas vidas missionárias foram escritas por pessoas que viam David Livingstone ou William Carey da mesma forma que Carlyle via Frederico, o Grande.³⁴⁰

A escrita missionária tendia a privilegiar narrativas de sucesso evangelístico, ao passo que os fracassos e os resultados limitados raramente eram mencionados. Missionários que se tornavam apóstatas nas colônias, isto é, aqueles que tinham sua fé abalada pelo confronto com culturas distintas ou pelas adversidades do campo, ou que simplesmente abandonavam a obra dificilmente figuravam no registro público das sociedades missionárias. Nesse contexto, as figuras biografadas são quase invariavelmente retratadas de maneira heroica e resignada em seu sofrimento, sendo raramente associadas a crises de dúvida religiosa.³⁴¹

Conforme observa McColl, a maioria das biografias missionárias adere a uma estrutura narrativa padronizada, que oferece ao leitor uma trajetória de vida completa. Esse modelo costuma incluir episódios de uma infância por vezes rebelde, a experiência do chamado missionário, a partida do lar e os desafios da jornada em terras estrangeiras. Sobre esse esqueleto básico, eram construídas histórias personalizadas, concebidas para cativar, entusiasmar e doutrinar o público juvenil britânico. Essa convenção permitia aos autores incorporar tramas melodramáticas, pontuadas por descrições vívidas de perigo e autossacrifício.³⁴²

Podemos identificar na trajetória do herói missionário, os contornos clássicos da jornada do herói analisada por Hourihan. De acordo com ela, o protagonista, invariavelmente branco, britânico, americano ou europeu, deixa seu lar para se aventurar em terras selvagens em busca de um objetivo. Em seu caminho, ele enfrenta uma série de privações e é ameaçado por adversários perigosos. Sua vitória sobre essas forças é garantida por atributos como força, coragem, engenhosidade, racionalidade e determinação. O desfecho da jornada, muitas vezes

³³⁹ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986. p.16

³⁴⁰ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.56

³⁴¹ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.7

³⁴² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 205

associado a uma conquista espiritual ou ao resgate de outros, culmina com o seu retorno ao lar e a devida recompensa.³⁴³

Um aspecto importante destacado por Hourihan nessa estrutura é a sua linearidade. A noção de tempo linear é fundamental para as ideias de progresso e realização social, sendo, portanto, operante nas biografias missionárias. Conceitos como propósito, metas e sucesso ganham profundo significado quando inseridos em uma narrativa de avanço contínuo. Esse formato, ao apresentar os incidentes da vida do herói como uma sequência de desafios superados, gera no leitor um engajamento constante: a conclusão de cada episódio sacia temporariamente a curiosidade, apenas para ser reestimulado à medida que o protagonista avança para o próximo obstáculo. O resultado são narrativas emocionantes e de leitura fluida, que reforçam a ideia de uma vida como um projeto coerente e bem-sucedido.³⁴⁴

É justamente devido a esse padrão biográfico que Terrance Craig observou que ao estudar os teóricos da biografia que nenhum deles discute uma única biografia missionária, e não dão nenhuma sugestão de que existe um corpo de trabalho missionário. Craig ressaltou que esse é um conjunto de escritos que tem sido invisível para os críticos do século XX.³⁴⁵ Apesar de ter feito essa observação no final do século passado, em concordância com Craig, podemos afirmar que os estudos historiográficos sobre a escrita dessas vidas missionárias ainda são bastante escassos, principalmente no Brasil.

Craig aponta como justificativa para os estudiosos não se atentarem para a escrita biográfica missionária o argumento de que a biografia é voltada para a desmitologização, enquanto a biografia missionária faz justamente o oposto: constrói triunfalmente mitologias em apoio a uma mitologia central e raramente é desconstrutiva em si mesma. Enquanto as biografias do início do século XX reconheciam a instabilidade e o caos nas vidas individuais e na sociedade em geral, as biografias missionárias representavam uma estabilidade reconfortante.³⁴⁶

A construção mitológica das vidas missionárias teria sido devido às suas posições e ao empreendimento da evangelização, que não apenas assumiram autoridade, mas grande importância. É essa importância assumida que as diferencia em “grandeza” das vidas seculares

³⁴³ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p.9-10

³⁴⁴ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p.45-46

³⁴⁵ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.87

³⁴⁶ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.87

do mesmo período. A distinção está no fato de serem indivíduos que salvavam almas e aliviavam o sofrimento humano. Esta importância teve consequências sociais e culturais que ultrapassaram suas origens. Para Craig, isso pode ser mais satisfatoriamente explicado pela teoria foucaultiana do discurso, através de uma análise da função propagandística dos biógrafos nas eras colonial e pós-colonial.³⁴⁷

Segundo Craig, as escritas biográficas são histórias de sucesso por natureza, construídas no formato de expectativa de sucesso. Isso é especialmente verdadeiro nas narrativas missionárias, pois muitas vezes a vida é apresentada como divinamente designada e, portanto, incapaz de falhar enquanto a fé persistir. Segundo esse estudioso literário, esses livros foram escritos para provar exatamente esse princípio. Via de regra, apresentam a crença de recompensa pelo sucesso. Onde ocorre uma tragédia, ela é incorporada ao sucesso pela aplicação da fé na superação; até a morte pode ser traduzida numa recompensa desejável, enquanto revezes menores são simplesmente desafios à fé.³⁴⁸

No entanto, neste estudo, nosso objetivo é olhar para as biografias missionárias para além de sua narrativa triunfalista, considerando as seguintes observações de Chartier:

[...]em seus próprios dispositivos, suas articulações retóricas ou narrativas, em suas estratégias persuasivas ou demonstrativas. As organizações discursivas e as categorias que as fundam – sistemas de classificação, critérios de recorte, modos de representações – não são redutíveis às ideias que elas enunciam ou aos temas que sustentam. Elas têm sua lógica própria – e uma lógica que pode muito bem ser contraditória em seus efeitos com a letra da mensagem.³⁴⁹

Nessa perspectiva, podemos considerar também a colocação de Eliane Moura da Silva, que destaca que ao trabalharmos com discursos missionários, devemos ter em mente que esses textos, como representações culturais, só podem ser compreendidos no contexto de suas produções, repletos de signos oscilantes e grupos sociais entrelaçados por redes de comunicação. Silva alerta ainda, que:

Trata-se de ver uma cadeia de significantes que nunca pode ser devidamente identificada. São formas polissêmicas e oscilantes e que, como narrativas laudatórias

³⁴⁷ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.89

³⁴⁸ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.69

³⁴⁹ CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.p.77

e voluntaristas, dedicadas a produzir uma linha coerente que fixe um sentido a toda a diversidade dos signos que estão sendo elaborados no texto e contexto do final do século XIX e inícios do XX.³⁵⁰

A biografia missionária surgiu com aspectos da biografia romântica que se consolidou entre o fim do século XVIII e início do XX, “que exprimia uma necessidade de intimidade e de conhecimento dos segredos de vida familiar”.³⁵¹ As biografias missionárias carregam características inicialmente construídas no século XIX, principalmente no cenário britânico. O período de intensidade do movimento missionário coincidiu com o período literário entre o movimento romântico e o modernismo, assim como o período vitoriano. Esses fatores refletiram nas escritas das biografias missionárias do período, perdurando no século seguinte.

McColl aponta que as biografias eram uma ferramenta importante para a instrução. Os biógrafos missionários deveriam apresentar modelos que definissem comportamentos aceitáveis, inclusive de gênero, expectativas sociais e valores morais, e oferecer heróis exemplares que incorporavam valores estabelecidos para inspiração das massas.³⁵² Muitos missionários ainda estavam vivos quando foram biografados, e essas estratégias biográficas se consolidaram, tendo os ídolos missionários representando modelos exemplares do ideal cristão.³⁵³

Segundo Eliane Moura da Silva,

Estudiosos do movimento missionário fazem referências ao fato de que o movimento foi um grande romance do evangelicalismo protestante do século XIX, tendo despertado um sentido de aventura, admiração pela coragem de determinados homens e mulheres envolvidos nas missões em lugares estranhos e inóspitos. Levou uma mensagem otimista sobre o cristianismo e os padrões americanos de civilização em sua expansão no contexto do imperialismo e colonialismo.³⁵⁴

³⁵⁰ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365>. Acesso: maio/2021. p. 35

³⁵¹ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 13

³⁵² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 37

³⁵³ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.43

³⁵⁴ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> p. 36. Acesso: maio/2021.

Esse sentimento refletiu nas narrativas missionárias, e contribuíram para a criação da imagem dos missionários como heróis. Nesse sentido Eliane Moura da Silva, destaca que

Os missionários foram românticos: fascinados pelo Mal, pelos subterrâneos das sociedades, mesmo quando repetiam as evidências de sua atuação pelo progresso moral e social. A cultura missionária nesse período pode ser considerada um sistema de ideais religiosos e culturais através dos quais as atividades e esforços missionários justificavam suas atividades. Descritos como heroínas/heróis lutavam uma boa luta em nome da religião e da civilização cristã evangélica.³⁵⁵

Os elementos de histórias de aventura e da Literatura de Viagem das biografias missionárias, tem origem no fator que esses gêneros progrediram com o desenvolvimento das ferrovias e navios a vapor, bem como dos serviços postais e do telégrafo.³⁵⁶ Terrance Craig assinala que a estratégia principal da escrita biográfica missionária estava no “romance” da aventura missionária. Solidão, sofrimento e medo, era visto como algo que dourava positivamente a experiência com mais romance, tornando o herói mais heroico.³⁵⁷

A biografia missionária seguiu o ideal de biografar homens e mulheres “dignos” de aprendizagem ou de boas ações, confluindo para o que Dosse aponta como característica típica do gênero biográfico:

Prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras. O gênero biográfico participa, pois, de um regime de historicidade no qual o futuro é a reprodução dos modelos existentes, que devem-se perpetuar-se.³⁵⁸

Outro aspecto importante da biografia missionária é capacidade e o histórico de inspiração dentro do movimento missionário. Segundo Dana L. Robert, desde a época do diário de David Brainerd no século XVIII, ao diário de Harriet Newell no século XIX, até às numerosas biografias de Ann e Adoniram Judson nos séculos XIX e XX, a biografia missionária

³⁵⁵ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> p. 36. Acesso: Maio/2021.

³⁵⁶ BOOTH, Alison. Life writing. In: SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Companion to English Literature, 1830-1914**. New York: Cambridge University Press, 2010. p.104

³⁵⁷ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.42

³⁵⁸ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.123

inspirou protestantes a tornarem-se missionários. Robert ainda ressalta que os cristãos evangélicos continuam a ler biografias missionárias de heróis do século XX.³⁵⁹

A biografia do missionário David Brainerd escrito por Jonathan Edwards foi um grande marco na literatura evangélica e podemos dizer da biografia missionária, sendo reimpressa diversas vezes.³⁶⁰ Segundo D. Bruce Hindmarsh, quando o diário de Brainerd foi publicado por Jonathan Edwards “A Vida de Brainerd” capturou a imaginação dos evangélicos em todo o mundo do Atlântico Norte. A vida de Brainerd foi considerada por Edwards como um exemplo dos ideais expostos em seu Tratado sobre as Afeições Religiosas (*Treatise on the Religious Affections*), assim como Sarah Edwards, sua esposa, havia sido anteriormente em Alguns Pensamentos sobre o Reavivamento (*Some Thoughts Concerning the Revival*).³⁶¹

A vida de Brainerd serviu como inspiração para muitos evangélicos, especialmente para o avivalista John Wesley, que resumiu a obra Vida de Brainerd.³⁶² Segundo Rohrer, o diário da vida de David Brainerd, que se tornou uma das obras mais populares de Jonathan Edwards, serviu de modelo para o padrão de escrita de biografias missionárias anglo-americanas publicadas durante os últimos dois séculos e meio.³⁶³ Assim como tornou Brainerd um dos primeiros heróis missionários da história das missões modernas, e a partir de sua trajetória, muitos parâmetros missionários foram inspirados nele.

O diário de David Brainerd produzido no século XVIII, se encaixa no que Arfuch assinala como época que o diário se torna uma carta destinada ao remetente; a narração em primeira pessoa, um monólogo destinado ao receptor alheio.

O que se estava produzindo nesse tipo de escrita, que capitalizava tanto a praticado diário íntimo como forma epistolar, era uma mudança substancial nas relações entre autor, obra e público, que adquiriram assim um caráter de ‘inter-relações íntimas’ entre pessoas interessadas no conhecimento do ‘humano’ e consequentemente, no autoconhecimento.³⁶⁴

³⁵⁹ ROBERT, Dana L. From Missions to Mission to Beyond Missions: The Historiography of American Protestant Foreign Missions Since World War II. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2.** Boston: BRILL, 2021.p.412

³⁶⁰ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700.** New York and London: Routledge, 2008.p.114-115

³⁶¹ HINDMARSH, D.Bruce. **Patters of Conversion in Early Evangelical History and Overseas Mission Experience.** In: STANLEY, Brian (ed). **Christian Missions and the Enlightenment.** Nova York: Routledge, 2001.p. 82

³⁶² HINDMARSH, D.Bruce. **Patters of Conversion in Early Evangelical History and Overseas Mission Experience.** In: STANLEY, Brian (ed). **Christian Missions and the Enlightenment.** Nova York: Routledge, 2001.p. 82

³⁶³ ROHRER, James R. Biography as Missiology: A Reflection Upon the Writing of Missionary Lives. **《台灣神學論刊》 28期** (2006/03) pp. 175-212 . Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212> . Acesso em: junho/2024. p.197

³⁶⁴ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea.** Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.45-46

David Brainerd, apontado por González e Orlandi como o mais notável dos missionários que trabalharam sob a direção da sociedade escocesa³⁶⁵, era herdeiro do puritanismo da Nova Inglaterra e, nas palavras de Tucker, “um produto do Grande Avivamento”³⁶⁶. Ele dedicou sua vida a levar o evangelho protestante às tribos nômades e dispersas, em uma missão durou cinco anos. Brainerd faleceu de tuberculose aos vinte e nove anos, durante uma visita a Northampton, Massachusetts, onde esperava casar-se com a filha de Jonathan Edwards. Seu diário, publicado e editado por Edwards, é considerado um clássico da literatura cristã, tendo influenciado missionários como, William Carey, Henry Martyn e Francis Asbury.

Segundo a análise de James Rohrer, Jonathan Edwards moldou a narrativa do diário de Brainerd segundo a tipologia da jornada do herói: o protagonista deixa o lar em resposta a um chamado, aventura-se por um território distante, hostil e exótico, enfrenta inúmeros perigos e obstáculos, muitas vezes figurados como criaturas monstruosas, demônios ou antagonistas humanos. Com o auxílio divino, o herói supera essas provações após uma luta intensa. Por meio dessa estrutura, Edwards apresentava ao leitor os perigos da missão, mas também seu potencial de ganho espiritual incalculável. Seu objetivo era oferecer a vida de Brainerd como um modelo de conduta cristã: um homem que renunciou às perspectivas mundanas para mergulhar no deserto e suportar todos os tipos de sofrimento com alegria resignada. Essa escrita da vida de Brainerd consagrou-se como o modelo fundador para as narrativas missionárias protestantes de língua inglesa nos séculos XIX e XX.³⁶⁷

Muitas pessoas se dedicaram às missões por incentivo através de leituras e publicações sobre missionários.³⁶⁸ Além da propaganda impressa, eram frequentes as referências ao campo missionário em sermões semanais e aulas de escola dominical, oração mensal, reuniões, bazares anuais e assim por diante. Em suas análises de biografias de missionários canadenses, Terrence Graig, apontou que era possível observar um padrão em que um jovem lê um livro da geração

³⁶⁵ GONZÁLEZ, Justo L. ORLANDI, Carlos Cardoza. **História do movimento missionário**. São Paulo: Hagnos, 2008.p.215

³⁶⁶ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986. p.95

³⁶⁷ ROHRER, James R. Biography as Missiology: A Reflection Upon the Writing of Missionary Lives. 《台灣神學論刊》 28期 (2006/03) pp. 175-212 . Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212> . Acesso em: junho/2024. p.197

³⁶⁸ THORNE, Susan. **Congregation Missions and the Making of Imperial Culture in Nineteenth-Century England**. Califórnia: Stanford University Press, 1999. p.6

anterior de missionários, e era inspirado a dedicar-se a tal vida e, no final da carreira, escrevia um livro semelhante. Craig destaca que muitas biografias apontam como obras de antecessores inspiraram a escolha de carreira do biografado. E muitas vezes um único livro é mencionado como decisivo.³⁶⁹

Inúmeras crianças de lares protestantes cresciam ouvindo histórias de missionários como heróis. Principalmente histórias como a de Willian Carey, Hudson Taylor, Adoniram Judson e David Livingstone.³⁷⁰ As narrativas missionárias como a de David Livingstone como “menino tecelão que virou missionário” ao rico jogador de críquete de Cambridge como C.T Studd que se tornou missionário na China e depois na África, eram bem conhecidas pelos protestantes ingleses e estadunidenses no século XIX, e representavam a onda pioneira do evangelismo cristão internacional desses países.³⁷¹

Até o terceiro quarto do século XIX, a Inglaterra foi a maior fonte de missionários, as outras partes da Europa Ocidental forneceram outros. No final do século XIX, os Estados Unidos passaram a substituir o Velho continente nesse aspecto, e durante todo o século XX o pensamento missionário se fortaleceu. A América do Norte passou a exercer um papel cada vez mais dominante e, na última seção do século XIX com um papel missionário avassalador.³⁷² Fator que refletiu no aumento na produção da escrita da biográfica missionária que se consolidou no espaço biográfico protestante principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Segundo Jeffrey Cox, o protestantismo foi uma parte essencial da identidade nacional britânica até o século XX, e as missões protestantes britânicas dominaram de fato o empreendimento missionário protestante internacional até o final do século XIX.³⁷³ Referindo-se a esse mesmo período, Alison Booth, destaca que entre 1830 e 1914, houve na Inglaterra um grande desenvolvimento da escrita de vida com características de representação realista de personagens, cenário e ações próprias do romance do século XIX, elementos que moldaram a escrita de vida desse período.³⁷⁴

³⁶⁹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.41-42

³⁷⁰ SWANSON, Jeffrey. **Echoes of the call: Identity & Ideology Among American Missionaries in Ecuador**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1995.p.4

³⁷¹ MAUGHAN, Steven. “Mighty England do Good”: The Major English Denominations and Organization for the Support of Foreign Missions in the Nineteenth Century. In: BICKERS, Robert A.; SETON, Rosemary. **Missionary Encounters: Sources and Issues**. Richmond Surrey: Curson Press, 1996. p.14

³⁷² WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p. 226

³⁷³ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.9

³⁷⁴ BOOTH, Alison. Life writing. In: SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Companion to English Literature, 1830-1914**. New York: Cambridge University Press, 2010.p.98-104

O movimento missionário esteve em expansão juntamente com o crescimento industrial e a expansão imperial da Grã-Bretanha, fator que favoreceu este ser amplamente registrado e divulgado, e as vidas missionárias serem largamente publicadas, já que a indústria editorial documentou a vida britânica como em nenhum período anterior.³⁷⁵ Julie McColl destaca que as biografias missionárias eram elaboradas em um movimento estratégico para entreter e inspirar a classe trabalhadora. Ela ressalta, ainda, que as crianças recebiam mensagens morais imperiais, ao mesmo tempo que eram transportadas para mundos emocionantes, muito distantes de suas realidades.³⁷⁶

McColl afirma que a popularidade das biografias missionárias à medida que crescia, não apenas as sociedades missionárias buscavam publicá-las, mas também editoras seculares.³⁷⁷ O acesso à leitura e novas práticas de leitura do século XIX também contribuíram para a escrita missionária, assim como para o próprio movimento missionário à medida em que as pessoas tomavam conhecimento dos acontecimentos no campo, e decidiam ajudar financeiramente enquanto outros optavam por candidatar-se a esse trabalho. McColl ainda destaca que os objetivos dos autores e editores das biografias missionárias entre 1870 e 1917, na Inglaterra, era promover o Cristianismo e o impulso missionário.³⁷⁸

Johnston ressalta que o público religioso britânico via os missionários como representantes de sua própria religiosidade e filantropia e acompanhavam as aventuras missionárias com ávido interesse.³⁷⁹ A biografia missionária era utilizada como instrumento de formação do caráter cristão e até mesmo de cidadania.³⁸⁰ Craig coloca que o romance de histórias missionárias instigava as expectativas desses leitores de que suas vidas também poderiam se tornar um romance, desde que dentro das estruturas morais protestantes.³⁸¹

³⁷⁵ BOOTH, Alison. Life writing. In: SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Companion to English Literature, 1830-1914**. New York: Cambridge University Press, 2010.p.105

³⁷⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 14-15

³⁷⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 39

³⁷⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.17

³⁷⁹ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.19

³⁸⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024.

³⁸¹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.45

Craig afirma que a escrita missionária era uma escrita sobre sucessos, o fracasso pessoal implicaria questionamentos às crenças e ao próprio Deus, algo que não poderia ser considerado. Segundo esse pesquisador, grande parte da literatura missionária depende de imagens dramáticas e de crises evidentes em um enredo que demonstrava tensão, a fim de enfatizar a necessidade de maior apoio financeiro.³⁸² Craig reforça ainda que as biografias missionárias buscam combinar um registro de pontos fortes e fracos da vida humana com a vida idealizada que se espera de seus biografados.³⁸³

A crença é o alicerce da narrativa biográfica missionária, a fé na causa divina e que essa causa estava sendo alcançada estabelecia a base dos objetivos missionários que são retratados nas trajetórias biografadas. Nesse sentido, a tragédia torna-se assim um estado de espírito produzido por uma fé insuficiente e que deve ser combatido. A teologia determina a lógica dos acontecimentos, eliminando a possibilidade de dúvida, de modo que a tragédia se converta em superação.³⁸⁴ Nessa perspectiva, a literatura de autoajuda também foi uma forma de escrita proeminente em meados do século XIX,³⁸⁵ e sua influência passou a integrar os elementos discursivos da escrita biográfica missionária.

No final do século XIX e início do XX, livros de viagens e explorações, e escritos missionários e biografias, se tornaram presentes de aniversário e Natal. Os livros também eram dados como premiações para escolas e catequeses. Dessa forma, a distribuição de livros com ilustrações que retratavam a era heroica e expansionista chegava por diversos meios ao público britânico.³⁸⁶ Distribuir essa literatura para a classe trabalhadora por meio de escolas dominicais era uma estratégia para que os ideais imperiais não influenciassem somente as camadas mais abastadas da sociedade. Susan Thorne menciona que as sociedades missionárias buscaram formas de alcançar “corações e mentes” da classe trabalhadora principalmente publicando biografias como a de David Livingstone e Robert Morrison que tinham um passado na classe trabalhadora, e dessa forma estabelecer uma relação de proximidade com os leitores.³⁸⁷

³⁸² GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p. 96-97

³⁸³ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.105

³⁸⁴ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.99-105

³⁸⁵ HAMMOND, Mary. The Readers and readerships. In: SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Companion to English Literature, 1830-1914**. New York: Cambridge University Press, 2010.p.82

³⁸⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf Acesso: fevereiro/2024. p.18

³⁸⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.21

Muitas vidas missionárias dos séculos XIX e de meados do século XX foram escritas pelos próprios missionários, por seus familiares ou por outros clérigos e leigos envolvidos no apoio à missão. Os relatórios enviados pelos missionários do campo de trabalho forneciam ampla gama de material para os biógrafos consultarem. No século XX, jornalistas, tanto da imprensa secular quanto das igrejas, também passaram a se interessar por biografar missionários. Além disso, escritores profissionais interessados em perfis individuais também ingressaram nesse campo.³⁸⁸

Para Craig, essas biografias pretendiam estimular os leitores a ações que salvassem almas que de outra forma estariam irremediavelmente perdidas. Todo o empreendimento de salvar almas é vital. Para Craig, na escrita biográfica missionária parece haver um entendimento entre escritor e leitor que esses textos eram de fato apelos por apoio e não meros relatos de vida exemplares no serviço missionário. Para ele, os textos são exercício de solicitação implícita.³⁸⁹

As biografias missionárias que foram escritas no século XIX foram extraídas da produção textual missionária no campo de missão, como relatórios, cartas, memórias e diários. Material este que constituiu matéria-prima para os escritos biográficos. Segundo Johnston, esses materiais foram produzidos em prodigiosa quantidade por sociedades missionárias empenhadas em promover a obra protestante dos seus representantes coloniais, de forma a justificar o seu envolvimento contínuo nos projetos coloniais e a assegurar a manutenção do financiamento.³⁹⁰

Johnston assinala que a arrecadação de fundos e a propaganda missionária estavam intrinsicamente relacionadas na manutenção de suporte ao serviço missionário.³⁹¹ Nesse sentido, conforme argumenta Arfuch, podemos compreender que a biografia envolve necessariamente a relação do sujeito com seu contexto imediato, aquele que lhe permite situar-se no (auto) reconhecimento: “a família, a linhagem, a cultura, a nacionalidade”. As biografias não podem se desprender da moldura de uma época e, nesse sentido, falam também de uma comunidade.³⁹² Ou seja, nessa conjuntura, a biografia missionária reflete os mecanismos do empreendimento missionário moderno e das estratégias das sociedades missionárias.

³⁸⁸ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.20-21

³⁸⁹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.69-70

³⁹⁰ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.32

³⁹¹ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.32

³⁹² ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p. 141

Segundo Anna Johnston, a imagem do missionário no campo colonial desempenhou um papel importante para o público britânico. O interesse público pelos missionários foi intenso no século XIX. Muitos deles tiravam licença do campo missionário ou se aposentavam e passavam a realizar extensas turnês de palestras, além de publicar uma ampla gama de memórias, histórias e outros testemunhos best-sellers, bem como contribuir para revistas e jornais populares.³⁹³ A literatura produzida pelos missionários contava com um vasto mercado editorial e consumidor, assim como havia um grande público para as palestras realizadas durante os períodos de licença em seus países de origem.³⁹⁴

McColl afirma que muitos biógrafos, após a primeira metade do século XX, continuaram a promover o heroísmo e o empreendimento missionário. No entanto, tratava-se majoritariamente de um empreendimento masculino, que demarcava claramente os papéis de gênero e as diferenças nas experiências de homens e mulheres missionários. Segundo a pesquisadora, isso geralmente era feito por meio do endosso de concepções explícitas e robustas de masculinidade, em contraste com a domesticidade feminina do período.³⁹⁵ Tais aspectos refletiam diferenças nos elementos biográficos atribuídos a homens e mulheres considerados heróis da fé.

Considerando tais diferenças na construção narrativa das missionárias e sua consolidação no espaço biográfico protestante a partir do início do século XX, com a tradução de biografias de “heróis da fé” por diversas editoras, este trabalho adota uma redução de escala de análise para examinar o processo de heroização de mulheres missionárias. Objetiva-se analisar como essas personagens foram representadas e difundidas no contexto brasileiro ao longo das últimas décadas, tomando como fonte as biografias traduzidas das missionárias Mary Slessor, Amy Carmichael e Gladys Aylward. Ademais, a investigação aplicará os conceitos de Reinhart Koselleck — “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” — com o intuito de compreender o resgate e a permanência da biografização³⁹⁶ dessas personagens do passado no presente.

³⁹³ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.19

³⁹⁴ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p.191

³⁹⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 35

³⁹⁶ Sentido utilizado por Christine Delory-Momberger, de narrativas construídas e socializadas. DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educação em revista**, v. 27, p. 333-346, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/xhw4bbpW3HZkPQZhTtWLcbH/?format=html&lang> Acesso em: junho/2024.

2. BIOGRAFIA MISSIONÁRIA: A CONSTRUÇÃO DE HEROÍNAS MISSIONÁRIAS

A construção do panteão heroico missionário é o resultado de um sistema de produção cultural específico, do qual participam biógrafos, editoras e projetos de tradução. Partindo dessa premissa, este capítulo tem como objetivo analisar como se deu, ao longo do tempo, a construção das peculiaridades do herói missionário, focalizando especialmente as diferenças de gênero na elaboração das heroínas. Para tanto, serão examinados o perfil dos biógrafos responsáveis pelas narrativas analisadas nesta tese, bem como o papel fundamental das editoras, da formação de coleções e dos processos de tradução na produção e circularidade dessas biografias missionárias.

2.1 A construção do herói missionário

Os heróis missionários ocuparam no século XIX e início do XX, ao lado de heróis militares, esportivos e fictícios, uma posição de destaque na cultural imperial britânica,³⁹⁷ além do próprio destaque dentro do movimento missionário moderno e do protestantismo nos demais países europeus e nos Estados Unidos e Canadá. Os missionários viveram em um período que celebrava a adoração de heróis e sua busca épica, o seu sentido emergente de biografia como uma carreira moral proporcionando um modelo de e para uma história heroica.

O aspecto sacrificial da vocação missionária,³⁹⁸ e os termos ideais de sacrifício cristão, se encaixava no heroísmo sacrificial estimado nas escritas biográficas do período vitoriano, coincidindo com a popularização de adoração do herói que começou em meados do século XIX.³⁹⁹ Nesse sentido, podemos refletir conforme afirma Dosse: cada época cria seus próprios

³⁹⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024.p.28

³⁹⁸ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p.231

³⁹⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/ 2024.p.11

heróis e lhes atribui “quer sejam de uma época distante, próxima ou atual, seus próprios valores. O herói cristaliza em si uma simbolização coletiva[...]”⁴⁰⁰

Segundo Schmidt, a figura do herói sofreu uma crise ao longo do século XVIII. O seu caráter semidivino foi contestado, em nome da razão, pela filosofia das Luzes. “Os valores guerreiros encarnados pelos heróis são progressivamente considerados ultrapassados por uma sociedade que aspira à pacificação.”⁴⁰¹ No entanto, durante o período vitoriano o herói foi resgatado nas escritas de vida,⁴⁰² e nas biografias missionárias o herói passa a ser representado como espelhos de heroicidade, exemplaridade moral e heroísmo sacrificial romântico.

A ideia de mudar o mundo era uma profissão aceita pelas pessoas, e no missionarismo, a maneira de fazer isso era contrastar a temperança com a tragédia do álcool, o estilo de vida exemplar com lares desfeitos, o altruísmo e serviço com o egoísmo e a ganância ao seu redor, e a piedade e dignidade com comportamento ignorante, brutal e indisciplinado. Sinais claros de ignorância ou pecado, como cerimônias consideradas pagãs, pés amarrados, arranjos de casamento, danças eróticas, canibalismo, jogos de azar, queima de viúvas, distinção de castas, bruxaria, drogas e dependência de álcool, destacam-se como vilões arquetípicos a este respeito, e ofereciam elementos de construção para a narrativa biográfica.⁴⁰³

Craig ressalta que os missionários foram figuras inspiradoras para a sociedade inglesa do século XIX e no exterior, e nas narrativas destacava-se como esses personagens tinham força de vontade para se distanciarem dos seus pares e se colocarem em riscos muito reais em áreas muito distantes das possibilidades de apoio prático. Esses fatores contribuíam para ganhar o apoio não só do público religioso, como apoio do público geral, e por diversas vezes conquistaram apoio político, além de financeiros.⁴⁰⁴

Nas biografias missionárias o herói missionário ideal é apresentado como alguém que vive de maneira abnegada, sacrificando-se de morar em país natal, o conforto, as perspectivas,

⁴⁰⁰ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.151-152

⁴⁰¹ SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura. **História** (São Paulo). v. 33, n. 1, p.124-144, jan./jun.2014. ISSN 1980-4369. p. 140. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/GkSkGgJBGzFYRHj8xCckbkG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: maio/2021. p.130

⁴⁰² OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago.2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ntq83wsCkvgK48dWByZWHGG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em maio/2021 p. 430

⁴⁰³ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p. 28

⁴⁰⁴ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.25-26

e por vezes, a saúde por causa do evangelho.⁴⁰⁵ Nessas biografias, as falhas seriam tão instrutivas quanto as virtudes.⁴⁰⁶ O serviço de Deus não representava apenas um conjunto de qualidades pessoais e características heroicas, mas ao lutar em terras “pagãs” e hostis em nome do Cristianismo, demonstrava também que estavam dispostos a se sacrificarem por uma causa maior.⁴⁰⁷

Segundo Craig, os biógrafos de missionários utilizam grande quantidade de informações dramáticas sobre a vida deles, não apenas para transmitir o enredo e desenvolver os personagens, mas também para dar a sensação de uma pessoa passando por uma vida inteira de altos e baixos. Incidentes de doenças e a perda de membros da família, especialmente crianças, são frequentemente representadas como um terrível contrapeso aos sucessos arduamente conquistados. No caso de mortes de crianças, são destacadas lutas internas para compreender as mortes e reconciliá-las com a fé. Enquanto as mortes triunfantes dos missionários representam um ápice de acúmulo de fé investida durante toda uma vida. A morte representa um retorno triunfante para casa, é um final feliz para sempre para os fiéis.⁴⁰⁸

No final do século XVIII com a intensificação do movimento missionário moderno, ocorreu o aumento da circulação de literatura missionária.⁴⁰⁹ Com isso, as sociedades missionárias passaram a modular um discurso moderado sobre o campo missionário, principalmente no que dizia a respeito das privações e da miséria, passando a substituir pela promessa de admiração e heroísmo. Segundo Cox, no início do século XIX, o missionário se tornou um novo tipo de profissional, que recebia sua compensação sob a forma de honra, admiração e respeito especiais por parte dos seus pares cristãos.⁴¹⁰

Conforme Cox, os editores de revistas missionárias queriam histórias heroicas de encontros com chefes pagãos, leões selvagens, canibais ou adoradores de ídolos, e histórias horríveis de *sati* ou devotos hindus se atirando-se sob a gigante roda de madeira do “Juggernaut”.⁴¹¹ A partir dessa premissa, as biografias missionárias buscavam estratégias narrativas das histórias de aventura para encantar o público e prender sua atenção, não

⁴⁰⁵ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996. p.260

⁴⁰⁶ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.66

⁴⁰⁷ MACKENZIE, Jonh apud MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies**, c. 1870-1917. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 22

⁴⁰⁸ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.128

⁴⁰⁹ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.73

⁴¹⁰ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.104

⁴¹¹ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.116

enfatizando somente nos aspectos religiosos da obra missionária, mas transformando a experiência missionária em um romance de aventura.

Por outro lado, o missionário também precisava de qualificações espirituais, conhecimento da Bíblia e bom senso. A competência com um martelo ou uma serra era muito positiva, pois demonstrava utilidade. A educação acadêmica não era necessária, no início do movimento achavam que seria pouco provável que pessoas instruídas se oferecessem ao serviço missionário.⁴¹² No entanto, da segunda metade do século XIX em diante, muitas pessoas instruídas passaram a integrar o movimento.

Os primeiros missionários ingleses tendiam a ser provincianos de classe média baixa, filhos de comerciantes de carvão e maquinistas do norte. Eram descritos com um “ninho de sapateiros consagrados”. Advindos da classe trabalhadora ou classe média baixa, para muitos missionários o serviço missionário colonial proporcionou uma posição substancialmente mais elevada do que jamais poderiam ter aspirado na Grã-Bretanha.⁴¹³

Anna Johnston ressalta que o missionarismo proporcionou aos jovens, frequentemente limitados pela classe e pela educação na Inglaterra, oportunidade de progresso social, posição comunitária e uma carreira desafiadora e exótica. Nesse contexto, ela destaca ainda, o ideal da masculinidade cristã que atingiu seu apogeu na segunda metade do século XIX, como a vigorosa, mas piedosa masculinidade britânica que era contrastada com a depravada masculinidade dos colonizados, e os textos missionários, por sua vez, exprimia essas representações do mundo nesses termos. Paralelamente, a piedade e domesticidade da mulher cristã britânica foi considerada uma personificação do império, um modelo a que as mulheres pagãs deveriam aspirar.⁴¹⁴

Andrew Walls ressalta que muitos homens que se tornaram missionários, devido à falta de educação formal, não eram considerados ideais para a ordenação clerical em seus países, e encontraram sucesso na carreira missionária. Como, por exemplo, Robert Moffat que era jardineiro em uma propriedade inglesa, mas abandonou a profissão para se tornar missionário, e posteriormente foi considerado um pioneiro das missões no continente africano e um legítimo herói da fé. Com o objetivo de alcançarem o campo missionário e serem eficazes lá, muitos homens, e posteriormente mulheres, dedicaram-se ao esforço intelectual e adquiriram

⁴¹² WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996. p. 163

⁴¹³ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.16-17

⁴¹⁴ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.8-9

aprendizagem e habilidades muito além de qualquer coisa que lhes seria exigida em sua vida normal, fator que fez muitos deles se tornarem lendas do missionarismo protestante.⁴¹⁵

Para Anna Johnston, o trabalho missionário deu aos homens protestantes uma oportunidade estimulante de autodesenvolvimento, em que “a ação de combater o pecado, de se alistar no exército de Deus” forneceu uma arena digna na qual eles poderiam provar sua masculinidade.⁴¹⁶ É interessante observar que, nesse mesmo período, na Inglaterra, por volta de 1870 estava ocorrendo uma transformação chamada de ‘fuga da domesticidade’, que resultou de uma preocupação de domesticação das formas masculinas e a emergência da autoridade das mulheres. Esse aspecto se torna relevante quando as práticas textuais buscavam reforçar as imagens de masculinidade heroica em relação ao homem missionário, ao mesmo tempo que buscava reforçar os ideais de domesticidade e feminilidade cristã nas biografias de mulheres missionárias. McColl destaca ainda que, o missionário era visto como a personificação da masculinidade e do cavalheirismo cristão.⁴¹⁷

Nas biografias missionárias os ideais de masculinidade cristã eram ressaltados como atributos do herói missionário. Um homem cristão deveria ter qualidades de um verdadeiro “cavalheiro cristão” assim como era possível encontrar no herói missionário, que se esforçava para manter o equilíbrio moral numa época em que os valores comunitários e familiares eram ameaçados pelo individualismo e pela competição.⁴¹⁸ É importante ressaltar que durante muitas décadas, as narrativas da atividade protestante no campo missionário, girou em torno da figura heroica do missionário masculino, ainda que no final do século XIX o número de mulheres no campo missionário fosse superior ao dos homens.⁴¹⁹

McColl afirma que muitos biógrafos construíram histórias em torno de seus heróis para estabelecer mitos que demonstravam a interconexão entre unidade social, imperial, identidade nacional, moral cristã, espiritualidade e aventura.⁴²⁰ O ponto de partida da construção dos

⁴¹⁵ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p. 171-172

⁴¹⁶ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p. 39

⁴¹⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.34

⁴¹⁸ WILLIAMS, S.C. Gender. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.p. 460

⁴¹⁹ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.20

⁴²⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024.p.103

modelos ideais de heróis missionários pelos biógrafos teve como a principal figura de referência e arquétipo o missionário escocês David Livingstone, que atuou na África.⁴²¹ Enquanto David Brainerd, que atuou nas colônias inglesas na América do Norte, tornou-se o principal modelo de dedicação masculina de espiritualidade missionária, Livingstone era o modelo de aventura, masculinidade e entusiasmo missionário.⁴²²

Segundo Cox, David Livingstone é a figura de maior imponentia entre os mais famosos heróis missionários.⁴²³ Ainda em vida, já era tido como uma celebridade missionária que forneceu aos evangélicos britânicos, segundo Johnston, uma figura de proa de estatura religiosa e nacional — um homem que todos deveriam reverenciar e imitar.⁴²⁴

Segundo Anne McColl, através da frase “Dr. Livingstone, presumo?” proferida pelo jornalista Henry Morton Stanley em 1871, e a popularidade e o sucesso de seu livro *Missionary and Researches in South Africa*, Livingstone tornou-se um herói cultural e consequentemente apropriado para muitas biografias adultas e juvenis da época, e que ainda estão sendo produzidas.⁴²⁵ O missionário foi objeto de um número extraordinário de biografias populares. Muitas delas não passavam de resumo de uma das outras ou das obras mais importantes, mas a maioria delas permaneceu sendo impressas por longos períodos e vendidas em grande número.⁴²⁶

Gustav Warneck aponta Livingstone como o rei dos descobridores modernos. Mas um rei que se sacrificou por amor ao evangelho, abrindo caminhos para a redenção dos africanos.⁴²⁷ Enquanto viveu viu pouco resultado do seu trabalho, principalmente no quesito missionário (de conversões), mas as consequências da sua missão teriam sido muito maiores após a sua morte. Principalmente suas descobertas geográficas que contribuíram para o avanço das missões posteriormente.

Para Jeffrey Cox, a imagem de David Livingstone causou grandes danos aos esforços historiográficos para compreender a natureza do empreendimento missionário. A esmagadora

⁴²¹ GRAIG, Terrence L. *The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography*. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p. 28

⁴²² COX, Jeffrey. *The British Missionary Enterprise since 1700*. New York and London: Routledge, 2008.p.60

⁴²³ COX, Jeffrey. *The British Missionary Enterprise since 1700*. New York and London: Routledge, 2008.p.145

⁴²⁴ JOHNSTON, Anna. *Missionary Writing and Empire, 1800-1860*. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.2

⁴²⁵ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.21

⁴²⁶ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.124

⁴²⁷ WARNECK, Gustav. *Outline of a History of Protestant Missions from the Reformation to the present time*. 8ª ed. Oliphant Andreson & Ferrier: Edinburg and London, 1906.p. 259

maioria dos missionários britânicos nunca se pareceu com o heroico evangelista itinerante do sexo masculino, movendo-se de aldeia com um capacete na cabeça, trazendo a mensagem do evangelho e denunciando a escravidão ou algum outro mal social. A maioria dos missionários britânicos eram mulheres, e muitas não viviam em campos primitivos, mas em lares estabelecidos com maridos missionários ou em comunidades de mulheres, passando toda ou parte da sua vida adulta a construir instituições cristãs e morrendo na obscuridade.⁴²⁸

David Livingstone, segundo Larsen, foi o missionário que gerou maior interesse e entusiasmo durante a Era Vitoriana.⁴²⁹ Ruth Tucker assinala que

Jamais houve nos anais da história missionária um homem tão celebrizado quanto David Livingstone. Ele foi o herói que a Inglaterra vitoriana precisava tão desesperadamente e o reconhecimento que lhe foi concedido serviu para manter ativas as missões africanas por mais de um século.⁴³⁰

Tucker ainda destaca que, por quase um século, ele ocupou um lugar no panteão cristão de língua inglesa ao lado de figuras como Francisco de Assis e Joana D'Arc, sendo retratado em suas primeiras biografias praticamente como um “super santo”.⁴³¹ Livingstone se tornou o herói a ser seguido por todas as gerações, que de acordo com Tucker, os historiadores das missões continuavam a considerá-lo o “maior dentro todos os missionários”.⁴³²

Nascido em 1813 numa família escocesa protestante de origem humilde, Livingstone começou a trabalhar numa fábrica têxtil aos dez anos de idade. A sua trajetória de superação, estudando em cursos noturnos enquanto cumpria extenuantes jornadas de trabalho na fábrica têxtil, tornou-se um pilar fundamental da sua imagem exemplar. Durante a adolescência, desenvolveu o desejo de ser médico missionário na China. Formou-se em Medicina e Teologia em Glasgow e, aos 27 anos, candidatou-se à Sociedade Missionária de Londres.

David Livingstone havia ouvido falar da atuação de Karl Gützlaff⁴³³ na China e dizia querer seguir seu exemplo. Em 1838 foi para Londres dando início a seu curso preparatório para as missões, quando soube que havia estourado uma guerra na China (Guerra do Ópio 1839-

⁴²⁸ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.14

⁴²⁹ LARSEN, Timothy; NOLL Mark. A. Series Introduction. In: COFFEY, John (ed). **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Volume I: the Post- Reformation Era, 1559-1689**. Oxford University Press USA - OSO, 2020. p. 20

⁴³⁰ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: **Uma história biográfica das missões cristãs**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986.p. 154-155

⁴³¹ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: **Uma história biográfica das missões cristãs**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986.p. 155

⁴³² TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: **Uma história biográfica das missões cristãs**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986.p. 155

⁴³³ Karl Gützlaff (1803-1851) foi um missionário alemão que atuou na China Tailândia e Coréia do Sul.

1842), seus planos foram frustrados. Nesse período, Livingstone conheceu Robert Moffat, considerado o patriarca das missões na África do Sul, que o incentivou a explorar regiões e povoados desconhecidos pelos missionários. A narrativa de Moffat havia criado um imaginário sobre o campo missionário na África para Livingstone, afirmando que havia na uma vasta planície “onde tenho visto, nas manhãs cheias de sol, a fumaça de milhares de aldeias, aonde nenhum missionário ainda chegou.”⁴³⁴

Em 1840, Livingstone navegou para a África e chegou à Cidade do Cabo no ano seguinte, em 1841, buscando em pouco tempo viajar em direção do norte do continente para conhecer a área. Em 1845 se casou com Mary, a filha mais velha de Moffat. A família mudou-se frequentemente, enquanto Livingstone realizava suas primeiras expedições. Em 1852, sua esposa Mary, juntamente com seus filhos, partiu para a Inglaterra, deixando o missionário em solo africano.⁴³⁵

A sua trajetória foi marcada por condições precárias, doenças, ameaças de grupos locais e viagens arriscadas. Um episódio que se tornou emblemático em suas biografias foi o ataque de um leão, do qual sobreviveu, transformando sua jornada numa narrativa de aventura e coragem. Esta combinação de exploração geográfica, combate ao tráfico de escravos e evangelismo fez de Livingstone uma figura ideal para a escrita biográfica missionária, sendo celebrado tanto como herói secular quanto religioso pelo público britânico.

Em 1852, após sua família retornar à Inglaterra, Livingstone embarcou numa ambiciosa expedição pelo rio Zambeze, durante a qual descobriu as cataratas que batizou de Vitória em homenagem à rainha da Inglaterra. Seu objetivo declarado era encontrar rotas comerciais “legítimas” para substituir o tráfico de escravos. Ao retornar à Inglaterra em 1856, foi aclamado como herói nacional, apesar de ser escocês. Seu livro, *Missionary Travels and Researches in South Africa* (Viagens Missionárias e Pesquisas na África do Sul), tornou-se um best-seller e inspirou a fundação de novas sociedades missionárias.

Em 1865, partiu para sua terceira e última expedição, com o objetivo de encontrar a nascente do rio Nilo. O seu desaparecimento gerou rumores de sua morte, culminando na famosa expedição do jornalista Henry Stanley, enviado pelo *New York Herald*, que em 1871 o encontrou vivo, próximo ao lago Tanganica. Livingstone viria a morrer em maio de 1873. Seu corpo, mumificado e transportado por seus companheiros africanos, foi repatriado e recebeu

⁴³⁴ MATHEUS, Basil. **Livingstone, o Pioneiro**. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Methodista, 1924.p.34

⁴³⁵ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: **Uma história biográfica das missões cristãs**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986.p. 155-159

um funeral com honras de estado na Abadia de Westminster, selando definitivamente o seu mito na cultura anglo-saxônica.⁴³⁶

Após a morte de Livingstone, segundo Ruth Tucker, ocorreu um fervor missionário no mundo de fala inglesa, levando muitos jovens, homens e mulheres a se candidatarem ao serviço missionário, assim como uma intensificação na produção de escritos missionários. Esses escritos motivaram as sociedades missionárias a se apressarem para estabelecer estações missionárias no continente, assim como resultou em produção de biografias missionárias.⁴³⁷

Segundo Cox, David Livingstone levou a teoria (e a prática) missionária a outro patamar, identificando a difusão do cristianismo inextricavelmente com a difusão da civilização, incluindo a difusão da agricultura capitalista, no qual acreditava que no seu esquema de abertura de estradas destruiria o comércio de escravos e prepararia o caminho para a conversão de África ao Cristianismo.⁴³⁸ Assim, a imagem do herói missionário consolidou-se em um modelo que combinou a espiritualidade do chamado, a dedicação e o sacrifício inspirados em David Brainerd com as qualidades personificadas por David Livingstone: coragem, capacidade de desbravamento e exploração, força física, ousadia, resiliência, zelo evangelizador, defesa das causas nativas, e a imagem de pai e esposo honrado, formando o arquétipo integral do missionário plenamente comprometido com causa missionária.

Segundo Carlos Barros Gonçalves

[...]sempre foi comum a associação da figura do missionário com a de um peregrino que enfrenta toda a sorte de dificuldades em nome da expansão do Evangelho de Jesus Cristo. Sacrifícios, trabalhos, ingratidão, solidão, sempre foram alguns dos termos peculiares a esses indivíduos que tudo fazem por sua missão.⁴³⁹

Essa imagem do missionário do início do século XIX, segundo Walls, se firma a partir da imagem de David Livingstone como “um tipo de homem atarracado com uma Bíblia debaixo do braço”, era a representação de um personagem bastante caseiro, da forja ou da loja se fosse

⁴³⁶ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986.p. 161-162

⁴³⁷ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986.p. 162-164

⁴³⁸ COX, Jeffrey. *The British Missionary Enterprise since 1700*. New York and London: Routledge, 2008.p.14-15

⁴³⁹ GONÇALVES, Carlos Barros. *Até os confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil no Brasil e a evangelização dos povos indígenas*. Dourados: Ed. UFGD, 2011. p.25

inglês, ou da fazenda ou da fábrica se fosse escocês. No entanto, essa imagem mudou no final do século XIX, não apenas devido ao número de missionários que havia aumentado, mas devido às universidades e escolas públicas fornecerem um grande número de candidatos ao trabalho missionário. A evangelização mundial daquela geração seria essencialmente composta pela comunidade estudantil internacional. O típico missionário passou a ser um missionário com formação acadêmica.⁴⁴⁰

No entanto, as descrições dos missionários como um homem forte, destemido, capaz, e acima de tudo um herói cristão muito masculino, continuaram a serem basilares das biografias missionárias.⁴⁴¹ Terrence Craig aponta que o conteúdo das biografias missionárias deriva seu sucesso da considerável força do caráter de seus temas. Segundo esse pesquisador, o serviço missionário atraiu pessoas corajosas, com vontades e fé extraordinariamente fortes, e com determinação, disciplina e inteligência. A energia e o entusiasmo destas histórias de sucesso permaneceram intactos na virada do século XIX para o XX, contribuindo para o sucesso das biografias missionárias.⁴⁴²

A biografia missionária tinha como objetivo exaltar princípios cristãos por meio de feitos humanos, e seus produtores consideravam-se responsáveis por transmitir esses valores de forma eficaz a públicos específicos. Apesar de uma intenção didática comum, diferenças estereotipadas entre homens e mulheres resultavam em representações distintas, adaptadas a cada gênero.⁴⁴³

2.1.2 Construção de heroínas missionárias

De acordo com Hourihan, a história do herói dominou a literatura infantil e juvenil, transmitindo valores tradicionais a cada nova geração. Essas narrativas funcionam como uma espécie de “nutriente moral” para as crianças, nos quais a bondade, geralmente recompensada,

⁴⁴⁰ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p. 199

⁴⁴¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 9

⁴⁴² GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.25

⁴⁴³ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.87

reforça os princípios amplamente aceitos pela sociedade. A autora ressalta que as qualidades atribuídas ao herói, assim como os obstáculos que ele deve superar, revelam muito sobre o que uma cultura considera valioso, maligno ou inferior. Nesse sentido, as histórias heroicas também atuam na definição de feminilidades como boa ou má, e frequentemente, inscrevendo a mulher em um lugar social subalterno.⁴⁴⁴

Hourihan ainda afirma que o heroísmo é, em si, um constructo de gênero. Na maior parte dos relatos, as heroínas são representadas como figuras que se assemelham a “homens honorários”: atuam em contextos masculinos, empreendem projetos tradicionalmente masculinos e exibem qualidades consideradas “masculinas”, como coragem, obstinação, autoconfiança e extroversão. Desse modo, para serem reconhecidas como heroínas, as mulheres precisariam adotar comportamentos e atitudes tipicamente associados aos homens. Ao permanecerem em papéis considerados femininos, dificilmente receberiam o mesmo reconhecimento público.⁴⁴⁵

Rowbotham corrobora essa perspectiva argumentando que a compreensão implícita convencional de heroísmo durante o século XIX era que, como uma qualidade humana, era profundamente de gênero. Poucas fontes demonstram isso melhor do que a biografia em que feitos heroicos modernos, realizados em ambientes perigosos, eram mostrados como uma reserva predominantemente masculina. Durante os primeiros setenta anos do movimento missionário moderno, as mulheres envolvidas em ações consideradas heroicas no campo missionário eram representadas não como protagonistas plenas, mas como coadjuvantes ou coprotagonistas dos homens. A mensagem subjacente era a de que o máximo que poderiam almejar era um heroísmo de tipo essencialmente feminino, limitado e condicionado ao seu gênero.⁴⁴⁶

A partir das últimas três décadas do século XIX, com o ingresso crescente de mulheres como trabalhadoras independentes no campo missionário, elas passaram a figurar com maior frequência em textos biográficos e materiais publicitários ligados à missão. De acordo com Rowbotham, essas mulheres foram rapidamente celebradas como heroínas pelo simples fato de abandonarem a esfera doméstica na Grã-Bretanha. No entanto, suas atividades logo exigiram uma reavaliação retórica do conceito de heroísmo aplicado a elas, uma vez que suas realizações

⁴⁴⁴ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p.3-4

⁴⁴⁵ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p.67

⁴⁴⁶ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.84

começavam a igualar ou mesmo superar as de seus colegas homens, levantando questões mais amplas sobre a natureza do heroísmo e do martírio no contexto vitoriano.⁴⁴⁷

Desde o início da produção de biografias missionárias femininas no século XIX, o heroísmo foi um termo recorrente para descrever as ações de mulheres no campo missionário. Rowbotham argumenta que o uso do termo “heroísmo” para descrever ações femininas nas biografias não era uma questão meramente literária. Pelo contrário, envolviam-se aqui tensões ligadas a ideais de feminilidade amplamente aceitos na época. Em uma sociedade em que qualquer forma de empoderamento feminino, inclusive por meio do trabalho missionário, precisava ser mediado pela autoridade masculina, a publicidade em torno dessas mulheres era vista com desconfiança por homens e instituições dominados por eles. Essas tensões refletiam-se, por exemplo, em debates sobre se homens e mulheres deveriam ser igualmente valorizados em listas públicas de heroísmo e martírio.⁴⁴⁸

Observa-se, contudo, uma nítida feminização das personagens nessas narrativas. Segundo Angharad Eyre, com o fortalecimento da ideologia de esferas separadas, as mulheres foram cada vez mais retratadas como figuras domésticas e idealmente passivas. Essa visão enfatizava o papel da esposa e mãe cristã no lar como barreira contra a influência corruptora do mundo exterior, ideal que deveria ser refletido também nos escritos missionários.⁴⁴⁹

McColl aponta que, no final do século XIX e início do XX, muitas narrativas que heroizavam mulheres missionárias buscavam justificar sua coragem como um “heroísmo da fé”. Dessa forma, a fé excepcional dessas mulheres, que as teria capacitado a realizar viagens perigosas e empreitadas antes reservadas aos homens, tornou-se um recurso narrativo central para explicar por que assumiram, muitas vezes sozinhas, jornadas tão árduas.⁴⁵⁰ Kommers destaca que, até meados do século XX, o modelo biográfico predominante para mulheres missionárias incluía: ter nascido cristã, conversão e educação, preparação para o casamento e maternidade cristãos, e a capacidade de enfrentar a morte e o sofrimento com graça.⁴⁵¹

⁴⁴⁷ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.84-85

⁴⁴⁸ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.86-87

⁴⁴⁹ EYRE, Angharad. **Women’s Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre’s Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023. p.50

⁴⁵⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.233-234

⁴⁵¹ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In **die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p. 7

Vale ressaltar que as biografias de mulheres missionárias também se valeram do formato de história de aventura, tal como ocorria nas narrativas masculinas. No entanto, segundo McColl, os biógrafos utilizaram essa estrutura para promover a bravura e o sacrifício feminino, mas com o cuidado de não desafiar a autoridade dos missionários homens ou os ideais vigentes de feminilidade.⁴⁵² Conforme aumentava o número de mulheres que negociavam em paisagens hostis aumentaram, se tornou necessário que os biógrafos incorporassem suas experiências e aventuras. No entanto, ela ressalta, a inclusão estava sempre contida na retórica da feminilidade.⁴⁵³

Um aspecto recorrente nessas biografias é a comparação entre missionárias e seus colegas homens. McColl menciona, por exemplo, as frequentes analogias entre Mary Slessor e David Livingstone, este último considerado o missionário mais heroico de sua época. Ambos eram retratados como heróis de origem humilde, sendo utilizados como exemplos de autoajuda, fé e determinação. O fato de os dois terem atuado no continente africano intensificava ainda mais essas comparações.⁴⁵⁴ Segundo McColl, Slessor representa um exemplo de mulher que não se enquadrava nos padrões convencionais de gênero, o que se mostrou um desafio para os biógrafos. Para lidar com esse descompasso, sua imagem foi frequentemente redefinida como excepcional, extraordinária e, por vezes, excêntrica.⁴⁵⁵

Ainda de acordo com a autora, as biografias de heroínas missionárias estavam idealmente posicionadas para veicular exemplos de coragem, conquista e aventura ousada. No entanto, um método usado pelos biógrafos para retratar corajosas mulheres missionárias, o que parecia nada feminino na Grã-Bretanha, era promover atos de heroísmo moral necessários para garantir o sucesso da missão. Com a crescente atenção textual, os papéis das mulheres eram cuidadosamente construídos para adequação ao gênero, e em contraste com biografias de missionários masculinos que incorporava atos de bravura, patriotismo, força e acima de tudo masculinidade, mulheres missionárias, para evitar questões desconfortáveis sobre seu verdadeiro papel, foram apresentados através de suas conquistas domésticas. Missionárias

⁴⁵² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.128

⁴⁵³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.230-231

⁴⁵⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 160

⁴⁵⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.3

solteiras que não se encaixam nesta imagem eram frequentemente descritas como extraordinárias e distintas, como no caso da missionária Mary Slessor, descrita como “complexa, única, e de incomum em sua conduta”, chegou a ser descrita como uma heroína de meninos por Basil Mathews, biógrafo de David Livingstone.⁴⁵⁶

Conforme Sean Gill, a dificuldade em biografar mulheres missionárias residia, portanto, na necessidade de equilibrar características consideradas masculinas, como coragem e autonomia, com a ênfase em traços de feminilidade esperados socialmente. Essa tensão resultou em uma escrita ambivalente e cheia de contradições, nas quais a abnegação esperada das mulheres entrava em conflito com a autoafirmação necessária ao sucesso missionário.⁴⁵⁷ Essa contradição persistiu e se estendeu pelos séculos XX e XXI, refletindo dilemas duradouros na representação do heroísmo feminino. Um outro desafio inerente às biografias missionárias, conforme salientado por Duber, era narrar a vida de mulheres solteiras sem recorrer ao apelo emocional do romance. Assim como essas biografias tendiam a enfatizar a ambição e a realização, ao passo que emoções consideradas “negativas” ou algum descontrole emocional, como raiva e mau-humor, eram obscurecidos para forjar uma imagem idealizada.⁴⁵⁸

Para muitas mulheres, o trabalho missionário representou uma aventura independente e uma forma de autorrealização.⁴⁵⁹ Segundo Gill, em certo sentido, a crença religiosa poderia empoderar as mulheres, fornecendo uma sanção divina para suas próprias ambições. No entanto, essa autonomia frequentemente entrava em conflito com a norma cristã de abnegação, internalizada por elas desde tenra idade.⁴⁶⁰

McColl observa que, embora seus deveres fossem distintos, muitas mulheres no campo missionário vivenciaram condições e experiências semelhantes às dos missionários homens. Isso incluiu oportunidades de viagens e aventura, bem como os desafios de viver e trabalhar em

⁴⁵⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 146-147

⁴⁵⁷ GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.177

⁴⁵⁸ DURBER, Susan. Writing Women's Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. **Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien** nº 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025.p.102-104

⁴⁵⁹ WILLIAMS, Peter. ‘The Missing Link’: The Recruitment of Women Missionaries in some English Evangelical Missionary Societies in the Nineteenth Century. In: BOWIE, Fiona; KIRKWOOD, Deborah; ARDENER, Shirley (eds). **Women and missions: past and present: anthropological and historical perception**. Rhode Island: Berg Publishers, 1993.p. 62

⁴⁶⁰ GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.177

um país estrangeiro. Os biógrafos, por sua vez, debateram-se sobre como incluir essas mulheres numa narrativa de aventura que, por convenção, tendia a suprimir o protagonismo feminino.⁴⁶¹ Conforme Angharad Eyre, a escrita de biografias missionárias femininas buscava moldar a figura da missionária de modo a ser compatível com a domesticidade e a feminilidade, ao mesmo tempo que lhes conferia a autoridade para se engajar na atividade missionária.⁴⁶²

No entanto, no século XIX, esse gênero biográfico, buscou transformar o sujeito missionário feminino de modo que ela se tornasse essencializada, idealizada e suprimida com a figura do “anjo do lar”. Dessa forma, criava-se um modelo de feminilidade a ser imitado.⁴⁶³ Por outro lado, os aspectos de abnegação e domésticos da missionária ideal foram úteis para as próprias missionárias e escritoras em sua auto-representação e na promoção da mulher na causa. Contudo, segundo Eyre, as fissuras no discurso da missionária ideal sugerem que essa representação não era tão unificada e estável quanto as sociedades missionárias conservadoras desejariam.⁴⁶⁴

Há uma circulação de significados culturais e sociais no uso de biografias para transmitir ideias e imagens. As vidas exemplares refletem os valores dominantes de um período e classe. Para Rowbotham, essas imagens também podem indicar tensões de uma época, especialmente quando ficam desalinhadas com as mudanças nos papéis assumidos por um grupo na sociedade. No período vitoriano, buscou-se reconciliar mudanças significativas na realidade das mulheres com um desejo de preservar elementos centrais dos estereótipos femininos tradicionais. Isso explica as mudanças aparentemente mínimas nas biografias missionárias, predominantemente utilizadas como ferramenta para manter padrões tradicionais de feminilidade.⁴⁶⁵ Estabelecer exemplos a serem seguidos era uma prática didática há muito estabelecida, intensamente empregada durante o século XIX e que continuou no XX por aqueles interessados em preservar um *status quo* de gênero, como no meio protestante.

McColl afirma que, quando os biógrafos começaram a narrar as vidas de mulheres missionárias, descrevendo como elas enfrentaram provações e tribulações equivalentes às de

⁴⁶¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 141

⁴⁶² EYRE, Angharad. **Women's Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre's Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023. p.48

⁴⁶³ EYRE, Angharad. **Women's Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre's Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023. p.48

⁴⁶⁴ EYRE, Angharad. **Women's Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre's Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023. p.48

⁴⁶⁵ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.87

seus colegas homens, houve uma perturbação no paradigma tradicional de gênero. Descrições de mulheres confrontando hostilidades, animais selvagens, motins e outros perigos desafiavam as normas convencionais, levando muitos biógrafos a entrelaçar esses exemplos não convencionais com elementos de domesticidade.⁴⁶⁶

Segundo McColl, as biografias centradas em heroínas tornaram-se populares numa época em que reformadores sociais, educadores e entidades religiosas intensificavam suas redes de socialização de meninas na Grã-Bretanha, e quando o número de livros para jovens leitoras cresceu visivelmente. A escassez desse tipo de biografia foi inclusive discutida na Convenção da Escola Dominical de 1910, em Washington, que contou com representantes da América do Norte, Grã-Bretanha, Europa, África e Ásia. Nessa conferência, reconheceu-se que as meninas preferiam ler histórias de grandes mulheres em vez de grandes homens.⁴⁶⁷

Podemos compreender assim que, embora houvesse muito mais biografias de missionários homens, a divulgação das missionárias em jornais especializados e suas palestras durante os períodos de licença, fez que fosse impossível mantê-las escondidas dos leitores e expectadores do movimento. Essa exposição tornou inevitável que as editoras se preocupassem em promover as biografias missionárias femininas, buscando estratégias para alinhar seu discurso às expectativas de gênero da época.

O objetivo das biografias também era demonstrar que mesmo mulheres consideradas extraordinárias possuíam raízes nos lugares comuns da experiência humana, de modo a encorajar os leitores a seguir seus bons exemplos. As imagens textuais procuravam evidenciar que essas heroínas partilhavam virtudes ordinárias, mas exercidas em grau excepcional, o que as tornava dignas de admiração e imitação. Assim, as lições extraídas de vidas extraordinárias eram apresentadas como plenamente aplicáveis às demandas da vida cotidiana, tornando tais qualidades moralmente desejáveis e potencialmente alcançáveis por indivíduos comuns. Segundo Rowbotham, esse propósito didático ganhou ainda mais relevância entre aqueles que se preocupavam com os desdobramentos da chamada “questão da mulher” na era vitoriana, em um contexto no qual os estereótipos tradicionais de feminilidade estavam cada vez mais sujeitos a desafios.⁴⁶⁸

⁴⁶⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.252

⁴⁶⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.307

⁴⁶⁸ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.88

McColl sustenta ainda que uma das estratégias biográficas tinha como objetivo cativar o público feminino, especialmente as meninas, por meio de narrativas sensíveis que descreviam as necessidades do campo missionário, em particular as condições de vida de mulheres e crianças. Essas narrativas recorriam a recursos emocionais capazes de suscitar empatia, identificação e solidariedade, de modo a despertar o desejo missionário das leitoras em consonância com os ideais de feminilidade e maternidade vigentes.⁴⁶⁹ Nesse sentido, buscava-se direcionar a vocação religiosa feminina associada à capacidade afetiva e aos serviços de cuidados.

O padrão das biografias missionárias femininas remete às primeiras mulheres biografadas nesse gênero: as esposas de missionários. Suas ações se enquadravam nas perspectivas tradicionais de gênero, pois suas responsabilidades combinavam atividades domésticas, como cuidar do marido, dos filhos e do lar, com o papel de servir como modelo de domesticidade cristã para os nativos. Ainda assim, muitas delas realizavam o trabalho missionário tanto quanto seus esposos.

Segundo Patrícia Grimshaw e Peter Sherlock, o trabalho das esposas missionárias ocorria dentro de uma economia familiar de estilo pré-industrial, considerado auxiliar ao dos homens, mas essencial para a manutenção da vida doméstica europeia, para a criação de uma comunidade cristã e para o avanço da causa missionária. Essas mulheres desempenhavam múltiplos papéis ligados à sexualidade, à procriação e à criação dos filhos, além de tarefas cotidianas como obter alimentos, cozinhar, limpar, costurar, cuidar dos enfermos, manter hortas e criar aves e vegetais. Também treinavam e supervisionavam auxiliares locais e, paralelamente, promoviam o trabalho missionário. As sociedades missionárias esperavam ainda que elas ensinassem às mulheres e crianças locais as competências da domesticidade europeia, como costura, higiene e o aprendizado da leitura, permeado por ensinamentos bíblicos.⁴⁷⁰

Uma característica marcante da produção inicial desse gênero foi a apresentação de missionárias em coletâneas, formato que se popularizou ao longo do século XIX. McColl observa que as coletâneas biográficas sobre esposas missionárias atuantes na África entre 1816

⁴⁶⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.124

⁴⁷⁰ GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021. p.606-607

e 1891 enfatizavam exemplos de cuidado infantil, culinária, enfermagem, limpeza e costura, todas atividades que reafirmavam o ideal da mulher cristã e doméstica.⁴⁷¹

Embora as esposas missionárias tenham sido agentes ativas dentro do campo missionário, seu trabalho permaneceu limitado por um *status* subordinado e pela expectativa de representar uma imagem idealizada da civilização ocidental, da domesticidade e da feminilidade. Assim como o relato de suas vidas, suas experiências foram frequentemente narradas nas biografias de seus maridos. Uma das raras exceções foi Ann Judson (1798-1826), considerada a esposa missionária exemplar, biografada individualmente para servir de modelo de devoção, autossacrifício e virtude conjugal.⁴⁷²

Ann Judson consolidou-se como uma figura precursora nas missões protestantes. Esposa do missionário Adoniram Judson, ela integrou o primeiro grupo de missionários americanos enviados ao exterior, juntamente com outros três casais, como Samuel e Harriet Newell. De acordo com a historiadora Ruth Tucker, Ann era movida por uma convicção vocacional independente, que antecedeu o seu casamento, este ela via como uma confirmação divina para a sua vocação, e não a sua origem. Foi assim, por um profundo senso de dever para com Deus, que partiu para a Birmânia em 1812.⁴⁷³

No campo missionário, Ann adotou uma postura singular e proativa. Dominou rapidamente a língua birmanesa, alcançando até maior fluência conversacional que o marido, e estabeleceu um ministério próprio entre as mulheres locais, além de trabalhar com tradução da Bíblia, panfletos e hinos de evangelização. A partir do *zayat* da família – um espaço público para ensino e aconselhamento –, ela se dedicou a educar e evangelizar o público feminino. Sua contribuição literária foi fundamental: Ann tornou-se uma das principais autoras missionárias do século XIX e a primeira mulher missionária moderna a conquistar um amplo público ao relatar a vida no campo e as condições das mulheres “pagãs”. As suas cartas e diários, que descreviam com sensibilidade os casamentos infantis, o infanticídio feminino, e a submissão imposta pela autoridade tirânica dos maridos, comoveram e impulsionaram leitores americanos.

⁴⁷¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 310-311

⁴⁷² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 141

⁴⁷³ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: the story of women in modern missions**. Michigan: Zondervan Publishing House, 1988.p. 24

Através desses escritos, ela defendeu a educação e a alfabetização das mulheres nativas como um caminho para o acesso à Bíblia e à liberdade espiritual.⁴⁷⁴

A trajetória de Ann Judson, no entanto, foi marcada por uma sucessão de adversidades. O clima tropical hostil e infestado de doenças cobrou um preço severo à sua saúde, agravado por gestações exaustivas e pelo luto pela morte do filho, Roger. A maior provação sobreveio com a guerra entre a Grã-Bretanha e a Birmânia, que resultou na prisão e tortura de Adoniram, acusado de espionagem. Durante os dezessete meses de cativo do marido numa prisão imunda, Ann, inicialmente grávida e depois com um bebê recém-nascido, teve de gerir sozinha o sustento da família e a continuidade do trabalho missionário. Além disso, empenhou-se incansavelmente para fornecer alimentos ao marido preso, visitá-lo, e interceder junto às autoridades pela sua libertação. Este período de angústia, privação extrema e esgotamento físico deixou-a vulnerável a febres tropicais, levando-a à morte em outubro de 1826, após catorze anos de serviço no exterior. A sua vida tornou-se um poderoso símbolo de sacrifício e dedicação incondicional, solidificando a sua imagem como esposa missionária exemplar, e ícone de coragem, resiliência e domesticidade para as gerações de missionárias que a sucederiam.⁴⁷⁵

O impacto do seu legado materializou-se de forma palpável através da literatura missionária. Os dois primeiros livros de memórias de esposas missionárias publicados foram os de Harriet Newell e Ann Judson. De acordo com Midgley, essas obras tiveram grande impacto no incentivo às mulheres britânicas a assumirem o trabalho missionário. Newell teve uma breve carreira, falecendo menos de um ano após ser enviada ao campo missionário. Já o livro de memórias de Ann Judson, que ajudou a consolidá-la como pioneira da missão batista americana na Birmânia, foi publicado em edição britânica em 1829, por iniciativa da Sociedade Missionária Batista, e alcançou grande popularidade: em 1838 já circulava em sua nona edição. Judson foi descrita como a primeira mulher americana a “levar o evangelho aos pagãos em clima estrangeiro”.⁴⁷⁶

Segundo Eyre, biografia de Ann Judson publicada por James Davis Knowles, em 1829, estabeleceu o gênero da biografia missionária feminina na Grã-Bretanha. Conforme ela observa, os editores, por meio de estratégias adaptativas de seleção, resumo e agrupamento, transformaram gradualmente a representação de Ann Judson, e das missionárias em geral, em

⁴⁷⁴ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: the story of women in modern missions**. Michigan: Zondervan Publishing House, 1988.p. 24-25

⁴⁷⁵ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: the story of women in modern missions**. Michigan: Zondervan Publishing House, 1988. 25-26

⁴⁷⁶ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358. p.342

figuras ainda mais domesticadas e feminilizadas do que na biografia original de Knowles.⁴⁷⁷ Ou seja, a cada reescrita, ou a cada nova camada biográfica, a representação da missionária é reconstruída de acordo com os ideais de gênero dominantes vigentes.

As memórias individuais de esposas missionárias continuaram a ser publicadas durante a década de 1840 e na segunda metade do século XIX. Contudo, a partir de 1839, o gênero passou por um novo desenvolvimento com a publicação de memórias coletivas de mulheres missionárias, geralmente organizadas por mulheres promotoras de missões, em contraste com as biografias anteriores, tradicionalmente editadas por homens, como viúvos, pais ou membros das sociedades missionárias.⁴⁷⁸

Em 1841, Jemima Thompson publicou *Memoirs of British Missionaries* (Memórias de Missionárias Britânicas), declarando no prefácio que a biografia missionária não deveria restringir-se apenas ao trabalho dos homens missionários. Apesar disso, as publicações oficiais das sociedades missionárias continuavam a marginalizar as mulheres.⁴⁷⁹ Quando Emma Raymond Pitman publicou seus esboços biográficos de mulheres missionárias *Heroines of the Mission Field: Biographical Sketches of Female Missionaries who Have Laboured in Various Lands Among the Heathen* (Heroínas do Campo Missionário: Esboços Biográficos de Missionárias que Trabalharam em Várias Terras Entre os Pagãos), em 1880, muitas das personagens retratadas haviam atuado no início do século XIX, revela a intenção de apresentá-las como modelos para gerações posteriores.⁴⁸⁰

Segundo Judith Rowbotham, as listas produzidas por editoras britânicas no final do século XIX mostram uma infinidade de biografias com títulos como “Heroínas do Campo Missionário ou Heroínas da Cruz”, como os de autoria de Emma Raymond Pitman, que exaltavam o ministério das mulheres em terras estrangeiras. Além disso, artigos e panfletos missionários multiplicavam os registros de heroísmo feminino no campo.⁴⁸¹

Apesar das experiências desafiadoras e dos contextos culturais diversos em que atuaram, e o aumento significativo de publicações de suas ações no campo missionário, as esposas missionárias continuaram a ser representadas sob as lentes convencionais da domesticidade e

⁴⁷⁷ EYRE, Angharad. **Women's Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre's Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023. p.48

⁴⁷⁸ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358.p.345

⁴⁷⁹ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358.p.346

⁴⁸⁰ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358.p.348

⁴⁸¹ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.82

da maternidade, permanecendo enraizadas nos limites restritivos de gênero do discurso evangélico.⁴⁸² Como destaca Rowbotham, essas mulheres participavam do heroísmo missionário, mas de modo desigual: eram exaltadas como “ajudadoras idôneas” de seus maridos, e a ênfase em seu papel de esposas e mães inibia o reconhecimento das missionárias como agentes por direito próprio. Não raramente, elas iniciavam projetos missionários que, com a chegada de missionárias solteiras, eram então transferidos a estas, reforçando o padrão de subordinação feminina dentro da cultura missionária.⁴⁸³

A inserção das missionárias solteiras no campo missionário ocorreu, em grande medida, como resultado dos esforços das próprias esposas missionárias, que haviam demonstrado a necessidade da presença feminina em determinadas frentes de atuação. McColl observa que, para compreender as biografias centradas em missionárias solteiras, é necessário delinear sua posição independente em contraste com a da esposa missionária.⁴⁸⁴ Com o ingresso dessas mulheres e, à medida que conquistaram maior autonomia em seus projetos, as representações de gênero se transformaram, exigindo dos biógrafos novos discursos capazes de enquadrá-las dentro dos parâmetros conservadores das sociedades de origem.

As missionárias solteiras que foram para o campo a partir dos últimos trinta anos do século XIX passaram a construir experiências distintas, já que muitas atuavam sem supervisão masculina em estações missionárias isoladas. Dessa forma, vivenciaram situações semelhantes às de seus colegas homens, o que tornou necessária uma reconfiguração do discurso biográfico sobre o heroísmo feminino. Além disso, essas mulheres encontraram no campo missionário oportunidades de formação profissional e independência que não lhes eram disponíveis na Grã-Bretanha, sendo com frequência empregadas como professoras e enfermeiras, funções que expandiam, mas ainda se vinculavam aos papéis tradicionais de cuidado, nutrição e proteção. Transgredindo as normas de gênero prescritas pela sociedade britânica, o trabalho missionário ofereceu às mulheres solteiras um espaço respeitável para viagens, aventuras e exercício de autoridade.⁴⁸⁵

⁴⁸² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 142-143

⁴⁸³ ROWBOTHAM, Judith *apud* MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 143

⁴⁸⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 166

⁴⁸⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 141

Segundo Rowbotham, o sucesso de sociedades missionárias compostas exclusivamente por mulheres, como a Church of England Zenana Missionary Society (CEZMS) e a Baptist Zenana Mission (BZM), pressionou outras denominações a enviarem um número crescente de missionárias a partir do final da década de 1880. A relutância masculina em permitir o envio de mulheres solteiras ao campo missionário gerou, contudo, um dilema sobre como representá-las nos esboços biográficos e materiais de propaganda, que se tornaram um marco na difusão do ideal missionário.⁴⁸⁶

Com o passar das décadas, o número de mulheres dispostas a servir no campo missionário aumentou significativamente. Diante disso, os dirigentes das missões passaram a se perguntar: como as mulheres poderiam tornar-se “soldadas de Cristo” e, ao mesmo tempo, permanecer adequadamente femininas?⁴⁸⁷ Ao mesmo tempo em que a possibilidade de não enviar mulheres para o campo missionário não era viável pois visualizavam um fracasso nas missões caso as mulheres não atuassem, principalmente em sociedades em que limitavam o contato de homens estrangeiros com mulheres nativas. Dessa forma, o trabalho de mulheres para conversão de mulheres nativas era fundamental para o sucesso missionário, como por exemplo na Índia.

Segundo McColl, uma característica recorrente nas biografias de missionárias solteiras profissionais é que, mesmo quando os biógrafos reconhecem suas habilidades e competências, eles rapidamente recorrem a estratégias narrativas que reafirmam suas capacidades domésticas e maternas.⁴⁸⁸ A autora observa ainda que, nessas biografias, há um esforço constante para reforçar ideias culturalmente definidas de gênero, que posicionam as mulheres como fisicamente mais frágeis e, em alguns casos, como incapazes de resistir a doenças, às intempéries climáticas e aos perigos naturais do campo missionário, além de emocionalmente mais vulneráveis.⁴⁸⁹

Outra característica fundamental das biografias de mulheres missionárias era a centralidade do tema do autossacrifício, considerado um dos principais elementos na maioria dessas narrativas e responsável por consolidar a figura da missionária como heroína aos olhos

⁴⁸⁶ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.95

⁴⁸⁷ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.93

⁴⁸⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 144

⁴⁸⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.320

do leitor. Enquanto o autossacrifício e a coragem moral eram utilizados, nas biografias masculinas, como expressão de virilidade e de masculinidade cristã, para as mulheres esses mesmos valores assumiam formas mais passivas e domesticadas de “grandeza”. McColl observa que o autossacrifício missionário se configurava de modo distinto entre homens e mulheres: esperava-se delas uma expressão essencialmente doméstica de renúncia e serviço.⁴⁹⁰ Nesse contexto, como afirma Rowbotham, o autossacrifício adquiriu fortes conotações de gênero, definindo as diferentes naturezas do heroísmo masculino e feminino. Enquanto o heroísmo masculino era associado a feitos raros e excepcionais, o heroísmo feminino era entendido como parte da rotina moral e afetiva da vida doméstica vitoriana.⁴⁹¹

De acordo com Rowbotham, as figuras femininas escolhidas para representações laudatórias eram aquelas que correspondiam aos estereótipos de gênero dominantes e, no caso protestante, que incorporavam as virtudes esperadas das “senhoras cristãs”: capacidade de autossacrifício e paciência diante da adversidade.⁴⁹² A autora distingue ainda entre o heroísmo nacional, expresso pela disposição de morrer pela pátria, e o martírio religioso, representado pelo sacrifício da vida por causa da fé. McColl argumenta que a construção narrativa das biografias missionárias, nesse sentido, também envolvia a disponibilidade da personagem central em morrer pela causa missionária, elevando-o a um modelo exemplar digno de admiração.⁴⁹³

Na década de 1870, a propaganda missionária havia se tornado um grande negócio, isso significou também a reação das mulheres para seu conteúdo e apresentação, porque eram os principais canais para sua disseminação entre um grande público. Passaram a ser, simultaneamente, consumidoras, divulgadoras e financiadoras da causa missionária, engajando-se por meio de palestras, periódicos e cartas enviadas do campo. Se anteriormente o foco recaía sobre as esposas de missionários, a partir de 1870 a atenção se deslocou para as missionárias solteiras, cujos feitos passaram a ser amplamente divulgados.⁴⁹⁴

⁴⁹⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.329-330

⁴⁹¹ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.88

⁴⁹² ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.85

⁴⁹³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.329

⁴⁹⁴ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.96

A partir da década de 1880, contudo, os dilemas de representação tornaram-se mais complexos. Para Rowbotham, representar as missionárias solteiras como exemplos de heroísmo feminino útil implicava um duplo desafio: de um lado, exaltá-las como nobres e abnegadas por renunciarem ao conforto dos seus lares para socorrer os “pagãos”; de outro, evitar que essa escolha fosse interpretada como uma forma “masculina” de autoimolação. Assim, os biógrafos procuravam retratar essas mulheres como devotadas aos aspectos femininos do campo missionário como ensino, cuidado e domesticidade, transformando-as em modelos para outras mulheres em seus países de origem.⁴⁹⁵

Segundo a mesma autora, as sociedades missionárias e editoras comerciais buscavam assegurar que as representações das missionárias solteiras não ameaçassem a posição preeminente dos missionários homens. Para isso, construíam uma imagem de complementaridade entre os sexos, destacando as diferenças entre o “trabalho religioso” masculino e o “trabalho leigo” feminino. As missionárias eram apresentadas atuando em esferas tradicionalmente femininas, entre mulheres e crianças, com qualidades como ternura, tato e entusiasmo caloroso. Mesmo quando pregavam o evangelho, enfatizava-se que seu papel era preparar corações para a conversão, cujo rito, como o batismo, dependia da autoridade masculina.⁴⁹⁶

Com o passar das décadas, tornou-se impossível ocultar os riscos reais que as missionárias enfrentavam.⁴⁹⁷ As narrativas biográficas começaram, então, a ressaltar a coragem dessas mulheres, alinhando-se a novos conceitos de heroísmo feminino independente. Nesse processo, a retórica militar, antes predominante nas biografias masculinas, passou a ser aplicada às missionárias, descritas como “soldadas de Cristo”. Essa linguagem militar, além de aproximar as mulheres dos ideais de bravura e dever, também reforçava o vínculo entre patriotismo e religião, característico do imaginário vitoriano.⁴⁹⁸

No entanto, como aponta McColl, enquanto a retórica do cristianismo muscular⁴⁹⁹ e o tropo militarista influenciavam a literatura missionária do final do século XIX e início do XX,

⁴⁹⁵ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.91-92

⁴⁹⁶ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.96-97

⁴⁹⁷ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.97

⁴⁹⁸ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.97-98

⁴⁹⁹ O cristianismo muscular foi um movimento religioso, literário e social que influenciou profundamente as igrejas protestantes da Inglaterra e dos Estados Unidos, da segunda metade do século XIX às primeiras décadas do século XX (HALL, 1994). Seus princípios pregavam que os cristãos deveriam cultivar a saúde física e a masculinidade cristã, combinando virtude e cavalheirismo com habilidades atléticas, camaradagem, patriotismo e honra. Brett e

sua aplicação às mulheres foi peculiar, sendo muitas vezes reformulada ou atenuada no caso das mulheres.⁵⁰⁰ Os biógrafos, ao se concentrarem nos sacrifícios femininos, buscaram reformular suas imagens de feminilidade moral, apresentando qualidades comuns praticadas em um grau extraordinário. Ao comparar seu heroísmo ao de soldados ou exploradores, agregava-se um senso inquestionável de dever nacional e religioso. A morte de uma missionária passou a ser narrada em termos heroicos, como o sacrifício de uma “soldada caída”.⁵⁰¹

Rowbotham aprofunda essa análise, argumentando que o simples ato de uma mulher missionária solteira se dispor a partir já era interpretado como um ato de coragem, dadas as condições adversas. No entanto, justifica essa autonomia como obediência ao chamado divino e submissão à vontade de Deus. Assim, seu heroísmo consistia em permanecer fiel à missão até a morte ou a incapacidade física. A autora explora como os escritores buscavam apresentar a missionária enfrentando os mesmos perigos que os homens, descrevendo-a com uma linguagem militar, porém atribuindo-lhe “armas” femininas: eram ousadas e destemidas, puras, sábias, condescendentes com os ignorantes, prudentes, autocontidas, determinadas e, ainda assim, maternais e amorosas. Suas táticas de batalha seriam a gentileza e o exemplo moral, e não a pregação sobre “os horrores do inferno”, uma prevalência masculina. Para Rowbotham, esse discurso, ao mesmo tempo que celebrava, também diminuía a coragem demonstrada pelas mulheres, fazendo seu trabalho parecer menos desafiador em comparação ao dos homens, para se adequar às visões tradicionais de feminilidade.⁵⁰²

Uma mudança importante, segundo Rowbotham, ocorreu após 1895, com o martírio de cinco jovens missionárias solteiras em Hwa Sang, na China, e, cinco anos depois, durante a Revolução dos Boxers, que resultou em um grande número de mártires de ambos os sexos. Esses eventos, somados ao envolvimento de mulheres como enfermeiras na Guerra dos Bôeres, tornaram insustentável o argumento de que mulheres solteiras deveriam ser isoladas do perigo se escolhessem o contrário. As sociedades missionárias e seus escritores viram-se obrigados a tratar as mulheres missionárias sem distinção substancial de gênero ao exaltar seu heroísmo.⁵⁰³

Kate McKay afirmam que o objetivo central do Cristianismo Muscular era encorajar homens a praticarem exercícios físicos e esportes, buscando fortalecer a cultura cristã através de uma imagem mais viril (MCKAY; MCKAY, 2018, p. 54-55).

⁵⁰⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.302

⁵⁰¹ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.97

⁵⁰² ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.98-99

⁵⁰³ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p. 102

A biografia missionária do início do século XX passou a refletir, assim, a aceitação de uma feminilidade moderna ideal, com potencial para o martírio, elogiada por seu patriotismo, coragem e firmeza no cumprimento do dever. Implicitamente, louvava-se também seu autossacrifício em transformar seus “instintos femininos naturais” de dependência para empreender um trabalho moralmente valorizado. Esse novo panorama teve implicações profundas, pavimentando o caminho para uma aceitação mais ampla do potencial feminino ao longo do século. As mulheres não apenas realizavam um trabalho nacionalmente necessário e inequivocamente feminino, mas também demonstravam seu direito de serem julgadas em paridade com seus colegas homens.⁵⁰⁴

Como destaca McColl, os biógrafos, conscientes dos debates sobre o papel da mulher, buscavam um equilíbrio delicado: promover o trabalho missionário como uma ferramenta emancipatória, sem deixar de defender a feminilidade convencional das missionárias em termos de dever doméstico, religioso e humanitário.⁵⁰⁵ Esse equilíbrio foi crucial para as sociedades missionárias, que dependiam da colaboração feminina e, por isso, patrocinaram uma vigorosa divulgação de suas realizações. Através de um cânone literário que utilizava a estrutura narrativa da história de aventura, a biografia missionária forjou uma imagem idealizada da heroína. Essa representação sustentou um conceito de feminilidade intrínseca em torno de suas conquistas, criando ícones cuja abnegação justificava, mas não camuflava, sua competência.⁵⁰⁶

O cerne dessa construção narrativa, no entanto, residia em sua ênfase no caráter, concentrando-se mais no que a missionária era do que no que ela fazia. Esta base moral, e não os seus feitos concretos, tornou-se o parâmetro para julgar suas realizações. Dessa forma, o modelo proposto para imitação não consistia primariamente em atos heroicos, mas na internalização de virtudes consideradas intrinsecamente femininas, como a abnegação, a renúncia, a obediência, o autossacrifício, a maternidade, a paciência e o cuidado com os outros. Era, sobretudo, na prática dessas virtudes na vida cotidiana, e no exercício de um julgamento responsável nas escolhas de carreira e estilo de vida, que mulheres e meninas “comuns” deveriam buscar imitar essas heroínas.⁵⁰⁷

⁵⁰⁴ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p. 102

⁵⁰⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.309

⁵⁰⁶ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p. 103

⁵⁰⁷ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p. 103

2.2. Os arquitetos da construção da representação biográfica missionária: os biógrafos

No século XIX, as biografias missionárias eram escritas predominantemente por outros missionários, parentes dos biografados, funcionários das sociedades missionárias, ou por pessoas dedicadas à literatura devocional e religiosa. Havia, portanto, uma ampla produtividade biográfica proveniente de diferentes perfis de autores como clérigos, leigos e escritores amadores, o que contribuiu para a consolidação de um gênero de grande circulação no campo protestante. Segundo Graig, esses autores se apropriaram das formas biográficas desenvolvidas para celebrar os heróis da história ocidental, garantindo, assim, maior receptividade de suas obras entre o público cristão. Já no século XX, novas categorias de autores, como jornalistas e historiadores confessionais, também se engajaram na escrita de biografias missionárias, expandindo ainda mais o alcance desse gênero.⁵⁰⁸

De acordo com Linda Wagner-Martin, durante o século XIX, a maioria dos biógrafos era composta por homens, e seus sujeitos biografados, quase sempre, também eram masculinos. Quando mulheres se dedicavam à escrita biográfica, sua produção frequentemente era considerada inferior ou de menor valor intelectual. Mesmo no século XX, nos Estados Unidos, persistia certa desconfiança em relação às mulheres que escreviam sobre outras mulheres. Wagner-Martin recorda que, em 1917, quando Laura E. Richards e Maude Howe Elliot receberam o Prêmio Pulitzer de Biografia pela obra *Julia Ward Howe*, sobre a vida de sua mãe, muitos críticos masculinos não levaram a sério o feito.⁵⁰⁹ Nas primeiras décadas do século XX, as biografias de mulheres concentravam-se majoritariamente em figuras históricas e públicas, relegando a vida doméstica e privada à invisibilidade. A partir da década de 1930, algumas autoras passaram a enfatizar o cotidiano doméstico como espaço de valor e experiência feminina. No entanto, com a Grande Depressão (1929–1933) e a Segunda Guerra Mundial, a escassez de papel reduziu drasticamente a publicação de biografias, especialmente as dedicadas a mulheres. O gênero retomou força na década de 1970, quando emergiu uma nova consciência sobre as especificidades da experiência feminina e sobre as diferentes formas de narrar essas vidas. Wagner-Martin observa que, nesse período, o público leitor, cada vez mais composto por

⁵⁰⁸ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.56-57

⁵⁰⁹ WAGNER- MARTIN, Linda. **Telling Women's Lives: The New Biography**. New Jersey: Rutgers University Press, 1994. p.1-2

mulheres, passou a demandar narrativas com as quais pudesse se identificar, alterando, assim, o foco e o tom da escrita biográfica.⁵¹⁰

Foi neste contexto que o número de biografias de mulheres missionárias cresceu nas últimas décadas do século XX. Dosse aponta que, geralmente, o biógrafo expõe as motivações que o levaram a acompanhar a vida do biografado. Segundo o historiador francês, a prática de expor intenções é clássica, assumindo no gênero biográfico uma importância singular que a transforma num rito quase obrigatório: “O biógrafo justifica sua escolha e enfatiza os argumentos que ensejarão uma maior proximidade com a personagem escolhida, em função de suas pesquisas, de sua sensibilidade e de seus compromissos.”⁵¹¹

Nas biografias missionárias, essa proximidade é frequentemente construída sobre motivos religiosos e uma profunda admiração pela vida missionária. Este ponto é ilustrado por autores como W. P. Livingstone que era funcionário de uma sociedade missionária, Janet e Geoff Benge, que foram missionários durante dez anos pela JOCUM (Jovens com uma Missão) antes de se dedicarem à escrita biográfica. Outro exemplo notável é Elizabeth Elliot, que atuou no Equador, primeiro como missionária solteira e depois como esposa de um missionário. Nesse aspecto, vale ressaltar que a própria missionária Amy Carmichael biografou dois colegas durante a sua carreira. Neste sentido, é pertinente a colocação de Lília Schwarcz, que pondera ser comum o biógrafo identificar-se com o seu objeto.⁵¹² No caso missionário, esta identificação não se dá necessariamente pelo heroísmo, mas pelas dificuldades, sofrimentos, superações, dúvidas e afirmações de fé inerentes à vida no campo missionário.

Contudo, a simpatia do biógrafo pelo biografado não é exclusiva das biografias missionárias. Segundo Dosse, as biografias de estadistas e intelectuais também constituem ocasiões de um forte envolvimento emocional.⁵¹³ Para este historiador, o biógrafo partilha com o leitor os seus entusiasmos e angústias em relação ao biografado, estabelecendo uma relação de implicação muito mais forte quando há empatia.⁵¹⁴ Como reflete Arfuch, esse movimento é particularmente intenso quando “a descrição da vida de um outro que é ao mesmo tempo a razão da própria vida ganha uma dimensão particular, inaugurando talvez essa devoção que alentou,

⁵¹⁰ WAGNER- MARTIN, Linda. **Telling Women's Lives: The New Biography**. New Jersey: Rutgers University Press, 1994. p. 3-4

⁵¹¹ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 95

⁵¹² SCHWARCZ, Lília Moritz. A biografia como gênero e problema. **História Social**. Nº 24, 51-73. 2013. p.53 Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577> Acesso em: julho/2021

⁵¹³ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.371

⁵¹⁴ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 9-11

desde então, tantas gerações de biógrafos.”⁵¹⁵ Nas biografias missionárias, especialmente aquelas escritas por missionários, filhos ou pessoas ligadas às sociedades de fé, essa relação de implicação se torna ainda mais evidente.

Outro aspecto importante na escrita biográfica missionária é a impressão da orientação divina por trás da voz e das atividades ao longo da vida do protagonista, que se apresenta de maneira absoluta nesses textos. Para Craig, esse efeito de certeza que a voz do biógrafo transmite foi um dos maiores atrativos desta literatura. É devido à voz de autoridade impressa na narrativa que atrairia aqueles que a procuram. Assumindo um tom infalível e justo, apoiado por evidências de milagres e respostas de orações. A biografia do herói missionário seria uma prova do interesse contínuo de Deus pela humanidade e sua vontade de intervir de forma prática em trajetórias individuais. Os desafios especiais do trabalho missionário se tornam evidências das intervenções especiais de Deus. Muitas vezes essa voz parte de uma postura paternal e instrutiva, que assume um ponto vista religioso comum e trabalha a partir dessa semelhança para educar ainda mais o leitor sobre as obrigações evangélicas da sua religião.⁵¹⁶

Para Craig, o propósito dessas biografias não era converter novos fiéis, mas fortalecer o impulso missionário e devocional entre leitores já comprometidos com uma denominação cristã. A voz do biógrafo, construída como confiável e inspiradora, era utilizada estrategicamente para reafirmar valores religiosos e encorajar o engajamento com a causa missionária.⁵¹⁷ A biografia missionária possuía, assim, vantagens didáticas singulares, pois apresentava exemplos de vida considerados “reais”, cujas virtudes eram vistas como alcançáveis por qualquer pessoa de fé. Essa característica contribuiu para a popularização de biografias de missionários contemporâneos, cuja experiência espiritual e vocacional parecia mais próxima da realidade dos leitores.⁵¹⁸

A intencionalidade da convocação missionária fica clara no prefácio do livro de Ruth A. Tucker *From Jerusalem to Irian Jaya*, que classifica a sua obra como uma “história biográfica das missões” e expressa a esperança de que ela “não apenas informe e ensine, mas também inspire os leitores para que desejem ser usados por Deus na maior causa de toda a

⁵¹⁵ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.44

⁵¹⁶ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.67-68

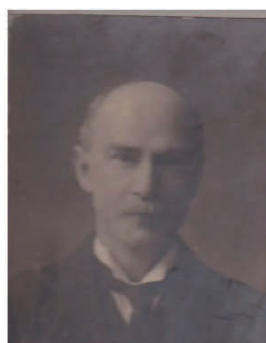
⁵¹⁷ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.68-69

⁵¹⁸ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.87

história humana.”⁵¹⁹ Percebe-se, assim, a intenção explícita de recrutar leitores para a causa missionária, tornando esse objetivo um elemento constitutivo do gênero. A partir dessa perspectiva, observar quem são os biógrafos e de que lugares falam é, portanto, fundamental para compreender as projeções narrativas que moldam as representações biográficas. W. P. Livingstone, editor de jornal ligado a uma sociedade missionária; Alan Burgess, repórter e escritor; Janet e Geoff Benge, ex-missionários; e Elisabeth Elliot, linguista e missionária, exemplificam como as trajetórias, suas identidades, compromissos e experiências pessoais dos autores influenciam na construção do discurso narrativo sobre as personagens que biografaram e as imagens de heroísmo construídas em torno do legado escrito do trabalho missionário.

O livro *The White Queen of Okoyong: A True Story of Adventure, Heroism, and Faith* (A Rainha Branca do Okoyong: Uma História Verdadeira de Aventura, Heroísmo e Fé), foi escrito por William Pringle Livingstone (W.P. Livingstone), editor do *Missionary Record of the Church of Scotland* (Registro Missionário da Igreja da Escócia), em 1916.⁵²⁰ Essa obra foi publicada, como uma versão voltada especialmente para o público infantil, com o objetivo de inspirar o público infante juvenil, mas também convocar moças e rapazes para o serviço missionário.

Figura 1- Retrato de W.P. Livingstone



Fonte: Lives of my ancestors. <https://livesofmyancestors.wordpress.com/2014/03/21/william-pringle-livingstone/> Acesso: outubro/2025.

⁵¹⁹ TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986. p.16

⁵²⁰ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 161

Mary Slessor não foi a única missionária biografada por W. P. Livingstone. Como editor do *The Record of the Church of Scotland* e escritor comprometido com a documentação missionária, Livingstone dedicou-se a diversas pesquisas, viagens de campo e coleta de materiais para a produção de biografias de missionários e missionárias ligados à Igreja da Escócia. Em 1919, publicou *Christina Forsyth of Fingoland: The Story of the Loneliest Woman in Africa*, relato biográfico sobre Christina Moir Forsyth, que havia partido para a Colônia do Cabo, na África do Sul, na década de 1870, atuando como missionária não remunerada da Igreja Livre Unida da Escócia.

Ainda em 1919, Livingstone viajou à África do Sul com o objetivo de reunir documentação sobre o missionário Robert Laws, também ligado à Igreja Livre da Escócia, responsável por fundar uma estação missionária às margens do Lago Niassa em 1875. Em 1931, publicou *A Prince of Missionaries: Rev. Alexander Hetherwick of Blantyre*, biografia dedicada ao missionário Alexander Hetherwick, que atuou no Malawi. Dois anos depois, lançou *The Hero of the Lake: A Life of Dr. Robert Laws for Boys*, “O Herói do Lago. Uma biografia do Dr. Robert Laws para meninos”, uma versão biográfica voltada ao público juvenil, na qual procurava destacar o caráter exemplar e o espírito heroico do missionário.

No contexto escocês, o *Missionary Record* desempenhou um papel fundamental na consolidação e difusão da literatura missionária. Criado na primeira metade do século XIX, o periódico servia como órgão oficial do Comitê de Missões Estrangeiras (Foreign Mission Committee) da Igreja da Escócia, funcionando como um veículo institucional de comunicação e propaganda missionária. Por meio de relatórios, cartas, notícias do campo e biografias de missionários, o *Missionary Record* visava informar os fiéis sobre o progresso das missões, fortalecer o compromisso espiritual das congregações e angariar apoio financeiro e vocacional.⁵²¹

Essa publicação enquadra-se em uma estratégia adotada por diversas sociedades missionárias: para assegurar um fluxo constante de informações, as atividades nos campos de missão precisavam ser meticulosamente registradas e regularmente reportadas. Essa prática resultou na produção e circulação em massa de um vasto corpus de material missionário, que abrangia desde atas de reuniões e relatórios de campo até livros comemorativos, estudos científicos e linguísticos, panfletos, diários, cartas, fotografias, autobiografias e biografias. De acordo com a historiadora Susan Thorne, grande parte desses materiais era distribuída

⁵²¹ FOREIGN MISSION RECORDS OF THE CHURCH OF SCOTLAND., 1827-1933., MSS.7530-7637. Foreign mission records of the Scottish Presbyterian Churches., MSS.7530-8022. Archives and Manuscripts. Disponível em: https://manuscripts.nls.uk/repositories/2/archival_objects/7976 Acesso: 20 de outubro/2025.

gratuitamente, seja como prêmio em escolas, seja como recompensa por trabalhos voluntários.⁵²²

A publicação da biografia infantil de Mary Slessor visava contribuir para a formação de uma comunidade de leitura transnacional, na qual as narrativas biográficas de missionários eram mobilizadas como instrumento de edificação e inspiração religiosa. Essa prática de registrar e difundir vidas exemplares, típica da cultura impressa protestante do início do século XX, estava profundamente enraizada nos modelos publicitários missionários oitocentistas.⁵²³

Como assinala McColl, a biografia escrita por W. P. Livingstone alinha-se aos objetivos do seu contexto histórico, concentrando-se numa narrativa que busca inculcar nas crianças noções de patriotismo, papéis de gênero e superioridade britânica.⁵²⁴ Nesse período, era comum que os biógrafos, ao heroicizar mulheres, recorressem a um *tropos* militarista para descrever a coragem das missionárias. No entanto, de acordo com Rowbotham, na biografia de Mary Slessor, esse recurso é contrabalançado por descrições que enfatizam imagens femininas e maternais. A linguagem bélica, frequente nessas obras, também representava o vínculo entre o patriotismo do século XIX e a religião, que exortava os britânicos a empunharem as armas na batalha cristã contra Satanás.⁵²⁵

Considerando a temporalidade da escrita da biografia de Livingstone, McColl analisa que a imagem de Slessor como uma mulher incomum que andava com o pé no chão, musculosa e versátil, embora pudesse ser usada em seu benefício, os biógrafos buscavam suprir a expectativa social de que as crianças recebessem uma imagem ao mesmo tempo heroica e consistentemente feminina da mulher missionária. Dessa forma, a representação de Slessor tornou-se um desafio narrativo.⁵²⁶ A biografia escrita por Livingstone se encaixa na observação de McColl sobre biografias de mulheres missionárias escritas no final do século XIX e início do XX: obras que funcionaram como um ponto de referência para princípios morais e

⁵²² THORNE, Susan. **Congregation Missions and the Making of in Imperial Culture in Nineteenth-Century England**. California: Stanford University Press, 1999. p.6

⁵²³ STANLEY, Brian. Christian missions, antislavery and the claims of humanity, c.1813-1873. In: GILLEY, Sheridan; STANLEY, Brian (eds). **The Cambridge History of Christianity. Word Christianities c. 1815- c 1914**. Vol. 8. Cambridge University Press: New York, 2008. p.445

⁵²⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.46

⁵²⁵ ROWBOTHAM, Judith. "Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom". **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.85

⁵²⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 163

comportamentos sociais apropriados para transmitir mensagens para leitoras da classe trabalhadora.⁵²⁷

O modelo de escrita de W.P. Livingstone, marcado pelo *ethos* confessional e edificante, e pela autoridade moral na voz narrativa, é seguido por Elisabeth Elliot, em sua obra biográfica *A Chance to Die: The Life and Legacy of Amy Carmichael* (Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega). Quando esta biografia foi publicada, em 1987, Elliot já era uma autora consagrada, famosa pela obra *Through Gates of Splendor* (Através dos Portais do Esplendor, 1957), que narra o martírio de cinco missionários, incluindo seu primeiro marido, Jim Elliot, na Operação Auca (Waorani), no Equador, em 1956. Sua biografia de Carmichael se configura, assim, como uma escrita de admiração, com um propósito pedagógico e de inspiração espiritual.

Figura 2 - Elisabeth Elliot



Fonte da imagem: Conselho de Missões Internacionais (sem data)

Nascida na Bélgica, em 1926, e criada nos Estados Unidos, Elisabeth Elliot graduou-se em Greco Clássico com o objetivo de ser capaz de traduzir a Bíblia para outros idiomas, e fez pós-graduação em Alberta, no Canadá. Em 1952, partiu como missionária solteira para o Equador, onde se casou com Jim Elliot em 1953. Após seu martírio em 1956, ela se tornou a porta-voz da história, transformando sua experiência em uma série de livros best-sellers e em

⁵²⁷ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.311

uma carreira requisitada como palestrante de ensinamento bíblico, e comunicadora radiofônica.⁵²⁸

Segundo a historiadora Ruth Tucker, Elliot inspirou “dezenas de milhares de cristãos” a se aprofundarem em missões. Sua escrita inicial era marcada por uma “honestidade crua” sobre a vida missionária, particularmente sobre os desafios enfrentados pelas mulheres. Seu livro *No Graven Image* (Estas Cinzas Estranhas), publicado em 1966, seu único romance, foi considerado revolucionário e crítico, chegando a ser censurado por agências missionárias, pois ela criticava a idolatria dos missionários pela igreja. Tucker afirma que esse tipo de escrita de Elliot, não era a mensagem que os missionários ou líderes missionários queriam ouvir. Nele, Elliot apresenta uma missionária solteira que enfrenta dúvidas, frustrações e questionamentos diante do fracasso e da rigidez institucional. Assim, o livro provocou desconforto em líderes missionários por seu tom considerado “cínico” e por revelar as ambivalências do chamado missionário feminino. Além do mais, na obra, Elliot descreve as hierarquias de gênero entre os missionários e critica a invisibilização das mulheres em reuniões e decisões.⁵²⁹

A autora Liz Charlotte Grant, observa que Elliot nesse período, era uma viúva intelectual, crítica e em diálogo com ideais feministas emergentes, na casa dos trinta anos, que ensinava a Bíblia tanto a homens quanto a mulheres, deixava a filha em casa com uma amiga para viajar a trabalho, circulava livremente entre os literatos de Nova York, e criticava abertamente padronização moralista da literatura cristã por habitualmente tornar as histórias “limpas e organizadas”, e que ganhou a reputação de ser argumentativa e opinativa.⁵³⁰

No entanto, Grant aponta que houve uma grande e intrigante mudança na postura e na escrita de Elliot, que assumiu a inflexão teológica de defesa do “complementarismo” conjugal⁵³¹ e dos papéis tradicionais de gênero como fundamentos da fé evangélica. Entre as décadas de 1970 e 2000, Elliot consolidou-se como uma das principais vozes femininas do

⁵²⁸ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.195

⁵²⁹ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.199

⁵³⁰ GRANT, Liz Charlotte. Elisabeth Elliot, Flawed Queen of Purity Culture, and Her Disturbing Third Marriage. **The revealer: a review of religion & media**. Publicado em 6 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://therevealer.org/elisabeth-elliott-flawed-queen-of-purity-culture-and-her-manipulative-third-husband/> . Acesso: maio/2025.

⁵³¹ O complementarismo conjugal, doutrina comum em círculos evangélicos conservadores norte-americanos, postula uma igualdade entre homens e mulheres perante Deus, mas defende funções distintas e hierárquicas no casamento, na família e na liderança eclesial, com base em interpretações específicas de passagens bíblicas. Neste modelo, as esposas são chamadas para se colocarem sob a liderança de seus maridos com atitudes marcadas pela submissão “em tudo”, e sua submissão ao marido é um reflexo de sua submissão a Deus. JANTZI, Bethany. The Wife as a Training Ground: Complementarian Theology and Coercive Control. **Priscilla Papers**, 39/1, 2025. Disponível em: <https://www.cbeinternational.org/wp-content/uploads/2025/01/PP39.1TheWifeAsATrainingGround.pdf> Acesso em: outubro/2025.

movimento evangélico conservador norte-americano.⁵³² Por meio de seu programa diário de rádio, que recebia de 500 a 1.000 cartas semanais, e de livros como *Let Me Be a Woman* (*Deixe-me ser uma mulher*), publicado em 1977 e *Passion and Purity* (Paixão e Pureza: Aprendendo a colocar sua vida amorosa sob o controle de Deus), em 1984, Elliot promoveu uma teologia da feminilidade cristã centrada em pureza, submissão e obediência. Para Grant, o “triângulo de autoridade” defendido por Elliot — Deus no topo, seguido pelo homem e depois pela mulher — tornou-se uma das expressões mais influentes do pensamento complementarista, servindo de base para a chamada *cultura da pureza*. Para Grant, os escritos e os posicionamentos de Elliot incentivaram uma cultura de dominação masculina, e que a tornou uma figura controversa. Cristãos conservadores e liberais fizeram dela um símbolo do que é “certo” ou “errado” na relação do cristianismo com as mulheres.⁵³³

Para analisar essa trajetória, Grant baseia-se em duas biografias de Elliot publicadas em 2023: *Elisabeth Elliot: A Life* de Lucy S. R. Austen e *Being Elisabeth Elliot* de Ellen Vaughn. A primeira, de Austen, foi um projeto independente e recebeu aclamação de setores diversos, da historiadora feminista Kristin Kobes Du Mez autora de *Jesus and John Wayne* à conservadora revista *The Gospel Coalition*, conhecida por seu apoio aos papéis tradicionais de gênero. A segunda, de Vaughn, foi encomendada pela família e pela fundação de Elliot, sendo mais celebrada em círculos evangélicos conservadores.

A guinada teológica de Elliot, para Grant, está intrinsecamente ligada à sua vida conjugal. Após a morte de Jim Elliot, seus diários e o relacionamento entre ambos, marcado por longos períodos de separação e trocas epistolares, tornaram-se o modelo idealizado de amor e sacrifício espiritual em suas obras posteriores. Mesmo após ficar viúva, Elliot chegou a criticar publicamente o legalismo de instituições cristãs e manteve diálogos com cristãs feministas. No

⁵³² A influência do pensamento de Elisabeth Elliot influenciou o best-seller *I Kissed Dating Goodbye* (1997), de Joshua Harris (no Brasil, “Eu Disse Adeus ao Namoro”), a obra propunha a substituição do modelo de namoro secular por um sistema de “cortejo” baseado em princípios bíblicos. Harris estruturou sua visão nos mesmos pilares defendidos por Elliot: preservação da pureza emocional e física, liderança masculina no relacionamento e exaltação do autossacrifício feminino como expressão da santidade. No Brasil, esses ideais encontraram solo fértil, sendo amplamente difundidos por movimentos evangélicos conservadores, como os movimentos “Eu escolhi esperar” e “Culto das Princesas” que reproduziram e adaptaram os valores de submissão, pureza e feminilidade cristã presentes nas formulações de Elliot. Sobre conservadorismo feminino evangélico no Brasil, ver: VIEIRA, Matheus Machado. **O poder da princesa que ora e espera: Práticas e representações do conservadorismo feminino (2000-2017)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/69391/R%20-%20T%20-%20MATHEUS%20MACHADO%20VIEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: março/2022.

⁵³³ GRANT, Liz Charlotte. Elisabeth Elliot, Flawed Queen of Purity Culture, and Her Disturbing Third Marriage. **The revealer: a review of religion & media**. Publicado em 6 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://therevealer.org/elisabeth-elliott-flawed-queen-of-purity-culture-and-her-manipulative-third-husband/>. Acesso: maio/2025.

entanto, seu casamento com Addison Leitch, um professor de teologia, marcou uma virada: testemunhas notaram que suas opiniões se alinharam rapidamente às do novo marido, passando a defender a “obediência incondicional” das esposas e a supressão de sua identidade prévia em favor da do marido.⁵³⁴

A mudança mais radical, porém, ocorreu após seu terceiro casamento com Lars Gren. Viúva novamente em 1973, Elliot casou-se com Gren em 1978, aos cinquenta anos. Grant aponta que ambas as biógrafas descrevem uma redução drástica de sua autonomia após o casamento: Gren monitorava seus gestos cotidianos, controlava sua carreira, sua relação com a família, e administrava a chamada “indústria Elisabeth Elliot”. Mesmo após o diagnóstico de Alzheimer, na década de 1990, Elliot continuou a cumprir uma agenda intensa de palestras, muitas vezes sendo exposta publicamente quando já havia perdido a capacidade de falar, sentada no palco enquanto uma gravação antiga era reproduzida. Para Grant, a teologia posterior de Elliot reflete esse contexto de autoritarismo conjugal, traduzindo-se na ênfase em obediência, renúncia e silenciamento feminino.

Embora existam registros de Elliot escrevendo contra o abuso, Grant argumenta que é difícil ignorar as tensões entre sua teologia patriarcal e as circunstâncias de seu terceiro casamento. Gren, um homem mais jovem, manipulou e dominou a esposa famosa e influente, reduzindo sua independência intelectual. Essa trajetória pessoal complexa, segundo Grant, reverberou profundamente em seus escritos, que passaram a reforçar ideais de sofrimento redentor e submissão feminina.⁵³⁵ Nesse sentido, sua biografização de Amy Carmichael pode ser lida como um reflexo simbólico de sua própria adequação à realidade de sofrimento, obediência e entrega. Elliot morreu em 2015, e após sua morte, Gren destruiu parte significativa de seus diários, apagando registros que poderiam esclarecer as últimas décadas de sua vida.

Em consonância com as análises de Grant e com as observações precursoras de Ruth Tucker, é possível perceber nos escritos de Elliot uma transição significativa: de uma voz crítica em relação ao tratamento das mulheres no campo missionário para uma defensora da obediência e da renúncia feminina como virtudes cristãs fundamentais. Nas obras posteriores, Elliot reproduziu discursos de idealização do comportamento feminino, reforçando, inclusive em sua

⁵³⁴ GRANT, Liz Charlotte. Elisabeth Elliot, Flawed Queen of Purity Culture, and Her Disturbing Third Marriage. **The revealer: a review of religion & media**. Publicado em 6 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://therevealer.org/elisabeth-elliott-flawed-queen-of-purity-culture-and-her-manipulative-third-husband/> . Acesso: maio/2025.

⁵³⁵ GRANT, Liz Charlotte. Elisabeth Elliot, Flawed Queen of Purity Culture, and Her Disturbing Third Marriage. **The revealer: a review of religion & media**. Publicado em 6 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://therevealer.org/elisabeth-elliott-flawed-queen-of-purity-culture-and-her-manipulative-third-husband/> . Acesso: maio/2025.

biografia de Amy Carmichael, ideais de gênero centrados na submissão, autossacrifício, maternidade sacrificial e feminilidade cristã. Apesar de sua notoriedade e influência, a trajetória intelectual e biográfica de Elliot permanece um campo aberto à investigação acadêmica. Sua complexa evolução, de missionária questionadora à ícone do complementarismo, oferece um objeto de estudo profícuo para análises historiográficas futuras, capazes de explorar as interseções entre gênero, poder, autoridade religiosa e produção literária no evangelicalismo do século XX.

No mesmo ano em que Elisabeth Elliot publicava *Através dos portais do esplendor*, best-seller que a tornaria uma autora conhecida no meio protestante, Alan Burgess, na Inglaterra, lançava a biografia de Gladys Aylward. Diferentemente de Elliot e de W. P. Livingstone, Burgess não pertencia ao meio missionário. Ex-piloto da Força Aérea Real, atuou como jornalista, roteirista e autor de obras biográficas e de não ficção entre as décadas de 1950 e 1980. Além da biografia de Aylward, Burgess escreveu sobre Flora Sandes (1876–1956), uma enfermeira e soldado britânica que serviu no Exército Real Sérvio durante a Primeira Guerra Mundial, sobre a missionária Helen Roseveare, e foi coautor da autobiografia da atriz Ingrid Bergman.

Figura 3 - Fotografia de Alan Burgess



Fonte: Contracapa do livro do autor *The Lovely Sergeant*, 1963.

Segundo Chen Chung Ling, Burgess havia trabalhado como repórter da BBC e colaborou com a adaptação cinematográfica de sua obra *The Small Woman* pela produtora 20th Century Fox, que resultou no filme *A Pousada da Sexta Felicidade* (*The Inn of the Sixth*

Happiness, 1958), o qual ampliou a popularidade de Aylward na Europa e na América.⁵³⁶ Andrew Kaiser observa que Burgess, então produtor de rádio, conheceu Aylward durante a produção da série radiofônica *The Undefeated*, exibida pela British Broadcasting Corporation (BBC). A partir de uma entrevista com a missionária, que compartilhara suas experiências na China em um programa de trinta minutos, Burgess interessou-se por sua trajetória e publicou, em 1957, *The Small Woman*.⁵³⁷

Em *The Small Woman*, Burgess não faz um apelo missionário nem uma convocação a novos recrutas, como frequentemente ocorre nas biografias produzidas em contextos confessionais. Seu enfoque está na heroização da personagem central, apresentada como uma mulher de coragem e determinação excepcionais. Essa ênfase na heroicidade atravessa sua produção, especialmente em narrativas centradas em figuras que atuaram em contextos de guerra ou sofrimento extremo.

Outro exemplo é *Daylight Must Come: The Story of Dr. Helen Roseveare*, no qual Burgess narra a trajetória de Helen Roseveare (1925–2016), médica e missionária da *Worldwide Evangelization Crusade* (WEC), que trabalhou no Congo entre 1953 e 1973. Roseveare enfrentou os conflitos civis do início da década de 1960, foi vítima de violência e tortura, mas sobreviveu e retornou posteriormente à África para continuar seu trabalho médico e social. Burgess concentra a narrativa nas provações e no sofrimento de Roseveare, destacando sua perseverança e coragem como expressões de heroísmo diante da adversidade.⁵³⁸

Diferentemente dos biógrafos confessionais, Burgess não tem como objetivo principal a edificação espiritual ou o recrutamento missionário. Seu foco reside em construir figuras heroicas dignas de admiração secular, enfatizando atributos como altruísmo, coragem e resistência em contextos de extremo sofrimento. Dessa forma, suas biografias apresentam essas mulheres não primariamente como ícones religiosos, mas como exemplos de bravura humana e dedicação ao próximo.

As biografias de Gladys Aylward e Helen Roseveare (que não foi traduzida no Brasil) adquiriram novas *camadas biográficas* no final do século XX, quando recontadas por Janet e Geoff Benge. Este processo reinscreveu as trajetórias das missionárias em um horizonte

⁵³⁶ LING, Chen Chung 陳中陵. *A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.46

⁵³⁷ KAISER, Andrew. *The Rushing on of the Purposes of God: Christian Missions in Shanxi since 1876*. Pickwick Publications: Oregon, 2016.p. 253

⁵³⁸ PIPER, Noël. *Mulheres fiéis e seu Deus maravilhoso: História de cinco mulheres de fé*. Trad: Laura Makal Lopes. 3ª reimpressão. São José dos Campos: Fiel, 2016.p.180

devocional protestante, enfatizando o chamado missionário e a dependência da providência divina em suas trajetórias missionárias. Essa sobreposição de camadas narrativas, revela como a dinâmica do espaço biográfico protestante se constitui ao serem adaptadas a novos horizontes de expectativas, em que narrativas traduzem, em diferentes tempos e públicos, novas formas de legitimar o heroísmo missionário.

Se a escrita de Alan Burgess deslocou o heroísmo missionário para um campo secular, o casal Janet e Geoff Benge, nas décadas finais do século XX, operou um movimento inverso: a reescrita com a inflexão devocional dessas narrativas. Ex-missionários com duas décadas de experiência em escrita biográfica nos anos 1990, os Benge são os autores da série *Christian Heroes: Then & Now*, publicada originalmente pela YWAM Publishing. Janet, ex-professora do ensino básico, e Geoff, graduado em História, são originários da Nova Zelândia e atuaram por dez anos como missionários pela Jovens Com uma Missão (Jocum),⁵³⁹ antes de se estabelecerem na Flórida, nos Estados Unidos.

Os Benge atuaram como missionários nas Filipinas durante a década de 1980 e iniciaram sua experiência com a escrita missionária ao redigir boletins informativos sobre o próprio trabalho. Posteriormente, passaram também a contribuir com um jornal missionário. Desde o início dessa prática, o casal elaborava seus textos em conjunto, produzindo relatos sobre o povo de Manila que ganharam visibilidade no meio missionário. Essa notoriedade levou-os a serem convidados por Janice Rogers, irmã de Loren Cunningham, fundador da Jocum, para participar de um curso em uma escola de escrita no Texas.

A partir da experiência adquirida nesse curso, e após cerca de dez anos de atuação no campo missionário, o casal decidiu, em 1993, se estabelecer nos Estados Unidos e dedicar-se à escrita de livros. Com o início da carreira literária, perceberam que havia, no meio cristão e missionário, uma demanda crescente por referenciais heroicos voltados a crianças e adolescentes. Observando que muitas narrativas missionárias existentes não conseguiam estabelecer uma conexão emocional com o público contemporâneo, os Benge passaram a reescrever histórias de heróis da fé, acrescentando novas camadas narrativas e estratégias biográficas, com o objetivo de atualizar essas figuras e torná-las mais próximas dos leitores de seu tempo.⁵⁴⁰

⁵³⁹ Loren Duane Cunningham (1935- 2023) foi um missionário estadunidense fundador da organização missionária cristã internacional Youth With A Mission (YWAM ou JOCUM, no Brasil). Cunningham fundou a YWAM em 1960, com sua esposa, Darlene Cunningham, aos 24 anos de idade.

⁵⁴⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Discovering Christian Heroes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOXZLlea2y4>. Acesso em: fevereiro/2023.

Em entrevista concedida a Yvette Hampton, do canal *Schoolhouse Rocked*, disponibilizada em 23 de abril de 2020 na plataforma YouTube, o casal afirmou que seu propósito era escrever histórias emocionantes, nas quais crianças e adolescentes pudessem apreciar as lutas, dramas e milagres vivenciados pelos personagens.⁵⁴¹ Segundo os Benge, suas narrativas apresentam heróis cristãos cuja fé provocou um impacto significativo no mundo, e são voltadas principalmente ao público cristão, com a finalidade de inspirar os leitores. Eles ressaltam que, na construção de um herói cristão, é essencial evidenciar como a fé orienta suas decisões, molda seu caráter e confere sentido à sua vocação.⁵⁴²

Figura 4 - Os biógrafos Janet e Geoff Benge



Fonte: Explore Grow Go.⁵⁴³

As biografias produzidas pelo casal inserem-se em um modelo de biografias missionárias que continuaram a serem escritas após a Segunda Guerra Mundial, de construção do herói missionário incorporando noções românticas de autossacrifício e martírio cristão.⁵⁴⁴ Em sua metodologia, os Benge partem de biografias preexistentes, mas, ao selecionar e recontar episódios específicos, acrescentam novas camadas biográficas que enfatizam seus objetivos

⁵⁴¹BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Discovering Christian Heroes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOXZLlea2y4>. Acesso em: fevereiro/2023. Min: 13:38

⁵⁴²BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Discovering Christian Heroes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOXZLlea2y4>. Acesso em: fevereiro/2023. Min: 18:47-51

⁵⁴³ JANET and GEOFF BENGE. Disponível em: <https://exploregrowgo.com/creators/janet-geoff-benge/> Acesso: outubro/2025.

⁵⁴⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.364

devocionais. Esse processo dialoga com a reflexão de Hourihan, que argumenta que a história de um mesmo herói pode passar por ressignificações ao longo dos tempos, de maneira a corresponder significados de acordo com o período em que estão sendo lidas.⁵⁴⁵

Assim como biografia modal é um modelo de escrita biográfica em que o indivíduo só tem valor na medida em que ilustra o coletivo,⁵⁴⁶ ou a biografia coral definida por Sabina Loriga como aquela que busca restituir a pluralidade das interações sociais,⁵⁴⁷ a *biografia em camadas* refere-se a uma prática de escrita de biografias missionárias que são elaboradas a partir de determinadas características e que estão presentes nas fontes que serão tratadas neste trabalho.

Uma das principais características da *biografia em camadas* é que sua escrita é baseada em outras biografias sobre o mesmo personagem. Nessa prática biográfica, o autor utiliza biografias previamente publicadas para elaborar uma nova biografia que dialogue com um novo *horizonte de expectativa*. Ou seja, o biógrafo se utiliza de novos ou diferentes recursos narrativos ou linguísticos para se comunicar com um público distinto daquele a que as biografias anteriores se dirigiam.

Como observa Terrance Craig, as biografias missionárias do final do século XIX e primeira metade do XX refletiam as expectativas biográficas de seu tempo. No decorrer do século XX, esses textos passaram por um processo de secularização e modernização, incorporando linguagem contemporânea e sendo influenciados por um zelo de caráter pentecostal.⁵⁴⁸ Nesse contexto, compreende-se que a biografia em camadas não “inventa” uma nova história para personagens já consagrados, mas, a partir de biografias anteriores, elabora um novo texto capaz de despertar o interesse do público atual por figuras históricas.

O biógrafo, portanto, não cria uma nova história de vida, mas reconstrói a narrativa com recursos capazes de dialogar com as expectativas espirituais, culturais e estéticas de seu tempo. Essas biografias são frequentemente escritas estrategicamente de forma a atenuar a temporalidade, transmitindo uma mensagem atemporal e universalizável.⁵⁴⁹ Dessa maneira, a biografia missionária mantém sua função de exemplaridade, mesmo quando o personagem pertence a um passado distante, comunicando-se eficazmente com leitores contemporâneos.

⁵⁴⁵ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p.5

⁵⁴⁶ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.p.195

⁵⁴⁷ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,2015. p. 406

⁵⁴⁸ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.80-81

⁵⁴⁹ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.62

As biografias em camadas configuram-se como reescritas biográficas, prática análoga à aplicação de camadas de verniz sobre um retrato já conhecido, conferindo-lhe nova aparência. O biógrafo pode recorrer tanto a biografias publicadas quanto a fontes primárias, construindo narrativas híbridas que sintetizam diferentes materiais. É fundamental, contudo, que existam biografias anteriores sobre o mesmo personagem para que possam ser estabelecidas comparações, tal como Andrew Walls propõe para retraduições textuais, onde a nova versão deve manter a veracidade podendo ser comparada com a anterior.⁵⁵⁰

Outra característica importante da escrita da *biografia em camadas*, é que a partir dessa prática biográfica os biógrafos estabelecem uma relação passado-presente, onde através da *reescrita* biográfica resgatam personagens do passado e se utilizando de recursos biográficos e baseados em biografias já publicadas e diferentes fontes (memórias, diários, cartas, livros institucionais, relatórios, jornais e revistas), escrevem uma nova biografia que se torna um novo ponto de tensão onde o passado e o presente se entrelaçam, e contando a mesma história de determinados personagens de maneira que dialoguem com o público do presente e potencialmente do futuro. A partir desse processo o biógrafo consegue situar sua produção biográfica entre o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa*.

No caso das biografias missionárias da coleção *Heróis Cristãos: Ontem e Hoje*, escritas por Janet e Geoff Benge, pode-se afirmar que se trata de exemplos claros de biografias em camadas. Os Benge construíram suas narrativas a partir de autobiografias e biografias publicadas anteriormente por outros autores. Das *camadas* que podemos visualizar dessa *reescrita* biográfica, podemos observar que a que eles estão construindo é a terceira, pois a visão deles sobre a vida desses personagens já está na terceira camada da “reconstrução” da experiência vivida. A primeira camada, é quando a vida do personagem é representada em forma de autobiografia ou em outras formas de escritas de vida (diários, cartas, memórias); a segunda é a construção do biógrafo que inclusive se utiliza da produção da primeira camada, e a terceira é dos autores que se propuseram escrever a partir das duas primeiras camadas.

A prática biográfica em camadas de Janet e Geoff Benge surgiu da necessidade que os biógrafos sentiram de escrever biografias sobre heróis da fé missionários que dialogassem com novos *horizontes de expectativas*. Eles afirmaram que começaram escrever biografias missionárias para atender uma demanda, que seria reescrever histórias de heróis da fé que tinham trajetórias “emocionantes” de forma atrativa para que crianças e adolescentes se

⁵⁵⁰ WALLS, Andrew F. *The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith*. Nova York: Orbis Books, 1996. p.29-30

interessassem. A partir dessa premissa, Janet Benge afirma que para eles se tornou uma missão reintroduzir esses heróis da fé em uma nova geração de forma que eles seriam capazes de recebê-la.⁵⁵¹

Nessa perspectiva, McColl, ao analisar como os missionários foram apresentados nas biografias para as crianças britânicas como um herói imperial, destaca que o herói era destinado a articular os valores imperiais, mas também a incentivar as crianças a criarem uma ligação emocional com estas figuras. O herói imperial deveria ter como valores fundamentais a coragem, resistência, calma sob pressão e compromisso com monarca e pátria. E as biografias missionárias obtiveram amplo sucesso na articulação de valores incluindo devoção à fé cristã.⁵⁵²

Contudo, as biografias missionárias escritas por Janet e Geoff Benge a partir da prática de escrita de *biografias em camadas*, não trazem essa ênfase na valorização do herói nacional como as biografias escritas no século XIX e início do XX. Esse fato pode estar diretamente relacionado com o resgate do prestígio da biografia, que a partir da década de 1980, segundo Dosse “a nação já não é mais a matriz única de identidade que foi para coletividade no século XIX.”⁵⁵³ O herói missionário representado nas “novas” biografias traz muito mais características de herói religioso com destacada espiritualidade, biografado para ser um exemplo de vida cristã. Não é mais um herói nacional, ele é um herói do protestantismo, que carrega em si o sucesso e a glória da vida dedicada às missões, que uma vez sua trajetória seja narrada e seu heroísmo construído, passa a fazer parte do panteão protestante, onde os heróis missionários se juntam aos mártires, reformadores e avivalistas da fé cristã.

2.3. O caminho das biografias das heroínas missionárias até o Brasil: editoras, coleções e tradução

Segundo o especialista em história religiosa americana James R. Rohrer, a escrita biográfica, de uma forma ou de outra, tem dominado a historiografia da missão cristã desde que

⁵⁵¹BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Discovering Christian Heroes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOXZLlea2y4>. Acesso em: fevereiro/2023. Min: 13:24

⁵⁵² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.16

⁵⁵³ DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 181

Lucas narrou para Teófilo os *Atos dos Apóstolos*. A expansão global do cristianismo ocidental, acompanhando o avanço do colonialismo europeu moderno, foi contada por meio de um intenso fluxo de narrativas biográficas. Rohrer observa que, durante a alta era imperial do século XIX, os protestantes na América do Norte e na Europa Ocidental demonstraram um apetite insaciável pela biografia missionária, um gênero que não apenas exaltava o empreendimento missionário, mas também reconfigurava as imagens coloniais do “outro exótico”.⁵⁵⁴

Essa produção e circulação de biografias missionárias manteve continuidade ao longo do século XX. Conforme destaca Julie McColl, a popularidade das biografias sobre heróis da fé permaneceu vigorosa nesse período.⁵⁵⁵ Sob essa perspectiva, a produção e a circulação da biografia missionária, enquanto produto cultural, pode ser compreendida dentro do que Robert Darnton define como o “circuito de comunicação”, que envolve o percurso do texto desde o autor até o editor, impressor, distribuidor, vendedor e, por fim, o leitor. É o leitor que fecha o circuito, uma vez que sua recepção influencia o autor tanto antes quanto depois da composição.⁵⁵⁶ Assim, o biógrafo de missionários escreve sempre em diálogo com leitores implícitos e com as respostas explícitas de resenhistas, completando um ciclo de comunicação simbólica e material. Nesse circuito, Darnton, chama atenção para o papel fundamental para os editores, assim como para a importância dos vendedores de livros. As editoras atuam como intermediárias entre as livrarias e os autores, buscando entender a dinâmica do mercado editorial e a potencialidade de venda das obras.⁵⁵⁷

Na primeira metade do século XX, as biografias de heróis missionários eram consideradas uma mercadoria lucrativa. Segundo McColl, isso se devia, em parte, a campanhas de marketing bem-sucedidas que tornavam a figura do missionário visível para o público.⁵⁵⁸ De modo semelhante, Emma Wild-Wood assinala que, entre o século XIX e as primeiras décadas do XX, prevalecia entre os cristãos ocidentais a convicção de que os missionários

⁵⁵⁴ ROHRER, James R. *Biography As Missiology: A Reflection Upon The Writing of Missionary Lives*. 《台灣神學論刊》 28期 (2006/03) pp. 175-212. Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212>. Acesso em: junho/2024. p.176

⁵⁵⁵ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.362

⁵⁵⁶ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.112

⁵⁵⁷ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.114-123

⁵⁵⁸ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.176

exibiam virtudes heroicas, o que sustentava um mercado editorial considerável para biografias desse gênero.⁵⁵⁹ Embora, segundo Rohrer, os missionários tenham perdido parte de seu prestígio público ao longo do século XX, as editoras cristãs continuaram a vender biografias missionárias em ritmo acelerado, sobretudo para o público evangélico.⁵⁶⁰

Desde os autores e ilustradores até os editores e distribuidores, havia um esforço conjunto para promover uma imagem positiva e inspiradora do missionário como herói. McColl observa que tanto as sociedades missionárias quanto as editoras logo perceberam o potencial comercial e pedagógico das biografias missionárias de homens e mulheres. À medida que o gênero ganhava popularidade, as editoras seculares cada vez mais oferecia aos leitores biografias baseadas em heróis missionários.⁵⁶¹

Esse fenômeno pode ser observado no caso da biografia *The Story of Mary Slessor: The White Queen of Okoyong*, de W. P. Livingstone. Tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, suas primeiras edições foram lançadas por editoras seculares que também publicavam livros religiosos. Foi publicada pela primeira vez em 1916 pela editora londrina Hodder & Stoughton, uma casa editorial secular fundada em 1868, que, embora amplamente dedicada à ficção e à não ficção, também publicava obras religiosas, incluindo edições da Bíblia.⁵⁶² Nos Estados Unidos, a biografia foi lançada em 1917 pela George H. Doran Company, fundada em 1908, cuja trajetória, segundo John Tebbel, revela o interesse editorial na literatura religiosa por sua resiliência econômica, mesmo em tempos de crise. É interessante observar que a Hodder & Stoughton, passou para a Doran em seu início, uma parte de sua lista de livros como ficção, arte, infantis e outras publicações gerais, incluindo a biografia de Slessor, fator que contribuiu para a ampla circulação dessa biografia, que foi reimpressa diversas vezes nas décadas seguintes.⁵⁶³

⁵⁵⁹ WILD-WOOD, Emma. The making of an African Missionary Hero in the English Biographies of Apolo Kivebulaya (1923-1936). *Journal of Religion in Africa* 40 (2010), 273-306. Disponível em: brill.nl/jra Acesso: fevereiro/2024.p.277

⁵⁶⁰ ROHRER, James R. Biography as Missiology: A Reflection Upon the Writing of Missionary Lives. 《台灣神學論刊》 28期 (2006/03) pp. 175-212. Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212> Acesso em: junho/2024. p.176

⁵⁶¹ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024.p.39

⁵⁶² HODDER & STOUGHTON. About us. <https://www.hodder.co.uk/imprint/hodder/page/hs-about/> . Acesso em: outubro/2025.

⁵⁶³ TEBBEL, John. *Between Covers: The Rise and Transformation of Book Publishing in America*. New York: Oxford University Press, 1987. p. 142-143

Assim como a biografia de Slessor, *The Small Woman*, sobre Gladys Aylward, seguiu um caminho editorial semelhante. Sua primeira edição, em 1957, foi publicada pela editora Dutton, originalmente uma livraria fundada em 1852 por Edward Payson Dutton. Considerada uma grande editora de Nova York, a Dutton era inicialmente voltada para o segmento religioso, mas, após a morte de seu fundador em 1923, diversificou suas publicações e tornou-se uma casa comercial de destaque, operando posteriormente sob o selo do grupo Penguin Random House.⁵⁶⁴ A biografia escrita por Burgess foi um sucesso de vendas e foi publicada por diversas editoras nas décadas seguintes. No site Goodreads, voltado para leitores e recomendações de livros lançado em 2007, centenas de leitores avaliam e comentam a obra,⁵⁶⁵ evidenciando a sua circulação mesmo décadas após o lançamento original.

Já a biografia de Amy Carmichael, *A Chance to Die: The Life and Legacy of Amy Carmichael*, escrita por Elisabeth Elliot, também reimpressas repetidas vezes desde sua primeira publicação em 1987, foi lançada pela Fleming H. Revell Company, de Nova York, uma das maiores editoras de literatura evangélica dos Estados Unidos. Com um catálogo que incluía a maioria dos nomes mais famosos do evangelicalismo no século XX, como grandes pregadores, evangelistas, missionários e educadores, a Revell consolidou-se como uma referência no mercado editorial religioso.⁵⁶⁶ Tanto a biografia de Carmichael quanto outras obras de Elliot que foram considerados *best-sellers*, com dezenas de edições publicadas.

Assim, observa-se que as biografias de Mary Slessor, Gladys Aylward e Amy Carmichael foram publicadas por editoras consolidadas no mercado, com amplo alcance de circulação. Suas sucessivas reimpressões ao longo do tempo demonstram a longevidade e a força comercial dessas narrativas missionárias. Essas biografias, não somente foram reimpressas, mas elas foram a base de reescritas que formaram coleções que tinham como objetivos celebrar um panteão protestante de heróis da fé.

Tais coleções padronizam formato, capa e estrutura que, por vezes, modelam os personagens para se encaixar no padrão da coleção e direcionam a recepção. De acordo com Chartier, coleções consistem em obras da mesma natureza ou de autores que compilaram tudo

⁵⁶⁴ TEBBEL, John. **Between Covers: The Rise and Transformation of Book Publishing in America**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 45-46

⁵⁶⁵ GOODREADS. The Small Woman. Alan Burgess. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/52913704>. Acesso em junho/2025.

⁵⁶⁶ THE NEW YORK TIMES. Fleming H. Revell, Publisher, Dead; First Book Bearing His Imprint Still Being Bought by Public After Sixty Years. A victim of Chicago fire His Firm One of America's Largest Agencies for Distribution of Evangelical Literature. October, 12, 1931.p.20. <https://www.nytimes.com/1931/10/12/archives/fleming-h-revell-publisher-dead-first-book-bearing-his-imprint.html> Acesso: outubro/2025.

que se pode dizer sobre um mesmo tema. Nesse sentido, a coleção transforma as biografias missionárias em um *corpus* que qualifica e define o gênero.⁵⁶⁷ Além disso, as coleções são construídas de modo a estabelecer uma ordem discursiva que as organiza, classifica e legitima as biografias para seus leitores.⁵⁶⁸

A coleção biográfica escrita por Janet e Geoff Benge, originalmente chamada *Christian heroes: Then & Now*, foi um projeto de iniciativa da YWAM Publishing que convidou o casal para escrever biografias de heróis missionários, e atualmente conta com cinquenta títulos que conta a história de vida de missionários e missionárias, avivalistas e mártires protestante. A série passa por nomes desde o “pai das missões modernas”, William Carey, Adoniram Judson, David Livingstone, Hudson Taylor, George Müller, Amy Carmichael, Elisabeth Elliot, Florence Young, Eric Lidell, C.T. Studd, Gladys Aylward, Lilian Trasher, Lottie Moon, Mary Slessor, Mildred Cable, Jim Elliot, Loren Cunningham, Helen Roseavere, Rachel Saint, até avivalistas como John Wesley e D.L. Moody.

Figura 5- Coleção *Christian Heroes: Then and Now* de Janet e Geoff Benge



Fonte: <https://ignitelit.com/christian-heroes-then-and-now-series/> Acesso em: outubro/2025.

O projeto foi inicialmente concebido para o público infantojuvenil, mas, à medida que os volumes foram sendo publicados, os editores e os próprios autores perceberam que as obras

⁵⁶⁷ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2ª ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.p.70-71

⁵⁶⁸ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2ª ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.p.84-86

também atraíam leitores adultos. Essa constatação levou os Benge a adaptar suas narrativas para atingir ambos os públicos, aprofundando as histórias. Em 2021, a coleção contava com aproximadamente 208 milhões de exemplares impressos em todo o mundo, traduzidos em 22 idiomas.⁵⁶⁹ A YWAM Publishing, aponta que essa é a série biográfica mais vendida da editora, amplamente recomendada por famílias e escolas cristãs. Escrita em um estilo de aventura envolvente, recomendam que é escrito para leitores a partir de 10 anos, mas que é uma leitura apreciada por adultos.⁵⁷⁰

Em seu site, a YWAM Publishing explicita o objetivo da série de inspirar os leitores, descrevendo o estilo narrativo e o público-alvo:

As histórias de vida cativantes dessas *pessoas extraordinárias* inspirarão os leitores enquanto eles navegam pelas *provações de fé e caráter* sob as circunstâncias mais desafiadoras. Cada narrativa é projetada para envolver e ressoar com *leitores de todas as idades*, oferecendo *aventuras* que os transportam ao coração de diferentes nações e épocas, ao mesmo tempo em que ilustram a essência de viver uma vida comprometida em servir a Deus e àqueles que Ele ama.⁵⁷¹ [grifos nosso]

A editora também destaca a primazia do serviço missionário, apresentando como pessoas comuns, por meio da fé, realizaram feitos extraordinários, tornando-se modelos ideais:

Temos o prazer de apresentar *uma coleção de histórias reais inspiradoras* que se aprofundam na vida de homens e mulheres comuns, cuja confiança inabalável em Deus os levou a realizar *feitos extraordinários* para Seu reino e glória. Esta série envolvente *criada especificamente para desafiar e motivar os leitores*, apresentando as narrativas poderosas de missionários que causaram um impacto profundo na história. Em uma época em que *modelos positivos* são essenciais, estes livros oferecem uma oportunidade única de testemunhar como Deus opera por meio da vida daqueles que se dedicam ao Seu serviço.⁵⁷² [grifos nosso]

⁵⁶⁹ HAWKIS, Benjamin. **Heroes of history, heroes of faith: Christian authors introduce new generation to historic men, women.** The Pathway. Jefferson City. March 2, 2021. Disponível em: <https://mbcpathway.com/2021/03/02/heroes-of-history-heroes-of-faith-christian-authors-introduce-new-generation-to-historic-men-women/> Acesso: outubro/2025

⁵⁷⁰ YWAM Publishing. **Hero Biographies.** Disponível em: <https://www.ywampublishing.com/c-39-hero-biographies.aspx> Acesso em: agosto/2025

⁵⁷¹ YWAM Publishing. **Christian Heroes: Then & Now.** Complete set (books 1-50) By Janet and Geoff Benge. Disponível em: <https://www.ywampublishing.com/p-470-christian-heroes-then-nowbrcomplete-set-books-1-50.aspx?srsId=AfmBOopf6owF2cGMSrmXqJLRtYXN3soOo59bvmJT4TLCZBgqMi3h1heb> Acesso em: julho/2025. Tradução nossa.

⁵⁷² YWAM Publishing. **Christian Heroes: Then & Now.** Complete set (books 1-50) By Janet and Geoff Benge. Disponível em: <https://www.ywampublishing.com/p-470-christian-heroes-then-nowbrcomplete-set-books-1-50.aspx?srsId=AfmBOopf6owF2cGMSrmXqJLRtYXN3soOo59bvmJT4TLCZBgqMi3h1heb> Acesso em: julho/2025. Tradução nossa.

Reforçando o caráter pedagógico, a editora ressalta o impacto da coleção entre o público infantil e reitera seu apelo à vocação missionária:

Pais relataram que até mesmo *crianças* que normalmente não gostam de ler se viram imersas nessas histórias, muitas vezes lendo-as várias vezes. Esta coleção não apenas diverte, mas também serve como um poderoso *testemunho* do impacto *da fé e da dedicação*, tornando-se um recurso inestimável para famílias que buscam inculcar valores cristãos e uma compreensão mais profunda do que significa seguir a Deus. Convidamos você a explorar essas histórias e *se inspirar para embarcar em sua própria jornada de fé e serviço*.⁵⁷³ [grifos nosso]

É notável, portanto, o caráter pedagógico das obras e a intenção explícita de estabelecer modelos de conduta e inspiração missionária. A YWAM Publishing mantém outras coleções voltadas à heroicização de personagens, além de materiais complementares e séries específicas para crianças, adolescentes e jovens leitores. Nessa perspectiva, percebe-se uma continuidade na mentalidade das lideranças missionárias e de produtores de material missionário. McColl observa que a argumentação na intensidade produção biografias missionárias para o público juvenil, seria que dirigentes das sociedades missionárias acreditavam que a adolescência seria a idade certa para imprimir o caráter do espírito missionário, e que meninos e meninas da primeira adolescência teriam uma tendência para a adoração de heróis, e que a biografia missionária produzia o melhor material para a construção do caráter, pois ensinaria a lidar com gostos e desgostos, as escolhas, as aspirações, o sentimento profundo, os poderes da vontade, as fontes de ação, e a extensão do amor. Ao mesmo tempo ao mesmo tempo em que oferecia modelos de devoção e sacrifício.⁵⁷⁴

McColl ressalta ainda que os responsáveis pela redação, publicação e promoção de biografias missionárias frequentemente privilegiam certas posições retóricas, silenciando ou diluindo outras, na tentativa de projetar uma imagem positiva do missionário herói.⁵⁷⁵ Nesse

⁵⁷³ CHRISTIAN HEROES: THEN & NOW Complete set (books 1-50) By Janet and Geoff Benge. Disponível em: <https://www.ywampublishing.com/p-470-christian-heroes-then-nowbrcomplete-set-books-1-50.aspx?srsId=AfmBOopf6owF2cGMSrmXqJLRtYXN3soOo59bvmJT4TLCZBgqMi3h1heb> Acesso em: julho/2025. Tradução nossa.

⁵⁷⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.91

⁵⁷⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.183-184

aspecto, é interessante observar como as editoras nacionais que importam e traduzem essas biografias buscam manter essa imagem, mesmo ao adotar novas características estéticas nas capas dos livros, com o objetivo de dialogar com o público doméstico.

As narrativas biográficas sempre tiveram uma presença e circulação considerável na imprensa do protestantismo brasileiro. Segundo Wilton Carlos S. Lima e Rogério de Carvalho Veras, boa parte da relação que as igrejas protestantes estabeleceram com seu passado, ocorreu pela leitura das “escritas da vida” de agentes religiosos, como missionários, pastores e educadores protestantes.⁵⁷⁶ Com base nessa premissa, é possível parafrasear Terrance Craig para afirmar que, no contexto brasileiro, o missionário continua a ser um conceito e uma realidade significativa no Brasil.⁵⁷⁷

Segundo Paulo Julião da Silva, desde o início do século XX no Brasil, boa parte da produção escrita, principalmente a de historiadores denominacionais, diz respeito a biografias missionárias que exaltavam a disposição que eles tiveram de “desbravar os sertões” brasileiros.⁵⁷⁸ Essas obras, como observa o autor, eram escritas com “o objetivo de glorificar heróis e mártires que teriam dado suas vidas para o trabalho cristão, enfrentando tudo e todos para que o missionarismo protestante fosse consolidado no Brasil”.⁵⁷⁹ Dessa forma, percebe-se a importância do gênero biográfico missionário para a consolidação institucional do protestantismo no país, assim como para a construção da memória coletiva e do panteão de “heróis da fé” cristã.

A partir dessa perspectiva, podemos observar o espaço das biografias missionárias na cultura impressa protestante no Brasil, tanto de obras sobre missionários que vieram para o país e foram biografados por brasileiros, quanto de missionários que atuaram em outros continentes e tiveram suas biografias traduzidas por editoras brasileiras. Neste trabalho, serão analisadas especificamente biografias originalmente escritas em língua inglesa e posteriormente traduzidas para o português por editoras brasileiras. Entendemos a tradução, nesse contexto, como um processo de “transferência cultural”, por meio do qual se importam modelos de heroínas

⁵⁷⁶ SILVA, Wilton Carlos Lima da.; VERAS, Rogério de Carvalho. As biografias protestantes como hagiografias: análise de três obras biográficas do protestantismo brasileiro (1930-1950). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IX, n.26. Setembro/Dezembro de 2016 – ISSN 1983-2850. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/32446> Acesso: junho/2021

⁵⁷⁷ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.133

⁵⁷⁸ SILVA, Paulo Julião da. A inserção missionária batista para o Brasil Central a partir de 1925: apontamentos e análises de fontes e referências. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 1, p. 197-215, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/49246> Acesso: junho/2021 p. 198

⁵⁷⁹ SILVA, Paulo Julião da. A inserção missionária batista para o Brasil Central a partir de 1925: apontamentos e análises de fontes e referências. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 1, p. 197-215, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/49246> Acesso: junho/2021 p. 201

missionárias, que passam a circular e a ser difundidos em formato de série/coleções no circuito protestante nacional.

Tomamos como base a concepção de Michel Espagne, para quem a transferência cultural consiste em uma orientação metodológica que busca evidenciar as imbricações entre espaços culturais, visando compreender os mecanismos pelos quais as identidades se alimentam de importações. Nesse sentido, o livro, sendo por excelência um produto dotado a um só tempo de dimensão cultural e valor econômico, resultado de uma produção intelectual e de uma fabricação material, merece, especialmente, ser encarado sob esse ângulo.⁵⁸⁰

Estudar a transferência cultural implica, portanto, analisar a “translação de um objeto entre seu contexto de origem e um novo contexto de recepção.”⁵⁸¹ Essa abordagem exige a valorizar o papel de instâncias mediadoras, como tradutores, editores, livreiros e outros agentes, bem como o reconhecimento da inevitável transformação semântica ligada ao processo de importação. Como ressalta Espagne, “uma tradução não tem menos legitimidade ou originalidade que seu modelo. A transposição de objetos culturais não significa uma perda”.⁵⁸² Pelo contrário, o livro traduzido e inserido em uma nova cultura receptora pode converter-se em um novo elemento constitutivo: “É ao mesmo tempo um elemento estrangeiro e um elemento adotado[...]”.⁵⁸³

Desse modo, as biografias de Mary Slessor, Gladys Aylward e Amy Carmichael, escritas por autores como W. P. Livingstone, Alan Burgess, Elisabeth Elliot e Janet e Geoff Benge, serão analisadas como produtos culturais importados e adotados. Busca-se compreender como essas narrativas, ao serem transpostas para o mercado editorial protestante brasileiro, atuam na constituição de um panteão de heróis e heroínas da fé, oferecendo modelos idealizados de conduta cristã e reforçando determinados valores e arquétipos de gênero no imaginário religioso nacional.

Nesse processo, as editoras emergem como um dos pontos do circuito de comunicação, são os agentes culturais que atuam como intermediário entre a oferta e demanda em seu principal ponto de conexão, que seleciona quais biografias missionárias serão importadas,

⁵⁸⁰ ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Trad. Valéria Guimarães. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Vol.11.2. pp. 21-34. Agosto/2012. p.21 iii\zx

⁵⁸¹ ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Trad. Valéria Guimarães. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Vol.11.2. pp. 21-34. Agosto/2012. p.23

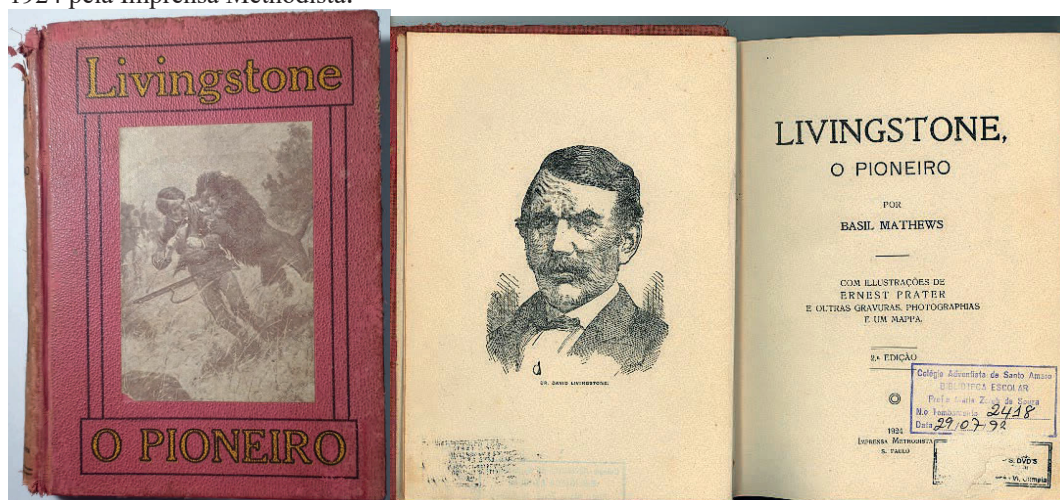
⁵⁸² ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Trad. Valéria Guimarães. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Vol.11.2. pp. 21-34. Agosto/2012. p.23

⁵⁸³ ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Trad. Valéria Guimarães. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Vol.11.2. pp. 21-34. Agosto/2012. p.34

traduzidas e, finalmente, disponibilizada aos leitores.⁵⁸⁴ Considerando a dificuldade de aferir diretamente a recepção pelos leitores e como assimilam esses livros, este estudo observará a “demanda” por essas biografias missionárias por meio das escolhas da produção editorial.⁵⁸⁵ É através das escolhas das editoras que se organiza e legitima o cânone dos heróis missionários no espaço biográfico missionário protestante brasileiro, já que o meio onde circulam os livros, pode indicar o peso de sua autoridade.⁵⁸⁶

Em 1924, a Imprensa Metodista, que havia sido fundada no Brasil em 1894, e se instalado em São Paulo com esse nome, em 1917,⁵⁸⁷ publicou a 2ª edição de Livingstone, O Pioneiro, de Basil Mathews⁵⁸⁸ que havia sido publicado em 1912 em Nova York pela Missionary Education Movement of the United States and Canada. A edição foi lançada no Brasil com uma capa que focalizava em um dos episódios mais revisitado da carreira de Livingstone: o ataque de um leão. Essa representação visual buscava ilustrar ao mesmo tempo, um evento dramático e destacar os riscos da missão, além de forjar a imagem do missionário como um paradigma de bravura e determinação.

Figuras 6 e 7: Capa e abertura da biografia missionária Livingstone, o Pioneiro de Basil Mathews, publicado em 1924 pela Imprensa Methodista.



Fonte: Arquivo da autora (2025)

⁵⁸⁴ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhias das Letras, 1990.p. 120-126

⁵⁸⁵ É importante destacar que não foi possível fazer um levantamento de todas as biografias missionárias publicadas por todas as editoras brasileiras, o objetivo é pontuar algumas traduções para ilustrar a presença dessas biografias na cultura impressa protestante brasileira.

⁵⁸⁶ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhias das Letras, 1990.p. 130

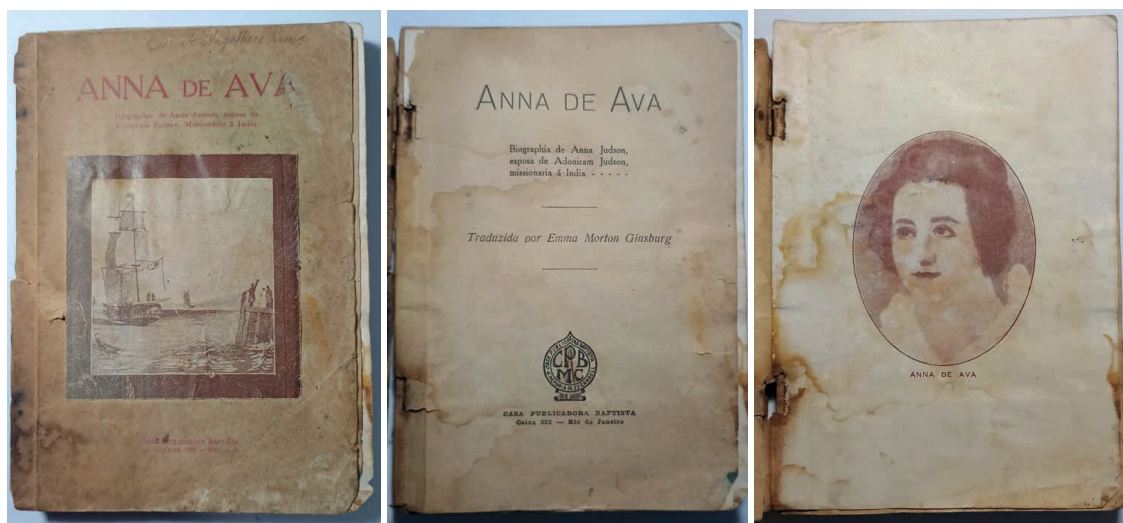
⁵⁸⁷ VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12629> Acesso em: maio/2024. p. 114

⁵⁸⁸ MATHEUS, Basil. **Livingstone, o Pioneiro**. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Methodista, 1924.

De acordo com Micheline Vasconcelos, na década de 1920, a Editora Metodista e a Casa Publicadora Batista eram as principais responsáveis por suprir os evangélicos com impressos confessionais produzidos no Brasil. Os presbiterianos, por sua vez, fundariam sua própria casa publicadora apenas em 1945.⁵⁸⁹ Nesse contexto, a Casa Publicadora Batista publicou, em 1940, a biografia *Anna de Ava*, de Ethel Daniels Hubbard. A obra havia sido originalmente lançada em 1913, em Nova York, pela mesma editora que publicara a biografia de Livingstone escrita por Basil Mathews.

A biografia *Anna de Ava* que narra a trajetória da missionária Ann Judson, foi traduzida no Brasil por Emma Morton Ginsburg, e foi resultado da organização da União Geral das Senhoras do Brasil, auxiliar da Convenção Batista Brasileira.⁵⁹⁰ A capa da edição brasileira indica tratar-se da biografia de “Ann Judson, esposa de Adoniram Judson”, e apresenta uma imagem de um navio em curso no oceano, sugerindo simbolicamente o deslocamento missionário, partindo ou chegando à terra firme, que marca a narrativa da heroína protestante.

Figuras 8,9 e 10: Capa da biografia de Ann Judson, de Ethel Daniels Hubbard, e as duas primeiras páginas do livro. A obra foi publicada em 1940 pela Casa Publicadora Batista.



Fonte: Arquivo da autora (2025).

⁵⁸⁹ VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12629> Acesso em: maio/2024. p.115

⁵⁹⁰ HUBBARD, Ethel Daniels. **Anna de Ava**. Trad. Emma Morton Ginsburg. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

É relevante situar a tradução dessas biografias missionárias no Brasil, uma vez que as trajetórias de Ann Judson e David Livingstone consolidaram arquétipos narrativos para homens e mulheres considerados heróis da fé. No caso de Judson, estabelecia um modelo principalmente para as mulheres casadas. Em 1951, a União Geral de Senhoras do Brasil publicou, pela Casa Publicadora Batista, a segunda edição da biografia da missionária Lottie Moon (1840-1912), uma professora solteira que atuou na China. Intitulada *Lottie Moon*, a obra foi escrita por Una Roberts Lawrence e publicada originalmente em 1927. A edição brasileira explicitava o objetivo de inspirar mulheres solteiras ao serviço missionário e ao autossacrifício, incluindo instruções para que professores da Sociedade solicitassem a leitura do livro em exames.⁵⁹¹

Em 1952, a casa Publicadora Batista, traduziu uma coletânea de biografias missionárias chamada *Heróis e Mártires da Obra Missionária: Desde os apóstolos até os nossos dias* do autor argentino João C. Varetto. A obra incluía registros de vidas de missionários como William Carey, Adoniram Judson, Hudson Taylor, Robert Moffat, David Livingstone e Alexandre Mackay, entre outros, sem contemplar nenhuma biografia de mulher. Na abertura editorial, uma nota destacava que a carreira missionária exigia obediência e heroísmo, pois o obreiro estaria constantemente exposto ao perigo e à morte. O prefácio ainda reforçava que tais heróis eram dignos de figurarem obras biográficas como essa e que seu objetivo era servir de inspiração.⁵⁹²

Dois anos depois, em 1954, a editora publicou a segunda edição da autobiografia de Hudson Taylor. O tradutor, Almir Gonçalves, incluiu uma nota explicativa apresentando Taylor como um missionário venerado. Gonçalves argumenta que o objetivo da tradução era despertar no público a simpatia pelas necessidades espirituais do Oriente, especialmente diante das condições da China no pós-Segunda Guerra Mundial, onde se almejava anunciar o evangelho com liberdade. O tradutor ainda endossa o livro como uma grande lição de fé, coloca Taylor como um “grande exemplo” de confiança em Deus e conclui com um convite para que jovens brasileiros sigam para o campo missionário.⁵⁹³

Percebe-se, assim, que na primeira metade do século XX, as editoras protestantes brasileiras publicavam biografias missionárias importando e consolidando modelos de heróis cristãos, com os claros objetivos de edificação, inspiração a obediência, sacrifício e a

⁵⁹¹ LAWRENCE, Una Roberts. **Lottie Moon**. 2ª edição. Trad. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951. p.7-9

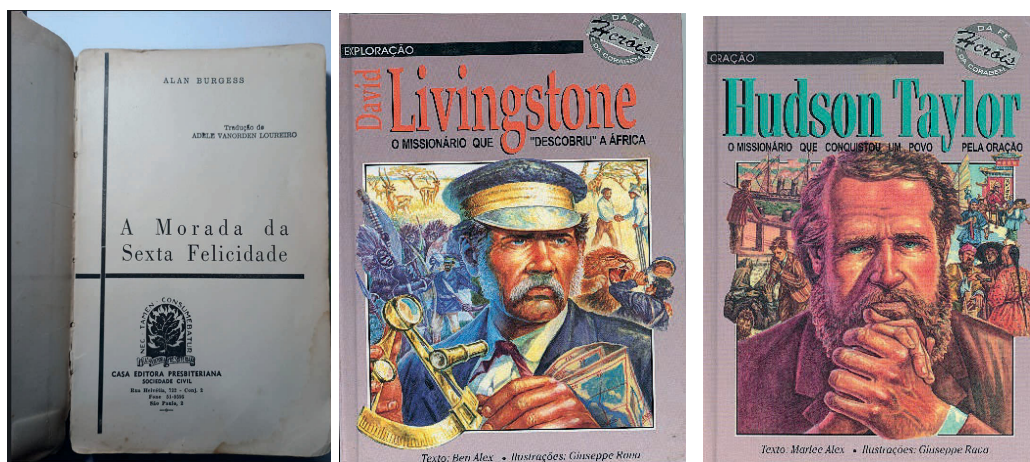
⁵⁹² VARETTO, João C. **Heróis e Mártires da Obra Missionária: Desde os apóstolos até nossos dias**. Trad. Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1952.

⁵⁹³ TAYLOR, J. Hudson. **Autobiografia de J. Hudson Taylor**. 2ª ed. Trad. Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: casa Publicadora Batista, 1954.

determinação, fornecendo modelos masculinos e femininos ideais de fé cristã, além de incentivar o ingresso no trabalho missionário. A partir da segunda metade do século, o leque de editoras que publicavam biografias missionárias expandiu-se.

Em 1964, a Casa Editora Presbiteriana, fundada em 1948 e que hoje atua sob o nome fantasia Editora Cultura Cristã,⁵⁹⁴ publicou a segunda edição da biografia de Gladys Aylward escrita por Alan Burgess, originalmente lançada em 1957 nos Estados Unidos, a qual será analisada no quinto capítulo desta tese. Já a editora Luz para o Caminho, fundada em 1976 em Campinas (SP), publicou duas biografias missionárias para o público infantil: uma sobre David Livingstone e outra sobre Hudson Taylor, traduzidas de uma série dinamarquesa de 1995 intitulada *Heróis da Fé e da Coragem*. De acordo com a historiadora Karina Bellotti, a literatura infantil traduzida por essas editoras tinha como objetivo “familiarizar a criança com o universo de valores e práticas cristãs”.⁵⁹⁵

Figura - 10) Abertura da biografia de Gladys Aylward escrita por Burgess, segunda edição publicada pela Casa Editora presbiteriana em 1964. Figura - 11 e 12) Capa da biografia de David Livingstone e Hudson Taylor para o público infantil, publicadas em 1995.



Fonte: Acervo da autora (2025)

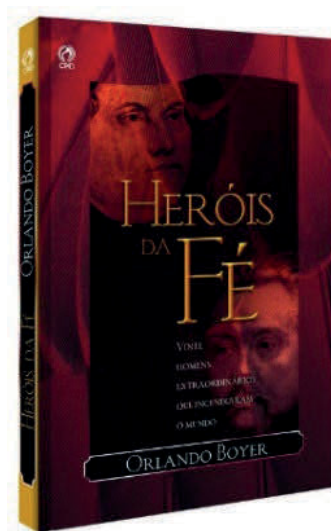
Em 1985, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), fundada em 1937, lançou a coletânea *Heróis da Fé*, de Orlando Boyer (1893-1978), missionário, tradutor e

⁵⁹⁴ BELLOTTI, Karina Kosicki. *Uma luz para seu caminho: A mídia presbiteriana no Brasil no caso de “Luz para o caminho”* (1976-2001). Dissertação de mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 2003. p.91

⁵⁹⁵ BELLOTTI, Karina Kosicki. *Uma luz para seu caminho: A mídia presbiteriana no Brasil no caso de “Luz para o caminho”* (1976-2001). Dissertação de mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 2003. p.92

escritor norte-americano atuante no meio pentecostal brasileiro. Segundo Elba Mota, a CPAD atua como veículo por meio do qual a Igreja Assembleia de Deus “propaga as principais doutrinas e costumes a serem seguidos por seus membros e, conseqüentemente, determina a construção de sua memória”.⁵⁹⁶ A coletânea reúne vinte perfis masculinos, apresentados como “Vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo”, incluindo nomes como David Brainerd, William Carey, Adoniram Judson, George Müller, David Livingstone e Hudson Taylor. A obra é anunciada como um grande sucesso editorial, com mais de 300 mil cópias vendidas e já está em sua 70ª reimpressão, consolidando-se como uma das obras mais influentes do circuito biográfico protestante brasileiro.⁵⁹⁷ No entanto, é significativo notar a ausência de mulheres nesse panteão heroico, o que reforça determinados privilégios de gênero na cultura impressa religiosa.

Figura 13 - Capa do livro *Heróis da Fé* de Orlando Boyer, publicado pela CPAD



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Her%C3%B3is-F%C3%A9-Orlando-Boyer/dp/8526312782>

Destacando-se entre as editoras do período, as Edições Cristãs, empresa familiar sediada em Ourinhos (SP), traduziu e publicou em 1988 a biografia infantil *Maria Slessor: A Rainha Branca de Okoyong*, escrita por W. P. Livingstone em 1916, a ser analisada no terceiro capítulo desta tese. Já a Casa Publicadora Brasileira, pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, publicou em 1990 a biografia infantojuvenil *Mary Entre os Selvagens do Calabar*, de Virgil E.

⁵⁹⁶ MOTA, Elba Fernanda Marques. A memória como construção da fé: cultura política e imprensa evangélica na Igreja Assembleia de Deus. *Revista Historiar*, v. 5, n. 9, 2013. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/129> Acesso em: janeiro/2025. p. 59

⁵⁹⁷ BOYER, Orlando. *Heróis da Fé*. 69ª ed. Rio de Janeiro, 2021.

Robinson, com segunda edição já no ano seguinte. Nessa obra, Mary Slessor é retratada como uma mulher destemida: andava descalça à noite pela floresta, não temia valentões, animais selvagens, feiticeiros ou guerras. Os editores a apresentam como uma missionária corajosa que desafiou costumes locais, tornou-se uma “mamãe” querida e se doou à África como “uma pessoa de oração”.⁵⁹⁸

Figura 14 - Capa e primeira página da biografia de Mary Slessor, missionária presbiteriana, publicada pela editora adventista Casa Publicadora Brasileira em 1990



Fonte: Acervo da autora (2025)

É interessante notar que uma casa publicadora adventista difundir a biografia de uma missionária presbiteriana, é um fator que chama bastante atenção e, ao mesmo tempo, indica como a circulação dessas narrativas missionárias pelo mercado editorial extrapola as barreiras denominacionais. Sobre esse fenômeno, Bellotti observa que:

[...]desde os anos 1950 tem ocorrido a construção de um supermercado cultural evangélico, intensificado a partir dos anos 1990, que fomentou dois fenômenos evangélicos paralelos em um contexto de competição religiosa: primeiro, a mistura de fronteiras denominacionais devido ao investimento em produtos culturais para a família e a infância oferecidos por empresas evangélicas não denominacionais, almejando um público cristão amplo. Segundo, a consolidação de fronteiras denominacionais e identitárias em igrejas que buscam a diferenciação de dentro deste campo competitivo, quando não se colocam à parte de tal competição, tais como

⁵⁹⁸ ROBINSON, Virgil E. **Mary: Entre os Selvagens do Calabar**. Trad. Francisco Alves de Pontes. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

presbiterianos, metodistas, luteranos, alguns ramos batistas, a Congregação Cristã no Brasil, dentre outras.⁵⁹⁹

A partir dos anos 2000, diferentes editoras de diferentes influências denominacionais, com selos renomados no mercado editorial protestante, como CPAD, Jocum e Fiel, traduziram e publicaram biografias de Aylward, Slessor e Carmichael tanto para públicos adultos quanto infantojuvenil, em formatos que incluíram biografias individuais, coletâneas e coleções. Vale destacar duas coletâneas que apresentam entre várias biografias de missionários, as três missionárias em estudo: a primeira, publicada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), intitula-se *Campeões da Fé*, dos autores Dave e Neta Jackson, originalmente publicada nos Estados Unidos em 1996, com a primeira edição brasileira em 2002. Voltada ao público infantojuvenil, a obra apresenta vinte histórias de cristãos considerados inspiradores, entre os quais Slessor, Aylward e Carmichael. Gladys é retratada como uma missionária que superou decepções e falta de recursos, demonstrando coragem ante os desafios; Carmichael, com elementos de sacrifício, compaixão e serviço; e Slessor, com traços de coragem, compaixão e pacifismo.⁶⁰⁰

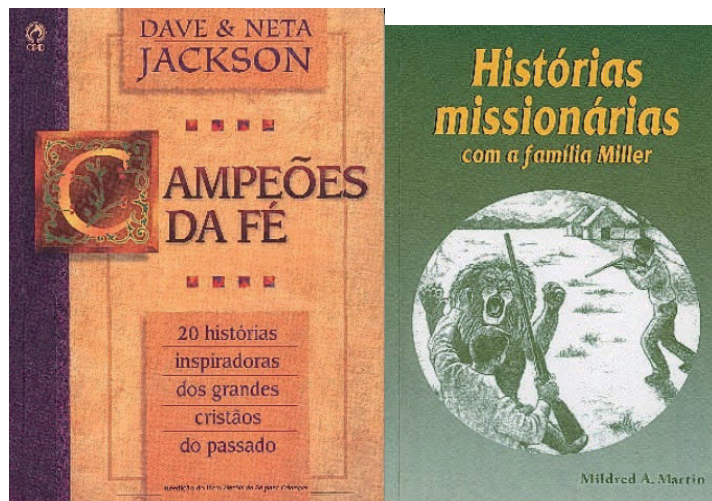
A segunda, *Histórias Missionárias com a Família Miller*, de Mildred A. Martin, foi publicada no Brasil em 2021 pela Editora Literatura Monte Sião. Diferenciando-se pela seleção de biografados e pela introdução de elementos ficcionais nas narrativas, a coletânea inclui apenas Gladys Aylward e Amy Carmichael entre as missionárias aqui estudadas. Na contracapa, a editora descreve as histórias como “experiências emocionantes de missionários cristãos, que enfrentaram feiticeiros, doenças, feras selvagens, guerrilheiros irados e desastres naturais”. Segundo a apresentação, esses missionários, por atenderem a um “chamado divino”, eram por vezes “livrados do perigo”, enquanto outros eram “martirizados”, mas como “soldados da cruz” sempre “alcançam a recompensa divina”. A obra é recomendada como edificante para crianças e adultos.⁶⁰¹

⁵⁹⁹ BELLOTTI, Karina Kosicki. Surfando nas ondas do Senhor: juventude evangélica e mídia no Brasil (anos 2000-2010). *Revista Relegens Thréskeia*, v. 3, n. 1, p. 100-126, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/37699/230> Acesso em: agosto/2023. p. 101

⁶⁰⁰ JACKSON, Dave; JACKSON, Neta. *Campeões da Fé*. 6ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

⁶⁰¹ MARTIN, Mildred A. *Histórias Missionárias com a Família Miller*. São Paulo: Literatura Monte Sião, 2021.

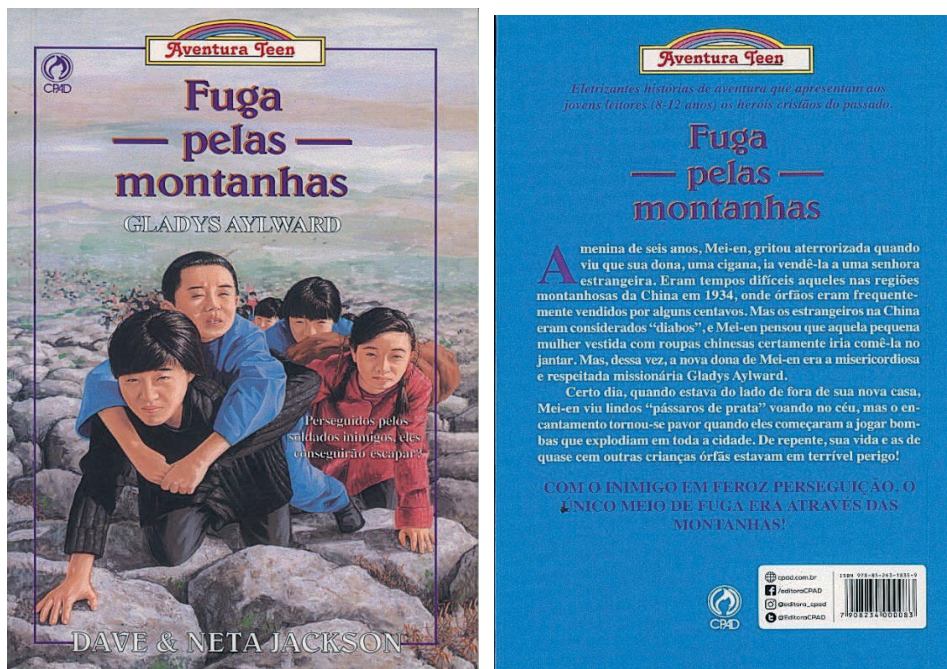
Figura 15 - Capas das coletâneas de biografias missionárias da CPAD e Literatura Monte Sião.



Fonte: Acervo da autora. (2025)

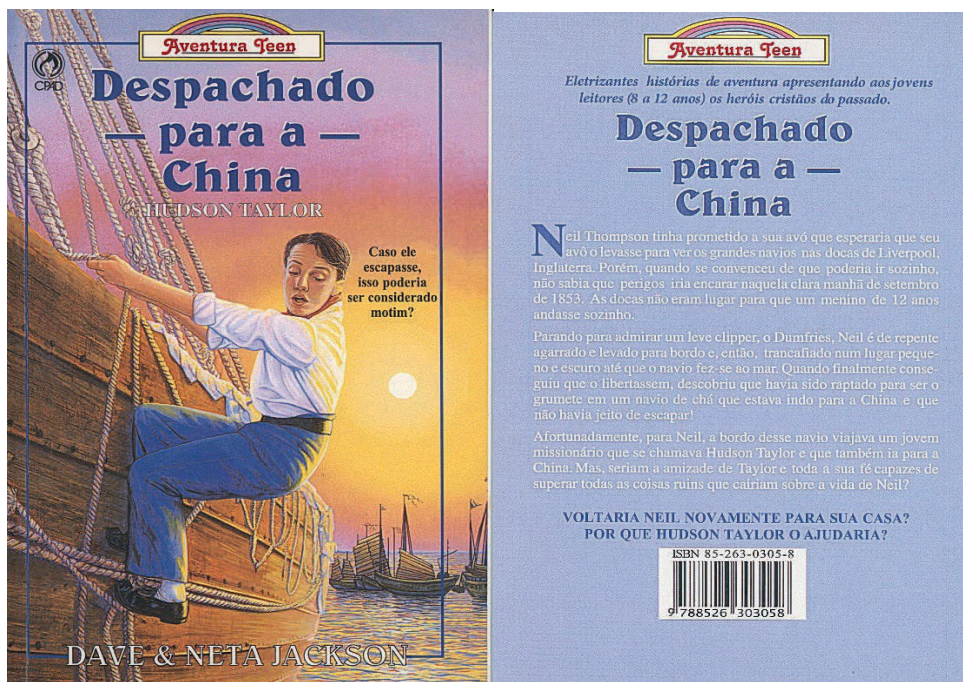
Outras biografias missionárias que incorporam elementos ficcionais são as traduzidas e publicadas pela CPAD na coleção *Aventura Teen*, elaborada por Dave e Neta Jackson. Originalmente publicada nos Estados Unidos ao longo da década de 1990 sob o título *Trailblazer Books*, com mais de 40 volumes, a série tem títulos traduzidos e reeditados periodicamente no Brasil. As narrativas concentram-se em episódios específicos da trajetória das missionárias, caracterizados por tensão e perigo, com o objetivo de enfatizar o elemento aventura. Os livros são ilustrados com desenhos que complementam a narrativa e apresentam-se como “eletrizantes histórias de aventura apresentadas aos jovens leitores (8 a 12 anos) os heróis cristãos do passado”. No Brasil, foram traduzidas biografias de David Livingstone, Hudson Taylor, Adoniram Judson, Gladys Aylward e Amy Carmichael, sendo que a de Mary Slessor ainda não foi traduzida.

Figura 16: Capa e contracapa da biografia de Gladys Aylward da série Aventura Teen publicadas pela CPAD.



Acervo da autora (2025).

Figura 17: Capa e contracapa da biografia de Hudson Taylor da série Aventura Teen publicadas pela CPAD.



Acervo da autora (2025).

É interessante observar as estratégias visuais e textuais empregadas nas capas e contracapas dessas biografias missionárias infantojuvenis. Conforme observa Craig, termos como “emocionante” e “aventura” são frequentemente utilizados em sinopses e prefácios para descrever o conteúdo e as experiências dos protagonistas missionários.⁶⁰² McColl, por sua vez, ressalta que as capas influenciam os horizontes de expectativa dos leitores. Ilustrações que retratam situações intensas, como dificuldades e perigos, confrontos com animais selvagens, nativos hostis ou feiticeiros, combinadas a títulos sugestivos, são igualmente importantes, pois influenciam implicitamente os horizontes de expectativa dos leitores. A estudiosa afirma que muitas das ilustrações espelham aquelas encontradas em histórias de aventura populares.⁶⁰³

Embora as edições da série escrita por Janet e Geoff Benge tenham sido originalmente projetadas para o público infantojuvenil, suas traduções brasileiras, publicadas pelas editoras Jocum Brasil e Shedd Publicações, não apresentam necessariamente essa orientação visual, considerando que “é por intermédio da capa que se tem o primeiro contato com o livro”.⁶⁰⁴ Como explica Sônia Caldas, o design da capa busca construir modelos identificáveis pelo público-alvo, exibindo signos capazes de estabelecer reconhecimento e empatia com o leitor, articulando-se às suas expectativas e com o objetivo de seduzi-lo visualmente.⁶⁰⁵

Observa-se que as capas da coleção *Christian Heroes: Then & Now*, traduzidas no Brasil, adotam um padrão distinto do utilizado na série *Aventura Teen*: enquanto esta emprega ilustrações de traço artístico, com pinceladas suaves, cores vibrantes e elementos realistas típicos de narrativas de aventura, além de incluir imagens no corpo do texto, que, segundo McColl, facilitam a interpretação e compreensão pelo público infantil,⁶⁰⁶ as edições da série Benge apresentam fotografias ou ilustrações realistas, com layout sóbrio e apelo mais adulto.

Inicialmente publicada no Brasil pela Editora Jocum Brasil a partir dos anos 2000, a coleção *Christian Heroes: Then & Now* da YWAM Publishing teve cinco títulos lançados: as biografias de William Booth, Irmão André, Loren Cunningham, Gladys Aylward e Corrie ten

⁶⁰² GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.115

⁶⁰³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024.p.194-196

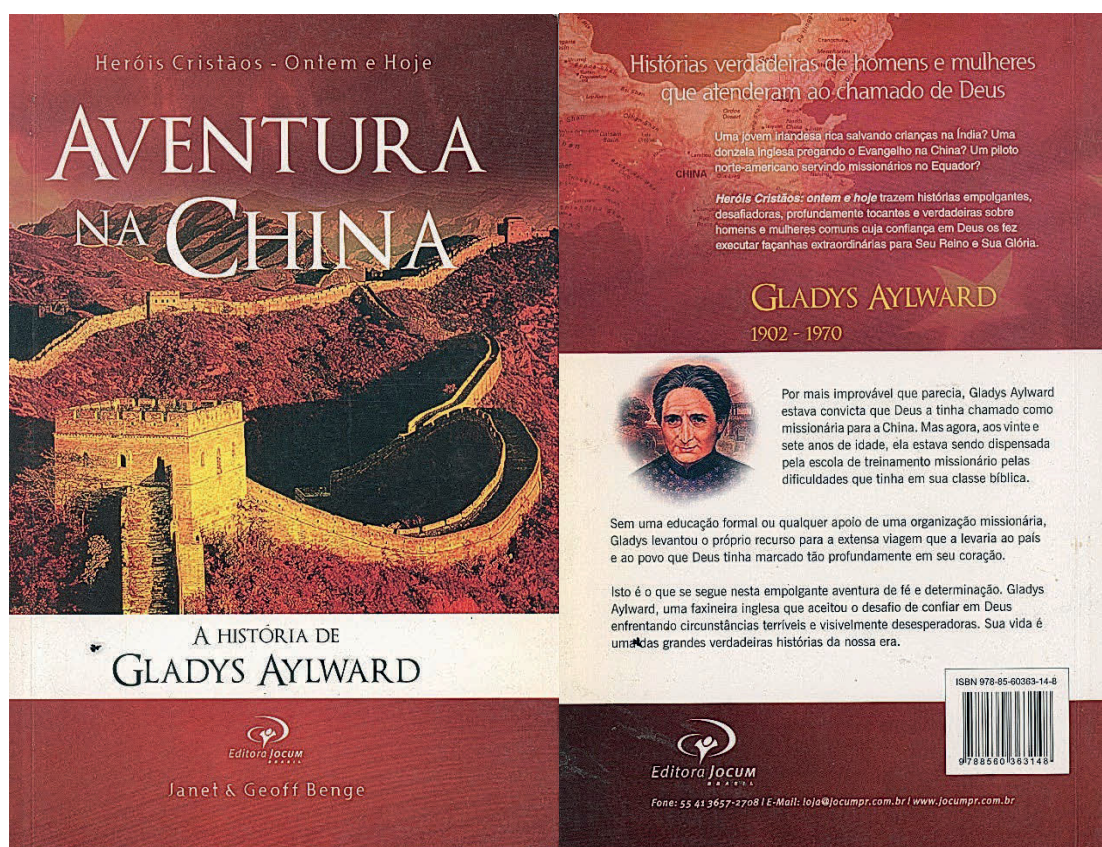
⁶⁰⁴ LIMA, Yasmine; PEREIRA, Carla. A influência da cor na produção de sentidos: um estudo no contexto de capas de livros. **Design e Tecnologia**, v. 10, n. 21, p. 89-100, 2020. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/cl3hiqsexvh6hdvcpgvpeqsipq/access/wayback/https://www.ufrgs.br/det/index.php/det/article/download/826/305> Acesso em: setembro/2025.p.90

⁶⁰⁵ CALDAS, Sônia Regina de Araújo. **Gabriela Baiana de Todas as Cores: as imagens das capas e suas influências culturais**. Salvador-BA: EDUFBA, 2009. p. 41-42

⁶⁰⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.192

Boom. As capas apresentam imagens realistas, e as contracapas trazem sinopses que descrevem as histórias como “empolgantes, desafiadoras, profundamente tocantes e verdadeiras sobre homens e mulheres comuns”, acompanhadas de um resumo da trajetória do biografado. A edição da Jocum ainda enfatiza o chamado missionário e busca engajar o leitor por meio de perguntas sobre as realizações dos missionários em campo.

Figura 18 - Capa e contracapa da edição da biografia de Gladys Aylward publicada pela Editora Jocum em 2008.



Fonte: Acervo da autora (2024)

A partir de 2017, a Shedd Publicações, editora com raízes na Editora Vida Nova, fundada em 1962 por Russel Shedd (1929-2016), passou a traduzir e publicar a série *Heróis Cristãos Ontem & Hoje*. O primeiro título lançado foi a biografia de George Müller, seguida por obras sobre Hudson Taylor, Amy Carmichael, Adoniram Judson, William Carey, Jim Elliot, Rachel Saint, Sundar Singh, Isobel Kuhn, Gladys Aylward, Mary Slessor e David Livingstone. Os doze volumes apresentam capas padronizadas com fotografias dos locais de atuação dos protagonistas ou dos próprios personagens, no caso das mulheres, frequentemente retratadas

acompanhadas de pessoas sob seus cuidados. Diferentemente das biografias missionárias dos séculos XIX e primeira metade do XX, os livros traduzidos pela Shedd não incluem ilustrações no corpo do texto, o que, conforme observa Susan Duber, contrasta com a tradição de obras para crianças e jovens, que costumam enfatizar aspectos aventureiros por meio de recursos visuais.⁶⁰⁷

Figura 19 - Fotografia da coleção Heróis Cristãos Ontem & Hoje publicada pela Shedd Publicações.

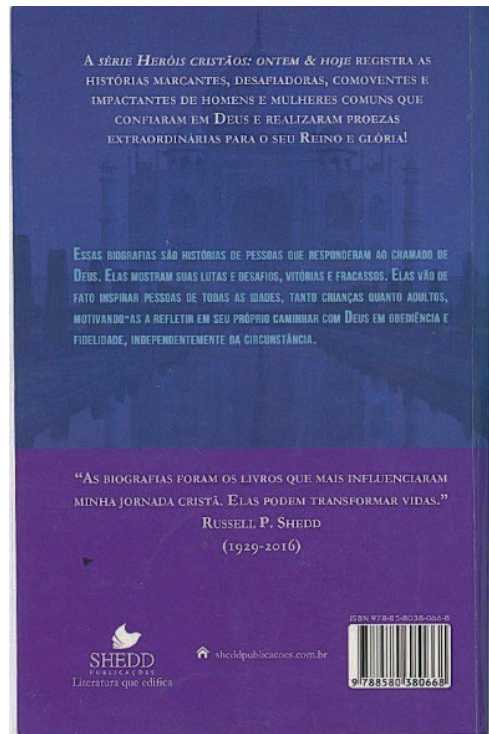


Fonte: Acervo da autora. (2025)

As contracapas da coleção da Shedd reproduzem a mesma mensagem em todos os volumes. De modo semelhante à abordagem da Jocum, reforçam que se tratam de “histórias marcantes, desafiadoras e comoventes de homens e mulheres comuns que realizaram feitos extraordinários”. A editora não apenas ressalta o chamado missionário ao qual os personagens responderam, mas também destaca que as narrativas evidenciam “lutas, desafios, vitórias e fracassos”, com o objetivo de inspirar pessoas de todas as idades a seguir os caminhos da “obediência e fidelidade”. A apresentação inclui ainda uma frase de Russel Shedd: “As biografias foram os livros que mais influenciaram minha jornada cristã. Elas podem transformar vidas”, e reforça, em seu selo, o compromisso de produzir “Literatura que edifica”.

⁶⁰⁷ DURBER, Susan. Writing Women's Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Ety Hillesum. *Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien* n° 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025. p. 105

Figura 20 - Contracapa padrão dos volumes da série Heróis Cristãos Ontem & Hoje.



Fonte: Acervo da autora (2025).

Dentre outras editoras reconhecidas no mercado editorial protestante brasileiro que traduziram e publicaram biografias missionárias, destacam-se a Mundo Cristão,⁶⁰⁸ que publicou *O Segredo Espiritual de Hudson Taylor*, escrita por seu filho Howard Taylor (1994), e a Luz e Vida, responsável pela tradução da biografia de Charles T. Studd, de Norman Grubb (1996). Mais recentemente, em 2023, a Editora Fiel, fundada em 1967 com proposta editorial voltada para a literatura reformada, traduziu e publicou *Amy Carmichael: Um Legado de Renúncia e Entrega*, de Elisabeth Elliot, obra a ser analisada no quarto capítulo. Seu catálogo inclui ainda a biografia *A Vida de David Brainerd*, de Jonathan Edwards, e a biografia da própria Elisabeth Elliot, escrita por Ellen Vaughn e publicada em 2024.⁶⁰⁹

⁶⁰⁸ WITEZE JUNIOR, Geraldo. Os livros sobre política publicados recentemente pelas editoras evangélicas brasileiras. *Encontro Nacional do Centro de Estudos em História Cultural das Religiões*, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br/handle/prefix/1848.p>. 312. Acesso: outubro/2025.

⁶⁰⁹ Além da biografia de Amy Carmichael, a Editora Fiel, evidencia seu alinhamento aos ideais propagados pela autora Elisabeth Elliot, ao traduzir e publicar seus livros nos últimos anos, como os títulos *Sufrimento nunca é em vão*, em 2020, no ano seguinte *Paixão e Pureza: Aprendendo a deixar sua vida amorosa sob o controle de Cristo*, e o *Deixe-me ser mulher: lições à minha filha sobre feminilidade*, e o *Uma Vida de Obediência: 7 disciplinas para vida do cristão*, em 2023, entre outros.

Para visualizar a trajetória editorial das biografias analisadas nos próximos capítulos, desde sua publicação original até as traduções da coleção *Heróis Cristãos Ontem e Hoje* dos autores Benge, apresenta-se o quadro a seguir:

Quadro 1: Quadro-síntese das biografias analisadas nos próximos capítulos:

Biografada	Título Original (Ano) - Biógrafo	Editora Original	Editora no Brasil	Tradução da reescrita dos Benge no Brasil na Coleção <i>Heróis da Cristãos Ontem & Hoje</i>
Mary Slessor (1848-1915)	Título: The White Queen of Okoyong: A True Story of Adventure Heroism and Faith (1916) Biógrafo: W.P. Livingstone	George H. Doran Company (Editora secular)	Título: Maria Slessor: A Rainha Branca de Okoyong Editora: Edições Cristãs, 1988. (Editora Cristã)	Título: Mary Slessor: enviada a Calabar Editora: Shedd Publicações, 2022. (Editora Cristã).
Amy Carmichael (1865-1951)	Título: A Chance to Die: The Life and Legacy of Amy Carmichael (1987) Biógrafa: Elisabeth Elliot	Fleming H. Revell Company (Editora crista)	Título: Amy Carmichael: Um legado de renúncia e entrega Editora: Editora Fiel, 2023 (Editora Cristã)	Título: Amy Carmichael: Resgatadora de Joias Preciosas Editora: Shedd Publicações, 2018. (Editora Cristã), com o
Gladys Aylward (1902-1970)	Título: The Small Woman the Small Woman: The Heroic Story of Gladys Aylward (1957) Biógrafo: Alan Burgess	Dutton (Editora Secular)	Título: A morada da Sexta Felicidade Editora: Casa Editora Presbiteriana, 1964 (Editora Cristã)	Título: A Aventura de uma vida inteira: a história de Gladys Aylward Editora: Jocum Brasil, 2008. Título: Gladys Aylward: a aventura de uma vida. Editora: Shedd Publicações, 2020.
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados bibliográficos (2024).				

No Quadro 1, é possível visualizar a trajetória editorial das biografias de Mary Slessor, Amy Carmichael e Gladys Aylward no Brasil, que apresenta inicialmente, a publicação pontual por diferentes editoras cristãs, com intervalos irregulares em relação às obras originais. Contudo, a iniciativa da Editora Shedd Publicações, com a coleção *Heróis da Cristãos Ontem & Hoje*, consolida um movimento de padronização e fixação dessas narrativas. As reescritas e as traduções com títulos e capas uniformes, evidencia uma estratégia editorial que busca enquadrar as trajetórias dessas mulheres em uma perspectiva de heroificação de modelos exemplares específica para o público evangélico brasileiro do século XXI.

Nesse dinamismo de circulação das biografias missionárias no mercado editorial protestante e na diversidade de editoras que traduzem e publicam essas obras, as editoras atuam como mediadoras da recepção ativa dessas obras, uma vez que elas selecionam quais biografias que vão ser traduzidas, e assim, definem parte do cânone dos heróis fé, um cânone ao mesmo tempo que é importado e reconstruído no espaço biográfico protestante brasileiro. Nesse sentido, cabe a reflexão de McColl que observa que desde o início os editores e biógrafos que trabalham com biografias missionárias, adotam estratégias fundamentais para proporcionar ao público uma experiência edificante e emocionalmente positiva do herói missionário.⁶¹⁰ Percebe-se que as editoras confessionais brasileiras recorrem à tradução desse material principalmente para disseminar valores, utilizando-as como exemplos de cristãos ideais, apresentados por meio de narrativas de aventura.

É importante observar que, tanto na produção de biografias individuais quanto nas coletâneas e coleções, há uma quantidade inferior de traduções de biografias de mulheres missionárias em comparação com as de homens - quando não são completamente excluídas, mesmo elas tendo sido numericamente significativas no campo missionário do final do século XIX e durante o século XX. Nesse aspecto, Linda Wagner-Martin aponta as dificuldades de retratar a experiência e a vida de mulheres em biografias, argumentando que “desde as decisões dos editores sobre quais obras imprimir, passando pelas decisões das livrarias sobre quais biografias estocar, o processo de um manuscrito se tornar um livro e encontrar leitores é complexo em termos tanto econômicos quanto políticos”.⁶¹¹

Outro aspecto relevante é a repetição de personagens biografados. Mesmo em obras de autores diferentes, os mesmos personagens são constantemente reescritos e retraduzidos, apesar

⁶¹⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024.p.167

⁶¹¹ WAGNER- MARTIN, Linda. **Telling Women's Lives: The New Biography**. New Jersey: Rutgers University Press, 1994.p.x

das listas missionárias terem sido extensas e diversas nas Sociedades Missionárias. Muitos homens e mulheres com longos anos de carreira e diversas iniciativas nos campos missionários nunca foram biografados ou estudados. Nesse sentido, os personagens são continuamente “re-heroicizados” para dialogarem com novos horizontes de expectativas. Os ideais do passado são continuamente reatualizados e projetados no presente por meio de novas formas editoriais. As reedições, traduções e reescritas mantêm uma tradição que produz continuidade simbólica entre gerações de leitores protestantes, articulando o passado heroico ao ideal exemplar contemporâneo.

Nesses ideais que se reatualizam para dialogar com novos horizontes de expectativa, estão os ideais de gênero que se reforçam nas biografias, presentes nas nuances, nos episódios escolhidos pelos biógrafos, nas tessituras narrativas, nas opções de reescrita e nas estratégias de tradução. Para compreender melhor esses diversos elementos, será importante observar as temporalidades e espaços que constituem e onde se desenvolvem a experiência missionária das biografadas, e como suas práticas são representadas. De acordo com Schmidt, é necessário observar através da historiografia o personagem focado em suas múltiplas facetas.⁶¹²

Nesse sentido, nos próximos capítulos, analisaremos como as experiências das missionárias em seus contextos estavam entrelaçadas com as questões de gênero de sua época e continuaram a ser reforçadas em suas biografias e reescritas, desde o recrutamento para o campo missionário, suas relações com as sociedades missionárias, suas ações em campo, até como as narrativas sobre essas mulheres missionárias foram moldadas para atender um projeto de edificação, exemplificação, recrutamento, e posteriormente, de admiração pela coragem, autossacrifício e obediência, e finalmente, uma reafirmação de valores de feminilidade cristã.

⁶¹² SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.p. 17

3. MARY SLESSOR: PIONEIRISMO E HEROÍSMO

Esse capítulo tem como objetivo analisar duas biografias da missionária presbiteriana Mary Slessor: a primeira, escrita em 1915 por William Pringle Livingstone na Grã-Bretanha, e a segunda, publicada nos Estados Unidos em 1999 pelo casal Janet e Geoff Bengé. A análise dessas duas obras busca compreender como os biógrafos representaram os ideais de gênero na construção do heroísmo da personagem.

3.1 Mary Slessor – biografização de uma pioneira das missões transculturais

A primeira biografia sobre Mary Slessor, intitulada *Mary Slessor: Pioneer Missionary*, foi publicada logo após sua morte em 1915, e foi escrita por William Pringle Livingstone (W.P. Livingstone), editor do *Missionary Record of the Church of Scotland* (Registro Missionário da Igreja da Escócia). A obra de W.P. Livingstone não apenas se tornou um *best-seller*, mas também serviu como fonte de referência para diversas biografias posteriores sobre a missionária, consolidando-se como um marco na divulgação de sua vida e legado.⁶¹³

Em 1916, W.P. Livingstone publicou uma versão abreviada de sua biografia, voltada especialmente para o público infantil, intitulada *The White Queen of Okoyong: A True Story of Adventure, Heroism, and Faith* (A Rainha Branca do Okoyong: Uma História Verdadeira de Aventura, Heroísmo e Fé). Essa versão foi traduzida no Brasil em 1988 pelas Edições Cristãs, com o título *Maria Slessor: A Rainha Branca do Okoyong*, ampliando o alcance da narrativa de W.P. Livingstone e contribuindo para a disseminação da história de Mary Slessor entre os leitores brasileiros.

Segundo McColl, a crítica publicada na revista *The Expository Times* destacava que a versão da biografia destinada ao público juvenil estava “completa” e que “em todas as páginas constam exatamente o tipo de coisas que atraem a mente imaginativa da juventude heroica”. O texto afirmava ainda que o livro “será lido com interesse fascinante, e, depois que as emoções de suas páginas passarem, as almas serão saturadas com o espírito de maravilhosa consagração e nobre esforço”. A narrativa, que acompanha a trajetória de Mary Slessor desde as

⁶¹³ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 161

circunstâncias adversas em Dundee até sua atuação na África, foi descrita como “uma história para desafiar cada menina e menino”, ressaltando seu potencial inspirador para jovens leitores.⁶¹⁴

Sarah Lennon observa que a narrativa de W.P Livingstone retrata Slessor como uma mártir, uma mulher incomum, dotada de coragem e um “espírito indomável”, que serviu fielmente a Deus. No entanto, ressalva que o biógrafo não concordava inteiramente com os métodos de Slessor, argumentando que ela se afastou da ordem “normal de procedimento” missionário para mulheres, pautava-se mais por ideais do que por regras, e que seus métodos eram muito irregulares, mas que ainda assim, ele a coloca como uma das figuras mais heroicas de seu tempo, encorajando os leitores a seguirem objetivos tão nobres quanto os dela.⁶¹⁵

A tradução publicada pela editora Edições Cristãs foi realizada com base na edição espanhola *La reina blanca de Okoyong*, da Editorial CLIE, de Barcelona, Espanha. A primeira edição brasileira foi lançada em março de 1988, quando a editora estava sediada na cidade de Ourinhos, no estado de São Paulo. A tradução para o português foi feita por R.J.A.,⁶¹⁶ mantendo como referência a versão espanhola.

Embora a obra original fosse uma versão voltada para o público infantil, a edição brasileira não apresenta características típicas de um livro destinado a crianças, mas sim a jovens e adultos. A única exceção são a capa e a dedicatória, que sugerem um direcionamento para um público mais jovem. A dedicatória na abertura do livro indica claramente o público-alvo: “Às moças e aos rapazes que olham para frente e sonham sonhos.”⁶¹⁷ Segundo McColl, essa dedicatória evidencia que a história de Mary Slessor foi adaptada para inspirar tanto meninos quanto meninas, embora sua figura possa ser considerada controversa em termos de representação feminina.⁶¹⁸

O livro é composto por 11 capítulos, e, antes do primeiro capítulo, há uma lista com as principais datas da vida de Slessor. Os títulos dos capítulos são:

⁶¹⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 162 - tradução nossa.

⁶¹⁵ LENNON, Sarah Marcia. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.3

⁶¹⁶ A edição não apresenta o nome do/a tradutor/ar por extenso. Sobre a invisibilidade do tradutor: VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade da tradução*. Traduzido por Laureano Pellegrin. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

⁶¹⁷ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.

⁶¹⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 164

1. A preparação
2. No Campo Missionário
3. Entre os Selvagens
4. Maria, a Juiz
5. Maria, a Defensora dos Gêmeos
6. Fazendo Cumprir a Lei
7. Novo Campo de Atividades
8. Sua Última Visita à Escócia
9. Um Novo Amiguinho
10. Mais Vitórias
11. Sua Última Viagem

McColl sugere que os títulos dos capítulos têm tons evocativos, que fornece uma tela útil para disseminar significados e ideias sobre gênero, classe, superioridade britânica e formação de caráter, principalmente para as leitoras.⁶¹⁹ Já a capa da edição publicada pelas Edições Cristãs retrata Mary como uma mulher jovem loira,⁶²⁰ em destaque, entregando livros e outros produtos a um povoado local representado de forma caricata. Essa ilustração, além de simplificar e estereotipar a complexidade da cultura local, reforça uma visão idealizada e eurocêntrica da missionária, destacando-a como uma figura central e salvadora, em contraste com a representação simplificada e exótica do povo africano.

⁶¹⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 164

⁶²⁰ As duas biografias sobre Mary analisadas neste trabalho afirmam que ela era ruiva.

Figura 21: Capa da edição brasileira de “A Rainha Branca do Okoyong: uma história verdadeira de heroísmo de aventura e fé” de W.P. Livingstone. Traduzida no Brasil em 1988 com o título Maria Slessor: A rainha branca de Okoyong.

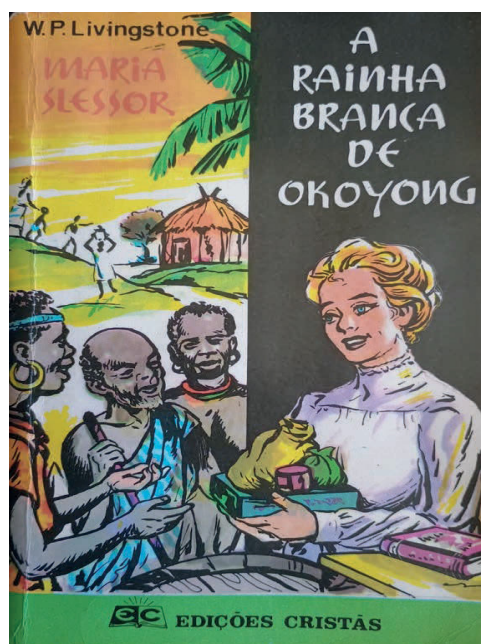
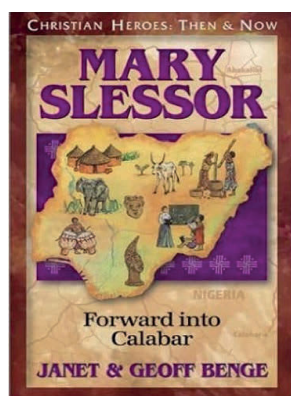


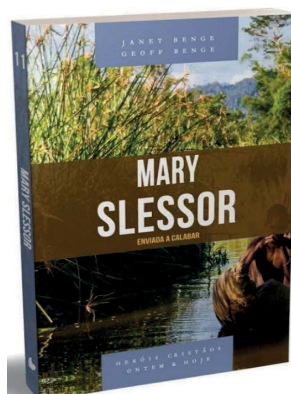
Foto: Arquivo pessoal (2024).

A biografia *Mary Slessor: Forward into Calabar*, escrita por Janet e Geoff Benge, integra a coleção *Heróis Cristãos Ontem & Hoje*. Originalmente publicada pela YWAM Publishing em 1999 com o título *Mary Slessor: Forward into Calabar*, a obra foi traduzida no Brasil com o título *Mary Slessor: Enviada a Calabar* pela Shedd Publicações em fevereiro de 2023. Na ficha catalográfica, a obra é classificada como: 1. Biografia de Mary Mitchell Slessor – Literatura infanto-juvenil; 2. Missões – Calabar (Nigéria); 3. Missionários – Calabar (Nigéria) – Biografia. A tradução para o português foi realizada por Renata Martins de Rezende dos Santos. A indicação técnica para catálogo sistemático é: Missionárias: Biografia.

Figura 22: Versão em inglês publicada em 1999 Figura 23: Versão em português publicada em 2023 pela Shedd Pela YWAM Publishing



Fonte: YWAM Publishing



Fonte: Shedd Publicações

A capa da edição em inglês publicada pela YWAM Publishing, apresenta o mapa da Nigéria como plano de fundo, com representações gráficas de elementos locais, além da ilustração de uma mulher na frente de uma lousa ensinando crianças, o que remete ao trabalho educacional de Mary Slessor. Já a capa da edição em português, publicada pela Shedd Publicações, traz uma fotografia de um homem sendo transportado em uma canoa por um rio cercado por uma densa floresta, cena que pode evocar elementos da narrativa biográfica sobre Slessor, como suas viagens e seu envolvimento com as comunidades locais em meio ao ambiente desafiador da região de Calabar. Ambas as capas, embora distintas em estilo e abordagem visual, buscam capturar aspectos significativos da experiência missionária.

A biografia traduzida no Brasil possui 216 páginas, organizadas em 17 capítulos. Apesar de ser classificada como literatura infanto-juvenil na ficha catalográfica, o design do livro não apresenta elementos visuais que apelem especificamente a esse público, como ilustrações ou cores vibrantes, sugerindo que a obra também busca atingir leitores adultos. A estrutura em 17 capítulos oferece uma narrativa detalhada capaz de atrair tanto jovens quanto adultos interessados na vida e no legado de Mary Slessor. Esse aspecto amplia o alcance da biografia, tornando-a acessível a um público diversificado.

O título dos capítulos são:

1. A vice-cônsul de Ocoiongue
2. Era por sua conta
3. Tragédia e trabalho duro
4. Uma posição de honra
5. Em solo africano
6. A tarefa à sua frente
7. Um esforço constante
8. Old Town
9. Convidado de honra
10. Janie
11. Creek Town
12. Para Ekenge
13. Deixando velhos costumes
14. Eka Kpukpru Owo
15. Um pouco de ajuda
16. Aos poucos

17. Alguém singular

O sumário sugere que o primeiro capítulo introduz Mary Slessor já em sua função como vice-cônsul em Ocoiongue, enquanto os capítulos subsequentes adotam uma narrativa linear, detalhando os principais acontecimentos de sua vida. Na bibliografia do livro de Janet e Geoff Benge, os autores indicam a utilização de diversas biografias sobre Mary Slessor, destacando especialmente o livro *Mary Slessor of Calabar*, de W.P. Livingstone, como uma de suas fontes de pesquisa.

Janet e Geoff Benge iniciam o relato biográfico sobre a vida de Mary Slessor com uma estrutura narrativa em *flashback*, técnica caracterizada pela escolha de um momento de tensão, drama ou aventura da vida do biografado para introduzir a trajetória do personagem. No caso desta biografia, os autores optam por começar a narrativa com um episódio em que Mary Slessor já havia alcançado a posição de vice-cônsul em Okoyong, presidindo uma audiência popular para resolver uma disputa relacionada a uma dívida financeira. Nessa condição, Slessor atuava como a única representante e administradora da lei britânica na região de Okoyong durante a última década do século XIX, destacando-se não apenas como missionária, mas também como uma figura importante na mediação de conflitos e na implementação da justiça local.

Conforme Tereza Malatian, os biógrafos utilizam *flashbacks* como um recurso estilístico literário para capturar a atenção do leitor e criar um impacto emocional desde o início da narrativa.⁶²¹ No caso da biografia escrita por Janet e Geoff Benge, após o capítulo introdutório com o *flashback* que retrata Mary Slessor já como vice-cônsul em Okoyong, os autores passam a narrar sua trajetória de vida a partir dos 11 anos de idade, quando sua família se mudou de Gilcomston para Dundee, na Escócia. Como observa Craig, é incomum que textos biográficos iniciem com um evento no meio da carreira do biografado antes de retomar a narrativa de forma linear, partindo da infância. Esse tipo de *flashback* introdutório é mais frequente em livros destinados a leitores mais jovens, servindo como um recurso para despertar o interesse e a curiosidade do público.⁶²²

Os Benge adotaram esse padrão narrativo de *flashbacks* no primeiro capítulo em todos os livros de sua coleção sobre heróis da fé, utilizando o recurso como uma estratégia para engajar os leitores desde as primeiras páginas. Em contraste, a biografia escrita por W.P.

⁶²¹ MALATIAN, Tereza Maria. A biografia e a história. **Cadernos Cedem**, v. 1, n. 1, p. 16-31, 2008. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/cedem/article/view/518/414> Acesso: julho/2022. p. 25

⁶²² GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.61

Livingstone segue uma estrutura linear, começando pela infância de Mary Slessor e avançando cronologicamente ao longo de sua vida, sem recorrer a *flashbacks* ou quebras na sequência temporal. No entanto, ambas as obras compartilham o estilo narrativo de história de aventura, típico da escrita biográfica missionária, que busca destacar o heroísmo e o romantismo da trajetória do biografado. Esse estilo visa estimular tanto o interesse intelectual quanto a conexão emocional do leitor, criando uma narrativa cativante que combina desafios, superações e inspiração.⁶²³

3.2. O caminho até o campo missionário

Mary Mitchell Slessor nasceu em 2 de dezembro de 1848, em Aberdeen, na Escócia. Nesse período, a maioria das mulheres envolvidas em trabalho missionário eram esposas de missionários, já que as mulheres ainda não eram enviadas ao campo como missionárias por direito próprio. No entanto, o movimento missionário já se propagava de forma intensa nas igrejas da Grã-Bretanha, e as sociedades missionárias estavam cada vez mais fortalecidas e expansionistas, refletindo um crescente interesse pela evangelização e pelo trabalho em terras distantes.

Desde a primeira página da biografia de W.P. Livingstone, Mary Slessor é retratada como alguém que, desde a infância, “[...] sempre parecia mais disposta a servir aos outros do que a buscar seus próprios interesses.”⁶²⁴ Além disso, é descrita como uma criança que já demonstrava inclinação para o magistério, brincando de ensinar. Em contraste, sua família é apresentada como problemática: o pai, viciado em bebidas alcoólicas, gastava todo o dinheiro da família em seu vício, deixando-os, por vezes, em situação de fome devido às condições financeiras precárias. Já a mãe, que havia perdido três filhos ainda crianças, trabalhava incansavelmente para sustentar a família e dedicava grande esforço à criação dos filhos restantes. O caráter altruísta de Mary e as dificuldades familiares servem para destacar sua resiliência e determinação desde tenra idade, elementos que moldariam sua trajetória futura.

Para McColl, os biógrafos utilizam essas experiências da infância dos missionários como um meio para transmitir declarações morais, destacando como vícios como o consumo de álcool e o jogo podem ser agentes de destruição familiar. Além disso, essas narrativas

⁶²³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.125

⁶²⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988. p.9

constroem a imagem de Slessor como uma pessoa comum, proveniente de um histórico familiar problemático, com o foco especial na figura do pai, cujos vícios prejudicavam a estrutura familiar. Nesse sentido, sua infância é retratada como um enredo de superação e autoajuda, enfatizando que, ao invés de sucumbir às adversidades, como outros poderiam ter feito, Mary utilizou essas circunstâncias desfavoráveis para superar seus próprios obstáculos. Essa capacidade de transformar dificuldades em motivação é apresentada como uma virtude heroica, reforçando a ideia de que sua trajetória foi marcada por resiliência e determinação desde cedo.⁶²⁵

Em sua narrativa biográfica, Janet e Geoff Benge narram que a vida de Slessor em Dundee transcorria em um pequeno apartamento localizado em uma das áreas mais pobres da cidade, onde sua família enfrentava as adversidades de um ambiente marcado pela poluição industrial, pela infestação de ratos e pelo odor persistente de esgoto e lixo. Ao dramatizarem a infância de Mary, os autores destacam que, entre os acessos de raiva do pai alcoolizado, a fome pela falta de recursos e a morte de irmãos ainda na infância, “Mary gostava de ser uma pequena mãe para sua família”, e que cabia a ela e a mãe manter o restante da família unida.⁶²⁶ Percebe-se, que os biógrafos procuram construir uma imagem de responsabilidade e instinto maternal precoce na personagem.

Diante das dificuldades da família, os Benge contam que Mary tomou a iniciativa de trabalhar para ajudar no sustento da família, demonstrando-se disposta a “aguentar qualquer coisa”⁶²⁷ para poder aprender a ler, uma vez que a opção de trabalhar na fábrica oferecia a possibilidade de frequentar a escola do estabelecimento. Mary começou a trabalhar em uma fábrica de algodão aos 11 anos de idade. Na fábrica, havia uma escola destinada aos trabalhadores mais jovens, e Mary passou a frequentar as aulas após seu turno de trabalho, dedicava-se às aulas, impulsionada pelo desejo declarado de “ser capaz de ler e escrever”.⁶²⁸ No currículo da escola fabril, teve a oportunidade de estudar disciplinas como escrita, aritmética, canto, costura, tricô e geografia.

Através da reconstituição da infância de Slessor, os Benge procuram salientar principalmente sua resiliência pessoal, e sua singularidade como representante de um extrato social pouco comum no projeto missionário formal da época. Como observam Grimshaw e

⁶²⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.201-210

⁶²⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.21

⁶²⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.22

⁶²⁸ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.15

Sherlock, a origem de Mary como uma missionária proveniente da classe trabalhadora a tornava uma figura incomum no cenário missionário da época, já que a maioria das missionárias era originária da classe média.⁶²⁹

Contextualmente, no século XIX, muitas mulheres da classe trabalhadora estavam empregadas em fábricas, enquanto outras atuavam como domésticas ou se dedicavam a atividades agrícolas, artesanato e confecções. Com o crescimento da produção têxtil, houve um aumento significativo na contratação de mulheres para a tecelagem, aproveitando a mão de obra feminina farta e barata. Dentro da classe trabalhadora, algumas mulheres conseguiam alcançar uma limitada mobilidade social por meio dos estudos, tornando-se professoras no ensino primário ou ocupando cargos de maior responsabilidade dentro da indústria.⁶³⁰

Com o aumento do número de mulheres trabalhadoras, especialmente as solteiras, as dinâmicas hierárquicas dentro das famílias começaram a se transformar. Em algumas regiões, como Glasgow, na Escócia, a independência financeira das jovens trabalhadoras têxteis frequentemente as levava a sair de casa e a viver em lares exclusivamente femininos, o que lhes proporcionava certa liberdade social e autonomia.⁶³¹ Segundo Lucas Harlow, para as mulheres mais pobres, a ideia de uma vida doméstica tranquila, sem a necessidade de trabalhar fora de casa, era uma realidade distante e quase ilusória, associada principalmente à classe burguesa.⁶³²

Os Benge detalham a exaustiva rotina de Mary Slessor na fábrica de algodão, destacando as altas temperaturas dos moinhos, o desgaste físico imposto pelo trabalho e seu persistente empenho em frequentar as aulas após extensas jornadas.⁶³³ Essa representação ecoa a descrição de W. P. Livingstone, que relata: “Quando Maria tinha catorze anos estava trabalhando num grande tear e ganhando um bom ordenado, mas tinha que trabalhar duro para consegui-lo”.⁶³⁴ Conforme argumenta McColl, a infância dos missionários é frequentemente utilizada em suas biografias como um recurso para estabelecer uma conexão emocional com os leitores.⁶³⁵ No caso de Mary Slessor, seu trabalho na fábrica durante a infância a aproximava de inúmeros

⁶²⁹ GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021. p.613

⁶³⁰ GLEADLE, Kathryn. **British Women in the Nineteenth Century**. Palgrave: Nova York, 2001. p. 59

⁶³¹ GLEADLE, Kathryn. **British Women in the Nineteenth Century**. Palgrave: Nova York, 2001. p. 39

⁶³² HARLOW. Lucas E. Social Reform in America. In: LARSEN, Timothy. **Congregationalists**. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017. p. 440

⁶³³ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.23-26

⁶³⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988. P.13

⁶³⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.201

leitores da classe operária, que podiam se identificar com sua trajetória de resiliência e superação.

Ao aprender a ler, Mary passou a se interessar pelas histórias de David Livingstone, missionário com quem os Benge afirmam que ela passou a se identificar.⁶³⁶ Essa identificação ocorria, em parte, porque Livingstone também era escocês e havia trabalhado em uma fábrica durante sua juventude. Segundo McColl, heróis missionários que surgiram de origens humildes e alcançaram sucesso por meio do trabalho árduo e da fé tornaram-se exemplos poderosos de ética, autoestima e progresso social.⁶³⁷

A trajetória de Slessor mostrou-se um modelo útil para os biógrafos como um exemplo de autoajuda.⁶³⁸ Ao escrever sobre a juventude difícil de Mary como trabalhadora fabril e já antecipando suas grandes realizações, os autores buscam dialogar diretamente com seu público, estabelecendo uma conexão entre a história de Mary e as realidades possíveis de seus leitores da classe trabalhadora. Esta estratégia é explicitada na escrita de W.P. Livingstone: “Nenhum menino ou nenhuma menina deve desesperar-se por ser pobre, por estar sozinho ou por enfrentar dificuldades. Prossigam lutando serena e pacientemente, e, no fim, virão coisas melhores e tempos mais felizes.”⁶³⁹ McColl destaca que essa visão otimista e positiva desse biógrafo reforça a ideia de que as adversidades enfrentadas por Mary durante a infância e adolescência a prepararam para se tornar uma mãe que lutava pelo seu povo, transformando suas experiências de luta contra a pobreza em habilidades que a tornaram uma estadista e economista eficaz.⁶⁴⁰

Para reforçar a mensagem de autoajuda, W.P. Livingstone enfatizava que uma vida marcada por dificuldades não deve ser desencorajadora:

Não devemos fazer pouco caso dela (Mary) por ter saído de lar desse tipo. Nem sempre são as crianças mais favorecidas as que chegam a conseguir as maiores realizações da vida. Alguns dos homens e das mulheres a quem mais devemos passaram por grandes aflições na sua juventude.⁶⁴¹

⁶³⁶ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.30

⁶³⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 136-137

⁶³⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 207-208

⁶³⁹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988. p.15

⁶⁴⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.209

⁶⁴¹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988. p.15

Nessa perspectiva, McColl observa que a infância de homens e mulheres missionários foi frequentemente utilizada por biógrafos para oferecer à geração futura exemplos de indivíduos que, apesar de crescerem em circunstâncias adversas, alcançaram feitos notáveis. Embora muitos missionários famosos tenham vindo de origens privilegiadas, nem todos começaram suas vidas em ambientes confortáveis. Muitas biografias aproveitaram as experiências da infância para promover ideias baseadas no autoaperfeiçoamento e na busca por respeitabilidade.⁶⁴²

Dessa forma, as biografias ofereciam às crianças exemplos de como elas também poderiam se tornar fortes, capazes e bem-sucedidas, apesar das adversidades.⁶⁴³ A biografia de W.P. Livingstone concentra-se nos aspectos do desenvolvimento do caráter, enfatizando a importância do trabalho e do autoaperfeiçoamento. Além disso, busca incorporar valores cristãos nas descrições da infância de Slessor, utilizando sua história para incutir códigos morais e orientar o leitor juvenil em direção a ideais de moralidade cristã.⁶⁴⁴

Figura 24 - Mary Slessor em sua juventude



Fonte: Leisure & Culture Dundee. Disponível em:

<https://www.leisureandculturedundee.com/library/localhistory/mary-slessor>. Acesso em: janeiro/2025.

⁶⁴² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 202

⁶⁴³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 202-203

⁶⁴⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 209

O livro de W.P. Livingstone reforça sistematicamente os padrões de comportamentos considerados ideais para os papéis masculinos e femininos, de acordo com a concepção europeia do final do século XIX e início do XX. Ele constrói a imagem de Mary Slessor como uma “boa menina”, caracterizando-a como consolo para a mãe em meio a uma vida marcada por sofrimento e dificuldades, além de ser uma trabalhadora dedicada desde a infância. W.P. Livingstone utiliza repetidamente termos que descrevem Mary como valorosa, bondosa, responsável, dedicada e ávida por aprender para descrevê-la, apresentando-a como uma leitora assídua e profunda conhecedora da Bíblia, e como alguém que mantinha disposição alegre e sorridente mesmo diante das adversidades. Além disso, o autor ressalta que Mary gostava de fazer os outros felizes, possuía um “coração amoroso”, era sonhadora e a comparava a uma “branca flor estrelada”.⁶⁴⁵ Essas descrições, além de idealizar sua figura, reforçavam valores morais e cristãos, estabelecendo-a como um modelo conduta a ser seguido pelos leitores, especialmente os jovens.

W.P. Livingstone ainda estabelece um contraste explícito entre Slessor e as meninas de sua própria época, utilizando-a como parâmetro crítico:

Quão diferente era a sua vida de muitas mocinhas de nossos dias! Estas têm tempo para fazer suas lições, para aprender música, para fazer seus trabalhos de crochê, para arrumar a casa e...como tudo isso é enfadonho para elas! Maria tinha poucos minutos livres; eram-lhe preciosos e extraía deles todo o proveito possível. Os livros que ela lia não eram novelas, mas livros sérios como ‘O paraíso perdido’ de Milton, e ‘Sartor Resartus’ de Carlyle[...], e ficava tão embebecida lendo-os à noite que não percebia que o tempo passava, até que a sirene da fábrica a fazia voltar à realidade.⁶⁴⁶

Os Benge, escrevendo décadas depois, não reproduzem essa crítica geracional de W.P. Livingstone, mas mantêm o enfoque em seu interesse precoce pela leitura, destacando que “Ela gostava em especial de ler relatos missionários.”⁶⁴⁷ W.P. Livingstone conta que, desde criança, Mary ouvia a mãe expressar o desejo de que seu irmão mais velho, Robert, se tornasse missionário: “A senhora Slessor[...] desejava que seu filho, quando chegasse à idade adulta, trabalhasse a serviço de Jesus entre os pagãos.”⁶⁴⁸ No entanto, o irmão costumava dizer a Mary que, por ser menina, ela não poderia ser missionária, mas que poderia ser sua auxiliar. A morte prematura de Robert transferiu essas expectativas vocacionais para o outro irmão, John,

⁶⁴⁵ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988. p.12-17

⁶⁴⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.16

⁶⁴⁷ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.30

⁶⁴⁸ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988. p.11

enquanto Mary empenhava-se em despertar seu interesse por Calabar. O falecimento de John na juventude, no entanto, criou uma lacuna que viria a ser preenchida pela própria Mary, que acabaria por abraçar a missão que inicialmente fora idealizada para os irmãos.⁶⁴⁹ Esse episódio da infância de Mary revela, tanto as expectativas familiares em relação aos papéis de gênero, assim como ilustra as limitações impostas às mulheres no contexto do missionarismo do século XIX.

Quanto à sua formação religiosa, embora frequentasse a Igreja Presbiteriana Unida da Escócia desde o nascimento, os Benge consideram que sua conversão ocorreu durante a adolescência. O casal de biógrafos conta que, certo dia, enquanto caminhava pelas ruas com suas amigas, uma senhora as convidou para um chá e, durante a conversa, falou sobre o inferno, perguntando se elas desejavam se converter. Naquele momento, Mary decidiu fazer uma oração de conversão. A partir desse episódio, motivada pelo ideal de compromisso religioso, ela procurou um dos líderes de sua igreja para se oferecer como voluntária, sendo designada para lecionar na escola dominical para crianças menores. Esta experiência marcou o início de seu engajamento religioso mais profundo, estabelecendo os fundamentos de sua futura atuação missionária.⁶⁵⁰

Os Benge narram que Mary, desde criança, gostava de ouvir o pastor contar histórias e ler os relatórios missionários, especialmente os que descreviam a região de Calabar, na Nigéria. Sua fascinação por Calabar se justificava porque, para ela, o local representava tudo o que Dundee, uma cidade industrial e operária, não era: “Ela era fascinante e estrangeira”.⁶⁵¹ Além dos relatórios apresentados na igreja, sua mãe lia para os filhos o *Missionary Record* [Registro Missionário], o boletim de missões da Igreja Presbiteriana Unida da Escócia, alimentando o imaginário de Mary sobre a África e fortalecendo seu desejo de se tornar missionária.

Para McColl, a figura da mãe de Mary oferece aos biógrafos a oportunidade de entrelaçar princípios de domesticidade feminina e instintos maternais ao retratá-la como uma mulher doce e gentil que, apesar das dificuldades econômicas, dedicava-se a ler para os filhos e a nutrir seus sonhos. Essa representação reforça os valores cristãos e familiares, e destaca o papel da mãe como uma influência fundamental na formação do caráter e das aspirações de Mary, contribuindo para a construção de sua identidade como futura missionária.⁶⁵²

⁶⁴⁹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.18

⁶⁵⁰ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.28-29

⁶⁵¹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.18

⁶⁵² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 209

Conforme sua adolescência avançava, Mary alimentava cada vez mais o desejo de se tornar missionária. No entanto, os Benge explicam que o fato de ser mulher e não ter formação acadêmica, levavam-na a se comparar com David Livingstone de forma desfavorável:

Livingstone era um homem, e os homens levavam a vida de forma muito mais aventureira que as mulheres. Livingstone era uma pessoa brilhante que havia estudado e se tornado médico para ter uma habilidade prática para oferecer aos nativos da África. Mary não tinha habilidade nenhuma que alguém pudesse precisar. É verdade que ela podia amarrar fios em uma máquina de tecer; no entanto essa não era uma habilidade que provavelmente não seria útil no campo missionário. Mary soltou um suspiro enquanto lia sobre David Livingstone. Suas vidas podiam ter começado da mesma forma, no entanto, ela nunca seria capaz de fazer realizar os mesmos feitos que ele. Mary era uma mulher, e as mulheres não faziam essas coisas.⁶⁵³

David Livingstone era o missionário mais celebrado na Grã-Bretanha vitoriana. W. P. Livingstone o descreve como “herói entre os heróis”.⁶⁵⁴ Sua biografia e histórias eram amplamente lidas e comentadas nas igrejas, assumindo um caráter quase hagiográfico. Essas narrativas eram de suma importância para os ideais protestantes, servindo como ferramentas para propagar concepções doutrinárias, comportamentais e morais entre os fiéis.⁶⁵⁵ Segundo Craig, essas biografias eram textos de persuasão, cujo sentido residia na capacidade de induzir o leitor a, de alguma forma, imitar o exemplo do biografado.⁶⁵⁶ Assim como as hagiografias eram utilizadas estrategicamente,⁶⁵⁷ as biografias missionárias também o eram, pois tinham como objetivo inspirar seus leitores e ouvintes a se aventurarem no campo missionário. Esse método mostrou-se efetivo no caso de Mary, cujo desejo de se tornar missionária foi alimentado por essas narrativas.

Os Benge contam que, ao ler sobre o famoso missionário David Livingstone, Mary questionava sua condição de mulher e a inviabilidade de seguir para o campo missionário. Como não via possibilidade de se tornar missionária, ela lia as histórias de Livingstone para seu irmão John, na esperança de incentivá-lo a seguir esse caminho quando crescesse.

⁶⁵³ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. Mary Slessor: enviada a Calabar. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.30

⁶⁵⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.23

⁶⁵⁵ FURLANI, João Carlos. Usos do gênero biográfico na Antiguidade Tardia: educação e moral cristã em Vita Olympiadis. **Revista Ágora**, n. 20, p. 151-165, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/9165> Acesso em: junho/2023. p. 158

⁶⁵⁶ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.100

⁶⁵⁷ GUARIZA, Nadia Maria. História de religiosas brasileiras: entre biografias e hagiografias. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 19, n. 3, p. 1253-1281, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305543302014.pdf> . Acesso em: fevereiro/2023 p. 1264

Secretamente, alimentava a ideia de se tornar assistente do irmão quando ele fosse para o campo missionário.⁶⁵⁸ Paralelamente, dedicou-se a atividades evangelísticas em sua comunidade, ensinando crianças de uma das favelas de Dundee a ler e escrever, além de compartilhar ensinamentos bíblicos. W.P. Livingstone afirmou que: “Sua vida durante aqueles anos, era uma preparação para o que tinha que fazer no futuro.”⁶⁵⁹ Nesse sentido, ao apresentar esses fatos, os biógrafos buscam destacar para os leitores suas características precoces como educadora, evidenciando seu talento e dedicação ao ensino. Destacar sua experiência inicial como professora, indica para os leitores suas habilidades de liderança e comunicação, mas também como o terreno foi preparado para seu futuro trabalho missionário, em que a educação e a evangelização seriam pilares fundamentais de sua atuação.

Tanto W.P. Livingstone quanto os Benge relatam que, durante sua jornada como professora, Mary enfrentou insultos de alguns adolescentes ao caminhar para dar aulas em uma das favelas de Dundee. Apesar do medo, ela resistiu à tentação de fugir e, com firmeza e gentileza, convidou-os a assistir às suas aulas, conseguindo conquistá-los como alunos. Os biógrafos relatam esse episódio principalmente para evidenciar como características de coragem e valentia já se manifestavam desde sua juventude. W.P. Livingstone narra o fato mencionando que moças e moços perturbavam a “valorosa professora”,⁶⁶⁰ mas ela não se deixou intimidar. Para McColl, essa imagem de Slessor como uma jovem destemida, alegre e de espírito determinado, serviu para que os biógrafos promovessem a ideia de sua capacidade de superar adversidades e melhorar não apenas sua própria situação, mas também a vida daqueles ao seu redor.⁶⁶¹

McColl ressalta que as histórias sobre as habilidades de Mary em alcançar positivamente os “meninos selvagens das ruas” forneceram aos biógrafos uma base útil para explorar temas como autoajuda, diferenças de classe e mobilidade social.⁶⁶² O incidente com os adolescentes, além de ilustrar o espírito corajoso de Mary, serve como uma oportunidade para os biógrafos destacarem como ela, com sua “simpatia e firmeza, moldou os meninos em ordem e atenção”. Essa narrativa enfatiza a capacidade de Mary de transformar comportamentos, e corrobora

⁶⁵⁸ BENGGE, Janet; BENGGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.31

⁶⁵⁹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.22

⁶⁶⁰ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.18

⁶⁶¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.213

⁶⁶² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.214

ideais de autoaperfeiçoamento. Dessa forma, os biógrafos utilizam o episódio para promover valores de superação e crescimento pessoal, alinhados aos ideais cristãos e sociais da época.

W.P. Livingstone retrata a adolescência e juventude de Mary como uma fase de preparação para a sua carreira no campo missionário, descrevendo o sonho de Mary de se tornar missionária como um “sonho dourado”, algo que alimentava sua imaginação e aspirações.⁶⁶³ Aos 25 anos, Mary ainda trabalhava como operadora de tear quando se viu confrontada com a morte de seu irmão John, evento que representou o fim das últimas esperanças maternas de ver um filho homem dedicado à obra missionária, e o renascer de suas aspirações: “Não poderia ela, afinal de contas, ser uma missionária? Mas não tinha o preparo e era o principal apoio da família. Sua mãe precisava dela. Como faria sem ela?”⁶⁶⁴

Os biógrafos relatam que o ponto de virada decisivo na trajetória de Mary Slessor ocorreu em 1874, com a notícia amplamente divulgada nos jornais escoceses da morte de David Livingstone. Este acontecimento forneceu o impulso final para que ela decidisse seguir seu próprio chamado. W.P. Livingstone menciona que “Entre aqueles corações que ouviam tal chamado estava Maria Slessor”.⁶⁶⁵ Já os Benge descrevem que o chamado partiu de uma profunda reflexão de Mary sobre seu futuro, catalisada pela morte do renomado explorador. Aos 27 anos, Mary não queria passar o resto de seus dias trabalhando 12 horas por dia, seis dias por semana, em um tear. Inspirada pelo exemplo de Livingstone, ela decidiu que queria ser enviada como missionária. Determinada, compartilhou sua decisão com a mãe, que, segundo os biógrafos, demonstrou total apoio e o orgulho ao imaginar a filha no campo missionário, sendo noticiada nas revistas e jornais missionários da Escócia.⁶⁶⁶

O apoio e a expectativa materna refletiam um fenômeno cultural da época. Durante o século XIX, os jornais e revistas missionárias alcançaram um público amplo, incluindo muitas pessoas que nunca haviam sido leitoras de periódicos. O movimento missionário desenvolveu e manteve um público notavelmente bem-informado por meio desses veículos de comunicação. O *best-seller* missionário, que Andrew Walls denomina de “missiografia”, era uma literatura popular que retratava o trabalho missionário e desempenhou um papel fundamental em transformar missionários em celebridades no meio protestante.⁶⁶⁷ Essas publicações disseminavam informações sobre as atividades missionárias, e criavam uma narrativa que

⁶⁶³ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.23

⁶⁶⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.23

⁶⁶⁵ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.24

⁶⁶⁶ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.41-42

⁶⁶⁷ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996. p.188-252

inspirava e mobilizava leitores, consolidando a imagem dos missionários como heróis da fé e exemplos de dedicação e sacrifício.

Segundo Terrance Craig, essas revistas e periódicos missionários ajudaram a formar opiniões, desenvolver imaginários e construir atitudes. Além de produzir um público leitor em massa, formaram um público preocupado e informado sobre o mundo fora de seu próprio país. O sucesso desses escritos era evidente no enorme respeito e na atenção entusiástica que os missionários recebiam ao retornar para casa em licença. Craig os compara a “astronautas teológicos” de seu tempo, destacando o fascínio e a admiração que despertavam em suas comunidades.⁶⁶⁸

Tanto W.P. Livingstone quanto os Benge registram o processo de candidatura de Mary Slessor ao Conselho de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana Unida da Escócia. De acordo com os Benge, Mary estava receosa, pois se considerava inferior e sem a formação profissional adequada. Eles destacam a sua reflexão interior: “Eu tenho apenas dois anos de escolaridade. David Livingstone era médico e ministro ordenado quando se tornou missionário”⁶⁶⁹. Em sua narrativa, os biógrafos retratam Mary como alguém que duvidava profundamente de sua própria capacidade, a ponto de declarar: “Sei que nunca poderia administrar uma estação missionária ou algo tão grande, mas eu seria uma boa assistente para alguém[...]”.⁶⁷⁰ Essa insegurança reflete as barreiras significativas que as mulheres, em particular as de origem humilde, enfrentavam para ingressar no campo missionário.

No inverno de 1875, após se candidatar, Mary foi convocada para uma entrevista com o Conselho de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana Unida da Escócia. Aprovada, ela foi designada como professora para Calabar. A missão de Calabar havia sido fundada três décadas antes pelo reverendo Hope Waddell, e Mary sempre nutriu o sonho de ir para lá, ansiosa por ir além dos territórios explorados por David Livingstone e evangelizar povos que não conheciam o Evangelho. Nas biografias missionárias, coincidências são frequentemente tratadas como providências divinas, e Mary “mal podia acreditar” que estava indo para Calabar. Esse momento marcou a realização de um sonho que parecia distante, mas que, para ela, era a confirmação de um chamado divino.⁶⁷¹

⁶⁶⁸ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.13

⁶⁶⁹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.43

⁶⁷⁰ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.43

⁶⁷¹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.44-45

Segundo Maina Singh, muitas mulheres protestantes experimentaram um “chamado” interior para o serviço missionário, enquanto outras responderam a apelos gerais que foram intensamente promovidos no final do século XIX. Singh argumenta que o catalisador mais frequentemente citado para despertar o interesse missionário em muitas jovens aspirantes eram os relatos de missionários repatriados. O zelo de servir em “terras pagãs” estava entrelaçado com um espírito de aventura e exploração. A motivação para o trabalho missionário no exterior, entre as mulheres solteiras, ia além da fé e do altruísmo. Em média, elas partiam para o campo missionário significativamente mais velhas do que as esposas missionárias, que muitas vezes embarcavam como jovens noivas. Não era incomum que as missionárias solteiras chegassem ao campo missionário por volta dos trinta anos de idade. Muitas delas passavam anos cuidando de irmãos, sobrinhos e outros familiares antes de poderem desenvolver uma carreira independente.⁶⁷²

Essa situação reflete além das expectativas sociais da época em relação ao papel das mulheres, descortina também o conflito dessas missionárias em conciliar responsabilidades familiares com seus sonhos de servir em terras distantes. Essa dualidade entre o dever doméstico e a aspiração missionária ilustra os desafios enfrentados por mulheres que buscavam transcender os limites impostos pela sociedade, equilibrando suas obrigações familiares com o desejo de contribuir para uma causa maior.

Singh destaca que, para muitas mulheres solteiras, o trabalho missionário no exterior representava a opção mais glamourosa disponível, uma oportunidade que, apesar do deslocamento emocional e cultural, oferecia a promessa de um espaço para iniciar e desenvolver projetos de forma independente.⁶⁷³ Além disso, Singh argumenta que, para uma jovem escolher uma vida no exterior – o que implicava uma longa separação da família, dos parentes e da cultura de origem, em uma época em que as comunicações e as viagens para casa eram esporádicas –, era necessária mais do que uma coragem comum. As mulheres que decidiram embarcar nessa jornada eram claramente ousadas, decididas e autoconfiantes. Se os medos do desconhecido permaneciam em um nível inconsciente, o desconhecido também evocava um sentimento de mistério e romance que se alinhava perfeitamente com a retórica do serviço em nome de Cristo.⁶⁷⁴ Essa combinação de desafio e fascínio ajudava a alimentar o espírito de

⁶⁷² SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.209-211

⁶⁷³ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.211

⁶⁷⁴ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.212

aventura e dedicação que impulsionava muitas dessas missionárias a deixar suas terras natais em busca de um propósito maior.

Os Benge expõem que a Junta Missionária da Igreja Presbiteriana Unida da Escócia tinha receio de enviar Mary Slessor devido à sua baixa estatura e por considerarem a África, especialmente Calabar, um dos campos missionários mais desafiadores. Apesar dessas preocupações, Slessor foi enviada a Edimburgo para receber treinamento formal de professores na Escola Normalista Canongate, antes de partir para a Nigéria. O curso consistia em ensinar habilidades, como instruir crianças a ler e escrever, além de técnicas para administrar uma sala de aula.⁶⁷⁵ O treinamento de missionários antes de enviá-los ao campo missionário tornou-se uma prática comum no processo de recrutamento, refletindo a crescente profissionalização e organização do trabalho missionário ao longo do século XIX.

Segundo Andrew Walls, inicialmente as “missões de fé” não exigiam cursos de graduação de seus candidatos. O perfil missionário padrão da primeira metade do século XIX era composto por pessoas de origens humildes e sem formação acadêmica, embora muitos deles acabassem adquirindo algum tipo de instrução ao longo do tempo.⁶⁷⁶ No entanto, as sociedades missionárias logo perceberam a necessidade de oferecer algum tipo de preparação teológica e prática para seus candidatos. Isso levou ao desenvolvimento de seminários, escolas de formação missionária e até mesmo faculdades dedicadas a capacitar futuros missionários.

Nesse contexto, nas sociedades missionárias escocesas, quanto melhor fosse a educação do missionário, maior era a probabilidade de ser enviado para destinos como a Índia ou a China, enquanto aqueles com menos escolaridade tendiam a serem designados para a África.⁶⁷⁷ Somente nas últimas duas décadas do século XIX houve um intenso recrutamento de jovens universitários e estudantes de escolas públicas, impulsionado pela Convenção de Keswick e pelo avivamento religioso que deu origem ao Movimento Missionário Estudantil no final do século. Esse movimento resultou em uma geração de missionários com um elevado grau de educação formal, assinalando uma mudança significativa no perfil dos candidatos ao trabalho missionário.

O fato de missionários com menor formação acadêmica serem enviados para a África pode estar ligado à propaganda da época sobre os perigos do continente africano. Os Benge

⁶⁷⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.45-46

⁶⁷⁶ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p.187

⁶⁷⁷ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p. 188

destacam que Mary Slessor não tinha a menor ideia do que a esperava, das aventuras que viveria, dos perigos que enfrentaria e da fama que a acompanharia. Eles retratam o campo missionário como exótico e desconhecido para Mary, enfatizando como ela estava entrando em um mundo completamente novo. Esses mencionam algumas das preocupações da época em relação à sua ida para a África, citando uma das premissas mais famosas do neocolonialismo do século XIX: “Ela não tinha ouvido falar que a África era conhecida como o túmulo do homem branco?”⁶⁷⁸ Essa frase reflete os temores e estereótipos associados ao continente, que eram amplamente difundidos na época.

W.P. Livingstone narra a partida de Mary para a missão retratando seu entusiasmo: “Ela estava tão alegre e alvoroçada como uma colegial. Sendo alegre e amável para com todos, logo fez muitos amigos entre os passageiros e a tripulação.”⁶⁷⁹ Já os Benge detalham a despedida familiar em 30 de julho de 1876, da seguinte forma: “Aquele foi um dia pelo qual Mary tanto ansiara quanto temera. Nele, ela se despediria da vida simples e previsível na Escócia. Muitas pessoas compareceram à estação de trem para vê-la partir.”⁶⁸⁰ Esse momento de despedida é um elemento recorrente nas biografias missionárias, pois representa uma transição sentimentalmente significativa. A cena, frequentemente ambientada com uma multidão de simpatizantes, serve para o biógrafo elevar o apoio público, conforme observa Terrance Craig.⁶⁸¹ Dessa forma, os biógrafos destacam o sacrifício e a coragem da missionária ao deixar sua terra natal e sua família para uma jornada incerta, e a insere em uma estrutura narrativa mais ampla. Para Hourihan, a partida do herói para se aventurar na selva é um componente básico da narrativa heroica.⁶⁸²

A história de Mary Slessor se encaixa na estrutura das narrativas heroicas, principalmente a partir do que Hourihan identifica como objetivos que vão além de um senso de propósito rigoroso, envolvendo também conquistas bem-sucedidas. Sua trajetória transmite a imagem de uma vida marcada por uma luta incessante na busca pelo sucesso profissional, no caso, missionário. A jornada da heroína é, sobretudo, um progresso no tempo, à medida que ela avança das incertezas e da impotência da infância, passando pelas dificuldades da adolescência

⁶⁷⁸ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.49

⁶⁷⁹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.25

⁶⁸⁰ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.50

⁶⁸¹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.73-74

⁶⁸² HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p. 22

e enfrentando as hostilidades do mundo externo, até alcançar, finalmente, uma forma de vida adulta bem-sucedida.⁶⁸³

3.3. Experiência Missionária: o início de uma aventura

Mary Slessor partiu para a África no dia 5 de agosto de 1876, embarcando em Liverpool, na Inglaterra. Os Benge descrevem a experiência do embarque e a viagem como repleta de emoção e deslumbramento, impressionada tanto pela efervescência do movimentado porto inglês quanto pelas paisagens exóticas avistadas durante o trajeto até a África.⁶⁸⁴ Segundo Craig, para muitos missionários, a primeira viagem ao campo missionário representou a primeira experiência com transportes ferroviários ou marítimos prolongados, marcando o início de uma jornada repleta de novidades e desafios. Nas biografias missionárias, é comum encontrar descrições pormenorizadas do apoio oferecido por pessoas simpatizantes da missão e do respeito concedido pela tripulação e pelos agentes, elementos que ajudavam a facilitar o caminho do missionário. Esses detalhes servem para ilustrar uma imagem mais clara e envolvente sobre o início da aventura missionária. No entanto, as viagens posteriores, de ida e volta, raramente são tratadas com o mesmo nível de detalhamento, sugerindo que o foco narrativo está no impacto e na novidade da primeira experiência.⁶⁸⁵

A narrativa de W.P. Livingstone insere-se cabalmente no padrão descrito por Craig. O biógrafo detalha o encantamento de Mary com sua primeira viagem a um lugar distante, construindo um imaginário idílico e bucólico da paisagem africana:

Contemplava também dourados pores-do-sol e grandes estrelas fulgurantes. Via, às vezes, milhares de peixes voadores saltando sobre a superfície do mar e, de noite, a proa do navio formava enormes jatos de água a brilhar como se estivesse cheia de diamantes. [...] Divisavam-se na costa brancos castelos que recordavam os antigos

⁶⁸³ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p. 48

⁶⁸⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.52

⁶⁸⁵ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.74

tempos da escravidão e pequenas povoações escondidas entre as árvores, onde viu pela primeira vez os indígenas que vinham nadando até o navio, gritando e sem medo algum dos tubarões que havia naquelas águas. Tudo era muito estranho para a jovem tecelã escocesa. Quando, após um mês, o barco chegou ao Rio Calabar e navegou através de pelicanos pousando junto a escuros bosques, de praias arenosas onde dormiam os crocodilos ao sol e ilhas animadas por inúmeros macacos e papagaios, até chegar a Duke Town, o estranho conglomerado de cabanas de barro entre palmeiras, que ia ser sua moradia, Maria sentia uma agitação indescritível.⁶⁸⁶

Este trecho exemplifica uma dualidade comum no gênero: a África era simultaneamente retratada como um lugar de beleza paradisíaca e de perigos latentes. No imaginário britânico vitoriano, o continente era visto como um centro do mal, uma região dominada por uma “escuridão” demoníaca ou pela “barbárie”, que era seu dever civilizatório e religioso combater. Consequentemente, a África tornou-se o palco ideal para narrativas de aventura. Como destaca McColl, o continente proporcionou uma oportunidade única para os biógrafos promoverem o herói missionário sob uma luz similar à do aventureiro clássico, que enfrentava animais selvagens, nativos hostis e paisagens inóspitas. Essa narrativa fortalecia a imagem do missionário como um lutador corajoso e destemido, alimentando o imaginário popular e transformando a missão numa saga heroica repleta de desafios e superações.⁶⁸⁷

Nessas narrativas sobre a África, os biógrafos frequentemente também destacavam a ameaça invisível, porém onipresente e letal, das doenças tropicais. Os Benge, escrevendo décadas depois, preservam e reforçam essa dimensão de perigo na narrativa:

O navio a levaria para longe da Grã-Bretanha, através de uma vasta extensão de oceano, até um lugar onde a malária, a febre amarela e a febre da água negra corriam soltas, ceifando a vida de muitos estrangeiros. A ideia a animava e a amedrontava.⁶⁸⁸

Conforme McColl, os relatos de viagem permitiram a apresentação do missionário como um evangelizador, e também como um explorador e aventureiro, na esperança de inspirar crianças, especialmente meninos, a se interessarem por viagens e exploração. Além disso, as

⁶⁸⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.26

⁶⁸⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 42-43

⁶⁸⁸ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p. 22

descrições das viagens são elementos fundamentais das biografias missionárias, permitindo aos autores destacar a resistência e a autossuficiência do herói missionário, ao mesmo tempo em que documentam as paisagens e as pessoas encontradas ao longo do caminho.⁶⁸⁹

Segundo Elizabeth Prevost, a partir da década de 1860, várias jovens britânicas viajaram para a África como parte de uma campanha global de expansão missionária feminina. Os programas missionários do final do século XIX respondiam a um cenário de transformações internacionais e sociais, que passaram a transferir o trabalho missionário das mulheres de um esforço não remunerado, realizado principalmente por esposas de missionários, para um empreendimento assalariado, especialmente voltado para mulheres solteiras.⁶⁹⁰ Maina Singh complementa essa ideia ao destacar que, na década de 1870, os defensores do empreendimento missionário sentiam que o movimento havia superado sua fase inicial e se encaminhava para um período de grandes possibilidades, impulsionado, em grande parte, pelo avanço da presença das mulheres no campo missionário.⁶⁹¹

Para Prevost, esse movimento proporcionou oportunidades e desafios para mulheres ambiciosas e socialmente conscientes, já que o novo tipo de missionária personificava não apenas o zelo cristão, mas também um padrão crescente de autoridade profissional e religiosa. Essas características, no entanto, frequentemente entravam em conflito com as prescrições vitorianas de gênero, que limitavam o papel das mulheres à esfera doméstica.⁶⁹² Apesar dessas contradições, as missionárias solteiras conseguiram transcender as expectativas tradicionais, assumindo papéis de liderança e influência que desafiavam as normas sociais da época. A dualidade entre o chamado religioso e as restrições de gênero destacou a complexidade de suas trajetórias, ao mesmo tempo em que abriu caminho para uma redefinição do papel das mulheres na sociedade e na religião.

Kommers destaca que, para as mulheres, ir para o campo missionário significou a oportunidade de serem úteis profissionalmente e de aprofundar seu compromisso com Deus.⁶⁹³

⁶⁸⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 227

⁶⁹⁰ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1094

⁶⁹¹ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.207

⁶⁹² PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1094

⁶⁹³ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. **In die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em:

Esse período coincidiu com a crescente legitimação do ministério leigo e do trabalho profissional dentro das igrejas protestantes, abrindo novas oportunidades para as mulheres em um amplo contexto social. Elas passaram a ser empregadas como missionárias, assumindo funções que antes eram predominantemente masculinas ou restritas às esposas de missionários. Essa mudança ampliou o escopo de atuação das mulheres, e permitiu que elas desenvolvessem carreiras independentes e significativas, contribuindo para a expansão da fé cristã. Assim, o campo missionário tornou-se um espaço de realização pessoal, profissional e espiritual para muitas mulheres.⁶⁹⁴

Mary Slessor chegou à África 36 dias após seu embarque em Liverpool, desembarcando em Duke Town, onde se localizava uma estação missionária. Recebida com saudações entusiasmadas pelos missionários residentes, Mary, em um primeiro momento, sentiu-se tímida. No entanto, os Benge descrevem a determinação imediata da personagem perante os novos desafios: “Agora ela estava aqui, e Mary não pretendia que a África fosse seu túmulo.”⁶⁹⁵. Essa afirmação transmite uma postura da personagem, mostrando-a ao mesmo tempo esperançosa e desafiante perante a vida e a missão. O simples ato de um missionário se deslocar para um país de clima considerado hostil, repleto de doenças endêmicas e privações, já era suficiente para enquadrá-lo em uma condição heroica perante o público britânico.⁶⁹⁶ A narrativa, portanto, constrói desde o início a imagem de Mary como uma figura resiliente e corajosa, determinada a enfrentar todos os obstáculos em nome de sua vocação.

W. P. Livingstone busca imprimir em sua narrativa o contentamento e a felicidade da personagem em sua chegada ao campo missionário, ilustrando para o leitor a beleza do lugar, assim como evidenciar a personalidade jovial da biografada:

Sentia-se mui feliz; alegrava-se com a luz resplendente, com os maravilhosos pores-do-sol, com a branca Lua, com o rio prateado, com as flores de vivas cores entre as quais voavam as borboletas e pássaros. Todas as cenas e sons eram tão diferentes dos de Escócia. Tão contente estava que escrevia poesias cantando as belezas daquela terra. Sua vivacidade, reprimida por um tempo em Dundee, transbordava, fazendo-lhe fazer coisas que faziam rir e que às vezes até molestavam os missionários mais velhos e mais sérios que ela. Subia às árvores e punha-se a correr com as moças e rapazes negros e muitas vezes chegava tarde às refeições, ao ponto da senhora Anderson

https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en
dezembro/2023. p.6

Acesso:

⁶⁹⁴ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1099

⁶⁹⁵BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.63

⁶⁹⁶LEIGH, Michael D. **Conflict, politics and proselytism: Methodist missionaries in colonial and postcolonial Upper Burma, 1887-1966**. Nova York: Manchester University Press, 2011.p.xi

deixá-la várias vezes sem comida. Mas o “papaizinho” tinha muito carinho para com aquela menina de olhos vivos e de coração ardente e escondia algumas bananas e outras frutas para dar-lhe quando ninguém o visse.⁶⁹⁷

Inicialmente, Mary ficou morando na casa principal da estação missionária, juntamente com vários outros missionários: quatro mulheres solteiras, quatro casais missionários, quatro missionários solteiros, uma viúva missionária e o casal responsável por supervisionar o trabalho missionário, os Anderson, a quem chamavam de “mamãezinha” e “papaizinho”.⁶⁹⁸ Na primeira semana, ela já começou a atuar na escola dirigida pela estação. A alfabetização era considerada um pré-requisito para o cristianismo, pois o objetivo final da conversão era que os convertidos fossem capazes de ler individualmente a Bíblia, a liturgia e os hinos.⁶⁹⁹

Na narrativa de W.P. Livingstone, contudo, o encantamento inicial com a beleza natural rapidamente se desvanece para dar lugar “ao horror de uma grande escuridão”: o paganismo dos nativos.⁷⁰⁰ Os Benge narram que acompanhando uma missionária mais experiente, Mary visitava os “quintais”, os aposentos femininos, onde se deparava com condições sanitárias e costumes locais que a horrorizavam.⁷⁰¹ Relatar fatos que chocam o personagem é um recurso importante na narrativa missionária, pois ajuda a destacar os desafios enfrentados e a complexidade do trabalho no campo. Outro aspecto interessante é a apresentação de costumes locais que despertam um “misto de reações” nos personagens, conferindo à biografia missionária um tom diferenciado. Detalhar os costumes do local é uma forma de fazer o leitor conhecer a realidade em que o missionário atuou, além de evidenciar os choques culturais e a experiência de viver em uma sociedade com valores e práticas tão diferentes dos seus. Essa vivência exigia dos missionários esforço intelectual, capacidade de adaptação e habilidade de comunicação.⁷⁰²

Em uma das visitas aos quintais femininos, Mary foi levada para conhecer uma noiva em uma cabana de engorda, onde a família tinha a tradição de engordar a noiva antes do casamento. Também visitou uma casa de mulheres efíques viúvas, onde percebeu que havia uma viúva mais velha que oprimia três viúvas mais jovens. Muitas vezes, essas mulheres

⁶⁹⁷ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.27

⁶⁹⁸ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.27

⁶⁹⁹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.66

⁷⁰⁰ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.27-28

⁷⁰¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.69

⁷⁰² WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p.166

ficavam de luto por anos, e algumas morriam durante o processo. Em alguns povoados, as esposas eram mortas e enterradas com o marido em seu túmulo para que lhe fizessem companhia após a morte.⁷⁰³ Mary considerava a situação das mulheres que visitava profundamente opressiva.

Nesse sentido, Eliane M. Silva destaca que a relação entre as mulheres missionárias e as mulheres missionadas era assimétrica e hierárquica. A historiadora analisa que as missionárias europeias e norte-americanas brancas desempenharam um papel ambíguo: “eram membros de um gênero inferior dentro de uma raça superior. O resultado foi que reconheciam a opressão das mulheres e, simultaneamente, desenvolviam um sentido de superioridade devido à raça e nacionalidade.”⁷⁰⁴

W.P. Livingstone narra as visitas aos “quintais” destacando que Mary viu “[...] paganismo selvagem que a encheu de admiração e de terror. Não tinha imaginado que as pessoas pudessem ser tão miseráveis, ignorantes e degradadas.”⁷⁰⁵ Este biógrafo monta um retrato estereotipado e crítico do modo de vida dos africanos:

Todas as tribos são ferozes, cruéis e maliciosas e passam o seu tempo pelejando umas contra as outras, dançando e bebendo; algumas são antropófagas e fazem verdadeiros festins com os cadáveres dos homens que têm matado. Sua religião é seu medo dos espíritos: uma religião de sangue e sacrifícios, na qual não existe amor. Você sabe o que acontece com as mulheres e os escravos de um chefe quando este morre? Cortam-lhes a cabeça e os enterram como o chefe para que acompanhem no mundo dos espíritos. [...]E o que acontece com os gêmeos? Pobres criaturas! Não sei por que, mas as pessoas lhes têm mais medo do que à morte e não os deixam viver; os matam e os colocam seus corpos em vasos de barro, atirando-os fora da aldeia para que seus corpos sejam comidos pelos leopardos. A mãe dos gêmeos é abandonada na selva, onde tem que viver sozinha. Também ela tem medo dos gêmeos e chegaria a matá-los se os outros não o fizessem. Maria chorava de raiva contra tal costume tão cruel. – Oh! Disse ela – Lutarei contra isso. Salvarei esses pequenos inocentes!⁷⁰⁶

Nesse sentido, Craig afirma que os missionários buscaram inevitavelmente alterar os costumes “estrangeiros”, muitas vezes interpretando mal essas práticas como diabólicas ou más.⁷⁰⁷ Por conseguinte, o ideal missionário estava centrado na ideia de encontrar sociedades

⁷⁰³ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.73-76

⁷⁰⁴ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021. p. 29

⁷⁰⁵ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.28

⁷⁰⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.28-29

⁷⁰⁷ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.46

degradadas e restaurá-las, trazendo-lhes a luz do cristianismo e dos valores ocidentais.⁷⁰⁸ Esse aspecto de restauração social está na essência das biografias de Slessor, que retratam sua luta para transformar as comunidades locais, combatendo práticas que considerava cruéis e desumanas. A narrativa biográfica, ao mesmo tempo que critica os costumes africanos, busca destacar o papel heroico de Mary como agente de mudança e redenção, reforçando a ideia de que sua missão era não apenas evangelizar, mas também civilizar.

Quando Mary Slessor chegou à missão em Calabar, a estação já estava estabelecida há trinta anos. Os Benge narram que, nesse período, aproximadamente vinte missionários haviam sido enterrados no cemitério local, enquanto outros vinte retornaram à Escócia, alguns com a saúde física e mental gravemente abalada. Essa situação, no entanto, não é mencionado na biografia de W. P. Livingstone. Conforme observa Terrance Craig, as biografias missionárias mais recentes têm se dedicado a confrontar aspectos que outrora eram considerados “não mencionáveis”, como os transtornos mentais e outras tensões psicológicas enfrentadas no campo missionário.⁷⁰⁹ Ao incorporar essa perspectiva, tais obras permitem uma compreensão mais realista dos desafios envolvidos no trabalho missionário, indo além das narrativas idealizadas que predominavam no passado.

Após três meses no complexo missionário de Duke Town, Mary obteve permissão para explorar outras regiões. Os Benge descrevem a animação de Mary ao poder explorar novos lugares da seguinte maneira:

[...]finalmente se encontrava livre, subindo o rio para visitar Creek Town. O melhor de tudo: desvinculada das limitações da vida impostas no complexo missionário, com os intermináveis chás da tarde com funcionários do governo e jantares formais com os capitães e oficiais dos navios mercantes ancorados no rio. Era tudo muito limitante para Mary[...].⁷¹⁰

Conseguir essa autorização exigiu que Mary convencesse o reverendo responsável por Calabar. Os Benge explanam que “[...] no passado, as missionárias jamais receberiam permissão para realizar aventuras sozinhas no interior. No entanto, Mary foi persistente e, no final, a persistência venceu.”⁷¹¹ Essa conquista representou mais do que uma permissão de

⁷⁰⁸ BANNERJI, Himani. Age of consent and hegemonic reform. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998. p. 37

⁷⁰⁹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.104

⁷¹⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.78

⁷¹¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.80

viagem; foi a quebra de uma resistência institucional, abrindo um precedente para que outras mulheres pudessem futuramente trabalhar em regiões distantes das bases missionárias. Geralmente, essa atividade de estabelecer uma nova estação era designada a um casal de missionários, mas Mary, estava disposta assumir esse papel de forma independente. Como observa Sarah Lennon, em uma sociedade vitoriana onde a exploração era uma atividade essencialmente masculina, a iniciativa de Mary em viajar desacompanhada representava uma ruptura significativa com os padrões da época.⁷¹²

É interessante observar que W.P. Livingstone omite a luta de Slessor por explorar novos territórios. Em sua narrativa, ele resume os três primeiros anos de Mary afirmando que ela trabalhou na região, adoeceu, precisou retornar à Escócia para se recuperar e, ao voltar, “teve a alegria de ver que se realizava seu sonho de ser uma verdadeira missionária porque a encarregaram da obra entre as mulheres em Old Town (Cidade Velha), um lugarejo a mais de três quilômetros para o interior, que tinha fama por sua maldade.”⁷¹³ O biógrafo constrói a ideia de que ir para novos territórios praticamente como uma providência divina. Essa omissão provavelmente reflete o contexto em que Livingstone escrevia, possivelmente evitando incentivar em suas leitoras comportamentos que poderiam ser interpretados como de “enfretamento às autoridades patriarcais eclesiais” inadequados para uma mulher. Rosemary Seton afirma que Slessor frequentemente enfurecia seus colegas de Calabar e o Conselho Missionário em Edimburgo com suas linhas de ação independentes e impulsivas.⁷¹⁴

Muitas mulheres missionárias solteiras, quando instaladas em estações missionárias, tinham que obedecer às decisões dos homens que chefiavam essas estações e desempenhar atividades de acordo com metodologias predefinidas. Por isso, muitas ansiavam por se aventurar sozinhas em outras regiões, onde poderiam desenvolver seu trabalho com maior liberdade e de acordo com suas próprias convicções e ideais. Essa busca por autonomia refletia o desejo de ultrapassar as limitações impostas pelas estruturas hierárquicas das missões. Essa independência, no entanto, nem sempre era fácil de alcançar, exigindo persistência e, muitas vezes, dependendo de acontecimentos externos que resultassem em avanços em relação às

⁷¹² LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History In Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.35

⁷¹³ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p. 31

⁷¹⁴ SETON, Rosemary. Jeanette Hardage. 2010. Mary Slessor – Everybody's Mother, The Era and Impact of a Victorian Missionary. Cambridge: The Lutterworth Press. **Studies in World Christianity**. Vol. 17, nº 2. pp.198-199Edinburgh University Press, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.3366/swc.2011.0023> . Acesso em: junho/2025. p.198

normas estabelecidas. Essa luta por maior liberdade de ação contribuía para transformar gradualmente as práticas e expectativas dentro do campo missionário.

Para Mary, longe da estação missionária principal de Calabar, “[...]tudo ao redor de Mary parecia novo e maravilhoso.”⁷¹⁵ Ao chegar em Creek Town, Mary estava ansiosa para conhecer o “lendário rei Eyo Honesty VII” a quem ela passou a visitar com regularidade. O rei fora um dos primeiros convertidos do reverendo Hope Waddell, e Mary lera sobre ele muitas vezes no *Missionary Record*.

O rei estava muito bonito com um colete de seda e calça cinza listrada, embora não estivesse usando camisa nem sapatos. Mary o invejava. Dado ao calor opressivo, ela desejava poder tirar algumas camadas de roupa, no entanto, isso seria inapropriado para uma mulher na Era Vitoriana.⁷¹⁶

O vestuário de Mary é um tema recorrente nas biografias de Slessor, tanto em sua infância quanto durante sua estadia na África. Os Benge ressaltam a simplicidade de suas roupas, destacando que “Mary não gostava de se vestir com sua saia marrom e blusa branca de colarinho engomado e discutir o tempo ou as últimas fofocas da Inglaterra. Tal atividade parecia inútil quando havia tanto trabalho a ser feito.”⁷¹⁷ Para McColl, essas descrições das roupas de Mary reforçam os valores vitorianos de abnegação feminina e disciplina moral.⁷¹⁸ A ênfase na simplicidade de seu vestuário também serve para destacar seu desprendimento em relação às convenções sociais da época, priorizando a utilidade e a praticidade em detrimento da vaidade ou do *status*. Essa característica contribui para a construção da imagem de Mary como uma mulher dedicada, humilde e focada em seu propósito, alinhada aos ideais de sacrifício e devoção que são valorizados nas biografias missionárias.

A ênfase na humildade e abnegação no modo de vida de Mary, é encontrada na narrativa de W.P. Livingstone na descrição de sua vida entre os nativos:

Morava numa cabana feita com barro e com bambu, com um telhado de folhas de palmeira; usava roupa velha e comia o alimento barato dos indígenas: frutas do país e peixes. Muitos brancos estranhavam vê-la viver assim, mas ela continuava cada vez mais indiferente às críticas e às zombarias dos outros.⁷¹⁹

⁷¹⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.80

⁷¹⁶ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.80

⁷¹⁷ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.78

⁷¹⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.211

⁷¹⁹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.31

De acordo com a análise de Sarah Lennon, Slessor diferenciou-se de suas colegas missionárias ao adotar um estilo de vida intencionalmente mais simples. Dessa forma, os biógrafos utilizam consistentemente o vestuário e o modo de vida da personagem como elementos narrativos para reforçar o arquétipo da missionária abnegada, que renuncia aos confortos e aparatos da civilização europeia em prol de uma entrega total à sua vocação.⁷²⁰

Os biógrafos buscam, ainda, demonstrar que o carisma de Mary era tão singular que até mesmo um rei local apreciava sua presença. E sua influência em relação aos líderes locais é uma constante nas duas biografias. Craig observa que, em algumas biografias missionárias, a relação com um líder local pode representar o clímax do enredo, o ponto de virada onde o poder de Satanás é interrompido e onde o que é mais estranho ou distante é superado. Nessas narrativas, o missionário, como personagem literário, ganha *status* com esses encontros, e os esforços missionários se tornam mais frutíferos à medida que a trama avança.⁷²¹ Essa dinâmica eleva a figura do missionário, e reforça a ideia de que a influência sobre líderes locais é um marcador de expansão da missão. No caso de Mary, o fato de ser uma mulher conquistando a confiança e o respeito de líderes locais torna esse aspecto ainda mais extraordinário para a época, destacando sua singularidade em superar as barreiras de gênero em um contexto predominantemente patriarcal.

Outro aspecto que os Benge engrandecem é a personalidade inconformista de Mary, sua constante busca por “mais” dentro da empreitada evangelizadora. Um episódio emblemático ocorreu quando, após um ano em Duke Town, ela sentia que algo ainda faltava, apesar de toda sua atividade. Nesse aspecto, a resistência nativa à conversão a incomodava profundamente:

As pessoas da cidade faziam um grande espetáculo ao ir à igreja aos domingos; no entanto, quando Mary as desafiava a respeito de seus sacrifícios a vários deuses e sobre o tratamento dado umas às outras, elas decidiam não mudar seu modo de viver. Elas ainda acreditavam que espíritos malignos lhes dirigiam a vida e nem viam nada de errado em realizar sacrifícios humanos ou em possuir e matar escravos à vontade. Mary ficava frustrada tentando fazê-las perceber a necessidade de mudança.⁷²²

⁷²⁰ LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions.** The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.66-71

⁷²¹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography.** Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.75

⁷²² GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography.** Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.85-86

Segundo Johnston, nas narrativas missionárias, a resistência nativa é geralmente descrita como decadência moral e depravação intelectual.⁷²³ Nessa mesma perspectiva, Maina Singh aponta que um dos maiores choques dos jovens missionários ao chegar nas terras estrangeiras, é a indiferença do povo, e o culto às suas deidades. Singh afirma que o “choque rude” dos primeiros encontros com práticas indígenas perturbou a sensibilidade religiosa de muitos missionários. Para as primeiras mulheres solteiras, a inserção na sociedade local apresentava um cenário ainda mais complexo, pois elas desestabilizavam as estruturas de poder tanto nos círculos missionários quanto nas comunidades locais. Como resultado, essas mulheres tiveram que forjar seus próprios espaços sociais e profissionais, negociando identidades e autoridade em um terreno duplamente desafiador.⁷²⁴

Por se tratar de biografias de teor protestante, tanto W.P Livingstone quanto os Benge, buscam reforçar o posicionamento de Mary em relação às religiões que adoram outros deuses, destacando sua firmeza na defesa da fé cristã. Outro aspecto importante é a ênfase na dimensão moral em relação ao comportamento dos africanos, especialmente diante de práticas consideradas cruéis, como sacrifícios humanos e a escravidão. Os biógrafos expõem como Mary ficava frustrada com a resistência das pessoas em mudar seus costumes, pois um missionário, no ideal missionário, deve ser um ser humano “indignado” com as injustiças do mundo. Essa narrativa alinha-se aos ideais protestantes de justiça, compaixão e perseverança, fortemente disseminados nas biografias missionárias.

Apesar da resistência dos nativos, os Benge sinalizam que Mary “[...] continuou a compartilhar a mensagem do Evangelho com eles, tentando ser sábia em sua abordagem.”⁷²⁵. Essa colocação dos biógrafos tem como objetivo mostrar a importância de uma missionária buscar estratégias para comunicar o Evangelho e manter a sabedoria diante de situações desafiadoras.

Os Benge enfatizam consistentemente que o verdadeiro sonho de Mary era viajar para o interior e “compartilhar a mensagem do Evangelho com as pessoas que nunca tiveram a oportunidade de ouvi-la”⁷²⁶. No entanto, ela não tinha autonomia para concretizar essa ambição. Em vários momentos de sua narrativa, os biógrafos destacam os obstáculos específicos que as missionárias enfrentavam devido ao seu gênero e estado civil:

⁷²³ JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.p.7

⁷²⁴ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000. p.219

⁷²⁵ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.86

⁷²⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.86

Mary sabia ser necessário um milagre para uma mulher solteira poder ir solteira às áreas não mapeadas de Calabar. Ela se sentia presa, tão perto do campo missionário “real” como ela o enxergava, no entanto, incapaz de ir até lá.⁷²⁷

Nesse ensejo, os Benge apresentam situações em que Mary expressa sua fé, especialmente quando se vê diante de circunstâncias aparentemente “sem saída”. Como por exemplo, quando percebeu que seria quase impossível ir para áreas não mapeadas, Mary recorreu à oração: “Ela orava para que um caminho se abrisse para ela poder ir.”⁷²⁸ Por muito tempo, o projeto missionário esteve sob o controle masculino, em que somente os homens tinham o poder de “liberar” mulheres para irem a campos desconhecidos. Essa dependência de autorização masculina era parte das limitações impostas às mulheres no campo missionário, que precisaram lutar contra as normas estabelecidas e/ou encontrar estratégias dentro delas, para conquistar maior autonomia de trabalho e ampliar sua atuação para diferentes territórios.

Enquanto Mary aguardava a oportunidade de se aventurar pelo interior do país, Mary contraiu malária e ficou gravemente doente. De acordo com Kommers “Esse era o pavor de todo missionário, já que a África Ocidental ‘consumia vidas missionárias como uma esponja absorve água’.”⁷²⁹ Quando ela finalmente se recuperou, soube que a esposa do líder da estação missionária, Louise Anderson, havia organizado sua viagem de licença missionária à Escócia. Diferente das narrativas mais antigas, o medo não é um elemento omitido na biografia missionária de um herói, especialmente a partir de meados do século XX; pelo contrário, é apresentado como um desafio que a personagem enfrenta com coragem e determinação.⁷³⁰

Os Benge relatam que Mary tinha a percepção que missionários tinham que ter histórias impressionantes para contar, então, ao sair de licença, ela partiu frustrada, retornando para casa

[...]como uma mulher doente, começando a duvidar de que seu trabalho tivesse realizado algum bem em Calabar. Ela não tinha grandes histórias missionárias para contar, apenas relatos de um esforço constante sobre como ensinar o alfabeto aos meninos e visitar as mulheres analfabetas em seus quintais. A última coisa que Mary queria naquele momento era voltar para casa.⁷³¹

⁷²⁷ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.86

⁷²⁸BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.86

⁷²⁹KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p.7. Tradução nossa.

⁷³⁰CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.128

⁷³¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.88

Ao retornar à Escócia de licença missionária, Mary foi recebida por uma multidão na estação de trem, além de sua família. Enquanto se recuperava, ela decidiu que, ao voltar para a África, não moraria mais na base missionária de Duke Town: “Ela ansiava por ficar na selva, dormir em uma cabana de barro e cozinhar em uma fogueira a céu aberto.”⁷³². No início de 1880, após sua recuperação, a Junta Missionária providenciou para que ela fizesse discursos em mais de cem igrejas ao redor da Escócia. Lennon aponta que, para as mulheres presbiterianas na Escócia, falar na igreja, especialmente no púlpito, era muito incomum, principalmente até a década de 1870. Isso se deveu em parte à sociedade vitoriana que considerava falar em público degradante para as mulheres, mas ainda mais para o papel subordinado das mulheres na Igreja Presbiteriana da Escócia.⁷³³ Por outro lado Craig destaca que, as igrejas ficavam lotadas para ouvir missionários em licença, pois muitas pessoas tiveram seus primeiros contatos com culturas da Ásia, América do Sul e África por meio de palestras e apresentações de slides proferidas por pessoal missionário em licença. Essas apresentações serviam para manter o interesse e o apoio das congregações, e principalmente, como uma forma de inspirar futuros missionários e doadores.⁷³⁴

Tanto W.P. Livingstone quanto os Benge apresentam Mary como uma pessoa tímida, e que falar em público sempre foi um desafio para ela. No entanto, os biógrafos exaltam sua superação em relação à timidez, descrevendo como ela encontrou forças para enfrentar plateias e se expressar publicamente. Segundo McColl, os biógrafos utilizaram a timidez de Mary como um elemento que reforçava sua feminilidade e sua fé em Deus, transformando uma característica aparentemente frágil em um testemunho de sua personalidade e espiritualidade.⁷³⁵

Em suas palestras, Mary compartilhava histórias sobre o rei Eyo, a influência da feitiçaria na vida das pessoas de Calabar e o progresso dos meninos na escola, que estavam aprendendo a ler a Bíblia. Além disso, os Benge destacam o impacto das falas de Mary, citando especificamente nomes de meninas que foram motivadas por suas palavras.⁷³⁶ Esse aspecto é

⁷³² BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.91

⁷³³ LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.55

⁷³⁴ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p.19

⁷³⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.319

⁷³⁶ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.92-93

fundamental nas biografias missionárias, pois evidencia como a figura missionária de Mary serviu de inspiração e estímulo para outras mulheres irem para o campo missionário.

O objetivo de Mary Slessor ao retornar à África era adentrar regiões inexploradas por europeus, estabelecendo-se em áreas intocadas pela presença missionária para evangelizar povos que ainda não conheciam o Cristianismo. Seu interesse voltava-se especialmente para o povo ocoiongue. Contudo, como observam os Benge, essa ambição esbarrava na resistência da estrutura missionária:

O reverendo Anderson não aprovava que mulheres jovens e solteiras se aventurassem sozinhas no mato, e sua esposa, apesar de todas as suas conquistas e demonstrações de bravura, concordava com ele.⁷³⁷

É interessante observar como a hierarquia no campo missionário se estruturava de forma patriarcal. Até o final do século XIX, muitas mulheres buscaram atuar dentro das normas estabelecidas. Observando esse contexto, Lennon analisa que muitas mulheres missionárias já haviam realizado tarefas semelhantes às que Slessor desempenhava e não foram reconhecidas. Em sua análise, Slessor representa um papel de transição no trabalho missionário, pois consolidou o trabalho de suas predecessoras e, ao mesmo tempo, expandiu significativamente os limites impostos às mulheres.⁷³⁸

Como observa Prevost, a relação entre o campo missionário e a atuação das mulheres, houve uma reconfiguração das normas de gênero. Essa reordenação permitiu que as mulheres exercessem novas formas de autoridade, tanto profissional quanto religiosa, ao mesmo tempo em que impunha certas restrições à sua autonomia dentro das hierarquias missionárias. Desse modo, embora as mulheres tenham conquistado maior espaço de atuação, ainda enfrentavam limites de impostos por estruturas tradicionais de poder.⁷³⁹

⁷³⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. Mary Slessor: enviada a Calabar. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.92

⁷³⁸ LENNON, Sarah Marcia. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.5-6

⁷³⁹ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1096

3.4. Ampliando horizontes missionários: Old Town entre sala de aula e evangelização

Mary permaneceu dezesseis meses de licença na Escócia antes de retornar à África. Durante esse período, ela escreveu à Junta Missionária solicitando permissão para se mudar para o interior de Calabar, mas não obteve resposta. No entanto, ao voltar para a África, Mary conheceu o reverendo Goldie e sua esposa, que se dispuseram a apoiá-la em seu projeto de adentrar o interior. Ao chegar a Duke Town, ela descobriu que havia sido designada para trabalhar em Old Town,⁷⁴⁰ localizada a 5 quilômetros da estação missionária principal. Essa nova designação a colocaria em uma posição de atuação mais independente, de acordo com os Benge “lhe daria a oportunidade de colocar em prática suas ideias missionárias e a aproximaria ainda mais das comunidades do interior.”⁷⁴¹

Os Benge explicam que os missionários não eram bem recebidos em Old Town, principalmente devido a conflitos anteriores com os britânicos. Para reforçar a imagem de um lugar hostil e perigoso, eles descrevem a cena da seguinte forma: “Quando Mary desceu da canoa em Old Town, olhou para cima e avistou um crânio humano pendurado em uma estaca no topo da colina que se erguia à sua frente. Ela se assustou. Seria um aviso a ela?”⁷⁴². Nas biografias missionárias, muitos autores privilegiam descrições de ambientes perigosos para demonstrar a coragem do personagem ao adentrar um território marcado por tensões e simbolismos ameaçadores.

Colocar o local missionado como perigoso também é uma estratégia na qual os biógrafos utilizam para mostrar como os missionários com esforço para se integrar a seu local de evangelização conseguem superar esse desafio. Assim como mostrar como os locais se afeiçoavam aos missionários, como ocorreu com Slessor. W. P. Livingstone escreveu que Mary “Logo chegou a ser uma potência naquele distrito.”⁷⁴³ Os Benge reforçam que “Gradualmente, o povo de Old Town se afeiçoou a Mary. Ela já conhecia alguns meninos locais que frequentaram a escola em Duke Town em outras oportunidades, e fez amizade com as famílias dele.”⁷⁴⁴

⁷⁴⁰ Old Town era uma das quatro cidades iniciais onde o missionário Hope Waddel começou o trabalho missionário em Calabar. (BENGE, 2022. p.94)

⁷⁴¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.94

⁷⁴² BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.95

⁷⁴³ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.31

⁷⁴⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.96

Segundo Craig, à medida que o missionário era enviado para o campo, para o que muitas vezes era um novo posto, ele ou ela deveria causar boa impressão na população local. Isso poderia ser feito por meio de um estilo de vida cristã exemplar, pela pregação direta, ou pelo envolvimento ativo com a comunidade, de maneira a atrair as pessoas para a missão, geralmente efetivada através da criação de escolas e da oferta de cuidados médicos.⁷⁴⁵

Em Old Town, Mary passou a viver em uma cabana de barro e a consumir alimentos locais, adotando um estilo de vida que, segundo os Benge, se aproximava ao dos nativos.⁷⁴⁶ Os biógrafos frequentemente destacam que ela era uma pessoa de hábitos simples e que levava uma vida bastante rústica, o que reforçava sua imagem de missionária humilde e adaptável. Além disso, os biógrafos enfatizam peculiaridades da personagem, atribuindo-lhe características únicas que a distinguiam de outros missionários. Um exemplo de destaque era seu apego ao hábito de tomar chá: “A única coisa que Mary não queria deixar de aproveitar era de sua xícara de chá de toda manhã, e ela permitia a si mesma este luxo.”⁷⁴⁷ Segundo McColl, esse ritual reforçava aspectos de sua feminilidade, e criava uma conexão familiar com os leitores britânicos.⁷⁴⁸

Para ressaltar a dedicação e sacrifício da missionária, W.P. Livingstone descreve nesse período:

A miúdo pegava uma canoa rio acima entrando pelas enseadas e visitando lugarejos onde jamais tinha entrado uma mulher branca, curando enfermos, escutando junto ao caminho as histórias que o povo tinha a lhe contar e falando-lhes do Senhor do mundo. Às vezes havia tanto a dizer e a ouvir que não dava para voltar no mesmo dia e então dormia sobre palha ou sobre folhas secas ao ar livre ou sobre um montão de tapos em alguma cabana mal cheirosa.⁷⁴⁹

Um dos primeiros atos missionários de Mary em Old Town foi organizar uma sala de aula, iniciativa que ela estendeu também aos povoados vizinhos de Qua e Akim. Além disso, ela mantinha um suprimento de medicamentos que utilizava para tratar os doentes. Conforme afirma Craig, a combinação dessas ações — a educação missionária e a assistência médica ocidental — era uma estratégia amplamente empregada pelos missionários para conquistar a

⁷⁴⁵ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.74

⁷⁴⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.96

⁷⁴⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.96

⁷⁴⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 256

⁷⁴⁹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.34

confiança das comunidades locais.⁷⁵⁰ Singh observa que a maioria das missionárias que começaram um trabalho educacional ou médico no final do século XIX, eram empreendimentos de início modesto, e o processo pelo qual as mulheres criaram espaços dentro dos quais pudessem prosseguir os seus empreendimentos raramente foi tranquilo.⁷⁵¹

Com o crescimento de sua popularidade, em pouco tempo Mary passou a ser solicitada para mediar discussões entre a população local.⁷⁵² Nesse contexto, os biógrafos enaltecem seu papel como professora e cuidadora da saúde, e também sua habilidade como pacificadora — uma figura à qual as pessoas recorriam não somente em busca de remédios ou cuidados básicos, mas também para resolver conflitos e promover a harmonia na comunidade. Era comum que um missionário ensinasse além do Evangelho, pois isso era considerado um uso adequado de suas energias, desde que o objetivo final permanecesse claro: introduzir e estabelecer os princípios do Evangelho.

Para Maina Singh, as localizações espaciais das missionárias solteiras moldaram significativamente tanto a forma como abordavam seu trabalho missionário como suas relações com os seus Outros raciais e culturais. Livres dos espaços limitados das estações missionárias, as mulheres profissionais mostraram maior disposição para incorporar elementos do patrimônio local na organização dos seus empreendimentos educacionais e médicos. Embora firmemente enraizadas nas suas tradições missionárias, estas mulheres demonstraram um elevado grau de adaptabilidade na escolha de alternativas práticas mais adequadas às situações indígenas.⁷⁵³

Esse aspecto é evidente na biografia de Slessor escrita pelos Benge. Os autores descrevem como Mary estava submetida às decisões dos supervisores da missão, não como uma crítica, mas como uma representação de sua condição de mulher solteira atuando sob supervisão hierárquica. É significativo notar que, enquanto Livingstone omite quaisquer tensões com a liderança missionária, retratando sua ida para novos territórios como um movimento natural, os Benge revelam as limitações que ela enfrentava. Seu trabalho no complexo missionário principal era restrito pela gestão dos missionários “chefes”; ao se deslocar para vilarejos distantes, no entanto, ela pôde expandir sua atuação construindo escolas,

⁷⁵⁰ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.50

⁷⁵¹ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.221

⁷⁵² BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.97

⁷⁵³ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000. p.205

igrejas e dispensários de saúde.⁷⁵⁴ Nesses espaços, estabeleceu relações diretas com as comunidades e desenvolveu métodos de evangelização mais independentes e estratégicos, adaptando-se às dinâmicas locais.

3.5. Maternidade por adoção no campo missionário

Em 1833, um bebê foi abandonado na cabana de Mary, marcando o início de uma nova função em sua vida missionária: a adoção. Os Benge narram:

Mary sabia que as vezes havia muitas crianças abandonadas nas aldeias. A vida humana não era muito valorizada em Calabar, e ninguém teria o trabalho de criar o bebê de outra mulher. Se, por exemplo, uma mãe escrava morria, seus filhos pequenos eram mortos e enterrados com ela. As pessoas acreditavam que os bebês escravos não valiam o esforço empenhado em criá-los. Pior ainda eram os assassinatos de gêmeos. Por toda a Calabar, o nascimento de gêmeos era considerado uma maldição terrível. A tradição exigia a morte dos gêmeos horas após o nascimento, e a mãe era morta ou expulsa de casa. Como qualquer um que tentasse ajudar a mãe também era amaldiçoado, a maioria das mães que não eram mortas, normalmente acabavam morrendo dentro de uma ou duas semanas de qualquer jeito.⁷⁵⁵

Ao descrever o abandono do bebê e explicar o infanticídio de gêmeos, os Benge utilizam o episódio para enfatizar a defesa de princípios morais, como o valor da vida, e para criticar costumes baseados em crenças consideradas amaldiçoadas. Segundo Craig, as biografias missionárias frequentemente servem como veículos de propaganda moral, reforçando ou questionando determinados princípios religiosos e tradições.⁷⁵⁶ Nesse caso, a narrativa expõe as práticas locais, e posiciona Mary como uma defensora da vida e da compaixão.

Com a adoção do primeiro bebê, a maternidade passa a ocupar um lugar de destaque nas biografias de Mary. Segundo C.S. Williams, a maternidade, no contexto do movimento missionário, foi redefinida e elevada à condição de força mediadora entre o indivíduo e a sociedade. Estava em curso um processo de idealização da maternidade, tanto biológica quanto espiritual, como uma expressão do caráter feminino exemplar, essencial para a formação

⁷⁵⁴ LENNON, Sarah Marcia. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.38

⁷⁵⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.98

⁷⁵⁶ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.88

espiritual e moral da comunidade como um todo.⁷⁵⁷ Essa visão corrobora a ideia de que a figura materna, em suas múltiplas dimensões, desempenhava um papel fundamental na disseminação de valores cristãos.

Os Benge escrevem que Mary Slessor acreditava na importância de demonstrar aos africanos que toda vida, mesmo a de um bebê frágil e com poucas chances de sobrevivência, tinha valor para Deus.⁷⁵⁸ Para reforçar essa mensagem, ela passou a levar o bebê consigo durante suas rondas dominicais, simbolizando, de forma prática e visível, o cuidado divino pela vida humana. Além de suas atividades como professora, cuidadora de doentes, mediadora de conflitos e mãe adotiva, Mary estava cada vez mais envolvida em práticas de pregação:

Quando ela chegava a um povoado, ela tocava a campainha e esperava que as pessoas se reunissem. Se elas não o fizessem, ela seguia ao encontro delas e as trazia à área onde ela faria um culto. Ela estendia uma toalha de mesa em uma superfície plana, abria a Bíblia e pregava. Após o culto, as pessoas imploravam a Mary que visitasse os doentes.⁷⁵⁹

Essa nova fase de Mary Slessor como pregadora alinha-se com a observação de Gleadle sobre o desenvolvimento do evangelicalismo, que passou a enfatizar significativamente as capacidades femininas como nutridoras e educadoras. Essa valorização permitiu que muitas mulheres desenvolvessem uma autoimagem positiva e dinâmica, conferindo-lhes a confiança necessária para se engajar em trabalhos sociais desafiadores e, por vezes, perigosos.⁷⁶⁰ No caso de Mary, essa mudança de perspectiva consolidou seu papel como líder espiritual em uma esfera tradicionalmente masculina: a pregação pública.

Nesse sentido, Lennon analisa que, enquanto sua atuação como professora enquadrava-se em expectativas femininas convencionais, seu papel de pregadora transgredia fronteiras de gênero. Ao atuar como evangelista e plantadora de igrejas, ela não apenas ampliou os limites impostos às mulheres em Calabar, mas também abriu caminho para as gerações subsequentes de missionárias.⁷⁶¹ Lennon sustenta que Slessor representa uma figura de transição: ela inicialmente seguiu o padrão tradicional de ensinar mulheres e crianças, para depois estabelecer

⁷⁵⁷ WILLIAMS, S.C. Gender. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.p. 461

⁷⁵⁸ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.206

⁷⁵⁹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p. 98

⁷⁶⁰ GLEADLE, Kathryn. **British Women in the Nineteenth Century**. Palgrave: Nova York, 2001. p. 67

⁷⁶¹ LENNON, Sarah Marcia. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.32

um novo paradigma ao expandir tanto o escopo quanto o público de sua pregação. Em suma, em seu papel de pregadora itinerante e fundadora de igrejas, Slessor transformou e ampliou a função das mulheres no campo missionário, evoluindo de professoras e cuidadoras para evangelistas e ministras perante as comunidades nativas.⁷⁶²

Quando realizava cultos em Old Town, Mary muitas vezes os conduzia na cabana do chefe do povoado. “A maior parte da comunidade vinha para ver a pequena missionária de cabelos ruivos falar com eles em sua própria língua.”⁷⁶³ Ao retratar Mary dessa forma, os Benge a constroem como uma figura que, apesar de sua baixa estatura, conseguia atrair multidões para ouvi-la, além de destacar seu esforço para se comunicar com os locais em seu idioma nativo. Maina Singh argumenta que as missionárias solteiras, ao dominarem as línguas locais, estabeleciam uma proximidade estreita com seus alunos, pacientes e, principalmente, com as mulheres da comunidade. Essa habilidade linguística permitia que elas criassem espaços de interação entre mulheres de diferentes culturas, raças e religiões.⁷⁶⁴

Depois que o primeiro bebê foi deixado na casa de Mary, muitos outros se seguiram, “até que a cabana de um único cômodo de Mary ficou lotada de bebês em cestos de tecido.”⁷⁶⁵ Logo, ela passou a resgatar crianças condenadas à morte por serem gêmeos, uma prática comum na região. W.P. Livingstone destaca que, ao se opor ao infanticídio de gêmeos, Mary ficou conhecida como “Ma, que ama os bebês”, e explica:

Ma, na língua efik, é um título de respeito que se dá às mulheres e Maria Slessor era chamada por todos, tanto brancos como pretos, de Ma Slessor ou Ma Akamba (a grande Ma), ou simplesmente Ma, que é como nós a chamamos também.⁷⁶⁶

Segundo McColl, ser reconhecida como *Ma* reforçava a feminilidade de Slessor, além de servir como um símbolo não apenas de seu amor pelos bebês, mas também de seus sentimentos maternais pelo povo da África Ocidental. Essa designação consolidou sua imagem como uma figura bondosa, carinhosa e protetora.⁷⁶⁷

⁷⁶² LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.54

⁷⁶³ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.99

⁷⁶⁴ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000. p.205

⁷⁶⁵ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.99

⁷⁶⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.31

⁷⁶⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.317

Em 1882, dois representantes da Junta de Missões Estrangeiras da Escócia⁷⁶⁸ foram enviados a Calabar para avaliar o trabalho missionário. Após passarem vários dias com Mary, eles registraram em seus relatórios: “Seus trabalhos são múltiplos; no entanto, ela os sustenta com alegria. Ela goza da amizade e da confiança sem reservas do povo, além de exercer grande influência sobre eles.”⁷⁶⁹ Ao incluir trechos desses relatórios, os biógrafos não apenas apresentam uma avaliação externa e legitimada pela sociedade missionária, mas também reforçam a eficiência e a dedicação incansável de Mary em realizar múltiplas tarefas com entusiasmo, e sua capacidade de se conectar e ser altamente influente na comunidade local.

Os Benge destacam que, assim que Mary começou a adotar os bebês, sua reputação como “Mãe Branca” se espalhou rapidamente pelos vilarejos vizinhos. Quando ela chegava para pregar nesses vilarejos, muitas pessoas já haviam ouvido falar da “Mãe Branca”, e frequentemente ela levava alguns de seus filhos adotivos consigo.⁷⁷⁰ Essa prática fortalecia sua imagem como cuidadora e protetora, e humanizava sua presença. Muitas missionárias que vivenciaram a adoção ou fundaram orfanatos no campo missionário construíram suas identidades raciais e sociais em torno da figura da “mãe branca”, um papel que combinava cuidado maternal com autoridade moral e espiritual.⁷⁷¹

W.P. Livingstone relata que, no final de 1882, Mary foi convidada a visitar o vilarejo do povo Okon, e o rei Eyo disponibilizou uma canoa com remadores para sua viagem. Durante o trajeto, os remadores entoavam: “Ho! Ho! Estamos honrados. Ho! Ho! Temos nossa Mãe Branca conosco. Ho! Ho! Remamos noite adentro.”⁷⁷² Os Benge também mencionam o episódio, acrescentando que, ao chegarem ao destino, os remadores carregaram Mary até a porta do chefe local, declarando: “As pessoas devem ver a honra que é ter a Mãe Branca como convidada.”⁷⁷³ Essas descrições ilustram um aspecto importante presente nas biografias missionárias: a construção da imagem da missionária como uma figura profundamente respeitada e valorizada pelas comunidades locais. Como analisa Lennon, Mary, ao atuar como

⁷⁶⁸ Para os presbiterianos, as mulheres foram fundamentais para o empreendimento missionário. Em 1877, o Sínodo da Igreja Presbiteriana Inglesa havia aprovado a implantação de mulheres solteiras como missionárias e fundou a Associação Missionária de Mulheres (1878), além da revista *Nossas Irmãs em Outras Terras*. Segundo Ledger-Lomas, o trabalho feminino presbiteriano mobilizou solidariedades femininas enfatizando deveres maternos como a luta contra infanticídio. LEDGER-LOMAS, Michael. *Unitarians and Presbyterians*. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. *The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions*, Vol III: The Nineteenth Century. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.p. 107

⁷⁶⁹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.101

⁷⁷⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.103

⁷⁷¹ ALVYN, Austin; SCOTT, Jamie S (eds). **Canadian missionaries, indigenous peoples: representing religion at home and abroad**. University of Toronto Press: Toronto, 2005. p. 9

⁷⁷² LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.35

⁷⁷³ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.105

defensora dos mais vulneráveis — cuidando de crianças rejeitadas e opondo-se a práticas supersticiosas nocivas —, conquistou autoridade entre os nativos.⁷⁷⁴

No vilarejo Okon, Mary realizou cultos bíblicos e atendeu às necessidades médicas da população. W.P. Livingstone descreve que “Ela se afligia, vendo-os tão pobres, sujos e completamente nus, e se pôs a fazer vestidos e a curar os doentes.”⁷⁷⁵ Em contrapartida os Benge narram que Mary considerava fundamental respeitar os costumes locais, desde que não entrassem em conflito com os ensinamentos da Bíblia: “Mary sabia que sua perspectiva estava mudando. Ela havia parado de se preocupar com o que seria aceitável na Escócia e começado a considerar o que era aceitável em Calabar.”⁷⁷⁶ Esses excertos demonstra a ambivalência de Mary em relação às tradições locais, ao mesmo tempo que se colocava a costurar roupas para os locais, em busca inconsciente de “civilizar”, por outro lado, adotava uma postura mais refletiva sobre a necessidade ter sensibilidade à cultura local.

Em 1883, Mary já havia “salvo” vários bebês gêmeos e continuava a resgatar outros. Pessoas de povoados vizinhos a alertavam quando bebês eram abandonados para morrer, e ela, muitas vezes, saía no meio da noite pela floresta, arriscando-se para salvá-los: “Mary havia corrido pela selva no meio da noite na esperança de alcançar um par de gêmeos antes que fossem mortos.”⁷⁷⁷ Os relatos de seu amor e dedicação ao resgate de bebês e crianças forneceram aos autores uma explicação para as inúmeras situações perigosas e hostis que ela enfrentou.⁷⁷⁸ Como essa cena narrada pelos Benge, por exemplo:

Mary chegou no momento em que um buraco foi aberto na parte de trás da cabana para lhe passar os gêmeos. Como os aldeões acreditavam que significava muito azar carregar um bebê gêmeo pela porta de uma cabana, um buraco de saída especial era aberto e depois fechado com lama. Os gêmeos ainda estavam vivos, e Mary correu para dentro da cabana, gritando loucamente. Ela agarrou os dois bebês e correu de volta para a selva, deixando para trás um grupo assustado de parentes que viera testemunhar o assassinato dos gêmeos.⁷⁷⁹

⁷⁷⁴ LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.32

⁷⁷⁵ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.35

⁷⁷⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.107

⁷⁷⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.116

⁷⁷⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.317

⁷⁷⁹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.116

Essa cena retrata Mary como uma heroína, resgatando bebês de um destino cruel de maneira arrebatadora, correndo, enfrentando e surpreendendo os locais. Ela é apresentada como uma mulher extraordinariamente corajosa, não apenas por salvar os bebês, mas também por percorrer caminhos perigosos à noite, como a densa selva, e por confrontar familiares e nativos supersticiosos:

Era muito perigoso viajar pela selva no escuro da noite. Mary, porém, não se importava; ela tinha os dois bebês aninhados em segurança em seus braços, e orava em voz alta e recitava alguns salmos enquanto corria.⁷⁸⁰

Essa passagem ilustra como Mary se colocava em risco e em posição de sacrifício pelos bebês. Segundo McColl, as descrições das viagens de Slessor sozinha pela natureza, enfrentando perigos, permitem aos biógrafos expandir os eventos de forma dramática e emocionante, reforçando sua imagem como uma figura destemida e altruísta, disposta a desafiar qualquer obstáculo para proteger os mais vulneráveis.⁷⁸¹

Segundo McColl, descrever mulheres missionárias como apaixonadas por bebês e crianças tornou-se um método amplamente utilizado pelos autores para estabilizar e legitimar representações de mulheres solteiras em papéis de gênero tradicionais e convencionais, reforçando a ideia do poder fundamental das mulheres em uma função maternal e carinhosa.⁷⁸² No entanto, McColl argumenta que as descrições das viagens de Slessor também fornecem exemplos de sua independência, habilidade e coragem — características geralmente associadas aos homens. Ao destacar que ela desafiaria e combateria a “selvageria dos costumes” dos povos locais, os biógrafos proporcionaram aos leitores ideias que, indiretamente, desafiavam os pressupostos de gênero sobre capacidades e limitações. Contudo, essas transgressões eram frequentemente justificadas por meio de sua convicção religiosa.⁷⁸³ Como descreveu W.P. Livingstone: “O que lhe dava tanta coragem era sua fé em Deus. Ela acreditava que era a vontade de Deus que ela realizasse aquela obra e, portanto, Ele cuidaria dela.”⁷⁸⁴

⁷⁸⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.117

⁷⁸¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.236-237

⁷⁸² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.312

⁷⁸³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.239

⁷⁸⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p. 44

McColl observa que essa transgressão das fronteiras de gênero foi um desafio para os biógrafos do início do XX, que, conscientes de seu público, sentiram a necessidade de restabelecer a feminilidade de Slessor.⁷⁸⁵ Ainda de acordo com McColl, a biografia infantil escrita por W.P. Livingstone oferece uma visão clara de como Slessor tanto confirmou quanto desafiou as expectativas de gênero. Por um lado, sua campanha para erradicar o costume de matar bebês gêmeos e sua dedicação em adotar aqueles abandonados e deixados para morrer forneceram aos biógrafos material útil para reafirmar sua feminilidade e status feminino. Por outro, suas ações corajosas e independentes continuaram a desafiar as normas de gênero, criando uma narrativa complexa que buscava equilibrar tradição e transgressão.⁷⁸⁶

Em março de 1883, Mary adoeceu gravemente em Old Town e, para se recuperar, precisou retornar à estação base em Duke Town. O médico da missão que a tratou não tinha muitas esperanças de que ela sobrevivesse e insistiu que ela voltasse para a Escócia, alertando-a de que provavelmente morreria durante a viagem. Apesar das previsões sombrias, Mary decidiu levar consigo Janie, uma gêmea que havia resgatado, temendo que a família da criança a encontrasse e a matasse. Durante a viagem, Mary começou a apresentar sinais de melhora, e ela atribuiu sua recuperação ao fato de saber que a garotinha dependia dela para sobreviver. Nessa experiência, os biógrafos substanciam tanto a sua determinação quanto o vínculo maternal que ela desenvolveu com as crianças que resgatava.

A bebê Janie tornou-se o centro das atenções durante a estadia de Mary na Escócia. Os Benge relatam que “a maioria das pessoas nas Ilhas Britânicas nunca tinha visto um bebê africano”⁷⁸⁷. A presença de Janie ganhou um significado especial nas palestras que Mary passou a realizar nas igrejas. “Para os membros que iam ouvi-la, Janie era um pedaço da África que eles podiam tocar e segurar. Ela era uma evidência tangível de que os missionários salvavam vidas e desafiavam costumes considerados bárbaros.”⁷⁸⁸. W.P. Livingstone narra que Joana passou dos braços de uma pessoa para os braços de outra entre os presentes, contribuindo

⁷⁸⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies**, c. 1870-1917. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.239

⁷⁸⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies**, c. 1870-1917. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.316-317

⁷⁸⁷ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p. 119

⁷⁸⁸ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p. 119

para tornar a história da missionária mais real e impactante.⁷⁸⁹ Essa interação fortalecia o apoio às missões ao mostrar de forma concreta os frutos do esforço de Mary e de outros missionários.

Figura 25 - Mary Slessor com Janie.



Fonte: Foto do arquivo de Dundee Art Galleries and Museum.

<https://www.tellingourstoriesdevon.org.uk/exeter-archive/1885/mary-slessor>

Mary permaneceu na Escócia por quase dois anos. Primeiro, precisou recuperar sua saúde; depois, dedicou-se a percorrer igrejas, falando sobre a missão em Calabar, arrecadando fundos e recrutando novos candidatos. Segundo W.P. Livingstone, “Ma tinha um poder admirável de atrair os outros e de influenciá-los para o bem.”⁷⁹⁰ McColl destaca que, embora Slessor fosse tímida em relação à publicidade, ela havia se tornado tão famosa no final do século XIX que muitas candidatas solteiras se inspiravam nela — ou, mais precisamente, no que entendiam que ela representava.⁷⁹¹ Sua figura emblemática como missionária corajosa, dedicada e maternal servia como um modelo inspirador para mulheres que desejavam seguir um caminho semelhante, reforçando seu legado como uma pioneira no movimento missionário.

Ao retornar a Calabar, Mary foi realocada para Creek Town, o povoado do rei Eyo, onde já havia uma estação missionária estabelecida. Os Benge explanam que “Mary teria que

⁷⁸⁹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.38

⁷⁹⁰ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.38

⁷⁹¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 142

viver um estilo de vida mais europeu, recebendo convidados brancos, comendo comida inglesa e se vestindo como uma dama vitoriana.”⁷⁹². Aos 37 anos, Mary ainda alimentava o sonho de viver no interior da região de Calabar:

[...]totalmente distante das influências europeias e ministrar aos africanos que jamais haviam ouvido falar do Evangelho ou de seu poder para libertá-los de seus costumes opressivos. Contudo, o conselho de missões não apoiou o sonho de Mary. Apesar da oposição, ela orava para que Deus usasse seu tempo em Creek Town como preparação para realizar seu sonho em algum momento no futuro.⁷⁹³

Poucas semanas após sua chegada a Calabar, Mary foi surpreendida pela notícia do falecimento de sua mãe e de sua irmã. Os Benge relatam que, “Depois de receber a carta, Mary dirigiu um estudo bíblico programado normalmente e depois passou o resto da noite soluçando no travesseiro”.⁷⁹⁴ A missionária é retratada como uma mulher forte, que, mesmo diante de perdas importantes, mantém seus compromissos e responsabilidades. No entanto, a narrativa a descreve como sensível e profundamente afetada pela dor, sentindo-se amarga e vazia por muitos dias. Essa dualidade em sua personalidade, a força para cumprir suas obrigações e a vulnerabilidade diante do luto, humaniza sua figura, mostrando-a como alguém que, apesar de sua dedicação incansável ao trabalho missionário, também enfrentava desafios emocionais e pessoais como qualquer ser humano.

W.P. Livingstone escreve que “[...] Ma ficou sozinha no mundo. Ela nunca se recuperou totalmente da perda de seus entes queridos e da saudade que sentia deles, e até o fim de sua vida sonhava com o momento em que os reencontraria no céu.”⁷⁹⁵. O luto dos missionários é frequentemente descrito como envolto em esperança e resignação, marcado pela expectativa de um reencontro celestial com aqueles que partiram. Os Benge escrevem que durante seu período de luto, Mary chegou a questionar se havia tomado a decisão certa ao retornar a Calabar. No entanto, acabou por aceitar que sua família havia partido, e seu consolo foi dedicar-se com ainda mais intensidade ao trabalho missionário.⁷⁹⁶ Kommers destaca que a divisão entre a família em casa e a missão no exterior era um dos desafios enfrentados pelas mulheres solteiras que escolhiam a carreira missionária, assim como questões relacionadas à segurança, ao sofrimento

⁷⁹² BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.122

⁷⁹³ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.122

⁷⁹⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.127

⁷⁹⁵ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.39

⁷⁹⁶ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.127

e aos altos níveis de esgotamento físico e emocional. Esses dilemas revelam as complexidades e os sacrifícios inerentes à vida missionária, especialmente para as mulheres que buscavam conciliar sua fé, sua vocação e seus laços familiares.⁷⁹⁷

W.P. Livingstone relata que, ao ficar sem sua família, Mary direcionou todo o seu amor aos filhos adotivos: “Sem família a quem amar, começou a dedicar seu afeto inteiramente às crianças negras, especialmente a Joana[...].”⁷⁹⁸. Tanto W.P. Livingstone quanto os Benge criaram um enredo dramático em torno da adoção e do crescimento de Janie ao lado de Mary, frequentemente introduzindo tensões sobre o destino da menina e os riscos de ela ser assassinada devido às superstições em relação às crianças gêmeas. Esses momentos de tensão, seguidos de alívio emocional, são elementos narrativos importantes para manter a expectativa do leitor, criando a sensação de que, em um cenário tão imprevisível, qualquer coisa poderia acontecer.

Com seu trabalho missionário cada vez mais consolidado, a influência política de Mary crescia na região de Calabar. Os Benge relatam que sua fama como protetora das mulheres também se espalhou após ela enfrentar os homens do vilarejo de Ibaka para impedir que duas jovens fossem chicoteadas como punição por fugirem de um marido polígamo. Ao interceder em favor das moças junto ao chefe do vilarejo, ele informou que a punição só poderia ser revogada por meio do *palavrório* — uma espécie de tribunal onde apenas homens tinham permissão para falar. Mary quebrou essa regra ao discursar em defesa das jovens, enfrentando a hostilidade dos homens locais. Embora não tenha conseguido livrá-las completamente da punição, evitou que fossem mortas, conseguindo reduzir a quantidade de chicotadas, e posteriormente, cuidou dos ferimentos das jovens.⁷⁹⁹

A narrativa desse episódio pelos Benge intensifica sua imagem como defensora dos direitos das mulheres, solidificando seu papel como figura influente e respeitada na região. Em sua fala, Mary criticou abertamente os costumes patriarcais locais: “As moças deveriam ser dadas aos rapazes da aldeia, não presas para o resto da vida em um quintal esperando que algum velho as convoque.”⁸⁰⁰ Os biógrafos destacam ainda o constrangimento da missionária ao abordar tal tema: “Mary corou enquanto falava. Vinda da Grã-Bretanha vitoriana, ela sabia que

⁷⁹⁷ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.7

⁷⁹⁸ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.39

⁷⁹⁹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.109-114.

⁸⁰⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.112

estava falando sobre assuntos delicados que uma mulher de família jamais mencionaria na frente de um homem. Contudo, ela lembrou a si mesma de estar na África, e lá tudo era diferente.”⁸⁰¹ Nessa passagem, percebe-se que os Benge reforçam intencionalmente a imagem de Mary como uma dama vitoriana, equilibrando sua ousadia com os valores de recato esperados de uma mulher de sua origem e época.

W.P. Livingstone escreve que Mary abrigava mulheres em situações de risco:

havia sempre um número regular de refugiados nos quartos do pátio, as vezes era uma mulher que havia sido maltratada por seus donos e que tinha escapado ou eram meninas que tinham sido trazidas do inferior para serem vendidas como escravas e a quem Ma tinha resgatado ou eram enfermos que vinham de longe à procura da medicina da mulher branca.⁸⁰²

Além de proteger mãe de gêmeos, Mary também intervinha em situações em que mulheres eram mantidas prisioneiras, libertando-as de sentenças de morte.⁸⁰³ Por esses motivos, os Benge a exaltam: “Ninguém havia feito mais que a Mãe Branca para mudar os costumes e as práticas cruéis e desumanas que aterrorizaram a vida das pessoas durante tantos anos.”⁸⁰⁴. McColl argumenta que esses elementos das biografias de Slessor constroem a imagem de uma mulher que transgredia os papéis de gênero prescritos de forma assertiva e autoritária.⁸⁰⁵ Ao desafiar tradições locais e enfrentar figuras de poder para proteger os mais vulneráveis, Mary contribuiu para redefinir o papel da mulher missionária, e se tornou um símbolo de coragem e justiça, desafiando as expectativas sociais de sua época.

Além de ressaltar a coragem e a valentia da missionária, esses episódios de proteção reforçam o aspecto aventureiro da biografia. Os biógrafos justificam sua coragem como algo de origem divina, e W.P. Livingstone compara a empreitada de Mary com a história de Davi e Goliás, que enfrentou um gigante guerreiro poderoso e venceu.⁸⁰⁶ Essa comparação consolida o aspecto hagiográfico de sua biografia, elevando-a a uma figura heroica e inspirada por Deus. De acordo com Judith Rowbotham, os esforços de Slessor são explicados e justificados como atos extraordinários, divinamente inspirados, que surgiam de seu desejo feminino de salvar

⁸⁰¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.112

⁸⁰² LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p. 40-41

⁸⁰³ LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.77

⁸⁰⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.10

⁸⁰⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.236-237

⁸⁰⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.44

vidas. Esse impulso feminino diante da emergência por si só superava falta de habilidade e força, atribuídos aos homens.⁸⁰⁷

Segundo Grimshaw e Sherlock, a militância de Mary pelos direitos das mulheres cresceu constantemente ao longo de seu período de trabalho na África.⁸⁰⁸ Slessor confrontou os locais (Efik) sobre o que considerava um tratamento abusivo de mulheres, crianças e escravos, defendendo a abolição da poligamia e a criação de refúgios para mulheres e crianças abandonadas.⁸⁰⁹ Os elementos humanísticos de sua atuação foram amplamente enfatizados em suas biografias, que articulam ideais que a representam como uma mulher movida por amor, humanitarismo, princípios morais e bom caráter.

As iniciativas corajosas, e por vezes perigosas, das missionárias criaram um dilema para as narrativas biográficas dos séculos XIX e primeira metade do XX, que em geral privilegiavam uma representação feminina mais passiva e doméstica. Como observa Rowbotham, tornava-se cada vez mais difícil criticar a atuação feminina no campo missionário, uma vez que seu trabalho era fundamental para o sucesso e a expansão do movimento.⁸¹⁰ Esta contradição entre a representação tradicional da mulher e a realidade de sua atuação ousada nos contextos missionários evidencia a complexidade de conciliar expectativas de gênero com as demandas práticas e transformadoras do trabalho no campo.

Sarah Lennon aponta que muitas das atividades de Slessor não se alinhavam plenamente aos padrões de gênero vitorianos.⁸¹¹ Consequentemente, sua biografia por W. P. Livingstone é permeada por omissões de conflitos, amenização de suas ações mais transgressoras e um certo ofuscamento de sua agência. No caso dos Benge, que escreveram décadas depois, percebe-se que, ainda que tragam à tona situações anteriormente silenciadas, a narrativa continua a reforçar expectativas de gênero associadas à feminilidade cristã, destacando virtudes como o moralismo, a maternidade espiritual e o autossacrifício.

⁸⁰⁷ ROWBOTHAM, Judith. "Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom". **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p. 91

⁸⁰⁸ GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2.** Boston: BRILL, 2021.p.613

⁸⁰⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917.** 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 165

⁸¹⁰ ROWBOTHAM, Judith. "Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom". **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.93

⁸¹¹ LENNON, Sarah Marcia. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions.** The Faculty of the Division of History In Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.5

3.6. Pioneira em Okoyong

No início de agosto de 1888, Mary mudou-se para Ekenge, localizada no território Okoyong, no interior da região de Calabar, uma área que ainda não havia recebido trabalho missionário. Os Benge mostram que essa oportunidade surgiu por meio de questões imperialistas: diante do interesse alemão por territórios africanos, as autoridades britânicas aceleraram sua penetração no interior. Missionários, incluindo Mary, solicitaram ao cônsul britânico permissão para serem os primeiros a fazer contato com os povos do interior, argumentando, conforme os Benge citam: “Eles estavam convencidos de que muitos nativos seriam mortos em combates desnecessários se as tropas fossem enviadas para o interior primeiro.”⁸¹² Em sua narrativa W.P. Livingstone não menciona essas situações políticas e militares, descrevendo a ida de Mary para Okoyong simplesmente como um avanço missionário natural.

A ênfase de W.P. Livingstone na ida de Mary para Okoyong se concentra na narrativa de nativos hostis e a necessidade do serviço missionário: “Ali era os indígenas viviam como bestas e onde se cometiam os mais terríveis crimes contra as mulheres e as crianças, sem que ninguém levantasse uma mão para impedi-lo. Ali era onde havia necessidade de realizar uma grande obra por amor a Cristo.”⁸¹³ Os Benge, por sua vez, detalham as negociações práticas: “Depois de fazer três viagens exploratórias à área, um chefe prometeu a ela, ainda que a contragosto, um pedaço de terra para construir uma escola e uma igreja.”⁸¹⁴ Segundo McColl, mulheres que atuavam em ambientes hostis eram vistas como não convencionais, obrigando seus biógrafos a justificar suas ações por meio de uma retórica da notabilidade.⁸¹⁵ Para Grimshaw e Sherlock, o estabelecimento das relações com os chefes locais por parte de Slessor, a encorajou a expandir o seu trabalho além das fronteiras coloniais.⁸¹⁶

Os Benge registram sua chegada a Ekenge:

⁸¹² BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.132

⁸¹³ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.42

⁸¹⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.135

⁸¹⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.231

⁸¹⁶ GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021.p.613

Era domingo, 5 de agosto de 1888, 12 anos depois de sua partida de Liverpool para se tornar missionária em Calabar. Ela deixara a Escócia com um sonho e lutara por doze longos e difíceis anos para torná-lo realidade. Hoje era um dia de vitória. Ela estava em Ekenge, uma vila no território de Ocoiongue, seu novo lar.⁸¹⁷

A ida de Mary para Okoyong representa uma atitude pioneira, e a narrativa biográfica busca enfatizar os perigos dessa empreitada. Os Benge expõem: “Agora, os amigos de Mary em Creek Town, os missionários e os nativos, tinham certeza de que ela estava prestes a remar até a morte, junto com os melhores remadores do rei Eyo.”⁸¹⁸ Sarah Lennon analisa que, embora Slessor não tenha sido a primeira mulher a viajar pelas regiões selvagens da África ou a explorar territórios pouco conhecidos, ela foi pioneira ao estabelecer estações missionárias no interior e viver sozinha entre os povos nativos, sem a proteção de um homem branco. Seus métodos diferenciavam-se significativamente dos de outras missionárias em Calabar, o que, por fim, lhe conferiu grande influência nas decisões das sociedades missionárias sobre o trabalho na região. De acordo com Lennon, era incomum uma mulher ser a pioneira na abertura de caminhos missionários, uma vez que esse papel era tradicionalmente masculino. Mary, no entanto, não se limitou a avançar sobre novos territórios. Ela também escrevia cartas e artigos para periódicos missionários, nos quais expressava seu posicionamento sobre o trabalho feminino no campo, defendendo ativamente que as mulheres assumissem o papel de exploradoras e fundadoras de novas frentes de missão.⁸¹⁹

Os Benge contam que em Ekenge, foi designada uma cabana em estado precário para a moradia de Mary com as crianças. Diante das dificuldades, ela costumava dizer: “Não tenho medo, filhinhos, Deus está cuidando de vocês.”⁸²⁰ Nas biografias missionárias, demonstrações de fé como essa são relatadas para consolidar a imagem missionária de confiança plena na providência divina que enfrentava desafios extremos com serenidade e fé inabalável. Logo após chegar à cabana e colocar as crianças para dormir, Mary saiu sozinha pela selva e caminhou cerca de seis quilômetros até o local onde a canoa que a havia levado estava ancorada, a fim de buscar os suprimentos que haviam ficado no transporte. Ao chegar à margem do rio, percebeu que a canoa estava afastada da terra firme. Sem hesitar, ela pulou na água, mesmo ciente do

⁸¹⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.144

⁸¹⁸ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.135

⁸¹⁹ LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.40-45

⁸²⁰ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.135

perigo de crocodilos, e conseguiu alcançar a embarcação. Depois, retornou à cabana carregando os suprimentos. McColl observa que a coragem é um dos atributos mais destacados pelos biógrafos ao retratar Slessor, e esse episódio exemplifica sua determinação e disposição para enfrentar riscos em prol de sua missão e das crianças que cuidava.⁸²¹

W.P. Livingstone descreve que, quando Mary estava em Ekenge, as crianças que ela cuidava lhe diziam, “[...]diziam-lhe que era sua grande mãe branca e lhe agradeciam, com lágrimas nos olhos, pelo amor e sacrifício que demonstrara para com eles.”⁸²². Como um biógrafo do período do movimento missionário moderno, Livingstone reflete em sua escrita uma mentalidade que enfatizava valores como autossacrifício e autoanulação. O serviço missionário era visto como uma combinação de zelo religioso com filantropia social, alinhado ao conceito ideológico dominante da mulher como cuidadora e nutridora. Essa representação reforçava o papel tradicional da mulher como doadora de amor e cuidado, e destacava a dedicação de Mary como um exemplo idealizado de missionária, cuja vida era dedicada ao serviço dos outros, especialmente das crianças e dos mais vulneráveis.

No início da estadia de Mary em Ekenge, os locais não pareciam satisfeitos com sua presença. Os perigos e as incertezas da vida missionária são mencionados várias vezes na narrativa, para lembrar o leitor o quanto o missionário estava arriscando a própria vida ao empreender a missão. Segundo McColl, os sentimentos de ansiedade e incerteza na narrativa sobre Slessor atuam como uma contrabalança com os excertos que destacam aventura, coragem e até mesmo momentos de diversão.⁸²³

Ela percebia com clareza os desafios que a esperavam: a chuva constante, a ameaça de doenças, os costumes e as superstições sangrentas e brutais, a falta de respeito nutrida pelo povo da região de Ocoiongue em relação à própria vida. Enquanto Mary ficava lá em pé, olhando, ela se viu orando para que Deus a protegesse e também às suas crianças, pelo menos o tempo suficiente para mostrar à tribo que havia uma maneira melhor de viver.⁸²⁴

⁸²¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.256

⁸²² LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.66

⁸²³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.256

⁸²⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.146

Em seu novo campo de trabalho, Mary desenvolveu uma grande proximidade com as mulheres locais. Segundo os Benge, elas ficaram fascinadas pelo órgão portátil e pela máquina de costura que Mary levava consigo.⁸²⁵ O uso de objetos desconhecidos pelos locais como forma de atrair atenção não era uma estratégia incomum. Outros missionários já haviam utilizado lanternas mágicas para projetar imagens e, posteriormente, projetores de filmes. Além disso, o sucesso de muitas missionárias em campo frequentemente se devia às relações que conseguiam estabelecer com as mulheres locais. Essa conexão permitia a criação de laços de confiança e colaboração, fundamentais para a aceitação e o impacto do trabalho missionário.

Em muitas situações, a casa de Mary tornou-se um refúgio para pessoas perseguidas, especialmente mulheres. De acordo com McColl, o lar de Mary como espaço de acolhimento também incorpora a ideia da construção de um lar cristão civilizado.⁸²⁶ Essa noção de civilidade se estende ainda ao ato de Mary impedir os nativos de jogar as crianças mortas na selva, como era costume. Em vez disso, ela as colocava em uma caixa decorada com flores e as enterrava em um terreno que havia escolhido para servir como cemitério.⁸²⁷ Tal ideal civilizador refletiu-se igualmente na escrita biográfica, particularmente na obra de W.P. Livingstone. Ao registrar essas práticas, o biógrafo evidencia não apenas os valores cristãos de respeito e dignidade perante a morte, mas também a introdução de novos padrões comportamentais e de cuidado. Esta passagem, como numerosas outras em sua narrativa, revela a marcante presença do ideal civilizador europeu que permeia sua representação da atuação missionária.

Em Ekenge, as atividades de Mary eram semelhantes às que realizava nos locais anteriores: prestação de auxílio médico, organização de salas de aula, proteção de mulheres e aconselhamentos políticos. Além disso, ela visitava vilarejos vizinhos. Os Benge contam que em uma dessas visitas, ao enfrentar trilhas lamacentas e dificuldades no caminho, Mary decidiu tirar suas botas e remover o vestido e as anáguas pesadas para facilitar a caminhada, ficando vestida apenas com uma camisola de chita que cobria do pescoço aos joelhos — “[...]algo que teria sido escandaloso em público naquela época na Escócia.”⁸²⁸ Os biógrafos, principalmente W.P. Livingstone, apresentam Slessor como excelente pioneira e trabalhadora, mas também recorrem a detalhes como este para lembrar os leitores que ela era, acima de tudo, uma mulher.

⁸²⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. *Mary Slessor: enviada a Calabar*. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p. 152

⁸²⁶ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.313

⁸²⁷ LIVINGSTONE, W.P. *A rainha branca do Okoyong*. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.50

⁸²⁸ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. *Mary Slessor: enviada a Calabar*. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.155

Ainda que transgredisse o código de recato britânico, sua feminilidade é frequentemente destacada como um contraponto à sua imagem de missionária destemida e independente.⁸²⁹

Os Benge ainda relatam que, Mary por achar difícil manter os cabelos compridos, lavados e presos em um ambiente quente e úmido como o da selva africana, decidiu cortá-los bem curtos. As outras missionárias ficaram horrorizadas ao vê-la assim. Além disso, ela também andava sem chapéu e descalça. Com o tempo, seus pés se tornaram largos e endurecidos devido às longas caminhadas sem calçados, e ela não conseguia mais usar sapatos delicados, que apertavam seus pés.⁸³⁰ McColl argumenta que essas descrições de suas vestimentas, seu estilo de vida incomum e sua aparência foram usadas para justificar as excentricidades de Slessor.⁸³¹ Essas particularidades também mostram sua adaptação ao ambiente hostil em que vivia, mostrando como ela priorizava a praticidade e a funcionalidade em detrimento das convenções sociais e culturais de sua época.

Figura 26 - Mary Slessor.



Fonte: Imagem disponível no livro de W.P. Livingstone *Pioneira em Calabar* – Domínio Público. <https://archive.org/details/maryslessorofcal00001livi/page/n5/mode/2up>. Acesso em: outubro/2024.

⁸²⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 160

⁸³⁰ BERGE, Janet; BERGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.204

⁸³¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.212

Segundo Rowbotham, quando as mulheres estavam no campo missionário, elas tinham que se comportar como as damas britânicas, tanto para o benefício exemplar daqueles em casa quanto para suas irmãs consideradas pagãs ignorantes.⁸³² No entanto, a individualidade de Slessor e sua clara diferença em relação a esse padrão permitiram aos biógrafos estabilizar imagens de sua transgressão do comportamento feminino tradicional, apresentando-a como algo aceitável e até admirável.⁸³³ Sua capacidade de adaptação ao ambiente local, combinada com sua dedicação à missão, transformou suas excentricidades em marcas de sua singularidade e compromisso, em vez de vistas como desvios inaceitáveis. Essa estratégia biográfica ajudou a reconciliar sua imagem com as expectativas de gênero da época, ao mesmo tempo em que destacava sua coragem em quebrar padrões e sua inovação como uma missionária mais prática.

Em janeiro de 1889, começou a ser construída uma casa para Mary em Ekenge, com alojamento para seus filhos. Além da casa missionária, foram erguidos um dispensário médico em Ekenge e uma nova igreja em Ifako. Com uma estação missionária praticamente instalada em Ekenge, a preocupação de Mary voltou-se para estratégias de combate ao alcoolismo e para a promoção de alternativas comerciais aos produtos como gim, armas, rum e correntes.⁸³⁴ Nesse sentido, os biógrafos apresentam a missionária como uma pessoa preocupada não apenas com o desenvolvimento espiritual do vilarejo, mas também com seu progresso material, reconhecendo que certas práticas prejudicavam o interesse da comunidade pela religião que ela divulgava.

Em Ekenge, durante um julgamento, Mary mais uma vez interveio para salvar uma mulher de ser queimada com óleo quente, a acusação era de que ela havia dado um pedaço de inhame a um homem que não era seu marido, o que, em Ekenge, era considerado um crime. Nesse episódio, tanto W.P. Livingstone quanto os Benge, relatam que Mary sentiu medo da ira do guerreiro que conduzia o julgamento, mas relembrou situações de sua juventude em que, ao sentir medo, superou-o por meio da oração. Segundo McColl, os opostos binários de coragem e medo foram utilizados para repensar a atitude não convencional de Slessor e para convencer os leitores de sua normalidade.⁸³⁵

⁸³² ROWBOTHAM, Judith. "Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth-Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom". *Gender and History* 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.97

⁸³³ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.259

⁸³⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. *Mary Slessor: enviada a Calabar*. São Paulo: Shedd Publicações, 2022. p.187-189

⁸³⁵ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.256

Os encontros e situações hostis, como denomina McColl, também fazem parte do modelo de história de aventura de heróis que enfrentam oponentes perigosos. Para McColl, o mito do “selvagem bárbaro” com religiões pagãs torna as provações do trabalho missionário ainda mais impressionantes nas biografias missionárias. Isso porque as imagens envolvendo feras, tribos selvagens, canibais e atos de crueldade eram frequentemente combinadas com fatos, princípios e propósitos das missões, reforçando o aspecto dramático da narrativa.⁸³⁶ Essa construção narrativa engajava os leitores, e justificava os desafios enfrentados pelos missionários, apresentando-os como figuras heroicas que lutavam contra forças primitivas e opressoras em nome da fé e da civilização.

Sobre a vida de Mary em Okoyong, W.P. Livingstone escreve que Mary estava sempre trabalhando:

Ma nunca estava ociosa. Quando não caminhava pela selva para corrigir os costumes do povo, estava ocupada à porta da sua casa ajudando as mulheres costurar ou a cozinhar, ensinando as crianças na Escola Dominical, assistindo os doentes e até pregando. Era uma maravilha que pudesse prosseguir por tanto tempo com tanto trabalho. Talvez fosse porque tinha um espírito alegre, via o lado cômico das coisas e ria-se de suas próprias dificuldades. Sempre tinha à mão uma piada, até mesmo quando estava doente de cama. Os missionários que iam visitá-la geralmente a encontravam tão animada como uma criança.⁸³⁷

É possível observar que W.P. Livingstone constantemente evidencia a feminilidade de Mary, destacando que, mesmo como missionária, ela arranjava tempo para realizar serviços domésticos. Sob essa perspectiva, a narrativa sugere que o autor busca reafirmar a feminilidade da personagem, lembrando ao leitor que, apesar de suas múltiplas responsabilidades, ela ainda dedicava atenção a tarefas tradicionalmente associadas ao papel feminino. Além disso, Mary é retratada como uma otimista inabalável perante as adversidades, um aspecto recorrente nas biografias missionárias.

Outro aspecto da escrita de W.P. Livingstone, é o reforço do aspecto maternal, tanto em relação aos seus filhos adotivos quanto em relação ao povo: “As pessoas em Ekenge alegram-se muito ao ver regressar a sua mãe branca. Confessaram que parecia-lhes impossível passar sem ela. Chegavam a Ma como crianças com todas as suas dificuldades e dores e ela escutava seus relatos, os aconselhava e consolava.”⁸³⁸ Nesse sentido, McColl destaca que, ao exagerar

⁸³⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.246

⁸³⁷ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.69

⁸³⁸ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.71

as qualidades domésticas e maternas, a retórica de carinho e responsabilidade pelo lar cristão e civilizado tornou-se um símbolo da identidade das mulheres missionárias. Essa abordagem permitiu que os biógrafos fornecessem imagens que promoviam noções de superioridade britânica, ao mesmo tempo em que reforçavam os ideais de gênero da época, equilibrando a imagem de uma mulher ativa e valente com traços que a conectavam às expectativas sociais de feminilidade e domesticidade.⁸³⁹

3.7. A renúncia em prol da missão

Entre 1790 e 1860, a presença de mulheres solteiras no campo missionário era uma raridade. Normalmente, elas moravam com uma família missionária, davam aulas para pequenos grupos de crianças e faziam visitas às mulheres locais. Depois da década de 1870, as mulheres solteiras começaram a ser patrocinadas em números significativos para atuar em novos campos missionários. No entanto, elas tinham pouca vida social própria e contavam com escassas perspectivas de encontrar um candidato solteiro para contrair matrimônio.⁸⁴⁰

Essa realidade limitava as experiências pessoais das missionárias solteiras e estruturava a ideia de que sua dedicação ao trabalho missionário deveria ser prioritária em relação a outras aspirações, como a formação de uma família. Essa dinâmica também refletia as estruturas rígidas do movimento missionário, que priorizava o serviço religioso acima de outras dimensões da vida pessoal e exercia um controle significativo sobre a vida das missionárias solteiras.

Na década de 1890, Mary elaborou planos para ajudar o vilarejo onde morava, Ekenge, a estabelecer relações comerciais com o povo de Creek Town, onde havia vivido anteriormente. Ao relatar o sucesso de Mary como mediadora comercial entre os povos de Okoyong e Calabar, os biógrafos consolidam seu papel como uma espécie de diplomata: “As pessoas da região de Okoyong começaram a respeitar Mary de uma nova forma. O chefe Edem passou a pedir sua

⁸³⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.311-312

⁸⁴⁰ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000. p.219

opinião sobre os mais diversos assuntos, e os chefes de outras aldeias a chamavam para resolver suas disputas.”⁸⁴¹

Depois de ajudar a estabelecer conexões comerciais entre Ekenge e Creek Town, Mary aproveitava a oportunidade para visitar outros missionários nas estações missionárias. Em uma dessas visitas, ela conheceu um novo recruta chamado Charles Morrison, que estava trabalhando em Duke Town. Ele havia sido enviado para formar professores entre os nativos. Os dois se interessaram um pelo outro e desenvolveram um relacionamento. Ele tinha 24 anos, devido a esse fator, os Benge narram que Mary achava difícil crer que os dois haviam se apaixonado, pois “[...] com sua idade, ela poderia ser mãe dele!”⁸⁴². Quando Mary se preparava para retornar à Escócia no final de 1890, para sua terceira licença, Charles Morrison a pediu em casamento. Mary aceitou, sob a condição de que ele se juntasse a ela em Ekenge para continuar o trabalho missionário, pois pensava que “Não importando o que viesse a acontecer, seu trabalho entre o povo não deveria parar.”⁸⁴³

Quando retornou à Escócia, Mary solicitou à Junta de Missões permissão para se casar com Charles Morrison e que ele se mudasse para Ekenge. No entanto, a Junta negou o pedido, alegando que Morrison “era um homem muito culto e necessário em Duke Town para treinar professores. Se Mary quisesse se casar com ele, teria que se mudar para Duke Town. A esposa deveria se acomodar ao trabalho do marido, não o contrário.”⁸⁴⁴ Essa resposta representou um sério dilema para Mary, pois “seu trabalho sempre vinha em primeiro lugar, e ela acreditava que Deus a havia conduzido a Ekenge. Ela teria o direito de alterar esse chamado apenas para se casar?”⁸⁴⁵. Depois de refletir sobre a situação por mais de um mês, Mary concluiu que precisava permanecer com o povo de Ekenge. As pessoas confiavam nela, e ainda havia muito trabalho a ser feito ali. Assim, Mary decidiu desfazer o noivado.

A postura da Junta de Missões em relação ao pedido de Mary Slessor para se casar com Charles Morrison e tê-lo como companheiro em Ekenge refletem tanto as expectativas de gênero quanto as hierarquias de poder dentro das estruturas missionárias do século XIX. A decisão da Junta de negar o pedido de Mary, argumentando que a esposa deveria se acomodar ao trabalho do marido, reflete uma visão profundamente enraizada de papéis de gênero tradicionais. A Junta priorizou a carreira e as responsabilidades de Morrison, um homem, sobre

⁸⁴¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.193

⁸⁴² BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.194

⁸⁴³ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.194

⁸⁴⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.194

⁸⁴⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p. 195

o trabalho e o chamado missionário de Mary, uma mulher, reforçando a ideia de que o papel da esposa era secundário e subordinado ao do marido.

Essa situação também destaca a tensão entre as expectativas institucionais e a autonomia individual no contexto missionário. Enquanto a Junta de Missões operava dentro de uma estrutura hierárquica e patriarcal, Mary Slessor desafiava essas normas ao insistir em seu papel como líder independente e comprometida com sua missão. Sua decisão de permanecer em Ekenge, mesmo à custa de seu relacionamento com Morrison, revigora sua imagem como uma figura que priorizou seu chamado missionário acima de convenções sociais e expectativas de gênero.

Os Benge não detalham os sentimentos de Mary em relação à postura da Junta de Missões ou ao fim do noivado. Eles apenas mencionam que ela se lançou a novos projetos na missão, como a possibilidade de ensinar profissões, como carpintaria, aos africanos, e que ela não queria encontrar Charles Morrison ao retornar da licença na Escócia. No entanto, não se aprofundam nas questões emocionais envolvidas no fim do noivado, apresentando a decisão como algo bem resolvido e destacando que ela seguiu em frente, pois a missão era a coisa mais importante de sua vida.

Por outro lado, W.P. Livingstone nem mesmo menciona o noivado ou qualquer expectativa de Mary em relação ao casamento, omitindo completamente esse episódio. Nesse sentido, McColl ressalta a importância de refletir sobre as estratégias de silêncios e omissões nas biografias missionárias. Essas lacunas podem servir para reforçar uma imagem idealizada da missionária, focada exclusivamente em seu trabalho e devoção, enquanto aspectos mais humanos e complexos de sua vida pessoal são suprimidos ou minimizados.⁸⁴⁶

Segundo Kommers, o serviço missionário exigia uma doação sacrificial e a renúncia às próprias ambições. Muitas mulheres solteiras abriram mão do casamento, vendo nisso uma forma de dedicar-se plenamente à missão. Kommers considera que essa escolha poderia ser entendida como uma luta diária contra os desejos pessoais, como o de uma relação afetiva, a maternidade e a vida familiar, em favor de uma entrega total a Deus. Ao renunciar a esses desejos, elas acreditavam que poderiam servir de maneira mais livre e abrangente, atravessando fronteiras e dedicando-se a servir os outros em vários tipos de serviço, enquanto testemunhavam

⁸⁴⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024.p.36

a fé cristã. Essa forma de vida era vista como uma expressão de devoção e sacrifício, na qual a missão se tornava o centro de suas existências, acima de qualquer aspiração pessoal.⁸⁴⁷

A renúncia ao casamento foi um aspecto marcante na vida de várias missionárias solteiras. Lillian Trasher (1887-1961), por exemplo, rompeu seu noivado para dedicar-se ao trabalho com crianças abandonadas no Egito, sendo lembrada na história das missões como “A mãe do Nilo”. Kommers argumenta que, embora as missionárias solteiras carecessem de um componente importante da idealização da feminilidade cristã — a identidade de esposa — e fossem frequentemente vistas como o “sexo mais fraco” no campo missionário, elas se recusaram a tratar a missão como um compromisso menor. Em muitos casos, essa dedicação extrema lhes custou a vida.⁸⁴⁸

Após a renúncia do projeto de casamento, Mary dedicou-se a um novo empreendimento: convencer a Junta de Missões a montar uma escola de treinamento em Calabar para ensinar carpintaria e outras habilidades aos adultos. Essa estratégia missionária já havia sido implementada por diversas Sociedades Missionárias, pois estava alinhada ao argumento de que as missões promoviam a “civilização” e melhorias sociais por meio de escolas modernas, hospitais, valorização das mulheres e a introdução de ideias governamentais democráticas. O conceito de missões como agência de melhoria social foi especialmente celebrado durante a era do alto imperialismo, da década de 1880 até a Primeira Guerra Mundial.⁸⁴⁹ Esse discurso, que apresenta as missões como promotoras de progresso e desenvolvimento, é amplamente reforçado nas biografias missionárias, destacando o papel transformador dos missionários também no âmbito social e econômico.

Esse período de valorização da agência missionária como meio de melhoria social coincidiu com a era do Evangelho Social, um movimento que buscava melhorar a vida dos trabalhadores por meio da promoção de direitos trabalhistas e da criação de instituições que iam desde jardins de infância até formação profissional, cuidados médicos e outros serviços voltados para a população mais necessitada. No entanto, no âmbito missionário, Robert

⁸⁴⁷ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.6

⁸⁴⁸ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.7

⁸⁴⁹ ROBERT, Dana L. *Christian Mission: How Christianity Became a World Religion*. Oxford: Blackwell, 2009. p.89

argumenta que mesmo os melhores esforços da época foram contaminados pelo paternalismo e por suposições sobre a superioridade da cultura ocidental.⁸⁵⁰

É interessante notar que os Benge, de forma estratégica, mostram ao leitor como a decisão de Mary de desfazer o noivado foi acertada. “A decisão de Mary de permanecer na região de Okoyong provou-se acertada em um momento crucial.”⁸⁵¹ Enquanto ela estava de licença na Escócia, uma série de mudanças ocorreram em Calabar, incluindo a nomeação de um novo cônsul para o Protetorado da Costa do Níger, do qual Calabar fazia parte. Quando Mary retornou a Calabar, o novo cônsul, Sir Claude MacDonald, com o objetivo de estabelecer um maior domínio britânico na região, pediu que Slessor assumisse o cargo de vice-cônsul em Ekenge. A princípio, ela recusou, alegando ser uma missionária e não uma política, mas acabou sendo convencida a aceitar o cargo:

[...] o cônsul conseguiu convencer Mary. Ela mudou de ideia quando lhe disse que alguma pessoa deveria ser enviada a região de Ocoiongue para fazer valer a lei e a ordem. Se Mary não concordasse em ser essa pessoa, sua única escolha seria mandar chamar um representante da Inglaterra. [...] ela concordou e se tornou a vice-cônsul, a juíza e o júri de todas as questões relacionadas à lei na região de Ocoiongue.⁸⁵²

Quando os Benge narram a aceitação de Mary ao cargo de vice-cônsul, eles destacam que ela preferiu assumir a posição a deixá-la para outra pessoa que, em sua visão, não conhecia o povo local e poderia implementar as leis britânicas de forma inadequada. Essa decisão reforça a imagem de Mary como uma protetora do povo ao qual dedicava sua missão. Os Benge ainda apresentam o cargo como uma espécie de recompensa pelo noivado desfeito, enquanto W.P. Livingstone a compara com David Livingstone, afirmando que agora ela “veio a ser o que o doutor Livingstone tinha sido.” Ele também a compara a Débora, do Antigo Testamento bíblico, que serviu como juíza entre o povo de Israel. Esse foi o primeiro caso na história do Império Britânico em que uma mulher ocupou tal posição.⁸⁵³ Comparar missionários a personagens bíblicos consolida suas imagens como indivíduos que desempenham uma missão sagrada. Além disso, o fato de Mary ser a primeira mulher a exercer essa função contribuiu significativamente para a construção de sua imagem como uma pioneira em Okoyong.

Descrevendo o exercício jurídico de Mary, W.P. Livingstone destaca que ela se comportava com dignidade régia, mas mantinha uma postura humilde, e tinha a admiração e o

⁸⁵⁰ ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009.p.89

⁸⁵¹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.196

⁸⁵² BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.197

⁸⁵³ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.74

respeito do povo.⁸⁵⁴ Para Maina Singh, em suas instituições, mulheres como Mary eram presenças motivadoras, estabelecendo padrões por meio de seus papéis administrativos e moldando o ambiente institucional através de sua fé religiosa, profundamente refletida em suas ações.⁸⁵⁵ Essa narrativa amplia a imagem de Mary como uma figura multifacetada, que transcendia o papel tradicional de missionária para se tornar uma líder essencial e respeitada, tanto para a resolução de conflitos quanto para o progresso local.

Mary era frequentemente chamada para resolver desavenças entre chefes locais. W.P. Livingstone narra que “Ma se sentava entre eles e começava a fazer tricô, porque os indígenas gostam de falar e ela sabia que a conversa ia longe. Além disso, não ficava tão nervosa se fizesse tricô.”⁸⁵⁶ Por sua vez, os Benge descrevem sua atuação da seguinte forma:

A vice-cônsul se sentava à sombra de uma sumaúma e tirava o tricô da bolsa. Então, enquanto usava as agulhas de tricô, pedia ao grupo que a chamara para apresentar o caso, permitindo depois que o grupo oposto também expusesse sua versão do problema.⁸⁵⁷

A descrição de Slessor fazendo tricô enquanto exercia poder jurídico, de acordo McColl, pode ser vista como uma estratégia dos biógrafos para reforçar sua feminilidade enquanto ela desempenhava uma função de autoridade. Ao retratá-la realizando uma atividade tradicionalmente associada ao universo feminino, como o tricô, os biógrafos conciliam sua imagem de líder com as expectativas de ideal de feminilidade.⁸⁵⁸ Essa representação busca mostrá-la como uma mulher que conciliava habilidades domésticas com responsabilidades públicas e políticas.

Os Benge relatam que as sessões de mediação conduzidas por Mary Slessor às vezes duravam até 36 horas.⁸⁵⁹ Após ouvir os argumentos de ambas as partes, Mary anunciava sua decisão, que geralmente era selada de acordo com os costumes locais. W.P. Livingstone

⁸⁵⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.74

⁸⁵⁵ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000. p.

⁸⁵⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.73

⁸⁵⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.198-199

⁸⁵⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.231

⁸⁵⁹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.199

descreve um caso específico em que uma das partes havia se apropriado indevidamente das terras de uma viúva. Slessor resolveu a disputa da seguinte forma: “[...] Ma lhes perguntou se queriam que o caso fosse julgado pela lei de Deus ou pelo cônsul e um canhão. Após refletirem, responderam: ‘Yko Abasi’ (pela lei de Deus). Então, Ma abriu sua Bíblia e leu: ‘Não diminuirás os termos do teu próximo.’”⁸⁶⁰ Esse episódio ilustra como Slessor utilizava a autoridade que lhe era conferida para impor a ordem e aplicar a lei, ao mesmo tempo em que se baseava nos princípios bíblicos para tomar as decisões e resolver conflitos.

No tratamento da atuação judicial de Slessor, observa-se uma diferença significativa entre os biógrafos. Enquanto W.P. Livingstone relata seus comportamentos mais severos com o objetivo de retratar sua autoridade, os Benge, em sua escrita em camadas, caracterizam o papel de magistrada de Mary com nuances de ponderamento justo e enfatizam sua influência na mudança de costumes. W.P. Livingstone descreve que Mary

Dirigia o povo com mão firme, mas benigna. Os tempos terríveis e penosos pelos quais tinha passado a tinham feito mudar um pouco. Ainda tinha sua antiga doçura, mas podia ser severa e até mesmo áspera com as pessoas e, às vezes, lhes falava como um homem branco não se teria atrevido falar. Aos que eram trazidos a julgamentos por terem feito mal a mulheres os castigava com rigor.⁸⁶¹

W.P. Livingstone constrói uma imagem heroica de Slessor nessa função, enfatizando o sacrifício envolvido:

Ali passava longas horas, sentada, sem mais alimento que uma xícara de chá e uns biscoitos. As histórias de crimes e crueldades que chegavam a seus ouvidos eram terríveis para uma mulher branca ouvir. ‘Não sabemos como consegue’, diziam os outros missionários. E realmente não teria podido se não fosse porque queria salvar suas irmãs negras e os pequenos da miséria em que estavam.⁸⁶²

O biógrafo destaca que ela administrava de forma excelente a justiça, e ao mesmo tempo, a misericórdia:⁸⁶³

As pessoas que vinham ao Tribunal eram tão ignorantes e tolas que Ma fazia, algumas vezes, o que nenhum juiz faz: os tratava como moleques peraltas dando-lhes varadas, repreendendo-os e mandando-os embora. Certa vez, quando uns homens ferozes e

⁸⁶⁰ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.85

⁸⁶¹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.93

⁸⁶² LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.114

⁸⁶³ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.114

irados foram multados por algumas ofensas que tinham feito, ela os recebeu na Casa da Missão, os alimentou e deu-lhes serviço. Depois, ao anoitecer, os reuniu e lhes falou de Jesus.⁸⁶⁴

McColl, ao analisar a escrita de W.P Livingstone sobre Slessor, destaca que ele enfatiza os encontros hostis e situações de autoridade vivenciados por Mary, ressaltando o caráter civilizador do empreendimento missionário. Segundo a pesquisadora, a autoridade exercida por Slessor como juíza revela uma postura que reforçava o privilégio e a superioridade da missionária britânica branca, fundamentando-se numa crença inerente de legitimidade cultural e racial.⁸⁶⁵

W.P. Livingstone descreve que, após as sessões, Mary retornava para casa cansada, porém extremamente feliz: “Assim, com um amor incansável, uma paciência inesgotável e um bom humor que nunca falhava [...]. Ano após ano, sua influência crescia. De sua casa, ela governava milhares de homens. Era, de fato, a rainha de Okoyong.”⁸⁶⁶ O biógrafo exalta o trabalho missionário de Mary, destacando que, mesmo exausta, ela encontrava felicidade em sua missão. Além disso, ele enaltece seu amor incansável, sua paciência e sua capacidade de liderança. Nesse sentido, McColl argumenta que a natureza do trabalho missionário colocava as mulheres em situações muitas vezes de extrema exaustão, o que permitia que os biógrafos as destacassem como exemplos excepcionais de adaptabilidade, coragem, resiliência e determinação.⁸⁶⁷

Sarah Lennon analisa que o papel de magistrada ocupado por Slessor a situava numa fronteira de gênero, uma vez que era incomum uma mulher exercer funções judiciais e mediadoras no período vitoriano. Além disso, ela era a provedora financeira de sua família, sustentando-a com seu trabalho missionário e depois como magistrada. Seu cargo como vice-cônsul e agente britânica a mantinha em constante movimento, realizando viagens frequentes.⁸⁶⁸ Apesar disso, continuou a resgatar e adotar bebês gêmeos, Livingstone registra: “Seria muito demorado contar todas as aventuras que Ma teve de viver para salvar gêmeos, porque foram

⁸⁶⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.115

⁸⁶⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.256-257

⁸⁶⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.73

⁸⁶⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.249

⁸⁶⁸ LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.74-84

muitas [...]. A família ia crescendo mais e mais. [...] Não era fácil ter sempre alimento, remédios e roupas para uma família tão numerosa, e às vezes, ficou apurada”.⁸⁶⁹

Lennon observa que a vida missionária de Slessor reunia uma multiplicidade de funções: salvar gêmeos e órfãos, proteger mulheres de abusos, ensinar em escolas, prestar cuidados médicos ocasionais, pregar, presidir audiências, administrar sua casa, cuidar dos afazeres da missão e criar seus filhos. Para a pesquisadora, essa atuação polivalente representa a materialização de um profundo autossacrifício, elevando Slessor a um modelo de exemplaridade missionária. Em um contexto mais amplo, seu trabalho como agente britânica, para além de consolidar sua autoridade local, também ampliou significativamente os limites de atuação permitidos às mulheres no campo missionário, desafiando as convenções de gênero de sua época.⁸⁷⁰

Os Bengé narram que, progressivamente, Mary trabalhava para modificar as práticas cruéis em Okoyong:

Algumas alterações demoravam mais que outras, mas, ela nunca desistia. Em 1896, a lei e a ordem fundamentais vigoravam em toda a região. Dessa forma, Mary foi capaz de relatar a *sir* Claude MacDonald que os ataques às aldeias para capturar escravos havia parado, não existiam mais sacrifícios humanos nos funerais, poucas mulheres viviam bêbadas e muitos homens permaneciam sóbrios a maior parte do tempo. Ela também pôde relatar que poucos gêmeos eram mortos (embora muitos ainda fossem negligenciados até a morte), e que, na maioria das vezes, as mães dos gêmeos recebiam permissão para viver. Com apenas uma Bíblia e uma coragem incrível, Mary Slessor alterara os costumes e a cultura cruel de uma região. Ela contava agora com 48 anos, tendo sobrevivido duas décadas em Calabar – muito mais que qualquer um poderia ter esperado ou previsto.⁸⁷¹

Ao retratar Mary como alguém capaz de transformar povos com uma Bíblia e muita coragem, os biógrafos a transformam em uma figura de realizações extraordinárias e incomuns. O fato de ela ter sobrevivido por tanto tempo em meio a adversidades e, ainda assim, alcançar uma posição de grande influência a torna uma mistura de milagre divino e singularidade. Para reforçar a narrativa heroica, os biógrafos costumam retomar as conquistas da personagem nos capítulos finais de seus livros, de modo que o leitor possa recordar a magnitude de suas realizações e as dificuldades que ela superou.

⁸⁶⁹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.81

⁸⁷⁰ LENNON, Marcia S. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.84-94

⁸⁷¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.199

Os Benge relatam que em 1896, Mary mudou-se de Ekenge, pois a maioria dos habitantes do povoado havia se deslocado devido ao esgotamento do solo e à queda na produção agrícola da região. No entanto, ela retornava regularmente para cuidar da casa da missão e prestar assistência aos que permaneceram. O novo povoado, chamado Akpap, localizava-se próximo ao rio Cross. Pouco tempo após Mary se estabelecer lá, um surto de varíola atingiu a área. Era uma doença altamente contagiosa e preocupante, com elevados índices de mortalidade. Mary fez o possível para distribuir vacinas entre Akpap, Ekenge e Ifako. Apesar de seus esforços, as mortes continuaram a aumentar. Durante a pandemia, Mary enfrentou exaustão física e emocional, o que levou a Junta de Missões a determinar uma licença para que ela retornasse à Escócia. Ela levou consigo quatro de suas filhas adotivas.⁸⁷²

Figura 27- Fotografia de Mary Slessor e alguns de seus filhos adotivos (foto também conhecida como ‘The Okoyong Household in Scotland’). Fotografia tirada em Selkirk por AR Edwards, 1898. Janie é considerada a criança à esquerda, seguida da esquerda para a direita por Alice (quatro anos), Maggie (um ano), Mary (cinco anos) e a xará da pequena Mary, Mary Slessor (cinquenta anos) à direita.



Fonte: Leisure & Culture Dundee. Disponível em:
<https://www.leisureandculturedundee.com/library/localhistory/mary-slessor>

Durante sua licença na Escócia, “a Junta de Missões organizou grandes recepções para sua missionária mais famosa.”⁸⁷³. Mary aproveitou a oportunidade para fazer discursos e

⁸⁷²BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.202-204

⁸⁷³ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.204

recrutar mais jovens mulheres para o campo missionário. O biógrafo W.P. Livingstone, ao descrever Mary longe do campo missionário, reforça seu compromisso com a missão:

Seu coração era tão amoroso que estava pronta a morrer no serviço do Senhor Jesus. Lembramo-nos que Ele disse: ‘Ninguém em maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos’. Este era o tipo de amor que ela tinha, o mesmo tipo amor que Cristo teve neste mundo e que o trouxe a morrer na cruz.⁸⁷⁴

Esse biógrafo, através de comparações do amor de Mary com Jesus, buscava evidenciar o amor sacrificial que guiava seu propósito missionário. Esse amor sacrificial, presente nas biografias, reforça as características hagiográficas dessas escritas de vida, sendo um dos elementos mais marcantes das biografias de missionárias de mulheres, especialmente as escritas no final do século XIX e início do XX. Ao compará-la a Jesus, o biógrafo intensifica ainda mais o tom hagiográfico e aprofunda a ênfase no autossacrifício na trajetória de Slessor, retratado como demonstração de obediência inquestionável a Deus e um profundo senso de dever.⁸⁷⁵ Outrossim, sacrifícios, solidão e até a possibilidade de morte eram valores missionários cultivados e celebrados como atos heroicos, reforçando a imagem das missionárias como figuras exemplares e inspiradoras.

Em 1898, Mary retornou a Calabar e manifestou interesse em trabalhar entre o povo Aro, descrito pelos Benge como canibais. Em 1899, ela desenvolveu reumatismo, que, somado às frequentes crises de malária, dificultava seus cuidados com os bebês e crianças. Apesar das doenças, Mary continuava a dedicar-se às crianças sob sua responsabilidade. De acordo com W.P. Livingstone, mesmo nesse período de fragilidade, Slessor nunca perdia o ânimo: “Seu ânimo bom sempre dominava seu corpo. Da fraqueza tirava forças e com um sorriso obrigado e um coração valoroso prosseguia seu trabalho já iniciado.”⁸⁷⁶ Para McColl, a fragilidade e os problemas de saúde das missionárias tornaram-se uma ferramenta utilizada pelos autores para destacar as limitações associadas ao seu gênero.⁸⁷⁷ No entanto, ao enfatizar que Mary tirava

⁸⁷⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.91

⁸⁷⁵ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.355

⁸⁷⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.92

⁸⁷⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.311

forças da fraqueza, W.P. Livingstone contribui para um princípio de heroicização da personagem.

Na virada do século XIX para o XX, diversos conflitos entre os britânicos e os Aro, além de disputas civis, assolaram a região de Calabar. Esses confrontos impediram Mary de se deslocar até o território Aro. Somente em junho de 1903, durante uma viagem a Akpap, ela encontrou o coronel responsável pelos ataques britânicos contra os Aro. Ele pediu que Mary intermediasse um diálogo com o líder do povo Aro, e ela conseguiu mediar um acordo de paz entre as partes. Poucos dias depois, o chefe Aro convidou-a para fundar uma escola no povoado.

Mary estabeleceu um posto avançado da missão em Akpap. Sempre que chegava a novos vilarejos, dedicava-se a criar um novo posto missionário, o que incluía, principalmente, a construção de uma escola e uma igreja. Para o projeto missionário, construir escolas era tão fundamental quanto erguer igrejas, pois ambas as instituições desempenhavam papéis complementares na disseminação da fé e da educação. Além disso, W.P. Livingstone registra que Mary mantinha comunicação constante com as estações principais e a igreja, solicitando o envio de mais missionários e professores para auxiliar no trabalho.⁸⁷⁸

É interessante destacar que W.P. Livingstone apresenta uma imagem muito mais autoritária de Slessor do que os Benge. Livingstone enfatiza a autoridade e a atuação de Mary como juíza, enquanto os Benge diminuem a visibilidade de seu papel político entre os nativos, assim como sua atuação como mediadora comercial. Em vez disso, os Benge concentram sua narrativa em eventos que retratam Mary como uma “salvadora” dos indefesos, sejam crianças, mulheres ou homens que ela considerava inocentes. Para McColl, a retórica da autoridade presente em biografias como a de W.P. Livingstone destaca a superioridade cultural, intelectual e moral das mulheres britânicas em comparação com as nativas, reforçando assim seu poder e autoridade.⁸⁷⁹ Essa perspectiva manifesta-se claramente na forma como Livingstone descreve as mães africanas:

As mães vêm a ser muito parecidas em todo o mundo mas na África são tão ignorantes e despreocupadas, que não sabem cuidar de seus filhos e, ao mesmo tempo, têm tanta fé nos estranhos costumes de seu país que fazem com os pequenos coisas que a nós parecem cruéis e próprias de maus corações. Nos dias de Ma, ainda era pior, quando a maior parte do povo era escravo. Ela tinha muita pena dos pequenos que não podiam valer-se a si mesmos, e o único que a deixava irada era vê-los descuidados ou famintos

⁸⁷⁸ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.107

⁸⁷⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.237

ou embriagados com as bebidas que lhes davam. Então ela parecia uma leoa e as pessoas fugiam de perto dela.⁸⁸⁰

Nessa passagem, a narrativa de Livingstone associa a maternidade a um discurso de superioridade racial, posicionando Slessor como protetora feroz, justificada por sua indignação perante atos considerados cruéis. Por outro lado, de acordo com Cassandra Berman, registros de mulheres que feriam seus próprios filhos sempre fascinaram leitores ocidentais.⁸⁸¹ Os Benge, por sua vez, em sua elaboração biográfica em camadas, reforçam fortemente essa característica materna, porém omitem a crítica racial explícita. Ainda assim, mesmo com tal exclusão, é perceptível em ambas as narrativas a representação das missionárias-mães como figuras mais qualificadas e afetivamente superiores às mães nativas. Percebe-se, nessas construções textuais, as complexidades de um papel maternal enraizado numa experiência partilhada de feminilidade, mas profundamente marcado por eixos de raça e classe.⁸⁸²

Para destacar a singularidade de Mary, os Benge mostram quanto ela era diferente de outras missionárias, relatando situações envolvendo outras missionárias enviadas para os mesmos vilarejos onde Mary atuava, como Akpap:

Essas duas mulheres sentiram dificuldades para se adaptar à situação e escreveram de volta para a Escócia reclamando que ninguém poderia viver em condições tão difíceis: ratos corriam pelas vigas da casa da missão; era impossível ter uma boa noite de sono; a comida era monótona e sem gosto; a lista de reclamações continuava de forma infinita. Dessa forma, as duas missionárias foram chamadas de volta a Duke Town, e a estação de Akpap foi declarada “primitiva demais” para ser habitada. É claro que todos sabiam que Mary Slessor havia prosperado lá; contudo, a Junta de Missões já havia concluído que Mary poderia prosperar onde outros missionários não conseguiam sobreviver. Mary era única!⁸⁸³

Essas comparações buscam consolidar Mary como uma figura resiliente, corajosa e destemida, e enaltecer sua singularidade. Em sua última década de trabalho, atuando nos vilarejos do interior de Calabar, Mary contou com a ajuda de sua filha adotiva, Janie. Juntas, elas abriam escolas, conduziam estudos bíblicos, cuidavam de doentes, mediavam conflitos entre povos rivais e salvavam a vida de gêmeos rejeitados.

⁸⁸⁰ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.75

⁸⁸¹ BERMAN, Cassandra N. Motherhood on a Mission: Missionaries, “Heathens”, and the Maternal Ideal in the Early America Republic. **Early American Studies: An Interdisciplinary Journal**, Volume 17, Number 4, Fall 2019, pp. 474-497. p. 478

⁸⁸² HALL, Catherine. Of Gender and Empire: Reflections on the Nineteenth Century. In: LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004. p.61

⁸⁸³ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.209-210

W.P. Livingstone narra ainda que, durante uma de suas viagens, a canoa de Mary foi atacada por um hipopótamo, episódio que o biógrafo descreve como uma aventura emocionante. McColl ressalta que relatos como esse, envolvendo encontros com animais selvagens, nativos considerados “selvagens” e paisagens inóspitas, são utilizados pelos biógrafos para destacar a resistência física e mental dos missionários, que enfrentavam adversidades extremas. A pesquisadora também observa que W.P. Livingstone apresentou aos seus leitores infantis na Grã-Bretanha situações descritas como aventureiras e aterrorizantes, criando uma narrativa que mesclava perigo e heroísmo.⁸⁸⁴

Para reforçar essa conexão com o público infantil, Livingstone elabora diálogos entre mães e filhos na Escócia, nos quais as crianças, após ouvirem Mary falar sobre a África na igreja, questionam como ela poderia viver “entre selvagens e feras”. As mães, por sua vez, respondem que ela o faz por amor a Jesus e por sua “causa”. Dessa forma, o biógrafo associa a motivação de Slessor a uma esfera espiritual, apresentando as transformações observadas em Okoyong como recompensa divina por seu sacrifício.⁸⁸⁵

Esse enquadramento segue uma tendência comum nas biografias missionárias, que tendem a atribuir a recompensa do trabalho missionário a conversões e ganhos celestiais, e não a conquistas terrenas ou pessoais. Como escreve W.P. Livingstone:

Por quinze longos anos Ma deu sua vida a Okoyong e teve sua recompensa porque o país se converteu em uma terra de paz, ordem e boa vontade; os maus costumes foram desaparecendo e muitos se tornaram discípulos do Senhor Jesus. É assombroso que uma mulher sozinha tenha feito isso sozinha.⁸⁸⁶

Para além das realizações e as experiências de aventura, um dos aspectos importantes nas biografias missionárias é a ideia de um legado missionário. E os biógrafos de Mary se dedicam a mostrar seu legado tanto através da continuidade do seu trabalho através de outras pessoas, entre filhas e missionárias mais jovens, quanto através de homenagens e condecorações. Um dos exemplos do seu legado, relatado por W.P. Livingstone, foi sobre uma das suas filhas adotivas, Mana, que seguiu seus passos de trabalho missionário e conduzia uma

⁸⁸⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.255

⁸⁸⁵ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.91

⁸⁸⁶ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.94

missão em Itu, e assim como Mary, ela ensinava na escola, ensinava mulheres e meninas a ler e a costurar, celebrava culto doméstico e pregava aos domingos.⁸⁸⁷

Após um período de licença na Escócia em 1907, Mary retornou e estabeleceu-se em Use. Nessa época, ela foi novamente nomeada vice-presidente do Tribunal Indígena, um cargo que a tornava a única mulher juíza em todo o Império Britânico. Sua função era ajudar a resolver disputas e mediar conflitos entre os nativos.⁸⁸⁸ W.P. Livingstone descreve o quanto Mary estava ocupada e dedicada ao trabalho:

Maria Slessor começou a trabalhar mais intensamente do que nunca. Que maravilhosa mulher! Carregava todo o trabalho pesado do Tribunal, ouvindo declarações, às vezes durante oito horas seguidas; celebrava conferências com chefes; fazia viagens a pé pelo deserto, indo aonde nenhum branco ia. Aos domingos pregava em dez ou doze aldeias diferentes e o tempo que lhe sobrava o empregava no serviço da casa, edificando e consertando, pregando telhados, serrando tábuas, cortando arbustos, rejuntando com massa de cimento paredes e pisos. É de estranhar que tivesse as mãos calejadas e enrugadas e muitas vezes cheias de cortes e de rachaduras?⁸⁸⁹

McColl observa que as descrições de Slessor elaborada por W.P Livingstone fornecem aos leitores a imagem de uma mulher em situações tradicionalmente associadas aos homens.⁸⁹⁰ Aos olhos da comunidade, Mary era uma figura de autoridade que exercia o poder judiciário, influenciando diretamente a vida do povoado. Ao mesmo tempo, ela era vista como uma mentora e uma presença materna, conciliando a rigidez de seu papel oficial com a compaixão e o cuidado que dedicava às pessoas ao seu redor. Os Benge assinalam que havia na região de Calabar uma lenda em torno de Slessor, a lenda *Eka Kpukpru Owo* – a “Mãe de Todos Nós”.⁸⁹¹

W.P. Livingstone justifica o excesso de trabalho e o cansaço de Mary destacando que “Cumpria-se nela o que disse certa vez um missionário: ‘Deus faz a maior parte de Sua obra aqui através de corpos meio mortos, mas vivos em Cristo’”⁸⁹². O biógrafo invoca a ideia religiosa de que os missionários dedicavam suas vidas por amor à obra missionária, muitas vezes à custa de sua própria saúde e bem-estar. W.P. Livingstone também afirma que Mary

⁸⁸⁷ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.100

⁸⁸⁸ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.114

⁸⁸⁹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.120-121

⁸⁹⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.255

⁸⁹¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.164

⁸⁹² LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.121

possuía um espírito de aventura que a impulsionava a adentrar novos campos, mesmo fragilizada. Ele reforça a ideia de que, “nem que fosse carregada”, ela faria sua missão.⁸⁹³

Embora as habilidades diplomáticas e políticas de Mary estejam bem consolidadas em suas biografias, há uma constante tentativa de reafirmar sua domesticidade, destacando seu envolvimento com os cuidados das crianças e da casa. W.P. Livingstone enfatiza a paciência, a bondade e o bom humor de Mary,⁸⁹⁴ promovendo a ideia de que a feminilidade não se baseia apenas na aparência física, mas também em qualidades intrínsecas ligadas à personalidade.

W.P. Livingstone conta que Mary “tinha um diário e, todas as noites (às vezes à meia-noite), escrevia a história do dia. Que história de trabalho e heroísmo!”⁸⁹⁵. O uso frequente de termos como “heroína” e “heroísmo” por Livingstone pode ser explicado por Ian Ousby, que argumentou que essas palavras eram empregadas de maneira quase obsessiva durante esse período.⁸⁹⁶ Os britânicos protestantes estavam em busca da idealização de seus heróis, e W.P. Livingstone, como um escritor da época, buscava atender a essas expectativas ao retratar seus personagens. Outro aspecto relevante concerne à identidade nacional. Tanto Mary Slessor quanto David Livingstone eram escoceses, porém, são frequentemente representados como portadores de um caráter nacional “inglês” em suas biografias. Como observa McColl, embora essa origem seja um elemento significativo em suas trajetórias, nas obras destinadas ao público juvenil tais figuras foram sistematicamente representadas como britânicas, reforçando ideais de raça, império e nacionalidade.⁸⁹⁷

No início de sua carreira missionária, Mary precisava convencer a Junta de Missões durante anos para conseguir algo. No entanto, em seus anos finais, sua palavra e recomendações passaram a ter grande influência na Junta de Missões Estrangeiras. Foi ela, por exemplo, quem recomendou a construção de um hospital missionário em Itu. “Para o total desgosto de Mary, ele recebeu o nome de Hospital Missionário Mary Slessor.”⁸⁹⁸ Esse tipo de constrangimento ou desconforto por parte dos missionários em relação a homenagens é recorrente nas biografias missionárias, pois a modéstia era um traço padrão que subordinava o indivíduo à causa maior,

⁸⁹³ LIVINGSTONE, W.P. *A rainha branca do Okoyong*. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.125

⁸⁹⁴ LIVINGSTONE, W.P. *A rainha branca do Okoyong*. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.139

⁸⁹⁵ LIVINGSTONE, W.P. *A rainha branca do Okoyong*. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p 40

⁸⁹⁶ OUSBY IAN apud MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.30

⁸⁹⁷ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 43

⁸⁹⁸ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. *Mary Slessor: enviada a Calabar*. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.211

reforçando a ideia de que o trabalho missionário era mais importante do que qualquer reconhecimento pessoal.⁸⁹⁹

W.P. Livingstone relata que:

Ma estava escondida na selva africana e pensava que era uma pessoa sem importância, havia outros que, sabendo o que ela fazia, dispuseram-se a torná-la conhecida. Escreveram sua história, que chegou às mãos do governador geral da Nigéria, o qual admirado, a enviou à Inglaterra para que chegasse ao conhecimento do Rei.⁹⁰⁰

Como reconhecimento real, Mary foi homenageada pelo Rei George V com sua nomeação como Membro Honorária da Ordem de São João de Jerusalém, além de receber a Cruz de Prata, condecoração destinada a indivíduos que se destacavam por serviços beneficentes e atos de bondade. W.P. Livingstone ressalta a modéstia da missionária ao registrar que ela não se considerava digna da honraria, justificando estar apenas cumprindo seu dever. Não obstante, na condição de súdita leal, Mary acabou por escrever ao monarca, formalmente aceitando a condecoração.⁹⁰¹

Os Benge relatam que com as construções de estradas pelos britânicos no início do século XX, Mary começou a percorrer os vilarejos de bicicleta.⁹⁰² Para McColl, o fato de Slessor andar de bicicleta para realizar seu trabalho missionário, torna as descrições dessa atividade uma ambivalência entre trabalho e esporte, já que o ciclismo incorporou ideias de modernidade, liberdade, e controle para a mobilidade da mulher missionária. No entanto, nos últimos anos de vida, quando sua saúde já estava bastante deteriorada, Mary precisou ser transportada em um carrinho, pois não conseguia mais pedalar. Conforme McColl, sua incapacidade de continuar andando de bicicleta reestabelece sua fragilidade feminina.⁹⁰³

Em janeiro de 1915, Mary enfrentava sérios problemas de saúde: sofria de artrose, estava progressivamente perdendo a visão e a audição, e sua condição física era frágil. Os Benge descrevem que no dia 13 daquele mês, aos 67 anos, em uma cabana de barro no vilarejo de Use, ela proferiu suas últimas palavras: “Abassi, sana mi yok” — um apelo a Deus para que curasse

⁸⁹⁹ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.60-61

⁹⁰⁰ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.135

⁹⁰¹ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.135

⁹⁰² BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.211

⁹⁰³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.324

a sua dor. Poucos minutos depois, Mary faleceu, cercada por suas filhas adotivas, que a acompanharam até seus últimos momentos.⁹⁰⁴

W.P. Livingstone, ao narrar sua morte, descreveu: “Logo antes do amanhecer, o cansado espírito de Ma partiu suavemente para o mundo invisível.”⁹⁰⁵ As últimas palavras de um missionário sempre são registradas nas biografias missionárias como um momento simbólico significativo, de demonstração de encerramento de uma vida de dedicação e sacrifício, e elevação da profundidade da fé e da devoção.

Por ter falecido em decorrência de enfermidades, os biógrafos de Mary Slessor se concentraram em seu autossacrifício. A morte como consequência dos sacrifícios da vida missionária não era vista como um destino inesperado, mas sim como uma expressão do cumprimento de seu chamado missionário.⁹⁰⁶ As descrições de sua doença e fragilidade nos momentos finais de sua vida foram utilizadas para destacar seu compromisso inabalável com a causa missionária. Além disso, os relatos de seus últimos dias ressaltam que, mesmo debilitada pelas doenças, Mary continuou trabalhando incansavelmente até onde suas forças permitiram, demonstrando uma disposição de suportar o sofrimento em nome do Evangelho.⁹⁰⁷

Os Benge relatam que o corpo de Mary Slessor foi transportado para Duke Town. Em sinal de respeito e reconhecimento, prédios governamentais e escolas foram fechados, e as bandeiras foram hasteadas a meio-mastro. A polícia local organizou uma marcha fúnebre solene até a casa da missão, acompanhando seus restos mortais em um último tributo. O culto fúnebre reuniu um grande número de pessoas. Mary foi sepultada em um túmulo no terreno da estação missionária, e em seu túmulo foi marcado por uma lápide de granito escocês enviada pela Igreja Presbiteriana Unida da Escócia.⁹⁰⁸

Segundo McColl, uma das maneiras pelas quais os biógrafos destacavam o sacrifício final dos heróis missionários era concentrando-se em seus locais de descanso eterno. As sepulturas dos missionários serviam como símbolos visuais, utilizados para inspirar e mobilizar os leitores, incentivando-os a seguir o exemplo de dedicação e abnegação.⁹⁰⁹ Nesse contexto,

⁹⁰⁴ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.212

⁹⁰⁵ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.149

⁹⁰⁶ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 329

⁹⁰⁷ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.354

⁹⁰⁸ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.213

⁹⁰⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.337

Cox chama a atenção para um contraste significativo: enquanto a maioria das missionárias, como Mary Slessor, foram enterradas nos países onde atuaram, figuras como David Livingstone receberam sepultamentos em locais de grande prestígio, como a Abadia de Westminster, na Inglaterra.⁹¹⁰ Essa diferença reflete as distinções de gênero no âmbito do reconhecimento, e evidencia como o legado das missionárias foi frequentemente associado de forma quase unilateral ao local de sua atuação, detrimento de seu impacto no país de envio.

Segundo Rowbotham, as sociedades missionárias do século XIX tinham perspectivas distintas sobre as mortes de homens e mulheres no contexto missionário. Acreditava-se que as mortes das mulheres, frequentemente associadas a situações de autossacrifício e abnegação, serviriam como fonte de inspiração principalmente para outras mulheres, reforçando ideais de devoção e altruísmo considerados adequados ao gênero feminino. Por outro lado, as mortes masculinas, muitas vezes retratadas como mais violentas ou heroicas, eram vistas como martírio e tinham um apelo universal, inspirando tanto homens quanto mulheres.⁹¹¹

Sobre o impacto de se tornar uma figura inspiradora após a morte, W.P. Livingstone descreve:

A morte de Ma a fez famosa. Ela, que sempre tinha estado escondendo-se, agora foi homenageada com discursos, artigos e elogios por toda parte. A história de heroísmo, sua devoção e fé chegou a ser conhecida em muitos lares e assim, embora seu corpo tenha sido deixado no descanso em longínquo país tropical, com as mãos cruzadas sobre o peito e os lábios silenciosos, continua ajudando e inspirando jovens, crianças e adultos, como o fazia em outro tempo.⁹¹²

McColl argumenta que é importante lembrar que as biografias missionárias do século XIX e início do XX eram, em grande parte, produzidas como ferramentas de recrutamento para futuros missionários.⁹¹³ Esse propósito pode ser claramente observado na conclusão da biografia escrita por W.P. Livingstone. Além de recapitular que as realizações de Mary foram fruto de seu trabalho árduo, orações, bom humor, fé, paciência, dedicação e empatia — qualidades essenciais para o sucesso missionário —, ele também faz um apelo direto aos jovens, convocando-os ao serviço missionário para dar continuidade ao legado de Slessor: “O futuro

⁹¹⁰ COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.p.14

⁹¹¹ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.100

⁹¹² LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.151

⁹¹³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.129

da África e do mundo pagão está nos corações jovens que agora sonham sonhos a respeito do que vão fazer em dias futuros.”⁹¹⁴

Podemos observar essa mesma convocação na biografia escrita pelos Benge no final do século XX, reforçada pelo ideal de exemplaridade:

O exemplo de trabalho de Mary e sua disposição de sacrificar tudo para alcançar outras pessoas com a mensagem do Evangelho é um **exemplo reluzente** para todo cristão que deseja deixar sua terra natal e agir da mesma forma.⁹¹⁵ [grifo nosso]

Nessa perspectiva, Craig destaca que o trabalho missionário é, por natureza, inacabado, e o leitor é constantemente convidado a dar continuidade a ele. O texto biográfico missionário cumpre o papel de fazer a ligação entre o legado do missionário e o chamado do leitor, apresentando a tensão entre o já realizado e o que ainda precisa ser feito como um desafio que a fé do leitor pode superar. A leitura dessas biografias não é uma experiência passiva; pelo contrário, o leitor é interpelado de diversas maneiras, sendo constantemente lembrado de sua responsabilidade evangélica e instigado a assumir um papel ativo na expansão da missão.⁹¹⁶ Dessa forma, as biografias missionárias não apenas celebram a vida e o sacrifício de figuras como Mary Slessor, mas também servem como um chamado à ação, convidando os leitores a se engajarem na continuidade de um trabalho que transcende gerações e fronteiras.

W.P. Livingstone, em seu último parágrafo, apela diretamente para essa responsabilidade evangélica observada por Terrence Craig, utilizando um discurso que mescla motivação e autoajuda:

Certamente nem todos podem ir ao campo missionário e nem é necessário ir para ser um missionário. Onde quer que estejamos, qualquer que seja nosso serviço, podemos ser sempre missionários e lutar valorosamente, como o fez Maria Slessor, contra o pecado e contra o mal. A tarefa não era fácil não foi fácil para nossa heroína. Talvez alguém caia de seus sonhos e dê risadas deles, mas se você confia em Cristo e persevera nEle, finalmente sairá vitorioso.⁹¹⁷

Esse trecho de conclusão biográfica reflete características que remontam à tradição hagiográfica, na qual o autor busca destacar a realidade do reino sagrado, apresentando ao leitor tanto os perigos quanto o potencial de ganho espiritual incalculável que aguarda aqueles que se

⁹¹⁴ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.152

⁹¹⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.p.213-214

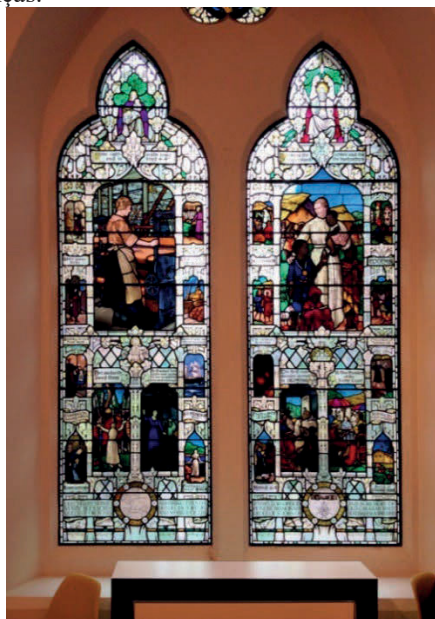
⁹¹⁶ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.101

⁹¹⁷ LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.p.152

dedicam à busca do sagrado. Ao mesmo tempo, desafia os leitores a embarcarem em suas próprias jornadas heroicas, inspirados pelo exemplo de figuras como Mary Slessor.⁹¹⁸

Podemos observar que tanto W.P. Livingstone quanto os Benge concluem suas obras enfatizando a luta missionária, a exemplaridade e o heroísmo da personagem central. McColl argumenta que, para compreendermos como a biografia missionária constrói a imagem idealizada de uma heroína, é necessário analisar as estruturas que compõem essa narrativa, especialmente no contexto do século XIX e início do XX. Ela ressalta ainda que, para uma compreensão mais profunda do papel e do poder da heroína, é essencial enxergar o herói como alguém que dedicou sua vida a algo maior do que si mesmo.⁹¹⁹ Essa entrega total, muitas vezes simbolizada pelo sacrifício pessoal, é o que transforma a figura missionária em um modelo de inspiração e devoção, capaz de motivar outros a seguir o mesmo caminho.

Figura 28- Fotografia do Vitral Memorial Mary Slessor. Em 1923, um vitral foi dedicado à memória de Maria. Atualmente, ele se encontra no café das Galerias McManus, em Dundee. Figura 29 - Uma série de notas emitidas pelo Clydesdale Bank (agora extinto) apresentava um desenho diferente para cada denominação, cada uma retratando uma personalidade notável da história escocesa. A nota de £10 trazia uma ilustração do trabalho de Slessor em Calabar (Nigéria), incluindo um mapa da região e uma vinheta litográfica representando seu trabalho com crianças.



Fonte: Leisure & Culture Dundee. Disponível em: <https://www.leisureandculturedundee.com/library/localhistory/mary-slessor> Acesso: fev/2025.

⁹¹⁸ ROHRER, James R. **Biography as Missiology: A Reflection Upon The Writing of Missionary Lives.** 《台灣神學論刊》 28期 (2006/03) pp. 175-212. Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212>. Acesso em: jun. de 2024. p.197.

⁹¹⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917.** 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 133

Para McColl, o heroísmo de Slessor desafiou atitudes profundamente enraizadas sobre os papéis de gênero, configurando-se num contexto em que as mulheres buscavam estabelecer-se de forma independente política e economicamente. “Foi, no entanto, através da sua capacidade de melhorar a sua situação que os biógrafos puderam promover e reforçar o romance do trabalho missionário e reforçar noções de patriotismo, superioridade britânica, autoajuda e formação de caráter.”⁹²⁰ Dessa forma, a narrativa sobre Slessor não apenas destacava sua coragem e dedicação, mas também servia como um veículo para transmitir valores sociais e culturais da época, associando seu sucesso missionário a ideais de progresso, autossuficiência e orgulho nacional. Essa abordagem ajudou a consolidar sua imagem como uma figura heroica, ao mesmo tempo em que reforçava os ideais vitorianos de moralidade e esforço individual.

A atuação de Mary Slessor contribuiu significativamente para a feminização do trabalho missionário, especialmente no que diz respeito ao papel de evangelismo profissional e independente, desempenhado por uma mulher solteira no estabelecimento do cristianismo protestante. Sua biografia, por sua vez, ajudou a repensar as expectativas de gênero da época e como as mulheres seriam representadas nas narrativas missionárias. McColl destaca que, embora Slessor fosse desfavorecida na Grã-Bretanha tanto por seu gênero quanto por sua classe social, seu papel como missionária na África lhe conferiu poder e influência, criando um diálogo desafiador em relação às noções tradicionais de feminilidade.⁹²¹

As estruturas precárias das missões nos vilarejos onde Slessor atuou influenciaram significativamente sua independência na forma de trabalhar e sua liberdade para moldar o teor do evangelismo feminino. Distante das estações missionárias centrais, Slessor pôde exercer grande influência na difusão do cristianismo protestante, operando fora do âmbito direto das estruturas de autoridade dominadas por homens. Essa relativa autonomia permitiu que ela desenvolvesse abordagens únicas e adaptadas ao contexto local, consolidando seu papel na expansão missionária.

Lennon analisa Mary Slessor como uma figura de transição entre dois mundos. Ao ampliar os papéis tradicionais das mulheres missionárias para incluir a exploração de regiões desconhecidas e a evangelização em territórios inexplorados, Slessor abriu caminho em Calabar para futuros trabalhos missionários. Segundo Lennon, Slessor tornou-se uma pioneira ao

⁹²⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 165. Tradução nossa.

⁹²¹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p. 152

posicionar-se entre os papéis tradicionais de gênero e um horizonte de atuação expandido, criando novas oportunidades para as mulheres. Através de suas viagens exploratórias e do estabelecimento entre os nativos em Okoyong, ela ultrapassou limites impostos às mulheres, conquistando maior liberdade para pregar e exercendo papéis de liderança e influência, abrindo assim caminho para que outras mulheres assumissem papéis mais ativos na exploração e evangelização.⁹²²

A fluidez profissional dos ambientes missionários, especialmente em áreas mais remotas, proporcionou que mulheres como Slessor construíssem redes de autoridade indígenas e diversificassem suas estratégias evangelísticas, adaptando-as às necessidades e realidades das comunidades onde atuavam. Essa flexibilidade não apenas facilitou a conversão religiosa, mas também reforçou o papel das mulheres como agentes ativas e inovadoras no campo missionário.⁹²³

Conforme Prevost, o campo missionário representava uma ameaça significativa às construções britânicas convencionais de feminilidade, uma vez que o trabalho missionário desempenhado por mulheres questionava os padrões metropolitanos de gênero, desafiando os limites da autoridade religiosa e da respeitabilidade social.⁹²⁴ Esse desafio, vivido diretamente no campo missionário, exigia uma reflexão sobre como essas mulheres seriam representadas no processo biográfico. Muitas delas foram retratadas de maneira a passar por uma transformação que enfatizava seu caráter e justificava sua reputação, buscando indicar uma conformidade com os estereótipos femininos tradicionais. Essa abordagem, no entanto, frequentemente minimizava o significado extraordinário de suas realizações, diluindo o impacto de suas ações em prol de uma narrativa que se alinhava às expectativas sociais da época.⁹²⁵

Dessa forma, as biografias missionárias, ao mesmo tempo que celebravam o trabalho dessas mulheres, também as moldavam de acordo com ideais de feminilidade que não necessariamente refletiam a complexidade e a autonomia de suas vidas e contribuições. Esse

⁹²² LENNON, Sarah Marcia. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History In Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.p.94-96

⁹²³ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1117

⁹²⁴ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1113

⁹²⁵ ROWBOTHAM, Judith. "Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom". **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p. 89

processo de representação revela uma tensão entre o reconhecimento do papel pioneiro dessas missionárias e a necessidade de adequar suas histórias aos valores conservadores da sociedade britânica.

A biografia de W.P. Livingstone, publicada em 1915, além de ser marcada por questões colonialistas e raciais, reforça estereótipos de feminilidade ao longo de toda a narrativa, condicionando a representação de Mary Slessor às expectativas do papel tradicional feminino. Desde a infância até sua morte, decorrente de doença e exaustão, Slessor é retratada como uma figura que cumpre, de maneira exemplar, os ideais de sacrifício e devoção associados ao papel da mulher no período vitoriano. Sua morte é apresentada como um ato final de amor sacrificial pela causa missionária, enquadrando-a dentro de um modelo de feminilidade que valoriza a abnegação e o serviço ao próximo.

W.P. Livingstone aclama Mary como uma heroína, mas a memória de sua vida é profundamente associada ao cumprimento de deveres domésticos e às expectativas femininas da época. Quando Mary ultrapassa esses padrões, suas ações são justificadas como excentricidades ou atribuídas a uma inspiração divina, minimizando assim a agência e a autonomia que ela demonstrou em sua trajetória. Dessa forma, suas realizações extraordinárias são reinterpretadas de modo a não desafiar excessivamente as normas de gênero vigentes, mantendo-a dentro de um quadro que, embora a celebre como heroína, ainda a submete aos ideais tradicionais de feminilidade.

Em um processo de escrita biográfica em camadas, os Benge, no final do século XX, recontaram a trajetória de Mary Slessor para integrá-la a uma coleção biográfica dedicada a heróis da fé. Embora os autores tenham buscado atenuar ou omitir elementos colonialistas e racistas presentes nas primeiras biografias sobre a missionária, nem sempre com pleno êxito, sua abordagem em relação às questões de gênero revela um paradoxo significativo: ainda que adotem uma aparência discursiva progressista, mantêm uma continuidade com a retórica da feminilidade cristã exemplar, ancorada em ideais de moralidade tradicional e na preservação de papéis de gênero hierarquizados.

Considerando as transformações ocorridas no campo missionário com a consolidação da presença feminina e as mudanças nas relações de gênero, bem como os desafios enfrentados nas representações biográficas e no processo de heroização — que já questionavam as expectativas tradicionais de gênero —, nos próximos capítulos analisaremos como os biógrafos, ao longo do século XX, representaram duas outras missionárias solteiras de origens sociais distintas, que atuaram na Índia e na China durante a primeira metade do século XX.

4. AMY CARMICHAEL: OBEDIÊNCIA E RENÚNCIA

De acordo com Nancy Cho, desde 1895 até sua morte em 1951, Amy Carmichael tornou-se uma figura lendária nos círculos evangélicos.⁹²⁶ Atualmente, seu legado continua a circular por meio de diversas biografias, que reforçam sua consagração como heroína da fé. Neste capítulo, analisaremos duas dessas narrativas biográficas: a obra de Elisabeth Elliot e a recontagem realizada por Janet e Geoff Benge. Ambas contribuem para a construção e consolidação da imagem de Carmichael como um modelo ideal de mulher missionária solteira, moldado por virtudes tradicionalmente associadas à feminilidade cristã. É importante destacar que os Benge se apoiam fortemente na narrativa estabelecida por Elliot, reproduzindo boa parte da construção de personagem por ela elaborada, com ênfase na obediência, renúncia e maternidade. A análise dessas obras permite refletir sobre os mecanismos de consagração biográfica e os limites impostos às mulheres dentro da tradição missionária protestante

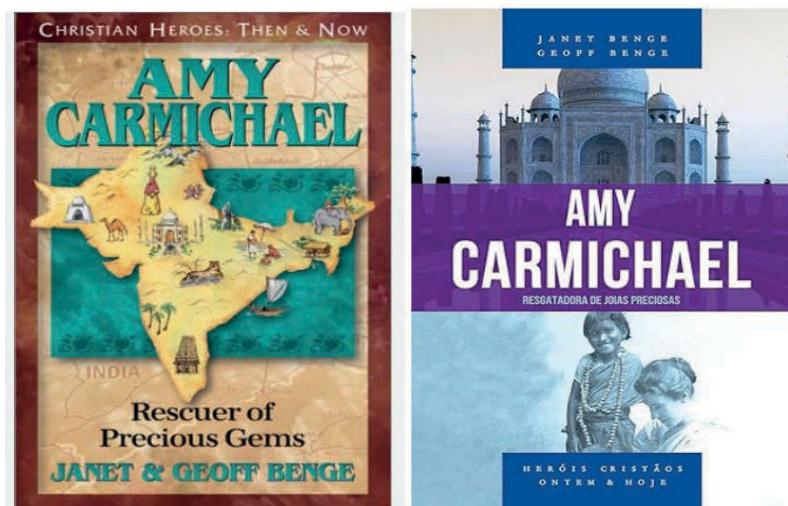
4.1. As biografias de Amy Carmichael

A biografia de Amy Carmichael escrita por Janet e Geoff Benge, foi publicada no Brasil em 2018 pela Shedd Publicações com o título “Amy Carmichael: resgatadoras de joias preciosas”, com a tradução de Renata Martins de Rezende Santos. Com 208 páginas, o livro tem em sua ficha catalográfica a indicação de que se trata da biografia de Carmichael, e do tema de missões, missionárias e biografia. Diferentemente da biografia de Mary Slessor, também escrita pelos Benge, a de Carmichael não possui a indicação de literatura infanto-juvenil.

Na coleção *Heróis Cristãos Ontem & Hoje*, publicada no Brasil, este livro é o terceiro volume e representa a primeira biografia traduzida na série dedicada a uma missionária. Os dois primeiros volumes da coleção são as biografias de George Müller e Hudson Taylor. Originalmente, a obra foi publicada nos Estados Unidos em 1998 pela YWAM Publishing, sob o título *Amy Carmichael: Rescuer of Precious Gems*.

⁹²⁶ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374. p.354

Figuras 30 e 31 - Capas das biografias de Amy Carmichael escrito por Janet e Geoff Benge. À direita a edição original publicada nos Estados Unidos; à esquerda a edição traduzida e publicada no Brasil.



Fonte: Figura 30- YWAM Publishing. Figura 31 - Acervo da autora (2025)

Ambas as capas seguem o padrão visual de suas respectivas coleções. A versão estadunidense exibe um mapa estilizado da Índia acompanhado de ícones representativos da cultura indiana. Já a edição brasileira apresenta uma fotografia de Carmichael com uma criança indiana, complementada pela imagem do Taj Mahal, elementos que buscam indicar ao leitor o principal cenário de atuação da missionária.

Os Benge começam a narrativa sobre Amy Carmichael com o *flashback* de sua primeira viagem missionária ao Japão em 1892. Descrevendo um momento de tensão no navio que levava a missionária, onde maioria das pessoas passavam mal devido a uma tempestade no mar, inclusive, a personagem principal. Estes biógrafos identificam a personagem para o leitor descrevendo que ela era uma jovem irlandesa que estava bastante doente a bordo do navio, e conta sua dificuldade com os contratempos no mar e detalha um desembarque atípico em que foi necessário içar os passageiros até um rebocador.

Assim como na biografia de Slessor, na biografia de Carmichael, os Benge também adotaram como estrutura principal para biografá-la a narrativa de história de aventura, com elementos de literatura de viagem, traço que fica evidente já no primeiro capítulo. Nele, os autores também fazem o primeiro indicativo da personalidade da biografada:

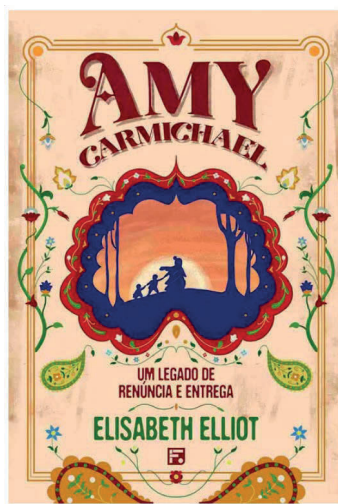
Chegara ao Japão. Ela havia viajado por metade do mundo, e agora finalmente chegara ao destino. Que aventura aquela! Muitos riscos ocorreram ao longo do caminho.

Entretanto, riscos e aventuras não eram algo novo para Amy Carmichael. Ela sempre estava disposta a correr riscos para o obter o que queria.”⁹²⁷

Desde o início, os autores deixam claro que se trata de uma narrativa repleta de aventuras, apresentando Amy Carmichael como uma figura habituada a vivenciá-las. O primeiro capítulo, ao recorrer ao recurso do *flashback* e à construção de cenas marcadas por tensão e perigo, revela a intenção dos biógrafos de capturar a atenção do leitor logo nas primeiras páginas. Dessa forma, estabelecem o tom da obra: uma trajetória marcada por desafios, ousadia e coragem.

A outra biografia analisada neste capítulo, foi escrita por Elisabeth Elliot, publicada originalmente nos Estados Unidos em 1987 com o título “A Chance to Die: The Life and Legacy of Amy Carmichael” pela Revell, divisão da Baker Publishing Group (Grand Rapids, MI). Em 2023, a obra foi publicada no Brasil pela Editora Fiel, com a tradução de Francisco Wellington Ferreira. Em sua ficha catalográfica livro é classificado como abrangendo os seguintes temas: biografia de Amy Carmichael, cristianismo, evangelismo, missionárias, biografia, mulheres e vida cristã.

Figura 32 - Capa da biografia de Amy Carmichael. Edição brasileira lançada em 2023 pela Editora Fiel.



Fonte: Acervo da autora (2025)

A edição brasileira apresenta uma capa com elementos visuais que remetem a um cenário indiano, com arabescos de florais que também aparecem nos títulos dos capítulos e na

⁹²⁷ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

numeração das páginas. O livro é visualmente concebido como um produto voltado ao público feminino e, antes do sumário, traz uma dedicatória: “A todos os que amavam Amma”. O sumário reúne cinquenta e um capítulos, indicando os principais temas da vida de Amy Carmichael que serão abordados, como a busca pela santidade, o chamado missionário, o sacrifício, o romantismo das missões, o resgate de crianças, a obediência e uma vida de oração. Na introdução do livro, a autora agradece às pessoas que contribuíram com disponibilização das cartas pessoais enviadas por Amy, bem como as informações sobre a missionária. Agradece também ao historiador Eric Frykenberg da Universidade de Wisconsin pelas informações sobre o cristianismo no sul da Índia, para os capítulos 14 e 20.⁹²⁸ Essas indicações fornecidas pela autora revelam ao leitor as fontes utilizadas na construção da narrativa e buscam conferir legitimidade aos fatos apresentados.

A biografia escrita por Elisabeth Elliot adota um estilo mais emocional, baseado na espiritualidade evangélica, modelo também adotado por outros biógrafos de missionários.⁹²⁹ Essa característica já se evidencia na abertura do livro, por meio de uma citação de Amy Carmichael que aponta ao leitor os ideais de autossacrifício, dever e compromisso com o chamado missionário:

Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos.” Quão frequentemente penso nesse devemos. Nenhum sentimentalismo aí. Apenas chamado solene, estridente e glorioso: DEVEMOS. Mas palavras podem expressar o gozo que sentimos no profundo de nosso ser? As minhas não podem. É indizível. Amy Carmichael, carta escrita na Velha Casa da Floresta, 1922.⁹³⁰

De acordo com Leonor Arfuch, o biógrafo, ao narrar a vida do seu herói, realiza um processo de valoração.⁹³¹ Nesse sentido, Elliot logo no prefácio de sua biografia de Carmichael, revela a devoção que nutre pela personagem e o propósito que orienta sua escrita biográfica:

Devo a Amy Carmichael [...] uma dívida tão grande quanto alguém pode ter para com outrem. Não posso pagá-la. Mas é minha esperança que esta biografia introduza seu

⁹²⁸ Sobre cristianismo no sul da Índia ver FRYKENBERG, Robert Eric. **Christianity in India from Beginnings to the Present**. New York, Oxford University Press, 2008.

⁹²⁹ WILD-WOOD, Emma. The making of an African Missionary Hero in the English Biographies of Apolo Kivebulaya (1923-1936). **Journal of Religion in Africa** 40 (2010), 273-306. Disponível em: brill.nl/jra . Acesso: fevereiro/2024. p.276

⁹³⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p. 14

⁹³¹ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.55

assunto a uma geração que não teve o privilégio que eu tive. Eu a “conheci” quando tinha meus 14 anos de idade.⁹³²

Essa declaração inicial configura um pacto biográfico com o leitor, em que a intenção pedagógica e edificante da obra fica em evidência. Elliot posiciona-se como uma biógrafa que escreve movida por fé e admiração. Como analisa Arfuch esse tipo de valorização orienta todo o processo narrativo, selecionando episódios e intensificando certos traços do personagem a fim de torná-lo exemplar.⁹³³ No caso de Carmichael, a escolha por destacá-la como um modelo de obediência, sacrifício e maternidade está intimamente ligada ao projeto de formação moral do público leitor evangélico, especialmente o feminino.

Elisabeth Elliot rememora seu primeiro contato com os escritos de Carmichael durante seu período como interna em um colégio na Flórida e declara o que biografada se tornou para ela:

[...] um modelo a ser seguido. Ela foi mais do que isso. Foi minha primeira mãe espiritual. Mostrou-me a forma da piedade. Por um tempo, eu suponho, pensei que ela devia ter sido perfeita, e isso foi bom, o suficiente para mim. Ao crescer, descobri que ela não podia ter sido perfeita, e isso foi ainda melhor, pois significavam que eu poderia talvez andar em suas pisadas.⁹³⁴

Nessa perspectiva, observa-se que a escrita de Elisabeth Elliot emerge tanto de uma admiração profunda quanto da possibilidade de identificação com a personagem retratada. Segundo Maria Helena Werneck, a admiração do biógrafo por seu objeto de escrita o leva a buscar uma aproximação com o corpo do biografado — seus gestos, sentimentos, intenções e caráter — pois é nesse corpo que se projetaria a verdade. “No entanto, no lugar do corpo, restam apenas as obras literárias deixadas pelo autor e os textos das mais diversas naturezas e procedências, através das quais se poderia construir um novo corpo, o que resgataria a dívida do admirador com o objeto admirado.”⁹³⁵

Em sua biografia de Amy Carmichael, Elisabeth Elliot valeu-se de extensa pesquisa, entrevistas, cartas e anotações, apresentando — conforme observa Nancy Cho — um retrato

⁹³² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.15

⁹³³ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.138-139

⁹³⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.15

⁹³⁵ WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado: Machado de Assis na escrita de biografias**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.p. 191-192

mais completo e crítico do que o oferecido por outras obras. Cho destaca que Elliot não apenas narra em detalhes a trajetória e o trabalho de Carmichael, celebrando suas conquistas, mas também incorpora suas falhas e contradições, evitando uma idealização simplista. Em contraste, outros biógrafos, incluindo os Benge, tendem a uma abordagem hagiográfica, preservando zelosamente a imagem de Carmichael como uma “rebelde e santa heroína da igreja moderna”.⁹³⁶

A relação de Elliot com sua biografada pode ser compreendida através do conceito de “escrita iconográfica”, proposto por Gerald Sittser. Professor de teologia e filosofia no Whitworth College, Sittser defende que as biografias missionárias devem ser lidas como se fossem ícones escritos. Ele estabelece um paralelo entre a forma de contemplação dos ícones e uma estrutura hermenêutica para a leitura dessas biografias. Enquanto os ícones manifestam os resultados da santidade - representando o santo já transformado pelo Espírito de Deus -, as biografias missionárias revelam o processo de transformação, mostrando como esses indivíduos se tornaram ícones. Segundo Sittser, o propósito fundamental dessas narrativas é despertar, iluminar, inspirar e desafiar os crentes a responderem ao chamado missionário.⁹³⁷

Nessa perspectiva, a biografia missionária assume o caráter de uma devoção escrita, assim como os ícones são obras de devoção visual. Ambos os meios transcendem a mera representação terrena: os ícones comunicam qualidades espirituais ao espectador, assim como as biografias missionárias transmitem a dimensão sagrada da vida de seus protagonistas.⁹³⁸

Sittser desenvolve essa analogia ao demonstrar como os biógrafos transformam missionários protestantes em ícones textuais da fé. Assim como na tradição iconográfica, onde a representação ultrapassa os atributos físicos para expressar qualidades espirituais, a biografia missionária privilegia a natureza espiritual sobre os meros dados biográficos. O paralelo se aprofunda: se os iconógrafos bizantinos estilizavam traços para evidenciar santidade, os biógrafos missionários enfatizam certos aspectos da vida de seus sujeitos, como suas práticas devocionais, correspondência espiritual e orientações teológicas, para comunicar essa mesma santidade.⁹³⁹

Esse padrão é particularmente evidente na abordagem de Elliot sobre Carmichael. Seu método biográfico seleciona meticulosamente elementos que reforçam a estatura espiritual da

⁹³⁶ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374. p.362

⁹³⁷ SITTSER, Gerald. Protestant Missionary Biography as Written Icon. **Christian Scholar's Review**.p.307

⁹³⁸ SITTSER, Gerald. Protestant Missionary Biography as Written Icon. **Christian Scholar's Review**.p.303-304

⁹³⁹ SITTSER, Gerald. Protestant Missionary Biography as Written Icon. **Christian Scholar's Review**.p. 304

missionária: citações bíblicas de suas cartas, registros de sua vida de oração, anotações marginais em sua Bíblia e trechos de seus escritos devocionais. Em contraste, os Benges adotam uma narrativa mais centrada na dimensão aventureira do trabalho missionário.

Contudo, esse processo de iconização textual implica uma espiritualização de realidade tangível. O missionário-biografado é elevado a um plano que simultaneamente o distancia do leitor comum e o convida à imitação. Como observa Sittser, a biografia espiritual enfatiza principalmente a imitação de Cristo através da obediência sacrificial, apresentando-a como paradigma normativo para a comunidade de fé.⁹⁴⁰

Segundo Sittser, as biografias missionárias são reconhecidamente romantizadas. Mesmo falhas e fracassos são retratados de modo a destacar o sacrifício, a coragem e a tenacidade dos missionários. Esses relatos funcionam para convencer, inspirar e recrutar leitores para uma vida de santidade e obediência ao chamado missionário.⁹⁴¹ Foi nesse contexto que Elisabeth Elliot encontrou inspiração nos livros de Amy Carmichael, sentindo-se atraída pelos ideais de autossacrifício. Ao escrever a biografia de Carmichael, Elliot, considerando o período histórico em que produzia a obra, afirmou que:

Lemos biografias para sairmos de nós mesmos e entrarmos na vida de outros, para entender o drama convulsivo que molda, motiva e emana dessa outra vida. Nosso vocabulário corrente inclui termos como identidade, modelo de conduta, autoimagem, autoatualização, emancipação, ascensão social e realização, preocupações que nunca passaram pela cabeça de Amy Carmichael.⁹⁴²

Elliot buscava conscientemente escrever uma história de exemplaridade: “A vida cristã resume a duas virtudes simples: confiança e obediência. O que isso significa exatamente? Poderíamos realizar um seminário e palestras sobre o assunto. Recursos visuais são melhores. Olhe para uma vida.”⁹⁴³ Essa declaração revela o cerne do projeto biográfico missionário: a exemplaridade como pedagogia espiritual.

O paralelo com a experiência de Elliot é revelador: assim como ela mesma seguiu o chamado missionário inspirada por Carmichael, esperava que sua biografia gerasse o mesmo efeito em seus leitores: “Ofereço o testemunho de uma mulher cuja resposta leal ao chamado

⁹⁴⁰ SITTSER, Gerald. Protestant Missionary Biography as Written Icon. *Christian Scholar's Review*.p.308

⁹⁴¹ SITTSER, Gerald. Protestant Missionary Biography as Written Icon. *Christian Scholar's Review*.p.309

⁹⁴² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.16-17

⁹⁴³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.17

de seu Senhor, ‘Vem e segue-me’, fez uma diferença incalculável em minha vida. Que este testemunho também faça uma diferença na vida de meus leitores!”⁹⁴⁴. Trata-se de uma cadeia de exemplaridade, onde cada geração de biógrafos apresenta modelos de conversão, entrega e sofrimento redentor.⁹⁴⁵ Nessa perspectiva, compreendemos como a biografia de Carmichael por Elliot não é somente a escrita de uma vida, mas um mapa de transformação espiritual. Cada episódio, selecionado e enfatizado com propósito pedagógico, ilustra o processo gradual de santificação: a rendição da vontade, o sacrifício pessoal e a obediência incondicional como marcas da vocação cristã.⁹⁴⁶

4.2. Infância de Amy Carmichael

Amy Beatrice Carmichael nasceu em 16 de dezembro de 1867, no litoral norte da Irlanda. Elisabeth Elliot inicia sua biografia explorando as raízes familiares e descrevendo a infância de Amy, ressaltando que, desde menina, ela era excelente observadora, simpática e ilimitada. A biógrafa retrata Amy como uma criança “arteira”.⁹⁴⁷ Como observa McColl, esse retrato segue um padrão recorrente nas biografias missionárias, particularmente nas narrativas sobre mulheres: a representação da protagonista como uma criança irrequieta, vivaz, muito difícil de controlar, muitas vezes travessa e ávida por aventura⁹⁴⁸, características que Elliot também atribui à jovem Amy.

No entanto, como destaca McColl, essa representação possui uma função redentora clara: depois que a personagem se torna missionária, ela é resgatada da possibilidade de ter ido por um caminho de males. Atender o chamado de Deus molda e enobrece o futuro dessa criança.⁹⁴⁹ De acordo com Craig, esse modelo narrativo corresponde a um padrão implícito que

⁹⁴⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.17

⁹⁴⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.17

⁹⁴⁶ SITTSE, Gerald. Protestant Missionary Biography as Written Icon. **Christian Scholar's Review**.p.319

⁹⁴⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p. 20-22

⁹⁴⁸ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 205

⁹⁴⁹ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 205

muitos autores de biografias missionárias se sentem compelidos a seguir: uma trajetória que parte da desordem da infância, que passa pela disciplina espiritual transformadora, para a redenção na vida adulta, por meio do serviço missionário.⁹⁵⁰

Elliot descreve que Amy nasceu em uma família bem estruturada, amorosa e pertencente à Igreja Presbiteriana. De classe média alta, seus pais eram proprietários de um moinho, possuíam uma boa casa e contavam com empregados. A família tinha acesso a livros, as crianças dispunham de brinquedos, e os pais se preocupavam em garantir uma educação de qualidade, inicialmente por meio de governantas particulares e, posteriormente, por meio de escolas e internatos. Amy foi criada segundo os princípios de um lar cristão, marcado pelo afeto, pela disciplina e pela paz, com leituras bíblicas frequentes e uma rotina de práticas devocionais. Elliot detalha em sua biografia as idas à igreja, os hinos entoados e os momentos de oração em família. Destaca ainda que, desde a infância, Amy demonstrava uma “extrema sensibilidade ao sofrimento dos outros.”.⁹⁵¹

Aos 12 anos, Amy foi enviada para um internato metodista wesleyano em Yorkshire na Inglaterra. Correspondendo um costume comum durante o período vitoriano, que era o envio de meninas da classe média para internatos, especialmente no início da adolescência, como parte da formação educacional e moral esperada para mulheres da época.⁹⁵² Elliot retrata esse período em um capítulo intitulado “A esperança da santidade”, descrevendo a adolescente como obstinada e rebelde. Um episódio emblemático narrado pela biógrafa ocorreu em 1882, quando Amy, aos 14 anos, desobedeceu à regra de permanecer em seus aposentos e acordou suas colegas para observarem a passagem de um cometa.⁹⁵³

A condução narrativa de Elliot não somente descreve, mas interpreta a infância e adolescência de Carmichael à luz de sua futura vocação missionária. Mesmo suas pequenas transgressões juvenis, são apresentadas como indícios da coragem, da empatia, da liderança e da determinação que mais tarde a caracterizariam em sua atuação missionária. Desse modo, a biógrafa constrói a infância de Amy como a chave interpretativa de seu caráter e de sua trajetória como heroína da fé, estabelecendo uma teleologia da santidade que organiza retrospectivamente sua narrativa de vida.

⁹⁵⁰ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.39

⁹⁵¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.24

⁹⁵² GORHAM, Deborah. **The Victorian Girl and the feminine ideal**. Nova York: Routledge, 2013.p.22

⁹⁵³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.30

O episódio do internato também é abordado por Geoff e Janet Benge, logo no segundo capítulo de sua biografia, após o capítulo de abertura em forma de flashback. Os autores utilizam a adolescência de Amy como ponto de retomada para uma narrativa linear de sua trajetória. Ao relatar o episódio em que Amy desobedece a ordem de não observar o cometa e organiza um grupo de colegas para vê-lo, os Benge destacam que “Amy era uma líder natural”.⁹⁵⁴

Amy foi advertida por ter quebrado as regras, e os Benge enfatizam a preocupação de Amy com as possíveis consequências, afirmando: “Seus pais ficariam decepcionados com ela; além disso, deveria dar exemplo para seus seis irmãos e irmãs mais jovens.”⁹⁵⁵ Como a narrativa construída pelos Benge se insere no modelo de história de aventura, os autores buscam enfatizar além do aspecto ousado e destemido da personagem, seu senso de responsabilidade moral. Assim, ao mesmo tempo em que destacam seu espírito de liderança e iniciativa, reforçam sua preocupação em ser um exemplo positivo para os mais jovens, alinhando-a ao ideal de heroína corajosa e virtuosa, e encaixam o perfil da protagonista no objetivo de formação moral da biografia missionária.

Quando Amy tinha cerca de 15 anos, sua família começou a enfrentar dificuldades financeiras, e ela e seus irmãos foram retirados do internato. Mudaram-se para Belfast, onde o pai de Amy abriu um moinho. Apesar das circunstâncias, ela continuou dedicando-se à música e à pintura em uma escola particular próxima de casa, além de assumir a educação dos irmãos em casa.

Aos 17 anos, Amy enfrentou a perda de seu pai. Elliot descreve esse momento como profundamente desestabilizador para a estrutura familiar, mas também como uma ocasião em que Amy se apegou ainda mais à fé. Segundo a biógrafa, diante da dor, Amy voltou-se ao serviço ao próximo, assumindo o papel de uma segunda mãe para seus irmãos mais novos. Elliot ainda ressalta que, ao contrário de muitas jovens de sua época, Amy fazia escolhas que fugiam aos padrões esperados para mulheres de classe média vitoriana: “As preocupações de moças de 17 anos – aparência, vestes, vida social – não mudam muito de geração a geração. Mas em cada geração parece haver umas poucas que fazem outras escolhas. Amy foi uma delas.”⁹⁵⁶

⁹⁵⁴ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.16

⁹⁵⁵ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.19

⁹⁵⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.33-34

Ao mesmo tempo em que compara gerações, Elliot constrói uma imagem dialética de sua biografada: enquanto Amy rompia com estereótipos femininos vitorianos ao desprezar preocupações com aparência, moda e vida social, ela simultaneamente encarnava valores centrais da moralidade da época, como abnegação familiar e devoção religiosa. A biógrafa sugere assim que a singularidade de Amy residia em filtrar os valores de seu tempo, rejeitando convenções frívolas, enquanto abraçava princípios mais profundos, principalmente o do autossacrifício.

De acordo com Deborah Gorham, as crianças vitorianas aprendiam desde cedo, baseados em histórias da Bíblia, uma moralidade centrada na autossacrifício e dever. A autora destaca que, no processo de inculcação da fé, as meninas recebiam ênfase particular no dever de autossacrifício, um peso consideravelmente maior do que o aplicado aos meninos.⁹⁵⁷ Gorham argumenta que, na cultura vitoriana, atribuía-se às filhas uma capacidade singular de oferecer ternura e espiritualidade distinta da esperada dos filhos.⁹⁵⁸

Na análise de Gorham, a religião funcionava como o principal mecanismo de transmissão de valores morais nas famílias de classe média vitorianas. Era, além disso, uma parte essencial da estrutura da vida familiar, aspecto claramente visível na biografia de Amy Carmichael. Os serviços religiosos dominicais, rituais com as orações familiares e as leituras da Bíblia, eram igualmente importantes, tanto para a manutenção da crença religiosa, como para o fortalecimento da solidariedade familiar.⁹⁵⁹ Nesse sentido, a família Carmichael, por exemplo, cultivava esses hábitos, o que forneceu a Amy uma base a sua formação religiosa e moral.

4.3. Uma jovem vitoriana chamada para a santidade

Segundo os relatos biógrafos, o chamado de Amy para viver uma vida de devoção religiosa ocorreu por volta dos 17 anos. Em um domingo pela manhã, ao retornar da igreja com seus irmãos, avistaram uma idosa carregando um pacote pesado. Prontamente, decidiram ajudá-la. Contudo, Amy sentiu-se envergonhada ao perceber que os fiéis que saíam do culto a viam

⁹⁵⁷ GORHAM, Deborah. *The Victorian Girl and the feminine ideal*. Nova York: Routledge, 2013.p.19

⁹⁵⁸ GORHAM, Deborah. *The Victorian Girl and the feminine ideal*. Nova York: Routledge, 2013.p.5

⁹⁵⁹ GORHAM, Deborah. *The Victorian Girl and the feminine ideal*. Nova York: Routledge, 2013.p.18-19

acompanhada de uma mulher de aparência humilde. Enquanto auxiliava a senhora, passaram por uma fonte vitoriana. Foi então que Amy ouviu claramente um versículo bíblico:

Ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha... manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um, o próprio fogo o provará. Se permanecer... (I Coríntios 3:12-14).
960

Ao virar-se para identificar quem proferira as palavras, não viu ninguém. Esse episódio, no entanto, tornou-se um marco decisivo em sua vida, interpretado como um chamado divino para dedicar-se inteiramente ao serviço do próximo.⁹⁶¹ A construção desse momento segue um padrão típico das narrativas de conversão e das biografias edificantes protestantes, em que episódios cotidianos são reinterpretados como manifestações divinas. Segundo Michel McClymond, a narrativa desses momentos são aspectos importantes nas biografias missionárias. Não só para os relatos biográficos, mas também para a pregação protestante em si, e até mesmo para a efervescência dos movimentos avivalistas.⁹⁶²

Sobre o chamado de Amy para servir ao próximo, os Benge observam que “Amy sempre foi gentil [...] também era bondosa com os animais, pois não suportava vê-los sofrer”⁹⁶³. Além disso, relatam episódios de sua infância em que ela auxiliava pessoas necessitadas, revelando desde tenra idade um espírito compassivo. Essas características são apresentadas de forma deliberada para estabelecer um contraste entre sua inata gentileza e a compaixão transformada que desenvolveria após sua vocação religiosa. Como os autores ressaltam: “Mesmo tão amável quanto Amy tinha sido no passado, havia algo diferente nela agora. Ela não seria gentil apenas por ser o certo a fazer. Ela seria gentil porque Deus lhe pedira para ser gentil com as pessoas amadas por ele.”⁹⁶⁴

⁹⁶⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.34

⁹⁶¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.35

⁹⁶² McCLYMOND, Michael J. Revival. In: THOMPSON, Andrew. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Volume II: The Long Eighteenth Century c. 1689-c.1828**. Oxford University Press Scholarship Online, 2018.p. 226

⁹⁶³ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.131

⁹⁶⁴ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.32

Essa mudança é apresentada como uma reorientação interior: suas virtudes inatas são ressignificadas por uma motivação divina, transformando uma ética humanitária em missão espiritual. Trata-se de uma formatação comum das biografias missionárias protestantes, onde os elementos do cotidiano ganham novo sentido sob a luz da consagração religiosa. A gentileza, nesse contexto, não é apenas uma qualidade moral, mas expressão da obediência ao amor divino.

Após a experiência de seu chamado, Amy Carmichael engajou-se ativamente em trabalhos missionários urbanos. Inicialmente, reunia crianças do bairro em sua própria casa para realizar reuniões de evangelização. Em seguida, associou-se à Missão Cidade de Belfast, passando a evangelizar jovens mulheres durante as noites de sábado, percorrendo as ruas da cidade. Paralelamente, junto com sua amiga Eleanor Montgomery, começou a lecionar para um grupo de meninos em uma escola noturna. Além disso, teve a iniciativa de criar um programa chamado Vigília da Manhã, com o objetivo de encorajar meninos e meninas a dedicarem um tempo diário à leitura da Bíblia e à oração.⁹⁶⁵

Os Benge detalham o trabalho de evangelização realizado por Amy nas noites de sábado, pelas ruas e favelas de Belfast, enfatizando os perigos inerentes a esse tipo de atividade, especialmente para uma jovem mulher da época. Contudo, Amy não atuava sozinha: ela havia sido convidada a participar da missão urbana pelo doutor Montgomery, pai de sua amiga e colaboradora Eleanor. Foi nesse período que ela conheceu as “xalis” citadas por Elliot e na versão dos Benge “capuzinhos”. Eram adolescentes e jovens mulheres que trabalhavam cerca de 12 horas por dia nas fábricas têxteis de Belfast. Devido aos salários extremamente baixos, não tinham condições de comprar chapéus considerados adequados para frequentar cultos ou circular pelos centros urbanos. Em vez disso, usavam xales sobre a cabeça, formando algo semelhante a um capuz, o que as tornava socialmente identificáveis e marginalizadas. Conhecendo essas mulheres, Amy sentiu-se motivada a iniciar um projeto específico de evangelização voltado a esse grupo social.⁹⁶⁶

Amy conseguiu autorização para organizar encontros dominicais com as “capuzinhos” no salão da Igreja Presbiteriana de Belfast, iniciativa que provocou desconforto entre parte dos fiéis. Muitos membros da congregação expressaram descontentamento ao verem as jovens

⁹⁶⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.35

⁹⁶⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.34-35

operárias, consideradas a “ralé de Belfast”, utilizando o espaço sagrado da igreja.⁹⁶⁷ Ao narrar esse episódio, os Benge enfatizam a determinação de Amy em prosseguir com um trabalho missionário que desafiava as barreiras sociais e confrontava diretamente as convenções estabelecidas tanto pela instituição eclesiástica quanto pela classe média vitoriana. Elliot, por sua vez, indica que “Amy era mais que disposta a assumir riscos pelo bem dos outros.” A biógrafa ainda revela que, mesmo em meio a todas as suas atividades e “trabalho zeloso”, Amy se questionava se deveria buscar viver uma vida mais santa, uma vida que ajudaria os outros.⁹⁶⁸

À medida que o trabalho de Amy crescia, tornou-se evidente a necessidade de um espaço maior, capaz de acomodar o número crescente de participantes, aproximadamente quinhentas pessoas. Diante dessa demanda, Elliot relata que Amy recorreu à oração como estratégia espiritual e prática para a obtenção de um novo prédio: “[...] Amy sabia como orar e ensinou as moças operárias a orar.”⁹⁶⁹ Ao destacar essa atitude, a biógrafa enfatiza a espiritualidade ativa e devocional da personagem, marcada pela confiança na providência divina, apresentando-a como um modelo de fé ativa e a oração como um instrumento de mobilização espiritual.

A solução para obter um novo prédio surgiu durante uma atividade que, segundo Elliot, representava um dos deveres mais tediosos e frustrantes para uma jovem da época:

[...] Amy cumpriu um dos mais odiosos deveres de uma moça de seu tempo, ‘retornar chamados’ com sua mãe. Isso significava ficarem sentadas em salas de estar com uma xícara de chá e um pedaço de bolo equilibrado precariamente sobre o pires, tentando ser educadas enquanto não podia deixar de pensar em maneira melhores de empregar seu tempo.⁹⁷⁰

Os Benge também abordam essa situação com ênfase semelhante:

Como filha mais velha, Amy nem sempre podia escapar dos deveres da vida na sociedade vitoriana. Uma coisa que Amy não conseguia evitar era o dever de ‘retornar visitas’ com sua mãe. [...] Amy odiava retornar visitas; elas eram sempre iguais.[...] A conversa era muito entediante, e combinada com o hábito de ter que se sentar ereta em uma cadeira desconfortável enquanto equilibrava uma xícara de chá no colo por uma hora ou mais, fazia com que Amy achasse as visitas completamente enfadonhas, além de um grande desperdício de tempo. Ainda assim, era seu dever acompanhar a mãe.”⁹⁷¹

⁹⁶⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.36

⁹⁶⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.35-36

⁹⁶⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.48

⁹⁷⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.48

⁹⁷¹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.42-43

Ambos os relatos ressaltam o contraste entre os papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres da classe média vitoriana e o impulso missionário de Amy, evidenciando sua inquietação diante das convenções de gênero e sua busca por um propósito mais elevado. Embora o costume de retornar visitas a exasperasse, foi justamente durante uma dessas visitas que Amy encontrou a o patrocínio necessário para viabilizar a construção do novo salão. Além disso, ela negociou a compra de um terreno para a construção do prédio. Ao narrar o êxito dessa conquista, tanto a aquisição do terreno quanto a edificação do espaço dedicado à missão urbana, os biógrafos ressaltam a habilidade de Amy em negociação, arrecadação e iniciativa, e enfatizam como sua obra avançava sob o que ela considerava “providência divina”. Nesse ponto, a biografia articula agência feminina e dependência espiritual, compondo uma imagem de Amy como mulher de ação e de oração.

Amy nomeou a nova organização como “O Moinho e a Fábrica do Segmento de Moças da Associação Cristã de Mulheres Jovens”, mas a apelidou de “Bem-Vindo”.⁹⁷² O projeto era voltado exclusivamente para jovens mulheres operárias: “O principal era que as capuzinhos tivessem um lugar que pudessem chamar de seu. Ali era o lugar onde as capuzinhos podiam ouvir a mensagem do evangelho, se encontrar com outras mulheres cristãs, encorajar-se mutuamente e aprender coisas novas.”⁹⁷³ O “Bem-Vindo” oferecia atividades diárias, exceto aos sábados, incluindo: escola bíblica, reuniões de oração, canto, alfabetização, encontro de mães e moças, clube de costura e reuniões de evangelismo. Seus biógrafos demonstram como o trabalho de Carmichael, desde o início de sua carreira evangelística, tinha características que uniam zelo missionário e ação social.

Os relatos biográficos convergem em destacar a humildade de Amy Carmichael durante a inauguração do salão do projeto que ela liderara. Elliot registra: “Ela mesmo (“Ninguém”) sentou-se, naquela noite, não na plataforma, como se esperava do principal impulsionador do empreendimento, mas no meio do auditório.”⁹⁷⁴ Os Benge destacam essa característica de seu caráter, observando: “Como de costume, ela não queria os holofotes sobre si, mas sobre o que Deus havia feito.”⁹⁷⁵. Ambos os relatos reforçam a construção de uma figura missionária que

⁹⁷² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.49

⁹⁷³ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.45

⁹⁷⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.49

⁹⁷⁵ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.45

recusa o protagonismo pessoal e redireciona toda a glória à ação divina, e fortalece a imagem de Amy como uma heroína da fé marcada pela abnegação, simplicidade e profundo senso de serviço.

Figura – 33 - Amy Carmichael



Fonte: Amy Carmichael - India's Amma Disponível em: <https://bc4gc.org/blog/2024/03/22/amy-carmichael-india-s-amma> Acesso em: julho/2025.

O período em que Amy Carmichael desenvolvia seu trabalho com as “capuzinhos” coincidiu com o crescimento das missões domésticas na Grã-Bretanha vitoriana. Como observa Prevost, essas missões ampliavam a visibilidade pública das mulheres, e funcionavam como requisito para que assumissem maiores responsabilidades no âmbito social e filantrópico.⁹⁷⁶ Gleadle analisa essa tendência histórica, identificando nesse contexto vitoriano, um movimento marcado por dois fatores complementares: por um lado, o impulso religioso da mensagem cristã; por outro, a convicção de que a classe média tinha o dever moral de promover a reforma social, o que se traduziu em um renovado empenho no auxílio aos pobres.⁹⁷⁷ As missões

⁹⁷⁶ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3.** Boston: BRILL, 2021.p.1102

⁹⁷⁷ GLEADLE, Kathryn. **British Women in the Nineteenth Century.** Palgrave: Nova York, 2001.p. 68

urbanas, nesse contexto, tornaram-se instrumentos de evangelização, e espaços de mobilização moral e política, especialmente para as mulheres, cuja atuação ganhava legitimidade e autoridade.

Conforme argumenta Sean Gill, a maioria das mulheres missionárias teve sua primeira experiência de serviço filantrópico entre os pobres na Inglaterra. O trabalho junto às classes mais baixas nas cidades vitorianas evocava imagens marcantes de sujeira, desordem e escuridão moral, que eram ao mesmo tempo um desafio à compaixão e uma ameaça à inocência sexual das mulheres cristãs.⁹⁷⁸

Myrtle Hill acrescenta uma camada importante a essa análise, destacando que a “linguagem do resgate” era familiar às jovens de classe média irlandesas, tanto através das campanhas de temperança quanto das atividades de proselitismo religioso.⁹⁷⁹ Essa retórica salvacionista além de permear as biografias de Amy Carmichael escritas por Elliot e os Benge, constitui parte fundamental da construção da identidade missionária de Amy Carmichael. Sua atuação entre as capuzinhos e, posteriormente, com meninas resgatadas do templo na Índia, é narrada a partir dessa linguagem simbólica do “resgate”, em que a missionária se posiciona como agente de salvação em contextos de abandono, risco e impureza, que reafirma tanto seu chamado quanto sua santidade.

4.4. Keswick e o chamado inescapável

Em setembro de 1886, Amy Carmichael visitou amigos na Escócia, ocasião em que participou de reuniões nos moldes de Keswick. Tanto Elliot quanto os Benge, destacam a importância dessas reuniões na formação espiritual/religiosa de Amy. O movimento de Keswick, originário da cidade homônima na Inglaterra, caracterizava-se por grandes encontros avivalistas realizados sob tendas. A partir de 1874, essas reuniões passaram a ser replicadas por todo o território britânico, tornando-se conhecidas como “Convenções de Keswick”.

⁹⁷⁸ GILL, Sean. *Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography*. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.181

⁹⁷⁹ HILL, Myrtle. *Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations*. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.182

Elliot detalha diversas ocasiões em que Amy participou desse tipo de encontro, atribuindo a eles momentos cruciais de renovação interior e consagração pessoal. Para a biógrafa, as experiências vividas por Amy nesses ambientes de reavivamento espiritual foram determinantes para a radicalização de sua entrega a Deus e para o fortalecimento de seu senso de chamado missionário. Assim, Keswick representa não apenas um lugar geográfico ou um movimento religioso, mas uma matriz religiosa que moldou a teologia, a prática e a identidade missionária de Carmichael.

As visões teológicas de Amy foram fortemente influenciadas pela teologia da Convenção de Keswick, uma das principais expressões do Movimento de Santidade na Grã-Bretanha nas últimas décadas do século XIX. Esse movimento enfatizava que os cristãos deviam viver uma “segunda experiência” após a conversão, entendida que deveriam viver em um plano mais elevado da vida cristã, que era a santidade.⁹⁸⁰ Esse ideal de santidade cristã mais elevado também envolvia plena submissão a Deus e disposição para autossacrifício, elementos recorrentes na construção biográfica de Amy, especialmente na narrativa de Elisabeth Elliot.

Em 1887, Hudson Taylor, fundador da Missão para o Interior da China, visitou Belfast. Seus discursos, com ênfase em números e argumentos de que havia inúmeras pessoas em “trevas espirituais” levou Amy a refletir sobre missões estrangeiras.⁹⁸¹ A quantificação de “almas perdidas”, é um elemento marcante em biografias missionárias, refletindo práticas da pregação missionária principalmente do século XIX, funcionando como estratégia de comoção e convocação para o trabalho missionário.

Esse padrão está presente na biografia de Amy, principalmente na escrita de Elliot, que apresenta mais detalhes das leituras, escritas e reflexões espirituais da personagem: “Em reuniões patrocinadas por Keswick, ele (Hudson Taylor) disse que, toda hora, quatro mil pessoas ‘passam pelos portais da morte para as trevas onde não há Salvador, nem esperança.’”. Segundo Elliot, essa declaração impactou profundamente Amy, despertando nela uma intensa comoção e um senso de urgência missionária.⁹⁸²

De acordo com Martin Petzke, as práticas de quantificação, impulsionaram uma dinâmica particular de evangelização e proselitismo no meio missionário protestante no século XIX, que se estendeu para o século seguinte. A apresentação da quantidade de “almas perdidas”

⁹⁸⁰ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374. p.354

⁹⁸¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.44

⁹⁸² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.44

na África, China ou Índia, era comumente utilizada por alguns pregadores para mostrar a necessidade de missionários no campo de evangelização. A quantificação de “pagãos” pelo mundo era projetada para chocar, impressionar, e gerar senso de responsabilidade entre os cristãos. Assim como era fator integral à sustentação das missões estrangeiras, argumentos numéricos eram rotineiramente empregados em exortações para continuar ou revigorar o esforço missionário.⁹⁸³

No caso de Amy Carmichael, esse tipo de discurso operou como um catalisador para o despertar de consciência vocacional e para sua mobilização em direção ao campo missionário. Através das pregações e quantificações de Hudson Taylor, ela começou a se preocupar com o evangelismo de mulheres no campo missionário. Elliot aponta que Amy expressou essa inquietação em um texto publicado em uma revista familiar que escrevia com seus parentes, intitulada *Scraps*. Nesse texto, ela clama: “Ouçam! Ouçam, irmãs inglesas, Ouçam o apelo de uma irmã indiana – lamentos dolorosos, males de trevas expondo, Profundezas de infelicidade humana revelando [...]”⁹⁸⁴. Esse trecho evidencia o início de uma sensibilidade missionária voltada ao sofrimento de mulheres em terras distantes, particularmente na Índia.

A relação entre o ideal de santidade de Keswick⁹⁸⁵ e missões é estabelecida na narrativa de Elliot como base para sua vocação missionária:

Santidade era a grande ênfase de Keswick. [...] O que Keswick defendia, isto Amy Carmichael defendia. Os grandes princípios enunciados na tenda descreviam precisamente aquilo pelo qual ela mais anelava e foi escoado em seus escritos pelo resto de sua vida. Antes da convenção, ela havia ponderado sobre a angustiante pergunta do destino daqueles que nunca ouviram falar de Jesus Cristo. Foi como se ela ouvisse ‘o clamor dos pagãos’ e não pudesse descansar, porque não podia ficar alegremente em seu país e não fazer nada por eles.⁹⁸⁶

⁹⁸³ PETZKE, Martin. The Global ‘Bookkeeping’ of Souls: Quantification and Nineteenth – Century Evangelical Missions. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorotya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.I**. Boston: BRILL, 2022.p.188-211

⁹⁸⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.44

⁹⁸⁵ WILLIAMS, Peter. ‘The Missing Link’: The Recruitment of Women Missionaries in some English Evangelical Missionary Societies in the Nineteenth Century. In: BOWIE, Fiona; KIRKWOOD, Deborah; ARDENER, Shirley (eds). **Women and missions: past and present: anthropological and historical perception**. Rhode Island: Berg Publishers, 1993.p.54

⁹⁸⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.56-57

Esse trecho ilustra a internalização do ideal missionário por Amy Carmichael, e reforça a influência da espiritualidade de Keswick na consolidação de seu modo de vida religioso. Os princípios de santidade, entendidos como consagração total, entrega ao serviço e renúncia pessoal, atravessam sua biografia como elementos de construção de sua identidade missionária. Elliot constrói, assim, uma narrativa em que o chamado missionário de Amy emerge como resposta à experiência espiritual vivida nas convenções, onde a consagração pessoal desemboca necessariamente no engajamento transcultural.

Segundo Wild-Wood, as convenções de Keswick funcionavam como uma arena onde eram formadas as percepções dominantes dos missionários. As reuniões eram um ponto de encontro para os cristãos evangélicos, que faziam parte da tradição mais ampla de santidade que emergiu primeiro dentro do Metodismo e foi influenciada pela piedade Quaker e pela sensibilidade moral e emocional do Romantismo do século XIX. O impacto dessas convenções influenciou gerações de evangélicos que foram mobilizadas para o trabalho missionário, impulsionadas pelos relatos de campo apresentados por missionários experientes. A pluralidade denominacional era uma marca distintiva desses eventos, que congregavam participantes de diversas tradições protestantes, unidos por uma ênfase comum na santidade e no evangelismo transcultural.⁹⁸⁷

Wild-Wood aponta que, a simbiose entre o movimento missionário britânico e a Santidade de Keswick manifesta-se na ênfase em um ecumenismo pragmático e em uma “religião do coração”, centrada na experiência pessoal de consagração e no cultivo de uma vida interior intensa.⁹⁸⁸ Essa perspectiva, para além de influenciar a formação vocacional de missionários, influenciou modos de narrar suas trajetórias.

No caso da biografia de Carmichael escrita por Elliot, observa-se a combinação entre a religiosidade de Keswick e o gênero narrativo de aventura de viagem, característico dos relatos missionários, o que também se reflete na recontagem da história pelos Benge. Essa fusão influencia tanto os eventos da vida de Amy que a biógrafa escolhe destacar ou silenciar, quanto a forma como organiza e articula os episódios para tecer a trama narrativa. A influência de Keswick, nesse contexto, cristianiza a narrativa de aventura biográfica missionária, ressignificando os elementos do gênero de viagem, subordinando-os a uma perspectiva

⁹⁸⁷ WILD-WOOD, Emma. The making of an African Missionary Hero in the English Biographies of Apolo Kivebulaya (1923-1936). *Journal of Religion in Africa* 40 (2010), 273-306. Disponível em: brill.nl/jra Acesso: fevereiro/2024. p.278-279

⁹⁸⁸ WILD-WOOD, Emma. The making of an African Missionary Hero in the English Biographies of Apolo Kivebulaya (1923-1936). *Journal of Religion in Africa* 40 (2010), 273-306. Disponível em: brill.nl/jra Acesso: fevereiro/2024. p.279

religiosa. A aventura deixa, assim, de ser apenas relato de expedições exóticas para tornar-se uma jornada de santificação, renúncia e entrega à vontade de Deus.

O relato biográfico escrito por Elliot destaca como Amy recorria constantemente a passagens bíblicas para orientar suas decisões, inclusive em aspectos práticos relacionados à organização de seu trabalho missionário. Além disso, Elliot mostra que Amy também adotava a linguagem dos números para sensibilizar o público e angariar apoio financeiro para o desenvolvimento de suas atividades. Sua narrativa biográfica é permeada por excertos das próprias produções de Amy, incluindo textos publicados na revista *Scraps*, que ela escrevia com sua família, trechos de seus diários, anotações em folhetos e, posteriormente, passagens de seus livros. Elliot valoriza essas fontes como testemunhos íntimos e espirituais da trajetória de Amy: “Esses princípios, descobertos quando Amy estava sozinha com sua Bíblia e seu Deus, escritos apenas para o pequeno círculo de leitores da *Scraps*, nunca foram deixados de lado. Anos mais tarde, a sua influência foi sentida por milhões.”⁹⁸⁹ Com isso, a biógrafa busca conferir autenticidade à narrativa, e construir uma continuidade entre a interioridade espiritual da personagem e o alcance público de sua escrita.

O capítulo 5 da biografia escrita por Elliot, intitulado “O chamado inescapável”, relata como Carmichael se sentiu impelida candidatar-se às missões transculturais. Em 1889, ela foi convidada a ir para Manchester, na Inglaterra, com o objetivo de iniciar um projeto semelhante ao “Bem-Vindo”, ou seja, desenvolver um ministério entre os trabalhadores de uma fábrica. Amy entregou a diretoria do projeto em Belfast a uma amiga e seguiu para a Manchester, onde passou a viver em uma área de favela. Ali, convivia de perto com a classe trabalhadora, e com uma vizinhança não muito segura.

Os Benge escrevem: “Amy queria viver lá. Ela sempre dizia às capuzinhos que elas podiam encontrar paz e alegria na vida; assim ela precisava saber por si mesma se era possível viver uma vida cristã feliz em meio às dificuldades e miséria.”⁹⁹⁰ A imagem construída pelos autores apresenta Carmichael como alguém disposta a renunciar ao próprio conforto e abraçar, com humildade, as realidades mais duras da pobreza. Essa representação transmite ao leitor a ideia de abnegação e empatia, ao mesmo tempo em que incorpora, ainda que sutilmente, elementos típicos da literatura de autoajuda, como superação pessoal e alegria em meio às adversidades.

⁹⁸⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.53

⁹⁹⁰ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.51

Sobre esse mesmo período da vida de Amy, Elliot comenta: “Foi um bom treinamento missionário. Se alguém se prepara para assaltar os bastiões do paganismo, não recuará diante de bichos rastejantes.”⁹⁹¹ A declaração reforça a ideia de que a vivência em contextos adversos não apenas testava sua fé, mas também a preparava para os desafios do campo missionário transcultural.

Em Manchester, Carmichael dedicava-se ao trabalho entre jovens operárias, conduzindo estudos bíblicos e reuniões de oração. No entanto, em 1890, problemas de saúde forçaram-na a interromper temporariamente suas atividades. Durante o período de recuperação, passou a residir na fazenda de Robert Wilson, um amigo da família que desenvolveu uma relação paternal com Amy. Wilson era um rico proprietário de minas de carvão e havia conhecido a família Carmichael pela primeira vez em 1887, quando chegara a Belfast acompanhado de Hudson Taylor para dirigir uma reunião Keswick. Desde então, impressionado pelo trabalho missionário urbano de Amy com as moças operárias, tornara-se seu apoiador e mentor espiritual.⁹⁹²

Robert Wilson residia em uma casa de campo no distrito de Lagos, na Inglaterra, e convidou Amy para recuperar sua saúde em sua propriedade. À medida que sua saúde se restabelecia, ela passou a auxiliar na organização dirigida por Wilson, que, naquele período, atuava como presidente da Convenção Keswick. Segundo Wild-Wood, estabelecer vínculos entre a personagem e figuras influentes ou instituições renomadas contribui para reforçar a continuidade e legitimidade da vocação missionária.⁹⁹³ Os Benge mencionam, por exemplo, que missionários como Hudson Taylor e George Müller, ocasionalmente visitavam Robert Wilson: “Esses homens tinham muitas histórias incríveis para contar como Deus mudava a vida das pessoas.”.⁹⁹⁴

Como resultado do convívio com Robert Wilson, que se tornara amigo próximo da família Carmichael e solicitara à mãe de Amy permissão para considerá-la como uma filha, Amy passou a ser influenciada também por tradições quaker e anglicanas. Elisabeth Elliot relata que essa nova etapa de sua vida, marcada pela convivência com uma segunda família e com um

⁹⁹¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.56

⁹⁹² BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.52

⁹⁹³ WILD-WOOD, Emma. The making of an African Missionary Hero in the English Biographies of Apolo Kivebulaya (1923-1936). **Journal of Religion in Africa** 40 (2010), 273-306. Disponível em: brill.nl/jra Acesso: fevereiro/2024 p.281

⁹⁹⁴ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.54

dos líderes da Convenção de Keswick, “[...] levou a uma nova e importante fase de seu treinamento missionário.”⁹⁹⁵

Mesmo morando na casa do senhor Wilson, Amy continuava engajada em atividades com mulheres jovens e crianças, e participava ativamente das reuniões da igreja que frequentavam, colaborando inclusive como palestrante. Em 1890, publicou um artigo em um periódico de missões relatando a história de uma jovem “capuzinho”, convertida por meio de seu trabalho no projeto “Bem-Vindo”.⁹⁹⁶ Elisabeth Elliot destaca que Amy era “[...] imensamente popular com as crianças que vinham à reunião [...]”⁹⁹⁷, sugerindo que sua capacidade de estabelecer vínculos com o público infantil antecedia sua atuação missionária transcultural.

O seu chamado missionário aconteceu, a partir de uma reflexão sobre a pregação de anos atrás de Hudson Taylor. Kommers ressalta que o chamado para o trabalho missionário muitas vezes acontecia em momentos de escuta silenciosa, como no caso de Lillias Trotter⁹⁹⁸ e Amy Carmichael.⁹⁹⁹ É no formato de escuta silenciosa que os Benge apresentam o chamado missionário de Amy:

Então, um dia, de forma inesperada, algo que ela ouvira vários anos antes lhe veio à mente de forma estranha. Hudson Taylor, da China Inland Mission, fora o palestrante na primeira reunião Keswick em Belfast, e Amy o foi ouvir falar. Durante a reunião, Taylor contou ao público sobre os 4 mil chineses que morriam a cada hora sem nunca ter ouvido a mensagem do evangelho. [...] uma tarde, cinco anos depois, na granja, quando se viu pensando na mensagem de Hudson Taylor. Na verdade, ela não conseguia tirar o pensamento da mente, e ela não sabia o que fazer o com ele. No início de janeiro de 1892, ela decidiu passar algum tempo em oração a respeito do assunto. Ela estava orando fazia apenas alguns minutos quando o cabelo na parte de trás de seu pescoço se arrepiou. Ela abriu os olhos e olhou em volta. Da mesma forma que ouviu junto à fonte naquele dia em Belfast, ela acabara de escutar uma voz dizer: “Ide” Amy sabia que esta era primeira palavra de um versículo na Bíblia. Ela conhecia o versículo de cor: “Ide por todo mundo e pregai o evangelho.”¹⁰⁰⁰

⁹⁹⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.58

⁹⁹⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.59

⁹⁹⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.59

⁹⁹⁸ Sobre Lillias Trotter sugere-se ver: SILVA, Joice Viviane. O uso de biografias de mulheres missionárias na revista graça/show da fé. **Anais do LERR**. X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo Contemporâneo. UEL. <https://anais.uel.br/portal/index.php/lerr> . Acesso em: julho/2025. No Brasil, a biografia de Trotter foi publicada pela Editora Fiel em 2010, em uma coletânea de biografias de femininas chamada “Mulheres fiéis e seu Deus Maravilhoso” escrito por Noël Piper.

⁹⁹⁹ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In **die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p. 5

¹⁰⁰⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.56

No entanto, tal chamado não foi recebido sem hesitações. Amy enfrentava dilemas afetivos e práticos, sobretudo quanto à possibilidade de abandonar o senhor Wilson, a quem devotava cuidados e companhia. Amy esperava permanecer ao seu lado até a morte, desempenhando um papel de assistente e de presença filial.¹⁰⁰¹

Elliot descreve que Amy passou a encarar as dificuldades que enfrentaria a partir de sua decisão de partir para o campo missionário, ao mesmo tempo em que pensava sobre:

[...]“aqueles que morrem nas trevas, 50 mil deles por dia”, sobre seu próprio anseio de lhes falar de Jesus e sobre suas apreensões, por causa das reivindicações do lar, e sobre como, apenas alguns dias antes, havia escrito para si mesma as razões por que não deveria ir: a necessidade de sua mãe por ela, bem como a necessidade de seu “segundo pai”, a possibilidade de que, por ficar, pudesse facilitar a ida de outros, sua saúde frágil.¹⁰⁰²

Os Benges também mencionam a dificuldade de Amy em tomar a decisão de partir e deixar as pessoas que dependiam dela, embora o façam de forma mais sucinta. Elliot, por outro lado, dedica maior atenção a esse momento de conflito interior, destacando como Amy buscou orientação espiritual na Bíblia, encontrando respostas em passagens bíblicas¹⁰⁰³ que tratam de renúncia de si mesmo, e dos vínculos familiares e da obediência por amor ao Evangelho.¹⁰⁰⁴ A biógrafa interpreta essa atitude como um gesto de coragem, enfatizando a disposição da personagem em renunciar ao conforto do lar e da segurança afetiva para seguir o chamado missionário.¹⁰⁰⁵

Amy enfrentou algumas resistências em relação à sua decisão de seguir para o campo missionário. Entre elas, estavam os filhos do senhor Wilson, que desejavam que ela permanecesse cuidando do pai idoso, algumas lideranças da Convenção Keswick, além de suas tias maternas. Ainda assim, contou com o apoio de sua mãe, que aprovou sua escolha vocacional, e também do próprio senhor Wilson, que enviou cartas de recomendação à Sociedade Missionária Zenana em favor de Amy. Como observa Semple, era comum, nesse

¹⁰⁰¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.59

¹⁰⁰² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.61

¹⁰⁰³ Mateus 16.24-25; Mateus 10.37; I Samuel 15.22 – Bíblia Sagrada

¹⁰⁰⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.62

¹⁰⁰⁵ GRIMSHAW, Patricia. Faith, Missionary Life, and the Family. In: LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004.p.266

período, que homens — pais, irmãos ou outros parentes do sexo masculino — escrevessem cartas endossando e legitimando a candidatura de mulheres à atuação missionária, conferindo-lhes respaldo público e institucional.¹⁰⁰⁶ Eliza Kent observa que a decisão de Carmichael escandalizou aqueles que esperavam que ela permanecesse na Inglaterra para cuidar do senhor Wilson.¹⁰⁰⁷ Era comum, entre as candidatas às missões, o adiamento da vocação por conta de obrigações familiares, como cuidar de um progenitor enfermo, avós, tias ou mesmo assumir a criação de irmãos órfãos.¹⁰⁰⁸

A princípio, Amy se candidatou à Sociedade Missionária Zenana da Igreja da Inglaterra com o objetivo de servir na China, mas seus planos não se concretizaram. Em julho de 1892, durante a Convenção de Keswick daquele ano, ela foi escolhida como a missionária a ser patrocinada em campo pelo fundo missionário da própria Convenção. No mês seguinte, decidiu submeter sua candidatura à Missão para o Interior da China, liderada por Hudson Taylor. No entanto, o médico responsável pela avaliação física recusou-se a aprová-la para o serviço. Segundo o relato biográfico dos Benge, “o médico que lhe fizera um exame físico antes de partir para a China não gostou do que viu. Na opinião dele, não havia como Amy enfrentar as doenças a que ela seria exposta na China.”¹⁰⁰⁹

Essa recusa à candidatura de Carmichael insere-se em um contexto mais amplo. As questões de saúde desempenhavam um papel central no processo de recrutamento de missionários estrangeiros, especialmente no caso das mulheres solteiras. Singh observa que as sociedades missionárias demonstravam grande cautela em investir em suas candidatas, enfatizando que elas deveriam ser saudáveis e “capazes” para suportar os muitos desafios que as aguardavam nas chamadas “terras pagãs”, incluindo adversidades climáticas, emocionais e culturais.¹⁰¹⁰

De acordo com Rhonda Semple, as sociedades missionárias analisavam criteriosamente a idade e a saúde das candidatas, aspectos frequentemente citados como motivos para a não aceitação de mulheres nos quadros missionários. Essa preocupação se devia às altas taxas de

¹⁰⁰⁶ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910.** King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p. 52-56

¹⁰⁰⁷ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India.** New York: Oxford University Press, 2004.p.104

¹⁰⁰⁸ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910.** King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p.51

¹⁰⁰⁹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas.** Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.59

¹⁰¹⁰ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s).** New York: Routledge, 2000.p.212

doença e mortalidade entre os missionários no campo. No final do século XIX, tornou-se comum a exigência de um atestado médico acompanhado de um parecer interpretativo, no qual o profissional avaliava se o candidato seria capaz de atuar em regiões com condições climáticas extremas.¹⁰¹¹ Semple observa ainda que, no caso das mulheres, os comitês de seleção baseavam suas decisões em noções de respeitabilidade ancoradas em pressupostos compartilhados sobre saúde e boa forma física, aparência considerada adequada, formação educacional completa e respeitável religiosidade.¹⁰¹²

No final do século XIX e início do XX, o processo de recrutamento de missionários tornou-se mais estruturado, envolvendo treinamento e uma seleção cada vez mais criteriosa. Segundo Maina Singh, o recrutamento de mulheres, especialmente pelas sociedades missionárias femininas estrangeiras, passou a se basear em qualificações específicas que levantam questões fundamentais sobre gênero e profissionalização. Para além do seu zelo pela “obra de Cristo”, atributos como a robustez física e a sua capacidade de suportar os desafios do trabalho missionário no exterior tornaram-se exigências centrais. A implicação de que seria necessária uma constituição mais forte para as “terras pagãs”, do que seria necessária no país, ecoou os discursos coloniais sobre os “riscos” de viver nos trópicos.¹⁰¹³

Conforme Rhonda Semple, a saúde não era a única qualidade pela qual os candidatos eram avaliados. Havia uma valorização evidente das marcas de respeitabilidade associadas à classe média, que, por vezes, se sobrepunham à formação educacional, ao engajamento voluntário, à experiência de trabalho e até mesmo a uma declaração sólida de fé. Comentários ocasionais sobre tom de pele, sotaque e etiqueta à mesa revelam como essas dimensões simbólicas influenciavam os processos seletivos.¹⁰¹⁴ Semple também destaca que o recrutamento de mulheres seguia critérios distintos dos aplicados aos homens: enquanto os candidatos masculinos podiam vir de origens sociais mais variadas, as mulheres eram avaliadas a partir de sua origem familiar e posição social, consideradas informações essenciais para sua aceitação como missionárias. O ideal feminino projetado pelas sociedades missionárias

¹⁰¹¹ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p. 39-40

¹⁰¹² SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p.48

¹⁰¹³ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.212

¹⁰¹⁴ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p. 43

combinava os atributos da jovem cristã devotada: boa saúde e constituição física, sinceridade e zelo, aptidão para o ensino, inteligência, desejo de fazer o bem e, sobretudo, obediência, uma qualidade vista como fundamental para a submissão à hierarquia institucional missionária.¹⁰¹⁵

Após ser recusada pela Missão para o Interior da China, Amy retornou a Broughton Grange e retomou suas atividades como assistente do senhor Wilson. No entanto, em janeiro de 1893, surgiu a ideia de seguir para o Japão como missionária. “Ela estivera orando e esperando por meses [...]”¹⁰¹⁶, destaca Elliot. Por meio dos contatos do senhor Wilson com um grupo evangelístico vinculado à Sociedade Missionária da Igreja, que atuava no Japão, foi enviada uma consulta sobre a possibilidade de integrar Amy à equipe, e ela foi aceita. Assim, em 3 de março de 1893, Amy embarcou rumo ao Japão, acompanhando um grupo de mulheres da Missão para o Interior da China que viajaria por Xangai.

Os Benge interpretam essa decisão como um indicativo do caráter resolutivo de Amy, destacando sua persistência em alcançar o campo missionário, mesmo que o destino não fosse o originalmente desejado.¹⁰¹⁷ A narrativa reforça, assim, um dos elementos recorrentes na construção de biografias heroicas: a superação de obstáculos e a fidelidade ao “chamado”, atributos importantes na representação de missionários como modelos de fé, coragem e sacrifício.

As dinâmicas percebidas nas biografias de Amy Carmichael quanto ao seu processo de inserção no trabalho missionário como uma mulher solteira, se inserem em um contexto mais amplo e compartilhado por outras mulheres solteiras em condições semelhantes que se candidatavam ao campo missionário. Segundo Myrtle Hill, Belfast a região onde Amy morava na adolescência, era uma região com diversas congregações que dedicavam parte de sua renda anual para o treinamento e patrocínio de missionárias. A partir da segunda metade do século XIX, houve um aumento significativo no nível educacional das mulheres solteiras na Irlanda, especialmente entre aquelas pertencentes à classe média. Já no início do século XX, esse novo cenário educacional ampliou as possibilidades de atuação das mulheres, ao mesmo tempo em que o trabalho missionário passou a ser visto como uma alternativa de vida plena e significativa para mulheres de classe média, em um contexto no qual as oportunidades de casamento estavam em declínio. O serviço missionário, portanto, surgia como uma via de reconhecimento social e

¹⁰¹⁵ SEMPLÉ, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000. p.66

¹⁰¹⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.71

¹⁰¹⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.62

religioso, oferecendo às mulheres um papel ativo e respeitável dentro e fora das fronteiras nacionais.¹⁰¹⁸

Conforme Myrtle Hill, a grande maioria das missionárias irlandesas era composta por mulheres solteiras, com idades entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos, provenientes da classe média, geralmente filhas de ministros, médicos ou homens de negócios. A autora argumenta que a ‘domesticidade devocional’ da vida familiar vitoriana de classe média foi um fator que contribuiu para inculcar nas jovens um senso de dever, missão e propósito que caracterizava a candidata a missionária.¹⁰¹⁹

Para muitas jovens na Irlanda do final do século XIX e início do século XX, uma combinação de influências religiosas, culturais e educacionais, somada à força de personalidade e à escassez de perspectivas de realização na esfera doméstica, tornava o trabalho missionário uma opção atraente e viável. Essa atividade lhes permitia permanecer dentro dos limites das normas sociais de feminilidade, ao mesmo tempo em que ampliava essas fronteiras, oferecendo experiências e oportunidades que, em geral, estavam restritas aos homens.¹⁰²⁰ Nesse sentido, o movimento missionário criou espaços nos quais as mulheres podiam desenvolver estratégias de autonomia, exercer iniciativa e alcançar projeção social e religiosa, mesmo que dentro de um sistema que, em muitos aspectos, ainda reforçasse estruturas patriarcais.

Para Patrícia Grimshaw e Peter Sherlock, mulheres brancas de classe média em todo o Império Britânico foram levadas a considerar o serviço missionário em função do crescente corpo de literatura sobre heroínas missionárias. Esses relatos não apenas estimulavam vocações, mas também mobilizavam o engajamento feminino na arrecadação de fundos em apoio à causa missionária.¹⁰²¹ Além disso, a leitura pública de boletins missionários durante os cultos nas igrejas e as visitas de missionárias retornadas, que compartilhavam relatos vívidos de suas experiências no exterior, contribuíam para alimentar o imaginário religioso e solidificar o apelo das missões entre o público feminino.

¹⁰¹⁸ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.175-177

¹⁰¹⁹ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.174-175

¹⁰²⁰ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.185

¹⁰²¹ GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021. p.605-606

Segundo Jane Haggis, a decisão das sociedades missionárias de recrutar mulheres refletia as transformações sociais em curso na época, especialmente no que dizia respeito às circunstâncias das mulheres britânicas de classe média. Tal decisão foi impulsionada tanto pela crescente disponibilidade de candidatas consideradas adequadas quanto pela disposição do público doméstico em financiar esse esforço missionário. Os comitês de recrutamento feminino mantinham altas expectativas em relação à educação e à formação formal e vocacional das candidatas, exigindo qualificações que iam além do ensino, abrangendo também áreas como enfermagem, medicina e pequenas atividades ligadas à produção têxtil. Ao mesmo tempo, avaliava rigorosamente “a qualidade de dama” das candidatas consideradas aptas, independente da formação exemplar, religiosidade e o senso de missão individual.¹⁰²²

De acordo com Haggis, ser uma “dama” significava encarnar uma feminilidade respeitável, expressa por meio de cultura, civilidade e boas maneiras no ambiente doméstico, qualidades consideradas essenciais para o exercício de uma influência feminina apropriada. A imagem da “verdadeira dama” assegurava que a missionária, mesmo diante da valorização de seu treinamento, experiência e atuação no campo, permanecesse inserida em uma concepção de feminilidade moldada pela ideologia da esfera privada. Essa ideologia exaltava a domesticidade, na qual o lar era concebido como o centro da cultura moral e o poderoso suporte da influência feminina na sociedade. Assim, a atuação missionária feminina era legitimada não apenas por suas competências, mas também por sua aderência a ideais normativos de gênero.¹⁰²³

Para Prevost, as manifestações da feminilidade vitoriana se concentravam principalmente no casamento e na maternidade.¹⁰²⁴ A mulher ideal do período vitoriano era definida por sua feminilidade, entendida como um conjunto de qualidades consideradas naturais e desejáveis no universo doméstico. Segundo Deborah Gorham, a feminilidade constitui uma forma de restrição psicológica moderna, baseada na construção de um modelo específico de personalidade feminina. No século XIX, essa concepção foi intensamente reforçada: atribuíam-se às mulheres, de forma essencialista, características como docilidade, pureza moral e abnegação, entendidas como traços inatos. A feminilidade vitoriana, portanto, floresceu como

¹⁰²² HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 54-56

¹⁰²³ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 56

¹⁰²⁴ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Field: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021, p.1095

um ideal cultural profundamente enraizado, cuja principal expressão se dava por meio do desempenho das funções de esposa devotada e mãe cuidadosa.¹⁰²⁵

A conduta comportamental das missionárias era considerada de extrema importância. Foram as esposas dos missionários que inicialmente indicaram e reivindicaram a necessidade da atuação de mulheres solteiras no serviço missionário. Com um forte senso de missão e influência, essas mulheres fomentaram a criação de uma esfera feminina específica de trabalho no campo missionário. O ideal de “boas mulheres” trabalhando nas missões, estabelecido pelas esposas missionárias, deveria ser preservado pelas missionárias solteiras. Era essa mesma essência da “boa mulher” que a mulher solteira precisava manter como dama para ser considerada uma missionária eficaz, assegurando sua influência enquanto representante da feminilidade cristã superior.¹⁰²⁶

Apesar das transformações nos papéis de gênero que marcaram o final do século XIX e o início do século XX, o ideal da “boa mulher cristã” permaneceu como um modelo normativo para aquelas envolvidas com o trabalho missionário. Assim, mesmo diante do ativismo das esposas missionárias e das aventuras das missionárias solteiras fora do lar, suas ações permaneciam enquadradas dentro da esfera religiosa: um chamado de serviço a Deus.¹⁰²⁷ Essa conformidade com a religiosidade feminina aceitável permitia que essas mulheres ocupassem espaços públicos e transgredissem, ainda que parcialmente, os limites impostos pela domesticidade vitoriana.

As qualidades tidas como desejáveis para a mulher cristã ideal nesse período incluíam docilidade, diligência, fidelidade, coragem, gentileza e heroísmo. Sean Gill observa que, entre todas, o autossacrifício era a virtude mais exaltada. Esperava-se que a mulher que optasse pela carreira missionária cultivasse um único e elevado propósito: realizar a missão de seu “grande Mestre”, mesmo que isso implicasse renúncia pessoal e desapego de laços familiares ou segurança material.¹⁰²⁸

Embora as biografias de Amy Carmichael analisadas neste trabalho tenham sido escritas na segunda metade do século XX, tanto a de Elisabeth Elliot quanto a dos Benge reproduzem e reatualizam os valores e virtudes do modelo vitoriano de feminilidade cristã, valorizando e

¹⁰²⁵ GORHAM, Deborah. **The Victorian Girl and the feminine ideal**. Nova York: Routledge, 2013.p.5

¹⁰²⁶ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 57

¹⁰²⁷ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 57

¹⁰²⁸ GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.172

projetando na personagem o ideal de uma missionária fiel, obediente e abnegada. Essas biografias funcionam, assim, como veículos de continuidade de uma pedagogia de gênero religiosa, que celebra a submissão voluntária como expressão máxima da fé e da santidade.

4.5. Ida para o Japão: o início de uma carreira missionária

Em 3 de março de 1893, Amy Carmichael embarcou em um navio a vapor com destino ao Japão, sendo acompanhada por uma despedida numerosa. Elisabeth Elliot compara os embarques desse período aos embarques de avião das gerações posteriores, destacando o caráter cerimonial e emocional da partida de missionários no final do século XIX:

Despedidas para aqueles que em nossos dias partem de avião não são nada comparadas com as demoradas agonias de partidas no cais. Agora, o viajante simplesmente desaparece na ponte de embarque. É um mero caminhar para outra sala. Naquele tempo, eram pranchas, horas de visitas a bordo, o “Todos a bordo!”, os assobios do fundo da garganta, o desprender das amarrações, o lento afastar-se do cais, o quase imperceptível alargamento daquele golfo entre o viajante e os seus entes queridos, o esforço para discernir até o último momento possível a face diminuída.”¹⁰²⁹

A descrição de Elliot da partida de Amy de navio e sua comparação com embarque de avião, situa biógrafa em seu tempo de escrita, ao mesmo tempo que ilustra as diferenças de viver em séculos diferentes para o seu leitor. Detalhando não apenas cenários, mas também práticas do momento de embarque. Elliot descreve que a separação de Amy e o senhor Wilson, a quem ela chamava de “Papai” como muito dolorosa. Mesmo 52 anos depois, Amy ainda se referia àquele momento como um dos mais difíceis da sua vida, revelando o impacto duradouro da ruptura de seus laços afetivos mais próximos.¹⁰³⁰

Os Benge também se dedicam a retratar esse momento de forma emotiva, embora mais brevemente: “À medida que o navio começou a se afastar das docas, Amy se sentiu ao mesmo tempo triste e aliviada quando Robert Wilson começou a desaparecer de vista. Era difícil deixá-

¹⁰²⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.72-73

¹⁰³⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.72

lo sem saber se o veria de novo outra vez.”¹⁰³¹ A combinação dessas narrativas reforça o sentido de sacrifício pessoal e renúncia que marca o início da trajetória missionária de Amy Carmichael, um elemento recorrente na construção biográfica de heroínas da fé.

Durante a viagem rumo ao Japão, Amy organizava estudos bíblicos com outros passageiros do navio. Elliot descreve a diversidade de pessoas oriundas de diferentes lugares que eram conhecedoras do Evangelho que se reuniam com Amy para as reuniões bíblicas. Elliot também descreve as paisagens que Amy avistava ao longo do caminho, bem como as paradas realizadas em lugares como Ceilão (atual Sri Lanka) e Colombo. Em uma dessas passagens, a biógrafa narra: “Em Colombo, como em Penang, Singapura e Hong Kong, Amy pediu para ver a obra da missão e pareceu ter desfrutado uma velha semana familiar, com muitos que haviam estado em Keswick, conheciam seus hinos e liam a revista de Keswick, *A vida de fé*.”¹⁰³² Esses encontros e reconhecimentos durante a viagem reforçam a influência da rede evangélica transnacional ligada às convenções de Keswick e como a personagem estava ligada religiosamente às experiências da Convenção.

Amy Carmichael desembarcou no Japão em meio a uma tempestade. O capítulo 8 da biografia escrita por Elliot tem como título “O Romance das Missões”, um capítulo que descreve sua chegada a Matsue em 1º de maio de 1893, uma antiga cidade feudal. Amy escrevia detalhadamente sobre o lugar e também fazia desenhos para enviar para os leitores na Grã-Bretanha. Em Matsue já havia um trabalho missionário em andamento, com um casal liderando e outras missionárias solteiras fazendo parte do grupo missionário chamado Grupo Evangélico Japonês liderado por Barclay Buxton.

Elliot relata que em Matsue “Ela foi à igreja, provavelmente pela primeira vez em sua vida, sem chapéu ou sapatos. O que significava para uma moça vitoriana de seu lar refinado, com sua grande reserva pessoal, nenhum americano ou europeu do século XX pode imaginar.”¹⁰³³ Ao destacar esse episódio, a biógrafa sublinha o contraste entre o contexto cultural de origem de Carmichael e a realidade missionária estrangeira, utilizando o desconforto como expressão de seu compromisso com a causa, e imprimindo valentia na absorção do estranhamento cultural.

¹⁰³¹ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.63

¹⁰³² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.76

¹⁰³³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.81

Com o passar das semanas, Amy percebeu que suas vestes europeias chamavam excessivamente a atenção e se tornavam uma distração em seu trabalho missionário. Refletindo sobre isso, questionou:

Por que acrescentar uma distração evitável às muitas inevitáveis de ser uma estrangeira? Se Hudson Taylor usou trança e a beca de um chinês, por que ela não poderia usar um quimono? Ela se afastou da prática missionária padrão e pediu compreensão a seus colegas se ela usasse vestes japonesas, pelo menos aos domingos. Uma ideia sensível, eles compreenderam, e logo todos adotaram a prática.¹⁰³⁴

A adoção de vestimentas locais demonstra a busca por aproximação com os locais por parte da missionária. Ainda assim, por estar inserida em uma missão já bem estruturada em Matsue, Amy mantinha, em grande parte, um estilo de vida europeu, sobretudo no que se refere à alimentação. Apenas quando viajava a outras regiões se adequava integralmente à dieta japonesa. Elliot narra que “Antes de deixar a Inglaterra, Amy havia imposto sobre si a disciplina de beber chá sem creme e comer torradas sem manteiga, em preparação para as dificuldades que suportaria. Não funcionou. Era chato e monótono e deixava todos nervosos; por isso ela abandonou.”¹⁰³⁵

No Japão, Amy iniciou o estudo da língua local, mas encontrou grandes dificuldades. Para contornar o problema, passou a contar com o auxílio de uma jovem cristã japonesa chamada Misaki San, que atuava como sua professora e intérprete. Acompanhada por Misaki, Amy começou a realizar viagens missionárias a outras regiões, nas quais registrava minuciosamente suas experiências. Ela escrevia cartas detalhadas relatando os lugares visitados, as pessoas que conhecia, os costumes locais e as estratégias que empregava para disseminar o cristianismo. Elliot comenta que Amy descrevia

[...]nos mínimos detalhes, tudo com que se deparou, ‘ideias confusas e hilárias e costumes estranhos’, raramente perdendo sua perspectiva espiritual ou, o que é igualmente importante para uma estrangeira em terra estranha, seu humor. Ela era realista, mas nunca pessimista ou sentimentalista.¹⁰³⁶

¹⁰³⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.81

¹⁰³⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.82-83

¹⁰³⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.86

Essa observação da biógrafa reforça a imagem de Carmichael como uma missionária meticulosa, que procurava sempre imprimir um sentido espiritual às suas vivências, ao mesmo tempo em que mantinha o bom humor e uma visão realista diante dos desafios culturais. Elliot buscar traçar, assim, o perfil de uma personagem equilibrada e disposta a desempenhar sua missão.

Um dilema importante na vida sentimental de Amy ocorreu durante sua missão no Japão, e é abordado em ambas as biografias, tanto na versão escrita por Elisabeth Elliot quanto na dos Benge, por meio do tema da solidão e a possibilidade do casamento. De acordo com Myrtle Hill, embora o casamento não tenha sido, necessariamente, a principal motivação que levou mulheres solteiras irlandesas a escolherem o trabalho missionário no exterior, ele certamente ampliava as possibilidades de encontrar um parceiro com formação e aspirações semelhantes.¹⁰³⁷

Os Benge relatam que, após três meses no Japão, Amy participou de uma conferência missionária em Arima, quando passou a refletir sobre sua solidão:

Foi também uma ótima oportunidade para conhecer vários outros missionários que trabalhavam no Japão. Contudo, no meio de todas as pessoas e atividades, Amy se sentiu solitária. Ela havia feito muitos amigos desde que chegara ao Japão, mas quando via Barclay Buxton e sua esposa juntos, ela desejava um relacionamento íntimo como o deles. Amy começou a se perguntar se deveria se casar. Ter um marido e talvez até mesmo filhos no campo de missão tornariam a vida muito menos solitária. Quanto mais ela pensava a respeito disso, mais começava a ter medo de envelhecer e ficar sozinha.¹⁰³⁸

Tomada por esse sentimento, Amy retirou-se para uma caverna em Arima, onde passou horas em oração:

Depois de várias horas na gruta orando sobre quão solitária se sentia e perguntando a Deus se ela deveria se casar, ela sentiu que uma grande paz vinha sobre ela. Em seu coração, ela ouviu uma voz falar: 'Ninguém que confia em mim ficará solitário'. Amy agradeceu a Deus e saiu da caverna. Ela obtivera a resposta. Sabia que nunca casaria nem teria filhos.¹⁰³⁹

Sobre esse momento, Elliot relata que:

¹⁰³⁷ HILL, Myrtle. *Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations*. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.177

¹⁰³⁸ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p. 79-80

¹⁰³⁹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.80

Quarenta anos depois, Amy descreveu, para um dos seus “filhos”, a transação que ocorrera quando estava sozinha em uma caverna em Arima. Tendo ido lá passar um dia de solidão, ela se deparou com sentimentos de temor divino quanto ao futuro. A solidão pairou como um espectro no horizonte. No momento, tudo estava bem, mas ela poderia suportar anos sendo sozinha? ¹⁰⁴⁰

Ruth Tucker afirma que a solidão era um problema profundamente sentido pelas mulheres missionárias. ¹⁰⁴¹ Segundo Kommers, Mabel Francis, missionária no Japão, ansiava por um marido, e durante um período de desânimo ela escreveu que “...bem, agora, se eu fosse casada, poderia seguir com meu marido, mas o Senhor não concordou. O Senhor disse: Você está no caminho errado. Eu tenho um plano para sua vida e não é para você se casar.”¹⁰⁴² Essas experiências revelam como a renúncia ao casamento e à maternidade era frequentemente interpretada dentro de uma perspectiva religiosa e vocacional, sendo ressignificada como um sinal de obediência ao chamado divino. A solidão, nesse contexto, tornava-se um componente tanto da prova quanto da consagração missionária.

Elisabeth Elliot, na abordagem do assunto, escreveu:

Talvez nenhuma parte do custo de ser um missionário estrangeiro seja maior do que a solidão. O estrangeiro experimenta um senso de isolamento completo, sendo tentado a apegar-se com maior tenacidade a outros de sua própria língua e cultura. ¹⁰⁴³

Tucker observa que Elliot já havia tratado da solidão e da privação como realidades marcantes da vida missionária em sua autobiografia, especialmente ao relatar suas experiências como missionária solteira. Nesse sentido, é possível afirmar que Elliot, como biógrafa, também se insere na narrativa, mobilizando sua própria vivência missionária para dar espessura emocional e autenticidade à biografia de Amy Carmichael. ¹⁰⁴⁴

¹⁰⁴⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.89

¹⁰⁴¹ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.10

¹⁰⁴² KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In **die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.6 [Tradução nossa/ livre]

¹⁰⁴³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.87

¹⁰⁴⁴ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.196

Podemos observar que a solidão e o casamento foram preocupações significativas para Amy. No entanto, os Benge abordam essas questões afirmando que, por meio de seus questionamentos e orações, ela recebeu consolo divino. Dessa forma, o tema é resolvido de forma definitiva, sem ser novamente tratado ao longo da biografia, já que Amy teria encontrado tranquilidade em uma resposta bíblica sobre confiar plenamente em Deus.

Os Benge encerram essa questão na biografia de Carmichael com uma projeção do futuro de sua vida:

Se, nesse momento, Amy pudesse ter visto o enorme número de crianças que a chamariam de ‘mãe’ ou o número de missionários que a amariam e seriam amados de volta por ela nos próximos anos, ela teria rido alto. A única coisa que Amy Carmichael nunca poderia ser acusada era de ser solitária.¹⁰⁴⁵

Assim, os Benge apresentam a questão como resolvida e encerrada, reforçando a imagem de uma personagem plenamente satisfeita e recompensada por sua vocação. Entretanto, Elisabeth Elliot adota uma abordagem diferente, demonstrando que o tema da solidão continuou a rondar Carmichael em diferentes momentos de sua trajetória. A historiadora Ruth Tucker também observa que aceitar a condição de solteira não foi algo simples para Amy.¹⁰⁴⁶ Kommers acrescenta que, embora Amy desejasse a maternidade e tenha tido oportunidades de casamento, optou por renunciar à vida conjugal em prol do serviço missionário. Ainda assim, seu trabalho evangelístico e com crianças a tornou mãe de centenas de meninas indianas acolhidas na Irmandade Dohnavur.¹⁰⁴⁷

Os Benge não escrevem se Amy se interessou por alguém ou tenha recebido alguma proposta. Já Elliot relata que, em suas trocas de cartas com sua mãe, que lhe perguntara se havia alguém por quem estivesse interessada, ela foi evasiva. Elliot escreve: “Se o Sr. Consterdine ou alguém mais propusera casamento a Amy, ela o encobriu com silêncio total. Ela era uma vitoriana, com modéstia vitoriana escrupulosa, e entregara todas as questões do coração ao único para quem ela se abria.”¹⁰⁴⁸ Ao mesmo tempo, a biógrafa sugere que Amy reunia

¹⁰⁴⁵ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.80

¹⁰⁴⁶ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.133

¹⁰⁴⁷ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.6 [Tradução nossa/ livre]

¹⁰⁴⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.89

qualidades que a tornariam uma “boa” candidata ao casamento, caso assim o desejasse: “Uma mulher jovem com a beleza, dons e exuberância de espírito de Amy não poderia ter escapado à atenção de algum solteirão europeu que poderia estar por perto.”¹⁰⁴⁹ Assim, Elliot constrói uma imagem de Amy como alguém que, embora possivelmente cortejada, escolheu deliberadamente renunciar ao casamento por devoção total à sua missão.

Kommers observa que a diminuição das possibilidades de casamento entre as missionárias solteiras frequentemente acarretava uma espécie de luto, uma dor silenciosa que elas acabavam vivenciando por algum tempo. Segundo a autora, essas mulheres enfrentavam inúmeras dificuldades e privações no campo missionário, tornando-se particularmente vulneráveis à depressão profunda e ao autoabandono. Muitas vezes, na solidão, enfrentavam suas angústias sem apoio, lutando sozinhas em meio a situações desafiadoras.¹⁰⁵⁰

Nesse sentido, Singh analisa que diversas missionárias solteiras adotaram e perpetuaram um discurso centrado no serviço, exaltando noções de gênero associadas ao dever e à honra femininos. Como exemplo, cita a missionária Isabella Thoburn, que formulou um conceito de trabalho feminino no qual o serviço à comunidade era celebrado como uma forma de autorrealização. Thoburn valorizava a oportunidade que as mulheres tinham de servir por meio do “ministério doméstico”, no qual mulheres solteiras estendiam seu “serviço gracioso e feminino de hospitalidade” para além dos limites do lar. A partir dessa análise, Singh argumenta que há uma conceitualização ambígua da missionária solteira. Por um lado, ela é vista como alguém liberta da esfera doméstica em virtude de sua condição civil; por outro, reivindica a natureza “essencial” da mulher como cuidadora, de modo que sua dedicação se volta não mais à família nuclear, mas à comunidade em geral.¹⁰⁵¹ Essa dualidade revela como essas missionárias transitavam entre a transgressão das expectativas tradicionais de gênero e a reafirmação de certos valores femininos, como o cuidado e a abnegação, agora ressignificados em um contexto religioso coletivo.

Nessa perspectiva, anos mais tarde, Amy Carmichael foi alvo de críticas por se opor ao casamento, preferindo que homens e mulheres permanecessem solteiros e dedicados

¹⁰⁴⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.89

¹⁰⁵⁰ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.7-8

¹⁰⁵¹ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.220

integralmente ao trabalho missionário.¹⁰⁵² Elisabeth Elliot comenta esse aspecto ao refletir sobre o silêncio de Amy em relação à sua vida afetiva:

A psicologia acharia mais do que uma explicação para silêncio que Amy manteve em relação a sua própria vida sentimental. Se escolhermos aceitar a explicação dos psicólogos em lugar da explicação da própria Amy, não saberemos de nada que a distinguiria do restante da raça- ela era um ser humano, era uma mulher. Mas uma mulher que se propõe a viver para Deus pode ser distinguível dos outros em pelo menos algumas maneiras. Sua própria explicação de seu silêncio é mais interessante (e talvez mais importante) do que a dos psicólogos.¹⁰⁵³

Em um raro momento de confiança, já mais velha, Amy teria quebrado esse silêncio ao ser questionada por uma das mulheres indianas próximas a ela sobre porque não escolhera “outra vida”. Amy respondeu que havia recebido ao menos duas propostas de casamento, que pareciam encaminhá-la para essa outra possibilidade, mas, segundo suas palavras, sentiu no mais íntimo de sua alma uma voz lhe dizendo: “Não, não, não. Tenho algo diferente para você fazer.” Ela acrescentou:

Não era uma questão de abandonar o serviço do Senhor. Nunca foi isso. E agora o que era (como outros me teriam dito) uma coisa tão boa me teria levado a oportunidades mais amplas do que as que já tivera antes; porém, teria me levado para fora da Índia. Senhor, o que desejas que eu faça? Devo fazer isso? E tudo o que ouvi em resposta foi: Não, não, não. Tenho algo diferente para você fazer.”¹⁰⁵⁴

Elliot observa que, logo após sua renúncia ao casamento, teve início o trabalho missionário que marcaria de forma definitiva a trajetória de Amy, e que não teria ocorrido caso ela tivesse se casado. A biógrafa argumenta que, por esse motivo, não surpreende o fato de Amy preferir companheiras de missão solteiras.¹⁰⁵⁵ A realização da obra missionária aparece, nesse sentido, como um chamado mais elevado do que o próprio matrimônio.

Elliot também registra que, em momentos de profunda solidão, quando “seu coração de mulher anelava pelo amor de um homem”, Amy sentia o temor de viver uma vida solitária. Nessas ocasiões, afirmava ter ouvido uma voz interior que lhe dizia: “Nenhum daqueles que

¹⁰⁵² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.339

¹⁰⁵³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.340

¹⁰⁵⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.341

¹⁰⁵⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.341

confiam n'Ele será desolado.”¹⁰⁵⁶ A resposta divina e o consolo bíblico sustentavam sua escolha por uma vida de renúncia. De acordo com Elliot, em sua autobiografia, Amy escreveu: “Tudo o que importa é que sejamos obedientes.”¹⁰⁵⁷ Elliot relata ainda que Amy mandou retirar esse trecho da autobiografia voltada ao público infantil, julgando que os membros da “Família” — como eram chamados os residentes da Irmandade de Dohnavur — não precisavam conhecer esses aspectos mais íntimos de sua vida. Essas informações foram recuperadas por Elliot a partir de entrevistas e relatos orais.¹⁰⁵⁸

Sob esse olhar, observa-se, por parte dos biógrafos, uma valorização da renúncia de Amy Carmichael ao casamento, interpretada como expressão de obediência a Deus e autossacrifício. Tanto Elisabeth Elliot quanto os Benge apresentam as realizações de Amy no campo missionário como uma espécie de “recompensa espiritual” por sua solidão voluntária. Enquanto os Benge tratam o tema de forma conclusiva, como um dilema resolvido por uma resposta divina que confirmaria sua vocação para a solteirice, Elliot se propõe a explorar com maior profundidade os sentimentos e conflitos internos da missionária. Embora sua abordagem reafirme sua solidão como parte de sua obediência ao chamado missionário.

Desse modo, a decisão de permanecer solteira reforça o ideal da “boa mulher cristã” e obediente, cujas virtudes como pureza, dedicação e autossacrifício, eram consideradas fundamentais para uma atuação de excelência das missionárias no exterior. A renúncia pessoal, valoriza a imagem de respeitabilidade exigida às mulheres do meio missionário daquele período, e se transforma em símbolo de consagração total ao serviço de Deus, produzindo uma imagem ideal para a representação de um ícone feminino exemplar.

4.6. Mudança de campo: do Japão à Índia

Depois de quatorze meses no Japão, Amy Carmichael continuava a realizar atividades semelhantes às que desenvolvera na Irlanda e na Inglaterra. Organizou reuniões específicas para crianças e procurava aproximar-se de moças operárias, promovendo encontros com cerca de 80

¹⁰⁵⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.341

¹⁰⁵⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.342

¹⁰⁵⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.341-342

jovens. Além disso, também se dedicava a reuniões com rapazes e agricultores. Contudo, sua saúde começou a se deteriorar. Amy passou a apresentar sinais de fragilidade física, e os médicos recomendaram que ela retornasse à Europa para se recuperar. Antes de sua partida, participou do batismo de novos convertidos, ocasião em que um grupo da igreja foi fotografado junto a Amy e seus cooperadores. Elisabeth Elliot registra que Amy não gostava de ser fotografada, destacando um traço de sua personalidade:

‘Desejaria que fosse possível ser dispensada desse modo de embalsamento’, ela escreveu[...]Pelo resto da sua vida, ela resistiu ser fotografada, cedendo apenas raramente, sob pressão das pessoas que amava. Amy não podia entender por que alguém gostaria de ser preservado como ele é, se os cristãos têm a esperança sublime de que um dia serão semelhantes a Cristo.¹⁰⁵⁹

Esse registro de Elliot contribui para a formação de uma imagem de humildade, e de renúncia a qualquer vaidade, características frequentemente valorizadas nas biografias missionárias. Já os Benge, embora não mencionem a aversão de Amy às fotografias, enfatizam sua condição física debilitada. Relatam que ela chegou a desmaiar durante uma visita a um vilarejo, sendo orientada por um médico a deixar o Japão para se restabelecer. Contudo, mesmo ao destacar a fragilidade de seu corpo, os biógrafos se apressam em reforçar sua força espiritual, afirmando: “Seu corpo não era tão forte quanto seu espírito.”¹⁰⁶⁰

Após quinze meses de atuação missionária, Amy Carmichael deixou o Japão com a expectativa de retornar futuramente. Em 10 de julho de 1894, chegou a Xangai, onde se hospedou em um quarto da Missão do Interior da China. Sentia-se envergonhada por ter cedido à exaustão física. Os Benge relatam sua angústia com o possível julgamento dos mantenedores britânicos: “E o que as pessoas de Keswick, na Inglaterra, que a sustentavam, pensariam? Para quem estava de fora, ela parecia uma mulher doente que viajava pela Ásia às custas dos mantenedores.”¹⁰⁶¹ Os Benge observam que, embora tenha sido diagnosticada com “exaustão cerebral” e lhe tenha sido prescrito repouso absoluto, Amy permanecia inquieta diante da obra

¹⁰⁵⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.111

¹⁰⁶⁰ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p. 88

¹⁰⁶¹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p. 89

missionária que, em sua perspectiva, ainda precisava ser realizada. Para ela, havia “trabalho suficiente para durar a vida toda”.¹⁰⁶²

A narrativa dos Benge segue uma lógica comum das biografias edificantes, em que a fragilidade física da personagem é contraposta à sua força espiritual e determinação. Assim, mesmo em um momento de vulnerabilidade, Amy é representada como uma mulher firme em sua vocação, alguém cuja dedicação ao chamado missionário sobrepuja os limites do corpo. Essa construção reforça o ideal de abnegação e autossacrifício, traço característico de biografias missionárias femininas, além de contribuir para a criação de uma figura heroica moldada pela resiliência, disciplina espiritual e compromisso com a missão.

Carmichael permaneceu em recuperação por uma semana, até decidir seguir para o Ceilão (atual Sri Lanka), aonde chegou em agosto de 1897. Lá, passou a trabalhar com outras três missionárias solteiras. Durante esse período, sua mãe e seu amigo Robert Wilson insistiam, por meio de cartas, para que ela retornasse para casa. No entanto, segundo a narrativa dos Benge, “Casa! Amy não queria nem ouvir falar sobre essa possibilidade. Sua saúde estava melhorando em Colombo, e ela voltara a ajudar no trabalho missionário.”¹⁰⁶³

Em sua atuação, voltou-se especialmente para o trabalho com crianças, que considerava mais receptivas às histórias bíblicas. Elisabeth Elliot observa que “Amy achou chocante o paganismo, em todas as suas formas”¹⁰⁶⁴. A expressão do espanto do missionário diante das práticas religiosas locais, especialmente frente à adoração a outros deuses, é uma narrativa comum na literatura missionária, pois funciona como estratégia retórica com função pedagógica e evangelizadora. Ao enfatizar o contraste entre o cristianismo e as religiões locais, o discurso missionário reafirma a legitimidade da missão e a urgência da conversão daqueles que não conhecem o cristianismo.

No final de novembro de 1894, Amy soube que o senhor Wilson havia sofrido um derrame, o que a levou a retornar a Londres. Tanto Elisabeth Elliot quanto os Benge relatam os detalhes dessa viagem de volta. Naquele período, Amy estava completando 27 anos. Permaneceu quase um ano na Inglaterra, acompanhando a recuperação de seu amigo e, durante esse tempo, publicou seu primeiro livro, *From the Sunrise Land*, uma coletânea de cartas escritas durante sua permanência no Japão.

¹⁰⁶² BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p. 90

¹⁰⁶³ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.90

¹⁰⁶⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.119

Para destacar a modéstia da personagem, Elliot observa que Amy “teve que ser convencida a permitir que o material fosse impresso” ¹⁰⁶⁵, reforçando uma imagem de humildade e desapego à visibilidade pessoal, atributos valorizados no ideal de feminilidade cristã. Já os Benge abordam essa fase como parte de uma narrativa de “aventura missionária”, destacando o entusiasmo e o dinamismo de Amy. “Amy lhe contou tudo sobre as aventuras missionárias, e ele a convenceu a publicar as cartas que escrevia para casa quando estava no Japão em um livro”, escrevem os biógrafos. ¹⁰⁶⁶

Além disso, os Benge exaltam sua habilidade como escritora: “Amy tinha tantas ideias maravilhosas e um jeito tão bom com as palavras que seria uma pena não dar aos cristãos ingleses a oportunidade de ver o trabalho de missões através dos seus olhos.”¹⁰⁶⁷ Esse comentário, além de revelar a valorização do talento literário de Amy, corrobora com a imagem dos missionários como profícuos escritores, e como a escrita fez parte das missões como ferramenta de mobilização e edificação da fé dos leitores. ¹⁰⁶⁸

Na primavera, Amy recebeu uma carta de uma amiga de Bangalore, na Índia, dizendo que o clima de lá era considerado saudável, já que devido a sua saúde não poderia retornar para o clima do Japão ou ficar na China. Então, Amy decidiu se candidatar para ir para a Índia através da Sociedade Missionária Zenana¹⁰⁶⁹ da Igreja da Inglaterra, ainda que não fosse anglicana. Em julho de 1895, ela foi oficialmente aceita. Os Benge escrevem que essa carta partira de uma amiga que atuava como enfermeira e era responsável por um hospital mantido por essa sociedade missionária. Amy chegou à Índia em novembro de 1895. Os biógrafos adiantam ao leitor que ela jamais retornaria às Ilhas Britânicas, pois ela nunca mais sairia da Índia. ¹⁰⁷⁰

Elisabeth Elliot apresenta um breve panorama da dominação britânica sobre o território indiano, recurso também utilizado pelos Benge, que contextualizam a condição colonial da Índia, destacando, inclusive, a posição de privilégio ocupada pelos ingleses nesse cenário. A

¹⁰⁶⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.125

¹⁰⁶⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.92

¹⁰⁶⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.92

¹⁰⁶⁸ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997. p. 6-7

¹⁰⁶⁹ Zenana, nome da palavra hindi que denota a parte de uma casa onde mulheres eram mantidas em isolamento. A Sociedade Missionária Zenana da Igreja da Inglaterra (Church of England Zenana Missionary Society – CEZMS) foi fundada no século XIX com o objetivo específico de evangelizar mulheres no contexto indiano, respeitando os limites culturais impostos pelo sistema zenana que eram espaços reservados às mulheres nas casas indianas. A organização priorizava o envio de missionárias solteiras, que atuavam em hospitais, escolas e visitas domiciliares, promovendo assistência médica, alfabetização e instrução religiosa.

¹⁰⁷⁰ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.93-94

introdução desses elementos históricos nas biografias missionárias contribui para conferir maior verossimilhança e densidade ao relato, situando a trajetória dos missionários em um contexto geopolítico específico.

Como a experiência missionária de Amy Carmichael na Índia se estendeu por décadas, é nesse contexto que os biógrafos consolidam sua imagem como uma heroína da fé. Os Benge reforçam o ideal da missionária como uma figura aventureira e destemida, ao afirmarem: “Sua aventura na Índia com certeza estava começando de melhor forma que a experiência no Japão.”¹⁰⁷¹. Já Elisabeth Elliot acentua o ideal de vida cristã santificada, destacando: “Santidade completa, pura e cristalina, era o desejo de Amy Carmichael.”¹⁰⁷² Assim, distintos modelos de representação se consolidam: o da heroína ousada, enfrentando os desafios do campo missionário, e o da mulher piedosa, cuja vida é marcada pelo autossacrifício e pela busca de santidade.

Amy chegou a Bangalore debilitada, acometida por dengue, e ficou sob os cuidados de médicas e enfermeiras inglesas do Hospital da Missão Zenana da Igreja da Inglaterra. Após sua recuperação, passou a atuar junto a outras missionárias, inicialmente conversando com os pacientes no dispensário. Desde os primeiros relatos, os biógrafos destacam o sistema de castas como um dos principais obstáculos à evangelização na Índia, um tema que se torna recorrente ao longo das duas biografias analisadas.

Em Bangalore, Amy Carmichael passou a expressar críticas à forma como a atuação missionária vinha sendo conduzida. Era comum que, devido ao calor intenso nos meses de abril e maio, os britânicos residentes em Bangalore se retirassem temporariamente para as regiões montanhosas. Elliot escreve:

Geralmente, os missionários seguiam o exemplo. Para Amy, isso era um desperdício inescusável de tempo e dinheiro. Ela não tinha nenhuma intenção de ir, mas foi obrigada a unir-se ao grupo de três mulheres e ir para Nilgiris.[...]Amy, mais interessada em vocação do que em férias [...].¹⁰⁷³.

Ao afirmar que Amy estava “mais interessada em vocação do que em férias”, Elisabeth Elliot sinaliza ao leitor a direção interpretativa que deseja imprimir à biografia: a de uma

¹⁰⁷¹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.97

¹⁰⁷² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.107

¹⁰⁷³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.138-139

personagem absolutamente comprometida com sua missão, cuja dedicação incondicional à vocação espiritual se sobrepunha a qualquer busca por conforto ou lazer.

Tanto Elisabeth Elliot quanto os Benge compartilham da crítica ao estilo de vida confortável adotado por muitos ingleses, incluindo missionários, que durante os períodos de calor retiravam-se para regiões afastadas da população local, ainda que levassem consigo servos indianos para atendê-los. Essa distância social e cultural era percebida como um obstáculo ao verdadeiro engajamento missionário.

Os Benge relatam que Amy:

[...] desejava viver uma vida mais simples, livre de chás da manhã e da tarde, círculos de artesanato e partidas de críquete. Ela queria ser livre para chegar ao povo indiano. Ela o queria conhecer em nível individual, e não apenas como criados. Contudo, como poderia fazer isso? Ela era uma inglesa cercada por criados indianos. Os ingleses não deveriam tratar os indianos como algo além de servos. Não ficava bem.¹⁰⁷⁴

A postura de Amy é valorizada pelos biógrafos como sinal de autenticidade do seu impulso missionário, e funciona como elemento de fortalecimento na construção de sua imagem como missionária exemplar. Os Benge, ao destacarem sua nacionalidade inglesa (ela era irlandesa), apontam criticamente que muitos missionários britânicos conduziam a missão de forma inadequada, muitas vezes distanciando-se da população local por meio de uma vida confortável e elitizada. Contudo, os autores também evidenciam as dificuldades enfrentadas por Amy, especialmente por ser mulher, ao tentar se posicionar contra esse modelo estabelecido. Os biógrafos indicam que Amy desejava se aproximar verdadeiramente dos indianos, buscando identificar-se com eles em linguagem, hábitos e aparência. Essa tentativa de aproximação, no entanto, esbarrava em fortes resistências dentro da própria comunidade missionária:

‘Virar nativa’, e identificar-se demais com a população local era visto no meio da comunidade missionária com bastante desaprovação. A pessoa que virava nativa era considerada alguém que abandonava toda a missão ao desistir das tradições inglesas ‘civilizadas’. Essa ação era vista como nada menos que desprezar a rainha Vitória e o império.¹⁰⁷⁵

¹⁰⁷⁴ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.110

¹⁰⁷⁵ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p. 111

Nesse sentido, a disposição de Amy em romper com as convenções coloniais reforça, aos olhos dos biógrafos, sua coragem e disposição de realização da obra missionária, atributos que contribuem para sua consagração como heroína da fé. A pesquisadora Eliza Kent observa que Carmichael escandalizou o establishment missionário ao fazer duras críticas ao cristianismo conformado que estava instalado no meio missionário na Índia, e ao exclusivismo racial presunçoso das estações de montanha, para onde os europeus se retiravam durante os meses mais quentes. Carmichael também se opôs à prática comum de oferecer incentivos materiais para atrair ouvintes ao evangelho, o que considerava uma distorção da mensagem cristã. Em gesto significativo, levou sua assistente pessoal indiana para uma estação de descanso, prática incomum e malvista naquele contexto, e declarou abertamente que preferia viver entre os indianos do que conviver com os ingleses.¹⁰⁷⁶

Em relação às críticas de Amy, Elisabeth Elliot descreve a personagem como uma espécie de missionária-repórter, reforçando sua imagem como alguém comprometida com a verdade. Ao destacar que

[...] ela falava a verdade pura como a via. Ela voltou com uma aversão instintiva e austera de qualquer embelezamento dos fatos, de qualquer desvio da verdade a fim de se criar um retrato mais interessante¹⁰⁷⁷

A biógrafa enfatiza que Amy estava “à frente de seu tempo” por sua honestidade e transparência ao relatar as experiências missionárias. Elliot observa que, à época, os apoiadores das missões estavam habituados a relatos marcados pelo triunfalismo, nos quais as dificuldades eram atenuadas ou omitidas em favor de uma narrativa inspiradora.¹⁰⁷⁸

Na elaboração da imagem de Amy Carmichael, Elisabeth Elliot enfatiza repetidamente seu compromisso inegociável com a verdade, tanto em suas pregações quanto nos textos e relatórios que produzia. A biógrafa afirma: “Amy era inflexível em seu esforço para descrever com precisão como as coisas eram, sem mitigações ou embelezamento artificial.”¹⁰⁷⁹ Perto do final do século XIX, uma sociedade missionária pediu a Amy que escrevesse suas experiências. No entanto, a comissão devolveu o manuscrito alegando que era muito desencorajador. Como

¹⁰⁷⁶ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.104

¹⁰⁷⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.120-121

¹⁰⁷⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.121

¹⁰⁷⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.189

Amy não quis alterar o escrito, deixou-o guardado. Em 1900, dois amigos da Inglaterra foram visitá-la e fizeram algumas viagens com ela e o grupo itinerante. Contando com fotografias que os dois amigos fizeram, foi publicado “*Things as they are*” (As coisas como elas são). Elliot narra que a leitura não agradou os leitores ingleses, pois não continham histórias de conversões dramáticas necessárias para atrair multidões às reuniões missionárias.¹⁰⁸⁰

De acordo com Gill, embora as sociedades missionárias não hesitassem em enfatizar as privações físicas enfrentadas no campo, eram muito mais cautelosas ao expor outras tensões, como as frustrações espirituais, os conflitos internos ou os dilemas vividos especialmente por mulheres missionárias.¹⁰⁸¹ O livro que Amy escreveu causou incomodo no meio missionário, e com o propósito de fortalecer a credibilidade do livro, os editores acharam necessário incluir, na segunda edição, cartas de missionários que certificavam os fatos. Indianos também deram testemunho da autenticidade do que Amy escreveu, entre eles a reformadora social Pandita Ramabai.¹⁰⁸²

Essa necessidade de confirmação externa revela, por um lado, a tensão entre gênero e autoridade no campo missionário. O fato de o testemunho de uma mulher, ainda mais destoante do tom triunfalista desejado, ser colocado em dúvida, evidencia os limites da voz feminina no espaço público protestante da época. Por outro lado, reforça o esforço de Elliot em apresentar Amy como uma mulher que não apenas defendia a verdade, mas que ousava praticá-la em sua forma mais incômoda, mesmo quando isso significava desafiar convenções institucionais ou comprometer sua própria aceitação no meio missionário. De acordo com Kent, o livro *Things as They Are* publicado em 1901, foi uma tentativa de neutralizar os relatórios excessivamente otimistas que os missionários estrangeiros enviavam para casa.¹⁰⁸³

Os Benge também registram esse episódio, destacando que quando Amy enviou o manuscrito de *Things as They Are* para Keswick, e que este foi recebido com ressalvas:

No manuscrito havia uma nota de agradecimento por todo o trabalho duro, e a sugestão de que fossem feitas algumas mudanças no material. Ao que parece, eles achavam o manuscrito um pouco deprimente demais para ler. Talvez, sugeria o editor, ele precisasse de um toque mais leve, de histórias mais felizes e de menos histórias sobre crianças e jovens mulheres em situações tão difíceis. Mais uma vez, Amy foi

¹⁰⁸⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.190

¹⁰⁸¹ GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.173

¹⁰⁸² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.190-191

¹⁰⁸³ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.106

confrontada com o desejo dos cristãos na Inglaterra por histórias do tipo: ‘missionário feliz, final feliz’.¹⁰⁸⁴

Sobre o otimismo artificial nos relatos missionários, esse não foi um problema vivido apenas por Amy. Conforme observa Gareth Griffiths, o que os missionários escreviam nos seus diários pessoais, ou mesmo nos diários das estações missionárias, diferia significativamente em tom e conteúdo dos relatos submetidos à sede da missão. Em muitos casos, os textos publicados passavam por filtros adicionais que atenuavam conflitos, fracassos ou ambiguidades.¹⁰⁸⁵

O descontentamento de Amy no campo missionário, não se restringia aos confortos dos missionários ou requerimentos editoriais para a suavização de relatos, ela também passava por dificuldades com o aprendizado do idioma tâmil. A insistência de Amy em dominar a língua local é interpretada pelos Benge como traço de sua personalidade determinada, sendo descrita como alguém opinativa e teimosa.¹⁰⁸⁶ Ao mesmo tempo, os biógrafos apresentam brevemente aspectos mais ambíguos de sua trajetória, incluindo os momentos em que demonstrava antipatias pessoais ou desaprovação diante de certas situações, assim como também revelam os pensamentos iniciais de Amy sobre os indianos, os quais refletiam, em parte, os valores e preconceitos coloniais de sua formação britânica. Suas impressões sobre os deuses hindus, as crenças e os costumes locais eram marcadas por estranhamento e julgamentos culturais e religiosos.

Após alguns meses na Índia, Amy visitou uma igreja anglicana durante sua estada na região, em Udhagamandalam. Elliot narra:

Lá ela se sentia em casa novamente, distante dos cenários do ‘cristianismo popular’, que lhe era tão estranho e entristecedor. Cantavam os velhos hinos de Keswick. ‘Havia quase um sentimento de Keswick no ar. Mas o melhor de tudo era ver os missionários de Tinnevely. Missionários-soldados reais.’¹⁰⁸⁷

Foi nessa ocasião que Amy conheceu Thomas Walker, um missionário da região de Tinnevely, que a convidou para se juntar à missão local e aprofundar seu aprendizado da língua

¹⁰⁸⁴ BERGE, Janet; BERGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.140-141

¹⁰⁸⁵ GRIFFITHS, Gareth. “Trained to Tell the Truth”: Missionaries, Converts and Narration. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: BRILL, 2021.p. 76

¹⁰⁸⁶ BERGE, Janet; BERGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.115

¹⁰⁸⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.142

tâmil. Em dezembro de 1896, Amy viajou de Madras para Tinnevely, no sul da Índia. No início de 1897, Thomas Walker iniciou um trabalho missionário itinerante pelos vilarejos da região, e Amy passou a colaborar com ele e sua esposa. Segundo Geoffrey Oddie, um dos métodos clássicos de evangelização adotado por missionários protestantes era a itinerância, que consistia em realizar longas viagens a pé, de carroça ou a cavalo por vários dias ou semanas, acampando e pregando em campos e vilarejos.¹⁰⁸⁸ Esse modelo foi amplamente utilizado por missionários de diferentes denominações e nacionalidades, como Hudson Taylor, Amy Carmichael, Lottie Moon e Gladys Aylward.

A partir desse momento, Amy integrou-se ao ministério itinerante do casal Walker, percorrendo povoados em uma carroça de bois. Para auxiliá-la na comunicação, era acompanhada por Saral, uma jovem indiana que atuava como intérprete. A presença dessa colaboradora também evidencia o início de um processo de parceria com mulheres locais, aspecto que mais tarde se tornaria uma das marcas do trabalho de Amy. Elisabeth Elliot registra que Walker “[...] via na nova missionária não somente dons incomuns e variados, mas também um espírito de discipulado profundo e intransigente.”¹⁰⁸⁹ Ao destacar como missionários experientes reconheciam o potencial espiritual e a dedicação de Amy, a biógrafa contribui para consolidar sua imagem como uma figura plenamente capacitada para o campo missionário.

Em um episódio relatado pelos biógrafos, Amy auxilia no resgate de uma jovem convertida ao cristianismo de uma cidade para outra, com o objetivo de protegê-la. O gesto teve um impacto profundo em sua compreensão do papel missionário. Os Benge escrevem: “[...]Amy ficou emocionada por ter desempenhado um papel de resgate de uma garota do hinduísmo. Ela decidiu que tais atos eram o papel da vida missionária na Índia.”¹⁰⁹⁰ A partir desse momento, Amy passou a conceber seu chamado não apenas como uma missão de evangelização, mas como um chamado para resgatar meninas e mulheres.

Ainda em 1898, os Walker e Amy receberam uma tenda enviada por amigos da Inglaterra, o que lhes permitiu permanecer por mais tempo nos vilarejos e intensificar o trabalho de evangelização itinerante. Nesse período, Saral, a companheira indiana que auxiliava Amy na interpretação, retornou para a casa de sua família. Diante disso, Amy desejava encontrar uma nova colaboradora para dar continuidade à missão. Foi então que chegou à missão uma jovem

¹⁰⁸⁸ ODDIE, Geoffrey A. *Missionaries as Social Commentators: The Indian Case*. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: BRILL, 2021.p.147

¹⁰⁸⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.157

¹⁰⁹⁰ BENGGE, Janet; BENGGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.116

viúva de 23 anos, Ponnammal, uma cristã de quarta geração. Com o tempo, outras mulheres se juntaram às duas, formando um pequeno grupo missionário feminino que, em algumas ocasiões, viajava junto aos Walker, mas que, gradualmente, também passou a atuar de forma independente. Os Benge destacam a importância dessa iniciativa: “Amy reunira uma pequena equipe de mulheres indianas que queriam sair de seus papéis culturais e partilhar a mensagem do evangelho.”¹⁰⁹¹

Nesse período, Amy Carmichael passou a usar o *sári* como estratégia para se aproximar das mulheres da região de Pannaivilai. Essa escolha representava uma ruptura com as práticas estabelecidas pelas equipes missionárias britânicas na Índia, que geralmente mantinham um padrão visual alinhado à cultura inglesa. Os Benge explicam: “Amy anelava tornar-se uma com o povo.”¹⁰⁹² De acordo com Dianne Lawrence, a vestimenta é a primeira e principal maneira pela qual os indivíduos se conectam com seu ambiente social.¹⁰⁹³ Nesse sentido, o uso do *sári* por Amy não era apenas uma escolha estética, mas um ato de posicionamento em relação ao povo que ela buscava alcançar. Elliot narra que Amy:

[...]se lembrou de como vestir um quimono no Japão a ajudara a se misturar com as pessoas e colocá-las à vontade enquanto conversavam, então decidiu começar a usar um *sári* enquanto caminhava por Pannaivilai. [...] No entanto, havia uma grande diferença entre o Japão e a Índia. A Índia era colônia britânica, o Japão não era. Os ingleses na Índia deveriam mostrar em tudo o que eles faziam que a cultura inglesa era melhor que a indiana. Isso significava [...] também vestir roupas que fossem moda na terra mãe, como a Inglaterra era conhecida. Se um inglês decidisse fazer algo da maneira indiana, isso era considerado decepcionante pela equipe. Amy decidiu fazer algo do jeito indiano, e ela logo enfrentou uma avalanche de críticas dos outros ingleses. A única pessoa que lhe ofereceu algum tipo de apoio foi Walker. Ele podia ver as vantagens de Amy usar um *sári*.¹⁰⁹⁴

A decisão de Amy de vestir-se como as mulheres locais é um exemplo de como ela rompeu com os estereótipos esperados de uma missionária britânica. Sua resistência às críticas também se alinha ao componente de superação pessoal ou autoajuda, frequentemente presente nas biografias missionárias. Os Benge relatam que, ao vestir o *sári* pela primeira vez, Amy “[...]”

¹⁰⁹¹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.126-127

¹⁰⁹² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.137

¹⁰⁹³ LAWRENCE, Dianne. **Genteel women. Empire and domestic material culture, 1840-1910**. UK: Manchester University Press, 2012.p.12

¹⁰⁹⁴ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.122-123

orou para que seu sári abrisse as portas para ela falar com as mulheres hindus.”¹⁰⁹⁵, o que revela seu foco em um ministério voltado especificamente para o público feminino.

Entretanto, é importante destacar, como ressalta Eliza Kent, a relação de Carmichael com a cultura indiana era ambivalente. Embora buscasse aproximação no plano da convivência e da aparência, mantinha uma postura combativa em relação às práticas religiosas locais, particularmente no que se referia aos deuses hindus, contra os quais dirigia duras críticas.¹⁰⁹⁶ Essa tensão é perceptível em diversos episódios narrados tanto por Elliot quanto pelos Benge, nos quais Amy se mostra chocada com o “paganismo” e, por vezes, interfere diretamente na prática religiosa dos convertidos, removendo objetos de culto e símbolos religiosos ou criticando o uso de joias pelas mulheres.

A partir da aproximação com as mulheres locais, o trabalho de Amy Carmichael voltado ao resgate de meninas e mulheres começou a se desenvolver de maneira mais sistemática, quando ela ainda participava das atividades de evangelismo itinerante ao lado dos Walker. Foi durante as jornadas evangelísticas itinerantes que Amy tomou conhecimento da realidade de meninas forçadas à prostituição em templos hindus, um sistema ritual conhecido como *devadasi*¹⁰⁹⁷. Segundo o relato biográfico:

[...] Amy soube que a mulher era uma servidora do templo, uma prostituta, ‘casada com os deuses’, cuja vida era gasta no serviço dos sacerdotes e adoradores. Nem uma dentre elas já havia se convertido. Ninguém tivera permissão de trabalhar entre elas. A descoberta de desse sistema foi como uma espada na alma missionária de Amy. Algo tinha de ser feito. Alguém tinha de achar, de alguma mineira, um meio de alcançar essas mulheres para Deus.¹⁰⁹⁸

A percepção da violência estrutural à qual aquelas meninas estavam submetidas ativou em Amy um senso de urgência e vocação direcionada especificamente ao resgate de mulheres

¹⁰⁹⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.123

¹⁰⁹⁶ KENT, Eliza F. **Converting Women: Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.105

¹⁰⁹⁷ As moças escolhidas para se tornarem *devadasis* se casavam com a deidade no templo, de uma maneira cerimonial. Seus principais deveres consistiam em limpar o templo, abanar as imagens, carregar luzes, cantar e dançar na frente da imagem e dos devotos, e assim por diante. Essa atividade que começou por volta do século III depois de Cristo, desembocou em um sistema também de prostituição. (ELLIOT, 2023, p.197) Nancy Cho explica que O sistema devadasi, um antigo costume hindu pelo qual meninas eram treinadas como dançarinas do templo, deteriorou-se de realização de ritos religiosos, para uma espécie de prostituição, em que as meninas estavam abertas à exploração sexual. ¹⁰⁹⁷ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374. p.355

¹⁰⁹⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.175

em situação de vulnerabilidade. De acordo com Maina Singh, as sociedades missionárias femininas, fundadas por volta da década de 1870, frequentemente ecoavam o conceito de redentor da vítima, uma retórica também empregada por missionários homens, mas que, no caso das mulheres, assumia contornos específicos.¹⁰⁹⁹ Muitas missionárias passaram a justificar seu chamado com base no dever moral e espiritual das mulheres cristãs em relação às suas irmãs “pagãs” e marginalizadas, sustentando um ideal de solidariedade feminina transnacional. Para Clare Midgley, esse é um dos reflexos do projeto imperial paternalista, que representou uma articulação inicial do conceito de um fardo da mulher branca em se concentrar no dever de resgatar vítimas não-ocidentais¹¹⁰⁰

Nessa perspectiva, segundo Jane Haggis, foram construídos dois estereótipos contrastantes que sustentaram a lógica de muitas missões femininas no contexto colonial: de um lado, a mulher indiana representada como passiva, vulnerável e lamentável; de outro, a missionária britânica como ativa, esclarecida e independente.¹¹⁰¹ Esse contraste simbólico legitimava o engajamento das mulheres britânicas na causa missionária, convocando-as a responder ao “chamado da Índia” como irmãs solidárias. Esperava-se que assumissem a responsabilidade moral e espiritual pela missão de esclarecimento, salvação e resgate das mulheres indianas. A trajetória de Amy Carmichael se insere diretamente nesse imaginário. Sua fama se difundiu amplamente, para além da sua dedicação ao evangelismo, sobretudo, por sua atuação no “resgate” de meninas e mulheres em situação de vulnerabilidade.¹¹⁰²

O grupo evangelístico itinerante liderado por Amy Carmichael visitou um vilarejo chamado “Céu de Vishnu”, onde havia um forte do qual nenhuma mulher tinha permissão para sair. Diante dessa limitação, Amy e suas companheiras dirigiram-se até o muro do local e começaram a orar. Na ocasião, um homem permitiu a entrada do grupo no interior do forte, e as missionárias conseguiram alguns poucos minutos para conversar com as mulheres de uma das casas. Sobre esse episódio, Elisabeth Elliot reproduz o seguinte trecho extraído dos escritos de Amy:

¹⁰⁹⁹ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.23

¹¹⁰⁰ MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358. p.350- 351

¹¹⁰¹ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 59

¹¹⁰² KENT, Eliza F. **Converting Women: Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.103

As minhas palavras não lhes podem dar uma ideia da horrível dificuldade que cerca qualquer moça hindu ou muçulmana que ousa tomar uma posição firme. [...] Coisas que nenhuma caneta poderia escrever – pelo menos, a minha não poderia – acontecem por trás das muralhas daquela prisão. Elas estão completamente sob o poder de parentes cruéis. Nada, exceto um milagre, pode trazê-las de lá.¹¹⁰³

De acordo com Padma Anagol, no final do século XIX, mulheres indianas convertidas ao cristianismo frequentemente enfrentavam maus-tratos por parte de seus familiares e tutores.¹¹⁰⁴ Para muitas mulheres oriundas de famílias hindus, e até muçulmanas, manifestar interesse pelo cristianismo representava um risco real de violência e até mesmo de morte. Com base nesse contexto, Elisabeth Elliot escreve: “Não havia outra escolha, senão obediência a todo custo e a todo risco. Para Amy, bem como para qualquer soldado leal, havia o elemento de emoção na batalha. A realidade do perigo energiza e aguça as faculdades.”¹¹⁰⁵ Esse trecho evidencia a forma como Elliot enxerga Amy a partir de uma concepção militarista da missão: a missionária é comparada a um “soldado leal”, cuja fidelidade inabalável ao chamado divino se expressa em coragem diante do risco.

Em algumas ocasiões, jovens mulheres fugiam de suas casas e famílias para se juntar ao grupo itinerante liderado por Amy. Para protegê-las de possíveis represálias, as missionárias frequentemente as levavam em segredo para outras cidades. Durante o tempo em que permaneciam juntas, Amy se dedicava ao ensino da Bíblia e ao cuidado pessoal dessas jovens.¹¹⁰⁶ Segundo Eliza Kent, Amy utilizou sua posição privilegiada como missionária para comunicar às mulheres indianas uma mensagem de libertação, incentivando-as a romper com normas patriarcais profundamente enraizadas na sociedade local.¹¹⁰⁷

Jane Haggis argumenta que, nos textos missionários do século XIX e início do século XX, foi construída uma narrativa de irmandade que posicionava as mulheres britânicas como salvadoras das mulheres indianas, cuja missão era libertá-las da degradação de uma cultura e religião hindu consideradas opressoras e vingativas. Nesse discurso, as mulheres indianas eram retratadas como vítimas inocentes e passivas de um sistema implacável que as utilizava e

¹¹⁰³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.182

¹¹⁰⁴ ANAGOL, Padma. Indian Christian women and indigenous feminism, c. 1850-1920. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998.p.91

¹¹⁰⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.183

¹¹⁰⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.184

¹¹⁰⁷ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.102

abusava, tanto como filhas quanto como esposas. Enquanto as mulheres britânicas são retratadas como tendo virtudes e responsabilidades de sua situação de nascimento livre e independente. Como se elas não vivessem com restrições impostas pelo patriarcado, em vez disso, como ressalta Haggis, são retratadas como agentes inteligentes e respeitadas por direito próprio, e como auxiliares nos empreendimentos masculinos.¹¹⁰⁸

Essa construção, no entanto, omite as próprias limitações que essas mulheres enfrentavam em suas sociedades de origem, marcadas igualmente por estruturas patriarcais. Como ressalta Haggis, em vez de serem apresentadas como sujeitas condicionadas por essas restrições, as missionárias são retratadas como agentes morais autônomas, respeitadas por mérito próprio e participantes ativas nos empreendimentos liderados por homens.¹¹⁰⁹ Esse posicionamento continua reverberando nas biografias missionárias, onde o heroísmo feminino se articula em torno da abnegação e da coragem, contrastando com a representação das mulheres colonizadas como passivas, submissas e carentes de salvação.

Para as missionárias britânicas, o trabalho com mulheres indianas era percebido como uma honra e, ao mesmo tempo, uma profunda responsabilidade espiritual. No entanto, a partir da perspectiva da história feminista, Haggis propõe uma reinterpretação crítica dessa narrativa. Segundo ela, as mulheres vitorianas não devem ser lidas como figuras plenamente emancipadas, mas como sujeitos cujas ações estavam circunscritas aos limites de uma ordem de gênero patriarcal, mesmo quando em missão.¹¹¹⁰

Haggis pondera que a chave para a representação das missionárias como trabalhadoras dedicadas, emancipadas e altruístas, embora ainda moldadas pelos arquétipos da feminilidade cristã, está na dimensão religiosa que embasava seus discursos. Era o “chamado superior de Deus” que legitimava seus esforços e ambições, conferindo sentido e autoridade à condução do trabalho feminino. Esse chamado não era simplesmente uma injunção para cumprir os mandamentos bíblicos para espalhar a palavra, mas um chamado para assumir plenamente o papel específico atribuído às mulheres cristãs, um papel percebido como equivalente, embora não igual, ao de seus colegas masculinos, e totalmente documentado nos anais da história bíblica. Trata-se de uma função que, segundo Haggis, podia transcender os limites da obrigação familiar, permitindo que filhas deixassem os cuidados dos pais para cruzar oceanos em nome

¹¹⁰⁸ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 59

¹¹⁰⁹ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 60

¹¹¹⁰ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 60

da missão. Assim, a posição da esposa missionária, ou da missionária solteira, ganhava contornos de uma “esfera independente de trabalho e responsabilidade”, ainda que sempre expressa nos termos da abnegação, do dever e da obediência. Obediência, nesse caso, não à autoridade masculina ou institucional, mas diretamente a Deus.¹¹¹¹

4.7. Resgatando joias preciosas: crianças e mulheres indianas sob a proteção missionária

Os Benge relatam que, quando alguma menina ou mulher se juntava ao grupo evangelístico itinerante liderado por Amy Carmichael, passava a receber um novo nome, frequentemente associado a joias preciosas, como “Joia da Vitória”. Em alguns vilarejos, era comum que, após ouvirem as pregações, algumas mulheres ou meninas decidissem abandonar suas casas e seguir com o grupo. Essa prática passou a gerar tensões locais, e Amy rapidamente ganhou um novo apelido entre os habitantes da região: “a mãe que roubava crianças”.¹¹¹²

Elisabeth Elliot registra que, em 7 de março de 1901, ocorreu um episódio que marcaria o início de uma nova fase no trabalho missionário de Amy, que se tornaria sua ocupação pelo restante de sua vida. Durante uma missão evangelística no vilarejo de Dohnavur, onde já residiam alguns cristãos, Amy tomou conhecimento de um templo hindu próximo que abrigava as *devadasis*, mulheres dedicadas ao serviço do templo. O grupo de missionárias já havia observado que algumas meninas, vendidas por suas mães ainda na infância, estavam sendo criadas nas casas das mulheres do templo para, futuramente, assumirem o papel de *devadasis*.¹¹¹³

Naquela data, uma menina chamada Preena conseguiu escapar do templo e procurou refúgio junto ao grupo de Amy. Segundo Elliot, a versão relatada por Preena foi que ela ouvira as mulheres do templo se referirem a Amy como “a ammal que roubava crianças”, com o intuito de amedrontá-la. No entanto, em vez de sentir medo, a menina decidiu que aquela mulher, descrita como uma “ladra de crianças”, era justamente quem ela desejava encontrar. A menina

¹¹¹¹ HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998, p. 64

¹¹¹² BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p.137

¹¹¹³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023, p.195-198

foi até a frente da igreja em Pannaivilai em busca de Amy. Uma mulher da comunidade a acolheu e, no dia seguinte, conduziu-a até a missionária. Quando a menina viu Amy, “A criança correu diretamente para a dama branca, subiu em seu colo e começou a falar sem cessar. ‘Meu nome é Olhos de Pérola, e quero ficar aqui sempre. Vim para ficar.’ Anos depois, a recordação de Preena de sua preciosa “Amma”(mamãe) era a de pegá-la em seu colo e beijá-la.”¹¹¹⁴ É importante ressaltar que a partir desse episódio, Elliot passa a referir-se a Amy como *Amma*, além de buscar enfatizar atributos tradicionalmente associados à maternidade, como o cuidado, a proteção e o afeto.

As mulheres do templo procuraram Preena, mas a menina recusou-se a retornar, pois já havia tentado fugir anteriormente e, como punição, fora marcada com ferro quente. Dessa vez, Preena permaneceu sob a proteção de Amy e do grupo itinerante. Elliot destaca um trecho dos escritos da missionária em que ela revela o impacto da presença da criança:

Lembro-me de acordar para o conhecimento de que houvera um canto muito vazio em algum lugar em mim que a obra nunca preencheria. Lembro-me também de agradecer a Deus pelo fato que não era errado ser confortada pelo amor de uma criança.¹¹¹⁵

A partir desse contato próximo, Amy tomou conhecimento em primeira mão da realidade do tráfico sexual infantil associado às devadasis. Enquanto os Benge tratam o tema de maneira breve e sem maiores reflexões sobre a compreensão de Amy diante da situação — mencionando apenas que uma mulher lhe contou que havia sido entregue ao templo ainda muito jovem —¹¹¹⁶, Elliot se aprofunda na questão, explorando inclusive as possíveis limitações da missionária em relação ao entendimento pleno do que estava ocorrendo.

Elliot escreve:

Existe certa dúvida quanto a se os fatos mais elementares da vida algum dia já foram explicados a Amy Carmichael. A palavra *sexo* não era tão mencionada inicialmente naquele século. Um missionário que trabalhou com ela muitos anos posteriormente insistiu que ela nunca aprendera. Talvez não possamos dizer que a ignorância de Amy era tão abismal, mas é bastante claro que sua mente vitoriana se recusava a admitir pensamentos tão desagradáveis e certamente desnecessários. Ela entendia de fato do

¹¹¹⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.199

¹¹¹⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.201

¹¹¹⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p. 130

que estava salvando as meninas? “Ela não sabia”, disse o missionário recém-mencionado. “Sabia apenas que era horrível”.¹¹¹⁷

Elliot apresenta Amy como uma vitoriana pudica, cuja formação moral e cultural a levava a evitar o tema da sexualidade, e a não refletir abertamente sobre ele. A biógrafa chega a citar o testemunho de um colega missionário que afirmava que Amy não possuía pleno conhecimento da natureza sexual da exploração sofrida por meninas e mulheres nos templos indianos. Contudo, essa imagem de ignorância parcial é tensionada pela própria escrita de Carmichael. Em *Things as They Are*, publicado em 1903, Amy denunciou de maneira sutil, porém contundente, a violência a que essas meninas eram submetidas. Nesse trecho, a missionária apresenta a fotografia de um homem religioso com o corpo parcialmente nu, acompanhada da legenda: “Esta foto é de morte em vida”, seguida pela seguinte uma descrição:

Uma carcaça, que anda e respira, pecadora. [...] Eu sabia de algo sobre o homem. Sua vida é simplesmente impensável. E há quem fale de bestas em forma humana! Comparar homens maus com bestas é difamar os animais bons. É mais seguro estar no covil de um tigre do que no monastério desse homem. Mas é um santo do templo – carnal, sensual, demoníaco. Agora, coloque ao lado dele uma menininha – a sua própria – e deixe-a lá; sim, deixe-a lá nas mãos dele.¹¹¹⁸

Logo após essa citação, Elliot comenta:

A evidência da crueldade emocional e física no sexo na Índia, quer no casamento, quer fora dele, sempre foi forte. A taxa elevada de suicídio entre mulheres jovens hoje apoia isso. Amy precisava apenas imaginar os detalhes. O profundo desejo de salvar as crianças se tornou um fogo em seus ossos.”¹¹¹⁹

Percebe-se, portanto, que, ao mesmo tempo em que Elliot constrói uma imagem de Amy como uma mulher de pensamento moralmente puro, avessa a qualquer contemplação explícita da sexualidade, também sugere que mesmo uma compreensão parcial da realidade bastava para motivar sua entrega total à causa do resgate. No entanto, essa formulação levanta questionamentos. Apresentar o testemunho de um homem como atestado do grau de consciência de Amy sobre os abusos sofridos por meninas e mulheres hinduístas revela um problema de gênero na legitimação de conhecimento dentro da narrativa biográfica.

¹¹¹⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.202

¹¹¹⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.202

¹¹¹⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.202

Considerando que Carmichael era uma mulher instruída, leitora atenta, escritora prolífica e profunda observadora da sociedade indiana em suas viagens missionárias, ainda que marcada por uma formação vitoriana, parece pouco plausível que não tivesse plena consciência da violência sexual presente nos templos.

Nesse sentido, Nancy Cho argumenta que Amy Carmichael buscava sensibilizar emocionalmente seus leitores, com o objetivo de aumentar a conscientização sobre a situação das crianças nos templos hindus e mobilizar apoio para sua causa. Para Cho, o uso de eufemismos por parte de Carmichael ao descrever a exploração de meninas e mulheres nos templos pode ter sido uma estratégia consciente diante da resistência que enfrentou por parte de outros missionários e colonialistas, muitos dos quais inicialmente desacreditaram seus relatos. Outro fator relevante, segundo a autora, era o desafio de abordar temas como sexo e práticas sexuais diante de um público ocidental cristão, especialmente sendo Amy uma mulher respeitável dentro dos padrões morais da época.¹¹²⁰

Grande parte da comunidade missionária, segundo Cho, desconhecia a extensão e os detalhes dessa prática até que Amy começou a divulgar, por meio de seus escritos, as experiências vividas com as crianças “resgatadas” do sistema devadasi.¹¹²¹ Cho observa que para tratar do abuso sexual de meninas, incluindo casos de noivas infantis e devadasis, Carmichael recorreu tanto à prosa quanto à poesia, frequentemente utilizando linguagem velada e simbólica. Em seus hinos, por exemplo, Amy introduziu de forma implícita o tema da pedofilia, invocando a proteção divina sobre as crianças sob seus cuidados em Dohnavur. Cho argumenta ainda que, Amy além do trabalho prático com as crianças resgatadas do templo, ela tentou conscientizar o público missionário sobre essa questão através dos seus escritos.¹¹²² Em sua perspectiva, Carmichael via o abuso contra as crianças como um crime grave, e buscava proteger as crianças não apenas por meio da ação prática, mas também através dos seus escritos, escrevendo panfletos destinados à ampla circulação para aumentar a conscientização sobre a situação das devadasis.¹¹²³

¹¹²⁰ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374.p.355-356

¹¹²¹ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374.p.355

¹¹²² CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374.p.360

¹¹²³ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374.p.369

Esses episódios da vida missionária de Amy apresentam duas temáticas: uma bastante explorada em biografias missionárias que é a batalha do bem contra o mal, e da luta da pureza contra a impureza, e a outra que é muitas vezes encoberta, que é a questão da sexualidade. Rhonda Semple aponta que a sexualidade dos missionários é um tema recorrentemente silenciado nos registros de diversas sociedades missionárias. De acordo com Semple, o fato de isto ter sido simplesmente ignorado reflete uma característica administrativa comum a muitas organizações eclesiais.¹¹²⁴

Essa mesma característica se estende às representações construídas nas biografias de missionárias, revelando diferentes modos de lidar com essas temáticas. No caso do abuso sexual infantil, enquanto os Benge silenciam o tema, possivelmente para não confrontar o leitor com uma realidade desconfortável, Elliot insere o problema à luz dos constrangimentos morais e culturais da própria biografada, ao mesmo tempo sendo ambígua para manter a imagem de pureza sexual da personagem. Nesse sentido, a análise comparativa mostra como a dimensão da sexualidade, que aparece por conta do tema de abuso sexual e o papel missionário feminino se entrelaçam no campo da ação prática e da construção de representações de trajetória. Trata-se, portanto, de um campo onde questões de gênero, sexualidade, religiosidade e colonialismo se articulam na produção de sentidos e representações do heroísmo feminino.

Acerca desse tema, Sue Morgan argumenta que, no contexto religioso vitoriano, as ideias sobre as mulheres pensarem sobre sexo estavam invariavelmente inseridas em um arcabouço mais amplo de agendas políticas e teológicas.¹¹²⁵ Assim, mesmo quando Amy Carmichael abordava questões de violência, abuso e exploração sexual, suas denúncias não eram plenamente acolhidas, pois confrontavam os ideais de comportamento de gênero vigentes na cultura vitoriana, especialmente os modelos cristãos de feminilidade, segundo os quais uma mulher verdadeiramente pura sequer deveria conceber pensamentos relacionados à sexo.

Morgan pondera ainda que, devido a ideais de comportamentos enraizados no século XIX, na sociedade evangélica vitoriana da classe média, a virtude das mulheres se baseava no poder feminino como moral e não sexual, e as mulheres eram caracterizadas principalmente pelas suas qualidades maternas. Onde se propagava o pensamento social de que as mulheres eram principalmente virtuosas e abnegadas, e não preocupadas com qualquer sentimento

¹¹²⁴ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p. 119

¹¹²⁵ MORGAN, Sue. “The Word made flesh” Women, religion and sexual cultures. In: MORGAN, Sue; deVRIES, Jacqueline. **Women, gender and religious cultures in Britain, 1800-1940**. New York: Routledge, 2010. p.244

sexual.¹¹²⁶ E é dentro da perspectiva de feminilidade maternal que se estrutura a trajetória missionária de Amy, cuja imagem é reforçada com ênfase nas narrativas biográficas, que a perpetuam como “Amma”.

Por volta de junho de 1901, apenas três meses após a chegada de Preena, Amy passou a ser chamada de *Amma* (do tâmil *ammal*, que significa “mamãe”) por outras quatro crianças pequenas. Segundo Elliot, “Não eram crianças do templo, mas, por uma razão ou outra, precisaram de cuidado e foram recebidas por amor a Cristo”¹¹²⁷. A autora indica, contudo, que havia certa resistência inicial por parte de Amy em assumir plenamente o papel materno, já que ela ainda se dedicava intensamente ao ministério itinerante. Conforme observa Elliot, Amy “[...]procurou ser uma mãe de meio período para o grupo, para as moças convertidas e para os bebês”¹¹²⁸.

Nesse período, Amy teve contato com um provérbio tâmil que, segundo Elliot, levou tempo para ser plenamente compreendido por ela: “Filhos amarram os pés da mãe”¹¹²⁹. Os Benge também apresentam esse ditado e o explicam da seguinte forma:

[...]quando uma mulher se torna mãe, ela não é mais livre para fazer todas as coisas que ela fazia antes. [...]Amy não queria ser uma mãe com os pés amarrados; no entanto, em junho de 1902, ela era amma (mãe) de Joia Vitória, de uma outra adolescente chamada Joia da Vida, de Arulai, Preena e outra quatro garotas que haviam sido entregues a ela por uma razão ou outra, principalmente porque eram meninas e não eram valorizadas na sociedade indiana. De forma surpreendente, toda essa responsabilidade não atrasava ou prendia Amy. Seus pés definitivamente não estavam amarrados. Ela levava as 8 garotas consigo aonde quer que fosse”¹¹³⁰

Os Benge, ao apresentarem essa narrativa, buscam mostrar que a maternidade não representou um impedimento ao engajamento missionário de Amy. No entanto, Elliot oferece uma leitura mais matizada, ao indicar que o processo de assumir a maternidade foi, inicialmente, motivo de tensão e contrariedade para a missionária:

Amy ainda não se dera conta da verdade de que a maternidade é um trabalho de tempo integral e de que sua família precisava de um lar. Ela era uma missionária. A

¹¹²⁶ MORGAN, Sue. “The Word made flesh” Women, religion and sexual cultures. In: MORGAN, Sue; deVRIES, Jacqueline. Women, gender and religious cultures in Britain, 1800-1940. New York: Routledge, 2010.p.249

¹¹²⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.206

¹¹²⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.206-207

¹¹²⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.207

¹¹³⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.153

maternidade não era o que Amy tivera em mente quando respondeu ao chamado de Deus.¹¹³¹

Esse fato mostra a complexidade da experiência missionária feminina, na medida em que evidencia os conflitos entre vocação religiosa e expectativas pessoais. Para muitos missionários e missionárias, a missão torna-se mais do que algo que fazem; é algo que eles incorporam, pois abrange não apenas seu trabalho, mas também o seu sentido básico de identidade.¹¹³² No caso de Amy, a maternidade foi incorporada como extensão de seu chamado, ainda que inicialmente concebida como um obstáculo à sua mobilidade e autonomia evangelística.

Embora Elliot registre a resistência inicial de Amy em assumir a maternidade em tempo integral, a biógrafa rapidamente reforça que esse sentimento foi superado em nome da obediência ao chamado divino. Ela afirma: “A disposição ao sacrifício que flui de um coração repleto de amor e não do desejo por distinção espiritual é certamente aceitável a Deus. [...] O que é exigido é obediência.”¹¹³³ Nesse contexto, a autora busca reforçar que era necessário Amy aceitar a maternidade como parte do seu chamado. Assim como mostrar para seus leitores quanto a obediência é um elemento fundamental da vida cristã. É importante destacar que, nas biografias missionárias femininas é comum mostrar que a ambição da personagem é subordinada aos interesses da missão, que de acordo com Gill, corresponde um modelo de abnegação cristã.¹¹³⁴

Apesar de os Benge reafirmarem que a maternidade não representou um impedimento à atuação missionária de Amy, eles acabam por mostrar o conflito interno que ela vivenciou ao considerar o abandono do ministério itinerante:

Embora gostasse de viajar e compartilhar a viagem do Evangelho, Amy podia ver que fazia mais sentido para ela estabelecer e criar 8 garotas em uma casa. [...] Foi muito difícil para Amy pensar em trocar tudo isso para se tornar amma. A maternidade não era um trabalho missionário tradicional.¹¹³⁵

¹¹³¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.207

¹¹³² SWANSON, Jeffrey. **Echoes of the call: Identity & Ideology Among American Missionaries in Ecuador**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1995.p. 17

¹¹³³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.207

¹¹³⁴ GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.177

¹¹³⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.155-156

Apesar de revelar o conflito interno da personagem, os Benge buscam mostrar ao leitor, sua resignação com sua nova função, dizendo que após um período de reflexão, Amy concluiu que “Era hora de se aquietar e dar às garotas um lar.” ¹¹³⁶. Com isso, a missionária passou a procurar um local onde pudessem se estabelecer de forma permanente. Nesse mesmo período, Thomas Walker foi designado para Dohnavur, onde assumiria a docência em teologia. O grupo evangelístico itinerante, então, acompanhou Walker e fixou residência na localidade. A partir desse momento, os Benge passam a se referir às meninas acolhidas por Amy como suas filhas, consolidando a imagem da missionária como mãe, não apenas no sentido afetivo e funcional, mas também como parte integrante de sua identidade e chamado missionário.

Tanto Elliot quanto os Benge, buscam mostrar aos leitores como Amy abraçou plenamente seu papel de mãe, os Benge relatam que, após o estabelecimento em Dohnavur, ela fez uma viagem ao litoral para pregar em uma reunião. E ilustram:

Ela [...] não se dera conta de como uma mãe se sentia ao ficar longe das filhas durante seis semanas. [...] Ela, por fim, soube que esse era o trabalho que Deus lhe dera para realizar na Índia. Agora, ela estava com os pés amarrados e se sentia feliz. ¹¹³⁷

Ao destacar essa declaração, os biógrafos procuram assegurar ao leitor a alegria de Amy em aceitar a maternidade como parte integral de seu chamado missionário.

Figura 34 - Amy aos 42 anos, com Lola e Leela



Fonte: Inspirational Christians. Disponível em: <https://www.inspirationalchristians.org/evangelists/amy-carmichael-biography/> Acesso em: julho/2025.

¹¹³⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.156

¹¹³⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.160

Em 1903, Amy passou a assumir sozinha a responsabilidade pelo projeto em Dohnavur. Thomas (Yver) Walker, que a auxiliava sempre que possível e atuava como seu conselheiro, retornou à Inglaterra. Os Benge destacam esse momento afirmando: “Pela primeira vez desde que se tornara missionária, Amy, uma mulher solteira, teve que carregar todo o peso do ministério sozinha.”¹¹³⁸. Amy continuou a cuidar das crianças acolhidas e a supervisionar as integrantes do antigo grupo itinerante. Sua missão de resgatar meninas dos templos permanecia central, e ela passou a escrever cartas a amigos e colaboradores na Índia solicitando ajuda na localização de novas crianças em situação de risco. Paralelamente, buscava estabelecer contatos com reformadores sociais atuantes em Bombaim e Calcutá, que pudessem exercer influência na formulação de leis voltadas à proteção infantil.

Em 1º de março de 1904, uma bebê de apenas 13 dias foi resgatada de um templo por um pastor, que a entregou a Amy. Logo, outras bebês e crianças também chegaram. Por volta de junho, já havia 17 crianças sob seus cuidados, sendo seis delas provenientes do templo. Elliot descreve a rotina de cuidar das crianças como exaustiva, ressaltando, contudo, que

Oferecê-lo ao Senhor da glória transforma-o numa atividade santa. ‘Seria correto’, Amy perguntara, ‘deixarem de lado tanto que poderia ser lucrativo para se tornarem apenas babás?’ A resposta era sim. Não compete ao servo decidir qual trabalho é grande, qual é a menor, qual é importante ou insignificante. Ele não é maior do que seu Senhor.¹¹³⁹

Elliot ao mostrar que Amy inicialmente questionava a função das moças do grupo, que antes era itinerante, por acreditar que elas deveriam se dedicar exclusivamente à evangelização, reforça que o trabalho de cuidado também tinha grande valor no ministério missionário, além de ser uma atividade santificada. Ainda em 1904, Amy recebeu a visita de sua mãe. Elliot cita um trecho de uma carta que a senhora Carmichael enviou a uma amiga na Europa, descrevendo o trabalho da filha:

Nesta família enorme, de mais de 30 pessoas, incluindo desde a idade de 34 anos até um bebê de nove meses, não tenho visto nenhum rosto irado, nem ouvido nenhuma palavra impaciente. Um grupo de mulheres amáveis, altruístas, moças e crianças que

¹¹³⁸ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.160-161

¹¹³⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.218

não se acham facilmente. [...] Visto que chegamos aqui há um mês, posso dizer com verdade que [Amy] quase não tem tido folga, nem mesmo para comer. Ela é mãe, médica e enfermeira, dia e noite.¹¹⁴⁰

As biografias escritas por Elliot e pelos Benge refletem, em suas narrativas, como a maternidade era percebida no final do século XIX e na primeira metade do século XX, especialmente como parte integrante do chamado missionário e da identidade feminina. De acordo com Julie Berebitsky, na primeira metade do século XX, para a sociedade ocidental, a maternidade e o sacrifício materno geralmente eram glorificados e romantizados, sendo descritos como o mais elevado e verdadeiro chamado da mulher e a chave para sua identidade feminina.¹¹⁴¹

Nessa perspectiva, a adoção e a maternidade se tornavam veículo para o evangelismo.¹¹⁴² Essas “mães” missionárias frequentemente prosperaram em culturas com fortes laços familiares alargados. A adoção missionária tornou-se um mecanismo importante dentro do movimento missionário, pois viabilizava a consolidação do trabalho missionário feminino. Dessa forma, a adoção de crianças permite a inserção dessa personagem na literatura como uma “mãe salvadora”.¹¹⁴³

Segundo Julie Berebitsky, a maternidade contribui significativamente para a construção da imagem de uma mulher virtuosa, digna de admiração.¹¹⁴⁴ Então, partindo dessa concepção, a adoção de crianças vulneráveis contribui para a construção da imagem da figura da heroína missionária. Cassandra Berman, observa que proteção de crianças vulneráveis de mães prejudiciais que abusavam, negligenciavam ou matavam seus próprios filhos, era um comportamento que os autores da literatura protestante missionária atribuíam a uma ignorância do cristianismo.¹¹⁴⁵ Dessa maneira, ser uma mãe resgatadora, se encaixa na narrativa biográfica

¹¹⁴⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.219

¹¹⁴¹ BEREBITSKY, Julie. **Like Our Very Own: Adoption and the Changing Culture of Motherhood, 1851-1950**. Kansas: University Press of Kansas, 2000.p. 75

¹¹⁴² RADEMAKER, Laura. ‘I had more children than most people’: Single Women’s Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. **Lilith: A Feminist History Journal**, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21. p.15

¹¹⁴³ BEREBITSKY, Julie. **Like Our Very Own: Adoption and the Changing Culture of Motherhood, 1851-1950**. Kansas: University Press of Kansas, 2000.p.76

¹¹⁴⁴ BEREBITSKY, Julie. **Like Our Very Own: Adoption and the Changing Culture of Motherhood, 1851-1950**. Kansas: University Press of Kansas, 2000.p. 80

¹¹⁴⁵ BERMAN, Cassandra N. Motherhood on a Mission: Missionaries, “Heathens”, and the Maternal Ideal in the Early America Republic. **Early American Studies: An Interdisciplinary Journal**, Volume 17, Number 4, Fall 2019, pp. 474-497. p.476

como elevação da virtuosidade da maternidade missionária cristã,¹¹⁴⁶ que se posiciona como redentora e salvadora, especialmente ao resgatar crianças de contextos de abuso e exploração.

É nesse sentido que podemos analisar a maneira que os biógrafos apresentam a vida de Carmichael: a adoção e a maternidade exercidas por Amy são descritas como expressões do cristianismo autêntico, em contraste com a “maternidade deficiente” de algumas mulheres indianas que entregavam ou vendiam suas filhas aos templos. Como observa Laura Rademaker, as biografias missionárias corroboram com o ideal missionário de que mulheres solteiras foram para outros países para salvar vidas de crianças, tanto de sofrimentos terrenos quanto espirituais.¹¹⁴⁷

4.8. Liderança no complexo: a construção de uma autoridade missionária feminina

Em 1912, o complexo de Dohnavur já abrigava cerca de 140 pessoas, quando Amy Carmichael começou a enfrentar uma sequência de perdas e lutos. A primeira delas foi a morte de Thomas (Iyer) Walker, figura de grande importância em sua trajetória missionária. Segundo os Benge, “Por alguns dias, parecia que o sofrimento acabaria com Amy.”¹¹⁴⁸ Nos anos seguintes, outras perdas se acumularam: entre 1913 e 1915, Amy enfrentou a morte de sua mãe, de duas amigas que a apoiavam desde os tempos da obra itinerante, além de alguns bebês e crianças sob seus cuidados. “Foi um momento difícil e solitário para Amy”, relatam os Benge, que enfatizam como a personagem recorreu a fé como força sustentadora diante da dor: “[...] assim como foi para ela depois da morte de Iyer Walker, Amy teve que se apegar à fé para prosseguir sem amargura.”¹¹⁴⁹ Além de destacar o recurso à espiritualidade nos momentos de sofrimento, os Benge também apresentam a maternidade como fonte de consolo. Para eles, “Como antes, Amy se atirou ao trabalho, e a alegria de ser amma de tantos filhos felizes,

¹¹⁴⁶ BERMAN, Cassandra N. Motherhood on a Mission: Missionaries, “Heathens”, and the Maternal Ideal in the Early America Republic. **Early American Studies: An Interdisciplinary Journal**, Volume 17, Number 4, Fall 2019, pp. 474-497. p. 485

¹¹⁴⁷ RADEMAKER, Laura. ‘I had more children than most people’: Single Women’s Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. **Lilith: A Feminist History Journal**, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21. p. 8

¹¹⁴⁸ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.185

¹¹⁴⁹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.187

resgatados dos templos hindus e de outras situações desesperadoras, logo ajudou Amy a continuar após a morte de tantas pessoas próximas.”¹¹⁵⁰

Segundo Craig, os leitores de biografias missionárias estão protegidos filosoficamente contra as tragédias dessas escritas. As cenas de leitos de morte e enterro de crianças, são descritas com mais sentimentalismo vitoriano do que distanciamento biográfico. As emoções suscitadas são canalizadas para a prova geral de fé em que os textos estão envolvidos. Retoricamente, o sentimento é um dispositivo muito utilizado.¹¹⁵¹ A tragédia é suavizada em emoção difusa que se espalha em uma atmosfera de sentimentalismo. Para Craig, esse é um mecanismo para afastar o leitor do confronto com a dura realidade da morte e das tragédias.¹¹⁵² Dessa forma, os escritores estão traduzindo a tragédia em ganho abstrato, protegendo e validando assim a fé.

Em 1909, Amy Carmichael iniciou investigações sobre a situação dos meninos que serviam nos templos indianos:

Muitos eram vendidos ou dados às casas de templos onde se tornavam músicos e professores de dança e poesia para as moças. Outros eram adotados pelos hindus ou muçulmanos, às vezes para atender a propósitos que Amy só pôde descrever como “infames”, significando homossexuais. Outros se tornavam propriedades de sociedades dramáticas conectadas com os templos e aprendiam a atuar em peças que eram ‘totalmente impuras e destruidoras da alma’¹¹⁵³

Com base nessas investigações, Amy forneceu informações ao governo indiano que contribuíram para a formulação de leis voltadas à proteção infantil, agora também estendidas aos meninos. Como na Índia o cuidado de meninos e meninas precisava ser realizado separadamente, Amy estruturou um novo projeto específico para acolher meninos. No entanto, os primeiros bebês do sexo masculino só chegaram a Dohnavur em 1918. Em 1926, o número de meninos sob seus cuidados já estava entre 70 e 80.¹¹⁵⁴

Em 1919, segundo os biógrafos, Amy, aos 52 anos, foi agraciada com a medalha Kaiser-i-Hind, em reconhecimento pelos serviços prestados ao povo indiano. Os Benge narram que, ao

¹¹⁵⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.187

¹¹⁵¹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.69

¹¹⁵² GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.71

¹¹⁵³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.291

¹¹⁵⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.294

contrário do que se esperava, Amy não recebeu a honraria com entusiasmo, mas com desconforto:

Ela ficou horrorizada. [...] Sua primeira reação foi rejeitar o prêmio. Ela se perguntava por que deveria ser recompensada por fazer o trabalho de Deus. Ela já tinha sido recompensada mais que o suficiente com o amor das centenas de crianças que havia resgatado.¹¹⁵⁵

Como observa Eliza Kent, a forma como Amy escrevia sobre si mesma, frequentemente de modo autodepreciativo, está em consonância com a tendência de missionários se representarem como mártires.¹¹⁵⁶ O desconforto de Amy diante da premiação por seus serviços integra a estratégia narrativa dos biógrafos para reforçar sua humildade e devoção. Ao relatar esse episódio, tanto os Benge quanto Elisabeth Elliot utilizam esse recurso para compor a imagem de uma missionária desinteressada em reconhecimento público. No entanto, Elliot lamenta que a determinação de Amy em não atrair atenção para si mesma, pois: “[...] inspirou as maratonas periódicas de ‘ocultar seus rastros’ ao destruir diários, um hábito que cria lacunas frustrantes na história.”¹¹⁵⁷

A biografia escrita por Elliot segue os padrões das narrativas missionárias, caracterizadas pelo entrelaçamento de momentos de exaltação da personagem como exemplo de fé, sacrifício e virtude. Amy é descrita pela biógrafa como uma “mulher extraordinária”, cuja vida foi marcada pela renúncia à notoriedade: “A última coisa que Amy buscava era reconhecimento.”¹¹⁵⁸ Elliot a apresenta ainda como bem-humorada e frequentemente convidada a falar em reuniões, embora não isenta de críticas. No entanto, a biógrafa reconhece que, apesar de sua dedicação, Amy foi alvo de críticas e resistências, indicando tensões em torno de sua atuação missionária. Já os Benge, por outro lado, não fazem qualquer menção a essas críticas, optando por construir uma narrativa hagiográfica idealizada, que reforça o ideal da missionária como figura irrepreensível e admirada por todos.

Sobre as críticas recebidas por Amy, Elliot escreve:

¹¹⁵⁵ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.193

¹¹⁵⁶ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.107

¹¹⁵⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.280

¹¹⁵⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.240

No entanto, o criticismo continuou. Alguém sugeriu que os esforços de Amy para salvar crianças dos templos não eram nada mais que um artifício publicitário, cujo propósito era atrair atenção para ela mesma. O sistema dos templos era muito antigo – o que ela pensava que poderia fazer a respeito? Alegações ilógicas acharam pronta aceitação: Amy era uma ditadora, opunha-se ao casamento, e suas moças indianas a adoravam.¹¹⁵⁹

Elliot não mostra a crítica a Amy em vão. Seu objetivo é reforçar a ideia de que o trabalho missionário envolve resistência, incompreensão e oposição. Assim, a biógrafa elabora uma imagem de Amy como alguém que, mesmo diante de ataques e mal-entendidos, permaneceu fiel à sua vocação e propósito. Em conformidade, Ruth Tucker aponta que apesar do grande sucesso, Amy enfrentou oposição tanto da comunidade missionária, quanto de hindus e, inclusive, dentro da própria Dohnavur Fellowship. Tucker afirma que, inicialmente, outros missionários eram céticos em relação ao trabalho de Amy. Posteriormente, alguns chegaram a sugerir que ela havia se envolvido demais em causas humanitárias.¹¹⁶⁰ Para Tucker, a oposição mais paradoxal que Amy enfrentou veio de dentro da própria Dohnavur Fellowship: uma comunidade marcada por conflitos e tensões que causaram a Amy episódios de ansiedade e desgaste emocional.¹¹⁶¹

Ocasionalmente, outras missões enviavam candidatas para colaborar em Dohnavur, mas algumas eram dispensadas, pois, como ressalta Elliot, “o padrão sobre o qual Amy insistia era incrivelmente elevado”¹¹⁶². A missionária demonstrava rigor na admissão de auxiliares, pois “tinha uma visão de viver santo”¹¹⁶³. Entre os recrutas mais promissores de Dohnavur encontrava-se a família Neill, cujo filho Stephen Neill, graduado pela Universidade de Cambridge e com 24 anos na época, candidatou-se ao serviço missionário juntamente com seus pais, que eram médicos. Contudo, a inserção dos Neill no complexo foi interpretada por Amy Carmichael como um declínio espiritual do ambiente missionário. Em um intervalo de apenas seis meses, o senhor Neill e sua esposa se retiraram, enquanto Stephen teria provocado angústias em Amy e, devido a divergências decorrentes de influências denominacionais distintas, foi desligado da missão. A biógrafa Elisabeth Elliot evidencia que a relação entre Amy Carmichael

¹¹⁵⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.241

¹¹⁶⁰ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.134

¹¹⁶¹ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.134-135

¹¹⁶² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.236

¹¹⁶³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.236

e Stephen Neill foi marcada por atritos, tensões e rompimentos, ressaltando que Amy adotava uma postura decisória inflexível, recusando-se a admitir questionamentos, sendo por vezes descrita como autocrata.¹¹⁶⁴ Eliza Kent corrobora a avaliação de Elliot ao indicar que Stephen Neill qualificou Amy como autocrata em sua conduta.¹¹⁶⁵

Elliot escreve que “a necessidade de trabalhar sob a autoridade de mulheres colocou uma pressão severa sobre alguns homens que foram para Dohnavur.”¹¹⁶⁶ . Aqueles que tiveram dificuldade em aceitar os princípios e o modo como Amy conduzia o complexo foram convidados a deixar o trabalho. A biógrafa conta: “Indaguei a um indiano que passara muitos anos em Dohnavur se a maioria dos homens achava difícil trabalhar debaixo de autoridade feminina. ‘Cem por cento deles’, foi sua resposta.”¹¹⁶⁷

Devido sua maneira de conduzir o complexo e o trabalho missionário, Elliot relata que:

Surgiu nos primeiros anos da obra em Dohnavur um movimento razoavelmente forte de ‘Retirem Amy Carmichael da Índia’ entre missionários e cristãos indianos. Ela era um espinho em ambos os lados. Por que deveria recusar-se inflexivelmente a aceitar o até então aceitável cristianismo nominal, por exemplo, ou a contratação de obreiros que não tinham ‘bons olhos’ para a glória de Deus? Por que ela tinha de persistir em fazer o inaceitável – vestir sáris, fazer a obra que estava abaixo de sua posição, recusar-se a pagar salários? [...] Quando chegava a uma escolha entre a boa vontade dos missionários do sul da Índia (e de cristãos em outros lugares) e a obediência, não havia hesitação. Ela seguia resolutamente o Senhor que sabia tudo a respeito de incompreensão e opróbrio.¹¹⁶⁸

A biógrafa enfatiza a inflexibilidade de Amy, justificando-a como fruto de sua fidelidade a Cristo e da primazia da obediência sobre qualquer convenção ou aprovação social. Elliot também destaca, por meio de trechos extraídos dos escritos da própria Amy, que sua lealdade à comunidade de Dohnavur, considerada por ela uma verdadeira família, impunha a

¹¹⁶⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.313-335

¹¹⁶⁵ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.111

¹¹⁶⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.337

¹¹⁶⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.337

¹¹⁶⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.237-238

responsabilidade de preservar princípios que julgava essenciais à vida cristã, especialmente a obediência bíblica.¹¹⁶⁹

Conforme Eliza Kent, Amy acreditava que sua vocação como missionária consistia em ser um instrumento obediente a Deus. Com isso, a abordagem de Amy a colocou em um caminho independente, validando um estilo de evangelismo ousado, iconoclasta e experimental. Kent argumenta ainda que Amy, ao se tornar amplamente conhecida a partir de 1895 por meio de seus livros e artigos, utilizou o potencial fortalecedor do cristianismo para subverter convenções estabelecidas e reivindicar para si papéis de liderança em uma instituição missionária patriarcal.¹¹⁷⁰

Até 1925, Amy Carmichael pertencia à Sociedade Missionária Zenana da Igreja da Inglaterra, e durante vários anos as pessoas do complexo frequentaram a igreja dessa sociedade missionária. Contudo, devido à superlotação, começaram a organizar seus próprios cultos, o que acabou culminando no rompimento com a Igreja Anglicana. Os cultos realizados no complexo tinham influências das reuniões dos Quakers, aprendidas por Amy com o líder do movimento Keswick, além de elementos da liturgia anglicana e da liberdade característica dos cultos das igrejas Livres.

Em julho de 1925, o grupo de Dohnavur rompeu todos os laços formais com as sociedades às quais estava vinculado e, em 1927, registrou-se oficialmente como Dohnavur Fellowship. O “Memorando da Associação” definia seu propósito como salvar crianças em perigo moral; treiná-las para servir aos outros; socorrer os desolados e sofredores; e realizar qualquer ação que pudesse ser demonstrada como a vontade divina, com o objetivo de tornar “seu amor conhecido, especialmente para o povo da Índia.”¹¹⁷¹

A Sociedade Missionária da Igreja doou as instalações originais e o local de retiro para a nova organização. A constituição da Dohnavur Fellowship estabelecia Amy como a líder do complexo.¹¹⁷² Para evidenciar essa liderança, Elliot reproduz depoimentos de recrutas que afirmavam sentir-se intimidados por Amy devido à sua sabedoria e experiência, ao mesmo tempo em que evidenciavam sua humildade.¹¹⁷³ Carmichael administrava o orfanato, a escola

¹¹⁶⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.238

¹¹⁷⁰ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.102

¹¹⁷¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.327

¹¹⁷² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.327-328

¹¹⁷³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.335

e o hospital, consolidando-se como líder espiritual e administrativa. Ela negociava terras para a expansão do complexo e buscava recursos para a construção de berçários, jardim de infância e salas para os trabalhadores. Os Benge narram que Amy construiu a casa de oração e o hospital, ressaltando que “Amy continuava a trabalhar incansavelmente.”¹¹⁷⁴

Na narrativa de Elliot, Amy é apresentada como a principal liderança do complexo de Dohnavur, com ênfase em suas competências administrativas e espirituais. Contudo, mesmo ao destacar seu papel de gestora, a biógrafa recorre continuamente ao seu papel da maternidade como eixo estruturante de sua identidade missionária. Elliot observa que “O trabalho de mãe era permanente em Dohnavur, como o é em todos os lugares[...]”¹¹⁷⁵, e descreve a forma como Amy transitava cotidianamente entre os diferentes espaços da instituição: salas de aula, berçários, cozinhas de leite, depósitos, salas de tecer e costurar, utilizando um triciclo. Essa imagem reforça a ideia de uma maternidade ativa, comprometida e presente no cotidiano do complexo.

A autora também lança mão de descrições vívidas que articulam autoridade e afeto, como ao retratar Amy cavalcando pelas trilhas do complexo, “à amazona, em seu sári bege-claro”¹¹⁷⁶, por vezes acompanhada por uma criança que convidava a compartilhar o passeio. Essa representação combina liderança, cuidado e dedicação maternal, inserindo Amy em uma tradição missionária que valoriza a maternidade como dimensão religiosa e vocacional da mulher cristã.

Em contrapartida, os Benge não atribuem ênfase ao papel de Amy Carmichael como administradora ou líder institucional, concentrando-se exclusivamente em sua atuação como *amma*, figura materna que protege, cuida e, quando necessário, recorre à justiça em defesa das crianças.¹¹⁷⁷ Essa abordagem constrói uma imagem essencialmente afetiva e sacrificial da missionária. Já Elliot oferece uma perspectiva mais ampla, destacando também o papel formativo de Amy como orientadora vocacional. Pois à medida que as crianças cresciam, Carmichael expressava suas esperanças quanto ao futuro de cada uma, sendo descrita por Elliot como uma “profetisa”, por sua capacidade de perceber e incentivar as potencialidades

¹¹⁷⁴ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.198

¹¹⁷⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.259

¹¹⁷⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.259-260

¹¹⁷⁷ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.177-183

individuais. Amy estimulava suas filhas adotivas a seguirem diferentes caminhos profissionais, como enfermagem, magistério, contabilidade e evangelismo.¹¹⁷⁸

Contudo, essa orientação vocacional também era permeada por uma expectativa de obediência espiritual. Elliot relata que, nos casos em que as aspirações pessoais de uma jovem divergiam da visão que Amy tinha para ela, esta era lembrada do “jugo suave” oferecido por Cristo, ao passo que, segundo Carmichael, “se fizermos nosso próprio jugo, seremos miseráveis.”¹¹⁷⁹ A formação oferecida por Amy, portanto, integrava vocação, religiosidade e submissão à vontade divina, ou ao que Amy entendia como tal.

Elliot descreve Amy como “uma desbravadora”, destacando o caráter singular de sua atuação missionária: “Sem dúvida, ninguém tinha formado uma família desse tipo específico de crianças de acordo com tais diretrizes.”¹¹⁸⁰ A autora afirma que o objetivo de Amy era “guiar crianças a serem altruístas e a servirem aos outros, ‘não maculadas por pensamentos terrenos’”¹¹⁸¹. Em Dohnavur, “verdade, lealdade e honra foram colocadas em primeiro lugar”¹¹⁸². A apresentação desses ensinamentos reflete um dos propósitos fundamentais da biografia missionária: a transmissão de valores por meio da escrita de vidas exemplares.

Amy recebia no complexo o auxílio de médicos, professores e clérigos que compunham a equipe do trabalho missionário. No entanto, a Dohnavur Fellowship não aceitava recursos governamentais, a fim de evitar qualquer interferência na formação religiosa das crianças. Amy exercia um rígido controle sobre os aspectos da vida cotidiana no complexo: supervisionava os programas educacionais, as atividades de lazer, a seleção de colaboradores e até mesmo a composição dos hinos entoados pelas crianças. “[...] Amy, sempre zelosamente protetora de suas crianças, temia influências europeias que nada contribuiriam para o bem-estar espiritual delas. Havia distrações mundanas que poderiam semear descontentamento entre suas crianças.”¹¹⁸³ A preocupação com a pureza espiritual e moral era refletida também na censura rigorosa de materiais acessíveis às crianças: “Amy detestava o que era de mau gosto e obsceno.

¹¹⁷⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.259

¹¹⁷⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.259

¹¹⁸⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.301

¹¹⁸¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.302

¹¹⁸² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.303

¹¹⁸³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p. 279

Nenhum brinquedo, nenhum livro com fotos chegavam às mãos de suas crianças sem escrutínio prévio.”¹¹⁸⁴

Elliot não esconde que “Amy era rígida” ¹¹⁸⁵, mas procura justificar essa rigidez com base em princípios bíblicos e no argumento do amor:

O Livro de Provérbios fala sobre a necessidade da vara na educação de filhos. Os pais que não a usam odeiam o seu filho. O amor, portanto, exige autodisciplina, autonegação e coragem. Era necessário tudo isso para Amy usar uma vara ou uma tira de couro no pulso de uma criança.[...] Frequentemente, a disciplina era seguida de um beijo e um doce. Amy assumiu a responsabilidade de administrar ela mesma essas punições[...]. Afinal de contas, ela era a mãe.¹¹⁸⁶

Essa justificação insere a prática disciplinar de Amy em um discurso afetivo e moral que busca legitimar a autoridade materna. Se por um lado Elliot, justifica a prática de correção de Amy, por outro, tece críticas sutis à postura de Amy, particularmente no que diz respeito à sua preferência por algumas crianças. A biógrafa reconhece a parcialidade da missionária:

‘Lulla era, talvez, a única de nossas crianças que teria certamente satisfeito o gosto mais crítico. Havia uma delicadeza de feições e uma suavidade de coloração que é rara no sul da Índia; e a doçura de disposição de Lulla combinada com inteligência brilhante acrescentava algo que tornava sua peculiaridade preciosa para nós todos.’ O gosto mais crítico significava, sem dúvida, o gosto europeu mais crítico. Os indianos com sangue ariano, de pele clara e cabelos sedosos, eram naturalmente mais atraentes à natureza europeia em Amy, bem como à casta superior. Os dravidianos escuros, do Sul, acharam menos lugar nas fotografias que ela incluiu em seus livros, embora isso possa ter sido a escolha dos fotógrafos.¹¹⁸⁷

Nesse trecho da biografia, há uma nota de rodapé do editor que busca atenuar ou relativizar o viés racial presente na narrativa, afirmando: “As opiniões de Carmichael e Elliot representam noções de sua época, e devem ser analisadas à luz do ensino bíblico.” ¹¹⁸⁸. Percebe-

¹¹⁸⁴ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.304

¹¹⁸⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.254

¹¹⁸⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.255

¹¹⁸⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.256-257

¹¹⁸⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.257

se, portanto, um esforço explícito de justificar histórica e teologicamente as posturas racistas e eurocêntricas que aparecem na narrativa. No que se refere à postura de Elliot, observa-se que, embora a autora exponha a preferência estética e afetiva de Amy por determinadas crianças, procura suavizar essa faceta. No entanto, a própria biografia apresenta indícios que corroboram a existência de favoritismo: Elliot menciona que Amy aplicava castigos físicos, inclusive com varas, e reproduz relatos de mulheres criadas por Carmichael que afirmam ter percebido um amor desigual por parte da missionária, dirigido especialmente às crianças mais inteligentes ou que apresentavam atributos considerados superiores.¹¹⁸⁹

Mesmo diante dos pontos críticos, permanece evidente o esforço narrativo de Elliot para reforçar a identidade de Amy como *amma*, uma mãe protetora e amorosa, resgatadora e educadora moral e espiritual. Essa imagem se entrelaça com as concepções predominantes nos meios missionários dos séculos XIX e XX, que atribuíam às mulheres o papel de agentes de elevação moral e educadoras maternas por excelência.¹¹⁹⁰ Amy insistia que o complexo de Dohnavur não era um orfanato, mas uma família.¹¹⁹¹ A ideia de uma “grande família missionária” sustentava a organização prática da comunidade, e um ideal teológico e afetivo. Catherine Hall observa que “No difícil trabalho que os missionários enfrentaram, a família forneceu um refúgio, tanto na teoria quanto na prática, dos rigores do mundo lá fora.”¹¹⁹² Nessa lógica, “A Dohnavur Fellowship era compreendida como uma família, e Amy Carmichael, sem dúvida, como sua mãe.”¹¹⁹³

A escrita da biografia missionária exige que o biógrafo lide com diversas ambivalências presentes no caráter do biografado, buscando apresentar uma narrativa que preserve seu carisma e mantenha a imagem heroica. Nesse processo, determinados aspectos são silenciados ou atenuados conforme a intencionalidade da obra. Os Benges, por exemplo, optam por não mencionar eventuais preferências de Amy por algumas crianças, tampouco os castigos físicos aplicados por ela. Em contraste, Elisabeth Elliot trabalha cuidadosamente a reputação de Amy como uma figura exigente e rigorosa, mas simultaneamente amorosa e afetuosa com as crianças

¹¹⁸⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.256-257

¹¹⁹⁰ LUTKEHAUS, Nancy C. Missionary Maternalism: Gendered Images of the Holy Spirit Sisters in Colonial New Guinea. In: HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p. 212

¹¹⁹¹ CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374.p.358

¹¹⁹² HALL, Catherine. Of Gender and Empire: Reflections on the Nineteenth Century. In: LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004. p.59-60 (tradução nossa)

¹¹⁹³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.334

sob seus cuidados. A autora então compõe a imagem de uma mulher que exercia a maternidade com firmeza e ternura, equilibrando autoridade e carinho.

Márcia Gonçalves observa que “o biógrafo melhor destacaria os aspectos que vivificassem o biografado, na maneira como esse se comportou em seu tempo de vida.”¹¹⁹⁴ É nesse sentido que Elisabeth Elliot dedica-se a descrever minuciosamente os comportamentos, emoções e escolhas de Amy Carmichael ao longo de sua trajetória. Diferentemente, os Benge mantêm o foco principal nas realizações de Amy, retratando-a como uma mulher vitoriana que soube adaptar seus conhecimentos e valores para atuar em um território estrangeiro. Sob essa perspectiva, conforme destaca Hourihan, ideais de progresso e conquistas são elementos constitutivos das narrativas heroicas, e, nesse caso, são mobilizados para construir a imagem de Amy como uma heroína da fé.¹¹⁹⁵

4.9. A escrita no sofrimento: a serva como autora

Amy Carmichael sempre se dedicou à escrita, mas, após um acidente em 1931, essa atividade passou a ocupar um lugar central em sua rotina. Naquele ano, durante a construção de um dispensário em um vilarejo próximo a Dohnavur, Carmichael sofreu uma queda enquanto inspecionava as obras, fraturando a perna. À época, já apresentava problemas na coluna, os quais foram agravados pelo acidente. Segundo os Benge, “[...] ela ficara parcialmente aleijada. [...] nas duas décadas seguintes, ela nunca mais caminharia além de alguns passos, nem ficaria fora da cama por mais de uma hora.”¹¹⁹⁶ A escrita, então, se tornou seu principal instrumento de liderança, influência e atuação missionária.

Sem uma dieta adequada, os 38 anos de esforços missionários contínuos, somados à perda de entes queridos, às intensas demandas emocionais, à insônia, aos problemas cardíacos, à hipertensão, à neuralgia do trigêmeo e à uveíte que comprometeu sua visão, resultaram em

¹¹⁹⁴ GONÇALVES, Márcia de Almeida. Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo. **Revista de História**, n. 150, p. 129-155, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2850/285022859007.pdf> Acesso em: janeiro/2022. p.139

¹¹⁹⁵ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p.6

¹¹⁹⁶ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.201

um quadro de saúde cronicamente debilitado para Amy Carmichael.¹¹⁹⁷ A missionária nunca mais recuperaria plenamente sua saúde, passando a viver restrita a seu quarto em Dohnavur, espaço que Elliot descreve como uma espécie de prisão, mas também como o centro de suas atividades: ali ela escrevia, recebia visitas e era cuidada. Embora ainda conseguisse caminhar, o fazia com dor, devido à artrite. Elliot comenta que “[...] talvez Amy tenha sido superprotegida. Mas ela viveu num tempo em que se permitia às mulheres serem inválidas.”¹¹⁹⁸

Os Benge observam as dificuldades que Amy enfrentou para aceitar suas limitações: “Tendo sido tão ativa por tanto tempo, era difícil aceitar a nova condição de vida.” Eles descrevem como ela reorganizou sua rotina para continuar dirigindo o complexo a partir do quarto, que passou a ser chamado de “O quarto da paz”. “Amy ficava incomodada pelo fato de ser um fardo para as pessoas. [...] Ela vivera para servir aos outros. Agora, precisava ser ajudada quase o dia todo. Era algo muito difícil de aceitar.”¹¹⁹⁹ Segundo Rowbotham, é comum que mulheres retratadas como heroínas sejam apresentadas como fisicamente incapacitadas como consequência direta de seu heroísmo, sendo então restringidas, à força, a uma condição de passividade física feminina mais tradicional pelo restante de suas vidas.¹²⁰⁰

Elliot reserva os dez últimos capítulos de sua biografia para explorar a atuação de Amy durante sua convalescença, ressaltando como, mesmo na fragilidade, ela continuava a exercer influência espiritual e administrativa sobre a Dohnavur Fellowship. Em contraste, os Benge dedicam apenas seis páginas ao período posterior ao acidente e encerram sua biografia. A partir de suas limitações físicas, Amy Carmichael passou a dedicar-se intensamente à escrita. Privada da mobilidade que antes marcava sua atuação no complexo missionário, ela passou a exercer sua liderança e influência por meio de conselhos e da produção textual. Elisabeth Elliot intitula o 42º capítulo de sua biografia como “A serva como escritora”, e observa: “Embora a mulher na cama não tivesse nenhuma outra escolha, exceto ser servida, ‘servo de todos’ ainda era seu lema. Um tipo de serviço ainda possível para Amy, quando a dor não o tornava impossível, era escrever.”¹²⁰¹ Elliot esclarece que Amy escrevia seu lema “servir” em cartas, nos seus livros,

¹¹⁹⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023. p. 370

¹¹⁹⁸ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.379

¹¹⁹⁹ BENGÉ, Janet; BENGÉ, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.202

¹²⁰⁰ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106. p.91

¹²⁰¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023. p. 381

bilhetes, expressava nos conselhos, e nas instruções. Sendo essa postura também internalizada por suas companheiras de missão em Dohnavur.¹²⁰²

Após seu acidente, Amy Carmichael escreveu cerca de 13 livros, totalizando entre 35 e 40 obras de formatos variados, incluindo alguns livretos. Elisabeth Elliot afirma que, por volta da década de 1950, as edições britânicas de seus livros haviam ultrapassado meio milhão de exemplares vendidos, com traduções disponíveis em 15 idiomas. Entre sua produção literária, Amy escreveu devocionais, que de acordo com Walls, é algo relativamente incomum entre os escritos missionários da época.¹²⁰³ Segundo Ruth Tucker, a obra missionária de Amy alcançou reconhecimento internacional em círculos cristãos, em grande parte devido à força e ao alcance de sua escrita.¹²⁰⁴

Elliot não poupa elogios à escrita de Amy: “Seu estilo é gracioso, frequentemente poético, sempre claro. Suas descrições têm o poder de dar ao leitor uma experiência.”¹²⁰⁵ Além dos livros, Amy escrevia ensaios para a Família de Dohnavur, canções, poemas e “milhares e milhares de cartas pessoais”. Produzia também bilhetes e correspondências dirigidos aos moradores do complexo missionário.¹²⁰⁶ Elliot observa que suas cartas eram “cheias de expressões de amor, aceitação, unidade, simpatia, exortações e encorajamentos fortes.[...] Amy tinha muitos termos de afeto para suas filhas, sendo querida o empregado com mais frequência.”¹²⁰⁷

Amy sofria intensamente com dores e necessitava de diversos medicamentos após seu acidente, em razão das doenças crônicas que enfrentava. Mesmo confinada a seu quarto, continuava a ser consultada sobre todas as decisões referentes ao complexo missionário. Os novos integrantes que chegavam eram apresentados a ela em seu aposento, e a seleção de novos trabalhadores também passava por sua aprovação. Amy orientava as atividades do complexo por meio de seus escritos. Segundo Rhonda Semple, Carmichael conseguia expressar ideias e sentimentos complexos para diferentes públicos, o que contribuiu para seu sucesso como

¹²⁰² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.401

¹²⁰³ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p. 192

¹²⁰⁴ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.135

¹²⁰⁵ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p. 384

¹²⁰⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.384-385

¹²⁰⁷ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.387

missionária. Ela era capaz de comunicar mensagens difíceis tanto a seus colegas de trabalho quanto à missão, aos apoiadores e ao círculo de patrocinadores.¹²⁰⁸

Mesmo ao relatar a debilidade física de Amy, Elliot insiste em destacar seu papel materno, descrevendo-a como uma

matriarca poderosa de uma Família enorme e dependente.[...] O acidente, em vez de diminuir seu poder matriarcal, o elevou a um nível de mística. Ela era uma figura de comando, como parece que Beatriz o era para Dante, ‘comandando como uma mãe’.¹²⁰⁹

Ao compará-la a uma figura da literatura clássica, Elliot reforça a imagem de Amy como uma líder maternal investida de autoridade simbólica. Em contrapartida, a biógrafa também procura preservar a dimensão humana da missionária, afirmando: “Amy teve tudo do alto. Mas continuava sendo uma mulher, uma criatura falível [...]”.¹²¹⁰ Observa-se, assim, uma justificativa ambivalente na construção de sua imagem: Amy é representada como uma figura poderosa, mas sua força reside em sua dependência de Deus. Essa tensão é característica das biografias missionárias, nas quais a fortaleza do personagem é invariavelmente ancorada na sustentação divina.

Elliot relata ainda, as dificuldades enfrentadas pelo complexo para manter sua autonomia sem a liderança de Amy. Apesar de suas tentativas de transferir a direção a outras pessoas, Amy continuava a ser reeleita todos os anos, mesmo estando confinada ao quarto. Elliot destaca que Amy tinha a convicção de que a liderança da Dohnavur Fellowship deveria ser exercida por uma mulher. Ainda assim, quando se referiu a Godfrey, a quem havia delegado a liderança do lado masculino do complexo, Amy utilizou as palavras de João Batista a respeito de Jesus Cristo: “Convém que ele cresça e que eu diminua.”¹²¹¹

A biógrafa, portanto, enfatiza o apoio de Amy à liderança feminina, mas também ressalta que ela acreditava que os homens haviam sido destinados, por princípio, à liderança. A

¹²⁰⁸ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000. p.29

¹²⁰⁹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.411

¹²¹⁰ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.418

¹²¹¹ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.416

escolha de Elliot em sublinhar que Amy não excluía a autoridade masculina não é desprovida de intenção: revela que, embora a missionária fosse uma líder forte e incentivadora da formação de outras mulheres, sua visão de liderança ainda operava dentro dos limites de uma hierarquia de gênero tradicional, na qual a autoridade masculina permanecia como referência, e que deve permanecer como modelo. Além disso, Elliot concebe a narrativa de forma a proteger a imagem da missionária de possíveis acusações de transgressão dos papéis de gênero, preservando sua figura como uma mulher submissa, conforme a convenção tradicional protestante.

Amy já tinha mais de 80 anos quando sofreu uma queda que resultou na fratura do braço e do fêmur, deixando-a acamada definitivamente. Sua debilidade física a impedia de continuar escrevendo, razão pela qual passou a ditar seus textos. Em 1950, foi estabelecida uma nova configuração de liderança: May Powell, acompanhada de uma mulher indiana, assumiria a liderança do setor feminino, enquanto John Risk, juntamente com um líder indiano, ficaria responsável pela direção do setor masculino. Essa decisão refletia um esforço de continuidade da missão, articulando a presença de lideranças estrangeiras e locais dentro de uma estrutura ainda marcada pela colonialidade e distinções de gênero.

Cenas do leito de morte foram particularmente populares nas biografias missionárias publicadas por e para diferentes grupos protestantes, pois a forma de partida do missionário era compreendida como um momento simbólico de consagração final.¹²¹² Ainda em vida, Amy Carmichael fez sua cuidadora prometer que ela não seria colocada em um caixão, desejando ser enterrada como os demais que haviam falecido no complexo, sobre um palete simples, coberto por flores.¹²¹³ Amy faleceu no dia 18 de janeiro de 1951. Naquele momento, a Família de Dohnavur era composta por aproximadamente 900 membros. Ela foi sepultada no cemitério do próprio complexo, onde nenhuma sepultura é marcada com lápides. Em sua sepultura, no entanto, foi colocado um bebedouro para passarinhos, símbolo de seu amor por essas aves durante a vida. No pedestal do bebedouro, encontra-se inscrita a palavra *Ammai*.

¹²¹² WHITEHOUSE, Tessa. Dissenting Print Culture. In: THOMPSON, Andrew. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Volume II: The Long Eighteenth Century c. 1689-c.1828**. Oxford University Press Scholarship Online, 2018.p. 442.

¹²¹³ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.448

Figura 35 - Túmulo de Amy Carmichael em Tamil Nadu, Índia



Fonte: Find a Grave (2025). Disponível em:
https://pt.findagrave.com/memorial/14664432/amy_wilson-carmichael Acesso em: julho/2025

Os Benge encerram a biografia de Amy Carmichael destacando o carinho e a rede de afeto que a cercava nos últimos anos de vida, mesmo após longo período de invalidez: “Embora tivesse ficado inválida por muitos anos, Amy tinha centenas de amigos que a amavam e cuidavam dela. [...] Embora ela não se casasse, jamais ficaria sozinha; e ela nunca esteve. Foi mãe de centenas de meninos e meninas, e amiga de muitos outros.”¹²¹⁴. A narrativa finaliza com a descrição de sua morte, ocorrida poucas semanas após seu 83º aniversário:

O corpo de Amy Wilson Carmichael foi colocado para descansar sob uma árvore de tamarindo em Dohnavur, Índia. A família prometera não marcar seu túmulo com uma lápide, mas todos esperavam que ela os perdoasse por colocar uma pedra com um bebedouro para os passarinhos que ela tanto amava sobre seu túmulo. Nela está escrita uma única palavra: *amma*.¹²¹⁵

Ao destacar essa palavra como a última da narrativa, os Benge reforçam o que consideram ser o papel mais significativo de Amy: o de mãe. Para esses biógrafos, sua identidade materna, construída ao longo da missão com os meninos e meninas de Dohnavur, é

¹²¹⁴ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.205

¹²¹⁵ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.207

o aspecto que mais justifica sua elevação ao status de heroína da fé. A biografia não termina com uma reflexão sobre a vocação missionária ou com um apelo evangelístico, como é comum nesse tipo de literatura. Em vez disso, reforça os valores afetivos associados ao cuidado, ao sacrifício e à renúncia, e se insere em uma tradição hagiográfica protestante que legitima a atuação pública de mulheres por meio de papéis femininos tradicionais, como o da mãe. Desse modo, o título de *Amma* funciona como um selo final de consagração, encerrando a biografia com a celebração de uma mulher que, ao abdicar do matrimônio e da maternidade biológica, pôde encarnar de forma ampla e sacrificial o ideal de mãe redentora e, assim, tornar-se heroína.

Já Elisabeth Elliot encerra sua biografia com um epílogo em que reflete sobre o amor de Amy pelo chamado missionário, e expressa sua admiração por seus escritos e observa como o trabalho iniciado por ela continuou em Dohnavur, valorizando seu legado religioso material. Destacando mais uma vez, a perseverança de Amy na obediência à vontade divina, procura evidenciar sua humanidade não nos momentos de doença, solidão ou nas marcas culturais de seu contexto vitoriano, mas, no gesto de resgatar uma criança: “Amma era mais humana talvez essencialmente ao resgatar uma criança, pois nisso estava cumprindo seu destino dado por Deus.”¹²¹⁶. Ao enfatizar esse aspecto, Elliot consolida a imagem de Amy como resgatadora de crianças, cuja missão de salvar corpos e almas infantis revela simultaneamente sua humanidade e sua chamado divino.

A biógrafa busca, assim, equilibrar a representação da missionária entre humanidade e santidade. Ao reforçar sua capacidade de amar, agir e sofrer como qualquer ser humano, Elliot evita uma divinização explícita da personagem. Todavia, ao mesmo tempo em que humaniza Amy, também a iconiza, elaborando um processo de singularização e glorificação¹²¹⁷ que a eleva à condição de exemplo de obediência cristã e maternidade. Esse entrelaçamento entre mulher comum e a heroína da fé é característica das biografias missionárias, que operam dentro de um duplo registro: o da exaltação moral e o da acessibilidade espiritual, tornando a personagem admirável e, ao mesmo tempo, imitável.

¹²¹⁶ ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.455-457

¹²¹⁷ WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado: Machado de Assis na escrita de biografias**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.p. 71-72

4.10. Uma Amy Carmichael para Elliot, outra para os Benge

Muitas das características tradicionalmente idealizadas para as mulheres, como o sacrifício, a disciplina, a persistência, a obediência, a maternidade e a renúncia, são exaustivamente reiteradas nas biografias de mulheres missionárias. Essa repetição é particularmente evidente na biografia de Amy Carmichael escrita por Elisabeth Elliot, que apresenta esses traços de forma recorrente como marcas da expressão religiosa e do chamado missionário. Para Eliza Kent, a combinação entre renúncia, obediência e humildade era estrategicamente vantajosa para uma mulher como Carmichael, que, em diversas ocasiões, desafiou e subverteu a ideologia de gênero vitoriana.¹²¹⁸ Curiosamente, embora estudiosos do tema reconheçam esses gestos de subversão de papéis de gênero, os biógrafos frequentemente se empenham em moldar uma imagem que suavize esses aspectos. O esforço aponta ser o de preservar uma figura que, embora transite por territórios de liderança e autonomia, não rompa completamente com os ideais tradicionais (ou vitorianos) de feminilidade cristã.

Eliza Kent afirma que a carreira de Amy Carmichael não correspondia ao padrão típico das mulheres de sua época. Segundo a autora, o percurso da missionária ilustra o tipo de atividade enérgica e produtiva que as mulheres vitorianas eram capazes de desenvolver quando libertas das restrições impostas pelos costumes sociais de seus países de origem. Na Índia, Carmichael encontrou um espaço para canalizar sua energia criativa e empreendedora, exercendo uma missão que ultrapassava os limites convencionais da feminilidade vitoriana.¹²¹⁹ No entanto, tanto Elisabeth Elliot quanto os Benge enfatizam repetidamente a identidade de Carmichael como *Amma*, uma figura maternal que, inclusive, se envolvia em disputas jurídicas para proteger as crianças sob seus cuidados.¹²²⁰ Essa construção a apresenta como uma mulher portadora e defensora da verdade e um exemplo moral feminino fundado no cuidado e na doçura. Ainda que a partir da licença criativa, os Benge elaboram uma Amy aventureira em um ambiente exótico, eles dão maior destaque às suas realizações de cuidado feminino e a construção de um refúgio de resgate que se torna um lar ideal, com uma formação de família missionária idealizada.

¹²¹⁸ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.103-104

¹²¹⁹ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.120

¹²²⁰ BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata M.R dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.p.173-180

Eliza Kent argumenta, ainda, que Amy Carmichael foi, em muitos aspectos, o epítome da “senhora missionária” do século XIX¹²²¹, um modelo que se reflete com clareza na biografia escrita por Elliot. Nela, Amy é retratada como uma mulher dedicada à verdade, sensível à beleza, ampla de coração e mente, e como uma dama gentil que desejava servir, e não ser servida.¹²²² Ainda assim, Elliot não deixa de apresentar uma Carmichael mais severa, cuja liderança exigiu autoridade firme para reger o complexo de Dohnavur.

Já os Benge, por meio de sua escrita biográfica em “camadas”, tendem a suavizar, e até omitir traços mais complexos e ambivalentes da personalidade da missionária. Sua recontagem de história de vida prioriza uma Carmichael carinhosa, maternal e quase isenta de falhas, sem qualquer menção, por exemplo, a preferências por crianças mais bonitas ou inteligentes, ao autoritarismo, às punições aplicadas em casos de indisciplina, ou às críticas e resistências que enfrentou ao longo de sua trajetória. Essa tendência à idealização, segundo Sean Gill, reflete uma característica marcante das biografias missionárias escritas por autores simpáticos ao movimento: a suavização de temas críticos e a atenuação das tensões internas das personagens, em favor de uma narrativa inspiradora e edificante.¹²²³

Esse processo de suavização das contradições e apagamento das ambivalências não é incomum nas biografias de missionárias protestantes. Como observa Dana Robert, as narrativas hagiográficas tendem a filtrar os conflitos, apagando traços considerados inconvenientes à construção da santidade feminina.¹²²⁴ A missionária é apresentada como um modelo de virtude, muitas vezes acima dos conflitos humanos comuns, o que contribui para sua legitimação como heroína da fé. Sue Morgan também chama atenção para a forma como biografias religiosas do século XIX e início do XX moldaram cuidadosamente figuras femininas para que fossem simultaneamente fortes e submissas, empreendedoras e humildes, influentes e discretas, uma estratégia narrativa que permite o reconhecimento da liderança feminina, desde que ela permaneça dentro dos limites aceitáveis da feminilidade cristã.¹²²⁵ Ao ignorar ou suavizar

¹²²¹ KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.p.103

¹²²² ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.p.382-383

¹²²³ GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.p.174

¹²²⁴ ROBERT, Dana L. **American Women in Mission: A Social History of Their Thought and Practice**. Macon, GA: Mercer University Press, 1996.

¹²²⁵ MORGAN, Sue. Feminist History and the Spiritual Subject. In: MORGAN, Sue; deVRIES, Jacqueline. **Women, gender and religious cultures in Britain, 1800-1940**. New York: Routledge, 2010.p. 113-132.

traços como autoritarismo, elitismo ou conflitos interpessoais, os Benge aderem a essa estratégia narrativa, buscando preservar uma imagem coesa e edificante de Carmichael.

Nesse sentido, embora Amy Carmichael tenha vivido de forma desafiadora para os padrões de seu tempo, os Benge, em sua recontagem biográfica, encaixotam sua imagem dentro dos ideais vitorianos de domesticidade, maternidade e feminilidade. Ainda que atribuam à missionária traços de uma vida aventureira em um contexto exótico, sua ênfase recai sobre a figura de *Amma*, a mãe abnegada, cuidadora e resgatadora de crianças. Essa narrativa ofusca e até apaga aspectos de sua personalidade que poderiam ressaltar sua criatividade, empreendedorismo, capacidade administrativa, influência espiritual e liderança. A Amy empreendedora, gestora de uma missão complexa e formadora de pessoas, dá lugar à Amy maternal, devocional e humildemente heroica.

Elisabeth Elliot, por sua vez, permite ao leitor vislumbrar algumas ambivalências e traços contraditórios de Carmichael, incluindo episódios de autoritarismo e rigidez. Contudo, ainda assim conduz a narrativa para a reafirmação de virtudes tradicionalmente femininas, como amor constante, fé fervorosa, paciência, renúncia e devoção. Mesmo ao apresentar defeitos, Elliot os acomoda dentro de uma moldura que reforça o ideal de feminilidade cristã, reiterando Carmichael como uma mulher exemplar, um modelo a ser seguido, como a própria Elliot que a tinha como referência espiritual e pessoal.

Como observa Eyre, a domesticação de missionárias é um processo recorrente nas múltiplas biografias de uma mesma personagem ao longo de décadas.¹²²⁶ Esse padrão é evidente nas obras dedicadas a Amy Carmichael: embora Elliot busque construir uma personagem mais complexa, ainda assim, permanece presa à ênfase da domesticidade; e os Benge não demonstram qualquer intenção de aprofundar as diferentes facetas da biografada, preferindo reforçar uma imagem harmoniosa, heroica e maternal, com toque de aventura. Ambas as narrativas ilustram o que Eyre aponta sobre os discursos biográficos missionários: uma insistência em impor sobre as personagens ideais de feminilidade e domesticidade que acabam por soterrar a individualidade e a complexidade dessas mulheres sob o peso da idealização da missionária ideal.¹²²⁷

¹²²⁶ EYRE, Angharad. **Women's Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre's Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023. p.50

¹²²⁷ EYRE, Angharad. **Women's Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre's Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023. p.52

5. GLADYS AYLWARD: MISSÃO E AVENTURA

Nesse capítulo serão analisadas duas biografias de Gladys Aylward (1902-1970), missionária independente que atuou na China e em Taiwan. A primeira foi publicada por Alan Burgess, em 1957; a segunda, integra a coleção *Heróis Cristãos Ontem e Hoje*, de Janet e Geoff Benge, publicada no Brasil em 2020. Segundo Cheng Chung Ling, a trajetória de Aylward atraiu grande atenção na Europa, América e em Taiwan, resultando em diversas biografias publicadas em diferentes idiomas. No entanto, sua biografia recebeu pouca atenção da comunidade acadêmica,¹²²⁸ o que evidencia, como afirma Dana Robert, uma lacuna significativa nos estudos sobre biografias de missionárias.¹²²⁹ Diante desse cenário, a análise das biografias de Aylward oferece a possibilidade de problematizar como as representações da mulher missionária foram construídas, perpetuadas e ressignificadas ao longo do tempo. Ademais, permite compreender as estratégias narrativas que sustentam sua heroicização no âmbito do espaço biográfico protestante.

5.1 As biografias de Gladys Aylward

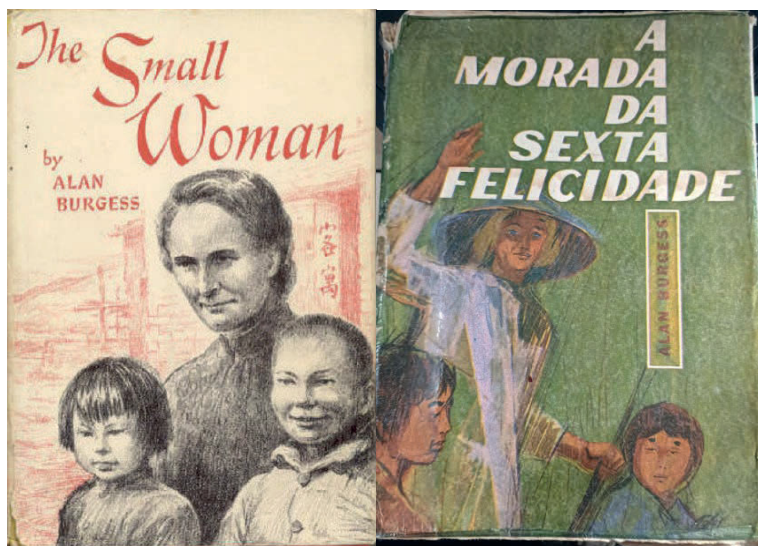
A biografia missionária de Gladys Aylward, escrita por Alan Burgess e publicada em 1957 sob o título original *The Small Woman: The Heroic Story of Gladys Aylward*, foi lançada quando a biografada ainda estava viva. É interessante observar que esse fator permitiu que sua imagem fosse construída e difundida em diálogo com a própria contemporaneidade de Aylward, reforçando a recepção imediata de sua trajetória como exemplo de fé e heroísmo. O livro serviu de base para o filme estadunidense *The Inn of the Sixth Happiness*, estrelado por Ingrid Bergman em 1958, da qual a adaptação ampliou exponencialmente o alcance da narrativa, fixando-a no imaginário popular através da mídia cinematográfica. No Brasil, a segunda edição

¹²²⁸ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025. p. 10

¹²²⁹ ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2002.p.xii

da obra foi traduzida por Adele Vonorden Loureiro, com o título *a Morada da Sexta Felicidade*, publicada em 1964 pela Casa Editora Presbiteriana situada em São Paulo.

Figura 36 - Imagem da capa do livro *The Small Woman*, edição inglesa de 1957.¹²³⁰ Figura 37 - Foto da capa do livro “*A morada da Sexta Felicidade*” publicado no Brasil em 1964 pela Casa Editora Presbiteriana.



Fonte: Acervo da autora. (2025)

Ambas as capas das biografias de Burgess exibem, além do título e nome do autor, a figura de Gladys Aylward ladeada por duas crianças chinesas. No entanto, as estratégias visuais adotadas em cada edição são distintas e simbólicas. A capa da edição inglesa, que incorpora caracteres em chinês, apresenta um desenho produzido com técnica de hachuras unidas por esfumado, com forte apelo documental, aproximando-se das fotografias reais da missionária. Desse modo, a edição inglesa reforça uma conexão com a realidade histórica da missionária, sugerindo autenticidade e proximidade com sua aparência real. Em contrapartida, a capa da edição brasileira opta por representar Aylward como uma mulher de traços loiros, remetendo à interpretação de Ingrid Bergman no cinema. Essa transposição da iconografia cinematográfica para a capa do livro privilegia o reconhecimento cultural e mitifica a figura da missionária, ressaltando um ideal heroico e pressupostamente familiar ao público brasileiro.

¹²³⁰ BURGESS, Alan. *The Small Woman: The True Story of Gladys Aylward*. London: Evans Brothers Ltd., 1957.

Segundo Cheng Ling, Alan Burgess escreveu a biografia de Gladys Aylward a partir de relatos fornecidos pela própria missionária.¹²³¹ No entanto, como observa Terrence Craig em sua análise de *The Small Woman*, o biógrafo apresenta Aylward como uma heroína romantizada, cuja trajetória foi amplamente ficcionalizada.¹²³² Nessa mesma linha, Julie McColl acrescenta que a construção cultural da missionária como heroína passa pela habilidade do autor em mobilizar emoções e aventuras, aproximando a narrativa da ficção sensacional.¹²³³ Percebe-se, portanto, a estratégia de Burgess em infundir elementos literários ficcionais em sua escrita biográfica, transformando a vida de Aylward numa narrativa marcadamente romântica e repleta de aventura.

O recurso de utilizar elementos ficcionais nas narrativas biográficas pode ser observado como característica de um padrão mais amplo da escrita missionária. Como assinala Dana Robert, as biografias missionárias no século XX transcendiam a função de registrar trajetórias individuais, funcionando como veículos de edificação espiritual e inspiração vocacional, combinando propósito religioso com apelo dramático.¹²³⁴ Ao apresentar a experiência missionária sob o formato de aventura inspiradora e dramática, Burgess consagra Aylward no panteão de figuras heroicas do protestantismo. Essa representação visa despertar empatia e admiração ao mobilizar um imaginário específico, no qual a devoção religiosa se entrelaça com o exotismo cultural e a narrativa de superação pessoal.

A edição brasileira do livro de Burgess, possui 201 páginas, e apresenta uma estrutura textual que não contém sumário nem títulos de capítulos; a simples numeração dos capítulos que os divide concentra o foco em um fluxo narrativo ininterrupto. Além disso, a capa do livro inclui, em suas orelhas, um resumo da história em formato de tópicos, na qual são destacados os principais acontecimentos da vida de Aylward. Conforme define Vinicius Linhares, a orelha de um livro constitui um gênero cuja finalidade é apresentar a obra de maneira apreciativa,¹²³⁵

¹²³¹ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025. p.11

¹²³² GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.127

¹²³³ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024. p.119

¹²³⁴ ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2002.p.xii

¹²³⁵ LINHARES, Vinicius Lourenço. Capa, orelhas e quarta capa como espaços enunciativos de promoção de obras literárias. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 3, p. 517-532, set./dez. 2020. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ld/a/qtdbMQn9cPQr4H5t7HjV43v/?format=html&lang=pt> Acesso em: setembro/2025.p.524

o que se confirma plenamente neste caso. O primeiro tópico introduz a biografia com a seguinte afirmação: “Esta história é verdadeira, cheia de aventura. Conta a vida duma mulher extraordinária de nossa época, Gladys Aylward. [...]”. Já o último tópico conclui de forma indicativa: “Muitas pessoas já viram o filme, com Ingrid Bergman, e quererão ler o livro. Você nunca mais esquecerá esta história verdadeira.”. Nesses trechos, a figura do enunciador atua como um propagandista da obra e da vida heroica de Aylward. Sua fala é admirativa e envolvente, orientando a recepção do leitor ao insistir no caráter extraordinário e verídico da história. Ademais, a menção explícita ao filme parte do pressuposto de que o público já teve contato com a adaptação cinematográfica, utilizando-a como uma estratégia de validação e atração comercial.

O primeiro capítulo escrito por Burgess inicia-se com um *flashback*. O episódio escolhido pelo biógrafo relata o momento em que Gladys Aylward acordou de um coma no Hospital da Missão Batista em Xi'an, pertencente à missão escandinavo-americana, após ter atravessado as montanhas com seus filhos adotivos e órfãos refugiados, durante os conflitos na China, no outono de 1941, em plena Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Burgess adota um estilo narrativo de lembrança, apresentando os fatos da carreira missionária de Gladys como se ela estivesse recordando sua própria história enquanto se recuperava do coma.

O biógrafo abre o capítulo narrando de forma dramática o despertar de Aylward: “A história da mulherzinha preocupava e despertava a curiosidade do Médico-Chefe. Não havia dúvida: ela estava à morte. Quem era ninguém sabia.”¹²³⁶ A partir desse suspense, o biógrafo contextualiza a guerra na China, durante a Segunda Guerra Mundial, para em seguida, focar numa descrição do estado físico de Gladys:

Deveria ter mais ou menos trinta e cinco anos [...]. O corpo era macilento e desnutrido; pés de galinha, indicando cansaço e sofrimento marcavam os cantos de seus olhos; nas costas havia cicatriz recente de ferimento por tiro; e cossa que não se percebia à primeira vista, estava sofrendo de lesões internas por brutal surra que levava há alguns meses.¹²³⁷

A narrativa dramatizada de Burgess combina elementos de realismo e tensão narrativa, ressaltando tanto a vulnerabilidade física de Gladys quanto sua resiliência, configurando desde

¹²³⁶ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 5

¹²³⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 5

o início a missionária como uma heroína em meio a adversidades extremas. O biógrafo apresenta Gladys como uma mulher de baixa estatura, de um metro e meio, cujo sofrimento se manifestava de forma evidente e estava marcado em seu corpo. O fluxo dramático é desenvolvido a partir do seu estado de saúde crítico, enfatizando que sua vida estava em risco devido ao tifo e à pneumonia, enquanto seus delírios febris a levavam a chamar por “suas crianças”, os órfãos e refugiados que guiou através das montanhas em pleno conflito.¹²³⁸ Dessa forma, os elementos narrativos iniciais humanizam a missionária ao destacar sua fragilidade física e mental, e apontam indícios de sua heroicidade, vinculando seu sofrimento a um ato de dedicação e coragem extraordinárias.

Ainda no primeiro capítulo, Burgess aprofunda a narrativa dos traumas de guerra vividos por Gladys em Yangcheng, introduzindo o seu nome local, “Ai-weh-deh, a Virtuosa”, que carrega em si a reputação por ela construída na província. Através do fluxo de memórias desencadeado pela febre, o biógrafo recupera personagens significativos de seu passado em Yangcheng e relata momentos de medo e vulnerabilidade perante os perigos que enfrentou.¹²³⁹

Nesta mesma estrutura de *flashback*, Burgess intercala cenas da infância de Gladys, apresentadas como lampejos mnêmicos durante o delírio. É por meio deste recurso que ele narra a sua reprovação em um centro de missões e a subsequente decisão de embarcar, de forma independente, para a China. Ao destacar esses medos e fracassos iniciais, o biógrafo busca gerar no leitor não apenas uma identificação, mas também uma profunda simpatia pela personagem. Dessa forma, Burgess elabora uma narrativa que funde o relato factual com a construção de uma figura heroica da qual suas virtudes emergem tanto das conquistas quanto da superação das dificuldades.

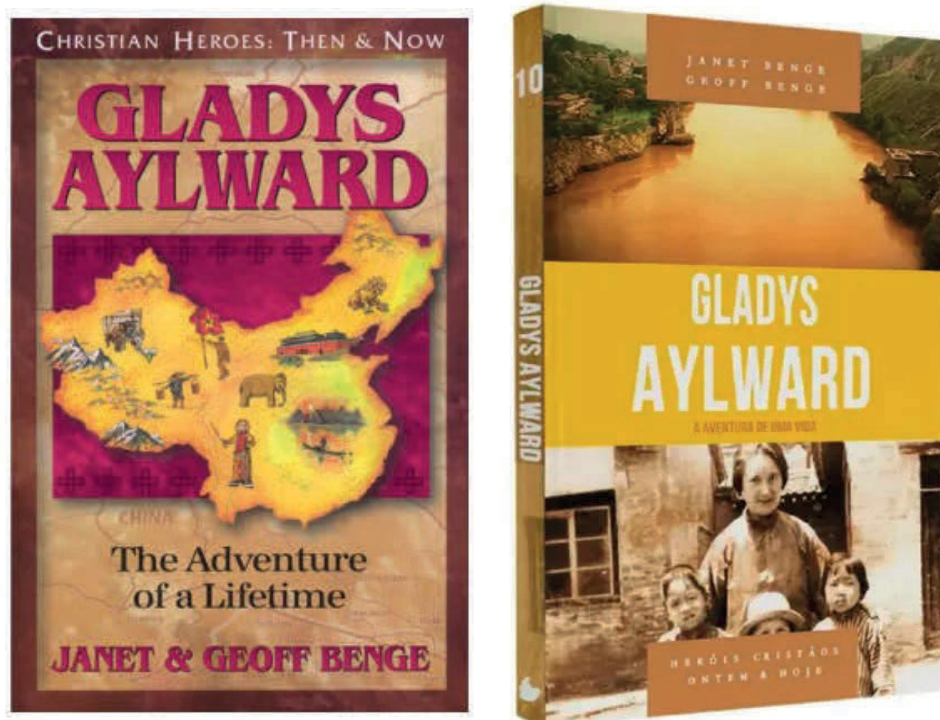
Décadas mais tarde, a biografia de Gladys Aylward escrita por Janet e Geoff Benge reelabora a narrativa estabelecida por Burgess, integrando-a à coleção *Heróis Cristãos Ontem e Hoje*. Esta nova camada biográfica elabora uma continuidade ao processo de heroicização, e o robustece ao incorporar uma dimensão pedagógica e devocional. Para compor sua obra, os autores recorrem a três referências específicas, utilizando como fontes primárias tanto a biografia de Alan Burgess quanto a autobiografia da missionária, narrada por ela à escritora Christine Hunter. Intitulada *Apenas uma Pequena Mulher*, esta autobiografia foi originalmente

¹²³⁸ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 6-7

¹²³⁹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 8-9

publicada em 1970, ano do falecimento de Aylward, pelo The Moody Bible Institute, e posteriormente traduzida para o português em 1987 pela Editora Vida.

Figura 38 - Imagem da capa do livro da edição estadunidense da biografia de Gladys Aylward escrita por Janet e Geoff Benge. Figura 39- Imagem da versão publicada no Brasil pela Editora Shedd Publicações de 2020.



Fontes: YWAM Publishing; e acervo da autora (2025).

As capas das edições escrita pelos Benge seguem o padrão gráfico uniforme de sua coleção. A publicação brasileira, intitulada *Gladys Aylward: A Aventura de uma vida* se diferencia visivelmente de sua contraparte original. Enquanto a capa estadunidense emprega uma iconografia simbólica, um desenho que representa o mapa da China acompanhado de elementos que remetem à cultura e à paisagem chinesa, evocando o espaço da atuação missionária, a versão brasileira apresenta uma capa com um registro mais realista, trazendo uma foto real de Aylward com três crianças, complementada como a imagem de um rio. Este último elemento remete diretamente a um dos episódios mais dramáticos de sua trajetória: a travessia pelas montanhas e a passagem pelo rio, com quase cem crianças durante sua fuga em tempo de guerra. Dessa forma, as capas reforçam diferentes aspectos da heroificação da missionária: enquanto a edição original privilegia uma iconografia simbólica, destacando o país e o campo missionário como cenário de aventura e desafio, a edição brasileira busca indicar autenticidade

histórica e apelo emocional, reforçando a imagem de Aylward como mãe e cuidadora de crianças.

A biografia de Gladys Aylward escrita por Janet e Geoff Benge, publicada no Brasil em 2020 pela Shedd Publicações sob o título *Gladys Aylward: A Aventura de uma Vida*, constitui o décimo volume da coleção *Heróis Cristãos Ontem e Hoje* e o quarto dedicado a mulheres. Com tradução de Renata Martins de Rezende Santos, a obra possui 216 páginas dividida em dezesseis capítulos. Em sua ficha catalográfica, diferentemente das biografias de Mary Slessor e Amy Carmichael, há menos detalhamento temático, constando apenas as descrições “missionários” e “China”.

Em contrapartida, à semelhança das demais biografias da coleção dos Benge, a narrativa sobre Aylward inicia-se com um *flashback* estruturante. Os biógrafos recuam a 1930, durante a viagem da missionária rumo à China, para destacar um episódio de intenso perigo: após desembarcar por engano numa estação ferroviária na Rússia, Gladys vê-se obrigada a percorrer a pé cerca de cinquenta quilômetros pela floresta siberiana, enfrentando a escuridão e o gelo para retornar à estação anterior. O cenário é construído para acentuar o teor dramático. A menção ao conflito armado na região, cujos tiros de canhão ela ouvia ao longo da caminhada solitária, soma-se à ameaça constante de lobos, criando um quadro de isolamento e vulnerabilidade extrema. Ao enfatizar que a própria Gladys duvidava de sua sobrevivência, exposta ao relento e a perigos múltiplos, os Benge apresentam este episódio como um momento decisivo de provação, no qual sua coragem e resiliência são postas à prova antes mesmo de ela chegar ao seu destino missionário.

O recurso do *flashback* estabelece uma continuidade narrativa em relação ao modelo de Burgess, que também inicia de forma dramática, lançando o leitor em um momento crítico da vida da missionária. Nos Benge, contudo, a dimensão da aventura é sistematicamente entrelaçada ao suspense e a intervenção da providência divina, reforçando de modo mais explícito uma pedagogia devocional, que visa incutir no leitor admiração pela coragem de Aylward, e também reconhecimento da ação divina em sua trajetória. Em ambas as biografias, sofrimento e perigo funcionam como dispositivos de legitimação da heroificação missionária. Burgess, no entanto, elabora sua dramatização próxima aos domínios da literatura de aventura e do romance sensacional, construindo uma heroína que supera traumas físicos e psicológicos, e que não deve ser esquecida. Os Benge, por sua vez, reelaboram esses mesmos elementos transformando-os em artefato pedagógico, convertendo a vulnerabilidade de Gladys em inspiração para a perseverança, a fé e o sacrifício missionário. Desde o primeiro capítulo, forjam

a imagem de uma mulher de determinação inabalável, como atesta a passagem: “[...]para Gladys, com 28 anos completos [...] o importante era chegar à China.”¹²⁴⁰

5.2. O chamado de uma “solteirona”

Gladys Aylward nasceu em 24 de fevereiro de 1902, no subúrbio londrino de Edmonton, no seio de uma família da classe trabalhadora: seu pai era carteiro e a mãe, dona de casa. Apesar de ser um período importante, a infância da missionária não é abordada com profundidade nas biografias em análise. Alan Burgess, recorrendo a uma narrativa de reminiscências, constrói uma imagem idílica e feliz desse período em Edmonton.¹²⁴¹ Já Janet e Geoff Benge tratam de suas origens familiares e sociais de forma sumária, transitando rapidamente pela adolescência para destacar o seu fraco desempenho escolar, um dado que culmina no seu abandono dos estudos aos 14 anos para trabalhar como empregada doméstica.¹²⁴²

De acordo com Kathryn Gleadle, o serviço doméstico era considerado um emprego mais adequado para jovens mulheres da classe trabalhadora britânica no início do século XX. O mercado de trabalho da época oferecia poucas alternativas remuneradas para essas jovens, e as trabalhadoras domésticas frequentemente se encontravam entre as mais exploradas.¹²⁴³ Nesse contexto, como ressalta a historiadora Jane McDermid, não era incomum que adolescentes da classe trabalhadora abandonassem a escola para ajudar nas tarefas familiares ou ingressar no mercado de trabalho, especialmente nas indústrias têxteis ou como empregadas domésticas.¹²⁴⁴

Após uma breve descrição da infância feliz, Burgess passa rapidamente para a experiência de Gladys em um centro de formação missionária, salientando que ela estaria “mais velha” quando concluisse sua formação e se preparasse para atuar na China.¹²⁴⁵ Os Benge, por sua vez, dedicam o segundo capítulo de sua biografia a esse período, intitulado significativamente “Você não é boa o suficiente para ser missionária”. O título faz referência direta à reprovação de Gladys pela Sociedade Missionária no Interior da China (China Inland

¹²⁴⁰ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.12

¹²⁴¹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.9

¹²⁴² BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p. 18

¹²⁴³ GLEADLE, Kathryn. **British Women in the Nineteenth Century**. Palgrave: Nova York, 2001.p.100

¹²⁴⁴ McDERMID, Jane. Women and education. In: PURVIS, June. **Women's History: Britain, 1850-1945 An Introducion**. New York: Routledge, 1995.p. 104

¹²⁴⁵ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 10-11

Mission), em Londres. Na narrativa do casal, este momento de rejeição, personificado na figura do diretor da escola, não é apresentado como um fracasso, mas como o ponto de partida catalisador que define e impulsiona o formato independente do seu chamado missionário.

É interessante notar que tanto Burgess quanto os Benge não abordam dois aspectos marcantes da juventude de Gladys Aylward, presentes em sua autobiografia: sua paixão pelo teatro e seu afastamento temporário da religião. Logo nas primeiras páginas de seu relato, a própria missionária revela:

A maior ambição da minha vida era trabalhar no palco. Embora tivesse pouquíssima instrução formal, eu sabia falar e gostava muito de representar. Cresci em um lar cristão e frequentei a igreja e a Escola Dominical quando criança, mas, ao ir ficando mais velha, tornei-me impaciente com tudo o que dissesse respeito à religião.¹²⁴⁶

Ela explica que, como a maioria das jovens de sua classe, suas opções profissionais se limitavam ao serviço doméstico. Assim, trabalhou como arrumadeira para custear um curso de artes dramáticas, pois estava “decidida a economizar e, por bem ou por mal, chegar até à ‘ribalta’”¹²⁴⁷. Segundo Cheng Ling, as mudanças sociais e urbanas do início do século XX, associadas ao cenário pós-Primeira Guerra Mundial, criaram uma vida noturna próspera e de oportunidades culturais que influenciaram a jovem Aylward a sonhar com uma carreira nos palcos.¹²⁴⁸

Os dois fatores não explorados por Burgess e pelos Benge chamam atenção, pois ambos negligenciam narrativas frequentemente valorizadas em biografias missionárias. O primeiro aspecto, a ambição teatral, configura uma renúncia a uma carreira mundana, um sacrifício que realçaria sua virtude. O segundo, o desinteresse religioso inicial, estabelece um preponderante arco de redenção após sua reconciliação com a fé. Burgess vai além ao não detalhar a sua reconciliação espiritual, que ocorreu num culto da Campanha Vida Jovem em 1925, quando Gladys tinha 23 anos. Este episódio, classicamente entendido como um momento de conversão, é um marco biográfico tipicamente enfatizado no gênero. Os Benge, por outro lado, mencionam o evento, mas simplificam sua relevância ao infundir com o momento do “chamado”

¹²⁴⁶ AYLWARD, Gladys; HUNTER, Christine. **Apenas uma pequena mulher**. Traduzido por Wanda Assumpção. Flórida: Editora Vida, 1987. p.5

¹²⁴⁷ AYLWARD, Gladys; HUNTER, Christine. **Apenas uma pequena mulher**. Traduzido por Wanda Assumpção. Flórida: Editora Vida, 1987. p.5

¹²⁴⁸ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p. 18

missionário: “Algo dentro de Gladys foi despertado naquela noite e ela soube que queria servir a Deus como missionária na China.”¹²⁴⁹

Para melhor elucidar sobre esse marco de vida, é pertinente apresentar a descrição da própria Gladys, que sugere uma descoberta gradual:

Certa noite, porém, por motivo que jamais consegui explicar, fui a uma reunião religiosa. Ali, pela primeira vez, percebi que Deus tinha direito à minha vida, e aceitei a Jesus Cristo como meu Salvador. Tornei-me membro da Campanha Vida Jovem, e, numa revista dessa entidade, li um artigo sobre a China que me impressionou tremendamente. Saber que milhões de chineses jamais tinham ouvido falar de Jesus Cristo foi para mim uma descoberta assombrosa, e achei que certamente tínhamos a obrigação de fazer algo a esse respeito.¹²⁵⁰

Este relato dialoga com a compreensão do “chamado” missionário discutida por Kommers, que corrobora a ideia de uma dimensão metafísica da vocação, segundo a qual a maioria das missionárias sentiam que o impulso para a missão vinha de um poder superior a qualquer poder terreno, capaz de envolver o coração e a alma no trabalho missionário, proclamando as boas-novas aos “pagãos” que pereciam por falta de conhecimento.¹²⁵¹ Em complemento, Hunter observa que, entre as missionárias que atuaram na China no século XX, era comum que o senso de vocação fosse fomentado pelo exemplo ou incentivo dos pais. No entanto, as biografias de Gladys não indicam essa influência familiar, sugerindo que, como Hunter também registra noutros casos, ela tenha sido movida por uma forte convicção pessoal e um senso de dever individual que a impulsionaram em direção à China.¹²⁵²

Uma vez reconhecido esse chamado, Gladys abraçou-o como propósito de vida. Contudo, a sua idade configurou um obstáculo social. Burgess observa que “Gladys era uma solteirona de vinte e seis anos e a sociedade em que nascera esperava que ela trabalhasse para garantir a própria subsistência na velhice.”¹²⁵³ A designação de “solteirona” revela a

¹²⁴⁹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.20

¹²⁵⁰ AYLWARD, Gladys; HUNTER, Christine. **Apenas uma pequena mulher**. Traduzido por Wanda Assumpção. Flórida: Editora Vida, 1987.p.5-6

¹²⁵¹ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.6

¹²⁵² HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p.32-40

¹²⁵³ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.12

mentalidade social da época, que associava o valor e o destino das mulheres exclusivamente ao casamento e à maternidade. Nessa conjunção, o serviço missionário era frequentemente estigmatizado como uma ocupação destinada àquelas que não haviam constituído família, reforçando a associação entre vocação missionária e marginalidade social feminina.

As próprias memórias de Aylward ilustram como esse estigma marcou sua experiência. Ao compartilhar com amigos cristãos a preocupação de que “milhões de chineses jamais tinham ouvido falar de Jesus Cristo”, não encontrou receptividade. Seu irmão, de forma cortante, desafiou-a: “Isso é serviço para solteironas. Por que você não vai?”¹²⁵⁴. A reação de Gladys, inicialmente de irritação, foi seguida por uma reflexão que acabou definindo seu rumo: se essa obra era considerada “para solteironas”, então ela própria poderia assumir tal tarefa. Nesse episódio significativo, percebe-se como a estigmatização do celibato feminino foi ressignificada por Aylward em termos de agência missionária, transformando um rótulo socialmente depreciativo em justificativa para sua atuação.

Conforme pondera Hunter, o termo “solteirona” designava a posição marginal das mulheres solteiras na América e na Europa do século XIX, um estigma que se reproduziu no meio missionário na China no século seguinte. Nesse contexto, as missionárias solteiras foram alvo de caricaturas humorísticas em peças de teatro missionário, retratadas com gorros pretos e luvas. Tal representação evidencia que, em certa medida, elas temiam esse estigma, mas também internalizavam e reproduziam os pressupostos populares dessa marginalidade.¹²⁵⁵ A historiadora Claudia Maia corrobora essa interpretação ao afirmar que, se “solteira” era uma condição jurídica ou de desprestígio social, “solteirona” converteu-se, pelo discurso científico-moral, em “um desvio da natureza, uma anomalia social, um ser desprezível e risível, a figura da diferença.”¹²⁵⁶

Ao analisar a construção histórica dessa figura, Maia enfatiza que:

Se as hierarquias de gênero produziram as mulheres como o ‘outro’, o sujeito inferiorizado, as ‘solteironas’ surgiram como mulheres ainda mais inferiorizadas, já que, numa ‘escala’ que define/classifica/qualifica mulheres, construída pelas representações de gênero, elas estão em último lugar, pois não possuem os elementos que constituem a ‘verdadeira mulher’ e que as tornam inteligíveis dentro do código patriarcal.¹²⁵⁷

¹²⁵⁴ AYLWARD, Gladys; HUNTER, Christine. **Apenas uma pequena mulher**. Traduzido por Wanda Assumpção. Flórida: Editora Vida, 1987.p.6

¹²⁵⁵ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p.52

¹²⁵⁶ MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em História da Universidade de Brasília. 2007.p. 4

¹²⁵⁷ MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em História da Universidade de Brasília. 2007.p.2

Maia ressalta ainda que, embora o trabalho missionário fosse reconhecido como uma ocupação respeitável, em especial para mulheres que exerciam funções como professoras ou médicas, ele também exigia renúncias significativas. Ao abdicarem da vida familiar, do casamento, da maternidade e até mesmo do direito ao prazer sexual, as missionárias solteiras carregavam o estigma de “solteironas”, sendo representadas como figuras deficitárias e incompletas pela ausência de conjugalidade e maternidade. Dessa forma, encarnavam uma transgressão ao modelo da “verdadeira mulher”, definida tanto a um destino social (a família, o casamento) quanto por um destino biológico (a heterossexualidade, a maternidade).¹²⁵⁸

Esse estigma acompanhou as missionárias solteiras nas primeiras décadas do século XX. Contudo, como aponta Hunter, o serviço missionário apresentava um paradoxo: ele parecia adequar-se aos atributos então considerados femininos, como a abnegação e a vocação para o cuidado. Estruturado num “macrocosmo dramático”, o trabalho no campo exigia dons de autonegação e sacrifício que socialmente se harmonizavam com o ideal de feminilidade atribuído às mulheres solteiras.¹²⁵⁹

Foi nesse contexto que diversas sociedades missionárias passaram a promover as mulheres solteiras como particularmente aptas aos rigores físicos e às exigências vocacionais da vida missionária. De acordo com Prevost, para essas instituições, as “solteironas” ofereciam vantagens práticas: não eram limitadas por responsabilidades familiares imediatas, demonstravam, em média, maior resistência física do que mulheres que haviam tido filhos e dispunham de maior liberdade para desenvolver um conjunto diversificado de habilidades especializadas.¹²⁶⁰

Dessa forma, as próprias instituições missionárias transformaram a condição de “solteirona” em um sinal de verdadeira vocação.¹²⁶¹ Para Prevost, operava-se uma dupla instrumentalização: o evangelismo servia à causa da “solteirona” no discurso metropolitano, ao mesmo tempo em que a “solteirona” se tornava uma ferramenta indispensável para a expansão

¹²⁵⁸ MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em História da Universidade de Brasília. 2007.p.7-20

¹²⁵⁹ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 53

¹²⁶⁰ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1112

¹²⁶¹ PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p.1095

evangelística no campo missionário. O ideal de autossacrifício, já inerente ao serviço missionário, foi assim intensificado pela expectativa institucional de celibato. Desde o final do século XIX, muitas sociedades incentivavam as missionárias a não se casarem no campo, partindo da convicção de que sua atuação seria mais eficiente e sua credibilidade profissional mais preservada caso permanecessem fiéis à vocação e ao celibato.¹²⁶²

Por outro lado, como argumenta Sue Morgan, a defesa do celibato por mulheres religiosas representou uma ressignificação poderosa dos cânones de feminilidade. Tal reconfiguração envolvia a rejeição do impulso heterossexual como núcleo definidor da existência feminina, levantando questões ontológicas fundamentais sobre a relação entre espiritualidade, sexualidade e identidade. No cerne deste processo estava a possibilidade de construir uma identidade e uma carreira significativas inteiramente fora da esfera do casamento.¹²⁶³ Nessa mesma direção, Maina Singh sustenta que, ao desafiarem os estereótipos hegemônicos de feminilidade, as missionárias solteiras realizavam uma declaração prática de seus feminismos, ainda que não se identificassem com o termo enquanto categoria política. A decisão de permanecer solteira e a atuação profissional independente constituíam um ato de reivindicação de agência pessoal e autonomia, redefinindo os contornos do possível para as mulheres de sua época.¹²⁶⁴

Embora a biografia de Janet e Geoff Benge não utilize explicitamente o termo “solteirona”, eles enfatizam que Gladys Aylward “já era mais velha” para os padrões missionários vigentes. A narrativa destaca as múltiplas limitações da sua candidatura:

Pelos padrões missionários, ela era uma mulher de mais idade, embora não se sentisse assim. Se ela ficasse na escola de treinamento até o final, completaria 30 anos quando chegasse à China. Com essa idade provavelmente seria mais difícil para ela aprender chinês. Também era verdade que ela não tinha qualificações úteis. Não era enfermeira ou professora.¹²⁶⁵

Para além da questão etária, os autores enumeram outras desvantagens: notas acadêmicas insuficientes, ausência de qualificações profissionais formais e a percepção de que

¹²⁶² PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Field: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.p. 1123-1125

¹²⁶³ MORGAN, Sue. “The Word made flesh” Women, religion and sexual cultures. In: MORGAN, Sue; deVRIES, Jacqueline. **Women, gender and religious cultures in Britain, 1800-1940**. New York: Routledge, 2010. p.274

¹²⁶⁴ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000. p.205

¹²⁶⁵ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.18

teria dificuldade em aprender mandarim. Esta avaliação culmina na justificativa do diretor da escola, que defendia ser “[...]injusto permitir que Gladys continuasse sendo reprovada nas aulas, quando outros poderiam ocupar seu lugar e se sair melhor.”¹²⁶⁶

O contexto histórico confirma o rigor deste julgamento. Em dezembro de 1929, aos 27 anos, Aylward foi encaminhada à China Inland Mission (CIM), uma organização que, segundo Andrew Kaiser, aceitava apenas um em cada seis candidatos e considerava problemático o aprendizado do mandarim por missionários acima dos trinta anos.¹²⁶⁷ Após um semestre probatório, Aylward foi considerada inapta para o serviço missionário. Ruth Tucker sintetiza de forma categórica a percepção da instituição: Gladys, aos olhos da missão, simplesmente “não era material missionário”.¹²⁶⁸

Nas primeiras décadas do século XX, o movimento missionário estava passando por profundas transformações, com crescente valorização da profissionalização de seus candidatos. Nesse contexto, começaram a surgir exigências formais de qualificações específicas, especialmente em relação às mulheres.¹²⁶⁹ As mulheres que se candidatavam ao serviço missionário apresentavam um perfil mais jovem em comparação às de meados do século XIX, e a maioria possuía alguma formação profissional que poderia ser aplicada em campo, sobretudo como médicas, enfermeiras, professoras ou linguistas (tradutoras). Como observa Myrtle Hill, o serviço missionário nas principais tradições protestantes estava se tornando mais uma profissão do que um chamado. A origem divina do impulso missionário passava a ser vista como menos importante do que outras qualificações, como graduação em ensino e medicina.¹²⁷⁰

Com o tempo, à medida que a questão da seleção e da formação missionária ganhou centralidade, o próprio processo de recrutamento tornou-se mais sofisticado, sobretudo após a Conferência Missionária de Edimburgo de 1910,¹²⁷¹ que estabeleceu diretrizes formalizadas

¹²⁶⁶ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.17-18

¹²⁶⁷ KAISER, Andrew. **The Rushing on of the Purposes of God: Christian Missions in Shanxi since 1876**. Pickwick Publications: Oregon, 2016.p. 249

¹²⁶⁸ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.180

¹²⁶⁹ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p. 47

¹²⁷⁰ HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.p.180-181

¹²⁷¹ A Conferência Missionária Mundial ou “Edimburgo 1910” como esse evento passou a ser chamado, ficou registrado como uns dos eventos em mais importantes em escala mundial da história das missões, principalmente por lançar o movimento ecumênico pela unidade cristã. (ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009. p. 54)

para a escolha e preparação de candidatos.¹²⁷² As exigências de qualidades pessoais e de qualificações profissionais passaram a estruturar os processos de admissão, inclusive nas sociedades missionárias femininas, que procuraram manter listas de requisitos muito semelhantes às endossadas pelas sociedades tradicionais.¹²⁷³

Nesta conjuntura, a abordagem da China Inland Mission representava um paradoxo histórico. Seu fundador, Hudson Taylor (1832-1905), defendia que o trabalho missionário deveria estar aberto a todos, independentemente de status ou qualificações formais, insistindo na igualdade de gênero e recrutando ativamente mulheres da classe trabalhadora.¹²⁷⁴ Taylor via nas mulheres a “agência mais poderosa para levar o evangelho aos lares na China” e advertia os casais que só aceitaria esposas que aspirassem a ser “verdadeiras missionárias”, e não meras donas de casa.¹²⁷⁵ Contudo, como nota Fiona Bowie, apesar desta visão pioneira, Hudson Taylor foi uma voz isolada ao incentivar que mulheres, casadas ou solteiras, se tornassem missionárias em igualdade com os homens.¹²⁷⁶ Embora Taylor tenha aberto caminho para o envio de mulheres solteiras em condições de igualdade, a integração plena de mulheres no interior da China progrediu lentamente. Nas primeiras décadas do século XX, ironicamente, a própria CIM que Taylor fundara havia restringido o seu recrutamento predominantemente às classes médias, justamente o perfil oposto ao de Gladys Aylward, cuja rejeição simboliza este afastamento dos ideais originais da missão.¹²⁷⁷

Este movimento de elitização coincidiu com a crescente institucionalização do campo missionário, consolidada pela Conferência Missionária Mundial de Edimburgo em 1910. O evento estabeleceu um modelo padronizado de recrutamento, que definiu o perfil do missionário ideal como um profissional com a melhor educação que sua igreja e país pudessem oferecer. Para além do estudo bíblico intensivo, recomendava-se uma formação universitária

¹²⁷² SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.212

¹²⁷³ ROWBOTHAM, Judith. “Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom”. **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.p.95

¹²⁷⁴ WILLIAMS, Peter. ‘The Missing Link’: The Recruitment of Women Missionaries in some English Evangelical Missionary Societies in the Nineteenth Century. In: BOWIE, Fiona; KIRKWOOD, Deborah; ARDENER, Shirley (eds). **Women and missions: past and present: anthropological and historical perception**. Rhode Island: Berg Publishers, 1993.p.46

¹²⁷⁵ WILLIAMS, S.C. Gender. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.p. 465

¹²⁷⁶ BOWIE, Fiona. Introduction: Reclaiming Women’s Presence. In: BOWIE, Fiona; KIRKWOOD, Deborah; ARDENER, Shirley. **Women and missions: past and present: anthropological and historical perceptions**. Providence/Oxford: Berg Publishers, 1993.

¹²⁷⁷ SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.p.22

abrangendo línguas, história, ciências morais e filosofia, exigências que, na prática, excluía candidatas como Aylward e reconfiguravam radicalmente o acesso das mulheres ao trabalho missionário.¹²⁷⁸

Este novo paradigma produziu um efeito ambíguo sobre as mulheres solteiras aspirantes ao trabalho missionário. Se, por um lado, a valorização das credenciais acadêmicas lhes conferia maior legitimidade profissional, deslocando-as do estigma da “solteirona” para o reconhecimento como especialistas, por outro, erguia barreiras quase intransponíveis para aquelas sem acesso a cursos superiores ou às tais qualificações adicionais. Assim, a profissionalização do recrutamento funcionou simultaneamente como estratégia de inclusão e exclusão, reconfigurando as possibilidades de inserção feminina no movimento missionário.

Esta transformação refletiu-se também nos próprios objetivos da missão. Como demonstra Dana L. Robert, nas conferências das décadas de 1920 e 1930, observa-se uma nítida transição do proselitismo direto para modelos baseados no serviço e na amizade intercultural. Tal deslocamento tornou a educação e a medicina as áreas que receberiam o maior investimento financeiro das agências missionárias, consolidando ainda mais a exigência de qualificações formais.¹²⁷⁹

Apesar dessa aparente modernização, os critérios de seleção mantiveram-se profundamente marcados por uma perspectiva de gênero. Conforme assinala Maina Singh, muitos conselhos missionários continuavam a valorizar, imediatamente após as qualificações religiosas, um conjunto específico de “virtudes caseiras”. Atributos como “discrição disciplinada no discurso”, “capacidade de assumir responsabilidades com alegria”, “disposição para ceder à decisão da maioria”, “tato”, “paciência” e “adaptabilidade” eram minuciosamente avaliados, revelando a persistente expectativa de que as missionárias concilhassem competência profissional com performances de feminilidade convencional.¹²⁸⁰

Todavia, paralelamente a esta permanência de valores tradicionais, registrou-se uma transformação significativa na cultura missionária. De acordo com Grimshaw e Sherlock, ao longo do século XX as missionárias foram desenvolvendo uma identidade profissional que expandiu para além da esfera doméstica. Esta crescente profissionalização conferiu-lhes maior autonomia para negociar as condições do seu trabalho, decidindo para quem trabalhariam, quais

¹²⁷⁸ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p. 208-209

¹²⁷⁹ ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009. p.65

¹²⁸⁰ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.214

as suas funções e onde seriam alocadas.¹²⁸¹ Ademais, conscientes dos critérios valorizados pelas sociedades missionárias, muitas candidatas solteiras aprendiam a gerir estrategicamente a sua autoapresentação, moldando-a em função das expectativas institucionais. Desse modo, estas mulheres negociavam a sua legitimidade num espaço marcado por tensões entre vocação, gênero e profissionalização.¹²⁸²

O caso de Gladys Aylward exemplifica de forma paradigmática estas tensões. Ao candidatar-se à China Inland Mission (CIM), em 1929, ela se deparou diretamente com os critérios mais rigorosos estabelecidos pelas sociedades missionárias no início do século XX. A sua rejeição evidencia como as novas exigências institucionais, embora conferissem maior legitimidade profissional às mulheres solteiras no campo missionário, ao mesmo tempo restringiam o acesso àquelas que, como Aylward, provinham de origens humildes e careciam do capital cultural e educacional considerado indispensável. A sua exclusão simboliza assim o paradoxo fundamental deste processo: a profissionalização que abria possibilidades de carreira para algumas mulheres, erigia paralelamente barreiras intransponíveis para outras.

Este episódio, que poderia tê-la relegado ao esquecimento, foi posteriormente ressignificado no espaço biográfico. Tanto Alan Burgess quanto os Benge reinterpretaram a rejeição institucional não como prova de inadequação, mas como elemento constitutivo de um enredo de superação que alicerça sua imagem heroica. O fracasso inicial foi transmutado em evidência de uma vocação extraordinária, capaz de desafiar todas as expectativas humanas em obediência a um chamado divino. Essa ressignificação só foi possível devido às transformações do próprio gênero biográfico missionário. Conforme Craig, enquanto no século XIX predominavam narrativas lineares que projetavam os missionários conforme o ideal desejado, excluindo quaisquer contratempos, nos meados do século XX a incorporação de fatores políticos, históricos e psicológicos gerou um novo paradigma narrativo. Nesse cenário, derrotas e limitações passaram a ser reinterpretadas como etapas necessárias de um processo vocacional mais complexo.¹²⁸³ A rejeição de Aylward deixou, assim, de ser um obstáculo intransponível

¹²⁸¹ GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021. p.613-615

¹²⁸² KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. In *die Skriflig/In Luce Verbi*, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023. p.3

¹²⁸³ CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.135

para se tornar o ponto de partida fundador de uma trajetória heroica, adaptada a um novo modelo biográfico que buscava preservar o impulso missionário frente às complexidades do século XX.

Após ser dispensada pela CIM, o diretor sugeriu a Gladys um cargo de empregada doméstica na casa de um casal de missionários aposentados em Bristol. Os Benge descrevem sua decepção: “Depois de todo o esforço para realizar o sonho de ir à China como missionária, o diretor achava que ela só conseguiria ser empregada doméstica.”¹²⁸⁴. Porém, ao perceberem seu fervor missionário, o casal Fisher para quem trabalhava, indicaram-na para uma vaga na missão de resgate em Swansea. Nessa instituição portuária no sul do País de Gales, Gladys atuou como “irmã de resgate”, patrulhando as ruas à noite para acolher jovens vulneráveis à prostituição, oferecendo-lhes abrigo e meios para retornarem às suas cidades de origem.

Embora Burgess apenas mencione brevemente esse período, ele o apresenta como crucial para o amadurecimento de sua determinação. O trabalho na Missão Evangélica Snelling é descrito como a etapa que a deixou “mais determinada para ir à China”, revelando uma personagem que “[...] estava resolvida a ir de qualquer maneira, a despeito de qualquer opinião contrária.”¹²⁸⁵. Tal perseverança, em conformidade com Hourihan, está na essência do herói, que se empenha incansavelmente por seus objetivos, sem jamais duvidar da justeza de sua causa.¹²⁸⁶ Nesse sentido, Gladys demonstrava total disposição para transpor qualquer obstáculo em prol da sua missão, consolidando desde cedo o perfil de uma heroína movida por uma convicção inabalável.

Os Benge, por sua vez, narram que a missão de resgate chocava Gladys pelo modo de vida das jovens de rua, mas que ela amava o trabalho: “Contudo, por mais que amasse o trabalho, faltava algo.”¹²⁸⁷. Essa experiência não era estranha às mulheres protestantes do período, como observa Delia Davin, o envolvimento em obras filantrópicas como esta alinhava-se perfeitamente aos ideais de virtude feminina, constituindo um campo de atuação socialmente legitimado para mulheres antes de sua inserção missionária.¹²⁸⁸

Consciente de que, após a rejeição pela CIM, nenhuma sociedade missionária a patrocinaria, Gladys adotou uma estratégia de autonomia radical: custear pessoalmente sua

¹²⁸⁴ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.19

¹²⁸⁵ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.13

¹²⁸⁶ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p. 57

¹²⁸⁷ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.21

¹²⁸⁸ DAVIN, Delia. British Women Missionaries in Nineteenth-century China. **Women's History Review**, Volume 1. Number 2, 1992. p.259

viagem à China. Abandonando o trabalho mal remunerado como “irmã de resgate”, retornou a Londres para atuar novamente como doméstica, agora com o objetivo específico de acumular recursos.¹²⁸⁹

Em Londres, a agência de emprego a designou para trabalhar na casa de Sir Francis Younghusband, notável explorador que havia passado muito tempo no interior da China. Lá, Gladys teve acesso à biblioteca particular de seu patrão, podendo emprestar um livro por semana. Ela estudava os livros sobre a China e fazia anotações detalhadas em seu diário, demonstrando interesse em aprender sobre o país. Para complementar sua renda e acelerar a economia da passagem, Gladys também realizava trabalhos extras como copeira. Ela começou a pagar sua viagem em parcelas sem saber a que região do país iria nem como se estabeleceria, evidenciando sua coragem e confiança na divindade de seu chamado.¹²⁹⁰

Sete meses após retornar ao trabalho doméstico, durante um culto em uma igreja metodista, Gladys ouviu uma senhora comentar sobre Jeannie Lawson, uma missionária na China de 73 anos, que buscava uma sucessora para seu trabalho em Shanxi. Gladys se candidatou e, ao ser aceita se preparou para viajar à China. Para economizar, precisaria viajar por ferrovia, percorrendo Europa, Rússia, Sibéria e Tianjin, no norte da China.¹²⁹¹ Esse trajeto é narrado pelos Benge como uma epopeia repleta de perigos superados pela heroína.

Para se preparar para o trabalho missionário, Gladys passou a treinar a pregação em Londres, no Hyde Park. Burgess destaca sua simplicidade e resiliência, ao narrar que, mesmo enfrentando desprezo do público, Gladys subia em seu palanque improvisado e pregava com toda a força de sua voz.¹²⁹² Os Benge reforçam essa imagem de simplicidade e dedicação: “No meio da multidão barulhenta e agitada, Gladys, usando um vestido preto simples, subiu em seu palanque improvisado e começou a pregar o mais alto que sua voz conseguia.”¹²⁹³ Estas cenas de humilhação pública, transformadas em demonstrações de fé inabalável, cumprem uma função pedagógica na biografia missionária, apresentando a resistência ao escárnio como etapa necessária de formação espiritual.

¹²⁸⁹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.21

¹²⁹⁰ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.28-29

¹²⁹¹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.25-26

¹²⁹² BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.15

¹²⁹³ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.27-28

A decisão de Gladys de partir para a China sem o apoio de uma sociedade missionária, sem vínculo conjugal e sem formação teológica formal distingue-a radicalmente das missionárias convencionais de seu tempo. Ela se tornou uma missionária independente, traçando seu próprio caminho e assumindo integralmente a responsabilidade por sua vocação. Assim como outras mulheres que estruturaram suas carreiras missionárias com engenhosidade, Gladys demonstrava o que Hunter denomina como “ambição diária”, uma dedicação metódica e persistente traduzida em esforço contínuo para concretizar objetivos missionários à margem das estruturas estabelecidas.¹²⁹⁴

Como observa Tucker, para Gladys a carreira missionária representava uma rota de escape da existência limitada que confinava a maioria das mulheres da classe trabalhadora. Tucker salienta ainda que poucos missionários embarcaram para o exterior com menos potencial aparente para o sucesso, como Aylward, mas, no entanto, sua determinação singular compensou a falta de qualificações formais, sendo paradoxalmente coroada por notável eficácia.¹²⁹⁵ Esta combinação de humildade de origens e sucesso extraordinário alinha-se com o que June Purvis identifica como a exaltação do entusiasmo religioso enquanto expressão das mais nobres qualidades da feminilidade, como fidelidade, coragem moral e devoção incondicional, atributos estes, frequentemente celebrados nas biografias de mulheres britânicas solteiras.¹²⁹⁶

Na segunda quinzena de outubro de 1930¹²⁹⁷, Gladys embarcou na estação ferroviária de Liverpool para iniciar sua trajetória missionária na China. Além de seus pais e de sua irmã, cerca de cinquenta pessoas estavam presentes para se despedir. Os Benge capturam a carga emocional do momento: “Gladys tentou absorver todos os detalhes para se lembrar para sempre das pessoas que a amaram e apoiaram enquanto ela trabalhava para realizar o sonho de ir para a China.”¹²⁹⁸ Ao registrar essa cena, os biógrafos enfatizam a importância do apoio comunitário às missões, e acentuam a dimensão heroica de sua partida: uma mulher solitária, impelida apenas por fé inabalável, enfrentando corajosamente a incerteza de um destino longínquo.

¹²⁹⁴HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p.12

¹²⁹⁵ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.179

¹²⁹⁶ PURVIS, June. **Women's History: Britain, 1850-1945 An Introduction**. New York: Routledge, 1995.p. 2

¹²⁹⁷ Na autobiografia, Gladys diz que foi para a China em 15 de outubro de 1932. (AYLWARD; HUNTER, 1987. p.15). Problemas com datas divergirem nas biografias de Aylward são comuns. Cheng argumenta que a própria Aylward argumentava não ter boa memória para guardar datas. (LING, 2008, p. 13)

¹²⁹⁸ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.34

As narrativas sobre sua viagem terrestre pela Europa e Rússia abundam em descrições de paisagens, hábitos alimentares e interações com populações locais, ao mesmo tempo que enfatizam os perigos e adversidades enfrentados em regiões inóspitas.¹²⁹⁹ Como observa McColl, as narrativas de viagem de missionárias estão impregnadas de uma retórica de risco e bravura, constituindo não apenas testemunhos de resiliência, mas também representações de capacidade e heroísmo feminino.¹³⁰⁰

Burgess constrói a seguinte percepção da passagem de Gladys pela Rússia:

Ficou escandalizada com o que viu na Rússia: multidões de pessoas apáticas esperando em estações nuas e sem conforto; mulheres trabalhando em grupos; pobreza, e camponeses, numa escala que não pensara existir. [...] Para a inglesinha, os rudes homens, barbudos e embrulhados, que cuspiam no chão e limpavam o nariz com a mão, eram objetos estranhos e horríveis. Escreveu cartas à mãe dizendo não poder acreditar que a Rússia fosse feliz. Suspeitava ser seu povo oprimido e miserável. Ver crianças pequeninas trabalhando nas estradas causava-lhe náusea e pena.¹³⁰¹

Publicado em 1957, em plena Guerra Fria (1946-1991), este relato extrapola o mero registro biográfico. A narrativa além de revelar a percepção de Gladys, buscar moldar ativamente a visão do leitor sobre a realidade soviética, instrumentalizando a biografia como veículo de exemplaridade ideológica. Ao enfatizar sentimentos de repúdio e indignação cristã perante a miséria e a suposta falta de humanidade do regime, Burgess inscreve a experiência da missionária no contexto do conflito Leste-Oeste russo, mobilizando sua trajetória para afirmar a superioridade moral do Ocidente cristão. Como assinala Andrew Preston, a Guerra Fria representou não apenas um embate militar e diplomático, mas uma batalha por “corações e mentes”, onde a religião e a propaganda desempenharam papel determinante na consolidação de valores ocidentais perante a ameaça comunista.¹³⁰²

Já a biografia dos Benge, publicada nos anos 1990, mantém a crítica ao “pesadelo comunista” soviético, mas num contexto histórico transformado pelo colapso da URSS.¹³⁰³ Seu

¹²⁹⁹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.36-40

¹³⁰⁰ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.229

¹³⁰¹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.19-20

¹³⁰² PRESTON, Andrew. Introduction: The Religious Cold War. In: MUEHLENBECK, Philip E. (org.). **Religion and the Cold War: A Global Perspective**, 1. ed., Nashville: Vanderbilt University Press, 2012, p. xi-xviii.

¹³⁰³ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.60-70

enfoque desloca-se para a reafirmação de valores espirituais do protestantismo evangélico, adaptando a retórica anticomunista às novas configurações geopolíticas. A persistência desta oposição ideológica demonstra como o gênero biográfico missionário funciona como espaço de atualização de narrativas ideológicas, preservando a retórica que contrapõe fé cristã e regimes comunistas, independentemente das mudanças no cenário internacional.

Os episódios da viagem pela Rússia são narrados pelos Benge com intenso teor dramático. Após descer na estação errada devido a barreiras linguísticas, Gladys viu-se forçada a percorrer cerca de cinquenta quilômetros a pé durante a noite, enfrentando temperaturas gélidas e a ameaça constante de lobos, para retornar à estação correta em Chita. Exausta, dormiu na plataforma ferroviária e, no dia seguinte, foi detida por soldados soviéticos que a revistaram, confiscaram seu passaporte e pertences, e a submeteram a humilhações. Apesar das adversidades, logrou recuperar seus documentos e obter autorização para prosseguir, ainda que com recursos drasticamente reduzidos: dispunha de apenas uma libra e comida envelhecida.¹³⁰⁴

Em Vladivostok, os obstáculos intensificaram-se. Hospedada em um estabelecimento que funcionava como extensão do aparato estatal, teve seu passaporte novamente retido, e os funcionários tentaram coagi-la a permanecer na cidade para trabalhar como maquinista. Em meio a esta situação aparentemente irremediável, o inesperado ocorreu: uma jovem anônima surgiu para auxiliá-la na fuga. Num momento particularmente crítico, Gladys foi confrontada por um homem que, detendo seu passaporte, escarneceu de sua condição de mulher viajando sozinha em território hostil. Em desespero, recorreu à oração, e, de forma providencial, o agressor recuou em sua intenção, embora tenha fraudulentamente alterado sua documentação, registrando-a como maquinista.¹³⁰⁵

O clímax desta sequência narrativa ocorre com o auxílio misterioso de um homem e uma jovem que a conduziram até um cargueiro japonês com destino ao Japão. A cena do embarque é descrita como uma fuga cinematográfica, com soldados russos em perseguição. Sem condições financeiras, embarcou como prisioneira, sendo posteriormente entregue ao consulado britânico no Japão, que custeou sua viagem terrestre até Kobe. Ali, finalmente, encontrou acolhida em uma sociedade missionária, onde pôde repousar antes do último trecho para Tianjin.¹³⁰⁶

¹³⁰⁴ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.46-49

¹³⁰⁵ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.52-57

¹³⁰⁶ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.62-63

Esta narrativa de perseguição e superação, construída pelos Benge, cumpre a função de reforçar o heroísmo de Gladys através da exposição detalhada das adversidades, e engrandecer seu percurso de autossacrifício, apresentando cada obstáculo como oportunidade para manifestação da fé inabalável que a sustentaria, transmitindo a ideia de que Deus cuidaria dela em todas as circunstâncias. Como observa Terrence Craig, os biógrafos missionários desenvolveram a habilidade de descrever paisagens e dificuldades com intensidade suficiente para que a vida dos missionários pareça heroica, mas sem exageros que pudessem desencorajar potenciais recrutas.¹³⁰⁷ Neste contexto, a inclusão de episódios de escape providencial consolida-se como ferramenta narrativa fundamental, reforçando simultaneamente a dimensão da coragem humana e da intervenção divina na trajetória missionária.

5.3. Uma missionária independente na China

Em 5 de novembro de 1930, Gladys Aylward embarcou num navio a vapor com destino à China, iniciando além de uma jornada geográfica, uma inserção num contexto histórico particularmente adverso. Chegava a um país marcado por vigorosos movimentos de resistência anticristã, intimamente vinculados aos ideais anti-imperialistas que ganhavam força no período. Esses movimentos, que obtinham crescente adesão, impactavam profundamente o trabalho das missões ocidentais: congregações eram sistematicamente fechadas, o fluxo de missionários diminuía drasticamente e muitos dos que já se encontravam no país eram forçados a retirar-se. Entre 1927 e 1932, a China atravessava um período de intensa turbulência política, com a ascensão do nacionalismo chinês, levando diversas sociedades missionárias a repatriarem seus membros por questões de segurança.¹³⁰⁸

Após uma extenuante jornada terrestre a partir de Tianjin, Gladys alcançou finalmente a província de Shanxi, região montanhosa e escassamente povoada do centro-norte chinês. Esta área carregava um histórico traumático para o movimento missionário: durante a Rebelião dos Boxers, no início do século, 159 missionários e 46 de seus filhos haviam sido martirizados na

¹³⁰⁷ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.44

¹³⁰⁸ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025. p.19

região. Yangcheng, pequena cidade onde residia Jeannie Lawson, funcionava como ponto de repouso para as caravanas de mulas que transitavam pelas difíceis trilhas montanhosas, transportando carvão, algodão e produtos de ferro. Apesar de seu significativo legado missionário, marcado pela atuação de figuras como Timothy Richard, Hudson Taylor e os “Cambridge Seven”, Shanxi registrava uma presença cristã reduzida, o que justificava, do ponto de vista das sociedades missionárias, o estímulo ao envio de novos trabalhadores.¹³⁰⁹

Durante a viagem pelo interior, Gladys deparou-se com os desconfortos das estalagens chinesas e enfrentou o desafio da adaptação aos costumes locais. Burgess descreve de forma detalhada tanto as paisagens quanto a culinária regional, oferecendo ao leitor uma imersão no contexto cultural em que a missionária estava sendo inserida.¹³¹⁰ Um dos momentos de maior estranhamento cultural deu-se em relação à tradição dos pés de lótus. Os Benge destacam: “Embora ela tivesse ouvido a respeito da prática, essa foi a primeira vez que observou o resultado dessa tradição chinesa. O que viu parecia grotesco. Perguntou-se como alguém poderia achar aquilo bonito ou desejável.”¹³¹¹

Contrastando com este choque cultural, a primeira visão de Yangcheng é apresentada como experiência quase onírica. Os Benge narram que Gladys teve a impressão de adentrar “contos de fadas”: “Saltando para fora das rochas havia um muro alto e, espreitando por cima da parede, os telhados mais fantasticamente projetados que Gladys já vira. Os telhados tinham pequenas campanários e esferas, cones e torres, e Gladys chegou a ofegar diante da beleza deles.”¹³¹² Esta idealização da paisagem funciona como recurso narrativo de engrandecimento do campo missionário, criando um cenário edênico que contrasta com as dificuldades que se seguiriam.

Ao chegar a Yangcheng no final de novembro de 1930, Gladys deparou-se com uma realidade profundamente dissonante em relação às suas expectativas. A residência de Jeannie Lawson “[...] não era em nada parecida com a casa confortável e aconchegante que ela imaginara, e a senhora Lawson não era a doce velhinha que ela esperara.”¹³¹³ Este contraste entre o idealizado e o real desconstrói o arquétipo da “da doce senhora missionária maternal”,

¹³⁰⁹ KAISER, Andrew. **The Rushing on of the Purposes of God: Christian Missions in Shanxi since 1876**. Pickwick Publications: Oregon, 2016.p. 250.

¹³¹⁰ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 34

¹³¹¹ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.78

¹³¹² BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.84

¹³¹³ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.88

revelando as complexas dinâmicas de gênero e as difíceis condições materiais que caracterizavam o trabalho missionário feminino independente.¹³¹⁴

Figura 40 - Aylward com Jeannie Lawson em 1930.



Fonte: Imagem retirada do livro *The Small Woman*, de 1957.¹³¹⁵

A hostilidade do acolhimento comunitário aprofundou este choque inicial. Durante um dos primeiros passeios pelos arredores, Gladys foi recebida com agressividade: mulheres atiraram-lhe torrões de lama e crianças zombaram abertamente de sua presença. Os Benge registram sua reação emocional: “Gladys enxugou os olhos. Aquilo era um desafio que ela não tinha certeza se conseguiria suportar, mas faria o melhor possível para continuar.”¹³¹⁶ Tais episódios cumprem uma função narrativa importante ao preparar o leitor para os subseqüentes pontos de viragem, nos quais a perseverança do missionário gradualmente conquista a confiança da comunidade receptora.

O choque cultural de Gladys incluiu experiências traumáticas, como a execução pública por degolação que testemunhou em Yangcheng, deixando-a profundamente perturbada.¹³¹⁷ Em

¹³¹⁴ ROBERT, Dana L. **American Women in Mission: A Social History of Their Thought and Practice**. Macon, GA: Mercer University Press, 1996.p.10

¹³¹⁵ BURGESS, Alan. **The Small Woman**. New York: Dutton, 1957.p. 64

¹³¹⁶ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.89

¹³¹⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 40-41

consonância com as expectativas da narrativa missionária, o relato desses acontecimentos cumpre a função de representar os costumes locais como bárbaros e arcaicos, reforçando a legitimidade e a urgência da intervenção missionária como instrumento de transformação moral e civilizatória. Segundo Cheng Ling, a efetiva inserção de Aylward no contexto chinês dependeu da adoção estratégica de três elementos fundamentais: o vestuário local, um nome chinês e a aprendizagem do idioma local. Através desta trílice adaptação, a missionária gradualmente se integrou na tessitura social de Yangcheng, estabelecendo as bases para um trabalho evangelístico mais eficaz.¹³¹⁸

A opção pelos trajes chineses, adotada imediatamente após sua chegada, refletia uma consciente estratégia de aproximação cultural. Como observa Jane Samson, era fundamental que os missionários criassem pontos de contato com os povos estrangeiros para que a mensagem do evangelho fosse eficazmente transmitida. O ponto principal era estabelecer que todos eram iguais perante Deus e tinham igual necessidade de salvação.¹³¹⁹ Nesta mesma direção, Andrew Walls argumenta que as condições de vida no campo missionário frequentemente conduziam a uma busca por existência em pé de igualdade com as comunidades nativas. O missionário bem-sucedido tornava-se, através do vestuário e dos costumes, um deles — alguém que compartilhava seu cotidiano, compreendia seus anseios e necessidades, e demonstrava continuamente, através de sua própria pessoa, a influência transformadora de Cristo habitando entre eles e vivendo em condições semelhantes às suas.¹³²⁰

¹³¹⁸ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p. 24-25

¹³¹⁹ SAMSON, Jane. *Ethnology and Theology: Nineteenth-Century Mission Dilemmas in the South Pacific*. In: STANLEY, Brian (ed). **Christian Missions and the Enlightenment**. Nova York: Routledge, 2001.p.102

¹³²⁰ WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.p. 109

Figura 41 - Gladys Aylward logo após sua chegada na China, em 1930.



Fonte: Imagem retirada do livro *The Small Woman*, de 1957.¹³²¹

O trabalho de Gladys na China desenvolveu-se no âmbito de uma estrutura missionária que vinha se consolidando no campo missionário chinês desde o final do século XIX. Segundo Jane Hunter, o trabalho missionário feminino na China organizava-se em três categorias principais: assistência médica, gestão de um extenso sistema escolar e atividades evangelísticas no interior do país.¹³²² Contudo, neste período de instabilidade política, a maioria dos missionários havia se deslocado para grandes cidades costeiras por questões de segurança.¹³²³ A atuação de Gladys enquadrava-se precisamente na evangelização rural, diferenciando-se, porém, da maioria das missionárias solteiras que contavam com o apoio institucional de sociedades missionárias e, em muitos casos, residiam em alojamentos coletivos femininos. Aylward, pelo contrário, estabeleceu-se de forma totalmente independente, apoiando-se apenas no contato inicial com uma missionária mais experiente.

Sobre os primeiros dias dos recém-chegados ao campo missionário, Terrence Craig observa que as biografias missionárias dedicam particular atenção ao processo de aprendizagem do idioma. Nesta fase, surgem anedotas sobre a aquisição da linguagem, geralmente enfatizando

¹³²¹ BURGESS, Alan. *The Small Woman*. New York: Dutton, 1957.p. 63

¹³²² HUNTER, Jane. *The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China*. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 15

¹³²³ LING, Chen Chung 陳中陵. *A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.19

as dificuldades superadas. As narrativas tendem a apresentar o missionário empenhando-se de coração aberto e com bom humor para dominar o novo idioma. Segundo Craig, a barreira linguística constitui geralmente o obstáculo mais problemático para o missionário, sendo significativo que o relato seja detalhado e mostre o processo de forma pormenorizada, pois sem vencer esta barreira, a consecução dos demais objetivos missionários tornar-se-ia inviável.¹³²⁴

A luta da protagonista para aprender o idioma é explorada em ambas as biografias, ganhando especial relevância no caso de Gladys, uma vez que a dificuldade com línguas havia sido um dos fatores invocados pela China Inland Mission para justificar sua rejeição no programa de formação. A multiplicidade de dialetos nas aldeias chinesas transformava a língua num desafio particularmente complexo para os missionários.¹³²⁵ Gladys iniciou o aprendizado do mandarim com Yang, o cozinheiro da casa de Jeannie Lawson. De acordo com Cheng Chung Ling, Aylward afirmou em uma carta para a família que mesmo que fosse muito difícil aprender o idioma, ela era muito boa em imitar, e com isso, ela imitava os locais para conseguir se comunicar.¹³²⁶ O progresso linguístico de Gladys, documentado nas biografias, reforça sua imagem de personagem resiliente e vitoriosa, capaz de superar desafios considerados intransponíveis pelas instituições missionárias formais. Esta narrativa de superação legítima sua vocação à margem dos canais tradicionais, e ressignifica sua anterior rejeição pela CIM, transformando uma aparente limitação em demonstração de determinação excepcional.¹³²⁷

5.4. A pousada das Oito Felicidades: uma estratégia para evangelização

Os moradores de Yangcheng referiam-se inicialmente a Gladys Aylward e Jeannie Lawson como “diabas estrangeiras” ou “diabas brancas”, designações que revelam a resistência cultural à presença missionária ocidental. Embora, com o tempo, sua presença tenha passado a

¹³²⁴ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.74

¹³²⁵ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 19

¹³²⁶ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.25

¹³²⁷ EYRE, Angharad. **Women's Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre's Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023.p.53

ser tolerada, a população local mantinha-se desinteressada em participar das atividades religiosas por elas organizadas.¹³²⁸

Os Benge utilizam este contexto de rejeição inicial para destacar a criatividade de Gladys na concepção de uma estratégia evangelística alternativa. Ao observar os tropeiros que transitavam pelo vilarejo, ela percebeu o potencial evangelizador desses nômades comerciais: alcançando alguns deles, a mensagem bíblica poderia disseminar-se organicamente através das rotas mercantis. Assim, ela e Jeannie Lawson decidiram transformar a casa onde viviam em uma pousada. O plano consistia em acolher viajantes para passarem a noite e, após o jantar, contar-lhes histórias bíblicas no salão do alojamento, que seriam recontadas ao longo das trilhas entre os povoados. Em poucas semanas, reformaram a casa e organizaram os serviços da hospedaria, batizada de “Pousada das Oito Felicidades”.¹³²⁹ Essa solução se mostrou viável porque, diferentemente de outras missionárias que tinham formação em enfermagem ou educação, nem Gladys nem Lawson possuíam preparo profissional para abrir um hospital ou uma escola, formas de inserção missionária mais comuns na China.¹³³⁰

Na operação da pousada, Gladys assumiu a tarefa de abordar os tropeiros nas trilhas montanhosas e persuadi-los a hospedarem-se. Inicialmente boicotadas pelo estigma de “diabas estrangeiras”,¹³³¹ as missionárias viram-se obrigadas a adotar métodos ousados: Gladys interceptava as caravanas, agarrando as rédeas das mulas para redirecioná-las para a hospedaria. No início elas não tiveram sucesso, mas logo Gladys conseguiu direcionar viajantes para a hospedaria. Enquanto ela se encarregava do cuidado dos animais, Lawson responsabilizava-se por contar as histórias bíblicas para os viajantes.¹³³²

Nota-se uma divergência narrativa entre os biógrafos quanto à autoria desta estratégia. Burgess atribui a concepção principal a Lawson, devido ao seu maior conhecimento da dinâmica social local,¹³³³ enquanto os Benge apresentam Gladys como a estrategista criativa. Esta valorização da capacidade de inovação do missionário constitui um elemento recorrente no gênero biográfico missionário, enfatizando a habilidade de elaborar soluções

¹³²⁸ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.37

¹³²⁹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.43

¹³³⁰ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.94-95

¹³³¹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.43

¹³³² BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.98-100

¹³³³ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.43-44

contextualizadas que articulem missão e realidade local. No caso de Gladys, a narrativa acentua igualmente a dureza do trabalho inicial: esperar intermináveis horas nas trilhas, cercar animais recalcitrantes e conduzir tropeiros reticentes.

Superadas as dificuldades iniciais, a hospedaria começou a atrair viajantes pela sua limpeza, boa comida, preços acessíveis e, sobretudo, pela contação de histórias, que oferecia aos viajantes algum entretenimento.¹³³⁴ Através da contação de histórias, Gladys também aprendia o idioma, e logo passou a reproduzir as histórias para os viajantes. Paralelamente, ela e Lawson realizavam visitas a vilarejos próximos com objetivos evangelísticos.¹³³⁵

A estratégia da hospitalidade evangelizadora adotada por Aylward e Lawson pode ser analisada a partir dos estudos de Dana L. Robert sobre o papel das mulheres missionárias. Segundo a autora, estas frequentemente situavam a transmissão cultural do evangelho dentro de uma estrutura de serviço que incluía cura, ensino e hospitalidade. Atuando como irmãs celibatárias, mães, professoras, assistentes sociais, evangelistas ou médicas, o testemunho feminino construía-se primordialmente através de relacionamentos. Mesmo quando a conversão direta não se mostrava possível, eram as redes de relações humanas estabelecidas pelas mulheres que permitiam a circulação de ideias e valores cristãos através das fronteiras culturais.¹³³⁶

Esta ênfase na hospitalidade revela igualmente uma marcada dimensão de gênero. Ao retratar Gladys nos seus afazeres com as mulas, no serviço de refeições, na manutenção da estalagem e na aprendizagem linguística através da tradição oral, as biografias reforçam a associação entre o trabalho missionário feminino e funções tradicionalmente vinculadas ao universo doméstico, como nutrição, cuidado e socialização. Lawson, por sua vez, aparece como a narradora das Escrituras, associada ao papel pedagógico e maternal. Deste modo, as narrativas de Burgess e Benge alinham-se com o padrão descrito por Robert: a feminilidade missionária constrói-se em torno dos eixos da hospitalidade, do serviço e da mediação cultural. Embora estas tarefas sejam apresentadas como “estratégias evangelísticas”, elas ao mesmo tempo reforçam representações de gênero que legitimavam a presença feminina no campo missionário,

¹³³⁴ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.26

¹³³⁵ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.47

¹³³⁶ ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009. p.138-141

precisamente porque se enquadravam em papéis culturalmente reconhecidos de cuidado, ensino e acolhimento.

Paralelamente a esta reafirmação de papéis tradicionais, as biografias registam uma notável transformação na experiência subjetiva de Gladys. Burgess narra:

Para Gladys viver e poder trabalhar agora em Yangcheng era o suficiente. Compreendia quão estreita e limitada havia sido sua vida na Inglaterra. Em Edmonton, ela podia ver até o fim da rua; na Praça Belgrave, ficava sempre presa às acomodações dos empregados, num sistema rígido de castas. Não existia tal coisa na China.[...] Em Yangcheng, Gladys encontrou uma vida de grande, intensa e interminável aventura.¹³³⁷

Através dessa comparação, o biógrafo evidencia a sensação de liberdade experienciada por Gladys, opondo a rotina restrita e socialmente desvalorizada de doméstica na Inglaterra à nova existência missionária, caracterizada por movimento, desafio e aventura. A narrativa sugere assim uma ruptura simbólica com as hierarquias de gênero e de classe de resquícios vitorianos, que confinavam mulheres como Gladys ao espaço doméstico e a funções servis.

Contudo, importante notar que essa “liberdade” é reinscrita dentro da lógica vocacional missionária, onde o progresso pessoal apenas se legitima através do serviço evangelístico. O relato de Burgess articula assim uma tensão característica das biografias de missionárias: enquanto celebra a emancipação de Gladys face a uma existência limitada, reafirma concomitantemente o ideal de feminilidade cristã através da entrega, do sacrifício e do serviço religioso. Esta ambivalência demonstra como o campo missionário funcionava como espaço paradoxal de transgressão e reafirmação de padrões de gênero.

Após cerca de cinco meses de funcionamento da pousada, um desentendimento entre Gladys e a Sra. Lawson abalou a parceria. A discórdia surgiu quando Gladys se recusou a acompanhar a missionária mais experiente numa caminhada, preferindo dedicar-se à escrita de cartas e aos estudos. A reação de Lawson à recusa da aprendiz foi explosiva: ela ordenou que Gladys deixasse a casa imediatamente. Diante daquela atitude intransigente, Gladys partiu para Zezhou, uma viagem de dois dias pelas trilhas de mula, onde se hospedou com outra missionária.¹³³⁸

¹³³⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964. p.48

¹³³⁸ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.103-104

De acordo com os biógrafos Benge, o episódio marcou Gladys profundamente, a ponto de fazê-la duvidar de sua própria vocação: “[...] agora ela retornava como se fosse uma pária. Talvez o diretor da Escola de Treinamento da Missão no Interior da China, em Londres, estivesse certo, afinal. Talvez ela não tivesse o necessário para ser missionária...”¹³³⁹. Essa dúvida quanto à vocação, comum nas biografias de mulheres missionárias, aponta uma discrepância em relação a narrativa predominante na trajetória de seus colegas homens. Essa diferença pode ser interpretada como uma escolha narrativa que busca enfatizar a vulnerabilidade e os dilemas interiores vividos pelas mulheres no campo missionário.

Seis dias após sua chegada a Zezhou, Gladys recebeu a notícia de que a Sra. Lawson sofrera um grave acidente. Sem hesitar, ela retornou a Yangcheng e, ao descobrir que a colega havia sido levada para outro local, partiu imediatamente em seu encalço. Foi em Qingshui que Gladys a encontrou, gravemente ferida após uma queda de uma varanda. Durante as semanas seguintes, Gladys dedicou-se a cuidar da missionária mais velha, prestando-lhe todos os cuidados possíveis, até que Lawson veio a falecer.¹³⁴⁰

A morte de Lawson (1857–1931) deixou Gladys como a única europeia no distrito de Yangcheng. Os Benge narram a profunda solidão que se seguiu:

Gladys se sentiu mais sozinha que antes, em toda a sua vida, mais sozinha que quando esteve no deserto da Sibéria, caminhando pelos trilhos da ferrovia de volta para Chita. Ela estava no coração da China sem dinheiro, sem amigos e sem uma organização missionária para apoiá-la.¹³⁴¹

A presença da senhora Lawson havia sido fundamental para que Gladys encontrasse um ponto de apoio em sua inserção missionária na China. Sem experiência de pregação, Aylward dependia dos conselhos e da instrução da missionária veterana. Como observa a historiadora Jane Hunter, a amizade e a cooperação entre mulheres missionárias eram consideradas sinais de saúde social e emocional, capazes de mitigar a “estranheza” ou “peculiaridade” do isolamento da vida no campo. Nesse sentido, a convivência entre uma missionária mais velha

¹³³⁹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.104

¹³⁴⁰ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.107-111

¹³⁴¹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.112

e outra mais jovem favorecia harmonias intergeracionais e facilitava a continuidade do trabalho no campo missionário.¹³⁴²

A ausência de Lawson trouxe também dificuldades práticas imediatas, particularmente para a administração da pousada. A missionária falecida dispunha de uma renda própria que sustentava parte do empreendimento e, segundo Cheng Chung Ling, diante dessa limitação financeira, Gladys viu-se forçada a encerrar as atividades da hospedaria.¹³⁴³

Foi nesse mesmo período que a província de Shanxi, sob o governo de Yan Xishan (1883–1960), implementava com rigor uma campanha para abolir a prática milenar do enfaixamento de pés, iniciada em 1917. Fiscais percorriam as casas para garantir o cumprimento da lei, e a presença de Aylward em Yangcheng coincidiu com esse processo histórico.¹³⁴⁴ De acordo com Burgess, algumas semanas após a morte de Lawson, o magistrado do condado — referido nas biografias como “o mandarim” — visitou Gladys para solicitar sua ajuda na indicação de alguém disposto a atuar como inspetora. Ela teria contactado diversas missões, mas nenhuma se mostrou disponível para assumir a tarefa, que exigia longas e árduas viagens montanha acima. Em uma segunda visita, diante da ausência de voluntários, o magistrado declarou que a própria Gladys deveria assumir a função.¹³⁴⁵

Os Benge apresentam uma versão que se aproxima do relato da própria Aylward em sua autobiografia.¹³⁴⁶ Nela, o mandarim justificava a escolha explicando que cada autoridade local era responsável por eliminar a prática em seu distrito e, por isso, precisava de alguém confiável para exercer tal função. O fato de Gladys ser estrangeira, com pés não deformados pela prática, e ser mulher, fato que a colocava como mais adequada para inspecionar meninas, além de já falar o dialeto local e demonstrar disposição para viajar por terrenos difíceis até aldeias remotas, tornava-a a candidata ideal.¹³⁴⁷

¹³⁴² HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p.70-75

¹³⁴³ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.27

¹³⁴⁴ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.28

¹³⁴⁵ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.58-62

¹³⁴⁶ AYLWARD, Gladys; HUNTER, Christine. Apenas uma pequena mulher. Traduzido por Wanda Assumpção. Flórida: Editora Vida, 1987. p.42-47

¹³⁴⁷ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.116-120

O magistrado ofereceu um salário a Gladys, e designou dois soldados para acompanhá-la, forneceu uma mula para transporte e conferiu-lhe autoridade oficial para agir em seu nome nas inspeções. Gladys aceitou o cargo com a condição de que pudesse, durante as visitas, anunciar o cristianismo. O mandarim concordou e determinou que ela apresentasse relatórios ao fim de cada viagem.¹³⁴⁸

Os Benge descrevem esse acontecimento como providência divina: ao mesmo tempo em que oferecia a Gladys os meios para se manter na China e sustentar a pousada, representava também uma oportunidade singular de ampliar sua atuação missionária. Esse enquadramento reforça um padrão narrativo recorrente em biografias missionárias, conforme analisa Craig: momentos críticos são seguidos por soluções inesperadas, interpretadas como respostas divinas à oração. Quando todos os recursos humanos se esgotam, o missionário confia na providência de Deus, que, nessas narrativas, sempre intervém no tempo exato, reafirmando tanto a fidelidade do missionário quanto a ação sobrenatural que sustenta a missão.¹³⁴⁹

No caso de Aylward, aceitar a função de inspetora de pés tornou-se uma estratégia contextualmente apropriada para legitimar sua presença e, ao mesmo tempo, abrir espaço para a evangelização.¹³⁵⁰ Como exaltado na biografia de Burgess, a estrangeira, antes vista como “diaba de além-mar”, assumia agora uma posição de importância no distrito: “A importante ‘diaba estrangeira’ de além-mar havia consentido em se tornar representante do mandarim.”¹³⁵¹

5.5. De “diaba estrangeira” a Ai-weh-deh, a Virtuosa

Gladys iniciou sua primeira viagem como inspetora de pés no dia seguinte à sua nomeação. De acordo com os Benge, a missionária sentia-se apreensiva quanto à reação da população, uma vez que o enfaixamento de pés era uma prática profundamente enraizada na cultura chinesa há séculos. A ordem para abandoná-la partia justamente de quem muitos

¹³⁴⁸ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.119-120

¹³⁴⁹ GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.77

¹³⁵⁰ KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. **In die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.p.5

¹³⁵¹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.62

consideravam um “demônio estrangeiro”.¹³⁵² Os Benge detalham a prática que Gladys teria de combater:

Os pés dos bebês eram enfaixados com firmeza com ataduras de linho. Como os ossos dos pés das bebês são moles e flexíveis, os pés acabavam por se curvar lentamente até que os dedos e a metade da frente dos pés ficassem escondidos embaixo da metade de trás dos pés. Quando a menina chegava aos 12 ou 13 anos de idade, os pés estavam dobrados pela metade em caráter permanente. Nesse ponto, tudo que a garota podia fazer com eles era mancar. As garotas não podiam correr ou brincar como os garotos. No entanto, o novo governo nacionalista decidira de forma sensata que a prática precisava terminar. Ele proibiu a amarração dos pés das meninas com menos de 10 anos. Dessa forma, uma geração inteira de garotas cresceria sem os pés amarrados, e os homens, que haviam aprendido que os pés amarrados eram desejáveis, não teriam outra escolha a não ser se casar com garotas com pés ‘grandes’.¹³⁵³

Os Benge relatam a chegada de Gladys à primeira aldeia para exercer sua nova função de inspetora de pés e, em seguida, apresentam um segundo episódio como exemplo de sua atuação. Assim que chegou ao povoado, os soldados que a acompanhavam convocaram o ancião local e anunciaram a presença da missionária como representante do mandarim. Logo, diversos moradores se reuniram para observar o que estava acontecendo. Aylward, então, partiu para a ação: acompanhada dos soldados, entrou em uma das casas, onde encontrou uma menina de cerca de três anos com os pés amarrados, e ordenou que as mulheres da casa os desamarrassem.

Segundo os biógrafos: “Gladys nunca vira pés amarrados sem a capa de linho que os cobria. A visão dos pés da garotinha a fez sentir-se mal do estômago.”¹³⁵⁴ Ela teria dito: “Veja esses pezinhos. Deus fez os pés desta menina idênticos aos de um menino.”¹³⁵⁵ Após a inspeção, advertiu que, se alguém voltasse a amarrá-los, a pessoa seria enviada para a prisão. Burgess narra que, após ordenar que desenfaixassem os pés da criança, Gladys contou “meigamente” uma história infantil e massageou-os.¹³⁵⁶

O episódio é construído pelos biógrafos de forma a ressaltar tanto o horror de Gladys diante da prática quanto a autoridade com que exerceu sua função. Ao mesmo tempo, sublinham

¹³⁵² BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.120-121

¹³⁵³ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.121

¹³⁵⁴ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.123

¹³⁵⁵ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.123

¹³⁵⁶ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.64

que sua intervenção foi permeada por uma justificativa espiritual: a igualdade diante de Deus e ao mesmo tempo, acompanhada de gestos de cuidado. Dessa forma, a narrativa combina autoridade terrena e divina, projetando uma imagem de firmeza e ternura. O modo como os biógrafos descrevem o episódio convida ainda o leitor a compartilhar da perspectiva da missionária, recorrendo a uma clara modelação do discurso biográfico, observado por Arfuch como estratégia que se detém nos detalhes da história para humanizar os relatos dos acontecimentos.¹³⁵⁷

É importante ressaltar que o combate ao enfaixamento dos pés simbolizava no missionarismo na China, um ataque a uma “tirania pagã” que limitava a vida das mulheres e, ao mesmo tempo, abria novas possibilidades para a ação missionária.¹³⁵⁸ Cheng Ling chama atenção para as questões de gênero nesse contexto, argumentando que campanhas como esta constituíam uma forma de “imperialismo de gênero”. Essa dinâmica justificava, ainda que indiretamente, as relações estabelecidas entre as missionárias e as mulheres chinesas, que facilitou a carreira de muitas missionárias em países não ocidentais. Aylward, por exemplo, expandiu seu escopo missionário ao atuar ativamente contra a prática, aproveitando a oportunidade de assumir um cargo público para realizar excursões em que libertava pés e divulgava o evangelho.¹³⁵⁹

O sucesso de Gladys na libertação de pés é narrado com destaque pelos seus biógrafos. Após o primeiro dia de fiscalização, ela “[...] ficou satisfeita com o fato de os pés de todas as jovens da aldeia estarem livres e soltos. O ancião a convidou para passar a noite em sua casa, e assim, Gladys passou uma noite agradável contando histórias da Bíblia para ele.”¹³⁶⁰ Os biógrafos procuram enfatizar tanto o êxito alcançado por Gladys em sua tarefa de inspetora de pés quanto sua capacidade de integração e evangelização. Essa dupla ênfase faz parte do objetivo da escrita biográfica missionária: persuadir o leitor de que o “chamado” da personagem se legitimava concretamente através do sucesso na disseminação do cristianismo.

O padrão de atuação se repetiu nas aldeias subsequentes. Os Benge registram que, na segunda vila, os acontecimentos foram semelhantes, “[...] só que desta vez, Gladys se sentia um

¹³⁵⁷ ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.p.198

¹³⁵⁸ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p.175

¹³⁵⁹ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.30

¹³⁶⁰ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.124

pouco mais corajosa.” A narrativa reforça a ideia de que, “aonde quer que ela fosse, era respeitada e obedecida.” ¹³⁶¹ Ao longo de meses, Gladys dedicou-se a percorrer o distrito, reportando ao mandarim o cumprimento da lei. Este, por sua vez, determinou que ela retornasse a todos os locais já visitados para verificar a manutenção da norma. Os biógrafos destacam que Gladys apreciava essas revisitas, pois lhe permitiam constatar os resultados tangíveis de seu trabalho: meninas em processo de recuperação após anos de enfaixamento e uma população que começava a valorizar progressivamente o crescimento natural dos pés.

Figura 42 - Sapatos chineses vermelhos e amarelos, com tesoura, da coleção Gladys Aylward (1936).



Fonte: Galeria Brunei. SOAS, Universidade de Londres. ¹³⁶²

Segundo os biógrafos,

essa mudança da mente e do coração dessas pessoas significava que Gladys não tinha nada a fazer além de viajar com uma escolta de soldados e contar histórias da Bíblia. Não demorou muito para que todos os aldeões olhassem com grande prazer para a visita da inspetora de pés. ¹³⁶³

Consolidava-se assim a imagem da missionária como autoridade pública e, ao mesmo tempo, como evangelizadora itinerante, desenvolvendo um ministério de itinerância pelas aldeias, visitando casas e realizando pregações e ensinamentos bíblicos. ¹³⁶⁴ Nesse ponto, os Benge enfatizam seu domínio linguístico, exaltando: “Na verdade, ela falava melhor que muitos dos moradores locais. E sua narração de histórias bíblicas estava produzindo resultados. Logo pequenos grupos de cristãos começaram a se formar nas aldeias visitadas por ela.” ¹³⁶⁵

¹³⁶¹ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.124

¹³⁶² Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210409073634/https://digital.soas.ac.uk/results/?t=aylward>

¹³⁶³ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.125

¹³⁶⁴ ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. New York: Maryknoll, 2002.p.13

¹³⁶⁵ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.125

Burgess também exaltou sucesso de Gladys salientando o teor aventureiro da vida missionária:

Suas visitas se tornaram verdadeiros acontecimentos; trazia notícias do mundo exterior, tanto quanto sabia; e como narradora de histórias, conquistou simpatia e admiração. [...]Esses foram para Gladys, anos repletos de contentamento. Com a Estalagem das Oito Felicidades como centro de operações e uma pequena comunidade a crescer ao redor, as excursões que fazia às montanhas eram sempre aventuras.¹³⁶⁶

Ao narrar essa etapa, Burgess investe em descrições mais literárias, detalhando paisagens de inverno e cenários sociais e geográficos que remetem à beleza e à dureza da vida local, ao mesmo tempo em que revela o sentido teleológico da biografia missionária: “Nessa terra de elevadas montanhas e vales profundos, onde a vida era precária e difícil, Gladys amadureceu. Tudo o que já passara havia sido um preparo para essa vida; e essa vida, uma preparação para o que deveria vir.”¹³⁶⁷

Sobre essa fase da vida de Gladys, os Benge reforçam a dimensão heroica da personagem ao salientar o reconhecimento público por parte das autoridades locais: “As coisas não poderiam ter funcionado melhor para Gladys. Ela visitava o mandarim com regularidade e ele parecia impressionado com o realizado por ela. Ele ficou tão impressionado que, quando precisou dos serviços da pessoa mais valente de Yangcheng, ele convocou Gladys de novo.”¹³⁶⁸

Essas construções narrativas como a hipérbole no domínio da língua, a centralidade como pregadora e evangelista, e a legitimação pela autoridade local, operam em conjunto para reforçar o amadurecimento espiritual da missionária e consolidar sua imagem como heroína. Esse padrão, contudo, não é exclusivo da biografia de Gladys. Ele aparece de forma recorrente em biografias missionárias de mulheres, nas quais a fragilidade inicial, seja pela dúvida vocacional, pela falta de apoio institucional ou pela condição de estrangeira em solo hostil, é transformada, narrativamente, em maturidade espiritual e reconhecimento público.

A ocasião em que o mandarim recorreu novamente a Gladys ocorreu enquanto ela estava na pousada, envolvida em suas atividades cotidianas. Um mensageiro do magistrado chegou com um recado urgente: ela deveria comparecer à prisão de Yangcheng, onde uma rebelião

¹³⁶⁶ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.65

¹³⁶⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.66

¹³⁶⁸ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.125

estava em curso. Os Benge narram que, a princípio, Gladys demonstrou receio, pois não conseguia imaginar de que maneira poderia ajudar em tal situação; contudo, por tratar-se de uma convocação oficial, não lhe restava alternativa senão atender ao chamado.

Ao chegar ao local, o diretor da prisão explicou que os detentos estavam em violento confronto, resultando em várias mortes, e que acreditava que apenas a presença de Gladys poderia apaziguar os ânimos. Segundo os biógrafos, ela protestou, alegando ser “apenas uma mulher” e temendo por sua vida. O diretor, porém, respondeu que “você tem o Deus vivo em você, então eles não ousarão matá-la”¹³⁶⁹. Colocada nesse dilema, Gladys percebeu que, caso recusasse, sua recusa poderia ser interpretada como prova de que a mensagem de que ela possuía o “Deus vivo” era falsa, o que comprometeria sua reputação diante da comunidade local. Diante disso, decidiu entrar na prisão e enfrentar a situação.

Burgess imprime uma carga dramática à descrição da cena, acentuando o caráter de aventura:

[...]uma chave enorme. Parecia ter sido feita para trancar a mais negra e enterrada masmorra do mundo. Na fechadura seus dentes raspavam com barulho; a imensa porta, com tranca de ferro, foi aberta. Gladys foi empurrada para dentro. Estava escuro; a porta foi fechada atrás dela. Ouviu a chave ranger outra vez. Estava trancada na prisão com uma multidão de delinquentes furiosos que, pelo barulho que faziam, pareciam ter enlouquecido. Um túnel escuro de vinte jardas estava à sua frente. A outra extremidade dava para um pátio. Ela podia ver os vultos a correr em frente à porta. Com passos trôpegos, andou até lá e parou de repente, amarrada ao chão de horror.¹³⁷⁰

Segundo os Benge, ao chegar ao pátio, Gladys deparou-se com muito sangue e corpos espalhados. Elevando a voz, ordenou que os prisioneiros largassem as armas e se organizassem em fila. “Ela era uma mulher desarmada, sozinha, em uma prisão cheia de homens desesperados.”¹³⁷¹ Ainda assim, com sua postura firme conseguiu impor ordem, seguida por um gesto de compaixão perante a condição desumana daqueles homens: “Eles haviam sido despojados de toda e qualquer dignidade.”¹³⁷²

¹³⁶⁹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.127-130

¹³⁷⁰ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.68-69

¹³⁷¹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.132

¹³⁷² BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.132

Burgess detalha que havia entre cinquenta e setenta presos envolvidos, descrevendo o episódio como um momento de “drama intenso”. Sobre o tom adotado por Gladys, comenta: “Gritou com eles, repreendia-os como um sargentinho anão enfurecido, ou como uma professora de escola com um bando de meninos insubordinados.”¹³⁷³ Para além da firmeza, o autor ressalta a “compaixão imensa, profunda” que a missionária demonstrou.¹³⁷⁴

Através um “porta-voz” chamado Feng, que havia sido monge budista antes de ser acusado de roubo, Gladys passou a ouvir as reclamações dos prisioneiros. Através dele descobriu que os detentos não tinham nenhuma ocupação dentro da prisão, sofriam com a fome e o frio, e que essas condições haviam motivado o motim. Diante disso, comprometeu-se a interceder em favor deles e tomou a iniciativa de promover uma reforma prisional. Conseguiu a instalação de alguns teares, para que pudessem confeccionar roupas de inverno, sugeriu ao diretor que os autorizasse a cultivar legumes e ainda providenciou uma roda de moleiro para que moessem grãos.¹³⁷⁵

A pacificação da revolta firmou definitivamente a reputação de Gladys em Yangcheng, que passou a ser chamada de “Àiweidé” (Ai-weh-deh), “a virtuosa”. Ela não apenas resolveu o conflito, como também acompanhou a implementação das melhorias e iniciou visitas regulares aos presos, lendo histórias bíblicas, ensinando higiene e orientando na criação de coelhos para geração de renda. Tanto Burgess quanto os Benge destacam que, a partir desse momento, Gladys tornou-se reconhecida em todo o distrito como “a virtuosa”, consolidando sua transformação de estrangeira marginalizada em figura de autoridade e respeito.¹³⁷⁶

Burgess sintetiza essa mudança de status ao afirmar: “ela agora era alguém”¹³⁷⁷, opinião que ecoa na narrativa dos Benge:

Logo todos estavam chamando Gladys de Àiweidé. Gladys Aylward, a empregada doméstica de Londres que, ao chegar três anos antes, era considerada nada mais que um demônio estrangeiro, conquistou um lugar no coração do povo de Yangcheng: primeiro como inspetora de pés, e agora como negociadora de motins e reformadora de prisão.¹³⁷⁸

¹³⁷³ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.69-70

¹³⁷⁴ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.70

¹³⁷⁵ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.134-136

¹³⁷⁶ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.126

¹³⁷⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.73

¹³⁷⁸ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.136

Com essa construção narrativa, os biógrafos apresentam o episódio como o ponto de virada decisivo na trajetória de Gladys, revelando uma estrutura teleológica em suas escritas. O percurso anterior de fracassos e rejeições, desde a recusa pela escola de treinamento missionário até seu trabalho como empregada doméstica, é reinterpretado como uma preparação necessária para um chamado superior, que se concretiza em sua atuação pública como inspetora de pés e reformadora prisional. Essa forma de narrar aproxima-se do que Michel de Certeau identifica na escrita hagiográfica: a vida do personagem é organizada segundo um esquema narrativo que transforma adversidades e aparentes fracassos em indícios precursores de uma missão superior.¹³⁷⁹

5.6. Missão maternal: mãe e protetora de órfãos e refugiados

Nas regiões rurais da China, como Yangcheng, o abandono e a venda de crianças não eram práticas incomuns, sobretudo quando se tratava de meninas.¹³⁸⁰ Foi neste contexto que Gladys encontrou a primeira criança que viria a adotar. Os Benge narram que, ao retornar de uma de suas viagens de inspeção, a missionária deparou-se com uma mulher que carregava uma criança e lhe oferecia a menina por dois dólares. Inicialmente, Gladys recusou a proposta e prosseguiu até o mandarim para apresentar o seu relatório sobre o cumprimento da lei contra o enfaixamento de pés.

Após apresentar seu relatório, Gladys mencionou o episódio da criança. O mandarim respondeu que nada poderia fazer e recomendou que ela não se envolvesse. Gladys, contudo, resistiu à ordem, declarando que não estava na China para obedecer a homens, mas para cumprir a vontade de Deus. Deixou a residência oficial, localizou a mulher e adquiriu a menina de quatro anos por nove pence. Os Benge descrevem este como um momento decisivo: “Quando Gladys chegou à estalagem, a enormidade do que acabara de fazer começou a atingi-la. Ela acabara de

¹³⁷⁹ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.p. 272

¹³⁸⁰ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025. p.30

comprar, ou adotar — como preferia pensar — uma menininha. E, dessa forma, tornou-se mãe.”¹³⁸¹

A criança passou a morar na pousada e chamava Gladys de Ai-weh-deh. Meses depois, a menina encontrou um menino órfão nas ruas e o levou até Gladys, que também o acolheu como filho. Em 1936, a missionária solicitou a cidadania chinesa, tornando-se a primeira estrangeira a recebê-la oficialmente. Um ato que, segundo Burgess, refletia o seu desejo de que “não queria que cousa alguma a separasse do povo [...]”.¹³⁸²

Neste período, uma viúva chinesa passou a viver na pousada e auxiliava Gladys nos cuidados com as crianças durante suas viagens como inspetora de pés. Além disso, ela visitava aldeias onde já havia pequenos grupos de cristãos reunidos. Com o tempo, adotou mais três crianças. Os Benge destacam este acúmulo de responsabilidades de uma missionária integralmente dedicada, tanto ao cuidado materno quanto ao trabalho evangelístico:

É claro Gladys tinha muito trabalho para mantê-la ocupada com 5 filhos para cuidar, mas, a cada ano que passava, as pessoas do distrito de Yangcheng e do mandarim começaram a confiar nela cada vez mais para resolver seus problemas. Quando o mandarim tinha uma decisão importante a tomar, procurava Gladys para ouvir suas sugestões. Quando o administrador da prisão quis que seus filhos fossem para a escola, ele pediu a Gladys que começasse uma, o que ela fez.¹³⁸³

A narrativa constrói, assim, uma imagem multifacetada de Gladys: uma mãe dedicada, conselheira política e fundadora de escolas. Uma figura cuja autoridade ultrapassava os limites da missão para penetrar no âmbito administrativo e social da comunidade. Desta forma, os biógrafos reforçam uma imagem de atuação holística, na qual evangelização, educação, cuidado e compaixão se entrelaçam. Como observa Dana Robert, esta abordagem caracterizava recorrentemente o ministério de mulheres missionárias, que ampliavam sua influência através de práticas que combinavam maternidade, assistência social e educação.¹³⁸⁴

Embora a compra e venda de crianças não fossem práticas incomuns na China, Hunter ressalta que era relativamente raro que mulheres missionárias as adotassem formalmente e as

¹³⁸¹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.141

¹³⁸² BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.93. (Ling aponta que ela recebeu a cidadania chinesa em 15 de julho de 1941.)

¹³⁸³ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.144

¹³⁸⁴ ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. New York: Maryknoll, 2002.p. 14

levassem para seus próprios lares.¹³⁸⁵ Gladys Aylward, contudo, rompeu com esse padrão ao acolher as crianças na sua própria pousada. Hunter observa ainda que narrativas de resgate, de crianças abandonadas, meninas salvas da venda ou da morte, mulheres protegidas de sogras cruéis ou maridos violentos, preenchiam as cartas missionárias e funcionavam como um poderoso recurso de propaganda. Recontadas repetidamente, essas histórias assumiam contornos melodramáticos e tornaram-se essenciais na construção das biografias de mulheres missionárias.¹³⁸⁶

A dimensão da maternidade de Gladys expandiu-se significativamente após 1935, quando realizou uma adoção em larga escala, acolhendo mais de 40 crianças órfãs e desabrigadas pelas enchentes do Rio Amarelo. Em 1938, quando Yangcheng foi bombardeada pelos japoneses, tragédia que deixou um número ainda maior de órfãos, Aylward acolheu cerca de cinquenta crianças adicionais. Conforme analisa Sue Lewis, o acolhimento de órfãos e refugiados, assim como os cuidados dedicados a menores em situação de vulnerabilidade, são apresentados nas biografias missionárias como expressão máxima de caridade e compaixão, o que reforça a concepção de virtude feminina tradicionalmente associada à ação missionária.¹³⁸⁷

¹³⁸⁵ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p.192

¹³⁸⁶ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 178

¹³⁸⁷ LEWIS, Bonnie Sue. Women Missionaries and Formation of Native Presbyterian Pastors in the Pacific Northwest. In: ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2002.p. 33

Figura 43 - Fotografia de Gladys Aylward e seus filhos adotivos, Tien Hsing e Su Yung, com Murray Davies, filho de colegas missionários, maio de 1936. Documentos de Gladys Aylward.



Fonte: Arquivos da Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS), Universidade de Londres.¹³⁸⁸

Na narrativa biográfica, Burgess apresenta a adoção de crianças por Gladys como a formação de uma família, enfatizando a construção de um lar.¹³⁸⁹ Esse ideal era considerado fundamental para o enraizamento do evangelho na China, uma vez que, como observa Hunter, sem a consolidação do lar, o cristianismo tinha poucas chances de florescer na Ásia.¹³⁹⁰ Nos primeiros anos, essa função era desempenhada principalmente por missionários casados, mas, no caso de mulheres solteiras, o lar era estabelecido por meio da adoção de crianças, reafirmando a expectativa de que a influência missionária feminina se desse pela esfera doméstica.

Em sua autobiografia, Gladys revela que, antes de adotar crianças, sentiu o desejo de se casar e experimentou momentos de profunda solidão:

Apesar de haver feito muitos amigos entre os chineses, eu ainda sonhava com a companhia de minha própria gente. Orara por anos pedindo que alguém viesse da Inglaterra para compartilhar meu trabalho, mas ninguém veio, e continuei sozinha.

¹³⁸⁸ Murray Davies era filho de David e Jean Davies, conhecidos por serem amigos de Gladys Aylward no complexo principal em Tsechow, China. A inscrição "Complexo AT" está anotada na frente da fotografia. Disponível em: <https://digital.soas.ac.uk/LOAA005736/00001>. Acesso em: outubro/2025.

¹³⁸⁹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.79

¹³⁹⁰ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 11

Meus sonhos de ter um marido e filhos estavam-se desvanecendo. Parecia que o Senhor desejava que eu caminhasse sozinha toda a minha vida, mas, por vezes, o isolamento de minha posição era um grande e opressivo peso.¹³⁹¹

Segundo Ling, Aylward ansiava por um marido e filhos, desejando, em última instância, constituir um lar. No entanto, não lhe foi possível concretizar o projeto de casamento. Além da desproporção numérica entre missionárias e missionários na China, duas mulheres para cada homem, outro fator limitador foi o fato de Gladys atuar numa região remota do interior chinês, com poucas oportunidades de contato com outros estrangeiros. A adoção de crianças surgiu, assim, como alternativa, marcando o início do seu papel como mãe e concedendo-lhe a oportunidade de construir o lar.¹³⁹²

Chen Ling argumenta que o auxílio prestado aos órfãos constitui o aspecto mais significativo da biografia de Aylward. Para o autor, a adoção de crianças permitiu que a missionária encontrasse um caminho específico de inserção e consolidação no campo missionário, distinto das vias mais convencionais da medicina e da educação. Através do resgate e cuidado de crianças vulneráveis, Gladys construiu com êxito sua imagem de “mãe dos órfãos”, título que passou a sintetizar sua identidade missionária.¹³⁹³ Segundo Ling, embora Aylward tivesse inicialmente viajado para a China com a intenção de pregar, sua verdadeira vocação no campo missionário foi encontrada na adoção de crianças refugiadas. Essa experiência configurou sua identidade como missionária-mãe, e assinalou sua estratégia missionária dupla, que unia cuidado compassivo e evangelização.¹³⁹⁴

Ling interpreta a maternidade adotiva de Aylward e a posterior formação de orfanatos em Taiwan como elementos centrais para compreender sua trajetória. Para ele, Gladys não atuava como uma diretora de orfanato, mas como mãe das crianças, estruturando sua missão em torno da maternidade. Nesse processo, ela deixou de aspirar ao papel de esposa para se

¹³⁹¹ AYLWARD, Gladys; HUNTER, Christine. *Apenas uma pequena mulher*. Traduzido por Wanda Assumpção. Flórida: Editora Vida, 1987. p.48

¹³⁹² LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.65

¹³⁹³ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p. v

¹³⁹⁴ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.32

tornar diretamente mãe, transformando a solidão anterior em uma nova dinâmica de vida. Ling argumenta que a representação dos esforços que Aylward dedicou à criação dos órfãos pode ser visto na “gloriosa coroa como ‘mãe dos órfãos’ do mundo”. Para esse autor, Aylward se tornou uma mãe que transformou seu caráter piedoso em ações de amor à família, e estendeu o papel materno, que originalmente operava apenas na esfera privada, para o papel de mãe social, que pode ser ativo na esfera pública.¹³⁹⁵

Ao caracterizar sua prática como “maternidade social”, Ling destaca que Gladys ampliou a função materna, transpondo-a da dimensão doméstica para o domínio público através da conversão de sua devoção religiosa em ações concretas de compaixão e cuidado. Essa noção de maternidade social reforça atributos considerados intrinsecamente femininos, como caridade, sensibilidade e abnegação, mas também os legitima como formas de autoridade missionária. Desse modo, as biografias apresentam-na como exemplo de como a maternidade missionária, enquanto virtude feminina por excelência, funcionava como recurso polivalente para evangelização, caridade e construção comunitária, articulando ideais de família, fé e serviço.¹³⁹⁶

Importa salientar, como observa Ling, que o exercício do papel materno por Aylward partiu de uma perspectiva ocidental, alinhada aos papéis de gênero tradicionais que restringiam a maternidade à esfera privada do lar. No entanto, a missionária conseguiu romper essa limitação, expandindo o ideal materno para além do espaço doméstico e exercendo-o também em espaços públicos tradicionalmente masculinos.¹³⁹⁷

Hunter analisa como, através da adoção de crianças chinesas, muitas missionárias desenvolviam vínculos significativos que se inscreviam na rubrica mais ampla da “maternidade”, prática não incomum no contexto missionário. Nessa mesma perspectiva, Laura Rademaker argumenta que o trabalho missionário oferecia às mulheres brancas solteiras uma

¹³⁹⁵ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.65-67

¹³⁹⁶ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.67

¹³⁹⁷ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.70

oportunidade que lhes era socialmente negada: a de exercer e modelar uma maternidade cristã branca, ainda que através da adoção.¹³⁹⁸

A adoção ganhava crescente popularidade no início do século XX, sendo compreendida como benéfica tanto para a criança “resgatada”, que recebia cuidados, educação e uma nova inserção social, quanto para a mulher que, ao tornar-se mãe, encontrava um espaço legítimo para amar, cuidar e exercer autoridade moral. No caso específico das missionárias, esta prática possibilitou a construção de uma identidade distinta: a da missionária como mãe adotiva, ampliando a vocação feminina tradicional e inserindo-a em um projeto missionário de caráter público e transnacional.¹³⁹⁹

Segundo Rademaker, numa cultura que exaltava a maternidade como dever normativo feminino, é compreensível que missionárias solteiras buscassem assumir papéis maternos como forma de realização pessoal. Para aquelas com escassas perspectivas de casamento ou constituição familiar convencional, o trabalho missionário oferecia a possibilidade de experienciar, ainda que simbolicamente, o calor e afeto da maternidade. Através da adoção de crianças, podiam amar como se fossem mães biológicas e, ao mesmo tempo, receber amor em troca.¹⁴⁰⁰

Esse modelo se enraizava em um pensamento do século XIX que atribuía às mulheres qualidades maternas e domésticas entendidas como transcendentais à maternidade biológica, e, portanto, aplicáveis também àquelas sem filhos. Nessa perspectiva, as missionárias solteiras eram vistas como particularmente qualificadas para exercer maternidade sobre populações indígenas, pois dominavam a ética cristã e incorporavam as chamadas virtudes “femininas”, como compaixão, piedade e altruísmo. Sua condição de solteira, longe de ser considerada um defeito, era interpretada como sinal de virtude superior, tornando-as, paradoxalmente, mais aptas moralmente do que as mães nativas biológicas.¹⁴⁰¹

Retomando a análise da influência pública conquistada por Gladys, cabe examinar a perspectiva de Hunter, que assinala como as mulheres solteiras na China descobriram autonomia social na solidão partilhada e encontraram uma autoridade inesperada no seu

¹³⁹⁸ RADEMAKER, Laura. ‘I had more children than most people’: Single Women’s Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. *Lilith: A Feminist History Journal*, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21. p.9

¹³⁹⁹ RADEMAKER, Laura. ‘I had more children than most people’: Single Women’s Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. *Lilith: A Feminist History Journal*, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21. p.9

¹⁴⁰⁰ RADEMAKER, Laura. ‘I had more children than most people’: Single Women’s Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. *Lilith: A Feminist History Journal*, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21. p.14-17

¹⁴⁰¹ RADEMAKER, Laura. ‘I had more children than most people’: Single Women’s Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. *Lilith: A Feminist History Journal*, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21. p.14

trabalho missionário durante a era colonial.¹⁴⁰² Segundo a autora, quando essas missionárias assumiam posições tradicionalmente respeitadas na sociedade chinesa, incorporavam igualmente o prestígio a elas associado. No caso de Gladys Aylward, o reconhecimento social derivava da sua atuação como funcionária do mandarim. A condição de estrangeira, conforme observa Hunter, conferia-lhe poder e estatuto social adicionais.¹⁴⁰³

Na biografia de Burgess, tanto a autonomia de Gladys quanto a autoridade por ela adquirida são exploradas como elementos de glorificação da singularidade da personagem, visando despertar a admiração do leitor pelo desenvolvimento da sua carreira missionária. A escrita biográfica justifica-se, assim, pelo respeito e prestígio que Gladys conquistou junto da comunidade local. O próprio Burgess nota: “A amizade entre o Mandarim de Yangcheng e a ex-arrumadeira da Praça Belgrave é provavelmente uma das mais estranhas na história das relações do Oriente com o Ocidente.”¹⁴⁰⁴ Sobre a presença de Gladys no yamen — espécie de palácio governamental —, Burgess ressalta: “Gladys fez surgir em seu yamen uma vitalidade que ele não conhecera. Ela havia tido pouca instrução, contudo possuía dom de observação e muita perspicácia.”¹⁴⁰⁵ Neste relato, o biógrafo valoriza a personagem, sublinhando que, embora destituída de instrução formal, compensava essa lacuna com conhecimento prático e aguda percepção, atributos que a tornavam singularmente eficaz no seu trabalho.

Um dos aspectos que chama atenção na narrativa de Burgess é sua abordagem sobre a poligamia do mandarim chinês, destacando que Gladys não se escandalizava com a situação:

Em um dos pátios interiores habitavam as mulheres. Não eram esposas, nem concubinas, mas escravas jovens e belas criaturas compradas com verba do yamen para as delícias antigas e honradas do amor. Gladys não ficou escandalizada quando compreendeu o significava o pátio das mulheres. Era um costume que remontava a centenas de anos; tudo muito decente. Guardavam-nas as mulheres mais velhas, que, quase todas, haviam também sido escravas do pátio, na mocidade, e cujas filhas quando crescidas faziam o mesmo serviço. Eram moças encantadoras e alegres, cantavam, tocavam instrumentos e aprendiam bailados. Não eram presas como as mulheres dos haréns do Oriente Médio; podiam andar pelos bazares tocando com os dedos as macias sedas e comprando os pentes e bijuteria barata que adoravam. Gladys

¹⁴⁰² HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. xvi

¹⁴⁰³ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p.215-219

¹⁴⁰⁴ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.85

¹⁴⁰⁵ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.86

tinha muitas amigas ali e, muitas vezes, quando ia visitar o Mandarim, passava pelo pátio para conversar com as mulheres.¹⁴⁰⁶

Burgess, deste modo, estabelece uma crítica implícita à poligamia do Oriente Médio, ao mesmo tempo que suaviza a sua versão chinesa. Em contrapartida, na biografia dos Benge, a questão da poligamia é omitida, assim como não são mencionadas eventuais dúvidas de Gladys quanto à eficácia da sua pregação. Burgess chega a indicar que a missionária teria enfrentado “momentos de dúvida e indecisão” acerca da mensagem que pregava e do seu efeito prático na vida daquelas pessoas de vidas tão sofridas.¹⁴⁰⁷ Já os Benge constroem a imagem de uma Gladys permanentemente convicta da sua fé e missão, enfatizando sobretudo a sua determinação e certezas religiosas. Observa-se, pois, que a biografia mais recente evita temas que poderiam revelar ambiguidades ou contradições da personagem central.

Burgess apresenta ainda Gladys como uma pioneira, portadora de uma nova religião no norte da China:

Gladys Aylward trouxe uma nova religião; percorreu áridas montanhas naquela região selvagem, experimentando talvez a maior alegria que um missionário cristão pode conhecer, pois vivia entre camponeses simples. Não encontrava a oposição sofisticada, a desilusão e o desespero do Ocidente; aqui a terra era virgem.¹⁴⁰⁸

O autor retrata as missões protestantes como veículos de divulgação da fé cristã, associando-a a valores de “bondade, fé e amor”, enquanto critica as religiões predominantes na China, como budismo, confucionismo e taoísmo.¹⁴⁰⁹ Isso evidencia que o biógrafo buscava posicionar o cristianismo como superior às demais tradições religiosas. Burgess reforça o pioneirismo de Gladys destacando suas visitas a comunidades isoladas para iniciar trabalhos de evangelização, ao mesmo tempo celebra a eficácia de suas ações:

¹⁴⁰⁶ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.85-86

¹⁴⁰⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.90-91

¹⁴⁰⁸ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.89

¹⁴⁰⁹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.86-90

Não há dúvida alguma de que sua influência ficou naqueles lugares. Mesmo hoje, se andarmos por algumas daquelas vilas isoladas, poderemos ouvir homens e mulheres cantar hinos cristãos enquanto trabalham nas roças. Converteu muita gente e o cristianismo modificou as vidas daqueles que o abraçaram.¹⁴¹⁰

Na esteira da descrição do pioneirismo de Gladys entre vilarejos isolados, é interessante notar que Burgess demonstra consciência, enquanto biógrafo, do debate sobre missões e imperialismo, ao afirmar que:

Para os camponeses, o cristianismo não era uma doutrina estrangeira de imperialismo; para as mulheres, principalmente, trouxe vida nova. Sob o regime cristão, adquiriram direitos no lar; não eram elas ou suas filhas vendidas, nem a esposa era substituída por uma segunda ou terceira mulher. Seus ídolos eram queimados e a família ficava unida, trabalhando em harmonia. Gladys foi bem-sucedida no seu trabalho por ser diferente.¹⁴¹¹

Com essa ênfase, Burgess valida a obra missionária de Gladys, apresentando-a como mais significativa do que os problemas associados ao imperialismo na China. Para reforçar essa legitimidade, ele recorre a uma carta de um amigo chinês de Gladys, que havia escrito à própria mãe afirmando que ela era a missionária de que precisavam, que não se deixava abalar pela oposição ou pela pobreza e que pregava em todos os lugarejos de Shanxi. O biógrafo apresenta ainda o cristianismo como um instrumento de libertação para as mulheres chinesas e da idolatria do povo, bem como promotor de união e amor familiar.¹⁴¹²

5.7. A travessia das montanhas: Gladys Aylward e a fuga com órfãos na China em guerra

Na primavera de 1938, a província onde Gladys morava foi alvo de bombardeios aéreos no contexto da guerra sino-japonesa. De acordo com Burgess, os habitantes locais, que jamais tinham visto um avião, ficaram inicialmente fascinados com a visão. Essa admiração, no

¹⁴¹⁰ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.95

¹⁴¹¹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.95

¹⁴¹² BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.95

entanto, transformou-se rapidamente em terror quando as bombas começaram a cair, causando mortes, ferimentos e a destruição de diversas casas. A própria residência de Gladys foi atingida, e ela ficou soterrada sob os escombros por quase uma hora. Após ser resgatada ilesa, dedicou-se imediatamente a socorrer as outras vítimas. Burgess enaltece sua prontidão e eficiência em meio ao caos, registrando: “Na confusão de ruínas e de dor humana, Ai-weh-deh conseguiu trazer uns grãos de bom senso e primeiros socorros.”¹⁴¹³

Os Benge, por sua vez, destacam o desespero de Gladys ao pensar nas crianças que estavam na escola durante o ataque, seguido do imenso alívio ao reencontrá-las sãs e salvas. Imediatamente, ela começou a organizar os moradores para prestar auxílio aos feridos e providenciar o sepultamento dos mortos. Seus biógrafos a retratam como uma mulher que agiu com coragem e determinação em meio à catástrofe, mas observam que ela “parecia mais confiante do que realmente se sentia”.¹⁴¹⁴ Essa nuance reforça a construção de uma heroína que, mesmo assombrada pelo medo, demonstra domínio emocional diante do desespero. A tensão entre o temor interno e a ação corajosa humaniza a personagem sem comprometer sua imagem idealizada. Dessa forma, os Benge equilibram a suposta fragilidade feminina com a virtude cristã do autocontrole, compondo uma figura que inspira tanto empatia quanto admiração.

Informada de que o bombardeio a Yangcheng era uma manobra japonesa para enfraquecer a cidade antes de uma invasão, Gladys uniu-se ao mandarim, ao administrador da prisão e a um importante comerciante local para formar um comitê de ajuda humanitária. O grupo organizou a evacuação dos moradores, e Gladys assumiu a responsabilidade por um grupo de cerca de quarenta pessoas, incluindo seus filhos adotivos, órfãos do ataque e novos convertidos. Graças ao seu profundo conhecimento da região, adquirido em suas viagens de inspeção, ela conduziu o grupo a um vilarejo nas montanhas, onde se refugiaram em uma caverna.¹⁴¹⁵

Nesse episódio, os biógrafos apresentam uma Gladys protetora e líder, cuja ação prática se alia à compaixão maternal. Ao descrever sua saída de Yangcheng, enfatizam o vínculo afetivo da missionária com a cidade: “ao deixar a cidade que ela chamava de lar [...], lágrimas

¹⁴¹³ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.97

¹⁴¹⁴ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.148-149

¹⁴¹⁵ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.151

escorreram por seu rosto”¹⁴¹⁶. Esse detalhe emocional reforça o sentido de perda e sacrifício inerente ao cenário de guerra. Burgess descreve a dor de Gladys diante da tragédia:

[...] vencida pela tragédia, que começou a criar em sua mente um grande mal-estar, não suportou mais. [...] Sua dor era quase insuportável. [...] Nenhuma limpeza ou reconstrução poderia tirar da memória as mortes ou apagar de sua mente esses horrores recentes. O tempo de paz terminara. Esse território remoto, varrido pelo vento, que viera a conhecer e amar, era agora um campo de batalha.”¹⁴¹⁷

Para intensificar o tom dramático, Burgess salienta a crueldade dos japoneses e os horrores do conflito, amplificando para o leitor a dimensão do sofrimento de Gladys e sua coragem diante do cenário catastrófico. A guerra representou uma ruptura definitiva com sua vida anterior: seu trabalho como inspetora de pés é descrito por Burgess como “uma ocupação de luxo que não sobreviveu ao bombardeio”.¹⁴¹⁸

Refugiada com o grupo na caverna montanhosa, Gladys permaneceu no local por algumas semanas, assumindo plenamente o papel de líder e cuidadora. Quando se ofereceu para retornar sozinha a Yangcheng e verificar a situação, enfrentou um momento de grande perigo, quase sendo descoberta pelas tropas invasoras. O episódio é narrado por Burgess como uma aventura repleta de suspense, na qual o heroísmo da personagem é destacado pela combinação de audácia e fé. Em pouco tempo, a “caverna de Ai-weh-deh” transformou-se em um pequeno hospital, onde Gladys converteu o sofrimento alheio em motivo para servir.¹⁴¹⁹

Em 1939, o mandarim informou a Gladys que fora adotada a tática de “terra arrasada” para Yangcheng, o que significava que a cidade seria totalmente destruída e seus moradores deveriam buscar abrigo em outros lugares. No entanto, ninguém se dispôs a demolir um templo religioso conhecido como “Pagode do Escorpião”, pois acreditava-se que um escorpião místico estava aprisionado em seu interior. O mandarim, então, pediu que Gladys realizasse a tarefa. Burgess relata que ela o fez “[...] com a satisfação íntima de uma cristã a quem permitem a destruição de um ninho de idolatria”¹⁴²⁰. Esse episódio ilustra um traço recorrente nas

¹⁴¹⁶ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.153

¹⁴¹⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.108-109

¹⁴¹⁸ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.112

¹⁴¹⁹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.114

¹⁴²⁰ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.113

biografias missionárias que, segundo Emma Wild-Wood, consiste na representação da destruição de símbolos religiosos locais como um gesto de triunfo cristão. A demolição de ídolos era considerada um passo fundamental no avanço da fé cristã, sendo vista até mesmo como um ato de zelo piedoso. Tais narrativas, que opunham o cristianismo ao que classificavam como “paganismo supersticioso”, visavam tanto impressionar o leitor quanto reforçar a natureza altruísta do missionário biografado.¹⁴²¹

Outra característica recorrente nas biografias missionárias também se manifesta nos fatos narrados sobre a guerra. Logo após a destruição do pagode, Gladys foi convidada a participar de um banquete oferecido pelo mandarim, em sua despedida. Durante o evento, ele a colocou em um assento de honra à sua direita, fez um discurso exaltando suas realizações e declarou sua conversão ao cristianismo. Os Benge observam que “[...] esse era o convertido de mais destaque que fizera desde sua chegada à China.”¹⁴²² Para ilustrar a importância do momento, os biógrafos enumeram as realizações de Gladys destacadas pelo mandarim: “[...] acabar com o motim da prisão, melhorar as condições carcerárias, assistir as chinesas nos partos, adotar crianças indesejadas e tornar-se assessora especial do mandarim.”¹⁴²³ A partir desses elementos, é possível reconhecer alguns motivos característicos das biografias missionárias: a destruição de símbolos pagãos, interpretada como sinal de conquista espiritual; o reconhecimento da missionária pela autoridade local; e, por fim, a conversão de uma figura de poder, apresentada como coroamento de sua obra evangelizadora.

Em 1940, Gladys viu-se forçada a refugiar-se novamente nas montanhas. Burgess relata que ela assumiu a responsabilidade por alguns prisioneiros e até por uma escrava do pátio do yamên. Nas cavernas, organizou mais uma vez um hospital improvisado para atender os feridos da guerra, enfrentando condições de escassez de alimentos. Durante esse período, Gladys dedicou-se a oferecer cuidados médicos, consolo espiritual e a realizar enterros cristãos das vítimas do conflito. A fama de sua atuação espalhou-se pela região, e muitas crianças órfãs começaram a procurá-la, ouvindo que ela acolhia os desamparados. Assim, chegou a cuidar de

¹⁴²¹ WILD-WOOD, Emma. The making of an African Missionary Hero in the English Biographies of Apolo Kivebulaya (1923-1936). *Journal of Religion in Africa* 40 (2010), 273-306. Disponível em: brill.nl/jra Acesso: fevereiro/2024. p. 283

¹⁴²² BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.159-163

¹⁴²³ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.163

cerca de 150 crianças, enfrentando grandes dificuldades para prover comida, roupas e abrigo para todas.¹⁴²⁴

Posteriormente, Gladys retornou a Yangcheng e abrigou as crianças na antiga pousada, que precisou ser reparada. Decidiu, então, visitar a missão em Zezhou para verificar se os colegas missionários necessitavam de auxílio. Durante essa visita, enquanto protegia mulheres chinesas de agressões sexuais por parte de soldados japoneses, Gladys foi ferida. Os Benge narram que meses depois, o jornalista estadunidense Theodore H. White, entrou em zona de guerra para reportar a situação na China e acabou conhecendo a história de Gladys, que havia se tornado conhecida como “a pequena inglesa que ajudava refugiados nas montanhas”¹⁴²⁵. White viajou até Yangcheng para entrevistá-la e, segundo os biógrafos, “Ele ficou surpreso com o trabalho realizado por ela e com sua escolha de ficar em uma zona de guerra em vez de fugir para a segurança.”¹⁴²⁶

A reportagem foi publicada na revista *Time* nos Estados Unidos, tornando Gladys conhecida no cenário internacional ainda durante o conflito. Ao destacar a reação do jornalista ante sua coragem, os biógrafos enfatizam tanto sua postura protetora quanto seu engajamento humanitário em meio à guerra, frisando ainda o reconhecimento concedido pela imprensa internacional.¹⁴²⁷ A narrativa construída pelos Benge evoca o emblemático encontro entre o jornalista Henry Morton Stanley e o missionário David Livingstone em novembro de 1871, uma cena emblemática na tradição biográfica missionária.¹⁴²⁸ Assim como Stanley encontrou Livingstone no coração da África, White depara-se com Gladys em meio ao caos da guerra, dedicada ao cuidado de refugiados, reforçando assim um paralelo heroico e reatualizando o

¹⁴²⁴ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.114-117

¹⁴²⁵ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.172

¹⁴²⁶ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.173

¹⁴²⁷ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.76

¹⁴²⁸ Em 1865, Livingstone embarcou em sua última expedição à África, a terceira de sua carreira, com o objetivo de encontrar a nascente do rio Nilo, ao mesmo tempo em que buscava evangelizar africanos ao longo do caminho. Durante seus últimos anos no continente, rumores frequentes sobre sua morte circulavam, alimentando uma grande curiosidade em torno de sua figura. Devido a essa curiosidade, o jornal “New York Herald” enviou o repórter Henry Stanley para encontrar Livingstone, vivo ou morto. Stanley finalmente encontrou Livingstone no final de 1871, próximo ao lago Tanganica, e passou alguns meses ao lado do missionário. TUCKER, Ruth A. **“...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986.p. 161-162

imaginário de dedicação e perseverança missionária no enfrentamento das adversidades.¹⁴²⁹ Essa evocação permite considerar a inserção de Gladys em uma genealogia simbólica de heróis protestantes que desafiaram perigos em nome da fé, onde o paralelismo com Livingstone contribui para identificar o arquétipo de “missionária intrépida”: figura que combina coragem, sacrifício e altruísmo.

Em meio ao contexto de conflito, Gladys tomou uma decisão que se tornaria um dos episódios mais emblemáticos de sua trajetória missionária: em março de 1940, organizou a retirada das quase duzentas crianças que havia abrigado durante a guerra, com destino aos orfanatos localizados na província de Shaanxi. Para tanto, decidiu dividir o grupo em duas partes. O novo convertido Tsin Penkuang voluntariou-se para escoltar o primeiro grupo de cem crianças e recolher os recursos necessários para custear a viagem do segundo. O destino ficava a cerca de 320 quilômetros de distância, e o percurso deveria ser feito por trilhas nas montanhas, incluindo a travessia do rio Amarelo, uma jornada que, em tempos de guerra, levaria aproximadamente quatorze dias. Cinco semanas depois, Gladys recebeu a notícia de que todas as crianças haviam chegado em segurança. Entretanto, Penkuang nunca retornou para buscar o segundo grupo: fora atacado e morto no caminho de volta. Nesse mesmo período, Gladys soube que, em decorrência da reportagem publicada sobre ela na revista *Time*, os japoneses haviam colocado uma recompensa por sua captura.

Ao tomar conhecimento de que era procurada, Gladys relutou em deixar Yangcheng. Seu desejo era permanecer na cidade para cuidar de doentes e feridos, demonstrando, segundo os biógrafos, coragem e compromisso pastoral. Contudo, um mensageiro enviado por um general amigo alertou-a que as tropas japonesas se aproximavam novamente e que cartazes oferecendo recompensa por sua captura haviam sido afixados pela região. Diante da iminência do perigo, Gladys recorreu à Bíblia em busca de orientação e deparou-se com uma passagem do livro de Jeremias (49:30): “Fugi, retira-vos para longe, habitai nas profundezas, ó habitantes de Hazor”. Interpretando o versículo como uma instrução divina, decidiu fugir, levando consigo noventa e quatro crianças, com idades entre quatro e quinze anos, em direção a Xi’an.¹⁴³⁰

Alan Burgess registra que, antes de partir, Gladys queimou suas cartas e papéis, temendo que caíssem em mãos inimigas. Ele também narra um episódio ocorrido durante a fuga de

¹⁴²⁹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **David Livingstone: o Pioneiro da África**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2023.p. 214

¹⁴³⁰ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.33

Tsechow, no qual Gladys foi atingida de raspão por um tiro disparado pelos japoneses.¹⁴³¹ Como observa McColl, os autores de biografias missionárias frequentemente tecem narrativas de escapismo com uma sutil interfusão entre fato e ficção, tornando-as mais atraentes pela alegação de veracidade.¹⁴³² Conforme Cheng Ling, a decisão de Gladys de empreender a travessia montanhosa foi motivada pela intensificação do conflito no sul de Shanxi, onde nacionalistas, comunistas e japoneses disputavam o controle territorial. Diante desse cenário, a população vivia em condições extremamente precárias, e a fuga da área ocupada tornava-se questão de sobrevivência.¹⁴³³

A narrativa da fuga de Gladys com as crianças pelas montanhas constitui um dos episódios mais revisitados nas biografias adultas e infantojuvenis escritas sobre Aylward, pois a travessia reúne diversos elementos característicos de uma história de aventura, especialmente por ocorrer em meio a um contexto de guerra. Para a jornada, Gladys dispunha de suprimentos suficientes apenas para dois dias. Com o passar do tempo, as crianças foram se desgastando física e emocionalmente: dormiam ao relento, às vezes encontravam abrigo, em algumas ocasiões tinham o que comer, mas na maior parte dos dias enfrentavam a fome, o medo, o cansaço e o frio que se intensificavam, e muitas sofriam com feridas nos pés, já que usavam sandálias de palha. Após doze dias de caminhada pelas montanhas, o grupo finalmente chegou ao rio Amarelo, mas precisou esperar quatro dias até conseguir transporte. Nesse ínterim, Gladys começou a ter desmaios devido à fome e à exaustão.¹⁴³⁴

Burgess apresenta a travessia das montanhas por Gladys como um ato de ousadia e a realização do impossível, conduzido com decisão e serenidade. O biógrafo constrói uma narrativa que, embora mencione momentos de dúvida quanto à sua própria capacidade durante a jornada, concentra a ênfase em seu papel como mãe e protetora das crianças, descrevendo-a como alguém dotada de coragem e ternura em meio aos horrores da guerra.¹⁴³⁵ Ele retrata: “um mar de crianças morenas, sorridentes, sujas e de olhos amendoados, para quem ela era

¹⁴³¹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.158

¹⁴³² MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p. 135

¹⁴³³ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025. p.33

¹⁴³⁴ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.181-194

¹⁴³⁵ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.169

verdadeira e realmente uma mãe que Deus lhes dera. ‘Ai-weh-deh!’ cantavam. ‘Ai-weh-deh veio para tomar conta de nós’”.¹⁴³⁶

Após atravessarem o rio, Gladys e as crianças ainda precisaram percorrer parte do trajeto de trem. Contudo, durante o caminho, souberam que uma ponte ferroviária havia sido bombardeada, o que os obrigou a continuar a viagem a pé, caminhando por vários dias entre montanhas e aldeias. Burgess detalha a repetição das dificuldades enfrentadas: a escassez de comida, as roupas encharcadas, o cansaço extremo e os pés feridos. Em determinado momento, a narrativa acentua o colapso físico e emocional de Gladys: “[...] ela estava soluçando alto, entregando-se à tristeza, chorando por não ter mais forças para conter as lágrimas, soluçando de pura exaustão e fraqueza, soluçando pelas crianças, pela China, pelo mundo todo, tão profundo era o sofrimento”¹⁴³⁷. É interessante observar a forma como Burgess descreve o sofrimento de Gladys, especialmente quando comparada à maneira como se refere a Davies, um missionário amigo de Aylward que fora executado pelos japoneses em Twechow. Davies é apresentado como um mártir, “um homem das montanhas”, dotado de força e “fibra no espírito” para enfrentar a tortura. Já Gladys, em contraste, é retratada de modo mais emocional e vulnerável, como aquela que chorou até soluçar: “Naquele momento perdeu a coragem de prosseguir.”¹⁴³⁸

Essa diferença de tratamento narrativo evidencia como as construções de gênero permeiam a escrita biográfica missionária de Burgess na década de 1950. Enquanto o sofrimento masculino é associado à resistência, coragem e martírio, virtudes heroicas tradicionalmente valorizadas, o sofrimento feminino é representado como emoção e fragilidade, ainda que investido de valor espiritual. No caso de Gladys, a vulnerabilidade não anula seu heroísmo, mas o inscreve dentro de uma lógica de feminilidade cristã, na qual a entrega emocional e o sacrifício físico tornam-se signos de dependência, fragilidade e abnegação.

Após o choro, Gladys recompõe-se, chama as crianças para cantar e seguem adiante. Burgess, ao narrar esse momento, parece buscar compensar a fraqueza anteriormente exposta, apresentando-a como uma mulher resignada que enfrentava cada dificuldade à medida que surgia:

¹⁴³⁶ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.161

¹⁴³⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.187-188

¹⁴³⁸ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.188

As montanhas, nos longos anos de sol e vento e chuva, devem ter presenciado cenas estranhas, mas é de duvidar que jamais tenham presenciado coisa mais fora do comum e mais corajosa de que essa coluna de crianças, conduzidas por uma mulherzinha de rosto manchado de lágrimas a cantar com tão gritada resolução ao conduzir o seu bando em busca da terra prometida.¹⁴³⁹

Nesse trecho, percebe-se a presença de elementos característicos das biografias missionárias de mulheres, marcadas pela ambivalência e pela complexidade na construção do heroísmo feminino. Ao biografar mulheres, a narrativa frequentemente oscila entre a exposição de suas fraquezas e a exaltação de sua coragem, de modo a transformá-las em figuras heroicas e espiritualmente exemplares. A referência à “terra prometida” funciona como alegoria bíblica, reforçando o caráter espiritual da jornada e inserindo o episódio no imaginário religioso do êxodo e da peregrinação, imagens usuais na escrita missionária que vinculam o sofrimento à redenção e o caminho físico à travessia espiritual.

Os Benge, por sua vez, ao relatarem o momento em que Gladys e as crianças choraram diante da situação extrema, enfatizam sobretudo o sacrifício pessoal da missionária e sua confiança inabalável em Deus. Percebe-se, assim, uma distinção significativa em relação à abordagem de Burgess: a camada narrativa acrescentada pelos Benge busca reafirmar para o leitor a convicção de Gladys na providência divina:

Durante 21 dias, ela e as crianças haviam caminhado, subido e se arrastado pelas montanhas, evitado aviões japoneses e mendigado comida. As crianças estava, com fome, sangrando e desidratadas. Seus sapatos estavam gastos e muitas tossiam de forma assustadora. Gladys não podia seguir em frente nem voltar atrás, só podia confiar em Deus.¹⁴⁴⁰

Quando Gladys chegou à cidade de Fufeng, no final de abril de 1940, dois dias depois de deixar as crianças em segurança em um orfanato, desmaiou e entrou em coma. Os Benge descrevem que ela despertou, duas semanas depois, em um hospital, em estado de extremo desgaste físico, aparentando ter muito mais do que seus 38 anos.¹⁴⁴¹ A referência à sua

¹⁴³⁹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.188

¹⁴⁴⁰ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.195-198

¹⁴⁴¹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.200-201

aparência enfatiza para o leitor o esgotamento resultante do sacrifício exigido por sua missão. Ela chegou ao hospital com febre, pneumonia, tifo e desnutrição, e sua sobrevivência é narrada pelos biógrafos como um verdadeiro milagre. Como observa Craig, a maioria dos relatos missionários inclui o testemunho de algum tipo de milagre, elemento que funciona como validação espiritual da missão e confirmação da presença divina na trajetória do missionário.¹⁴⁴² Nesse sentido, a recuperação de Gladys reforça sua projeção como serva escolhida e sustentada pela providência divina.

Segundo Ling, em Fufeng a imagem maternal de Gladys se fortaleceu: após a travessia das montanhas, a personagem deixa de ser uma mulher “fraca” e se consolida como uma “mãe” famosa, o que se refletiu nos registros biográficos.¹⁴⁴³ O modelo da mãe missionária heroica ganha assim expansividade e continuidade narrativa. Nessa perspectiva, como observa Hourihan, sua jornada representa o herói que triunfa sobre o deserto e, simbolicamente, sobre o caos, a natureza, o mal e até a própria morte.¹⁴⁴⁴ Sua fama se consolida como a missionária que atravessou as montanhas em tempos de guerra com quase cem crianças, enfrentando os inimigos, a fome e a dor. Gladys é apresentada como uma figura de sacrifício e compaixão, cuja maternidade transcende o laço biológico e se torna expressão do ideal de entrega total.

Tanto no relato de Burgess quanto no dos Benge, a travessia de Gladys pelas montanhas com as crianças é marcada por uma forte valorização do sofrimento, apresentada como um ato de sacrifício aventureiro, que de acordo com Huber e Lutkehaus, é característico das narrativas missionárias.¹⁴⁴⁵ Ling argumenta que a jornada se tornou memorável justamente por ela ter enfrentado a escassez de alimentos, doenças, os perigos de encontros com tropas inimigas e até o desamparo espiritual, enquanto conduzia crianças refugiadas em busca de segurança. Dessa forma, esse episódio constitui um marco central na trajetória de Aylward, consolidando-a no panteão das heroínas da fé nos registros biográficos protestantes.¹⁴⁴⁶

¹⁴⁴² GRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.p.45

¹⁴⁴³ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.37

¹⁴⁴⁴ HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.p.27

¹⁴⁴⁵ HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p.16

¹⁴⁴⁶ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.33

Em Fufeng, todas as crianças se recuperaram bem da fuga pelas montanhas, enquanto Gladys precisou permanecer internada por alguns meses no hospital administrado por missionários batistas. Segundo os Benge, sua primeira pergunta ao recobrar a consciência foi sobre o paradeiro das crianças.¹⁴⁴⁷ Burgess registra que Gladys “[...] não tinha o hábito de se preocupar com a própria fraqueza ou bem-estar.”¹⁴⁴⁸ Esse detalhe reforça a imagem de uma missionária altruísta, cuja preocupação com os outros supera qualquer instinto de autopreservação, reforçando a representação da mãe missionária, figura marcada pelo amor sacrificial. Nessa linha, as biografias de Burgess e dos Benge refletem, como constata Hunter, que o trabalho missionário possuía uma retórica de abnegação em vez de ambição pessoal. A mulher missionária colocava qualidades femininas, como empatia e cuidado, no centro de sua atuação. Em vez de se voltar para si mesma, ela se identificava com toda a humanidade, e sua ambição era vestida pelo senso de virtude feminina cristã.¹⁴⁴⁹

Os Benge enfatizam que, mesmo após quase morrer, Gladys superou os desafios e retomou o trabalho missionário, reassumindo a responsabilidade por 14 crianças e retomando atividades de pregação. Destacam suas viagens ao Tibete e noroeste da China, onde teve contato com comunidades muçulmanas e participou de encontros religiosos com lamas e monges lamaístas. Posteriormente, atuou em uma colônia de leprosos, contribuindo para conversões locais.¹⁴⁵⁰ Segundo Ling, seu domínio do idioma facilitou a comunicação com esses grupos. Além disso, ao pregar para comunidades que tradicionalmente reforçam o prestígio masculino, a missionária fortalece indiretamente sua autoconsciência como mulher e pregadora do evangelho.¹⁴⁵¹

Nas três últimas páginas de seu livro, Alan Burgess dedica-se a resumir os acontecimentos posteriores à recuperação de Gladys, após a jornada em que conduziu as crianças pelas montanhas. Conta que depois de passar semanas à beira da morte, ela iniciou sua convalescença na casa de amigos do médico do hospital da missão, que viviam no campo. Recuperada, Gladys permaneceu por mais algum tempo na China, trabalhando a leste da

¹⁴⁴⁷ BERGE, Janet, BERGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.202

¹⁴⁴⁸ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.196

¹⁴⁴⁹ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 38

¹⁴⁵⁰ BERGE, Janet, BERGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.202-204

¹⁴⁵¹ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.38-39

província de Shanxi e, posteriormente, em uma missão metodista americana próxima à fronteira com o Tibete. Nesse período, continuou cuidando de seus filhos adotivos, providenciando-lhes educação e acompanhando-as até que se tornassem adultas e formassem suas próprias famílias.

Ao retornar à Inglaterra, passou a dedicar-se ao trabalho com refugiados chineses, mesmo com a saúde debilitada. Burgess ressaltava que sua atuação durante o período da guerra na China foi amplamente reconhecida tanto por círculos protestantes quanto por setores seculares britânicos. O biógrafo frisa ainda, que Gladys passou a viajar, palestrando, pregando e exercendo um papel maternal em novos contextos: “Ela tem sido uma mãe para um sem-número de estudantes chineses de Singapura e Hong Kong que vêm para a Inglaterra estudar.”¹⁴⁵²

Ao biografar uma personagem ainda viva na época, Burgess atualiza seu leitor, reforçando insistentemente os laços maternos de Aylward e destacando sua humildade mesmo diante da fama: “Ano após ano, tem notícias dessas crianças, agora homens e mulheres, ainda ligados por laços de amor à sua mãe, Ai-weh-deh. Gladys é acanhada e modesta. Guarda essas coisas no coração; raramente fala delas.”¹⁴⁵³ Nos dois parágrafos finais, o biógrafo apresenta um memorial de seus feitos: a viagem sozinha pela Sibéria, a mudança para uma cidade remota nas montanhas, o aprendizado de um idioma difícil e o enfrentamento do choque cultural, e finaliza com um tributo:

Mulher resoluta e com uma ideia fixa, que conversou horas com um Mandarim e a quem ele explicava as intrincadas sutilezas de sua filosofia. Mulher que, munida somente de sua própria experiência e intuição, o converteu ao cristianismo. Mulher incansável e ousada, que percorreu, mês após mês, perigosas regiões das montanhas...Esta mulher é Gladys Aylward, Ai-weh-deh, a Virtuosa. Não se esquecerão dela em Shansi. As pessoas que a conheceram depois também não a poderão esquecer. Porque Gladys Aylward é uma das notáveis mulheres de nossa geração, possuindo uma exaltação interior e uma força de vontade, que torna tudo possível. Até mesmo uma viagem pelas selvagens e cruéis montanhas da China, sem dinheiro, sem mantimentos, e com cem crianças.¹⁴⁵⁴

Burgess objetiva, assim, cimentar uma imagem que combina heroísmo missionário com virtudes tradicionalmente femininas como humildade, dedicação e autossacrifício.¹⁴⁵⁵ Ao

¹⁴⁵² BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 198-200

¹⁴⁵³ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p. 200

¹⁴⁵⁴ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.200-201

¹⁴⁵⁵ PURVIS, June. **Women's History: Britain, 1850-1945 An Introduction**. New York: Routledge, 1995.p.2

detalhar seus feitos e enfatizar sua força de vontade, o biógrafo realiza uma espécie de iconização biográfica, transformando Gladys em figura exemplar para toda uma geração, um modelo de coragem, fé e maternidade espiritual, uma heroína inesquecível, cuja memória deve perdurar além de seu tempo.

5.8. A construção de uma missionária apaixonada

O trabalho missionário representava uma experiência frequentemente solitária para as mulheres solteiras. Como observa Laura Rademaker, essas missionárias constantemente lutavam contra a solidão e a saudade de casa.¹⁴⁵⁶ Ruth Brouwer acrescenta que, a partir de esperanças e experiências compartilhadas, os missionários desenvolviam laços estreitos entre si, buscando companhia entre aqueles com quem tinham mais afinidade. Era comum que mulheres solteiras e casais se reunissem para jantares, noites de música, charadas ou outros jogos.¹⁴⁵⁷ No entanto, Gladys raramente teve oportunidade de usufruir dessa sociabilidade com outros missionários, o que acentuava ainda mais sua solidão em Yangcheng.

A historiadora Ruth Tucker observa que, em razão da solidão que enfrentava, Gladys Aylward ansiava por um marido e teria desenvolvido um relacionamento afetivo com um oficial militar chinês durante o período da guerra.¹⁴⁵⁸ Porém, é importante destacar que essa observação de Tucker fundamenta-se na narrativa de Alan Burgess, cuja biografia introduz um elemento romântico entre Gladys e um militar nacionalista chinês. Burgess situa o início desse suposto relacionamento no contexto da iminência dos ataques japoneses à região de Tsechow, quando um coronel chamado Linnan teria solicitado a Gladys informações sobre a geografia das montanhas e, sempre que possível, sobre a movimentação das tropas inimigas.¹⁴⁵⁹

A inclusão desse enredo romântico pode ser interpretada como uma estratégia narrativa utilizada por Burgess para humanizar e tornar mais atraente a figura da missionária, aproximando-a de convenções literárias populares e de expectativas culturais em torno da

¹⁴⁵⁶ RADEMAKER, Laura. 'I had more children than most people': Single Women's Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. *Lilith: A Feminist History Journal*, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21. p.9

¹⁴⁵⁷ BROUWER, Ruth Compton. **New Woman for God: Canadian presbyterian Women and India Missions, 1876 -1914**. Toronto: University of Toronto Press, 1990.p. 184

¹⁴⁵⁸ TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p.182

¹⁴⁵⁹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.127-130

feminilidade. Ao introduzir o romance, o biógrafo suaviza o caráter ascético e solitário de Gladys, alargando o terreno das emoções pessoais, movimento que revela tanto uma tentativa de ampliar o apelo da narrativa junto ao público leitor quanto a persistência de padrões de gênero que tendem a associar a experiência feminina à esfera afetiva e ao amor romântico. Burgess descreve o desenvolvimento desse envolvimento sentimental da seguinte forma:

As visitas foram se amiadando. Os dois tornaram-se bons amigos. Eram da mesma idade; ambos donos de mentes entusiasmadas e curiosas. [...] Seria ela atraente, ficou pensando? Haveria ainda em seu rosto e corpo aquele mistério indefinível que atrai um homem para uma mulher? Era uma missionária dedicada a Deus. Porém Deus também a criara mulher, cheia de impulsos e forças latentes nas mulheres. Se estaca se apaixonando, raciocinava ela, era porque Deus permitia que isso acontecesse.¹⁴⁶⁰

Burgess também relata que Gladys passou a fornecer informações sobre a movimentação das tropas japonesas a Linnan:

Na outra vez que ela penetrou território ocupado pelos japoneses, prestou mais atenção ao seu número e suas armas, sabendo que os relatórios agradariam a ele. O oficial fizera brotar nela um amor latente por sua terra adotiva e agora depois de tantos meses, era quase tão patriota quanto ele. Era assunto tão perto ligado ao zelo evangélico que ela se espantava de como nunca o sentira antes.¹⁴⁶¹

Nesse trecho, Burgess associa o envolvimento emocional de Gladys com o coronel ao fortalecimento de seu compromisso com a China, fundindo patriotismo e vocação missionária em um mesmo impulso moral. É interessante observar que, no processo de reescrita biográfica realizado pelos Benge, o romance entre Gladys e um oficial chinês não é mencionado, assim como em sua autobiografia. Por outro lado, sua condição de “espiã” é apresentada pelos Benge como parte integrante da aventura missionária: eles relatam a relação de Gladys com um coronel chinês acampado na região de Tsechow, próximo a Yangcheng, sem, contudo, mencionar seu nome, caracterizando-o de maneira distinta de Linnan. Vale destacar que esse outro oficial também é citado por Burgess.

¹⁴⁶⁰ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.131

¹⁴⁶¹ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.131

Os Benge buscam ressaltar que, mesmo durante a guerra, Gladys não abandonou suas atividades missionárias: “Durante todo o tempo, Gladys mantinha-se ocupada com o trabalho missionário nas pequenas aldeias ao redor de Yangcheng” ¹⁴⁶². Devido às suas frequentes viagens entre os vilarejos, o general do exército chinês responsável pela região solicitou que ela informasse sobre os movimentos das tropas japonesas que conseguisse observar. Os Benge relatam: “Gladys ficou feliz de ajudá-lo, se isso de fato ajudasse a tirar os japoneses da China. Sem nunca usar a palavra, Gladys sabia que havia se tornado uma espiã para a pátria adotiva”¹⁴⁶³. O fato de Gladys fornecer informações ao exército chinês e ser apresentada como espiã na biografia reforça o caráter aventureiro da narrativa missionária, evidenciando a combinação de coragem, dedicação religiosa e engajamento cívico que contribui para a construção de sua imagem heroica. Essa representação é particularmente relevante em contextos de guerra e pós-guerra, quando as nações buscam consolidar figuras heroicas que sirvam de exemplo e inspiração para o povo.

Retomando as descrições de Burgess sobre o romance de Gladys com Linnan, o autor assegura aos leitores que ela estava “profundamente apaixonada – com um amor que era uma união dos sentimentos, mais poderoso do que qualquer contato físico” ¹⁴⁶⁴. No entanto, em nenhum momento a narrativa Burgess sugere que tenha existido qualquer forma de contato físico amoroso entre eles. O biógrafo procura fundamentar esse amor no sofrimento e na dedicação missionária da personagem, apresentando-o como uma recompensa merecida após anos de renúncia e sacrifício. Nas palavras de Burgess:

E, por nunca ter amado antes, nunca ter pensando em amar, e por ter durante dez anos trabalhado diligentemente para seu Deus cristão, comendo o alimento dos aldeões, bebendo água gelada dos córregos, dormindo em k'angs, resolutamente disciplinando seu corpo magro ao trabalho árduo e prolongado, essa sensação de bem estar mental e físico era uma intoxicação para seu espírito. Não cria que Deus se desgostasse com ela por repartir com Deus e Linnan o seu amor. ¹⁴⁶⁵

¹⁴⁶² BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.173

¹⁴⁶³ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.173-174

¹⁴⁶⁴ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.133

¹⁴⁶⁵ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.133

O biógrafo constrói um romance de tonalidade dramática, mesclando aventura, amor puro e sofrimentos de guerra, em uma formulação que reforça o ideal de pureza feminina e o modelo da missionária virtuosa. Ao representar o amor de Gladys como uma experiência elevada, puramente emocional e desvinculada da sensualidade, o autor reafirma os valores morais e religiosos que moldam o imaginário protestante sobre a mulher missionária, que pode ser conjuntamente sensível, devota e moralmente exemplar.

Por se tratar de um romance que floresce em meio à guerra, Burgess utiliza esse enredo para acentuar o tom dramático da narrativa, descrevendo Gladys em suas visitas a vilarejos bombardeados e forçada a refugiar-se em cavernas, enquanto Linnan, tomado pela preocupação, a procurava desesperadamente.¹⁴⁶⁶ O autor insere encontros inesperados nas montanhas, marcados por breves momentos de afeto e pela projeção de um futuro em comum, incluindo planos de casamento:

Poucos amores desabrocharam em circunstâncias tão estranhas quanto o de Gladys e Linnan. Encontravam-se por momentos nas montanhas, em aldeias destroçadas, em cidades bombardeadas. Falavam alguns instantes entre batalhas e nascimentos e batismos. Trocavam notícias, tomavam juntos uma refeição e falavam do futuro em iriam construir uma nova China. A preocupação, a bondade, ternura de Linnan para com ela nunca se alteraram. Falaram em casamento; ele estava ansioso por casar imediatamente, viverem como marido e mulher com bem pudessem, com guerra ou sem ela. Mas Gladys recusou. A guerra precisava primeiro ser vencida. O casamento, a felicidade pessoal dos dois, deveria esperar.¹⁴⁶⁷

Ao mostrar que Gladys adiou sua própria felicidade, Burgess reafirma o autossacrifício como uma das virtudes preponderantes associadas à imagem da missionária. Dentro da construção romântica elaborada pelo autor, essa virtude consolida-se plenamente na renúncia final ao casamento. Segundo Burgess, quando Gladys se recuperava da travessia pelas montanhas, Linnan visitou-a com o propósito de casamento; no entanto, ela percebeu que algo havia mudado, a certeza do desejo de casar-se fora substituída por inquietação e ansiedade, levando-a a recusar o pedido: “[...] o pássaro de bela plumagem fugira. Talvez não pudesse viver no ambiente de profundo desespero que reinava em toda a China. Havia tanto trabalho a

¹⁴⁶⁶ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.133-142

¹⁴⁶⁷ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.150

ser feito para o Mestre, e ela, a pequenina mulher, a pequenina discípula, tinha um papel a desempenhar”.¹⁴⁶⁸

Burgess descreve a dor e a dúvida que acompanharam essa decisão, mas a apresenta como um gesto de renúncia em nome da vocação missionária. Ao fazê-lo, reforça a construção de Gladys como uma heroína que sacrificou sua felicidade e a possibilidade de um casamento em favor do trabalho missionário, retrato que intensifica sua aura de virtude e heroísmo religioso. Considerando as dúvidas sobre a veracidade desse suposto romance, questiona-se a necessidade de Burgess em introduzir tal elemento na narrativa. Seria essa inclusão motivada pela percepção de que a vida de uma mulher solteira não seria suficientemente interessante ou envolvente para o público?

Uma reflexão inicial sobre essa questão pode ser feita a partir da observação de Susan Duber, que ressalta que muitas biografias posteriores reproduziram o romance descrito por Burgess, amplamente popularizado pelo filme *The Inn of the Sixth Happiness* (*A Morada da Sexta Felicidade*). Para Duber, a história de Aylward desafia os costumes e as convenções de sua época e de seu público; por isso, adaptações posteriores frequentemente buscaram torná-la “mais segura” e convencional, e até mesmo “mais emocionante” para os leitores, principalmente para o público protestante.¹⁴⁶⁹

5.9. Regresso ao lar: tempos de Inglaterra, tempos de Taiwan

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a China tornou-se palco de um conflito civil entre nacionalistas e comunistas. Nessa ocasião, Gladys foi convidada por uma igreja metodista para atuar como evangelista. Os Benge relatam: “Mais uma vez, Gladys trabalhava longas horas com pouco sono e pouca comida. No entanto, ela fazia o que amava. Quando pregava, centenas de pessoas a ouviam, e muitas se tornavam cristãs.”¹⁴⁷⁰ Contudo, com a ascensão do Partido Comunista ao poder, os missionários passaram a enfrentar perseguições. Diante da nova

¹⁴⁶⁸ BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.p.198

¹⁴⁶⁹ DURBER, Susan. Writing Women's Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. **Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien** nº 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025.p. 102

¹⁴⁷⁰ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.205

realidade, em 1947, líderes de uma sociedade missionária alemã providenciaram uma passagem de volta à Inglaterra para Gladys, convencendo-a a regressar:

No começo, Gladys não queria voltar para a Inglaterra. A China agora era seu lar e ela pretendia viver e morrer em solo chinês. Mais tarde, no entanto, ela aceitou a passagem como uma forma de Deus lhe dizer que era hora de seu regresso à Inglaterra. Dois meses mais tarde, depois de zarpar de Xangai, e depois de continuar o trajeto de trem, Gladys mais uma vez estava na plataforma da estação ferroviária da rua Liverpool, em Londres. Era difícil ela acreditar que se encontrava onde tudo começara, 17 anos antes, quando embarcara no trem para Tianjin, China. Ela vivera a aventura de sua vida.¹⁴⁷¹

Segundo Ling, com o fortalecimento do Partido Comunista Chinês no pós-guerra, os representantes do partido proibiram as atividades missionárias e, a partir de 1948, expulsaram massivamente os missionários do país. Nesse cenário, Aylward viu-se impossibilitada continuar seu trabalho, apesar de ter se naturalizado chinesa. Os moradores da região para onde ela havia se refugiado das tensões receberam ordens expressas para não a acolher, por considerada cúmplice do imperialismo. Confrontada com a inviabilidade de sua missão e com os riscos crescentes a quais estava exposta, ela deixou a China em direção à Inglaterra.¹⁴⁷²

Em suas páginas finais, os Benge reforçam para o leitor tanto o sucesso contínuo de Gladys como pregadora quanto o caráter aventureiro de sua trajetória na China, ainda que marcada por sofrimentos decorrentes de sua dedicação missionária. Eles mencionam que, ao retornar à Inglaterra, Gladys apresentava sequelas físicas de suas experiências e que seus cabelos já estavam grisalhos. No reencontro com os pais, mãe e filha assemelhavam-se a irmãs: “Qualquer um que assistisse à cena pensaria que as duas mulheres eram irmãs, sendo Gladys a mais velha e frágil das duas”.¹⁴⁷³

Para encerrar a narrativa, contudo, os Benge celebram a fama adquirida por Gladys em seu retorno, exaltando a personagem e destacando sua humildade:

Uma coisa com que Gladys não contava, ao regressar para casa, era com o fato de ter se tornado famosa. Ela não fazia ideia que, durante o tempo na China, sua mãe dera

¹⁴⁷¹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.210

¹⁴⁷² LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025. p.41

¹⁴⁷³ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.211

palestras sobre ‘Nossa Gladys na China’. Além disso, muitas pessoas leram o artigo da revista Time. Gladys se sentia um pouco embaraçada pelo fato de tantas pessoas saberem a respeito dela [...]. Repórteres dos grandes jornais de Londres vieram entrevista-la, e a BBC a incluiu em uma série de rádio sobre os heróis de guerra. Isso levou a uma peça radiofônica a seu respeito, e inspirou também um livro sobre sua vida e Yangcheng. A partir daí um filme de Hollywood foi estrelado por Ingrid Bergman que atuou como Gladys. O filme foi um sucesso instantâneo, e Gladys se tornou um nome conhecido. Suas incríveis aventuras na China tornaram-se muito mais conhecidas que as de sir Francis Younghusband, o explorador que a contratou como empregada doméstica muitos anos antes.¹⁴⁷⁴

É interessante notar que a fama de Gladys se consolidou na Inglaterra, tornando-a não apenas uma heroína missionária, mas também em uma figura associada ao esforço de guerra. Em 1949, logo após a gravação de um programa para a BBC, foi publicado o livro *Gladys Aylward Retorna da China*, que alcançou reconhecimento internacional. No ano seguinte, foi lançada a primeira biografia intitulada *Uma das Invictas: Gladys Aylward*. Segundo Ling, essa obra tornou-se tão popular que foi reimpressa dezessete vezes ao longo de oito anos.¹⁴⁷⁵

Quando a biografia de Alan Burgess foi publicada, em 1957, ela esgotou-se imediatamente e despertou o interesse da 20th Century Fox pela história de Gladys. De acordo com Ling, a missionária inicialmente acolheu a ideia com entusiasmo, acreditando que o filme poderia divulgar o trabalho missionário na China. A produção cinematográfica, contudo, enfatizou o romance entre Aylward e o oficial chinês, elemento narrativo que a desagradou profundamente quando o filme foi lançado em 1958. Grande parte do conteúdo, especialmente o enredo amoroso, não correspondia à sua experiência real, tendo sido inventado para valorizar dramaticamente a trama. Conforme relata Ling, diante da distorção de sua trajetória, Gladys tomou duas decisões: recusou-se a assistir ao filme e considerou processar os produtores. Posteriormente, porém, perdoou a produção, e optou por não mais mencionar o assunto e desistiu do processo judicial contra a Fox.¹⁴⁷⁶

Com suas participações em programas de rádio e televisão, somadas às publicações e ao lançamento do filme hollywoodiano, a fama de Gladys alcançou proporções globais. Os

¹⁴⁷⁴ BENGE, Janet, BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.212

¹⁴⁷⁵ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025. p.46

¹⁴⁷⁶ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025. p.46

Benge relatam que ela utilizou essa notoriedade em benefício do povo chinês: realizou viagens para palestrar sobre a China, participou de reuniões com chefes de Estado e chegou a conhecer a Rainha Elizabeth. Organizou campanhas de arrecadação de roupas, enviadas a refugiados chineses em Taiwan, e dedicou-se a auxiliar comunidades de imigrantes em Liverpool e em outras cidades portuárias da Inglaterra, ajudando-os na busca por emprego e no aprendizado do inglês. Manteve ainda contato por cartas com seus filhos adotivos e demais órfãos que conduziu através das montanhas, além de apoiar estudantes chineses no Reino Unido. Apesar do engajamento em todas essas atividades, Gladys continuava a nutrir o profundo desejo de retornar ao território chinês.¹⁴⁷⁷

Figura 44 - Gladys Aylward.



Fonte: Imagem retirada do livro *A London Sparrow: The Inspiring and True Story of Gladys Aylward* de Phyllis Thompson.¹⁴⁷⁸

Ao abordar as atividades de Gladys após seu retorno à Inglaterra, os Benge apresentam uma missionária que, mesmo distante do campo missionário original, continuou a cuidar do povo a quem servira, demonstrando tanto seu vínculo com o povo chinês quanto com sua vocação missionária. Os biógrafos enfatizam que seu amor pelo povo e pela cultura chinesa era

¹⁴⁷⁷ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.212-213

¹⁴⁷⁸ THOMPSON, Phyllis. **A London Sparrow: The Inspiring and True Story of Gladys Aylward**. Milton Keynes: 10 Publishing, 2021.

tão intenso que, após uma década na Inglaterra, ela decidiu se estabelecer em Taiwan, uma vez que não conseguiria retornar à China continental.¹⁴⁷⁹

Em 1957, Gladys transferiu-se para Taiwan a fim de trabalhar com refugiados chineses, sendo sua chegada amplamente divulgada pela imprensa local.¹⁴⁸⁰ Embora os Benge acentuem que, em Taiwan, “Mais uma vez, Gladys Aylward era Àiweidé, a virtuosa”, não detalham seu trabalho no país, onde atuou por treze anos, limitando-se a um breve parágrafo sobre suas atividades e reservando os dois últimos para relatar seu falecimento.¹⁴⁸¹

Segundo os Benge, no dia de Ano Novo de 1970, aos 68 anos, “ela foi dormir e nunca mais acordou. Seu coração simplesmente parou de bater. Ao lado de sua cama, dormindo em paz em um berço, estava um bebê recém-nascido que havia sido abandonado e levado para ser cuidado por Àiweidé”¹⁴⁸². A narrativa consolida assim a imagem de Gladys como cuidadora incansável, particularmente de crianças abandonadas, exercendo sua proteção maternal até o último suspiro, selando uma representação que cristaliza o ideal da piedade maternal cristã.

Os biógrafos encerram sua narrativa relatando que cultos foram realizados em lembrança de Ai-weh-deh em todo o mundo, com mais de mil pessoas comparecendo em seu funeral em Taiwan. Seu corpo foi sepultado no topo de uma colina na Christian College, em Guantou, Taipei. “Sua tumba ficava de frente para o continente chinês, onde 40 anos antes uma jovem havia montado em uma tropa de mulas pelo caminho íngreme até Yangcheng, chegando com pouco mais de uma Bíblia e um velho casaco de pele sem mangas.”¹⁴⁸³

Ao destacar a orientação de seu túmulo voltado para a China continental, os biógrafos convertem esse detalhe em símbolo do vínculo eterno de Gladys com sua terra de missão, sugerindo que, mesmo na morte, ela permanecia leal e espiritualmente ligada à comunidade chinesa. De acordo com Hunter, essa prática póstuma era comum entre missionárias solteiras que atuaram no país.¹⁴⁸⁴ Ao evocarem a memória de sua chegada à China, os autores resgatam

¹⁴⁷⁹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.213

¹⁴⁸⁰ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.47

¹⁴⁸¹ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.213

¹⁴⁸² BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.213-214

¹⁴⁸³ BENGÉ, Janet, BENGÉ, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.p.214

¹⁴⁸⁴ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 190

o início de sua trajetória, assim como destacam a longevidade de sua carreira e consagram simbolicamente sua chegada humilde e independente.

Figura 45 - Foto do túmulo de Gladys Aylward em Taiwan, registrada por Chen Chung Ling em 2008. Em sua lápide está registrado como dia da morte 2 de janeiro de 1970.¹⁴⁸⁵



Fonte: Chen Chung Ling (2008)

O fato de os biógrafos não se aprofundarem na experiência missionária de Aylward em Taiwan chama atenção, sobretudo considerando que esse período oferece um volume significativamente maior de fontes do que o tempo em que ela atuou na China. Ling aponta que, durante os treze anos em que viveu em Taiwan, foram publicadas cerca de 150 reportagens apenas em um dos jornais do país, o *United Daily News*. Seu grau de popularidade foi tão expressivo que ela se tornou a missionária mais conhecida em Taiwan nas décadas de 1950 e 1960.¹⁴⁸⁶

Na década de 1950, Taiwan ainda enfrentava uma profunda crise econômica, com um número significativo de crianças abandonadas e refugiadas da China continental. Nessa conjuntura, Aylward empenhou-se em desenvolver um trabalho de acolhimento inspirado no modelo que praticara na China, fundando inclusive um orfanato. Ao longo de seus treze anos

¹⁴⁸⁵ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.130

¹⁴⁸⁶ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.69

de atuação na ilha, sua missão centrou-se na adoção de órfãos e na promoção da educação.¹⁴⁸⁷ Conforme assinala Cheng Ling, nesse período Aylward envolveu-se ativamente em atividades de propaganda anticomunista, influenciando inclusive mulheres do alto escalão do Kuomintang.¹⁴⁸⁸

Em 1959, o orfanato por ela fundado abrigava 42 crianças, e Aylward mantinha contatos para angariar fundos destinados à construção de instalações e à manutenção do trabalho. Contudo, enfrentou dificuldades de administração financeira e precisou transferir a direção do orfanato para outras pessoas. A missionária realizava longas viagens ao exterior para conceder entrevistas e divulgar suas atividades em Taiwan. Em 1963, durante uma dessas viagens, foi convidada pela Rainha Elizabeth para um banquete, ocasião em que vestiu trajes chineses e se apresentou como cidadã da China. Passou nove meses no Reino Unido, período em que sua fama aumentou, e foi criada uma fundação com seu nome, a “Ai-weh-deh Foundation”.¹⁴⁸⁹

Em 1964, Aylward enfrentou novos problemas na administração do “Gladys Aylward Children’s Home”, orfanato que ela havia fundado. Sua filha adotiva e o genro, também filho adotivo, desviaram grande quantia de dinheiro da instituição, causando graves problemas na manutenção dos cuidados das crianças e resultando em um processo judicial que levou os responsáveis à prisão. Ling afirma que o escândalo foi amplamente divulgado na mídia, e Gladys viveu esse episódio como um golpe profundo em sua vida, comparável apenas à distorção de sua história no filme hollywoodiano. Ela passou por intenso sofrimento mental, sentiu-se traída, perdeu recursos financeiros e viu sua reputação ameaçada. Após o julgamento, 70 crianças foram encaminhadas para outras instituições, enquanto Aylward permaneceu cuidando de 30 delas e, com o tempo, conseguiu se reestabelecer. Aos 63 anos, todavia, sua saúde já apresentava sinais de fragilidade, e ela reconhecia não ter mais a mesma energia de tempos passados.¹⁴⁹⁰

¹⁴⁸⁷ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.48

¹⁴⁸⁸ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p. vi

¹⁴⁸⁹ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.49-55

¹⁴⁹⁰ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em

Em 1965, Aylward estabeleceu uma nova residência que adaptou para funcionar como orfanato. No ano seguinte, realizou sua última viagem ao Reino Unido com o objetivo de angariar fundos, pregar e firmar apoio para seu trabalho com órfãos em Taiwan. Apesar da saúde debilitada, manteve-se empenhada na reconstrução do projeto. Em 1967, iniciou a construção de um novo orfanato na região de Tianmu, denominado Lar Infantil Aylward. Nos anos seguintes, levou uma vida simples, dedicada aos cuidados das crianças sob sua responsabilidade, com a saúde cada vez mais fragilizada. No final de 1969, contraiu pneumonia, que resultou em sua morte no início de janeiro de 1970.

Ling salienta que o principal papel de Aylward em Taiwan foi o de mãe, exercendo grande impacto no cuidado infantil, especialmente em um contexto pós-guerra e de crise econômica, marcado pelo abandono de crianças. Ainda assim, segundo o autor, o fato que consolidou sua fama internacional foi ter liderado quase cem crianças refugiadas de Yangcheng pelas montanhas para escapar do exército japonês. A experiência acumulada com o acolhimento infantil permitiu que Aylward expandisse sua missão em Taiwan, persistindo em ajudar órfãos refugiados e alertando a comunidade internacional para a urgência do cuidado à infância vulnerável.¹⁴⁹¹

5.10. Heroína de Hollywood, mãe dos órfãos e anticomunista

Ruth Tucker afirma que Gladys Aylward tornou-se uma verdadeira celebridade, sendo inegável a contribuição de Hollywood e da mídia para transformá-la em um ícone missionário.¹⁴⁹² De acordo com Huber e Lutkehaus, embora o cinema popular apresente imagens contraditórias dos missionários, como o romance de Gladys Aylward, em *The Inn of the Sixth Happiness* (1958), essas representações ajudam a construir um imaginário coletivo sobre essas figuras.¹⁴⁹³ Nessa mesma perspectiva, conforme McColl, as biografias não foram o

Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.55-57

¹⁴⁹¹ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.62-64

¹⁴⁹² TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.p. 179

¹⁴⁹³ HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.p.4-5

único meio pelo qual os heróis missionários continuaram a ser reformulados; as adaptações cinematográficas deram continuidade às narrativas das aventuras missionárias. Assim como nas biografias, os filmes contribuíram para promover ideias de superioridade cultural e reforçar papéis de gênero tradicionais.¹⁴⁹⁴

Figura 46 - Capa do DVD do filme “A morada da Sexta Felicidade”. O filme foi lançado originalmente em 1958.¹⁴⁹⁵



Fonte: Merci Disco. Disponível em: <https://www.mercedisco.com.br/dvd-a-morada-da-sexta-felicidade>. Acesso em: setembro/2025.

Susan Duber aponta que Hollywood não resistiu à tentação de criar, e certamente exagerar, um caso de amor romântico entre Gladys Aylward e um soldado nacionalista chinês chamado Linnan. Para Duber, o filme foi ultrajante ao transformar o soldado chinês em um personagem euro-asiático, contratar um ator alemão para interpretá-lo e escalar Ingrid Bergman, uma atriz alta, loira e sueca, para o papel de Gladys.¹⁴⁹⁶ O roteiro inclui ainda um

¹⁴⁹⁴ MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.367

¹⁴⁹⁵ O filme *A Morada da Sexta Felicidade* (*The Inn of the Sixth Happiness*, 1958) alcançou grande sucesso de público e crítica, consolidando-se como uma das produções mais marcantes sobre a temática missionária no cinema. Dirigido por Mark Robson e estrelado por Ingrid Bergman, que já havia interpretado outra figura heroica feminina, Joana d’Arc, em 1948, no papel de Gladys Aylward, o longa foi amplamente aclamado pela crítica internacional, sendo indicado ao Oscar de Melhor Direção e conquistando o Globo de Ouro de Melhor Filme Promovendo o Entendimento Internacional em 1959. Bergman foi ainda indicada ao Globo de Ouro e ao BAFTA de Melhor Atriz, recebendo o prêmio de Melhor Atriz pelo *National Board of Review*. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt0051776/>. Acesso: setembro/2025.

¹⁴⁹⁶ DURBER, Susan. Writing Women’s Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. **Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien** n° 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025.p. 102

beijo romântico na despedida para sua travessia e termina com Gladys prometendo retornar a ele depois de entregar as crianças em segurança do outro lado das montanhas, enquanto toca suavemente um anel de noivado em seu dedo. Duber ressalta que Gladys protestou veementemente contra o filme, afirmando que nunca em sua vida teve uma experiência romântica.¹⁴⁹⁷

A pesquisadora observa que, embora existam argumentos de que o personagem teria existido e que Gladys e Linnan eram próximos, sendo a guerra o fator que os separou, esfriando naturalmente seus sentimentos, outros chegam a sugerir que Linnan poderia ter explorado a ingenuidade de Aylward para convencê-la a espionar para os nacionalistas. Entretanto, Duber pondera que, independentemente da verdade, Gladys não considerava esse episódio a parte mais importante de sua vida, enquanto os contadores da sua história não resistiram à tentação de adicionar uma reviravolta romântica à narrativa.¹⁴⁹⁸

Para Duber, a fama de Aylward deve-se principalmente aos fatos dramáticos de sua vida e à sua coragem durante os anos de guerra.¹⁴⁹⁹ Ela argumenta que a história de Gladys passou a ser contada como um grande drama heroico, repleto de aventura, perigo e coragem, embora a própria missionária não encarasse sua trajetória dessa forma. Duber lembra da fala de Burgess que relatou que foi muito difícil fazê-la falar sobre sua trajetória, pois ela dizia que “nada muito emocionante aconteceu.” Nesse aspecto, a pesquisadora acredita que, essa postura não decorria apenas de modéstia, mas também refletia a experiência comum a muitas mulheres de sua época, que se dedicavam a cuidar de crianças, oferecer hospitalidade, tratar ferimentos, amamentar e realizar outras tarefas cotidianas necessárias.¹⁵⁰⁰

¹⁴⁹⁷ DURBER, Susan. Writing Women's Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. **Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien** nº 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025. p.106-107

¹⁴⁹⁸ DURBER, Susan. Writing Women's Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. **Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien** nº 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025. p. 107

¹⁴⁹⁹ DURBER, Susan. Writing Women's Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. **Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien** nº 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025. p. 106

¹⁵⁰⁰ DURBER, Susan. Writing Women's Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. **Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien** nº 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025. p.108

Para Ling, por outro lado, o principal reconhecimento de Aylward deve-se ao seu papel como mãe, aspecto que o filme elevou a um novo patamar.¹⁵⁰¹ A representação de Gladys como mãe, construída pela mídia britânica e norte-americana, fez com que o mundo ocidental a admirasse e elogiasse. Contudo, em sua análise, o verdadeiro sucesso da missionária consolidou-se pelo amor genuinamente dedicado aos órfãos, que ela efetivamente enxergava como filhos, e pelo serviço prestado à humanidade, auxiliando os mais pobres.¹⁵⁰²

O contexto desafiador da China durante o período de atuação missionária de Aylward favoreceu que ela adotasse pessoalmente numerosas crianças órfãs e necessitadas, permitindo-lhe exercer o papel de mãe social. Essa experiência foi fundamental para seu trabalho posterior em Taiwan, que atravessava um intenso processo de reconstrução econômica e social. Para Ling, a ampla cobertura da mídia chinesa e estrangeira, incluindo o filme hollywoodiano, consolidou definitivamente sua imagem de mãe social, garantindo-lhe reconhecimento e promoção ainda em vida. Dessa forma, a visibilidade da imagem maternal de Aylward, perpetuada por entrevistas, reportagens e publicidade, manteve sua popularidade elevada.¹⁵⁰³

Ling observa que a construção social da maternidade de Aylward foi fortalecida por características intrínsecas à ideologia das virtudes femininas tradicionais, altamente valorizadas no meio religioso, nas práticas de caridade e na sociedade, assim como glorificado pela mídia. Embora Aylward não se encaixasse na maternidade reprodutiva, sua atuação permaneceu coerente com o ideal da maternidade social, devido à sua responsabilidade e o envolvimento contínuo com o cuidado infantil. A extensão da esfera doméstica para a esfera pública constituiu, assim, uma estratégia marcante em seu trabalho missionário.¹⁵⁰⁴

¹⁵⁰¹ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão.** Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.68

¹⁵⁰² LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão.** Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.68

¹⁵⁰³ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão.** Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.68-69

¹⁵⁰⁴ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão.** Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.69-70

Por ter sido uma missionária independente, a atenção e a cobertura midiática que recebeu eram incomuns.¹⁵⁰⁵ Nessa conjuntura, é possível considerar que sua heroicização como parte da necessidade da Inglaterra de afirmar seus heróis no pós-Segunda Guerra Mundial, demonstrando ao mundo a atuação de seus cidadãos em diferentes frentes. Nesse sentido, Aylward representa o epítome dos missionários: durante períodos de guerra, ela defendeu a missão cristã, combinando recursos políticos com pregação religiosa. Ling destaca que o maior reconhecimento de Aylward pelo público começou quando ela retornou da China à Inglaterra, em 1947, principalmente por meio das publicações de biografias, nas quais ficaram registrados seus “atos heroicos” e sua imagem como “mãe de órfãos”. Ele ainda ressalta um aspecto importante da vida que, embora implícito nas biografias de Burgess e dos Benge, não foi amplamente explorado: sua postura anticomunista.¹⁵⁰⁶

Em 1949, o governo da República da China estabeleceu-se em Taiwan como uma base de reconstrução. Durante sua atuação na China, Aylward havia adquirido gradualmente uma compreensão profunda da cultura local e, durante a Segunda Guerra Mundial e os conflitos civis, muitas pessoas demonstravam identificação com o governo do Kuomintang. Com a Revolução Chinesa, os missionários passaram a ser indesejados na China continental, o que levou Aylward a se identificar com a República da China e a engajar-se em campanhas de conscientização anticomunista. Quando Aylward chegou ao Taiwan, em 1957, as tensões políticas da Guerra Fria, refletiam na região, e ela se tornou uma voz altissonante do anticomunismo da China livre. Ling afirma que enquanto Gladys viajava para o exterior para arrecadar fundos para os orfanatos ou pregar, ela aproveitava a tendência política anticomunista para ganhar apoio internacional. O reconhecimento do público fez com ela fosse rotulada como uma personagem anticomunista, o que se tornou parte de seu trabalho missionário e de arrecadação de fundos para cuidados infantis.¹⁵⁰⁷

O posicionamento anticomunista de Aylward chama a atenção de Ling, que busca compreender os motivos que a levaram a adotar essa postura, bem como as consequências e

¹⁵⁰⁵ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.12

¹⁵⁰⁶ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.67-75

¹⁵⁰⁷ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.75

impactos decorrentes. Para o pesquisador, considerando que Gladys foi à China para disseminar o cristianismo em um período marcado por movimentos anticristãos com base comunista, essas tensões se intensificaram durante a Segunda Guerra, quando os japoneses invadiram a China e os missionários, incluindo Aylward, prestavam auxílio ao exército nacionalista fornecendo informações estratégicas. Ao informar o exército chinês sobre as movimentações do inimigo, ela fortaleceu seus laços com a população local e, de forma indireta, envolveu-se nas complexas relações políticas e religiosas do país.¹⁵⁰⁸ Nessa circunstância, é relevante notar que, nas biografias de Aylward escritas por Burgess e pelos Benge, Gladys percebia tanto os conflitos contra os japoneses quanto as tensões com os comunistas como uma batalha entre o bem e o mal, representação recorrente em narrativas missionárias.

Ling afirma que o sentimento anticomunista de Aylward surgiu muito antes de seus contatos com o governo Kuomintang em Taiwan. Em 1930, quando ela passou de trem pela Rússia, suas biografias já revelam um antagonismo em relação ao comunismo. Durante a Guerra Sino-Japonesa (1937–1945) e a Guerra Civil Chinesa (1945–1949), Aylward enfrentou situações em que integrantes do Partido Comunista a colocaram em dificuldades. Ao evangelizar um grupo de lamas budistas tibetanos no noroeste da China e, posteriormente, ao trabalhar com estudantes universitários cristãos, ela testemunhou repressões violentas contra esses grupos, o que despertou nela rejeição ao partido, sentimento que se consolidou com a perseguição e expulsão dos missionários da China em 1949.¹⁵⁰⁹

Para Ling, a consciência anticomunista de Aylward derivou da percepção da violência do Partido Comunista, contrária à abordagem pacífica dos missionários, e da crença materialista do comunismo, próxima ao ateísmo, levando-a a adotar uma postura de rejeição e combate. O Partido Comunista representava um obstáculo significativo ao seu trabalho missionário, e sua oposição foi entendida por Aylward como uma luta pela liberdade de pregação do evangelho. Ao retornar à Grã-Bretanha em 1947, em um contexto de fortalecimento da propaganda anticomunista no cenário político ocidental, Aylward passou a abrigar expatriados chineses em Liverpool, fundou uma igreja em Londres para pregar e denunciou as crueldades do Partido

¹⁵⁰⁸ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.75

¹⁵⁰⁹ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.80-81

Comunista. Em suas viagens internacionais, utilizava esse discurso para angariar apoio à causa do cristianismo na China.¹⁵¹⁰

Ling destaca ainda que a singularidade da propaganda anticomunista de Aylward a favor da China Livre residia em sua habilidade de mobilizar recursos para Taiwan, apelando para o significado político do combate ao regime comunista e enfatizando a situação dos órfãos. Por meio dessas ações, ela conquistou reconhecimento ocidental como anticomunista engajada. O Kuomintang apoiava Aylward não apenas por seu cuidado com as crianças, mas também por sua orientação política de identidade nacional. Sua imagem chinesa era explorada como ferramenta de propaganda internacional contra o regime comunista da China continental. Essa relação conferiu à missionária grande status social, incluindo o papel de porta-voz anticomunista em diversas ocasiões públicas.¹⁵¹¹

Em 1969, a Federação Mundial de Apologética Cristã e Anticomunista elegeu seu primeiro conselho de diretores, e Aylward foi escolhida como representante da comunidade chinesa no exterior. Ling acredita que sua participação se deu tanto pelos contatos estabelecidos com mulheres do alto escalão do Kuomintang quanto pelo desejo de contra-atacar o regime comunista e possibilitar seu retorno à China continental. Segundo o pesquisador, sua atuação não teve motivação política direta, mas sim caráter apologético e missionário, considerando aceitável participar de grupos ou organizações que contribuíssem para a pregação do evangelho. Além disso, a imagem anticomunista de Aylward gerou apreço e reconhecimento público, consolidando-a como uma “combatente anticomunista” nas relações políticas e religiosas da época.¹⁵¹²

A trajetória de Aylward revela a uma interessante intersecção entre política e religião em sua experiência missionária, mas essa dimensão permanece inexplorada nas biografias traduzidas no Brasil. Embora tanto Burgess quanto os Benge mencionem o antagonismo de Gladys ao regime comunista, eles não destacam sua atuação como combatente anticomunista. Burgess apresenta uma Gladys contrária ao comunismo, porém encerra seu relato antes de sua

¹⁵¹⁰ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.81

¹⁵¹¹ LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.85-89

¹⁵¹² LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p.89

experiência em Taiwan, enquanto os Benge não privilegiam os últimos treze anos de sua carreira missionária, período em que Aylward participou ativamente de campanhas anticomunistas e se envolveu com o governo do Kuomintang. Essa omissão impede que o leitor conheça o papel político mais ativo da missionária, estreitamente articulado à sua missão religiosa, e reduz a percepção de como suas ações em Taiwan ampliaram sua influência no cenário internacional e consolidaram sua imagem como figura de referência no combate e na propaganda anticomunista.

Dessa forma, observamos como as biografias de Aylward, estrategicamente privilegiam uma representação de sua história enfatizando elementos de superação, aventura e heroísmo, como o esforço de economizar dinheiro trabalhando como empregada doméstica para custear a passagem à China, a jornada perigosa enfrentando lobos e neve, o trabalho como inspetora de pés, o apaziguamento de uma rebelião em uma prisão e a caminhada com quase cem crianças pelas montanhas fugindo de tropas inimigas.

Nessas representações, sobressaem sua abnegação, seu autossacrifício e, sobretudo, seu papel maternal. Contudo, ao privilegiarem virtudes tradicionalmente femininas, essas narrativas apagam a complexidade da atuação de Aylward, como, por exemplo, sua habilidade em explorar o próprio drama para arrecadar recursos destinados ao cuidado de órfãos,¹⁵¹³ e escamoteiam a multiplicidade de suas facetas, ao não explorarem seu alinhamento com o sentimento anticomunista ocidental e sua escolha consciente de se posicionar politicamente em defesa do que entendia ser uma causa missionária legítima. Principalmente, considerando que Aylward viveu, assim, uma vida marcada por múltiplos “cruzamentos”, como geográficos, culturais e identitários, dedicada concomitantemente à pregação, ao cuidado humanitário e ao combate ideológico ao comunismo.¹⁵¹⁴

A China e Taiwan ofereceram a Aylward possibilidades que ultrapassavam as fronteiras limitantes da sociedade britânica, permitindo-lhe atuar para além das expectativas convencionais impostas às mulheres de sua época.¹⁵¹⁵ No entanto, suas biografias ainda procuram enquadrá-la nos papéis de gênero tradicionais, restringindo-a a virtudes consideradas

¹⁵¹³ DURBER, Susan. Writing Women's Lives The Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. *Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien* nº 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025.p. 106

¹⁵¹⁴ LING, Chen Chung 陳中陵. *A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.p. vi

¹⁵¹⁵ HUNTER, Jane. *The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China*. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p.265

femininas e, por vezes, recorrendo à ficcionalização de aspectos de sua vida para adequá-la a um modelo feminino idealizado. Por meio de estratégias narrativas características das biografias missionárias, essas obras buscam justificar, compensar e suavizar as ambivalências e complexidades da personagem, moldando-a a um padrão de feminilidade que pudesse ser admirado e emulado no contexto religioso protestante.

Percebe-se, assim, na reescrita realizada por Janet e Geoff Benge a partir da narrativa original de Alan Burgess, um esforço de preservar um passado biográfico, que é continuamente reatualizado em novos horizontes de expectativa.¹⁵¹⁶ Dessa maneira, cada reescrita — ou camada biográfica — seja ela literária, cinematográfica ou memorial, reinscreve Aylward em uma tradição de heroicização protestante, na qual as virtudes da feminilidade cristã são reafirmadas como signos de legitimidade espiritual e cultural. Ao optarem por não explorar diferentes intersecções de atuação missionária, essas reescritas biográficas acabam por perpetuar os espaços tradicionalmente atribuídos à existência e à atuação feminina, reforçando papéis de gênero já consolidados no âmbito religioso protestante missionário.

¹⁵¹⁶ KOSELLECK, R. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.p.312

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese, analisamos o processo de construção das biografias missionárias de Mary Slessor, Amy Carmichael e Gladys Aylward, com foco nos ideais de gênero que atravessaram suas experiências missionárias e moldaram suas representações narrativas como heroínas da fé cristã. A pesquisa demonstrou como essas narrativas biográficas forjaram modelos exemplares de feminilidade cristã, consolidando um arquétipo heroico específico no imaginário protestante.

A heroicização dessas mulheres foi construída por meio de elementos narrativos recorrentes, no qual as normas de gênero foram o eixo estruturador. Em primeiro lugar os acontecimentos de suas infâncias, adolescência e juventude desde atos de rebeldia até sofrimentos são construídos de modo a indicar uma preparação para o campo missionário e para as atividades que exerceriam em campo. Os biógrafos buscam evidenciar, por exemplo, o gosto por crianças, a aptidão para o ensino, a familiaridade com os serviços domésticos e a liderança entre grupos de meninas. Essas características são ressignificadas retrospectivamente como os alicerces de uma feminilidade cristã que encontraria sua plena expressão e utilidade no campo missionário. Dessa forma, a narrativa biográfica naturaliza a vocação, apresentando-a não como uma escolha, mas como o desdobramento inevitável de uma identidade de gênero moldada desde a infância para os serviços de cuidados.

Paralelamente, os biógrafos forjam uma personalidade ideal para a missionária exemplar, projetando para sua infância traços como amabilidade, gentileza, bondade e disposição para servir ao próximo. Essa construção combina, de maneira estratégica, virtudes tradicionalmente associadas à feminilidade com uma ênfase em iniciativa própria, como no caso de Carmichael, e diligência (“ser trabalhadora”), como nos casos de Slessor e Aylward. Articula-se, assim, um modelo no qual a agência individual está sempre a serviço de um propósito moral superior.

A conversão, ou o despertar religioso, constitui um marco biográfico fundamental, representado como o momento que sela um comprometimento mais profundo com a fé e inaugura a preocupação com as “almas perdidas”. Este evento serve como o catalisador narrativo que começará a gerar o “chamado” para o serviço em terras estrangeiras. É significativo notar que o desejo de se aventurar em lugares distantes, um impulso que poderia ser lido como autonomia ou ousadia, é sistematicamente enquadrado pelos biógrafos não como

ambição pessoal, mas como uma intensa compaixão materna e cristã voltada para as “irmãs” e crianças perdidas da África, Índia e China. Dessa forma, a motivação para a ação transgressora de cruzar fronteiras é ressignificada em termos de um cuidado de gênero, assegurando que a futura heroína permaneça alinhada a um ideal de feminilidade abnegada e piedosa.

As trajetórias dessas mulheres evidenciaram, por si só, contradições inerentes aos papéis de gênero vigentes, tanto em suas sociedades de origem quanto nas sociedades missionárias. No entanto, a representação biográfica dessas contradições é profundamente ambivalente. Os biógrafos depararam-se com o desafio narrativo de heroicizar figuras cujas ações frequentemente desafiavam barreiras de gênero, como a partida solitária de Aylward, recusada pela Missão para o Interior da China (CIM) devido os impedimentos acadêmicos, e os de saúde enfrentados por Carmichael, ou os conflitos de Slessor com as estruturas missionárias em campo. Para resolver essa tensão, as dificuldades impostas pelo gênero são transformadas em obstáculos com um propósito superior. Os biógrafos constroem uma teleologia narrativa, na qual cada rejeição, cada obstáculo, é reinterpretado como uma etapa necessária em um caminho divinamente orientado. Ressaltando que essas são narrativas formuladas em modelos de histórias de aventura, nesse sentido, é importante que as heroínas enfrentem dificuldades e as superem para serem representadas como modelos de superação.

A narrativa da partida e da primeira viagem constitui um momento crucial na narrativa dessas biografias, sendo mobilizada para forjar uma imagem de bravura, aventura e autossacrifício com propósitos pedagógicos. Os biógrafos utilizam esse marco para apresentar um exemplo de coragem moral, e para destacar o carisma das missionárias, descrito frequentemente como um “dom” para cativar pessoas, estabelecer amizades e facilitar o aprendizado de línguas e culturas. A jornada é aprofundada com descrições de paisagens exóticas e dos perigos inerentes a um ambiente desconhecido, recursos que servem para enaltecer a coragem solitária da heroína. Dessa forma, a narrativa de viagem constrói a figura de uma “aventureira piedosa”: uma mulher intrépida cuja ousadia é legitimada e contida pelo propósito evangelístico de “pregar aos perdidos”, assegurando que sua aventura nunca seja apenas pessoal, mas sempre espiritual.

A chegada ao campo missionário configura um momento de intensidade narrativa, marcado pelo choque com o desconhecido, o encantamento com paisagens exóticas e a experiência de uma liberdade inédita. Contudo, os biógrafos rapidamente sobrepõem a esse sentimento uma série de adversidades, como a hostilidade inicial dos nativos, o adoecimento da missionária ou a decepção com o “paganismo”. Esses episódios servem a um propósito

retórico duplo. Primeiro, funciona como um recurso de contraste ideológico: as religiões locais são descritas como envolvendo “rituais cruéis” ou como menos fraternas, estabelecendo o cristianismo como a religião do amor e da salvação que a missionária personifica. Segundo, intensifica o drama da conversão, representando o ambiente missionário como um campo de batalha espiritual onde a heroína deve triunfar sobre forças hostis, heroicizando sua perseverança desde o primeiro momento.

A atuação das mulheres missionárias em campo constitui um fenômeno de profunda complexidade. Embora operassem dentro do sistema missionário e, frequentemente, corroborando os papéis de gênero que lhes eram atribuídos, foi a partir desse próprio lugar que desenvolveram estratégias criativas para atravessar barreiras. Sua agência manifestou-se na iniciativa de identificar problemas, buscar soluções e estabelecer amizades com mulheres locais, utilizando as ferramentas do sistema para, gradualmente, expandir seus limites. Contudo, a narrativa biográfica tende a resolver essa tensão em favor da conformidade. Os biógrafos concentram-se em enfatizar a manutenção dos códigos vitorianos de conduta – a “dama” exemplar – e enfatizam sua atuação em funções consideradas idealmente femininas, como o ensino, os cuidados médicos, a hospitalidade e uma maternidade espiritual ampliada. Dessa forma, ações concretas de autonomia são simbolicamente domesticadas pela narrativa, que as reinterpreta não como um desafio ao sistema de gênero, mas como expressão de ação ideal de uma heroína abnegada.

As ações de autoridade e responsabilidade social exercidas pelas missionárias no campo são ressignificadas pelas narrativas biográficas dentro de um discurso centrado no resgate, na salvação e na redenção,¹⁵¹⁷ estratégia que permite assimilar seu exercício de poder dentro de estruturas majoritariamente masculinas minimizando a percepção de conflitos de gênero através da sublimação de suas conquistas em termos puramente missionários. Paralelamente, a multiplicidade de funções por elas desempenhadas, como do ensino e cuidados médicos à mediação de conflitos, administração de estações missionárias, proteção de mulheres e produção literária, é unificada sob o conceito de campo de esforço honrado.¹⁵¹⁸ Nessa lógica, a exaustão física e mental é reinterpretada como a configuração máxima do autossacrifício e da entrega total à causa, assim como a disposição à morte pela realização da obra missionária.

¹⁵¹⁷ SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021. p. 33.

¹⁵¹⁸ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 34

Essa lógica sacrificial revela sua força máxima nas narrativas dedicadas às missionárias solteiras. Enquanto as esposas missionárias eram celebradas como modelo de esposa e mãe, as mulheres solteiras, que em seus países de origem poderiam ser estigmatizadas como “solteironas”, no campo missionário passavam espelhar uma nova economia de valor. Sua condição solitária era ressignificada como a expressão máxima do autossacrifício e do dever cristão. O heroísmo dessas mulheres era, assim, construído em múltiplas dimensões: a coragem da partida, a perseverança até as últimas consequências e o compromisso de permanecer em seu posto até que a morte ou a incapacidade física as removesse, como ilustram os casos de Slessor, Carmichael e Aylward. O fato de serem sepultadas em seus campos de atuação é narrado como o símbolo derradeiro de um amor transferido para a terra adotada, coroando narrativamente uma vida de entrega incondicional.

Outro atributo central explorado nessas biografias é a maternidade espiritual atribuída às missionárias. Essa construção opera em múltiplos níveis narrativos: desde as alcunhas indígenas que lhes conferem identidades como “mãe branca”, “amma” “mãe de todos nós”, “mãe dos órfãos”, “ma”, até a ênfase exaustiva em qualidades como proteção, compaixão, nutrição e cuidados maternos. O fato de se tornarem mães adotivas é narrado como expressão máxima do amor incondicional, transformando-as em figuras capazes de qualquer sacrifício para proteger as crianças sob seus cuidados.

Essa representação as inscreve em espaços domésticos idealizados, onde atividades como costura, hospitalidade, culinária e limpeza são destacadas como virtudes desejáveis de uma dama. Ao descreverem-nas em ambientes domésticos, os biógrafos reforçam expectativas de gênero tradicionais, situando-as no âmbito considerado ideal para a modelagem de exemplares femininos. Dessa forma, legitima-se uma maternidade missionária romantizada como expressão máxima da virtude cristã, onde o sacrifício materno é elevado à categoria de gesto salvador. Essa ênfase na dimensão maternal, por um lado, reforça uma normativa de ideologia doméstica de classe média, servindo a propósitos didáticos de formação moral, por outro, ao definir as missionárias solteiras como heroínas primordialmente nutridoras e protetoras, acentua-se contrastivamente a masculinidade dos missionários homens, reforçando e mantendo a divisão tradicional de papéis de gênero.¹⁵¹⁹

Outro tema que reforça o heroísmo moral das personagens é o tratamento dado às suas lideranças e influências políticas, aspecto que também contribuiu para a aceitação social

¹⁵¹⁹ MCCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917*. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf. Acesso: fevereiro/2024. p.327

de seu exercício de autoridade. As três missionárias analisadas ocuparam funções de poder institucional: Slessor como magistrada, Carmichael como diretora de um complexo missionário, e Aylward como inspetora de pés a serviço do governo chinês. É crucial destacar que ignorar os contextos históricos e políticos dessas trajetórias constitui uma leitura problemática. A atuação de Slessor como juíza e de Aylward como agente governamental ocorreu dentro de uma lógica imperialista, na qual estrangeiros usufruíam de privilégios em estruturas coloniais. Posicionadas entre as estruturas patriarcais das sociedades missionárias e do governo britânico, essas mulheres desenvolveram identidades complexas, negociando espaços de poder em ambientes duplamente restritivos.¹⁵²⁰

Paradoxalmente, suas posturas de liderança desafiavam as expectativas de gênero de sua época, demonstrando que mulheres solteiras podiam desempenhar papéis transformadores e superar obstáculos para cumprir suas vocações. No entanto, os biógrafos tendem a atribuir seu sucesso político à providência divina, obscurecendo as reais dinâmicas de poder colonial. Essa abordagem é particularmente problemática em biografias convocatórias, que visam recrutar novos missionários através de narrativas simplificadas e familiares ao público leitor, negligenciando complexidades históricas.¹⁵²¹ O caso de Carmichael ilustra ainda outro aspecto fundamental: o apoio institucional de sociedades missionárias, como seus fortes laços com o movimento de Keswick, que foi determinante para a expansão e consolidação de seu trabalho, demonstrando como o sucesso missionário dependia de redes de apoio transnacionais.

O enfrentamento de práticas consideradas cruéis constituiu um dos principais elementos para a inclusão dessas missionárias em coleções de heroínas.¹⁵²² As pioneiras missionárias eram automaticamente heroicizadas pelo gesto de abandonar a “civilização” para adentrar o desconhecido, e muitas dessas mulheres receberam reconhecimento ainda em vida, incluindo condecorações governamentais pelos impérios coloniais.¹⁵²³ Esse *status* heroico reverberava também nas igrejas em seus países de origem. Em visitas durante seus períodos de licença, as missionárias usufruíam de uma autoridade incomum: púlpitos tradicionalmente fechados às mulheres abriam-se para essas “visitantes do campo”, e os periódicos missionários descobriram

¹⁵²⁰ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.234

¹⁵²¹ WILD-WOOD, Emma. The making of an African Missionary Hero in the English Biographies of Apolo Kivebulaya (1923-1936). **Journal of Religion in Africa** 40 (2010), 273-306. Disponível em: brill.nl/jra Acesso: fevereiro/2024. p. 284

¹⁵²² HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 31

¹⁵²³ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.p.206

que narrativas sobre heroínas comoviam o público de modo ainda mais eficaz que as histórias de seus pares masculinos.¹⁵²⁴

Contudo, os biógrafos narram esses episódios de celebridade com ambivalência. Se, por um lado, exaltam a fama e o reconhecimento público, por outro, enfatizam repetidamente a humildade das missionárias, seu constrangimento diante das homenagens, sua relutância em aceitar elogios. Essa ambivalência revela como o gênero biográfico missionário opera: a conquista de espaços públicos é simultaneamente celebrada e contida pela reafirmação de um ideal de feminilidade cristã que valoriza a modéstia e a abnegação.

Para equilibrar a figura heroica com uma imagem acessível, os biógrafos recorrem à narração de episódios de medo, solidão e luto. Essas experiências humanizam as personagens, mostrando-as sujeitas às vulnerabilidades comuns a qualquer pessoa. Contudo, longe de enfraquecer sua imagem, essas fragilidades são instrumentalizadas para reforçar discursivamente sua fé. O medo é superado pelo “poder divino”; a renúncia ao casamento é compensada por “recompensas celestiais”; o luto é transcendido pela ideia de um “reencontro eterno” e pelo consolo do trabalho missionário. Dessa forma, a vulnerabilidade emocional, além de preservar um estereótipo de feminilidade sensível, serve principalmente como contraponto narrativo para destacar a ação sustentadora da fé, transformando cada fraqueza humana em uma nova demonstração de sua eleição espiritual.

Esta pesquisa demonstra que as missionárias analisadas, ainda que não se filiassem a um projeto feminista, protagonizaram uma significativa transformação nos papéis de gênero herdados do ideal vitoriano. O serviço missionário revelou-se um espaço paradoxal: ofereceu-lhes oportunidades de realização profissional, independência e status social, ao mesmo tempo que lhes exigiu uma ideologia de autonegação e sacrifício. Através de diferentes estratégias, essas mulheres transpuseram barreiras que limitavam sua atuação nos espaços públicos, no mercado de trabalho e no campo religioso, contribuindo decisivamente para a expansão global do cristianismo evangélico.

A chegada de mulheres como profissionais independentes desafiou desde o início as hierarquias de gênero nas organizações missionárias, criando questões para as quais os manuais não tinham respostas prontas.¹⁵²⁵ No entanto, os biógrafos responsáveis por narrar suas trajetórias insistiam em enquadrá-las em representações que valorizavam a submissão a um

¹⁵²⁴ HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.p. 31

¹⁵²⁵ SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000. p. 219

ideal de feminilidade cristã. O campo missionário mostrou-se, assim, simultaneamente libertador e desconcertante: um espaço de possibilidades onde tiveram que reinventar ou violar regras sociais para afirmar sua independência, enquanto permaneciam fiéis a sua vocação evangélica.

A análise revela que a heroização da mulher missionária está intrinsecamente ligada à construção de uma feminilidade cristã idealizada. Os biógrafos desenvolveram estratégias discursivas para modular suas narrativas ao gênero de suas protagonistas, preservando estereótipos tradicionais que suavizavam os pontos de tensão vivenciados. Conflitos e resistências de ordem patriarcal e cultural são sistematicamente retratados como etapas de confirmação da fé, do dever e da obediência, em vez de como desafios às estruturas de poder.

Através dessas narrativas, consolida-se um arquétipo específico: o da heroína digna de integração ao panteão dos “heróis da fé”, cuja iconização se dá precisamente pela via da conformidade com os valores religiosos e de gênero de sua época. Dessa forma, as biografias missionárias operam uma dupla função: celebram a agência transformadora dessas mulheres enquanto as contêm nos limites seguros de uma feminilidade sacralizada, onde mesmo as transgressões mais radicais são ressignificadas como expressão máxima da virtude cristã tradicional.

A análise das reescritas biográficas demonstra que o processo de heroização das missionárias não apenas se perpetua, mas é ressignificado ao longo do tempo, revelando as ambiguidades inerentes ao projeto biográfico que busca simultaneamente exaltar atitudes desafiadoras e enquadrá-las em modelos de feminilidade cristã. Essas reescritas continuam privilegiando uma narrativa religiosa de sucesso com claros objetivos pedagógicos, reforçando ideais de exemplaridade onde virtudes como autossacrifício, obediência, dever, renúncia e devoção se repetem como modelos a serem emulados pelos leitores. Ao celebrarem um passado idealizado através de formatos próximos à literatura romântica, essas biografias mantêm sua função na cultura protestante como instrumentos de formação espiritual e inspiração vocacional.

É nesse processo de ambiguidade de celebração e contenção, de heroísmo e domesticação, que se forja a figura daquela de quem, nas palavras da epígrafe que intitula esta tese, “o mundo não era digno”. A frase, originalmente um elogio à fé inabalável, revela-se, sob a lupa da História Cultural, um intrincado mecanismo de produção de exemplaridade. O “mundo” do qual essas heroínas eram supostamente superiores era, em última análise, o próprio

mundo de possibilidades e transgressões que suas experiências sugeriam, mas que suas biografias se encarregaram de sublimar em virtude exemplar.

Contudo, esse enquadramento implica significativas exclusões narrativas nas reescritas biográficas. Características como ambição mundana, contradições pessoais, sentimentos de descontrole emocional ou atitudes socialmente transgressoras são sistematicamente ofuscadas ou, quando consideradas ofensivas aos novos horizontes de expectativa, suavizadas e omitidas. Tal seleção opera por não corresponderem às expectativas da feminilidade cristã que as narrativas buscam consolidar. O resultado é o apagamento seletivo: mulheres cujas complexidades não se adaptam às necessidades hagiográficas de diferentes épocas são frequentemente relegadas ao esquecimento, preteridas no cânone biográfico por não se conformarem aos imperativos de gênero vigentes.

O mais significativo é que essas reescritas, mesmo contemporâneas, continuam a reproduzir um ideal vitoriano de feminilidade que mantém sua força moldadora. Como observado desde a década de 1980, essa visão idealizada segue influenciando o desenvolvimento de meninas e mulheres na atualidade.¹⁵²⁶ A circulação contínua dessas biografias traduzidas implica, portanto, na reprodução de valores vitorianos-evangélicos que carregam em si uma matriz colonialista, posicionando outros modos de ser mulher como inferiores ao seu ideal normativo.

Se esta tese logrou analisar esses mecanismos de construção biográfica, reconhece-se que seu escopo deixou de abordar outras dimensões relevantes. Ficaram de fora, por exemplo, um estudo de recepção e práticas de leitura que investigue como os leitores recebem, interagem e interpretam essas biografias, assim como uma análise mais aprofundada das intersecções de missão, gênero, raça e classe social no contexto das hierarquias coloniais.

Estas delimitações, no entanto, apontam caminhos para pesquisas futuras. Seria proveitoso estudar a trajetória de missionárias brasileiras ou de outras nacionalidades, o que permitiria entender melhor as dinâmicas de gênero em outros contextos. Também seria importante pesquisar como o público leitor atual no Brasil interpreta essas narrativas sobre heroínas missionárias. Além disso, examinar cartas, diários e outros documentos escritos pelas próprias missionárias poderia revelar suas vozes de forma mais direta, sem a mediação dos biógrafos. Juntas, essas abordagens poderiam revelar novas dimensões sobre como se constrói a imagem de mulheres heroínas no protestantismo. Diante dessas possibilidades, esperamos que

¹⁵²⁶ GORHAM, Deborah. **The Victorian Girl and the feminine ideal**. Nova York: Routledge, 2013.p.210

esta pesquisa contribua para o alargamento dos estudos de gênero e missões no campo da história cultural das missões.

FONTES

BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Gladys Aylward: a aventura de uma vida**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2020.

BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Amy Carmichael: Resgatadora de joias preciosas**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Mary Slessor: enviada a Calabar**. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.

BURGESS, Alan. **A Morada da Sexta Felicidade**. II edição. Trad. Adele Vanorden Loureiro. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.

ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.

LIVINGSTONE, W.P. **A rainha branca do Okoyong**. Edições Cristãs: Ourinhos, 1988.

REFERÊNCIAS

AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. São Paulo: Editora Paulinas, 2019.

ALVYN, Austin; SCOTT, Jamie S (eds). **Canadian missionaries, indigenous peoples: representing religion at home and abroad**. University of Toronto Press: Toronto, 2005.

ANAGOL, Padma. Indian Christian women and indigenous feminism, c. 1850-1920. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARNOLD, David; BICKERS, Robert A. Introduction. In: BICKERS, Robert A.; SETON, Rosemary. **Missionary Encounters: Sources and Issues**. Richmond Surrey: Curson Press, 1996.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. **Dimensões**, n. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024> . Acesso em: agosto/2021.

AYLWARD, Gladys; HUNTER, Christine. **Apenas uma pequena mulher**. Traduzido por Wanda Assumpção. Flórida: Editora Vida, 1987.

BANNERJI, Himani. Age of consent and hegemonic reform. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998.

BARROS, José D.'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf> . Acesso: junho/2023.

BARROS, José D'Assunção. Rupturas entre o Presente e o Passado: leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 21, p. 195-213, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4265/426539982011.pdf> Acesso em: março/2024.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Desafios teóricos para os estudos de Religião, Mídia e Cultura na Contemporaneidade. **Espaço e Cultura**, n. 43, p. 5-20, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/46775> . Acesso em: outubro/2023.

BELLOTTI, Karina Kosicki. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões & Debates**, v. 55, n. 2, 2011. Disponível em: <https://ojs.homologa.ufpr.br/historia/article/view/26526> . Acesso em: maio/2021.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, religião e história cultural. **Revista de Estudos da Religião**, v. 10, n. 4, p. 96-115, 2004. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf . Acesso em: maio/ 2021.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Surfando nas ondas do Senhor: juventude evangélica e mídia no Brasil (anos 2000-2010). **Revista Relegens Thréskeia**, v. 3, n. 1, p. 100-126, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/37699/230> . Acesso em: jun./2022.

BELLOTTI, Karina Kosicki. **Uma luz para seu caminho: A mídia presbiteriana no Brasil no caso de “Luz para o caminho”** (1976-2001). Dissertação de mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 2003.

BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (org.) **Missão e Pregação: A comunicação Religiosa entre as História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP – Unifesp, 2014.

BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Discovering Christian Heroes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOXZLlea2y4>. Acesso em: fevereiro/2023.

BEREBITSKY, Julie. **Like Our Very Own: Adoption and the Changing Culture of Motherhood, 1851-1950**. Kansas: University Press of Kansas, 2000.

BERMAN, Cassandra N. Motherhood on a Mission: Missionaries, “Heathens”, and the Maternal Ideal in the Early America Republic. **Early American Studies: An Interdisciplinary Journal**, Volume 17, Number 4, Fall 2019, pp. 474-497.

BOAS, Sergio Vilas. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

BOM, Gabriel Cardoso. Missões, Idade Moderna e Encontro Cultural: novas perspectivas da História das Religiões. **Anais [do] Encontro de História da ANPUHRs: História & resistências**. Porto Alegre-RS: ANPUH-RS, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Gabriel-Cardoso-Bom/publication/344158137_Missoes_Idade_Moderna_e_Encontro_Cultural_novas_perspectivas_da_Historia_das_Religoes/links/5f568bc5a6fdcc9879d62521/Missoes-Idade-Moderna-e-Encontro-Cultural-novas-perspectivas-da-Historia-das-Religoes.pdf. Acesso em: fevereiro/2024.

BOOTH, Alison. Life writing. In: SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Companion to English Literature, 1830-1914**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.) **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOWIE, Fiona. Introduction: Reclaiming Women’s Presence. In: BOWIE, Fiona; KIRKWOOD, Deborah; ARDENER, Shirley. **Women and missions: past and present: anthropological and historical perceptions**. Providence/Oxford: Berg Publishers, 1993.

BOYER, Orlando. **Heróis da Fé**. 69ª ed. Rio de Janeiro, 2021.

BRELICH, Angelo *apud* AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019.

BREPOHL, Marion. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

BROUWER, Ruth Compton. **New Woman for God: Canadian presbyterian Women and India Missions, 1876 -1914**. Toronto: University of Toronto Press, 1990.

BURGESS, Alan. **The Small Woman: The True Story of Gladys Aylward**. London: Evans Brothers Ltd., 1957.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 83-98, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2038> . Acesso em: maio/2021.

BUSH, Barbara. Gender and Empire: The Twentieth Century. In: LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004.

CALDAS, Sônia Regina de Araújo. **Gabriela Baiana de Todas as Cores: as imagens das capas e suas influências culturais**. Salvador-BA: EDUFBA, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2ª ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHO, Nancy Jiwon. Prophylactic, anti-paedophile hymn-whiting in colonial India: An introduction to Amy Carmichael (1867-1951) and her missionary writings. **The Modern Language Review**, Vol. 104, nº 2 (April 2009), pp. 353-374.

COFFEY, John. Introduction. In: **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Volume I: the Post- Reformation Era, 1559-1689**. Oxford University Press USA, - OSO, 2020.

COX, Jeffrey. Global Christianity in the Contact Zone. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015

COX, Jeffrey. **The British Missionary Enterprise since 1700**. New York and London: Routledge, 2008.

CRAIG, Terrence L. **The Missionary Lives: A study in Canadian Missionary Biography and Autobiography**. Leiden; Nova York, Köln: Brill, 1997.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIN, Delia. British Women Missionaries in Nineteenth-century China. **Women's History Review**, Volume 1. Number 2, 1992

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista brasileira de educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782012000300002&script=sci_abstract Acesso em: maio/2021.

DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. **Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 7-36, 30 jun. 2020. p. 8. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249> Acesso em: junho/2021.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUNCH, Ryan. Beyond Cultural Imperialism: Cultural theory, Christian Missions, and Global Modernity. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Vol.2. Boston: Brill, 2021.

DURBER, Susan. Writing Women's Lives the Reception of the Life Stories of Gladys Aylward and Etty Hillesum. **Konflikt und Kontinuität: Religiöse Biographien** nº 19. e 20. *Jahrhundert*. Vandenhoeck e Ruprecht, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.13109/9783666500640.101>. Acesso em: setembro/2025.

ELLIOT, Elisabeth. **Amy Carmichael: um legado de renúncia e entrega**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.

ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Trad. Valéria Guimarães. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Vol.11.2. pp. 21-34. Agosto/2012.

EYRE, Angharad. **Women's Writing and Mission in the Nineteenth Century: Jane Eyre's Missionary Sisters**. New York: Routledge, 2023.

FOREIGN MISSION RECORDS OF THE CHURCH OF SCOTLAND, 1827-1933; Foreign mission records of the Scottish Presbyterian Churches. Archives and Manuscripts. https://manuscripts.nls.uk/repositories/2/archival_objects/7976. Acesso: outubro/2025.

FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: Brill, 2021.

FRYKENBERG, Robert Eric. **Christianity in India from Beginnings to the Present**. New York, Oxford University Press, 2008.

FURLANI, João Carlos. Usos do gênero biográfico na Antiguidade Tardia: educação e moral cristã em Vita Olympiadis. **Revista Ágora**, n. 20, p. 151-165, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/9165> Acesso em: junho/2023.

GASBARRO, Nicola *apud* AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. Editora Paulinas, 2019.

GILL, Sean. Heroines of Missionary Adventure: The Portrayal of Victorian Women Missionaries in Popular Fiction and Biography. In: HOGAN, Anne; BRADSTOCK, Andrew (eds). **Women of Faith in Victorian Culture**. London: MacMillan Press, 1998.

GLEADLE, Kathryn. **British Women in the Nineteenth Century**. Palgrave: Nova York, 2001.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Até os confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil no Brasil e a evangelização dos povos indígenas**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo. **Revista de História**, n. 150, p. 129-155, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2850/285022859007.pdf> Acesso em: janeiro/2022.

GONZÁLEZ, Justo L. ORLANDI, Carlos Cardoza. **História do movimento missionário**. São Paulo: Hagnos, 2008.

GOODREADS. The Small Woman. Alan Burgess. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/52913704> . Acesso em junho/2025.

GORHAM, Deborah. **The Victorian Girl and the Feminine Ideal**. Nova York: Routledge, 2013.

GRANT, Liz Charlotte. Elisabeth Elliot, Flawed Queen of Purity Culture, and Her Disturbing Third Marriage. **The revealer: a review of religion & media**. Publicado em 6 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://therevealer.org/elisabeth-elliott-flawed-queen-of-purity-culture-and-her-manipulative-third-husband/> . Acesso: maio/2025.

GRIFFITHS, Gareth. “Trained to Tell the Truth”: Missionaries, Converts and Narration. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: BRILL, 2021.

GRIFFTHS, Gareth *apud* MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em:

https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024.

GRIMSHAW, Patrícia. Faith, Missionary Life, and the Family. In: LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004.

GRIMSHAW, Patrícia; SHERLOCK Peter. Women and Cultural Exchanges. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021.

GUARIZA, Nadia Maria. História de religiosas brasileiras: entre biografias e hagiografias. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 19, n. 3, p. 1253-1281, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305543302014.pdf> . Acesso em: fevereiro/2023.

HAGGIS, Jane. White women and colonialism: towards a non-recuperative history. In: MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998.

HALL, Catherine. Of Gender and Empire: Reflections on the Nineteenth Century. In: LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004.

HAMMOND, Mary. The Readers and Readerships. In: SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Companion to English Literature, 1830-1914**. New York: Cambridge University Press, 2010.

HARLOW, Lucas E. Social Reform in America. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.

HAWKIS, Benjamin. **Heroes of history, heroes of faith: Christian authors introduce new generation to historic men, women**. The Pathway. Jefferson City. March 2, 2021. Disponível em: <https://mbcpathway.com/2021/03/02/heroes-of-history-heroes-of-faith-christian-authors-introduce-new-generation-to-historic-men-women/> Acesso: outubro/2025.

HILL, Myrtle. Women in the Irish Protestant Foreign Missions c.1873-1914: Representations and Motivations. In: HOLTROP, Pieter N.; McLEOD, Hugh. **Missions and Missionaries**. Boydell & Brewer Ltd: Suffolk, 2000.

HINDMARSH, D.Bruce. **Patters of Conversion in Early Evangelical History and Overseas Mission Experience**. In: STANLEY, Brian (ed). Christian Missions and the Enlightenment. Nova York: Routledge, 2001.

HODDER & STOUGHTON. About us. <https://www.hodder.co.uk/imprint/hodder/page/hs-about/> . Acesso em: outubro/2025.

HOLMES, Andrew R. Evangelism, Revivals, and Foreign Missions. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.

HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the Hero: Literary theory and children's literature**. London: Routledge, 1997.

HUBBARD, Ethel Daniels. **Anna de Ava**. Trad. Emma Morton Ginsburg. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1940.

HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUNTER, Jane. **The Gospel Gentility: American Women Missionaries in Turn-of-the-Century China**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.

JACKSON, Dave; JACKSON, Neta. **Campeões da Fé**. 6ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

JANTZI, Bethany. The Wife as a Training Ground: Complementarian Theology and Coercive Control. **Priscilla Papers**, 39/1, 2025. Disponível em: <https://www.cbeinternational.org/wp-content/uploads/2025/01/PP39.1TheWifeAsATrainingGround.pdf>. Acesso: outubro/2025.

JOHNSTON, Anna. **Missionary Writing and Empire, 1800-1860**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.

KAISER, Andrew. **The Rushing on of the Purposes of God: Christian Missions in Shanxi since 1876**. Pickwick Publications: Oregon, 2016.

KENT, Eliza F. **Converting Women. Gender and Protestant Christianity in Colonial South India**. New York: Oxford University Press, 2004.

KING, Ursula. **Religion & Gender**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

KÖLLER, Andreas. One's Own Concept Challenged: Renegotiations of the Concept of the "Missionary" in the Age of Decolonization and Ecumenism. In: BECKER, Judith (ed). **European Missions in Contact Zones: Transformation through interaction in (Post-) Colonial World**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.

KOMMERS, J. Attaining the correct balance: Exploring the challenges and spirituality of single women missionaries in the Victorian era. **In die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 54, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: https://scielo.org.za/scielo.php?pid=S2305-08532020000100037&script=sci_abstract&tlng=en Acesso: dezembro/2023.

KOSELLECK, R. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LARSEN, Timothy; NOLL Mark. A. Series Introduction. In: COFFEY, John (ed). **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Volume I: the Post- Reformation Era, 1559-1689**. Oxford University Press USA - OSO, 2020.

LAWRENCE, Dianne. **Genteel women. Empire and domestic material culture, 1840-1910**. UK: Manchester University Press, 2012.

LEIGH, Michael D. **Conflict, politics and proselytism: Methodist missionaries in colonial and postcolonial Upper Burma, 1887-1966**. Nova York: Manchester University Press, 2011.

LENNON, Marcia Sarah. **At the Edge of Two Worlds: Mary Slessor and Gender Roles in Scottish African Missions**. The Faculty of the Division of History in Candidacy for the Degree of Master of Arts in History. Liberty University. Virginia, 2010.

LEONARD, Delavan L. **A hundred years of missions or the story of progress since Carey's beginning**. Funk & Wagnalls Company: New York, 1895.

LEONEL, João. **História da Leitura e protestantismo brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

LEVINE, Philippa. **Gender and Empire**. New York: Oxford University Press, 2004.

LEWIS, Bonnie Sue. Women Missionaries and Formation of Native Presbyterian Pastors in the Pacific Northwest. In: ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2002.

LIMA, Yasmine; PEREIRA, Carla. A influência da cor na produção de sentidos: um estudo no contexto de capas de livros. **Design e Tecnologia**, v. 10, n. 21, p. 89-100, 2020. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/cl3hiqsexvh6hdvcpgvpeqsipq/access/wayback/https://www.ufrgs.br/det/index.php/det/article/download/826/305> Acesso em: setembro/2025.

LING, Chen Chung 陳中陵. **A Vida e a Imagem da Missionária Gladys Aylward: Mãe de um Órfão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Educação de Taipei. Programa

de Mestrado em Educação em Estudos Sociais. 134 páginas. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11296/y76jde>. Acesso em: setembro/2025.

LINHARES, Vinícius Lourenço. Capa, orelhas e quarta capa como espaços enunciativos de promoção de obras literárias. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 3, p. 517-532, set./dez. 2020. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ld/a/qtdbMQn9cPQr4H5t7HjV43v/?format=html&lang=pt> Acesso em: setembro/2025.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. IN: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: A experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1998.

LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga. Tradução: Clínio de Oliveira Amaral e Ana Carolina Almeida. **História da historiografia**. Ouro preto. Número 9. Agosto, 2012. pp. 26-37. Adriana Barreto de Souza e Fábio Henrique Lopes. p. 32. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/473> Acesso em: junho/2021.

LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica, realizada por Benito Bisso Schmidt em junho de 2002. Tradução de Benito Bisso Schmidt, revisão de Flávio Heinz. **Métis: história e cultura**, vol. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 18-19. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1038/704>. Acesso em: junho/2021.

LUTKEHAUS, Nancy C. Missionary Maternalism: Gendered Images of the Holy Spirit Sisters in Colonial New Guinea. In: HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy C. (eds). **Gendered Missions. Women and Men in Missionary Discourse and Practice**. EUA: The University of Michigan Press, 1999.

MACKENZIE, Jonh apud MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies**, c. 1870-1917. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024.

MADELÉNAT, Daniel. La biographie aujourd'hui. *Mesure*.p.55 *apud* DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. Vol.23 (1), 2019. p. 135-175. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>. Acesso em outubro/2025.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em História da Universidade de Brasília. 2007.

MALATIAN, Tereza Maria. A biografia e a história. **Cadernos Cedem**, v. 1, n. 1, p. 16-31, 2008. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/cedem/article/view/518/414> Acesso: julho/2022.

MARTIN, Mildred A. **Histórias Missionárias com a Família Miller**. São Paulo: Literatura Monte Sião, 2021.

MASSENZIO, Marcello. **A história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

MATHEUS, Basil. **Livingstone, o Pioneiro**. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Methodista, 1924.

MAUGHAN, Steven. “Migty England do Good”: The Major English Denominations and Organization for the Support of Foreign Missions in the Nineteenth Century. In: BICKERS, Robert A.; SETON, Rosemary. **Missionary Encounters: Sources and Issues**. Richmond Surrey: Curson Press, 1996.

McCLYMOND, Michael J. Revival. In: THOMPSON, Andrew. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Volume II: The Long Eighteenth Century c. 1689-c.1828**. Oxford University Press Scholarship Online, 2018.

MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf Acesso: fevereiro/2024.

McDERMID, Jane. Women and education. In: PURVIS, June. **Women’s History: Britain, 1850-1945 an Introduction**. New York: Routledge, 1995.

MIDGLEY, Clare. Can Women Be Missionaries? Envisioning female Agency in the Early Nineteenth-Century British Empire. **Journal British Studies**, Vol.45, nº 2. Abril, 2006. Cambridge University Press pp. 335-358.

MIDGLEY, Clare. **Gender and imperialism**. UK: Manchester University Press, 1998.

MORGAN, Sue. “The Word made flesh” Women, religion and sexual cultures. In: MORGAN, Sue; deVRIES, Jacqueline. **Women, gender and religious cultures in Britain, 1800-1940**. New York: Routledge, 2010.

MORGAN, Sue. Feminist History and the Spiritual Subject. In: MORGAN, Sue; deVRIES, Jacqueline. **Women, gender and religious cultures in Britain, 1800-1940**. New York: Routledge, 2010.

MOTA, Elba Fernanda Marques. A memória como construção da fé: cultura política e imprensa evangélica na Igreja Assembleia De Deus. *Revista Historiar*, v. 5, n. 9, 2013. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/129>. Acesso: janeiro/2025.

MOURA, Carlos André Silva de; OLIVEIRA, Gustavo de Souza; MOREIRA, Harley Abrantes. História Cultural das Religiões. In: ECCO, Clóvis; SILVA, Rosemary Francisca Neves; QUADROS, Eduardo Gusmão de; SIGNATES, Luiz (org.) **Religião, Saúde e Terapias integrativas**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

NEILL, Stephen. **História das Missões**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989.

ODDIE, Geoffrey A. Missionaries as Social Commentators: The Indian Case. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: BRILL, 2021.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago.2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ntq83wsCkvgK48dWByZWHGG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em maio/2021.

OUSBY IAN apud MCCOLL, Julie Anne. **Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870-1917**. 2017. Thesis of Doctor in Philosophy. University of Liverpool. Disponível em: https://livrepository.liverpool.ac.uk/3022429/1/200489214_Dec2017.pdf . Acesso: fevereiro/2024.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. Versões, Reversões, Controvérsias: o desafio biográfico. **REVISTA USP**. São Paulo. n. 92. p. 190-200 • dez-fev. 2011-2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34991/37729> . Acesso em: julho/2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3ª ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2012.

PETZKE, Martin. The Global ‘Bookkeeping’ of Souls: Quantification and Nineteenth – Century Evangelical Missions. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.I**. Boston: BRILL, 2022.

PIPER, Noël. **Mulheres fiéis e seu Deus maravilhoso: História de cinco mulheres de fé**. Trad: Laura Makal Lopes. 3ª reimpressão. São José dos Campos: Fiel, 2016

PRESTON, Andrew. Introduction: The Religious Cold War. In: MUEHLENBECK, Philip E. (org.). **Religion and the Cold War: A Global Perspective**, 1. ed., Nashville: Vanderbilt University Press, 2012, p. xi-xviii.

PREVOST, Elizabeth. Married to the Mission Fiel: Gender, Christianity, and Professionalization in Britain and Colonial Africa, 1865-1914. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.3**. Boston: BRILL, 2021.

PRIORE, Mary Del. Biografia, Biografados: Uma janela para a História. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

PURVIS, June. **Women's History: Britain, 1850-1945 An Introduction**. New York: Routledge, 1995.

RADEMAKER, Laura. 'I had more children than most people': Single Women's Missionary Maternalism in Arnhem Land, 1908-1945. **Lilith: A Feminist History Journal**, Nos.17 &18, 2012. pp.7-21.

REVEL, Jacques. **História e historiografia: Exercícios críticos**. Trad. Carmem Lúcia Druciak. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

ROBERT, Dana L. **American Women in Mission: A Social History of Their Thought and Practice**. Macon, GA: Mercer University Press, 1996

ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Blackwell, 2009.

ROBERT, Dana L. **Converting Colonialism: Visions and Realities in Mission History, 1706-1914**. William B. Eerdmans Publishing Company: Michigan/Cambridge, 2008.

ROBERT, Dana L. From Missions to Mission to Beyond Missions: The Historiography of American Protestant Foreign Missions Since World War II. In: In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission. Vol.2**. Boston: BRILL, 2021.

ROBERT, Dana L. **Gospel Bearers, Gender Barriers: Missionary Women in the Twentieth Century**. New York: Maryknoll, 2002.

ROBINSON, Virgil E. **Mary: Entre os Selvagens do Calabar**. Trad. Francisco Alves de Pontes. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

ROHRER, James R. Biography as Missiology: A Reflection Upon the Writing of Missionary Lives. **《台灣神學論刊》** 28期 (2006/03) pp. 175-212 . Disponível em: <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail/P20151015001-200603-201511230028-201511230028-175-212> . Acesso em: junho/2024.

ROWBOTHAM, Judith. "Soldiers of Christ? Images of female Missionaries in Late Nineteenth- Century Britain: Issues of Heroism and Martyrdom". **Gender and History** 12, nº1. April, 2000. pp.82-106.

SAMSON, Jane. Ethnology and Theology: Nineteenth-Century Mission Dilemmas in the South Pacific. In: STANLEY, Brian (ed). **Christian Missions and the Enlightenment**. Nova York: Routledge, 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica. In: GUAZELLI, César A.B; PETERSEN, S.R.F, SCHMIDT, B.B; XAVIER, R.C (org) **Questões da Teoria e Metodologia**. Editora: UFRGRS. Porto Alegre, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura. Caxias do Sul, RS. Vol. 2, n. 3 (jan./jun. 2003), p. 57-72**, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/173345> Acesso: junho/2021.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 3-22, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2040> . Acesso em: maio/2021.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura. **História (São Paulo)**. v. 33, n. 1, p.124-144, jan./jun.2014. ISSN 1980-4369. p. 140. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/GkSkGgjBGzFYRHj8xCckbkG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: maio/2021.

SCHULTZE, Andrea. Writing of Past Times: Na Interdisciplinary Approach to Mission History. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya, (eds). **Critical Readings in the History of Christian Mission**. Boston: BRILL, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A biografia como gênero e problema. **História Social**. Nº 24, 51-73. 2013. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577> Acesso em: julho/2021.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma categoria útil para análise histórica**. Trad. Chistine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf . Acesso: janeiro/2022.

SEMPLE, Rhonda Anne. **“Ladies of much ability and intelligence”: gendered relations in British Protestant missions, 1885-1910**. King’s College London. Thesis of Doctor in Philosophy. University of London. May, 2000.

SETON, Rosemary. Jeanette Hardage. 2010. Mary Slessor – Everybody's Mother, The Era and Impact of a Victorian Missionary. Cambridge: The Lutterworth Press. **Studies in World Christianity**. Vol. 17, nº 2. pp.198-199Edinburgh University Press, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.3366/swc.2011.0023> . Acesso em: junho/2025.

SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30365> Acesso: maio/2021.

SILVA, Eliane Moura. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3474> . Acesso em: agosto/2021.

SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: PINSKY, Carla Bassanezzi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. 1ª edição. São Paulo. Editora: Contexto, 2010

SILVA, Paulo Julião da. A inserção missionária batista para o Brasil Central a partir de 1925: apontamentos e análises de fontes e referências. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 1, p. 197-215, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/49246> Acesso: junho/2021.

SILVA, Wilton Carlos Lima da.; VERAS, Rogério de Carvalho. As biografias protestantes como hagiografias: análise de três obras biográficas do protestantismo brasileiro (1930-1950). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IX, n.26. Setembro/Dezembro de 2016 – ISSN 1983-2850. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/32446> Acesso: junho/2021.

SINGH, Maina Chawla. **Gender, Religion, and “Heathen Lands”: American Missionary Women in South Asia (1860-1940s)**. New York: Routledge, 2000.

SITTSER, Gerald. Protestant Missionary Biography as Written Icon. **Christian Scholar’s Review**. p.303-309 [s/a].

SOUZA, Adriana Barreto de. Biografia e escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universitária Rural: Série Ciências Humanas**. Seropédica, RJ: EDUR, v.29, n.1, p.27-36, jan-jul, 2007.

SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o Duque de Caxias. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 5, n. 9, p. 106-128, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5977/597769697009.pdf> Acesso em: setembro/2022.

STANLEY, Brian. Christian missions, antislavery and the claims of humanity, c.1813-1873. In: GILLEY, Sheridan; STANLEY, Brian (eds). **The Cambridge History of Christianity. Word Christianities. c. 1815- c 1914**. Vol. 8. Cambridge University Press: New York, 2008.

STANLEY, Brian. Some problems in writing a missionary society history today: the example of the Baptist Missionary Society. In: BICKERS, Robert A.; SETON, Rosemary. **Missionary Encounters: Sources and Issues**. Richmond Surrey: Curson Press, 1996.

SWANSON, Jeffrey. **Echoes of the call: Identity & Ideology Among American Missionaries in Ecuador**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1995.

TAYLOR, J. Hudson. **Autobiografia de J. Hudson Taylor**. 2ª ed. Trad. Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: casa Publicadora Batista, 1954.

TEBBEL, John. **Between Covers: The Rise and Transformation of Book Publishing in America**. New York: Oxford University Press, 1987.

THE NEW YORK TIMES. Fleming H. Revell, Publisher, Dead; First Book Bearing His Imprint Still Being Bought by Public After Sixty Years. A victim of Chicago fire His Firm One of America's Largest Agencies for Distribution of Evangelical Literature. October, 12, 1931.p.20. <https://www.nytimes.com/1931/10/12/archives/fleming-h-revell-publisher-dead-first-book-bearing-his-imprint.html> Acesso: outubro/2025.

THOMPSON, Phyllis. **A London Sparrow: The Inspiring and True Story of Gladys Aylward**. Milton Keynes: 10 Publishing, 2021.

THORNE, Susan. **Congregation Missions and the Making of Imperial Culture in Nineteenth-Century England**. California: Stanford University Press, 1999.

TUCKER, Ruth A. “...Até os confins da Terra”: Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1986.

TUCKER, Ruth A. **Guardians of the Great Commission: The Story of Women in Modern Missions**. Michigan: Zondervan Corporation, 1988.

VARETTO, João C. **Heróis e Mártires da Obra Missionária: Desde os apóstolos até nossos dias**. Trad. Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1952.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12629> Acesso em: maio/2024.

VIEIRA, Adriana Fraga. Escafandristas do “eu”: perspectivas teóricas sobre os usos da biografia como fonte. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 12, n. 23, p. 297-312, 2018. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/6867> Acesso em: junho/2023.

WAGNER- MARTIN, Linda. **Telling Women’s Lives: The New Biography**. New Jersey: Rutgers University Press, 1994.

WALLS, Andrew F. **The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith**. Nova York: Orbis Books, 1996.

WARNECK, Gustav. **Outline of a History of Protestant Missions from the Reformation to the present time**. 8ª ed. Oliphant Andreson & Ferrier: Edinburg and London, 1906

WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado: Machado de Assis na escrita de biografias**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

WHITEHOUSE, Tessa. Dissenting Print Culture. In: THOMPSON, Andrew. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Volume II: The Long Eighteenth Century c. 1689-c.1828**. Oxford University Press Scholarship Online, 2018.

WILD-WOOD, Emma. The making of an African Missionary Hero in the English Biographies of Apolo Kivebulaya (1923-1936). **Journal of Religion in Africa** 40 (2010), 273-306. Disponível em: brill.nl/jra Acesso: fevereiro/2024.

WILLIAMS, Peter. 'The Missing Link': The Recruitment of Women Missionaries in some English Evangelical Missionary Societies in the Nineteenth Century. In: BOWIE, Fiona; KIRKWOOD, Deborah; ARDENER, Shirley (eds). **Women and missions: past and present: anthropological and historical perception**. Rhode Island: Berg Publishers, 1993.

WILLIAMS, S.C. Gender. In: LARSEN, Timothy; LEDGER-LOMAS, Michael. **The Oxford History of Protestant Dissenting Traditions, Vol III: The Nineteenth Century**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.

WITEZE JUNIOR, Geraldo. Os livros sobre política publicados recentemente pelas editoras evangélicas brasileiras. **Encontro Nacional do Centro de Estudos em História Cultural das Religiões**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br/handle/prefix/1848.p>. 312. Acesso: outubro/2025.

YWAM Publishing. **Christian Heroes: Then & Now**. Complete set (books 1-50) By Janet and Geoff Benge. Disponível em: <https://www.ywampublishing.com/p-470-christian-heroes-then-nowbrcomplete-set-books-1-50.aspx?srsId=AfmBOopf6owF2cGMSrmXqJLRtYXN3soOo59bvmJT4TLCZBgqMi3h1he> Acesso em: julho/2025.

YWAM Publishing. **Hero Biographies**. Disponível em: <https://www.ywampublishing.com/c-39-hero-biographies.aspx> Acesso em: agosto/2025

ZIMMERMANN, Tânia Regina; MEDEIROS, Márcia Maria de. Biografia e Gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional** . 9(1): 31-44. Verão, 2004.p. 34. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/download/2194/1672/> Acesso: junho/2021.

ZÜGE, João Guilherme. **Missões e o espaço de negociação: as narrativas de Robert H. Nassau sobre a presença protestante no Gabão (1874-1914)**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/85049?show=full> Acesso: janeiro/2024.